This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

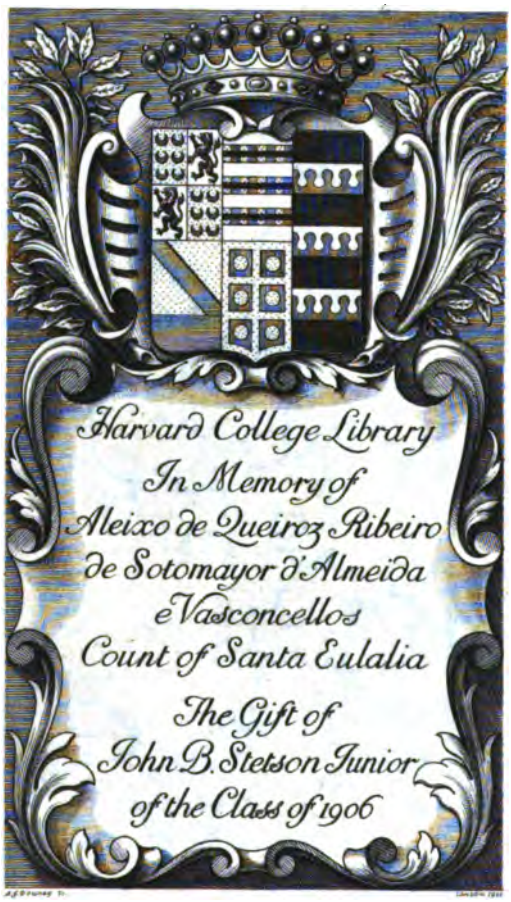
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

L Soc
3799
5


Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO DO PORTO

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO DO PORTO

VOLUME TERCEIRO

1883

PORTO
TYPOGRAPHIA CENTRAL
DE AVELINO ANTONIO MENDES CERDEIRA
Rua do Bomjardim, 317

1884.

Δ
~~Educ P433.8~~
L Soc 3799.5
HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN R. STETSON, JR.
JUL 8 192

REVISTA

DA

SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO DO PORTO

3.º ANNO	1 DE JANEIRO DE 1883	N.º 1

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE

NO

ENCERRAMENTO DA EXPOSIÇÃO DE CERAMICA E DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS

(26 de novembro de 1882)

A sciencia e o trabalho são duas grandes potencias, é certissimo; mas não é menos certo que ellas sós, como expressão individual, raras vezes produzem as maravilhas que exige a civilisação moderna e que nós todos admiramos. Para este resultado requerem-se esforços multiplicados, a cooperação de muitos, a união de todos os que lidam para o mesmo fim — n'uma palavra — a associação! Eis a grande alavanca com que ao serviço d'aquellas duas potencias se transforma a sociedade moderna. Um operario labutando sem repouso, e estudando incessantemente, pode por fortuna inventar novos meios de facilitar o seu trabalho, e combinações mais felizes para aperfeiçoar a sua obra; mas sendo preciso hoje produzir muito e facilmente, a invenção ficará limitadissima ou quasi esteril, se a communidade não tomar conta d'ella, e a applicar nas grandes officinas.

A associação é um principio fecundo de melhoramento e riqueza, cria as forças, multiplica os capitaes, baratea os productos, ensina e ampara os operarios, e por todas as formas combate a inercia, o desleixo, a miseria.

A festa que nós encerramos hoje é um exemplo do que vale aquella idea. Nenhum individuo poderia reunir aqui os productos, que de distantes partes vieram a este certamen,— nenhum individuo poderia attrahir para esta Exposição a attenção e a boa vontade de tantas pessoas que a têm visitado, e de

muitas mais que, mesmo de longe, a applaudem, nenhum individuo poderia crear no publico a corrente sympathica da opinião, que, fazendo justiça a este commettimento, talvez unico na historia da ceramica de todas as nações, nos anima e incita a faze-lo produzir as mais proveitosas consequencias. E assim deve ser, porque d'outra maneira não valiam os sacrificios que exigem.

Felizmente, os oleiros portuguezes identificaram-se de tal modo com o pensamento da Sociedade d'Instrucção do Porto, que se congregaram, e procuraram cuidadosamente aperfeiçoar a sua industria pelos unicos meios, que podem produzir resultado valioso e duradouro, a instrucção artistica e a protecção ao operario. Honra lhes seja! Abençoados os esforços que crearem a primeira escola! Bemditos os socorros que garantirem ao operario uma velhice tranquilla!

Não posso dar-vos conta de tudo quanto se tem feito n'aquelle congresso. Mais tarde o sabereis. Mas o que posso, o que devo dizer-vos, como testemunha insuspeita, é que os seus membros são todos rivaes nos vehementes desejos de levantarem a sua industria á maior altura, e que todos elles teem uma fé inabalavel no futuro, que hão-de crear pela escóla e pelo auxilio intelligente aos operarios.

Dos trabalhos do Jury, encarregado da apreciação dos productos expostos, ides ver o resultado. Não foi facil a sua tarefa, senhores. Tantos productos differentes, tão diversos materiaes, variadissimas formas, extraordinarias côres, e pinturas, usos varios, emfim tantos aspectos differentes para avaliar, que foi necessaria muita diligencia, muita attenção, e muito estudo comparativo para chegar a conclusão. Faltaram por justissimos motivos alguns dos membros nomeados, mas a maioria que ficou, inspirou-se tão nobremente do seu dever, que eu confio que a opinião publica lhe fará a mais inteira justiça.

Senhores, nem só os expositores merecem galardão. Ha prestantissimos obreiros, infatigaveis, tenazes na realisação da sua idêa, aos quaes, embora elles queiram esconder-se na penumbra, é dever indeclinavel fazer justiça. Está em primeiro logar o snr. Isaac Newton, espirito culto e modestissimo, que foi o iniciador d'esta sociedade, e que foi tambem um dos promotores da Exposição de Ceramica. Os seus relevantes serviços a esta instituição e á Exposição são taes que certamente lhe cabe o primeiro logar. Pena é que a doença o retenha no leito em dia tão festivo; mas saudemol-o d'aqui e façamos votos pelo seu immediato restabelecimento.

Do nosso Secretario Geral, o snr. Joaquim de Vascon-

cellos, sabeis ja a trabalhosa tarefa que tomou de percorrer o sul do reino; á sua sciencia e dedicação deve-se muito, como mais d'uma vez tenho referido.

E' longa a lista das dividas que contrahimos para conseguir tão explendido resultado. Aos senhores José Maria Nepomuceno de Lisboa, João Camillo de Castro Junior, Marciano e Joaquim de Azuaga, Dr. Julio Henriques, José de Macedo Araujo Junior, Augusto Luso da Silva, Eduardo Sequeira, João Antonio Marques Gomes, de Aveiro, e Gabriel Pereira de Evora, devemos muito especiaes agradecimentos, porque alem da sua usual dedicação pela nossa Sociedade, foram incansaveis e d'uma sollicitude inexcedivel, já colligindo objectos, já trabalhando pessoalmente, e por todas as formas contribuindo para enriquecer a Exposição. Quizera enumerar todos que a coadjuvaram com a sua boa vontade e serviços, mas é impossivel. Confio em que a satisfação da propria consciencia recompensará a todos o auxilio que nos deram, por que sentiram nos resultados uma parte da sua obra.

Ao Governo de S. Magestade repito novamente os agradecimentos que em nome da Sociedade, e neste logar, já tributei com reconhecimento.

Está chegado o ultimo dia d'esta festa, e nem por isso terminam os nossos trabalhos. Por ella contrahimos novas obrigações. Se o favor publico recompensou os esforços e as fadigas d'esta Sociedade, não é para que adormeçamos á sua sombra, mas para que cobremos nova coragem, accendamos os nossos brios, e caminhemos ávante em nome da Sociedade d'Instrucção na gloriosa tarefa da educação, e da civilisação nacional.

DR. J. FRUCT. AYRES DE GOUVEIA OSORIO.

CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

(Continuação, v. pag. 668)

«El Rey Dom Manoel, como refere Alvaro Ferreyra de Vera [1], aperfeiçoou os estados dos Ricos Homens e Infançoens, e deu a cada hum em sua Caza Real o lugar que por sua qualidade merecia, fazendo tres sortes de gente. No pri-

[1] Origem da Nobreza politica. Lisboa 1631, 4.º, cap. 2, pag. 3.

meiro lugar pôz os Ricos Homens; no segundo os Infançoens; no terceyro os Plebeos, com esta distincaõ na moradia: aos Filhos dos Ricos Homens tomou por *Moços Fidalgos com mil reis* de Fôro [1] cada mes, e alqueyre e meyo de cevada por dia; «e daqui os acrescentava a *Fidalgos Cavalleyros*, sobindolhe a moradia té *quatro mil reis*, o que era despois de serem armados Cavalleyros, por algum feito honrozo que faziaõ na guerra. Aos Filhos dos *Infançoens* tomou por *Moços da Camara*, com *quatrocentos e seis reis;* e tres quartas de cevada por dia: e da mesma maneira lhes acrescentava a moradia, que a mayor subia té *mil e quinhentos reis* com o titulo de *Cavalleyro Fidalgo;* a que hoje muitos não querem subir por ficar antes no foro de moços do serviço, pelas mays entradas que tem na casa e serviço do seu Rey.»

. . . . . .

«Os Plebeos taõbem admittio no seu serviço, tomandoos por moços da Estribeira; e daqui os acrescentava a Escudeyros e Cavalleyros razos (que he Cavalleyros sem Nobreza,) e os que queria, que gozassem de alguns Privilegios se chamavaõ Cavalleyros confirmados; no que havia muita ordem.»

Quem quizer saber o que he a Nobreza Natural e Politica, como se adquire e como se perde, e outras mais propriedades, que tem a origem dos titulos em Portugal, poderá ler este excellente Autor, esquecido nos nossos tempos, e que merecia ser conhecido de todos os Nobres Portuguezes, para saberem as suas obrigaçoens. Vejase taõbem *Noticias de Portugal* de Manoel Severim de Faria, Discurso III, e o *Prologo*

---

[1] O marco de prata valia, no tempo del Rey Dom Manoel, 2340 reis e como os Fidalgos Cavalleyros tinhaõ da sua moradia 4000 reis por mes, e por anno 48000 reis, e que o marco de prata amoedado vale hoje 6000 reis, os 48000 reis daquelle tempo valem hoje 91930 reis, e como taõbem recebiaõ alqueyre e meyo de cevada por dia, contando somente a 120 reis por alqueyre, valiaõ no tempo presente 63240 reis, que juntos com os 91920 reis assima, fazia toda a soma 155160 reis. E como taõbem os Cavalleyros Fidalgos tinhaõ moradia que chegava a 1500 reis por mes, e por anno 18000 reis, com tres quartas de cevada, regulada por anno taõbem a 120 reis por alqueyre, valiaõ pelo preço de hoje 32400; e como os 18000 naquelle tempo, estando o marco de prata a 2340 reis, e hoje a 6000 reis, valem hoje a soma de 61920 reis, que juntos aos 32400 de cevada, fasiaõ 94320 reis.

Ajuntando agora estas duas moradias de Fidalgo Cavalleyro, e de Cavalleyro Fidalgo em huma soma e repartindoas, acharseha que cada huma destas moradias vale hoje a soma de 124740 reis, soma sufficiente para sustentar e educar em huma Escola Militar hum Moço Fidalgo.

ás Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal por Antonio Caetano de Sousa. Lisboa 1742.

Do referido se collige que os Reys de Portugal sempre tiveraõ especial cuidado da Educaçaõ da Fidalguia, e que dahi veyo chamaremse *creados* de caza Real, estendendose este nome por corrupçaõ aos que servem. Em quanto houve guerras continuadas, em quanto tinhaõ necessidade da Fidalguia, para guerrear e conquistar, sempre houve a Educaçaõ no Paço: acabouse aquella urgente necessidade, e achou el Rey Dom Manoel a proposito de desobrigarse da Educaçaõ, e de pagarlhe huma certa quantia, como vimos assima, para serem educados em caza de seos Pays. Em quanto se continuáraõ as Conquistas da India, e a florecente navegaçaõ, empregavaõ-se neste serviço os Fidalgos, e naõ se apercebia o Estado da falta da Educaçaõ no Paço: mas no tempo del Rey Dom Joaõ o Terceyro acabou a Conquista da Affrica, e da India; ja naõ havia mais guerra, que para conservar o conquistado: e como as riquezas eraõ immensas, introduziose o luxo na Fidalguia, e ja se apercebia o Estado da falta da sua Educaçaõ, porque foi o mayor que se conheceo na Europa.

A constituiçaõ Gothica do Reyno, determinava a Fidalguia serem guerreyros forçozamente no tempo da guerra; e acabada ella ficarem nas suas terras, e cuidarem da agricultura; naõ tinhaõ outro intento no tempo da paz que conservarse vivendo do producto das suas terras; naõ cultivavaõ para vender nem comerciar com os fructos; e deste costume vieraõ as nossas Leis das Ordenaçoens, que defendem fazer comercio com os graõs, vinho e azeite.

Mas tanto que os Reys tiveraõ mays que dar que as terras da Coroa; tanto que tiveraõ Commendas, Governos e Cargos lucrativos, tanto nas Conquistas, como no Reyno, logo os Fidalgos começaraõ a cercar os Reys, e ficarem na Corte; porque pela adulaçaõ, pelo agrado, e pelas artes dos Cortesoens sabiaõ ganhar as vontades dos Reys, naõ tendo aquellas occasioens forçozas de obrarem acçoens illustres para serem premiados por ellas. Isto vemos succedeo no tempo del Rey D. Duarte, quando ordenou que todo o Fidalgo que naõ tivesse Cargo na Corte, que fosse a viver nas suas terras.

Logo que todos os Fidalgos fixaraõ a sua assistencia na Corte no tempo da paz, logo que seos filhos eraõ educados em suas cazas, ja ricas e poderosas pelas dadivas dos Reys em Commendas, Pensoens, Governos e Cargos, necessariamente se havia de seguir huma educaçaõ estragada, a Meni-

nice entregada na maõ das amas e de mulheres commuas, a puericia entre as maõs dos Criados e dos Escravos; até o tempo del Rey D. Sebastiaõ poucos sabiaõ mais que ler e escrever; porque ja a Escola do Infante Dom Henrique estava acabada; e toda a educaçaõ se reduzia a saber os Mysterios da Fé, porque os seos Mestres sendo Ecclesiasticos e ignorantes da obrigação de Subdito, de Filho e de Marido, chegavaõ á idade da adolescencia com o animo depravado, sem humanidade, porque naõ conheciaõ igual; sem subordinaçaõ, porque eraõ educados por escravas e escravos; ficava aquelle animo possuido de soberba, vangloria, sem conhecimento da vida civil, nem com a minima idea do bem commum: assim degenerou aquella educaçaõ do Paço na qual pelo menos aprendiaõ a obedecer, na mais insolente tyrania de todos aquelles com quem tratavaõ.

A questaõ agora he somente, se será do Real agrado de S. Magestade continuar nesta piedosa e utilissima intençaõ, e no cazo que assim determinasse, ficava a saber que sorte de educaçaõ convinha á Fidalguia existente? em que lugar devia ser educada? e quais deviaõ ser os Mestres? Discutirei estes tres pontos com a clareza que me for possivel.

§

Que sorte de Educaçam convem á Fidalguia Portugueza, que seja util a si e a sua Patria?

Quem melhor conhecer a Constituição do Estado de Portugal actual, resolveria melhor esta importante questaõ. Tanto quanto eu pude alcansar por informaçaõ e por lectura, acho que he Reyno pelo seu sitio, entre tres Mares, nos quaes navega o comercio de todo o mundo, totalmente maritimo; bordado, pela sua mayor parte, do Mar Oceano com oito portos navigaveis, ainda que alguns damnificados, e que com custo e trabalho podiaõ ser restaurados; que tem Ilhas e Continentes vastissimos e riquissimos nas tres partes do mundo conhecidas. Que por Tratados e Allianças de Comercio e boa amizade está ligado com muitas Potencias; humas que o podem offender por mar, e huma só por terra.

Estes limitados conhecimentos determinaraõ logo a quem pensar na conservaçaõ da nossa Monarchia, que necessita de Officiais de Mar e Terra; isto he, de hum exercito, e de huma

frota. He certo que só entre a Nobreza se achaõ as pessoas mais aptas para exercitar estes Cargos; e naõ necessito aqui de amontoar lugares communs para provar o que todos sabem por experiencia. Mas ao mesmo tempo todos assentaraõ que a Educaçaõ que se deve dar á Nobreza e á Fidalguia Portugueza, deve proporcionar-se á necessidade e ao estado actual da sua patria.

Antes que se usasse da polvora, e que se fortificassem as Prazas pelas Leis da Geometria e Trigonometria, naõ necessitava o General do exercicio das Mathematicas, e de alguãs partes da Physica: a força, o animo ouzado e a valentia ja naõ saõ bastantes para vencer, como quando faziamos a guerra expulsando os Mouros da patria. A Arte da guerra hoje he sciencia fundada em principios que se aprendem e devem aprender, antes que se veja o inimigo: necessita de estudo, de applicaçaõ, de attençaõ e reflexaõ; que o Guerreyro tome a penna e saiba taõbem calcular e escrever, como he obrigado combater com a espada e com o espontaõ: o verdadeyro Guerreyro he hoje hum misto de homem de letras e de soldado. Deste modo adquirio nos nossos tempos immortal fama o Marechal de Saxe, e por este caminho vai com igual gloria el Rey da Prussia.

Mas hum Almirante, ou hum Capitaõ de Mar e Guerra naõ somente deve ter toda a instruçaõ de que necessita hum General, mas ainda aquella de mandar no mar: naõ somente necessita da instrução das Mathematicas, Astronomia e Sciencia Nautica, mas de muitos e muitos conhecimentos politicos para comprir os seus importantes Cargos. Deste modo necessitaõ os que haõ de governar hum Regimento, ou hum Exercito, hum Navio de Guerra, ou huma armada, ter tal educaçaõ, que sejaõ capazes de obrarem acçoens illustres, e de as escrever, como fez Xenophonte, Cesar, e o Marechal de Saxe nos nossos tempos, e outros muitos dignos destes importantes Cargos.

No tempo de Philippe Quarto presentáraõ ao Conde Duque de Olivares hum retrato do Estado Politico de Castella, e das Cauzas da sua decadencia [1]: e huma das principais que allega, se reduz á seguinte discussaõ; que a Cauza da decadencia daquella Monarchia foi que o valor e a força não fora conduzida nem ajudada pela sciencia, nem pela arte: que confiandosse na riqueza da Monarchia, que desprezáraõ os Tratados

---

1 Indisposizione generale della Monarchia di Spagna, sue cause e remedi. Esta representaçaõ se le no fim da Historia della Desunione del Regno di Portogallo dalla Corona di Castiglia, dal Dottore Gio. Bapt. Birago. Amsterdam, 1647. 8.º

de Allianças: e que nas Embayxadas empregavaõ os Senhores mais authorizados e ricos, sem attenção alguma da sua capacidade; que tomavaõ por Secretarios aquelles homens que estavaõ de antes ao seu serviço, ou debayxo da sua protecção, sem dependencia alguma da Corte, e ignorantes dos negocios politicos; que deste modo, tudo o que se tratou com as Potencias Estrangeyras, foi com prejuizo do Reyno, como se experimenta nos Tratados de paz, e de comercio, e nos regramentos dos Correyos, e outras estipulaçoens publicas: que semelhantes Secretarios deviaõ ser educados conforme pedia o seu emprego; porque estes saõ aquelles que põem em ordem os despachos, e tudo aquillo que o Embayxador ou o Enviado considera ou nota ser necessario sahir da Secretaria; e que do bem ordenado, ou bem escrito, he que depende mui frequentemente o feliz successo.

O Duque de Lorena, Generalissimo dos Exercitos do Emperador Leopoldo [1], reprezentou a este Monarcha que naõ podia subsistir aquelle Imperio por falta da Educaçaõ da Nobreza, sendo incapaz de servir os Cargos publicos, ou na guerra ou em tempo de paz; e que para occorrer á total ruina do Estado, que propunha huma Escola que se devia erigir a proposito para satisfazer esta necessidade.

O Historiador Conestagio [2] relatando a desordem e a pobreza em que estava o Reyno antes da infeliz expedição del Rey Dom Sebastião para Affrica, diz que nunca Portugal fora taõ feliz, que tivesse hum homem dotado de tanta capacidade e intelligencia que soubesse governar as rendas Reais, porque o Cargo de Veador da fazenda se dava sempre por favor, e para gratificar os Cortezaõs, sem attenderem a nenhum merecimento; e por essa cauza, não havendo nem cuidado, nem conhecimento daquelle emprego, que todos os rendimentos se gastavaõ nos sallarios dos Ministros, nos dos Magistrados, e dos Governadores; que o Estado estava taõ pobre que os Ecclesiasticos pagáraõ entaõ cento e cincoenta mil ducados; e os Christaõs novos duzentos e vinte cinco mil, com promessa que se fossem prezos pela Inquisiçaõ que não seriaõ os seos bens confiscados.

---

[1] Testament Politique, da Ediçaõ de Leipsic, e naõ daquella de Paris 175... (sic).

[2] Hieron. Conestagii (alguns dizem que Joaõ da Silva Conde de Portalegre fora o A. verdadeyro desta Historia) de Portugalliae e Castellae Conjunctione, Tom II. Hispan. Illustrat. Traduçaõ da Lingoa Italiana na Latina, page 1066 e 1070.

Do referido se ve a necessidade que tem o Reyno da Educaçaõ da Fidalguia, não só nas letras humanas, mas taõbem na Politica e nas Mathematicas, para servir a sua patria, nos cargos da guerra, e nos da paz; e que por faltar semelhante Educaçaõ, chegaraõ tantas Monarchias na Europa áquella decadencia desde o anno de 1500, que parece impossivel relevarse, se não se reformar esta omissaõ taõ consideravel.

§

Continua a mesma Materia. Em que lugar devia ser educada a Fidalguia e Nobreza de Portugal.

Todos reprovaraõ o ensino da Mocidade, que vive em caza de seos Pays, e que vaõ duas vezes por dia a aprender nas Escolas publicas. Ja vimos assima que este modo de aprender he o mais prejudicial; e como he notorio a cada hum, que aprendeo assim, este dano, naõ necessito outra vez repetir o que mostrei assima.

Milhares de tratados se tem impresso da Educaçaõ domestica, e o mais excellente, a meu ver, he o de Martinho de Mendonça e Pina, que citei assima: esta educaçaõ pode fazer hum rapaz hum pio Christaõ; poderá ser instruido naquelles conhecimentos que dependem da simples memoria, mas sempre lhe faltará a emulaçaõ, que eleva o juizo, para se adiantar aos seos iguais; sempre lhe faltará a imitaçaõ, pelo qual se formaõ as ideas mais completas das acçoens e das obras dos Mestres e Governadores publicos, que sempre influem no animo muito mais, do que tudo o que disser ou obrar o Mestre domestico; deste modo ficará sempre o natural destes meninos acanhado e encolhido, faltando lhe o trato e o conhecimento da vida civil; quando acabaõ aquelles estudos domesticos, ou ficaõ ignorantes, ou nos costumes da vida civil meninos, ou com o animo depravado: felicidade grande será que não fiquem estragados os costumes, pela companhia dos Criados e dos Escravos: se os Pays foraõ taõ cautelozos que evitáraõ este ordinario precipicio, cayem em outro, taõ contrario ao bem commum, como a perda dos bons costumes, a sua consciencia e a sua conservaçaõ; ficaõ estupidos, cheyos de vaidade, naõ conhecem por superior mais que seos Pays, porque não tem a minima idea da subordinaçaõ que deve ter como Subdito e como Christaõ.

D'esta origem provem que a Nobreza e Fidalguia he hoje

empregada nos cargos e nos governos, quando chega áquella idade, onde começaõ a descahir as forças, e a constituiçaõ com achaques. Na idade de quinze ou vinte annos, como a sua educaçaõ foi domestica, tem da vida civil tanto conhecimento como hum menino: entra, como dizem, no mundo; e á sua custa, e por muitos annos adquirio algũa experiencia, e essa lhe serve de toda a instruçaõ para servir a sua patria: mas não he conhecida a sua capacidade, que da idade de quarenta annos; entaõ he que o Soberano o emprega nos cargos publicos, e ás vezes de idade mais crescida; mas nesta idade ou as forças começaõ a enfraquecer ou a constituiçaõ; daqui he que os Estados hoje onde a Criaçaõ he domestica se servem sempre de pessoas a quem falta aquelle vigor, altives, ambiçaõ, e animo da adolescencia e da idade viril.

Admiramonos hoje quando lemos que Pompeo e Scipião Affricano commandavaõ exercitos de idade de vinte e hum annos; e que os Romanos dessem os Cargos de Questor, de Pretor, de Proconsul á Mocidade da Nobreza Romana; mas o que mais deviamos admirar he que naquella primeira idade obravaõ acçoens taõ illustres, que se observaõ na historia: na verdade que de vinte e cinco annos, até trinta ou quarenta, está o corpo mais apto para obrar as mais elevadas acçoens; e por isso me parece, quando comparo a Republica Romana com os Reynos dos nossos tempos, que nestes, aquelles que os servem, todos saõ velhos e decrepitos, e que naquella Republica todos eraõ Varoens nas armas e velhos no Concelho.

Mas se quizermos saber a cauza desta immensa desigualdade, inquiramos a Educaçaõ da Nobreza Romana, e logo pararà a nossa admiraçaõ. O seu ensino, no tempo da puericia, se reduzia a Philosophia Moral e trato da vida, que lhes ensinavaõ os Philosophos; mas esta instruçaõ era practica; entravaõ no Senado com seos Pays ou Tutores, como ouvintes; ali ouviaõ practicar o que aprendiaõ em caza; de tal modo que hum Menino da idade de desasete annos estava instruido na eloquencia, na arte de saber escrever, porque sabia fallar, nas Leis Patrias, no Sacerdocio, nas Leis Civis e Politicas, que pela practica aprendiaõ; e vendo diante de si aquelles Senadores, hum que tinha triumphado, outro que tinha ganhado hum Reyno, outro que tinha decretado leis como Consul, enchiase o coraçaõ daquelles illustres objectos, para imitar aquellas acçoens ordenando, mandando e obrando. Assim vemos que Cesar de desasete annos orava com tanto applauso, que entrou no cargo do Sacerdocio. Lemos a Educaçaõ de Marco Aurelio

Emperador, que elle mesmo relata logo no principio das suas obras, que são os pensamentos da sua vida.

Nos nossos tempos el Rey de Danamarca ordenou que em cada Tribunal assistisse hum certo numero de Moços Nobres, somente para serem ouvintes, e para aprenderem ali pella practica as Leis Patrias, e o que he a vida Civil; os Magistrados tem poder de lhes fazerem perguntas de tempo em tempo para obrigar esta Mocidade a attenderem ao que ouvem. O mayor proveito que retiraria o Estado desta Educaçaõ, seria que pensasse e que reflectisse maduramente, e que naõ passasse a vida naquella variedade, e encadeamento de divertimentos, caças, jogos, dansas, bayles, e outros semelhantes. Nenhuma couza poderia fixar a volatilidade daquella idade, do que destinala, logo que estivesse instruida, a assistir nos Tribunaes como ouvintes, e de responderem por escrito ou de palavra, quando fossem perguntados pellos Magistrados: alem de que lhes naõ ficaria tanto tempo para empregar naquella vida aérea, se costumariaõ a pensar e a reflectir, que he a mayor difficuldade que se encontra naquella idade, e o mayor bem que se pode alcançar na sua educaçaõ.

Sem que eu o diga, todos veraõ que se se tomarem taes meyos com esta mocidade, que poderá ser empregada nos cargos e postos do Estado, de idade de vinte, e de vinte e cinco annos, e que evitaria o Reyno ser servido, ou por velhos, ou por achacados nos cargos que necessitaõ vigiar, andar a Cavallo, navegar, inquirir, ver, observar, e despachar.

Pareceme que vistos os notaveis inconvenientes da Educaçaõ domestica, e das Escolas ordinarias, que naõ fica outro modo para educar a Nobreza e a Fidalguía, do que aprender em Sociedade, ou em Collegios; e como naõ he couza nova hoje em Europa esta sorte de ensino, com o titulo de *Corpo de Cadetes,* ou Escola Militar, ou Collegio dos Nobres, atrevome a propor á minha Patria esta sorte de Collegios, naõ somente pella summa utilidade que tirará desta Educaçaõ a Nobreza, mas sobre tudo, o Estado e todo o povo.

§

O que sam as Escolas Militares

He huma Escola Militar hum Corpo de Guarda, onde os Soldados saõ os meninos e Moços Nobres ou Fidalgos: estes

464. **H. longicornis Grav.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 301.

Gerez (L. v. Heyden!).

465. **H. melanaria Sahl.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II p. 312.

Gerez (L. v. Heyden!)

466. **H. proxima Kraatz.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 314.

Aveiro (L. v. Heyden!).

467. **H. validicornis Maerk.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 271.

Bragança!.

468. **H. fungi Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 683.

Azambuja (J. Antunes!), Aveiro (L. v. Heyden!), Espinho!, Bussaco!.

469. **H. Skalitzkyi mihi.**

Rufo-testacea, abdomine ante apicem infuscato, thorace subquadrato, basi foveolato, elytris hoc paulo longioribus, abdomine sublævigato.

Mas. Abdominis segmento penultimo tuberculis duobus in apice insignis.

Long 2 mm.

Taille et forme du *circellaris Grav.* Il diffère de cette espèce par les caractères suivants:

Couleur moins foncée.

Élytres moins densement ponctués.

Abdomen presque lisse.

Avec ces différences je n'oserais pas proposer une nouvelle espèce.

Mais le seul mâle que je possède, pris à Vizella est très

distinct, car il a deux tubercules latéraux dans l'extrémité du 6.me segment de l'abdomen, tandis qu'on ne remarque qu'un seul au milieu dans le *circellaris Grav.*

Je remplis un devoir, avec le plus grand plaisir, en dediant cette espèce à mr. le Dr. Skalitzky que j'ai trouvé toujours prêt à me donner des éclaircissements sur l'étude des staphylins.

GENRE PHLOEOPORA ERICHSON

470. P. reptans Grav.

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 337.

Vizella !.

471. P. corticalis Grav.

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 337.

Bussaco !, Mafra (C. v. Volxem !)

GENRE OLIGOTA MANNERHEIM

472. O. atomaria Er.

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 348.

Coimbra !.

473. O. flavicornis Lac.

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 350.

Bom Jesus de Braga (L. v. Heyden !).

GENRE GYROPHÆNA MANNERHEIM

474. G. pulchella Heer.

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 356.

Bussaco !.

GENRE MYLLAENA ERICHSON

475. M. intermedia Er.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 625.

Vizella !.

476. **M. gracilicornis Fairm.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 626.
Felgueira !.

477. **M. brevicornis Matth.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 627.
Espinho ! Bussaco !.

478. **M. gracilis Matth.**
Fauv. Fann. G. Rh., p. 628.
Espinho !.

TACHYPORINI

GENRE HYPOCYPTUS MANNERHEIM

479. **H. apicalis Bris.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 615.
Aveiro (L. v. Heyden !).

GENRE HABROCERUS EBRICHSON

480. **H. capillaricornis Grav.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 591.
Coimbra !, Bussaco (L. v. Heyden !).

GENRE LEUCOPARYPHUS KRAATZ

481. **L. silphoides L.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 592.
Mertola !.

GENRE TACHINUS GRAVENHORST

482. **T. marginellus F.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 582.
Espinho !, Coimbra !.

483. **T. flavolimbatus Pand.**

Fauv. Faun. G. Rh, p. 582.

Coimbra!.

484. **T. obtusus L.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 595.

Mentionné parmi les Staphylins récoltés par Mr. C. v. Volxem en Portugal.

485. **T. formosus Matth.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 596.

Coimbra!.

486. **T. ruficeps Kraatz.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 596.

Coimbra!.

487. **T. chrysomelinus L.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 598.

Espinho!, Monchique (C. v. Volxem!).

488. **T. hypnorum F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 598.

Commun partout.

489. **T. pusillus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 602.

Vizella!, Espinho!.

490. **T. nitidulus F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 602.

Bussaco!, Felgueira!, Vizella!.

491. **T. pictus Fairm.**

An. Soc. Ent. Fr., 1852. p. 71.

Valle d'Azares !.

GENRE CONURUS STEPHENS

492. **C. pubescens Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 609.

Coimbra !, Bussaco ! (C. v. Volxem !). Gerez (L. v. Heyden !).

V. immaculatus Steph.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 610.

Vizella !, Espinho !.

493. **C. pedicularius Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 611.

Cêa !, Gerez (L. v. Heyden !).

494. **C. monticola Woll.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 612.

Felgueira !, Vizella !.

Le *C. lividus Er.* mentionné du Gerez par Mr. L. v. Heyden appartient à cette espèce.

GENRE BOLITOBIUS STEPHENS

495. **B. trinotatus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 549.

Coimbra !, Bussaco !.

GENRE MYCETOPORUS MANNERHEIM

496. **M. splendidus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 562.

Coimbra !.

497. **M. nanus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 565.

Du Portugal, d'aprés Mr. Fauvel.

498. **M. angularis Rey.**

Fauv. Fauv. G. Rh., p. 570.

Azambuja (J. Antunes!), Coimbra!, Vizella!, Gerez (L. v. Heyden!).

QUEDIINI

Genus QUEDIUS STEPHENS

499. **Q. crassus Fairm.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 502.

Coimbra!.

500. **Q. lateralis Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 502.

Monchique (C. v. Volxem!), Pena, Gerez (L. v. Heyden!).

501. **Q. fulgidus F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 505.

Coimbra!, Gerez (L. v. Heyden!), Bussaco (C. v. Volxem!).

502. **Q. cinctus Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 514.

Commun partout.

503. **Q. tristis Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 515.

Douro!, Coimbra!, Bussaco, Leiria (C. v. Volxem!).

504. **Q. fuliginosus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 515.

Coimbra!, Freineda!, Guarda (L. v. Heyden!).

Tous les exemplaires que je possède du Portugal sont à peu près de la taille du *tristis Grav.*

505. **Q. molochinus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 516.

Partout.

Dans les individus immatures les antennes, élytres et pattes sont rougeâtres.

506. **Q. robustus Scriba.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 518.

Trouvé par mr. L. v. Heyden en Espagne et d'après mr. Fauvel il se trouve aussi en Portugal.

507. **Q. umbrinus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 520.

D'après Mr. Fauvel il appartient à notre faune.

508. **Q. obliteratus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 523.

Monchique (C. v. Volxem!).

509. **Q. pineti Bris.**

An. Soc. Ent. Fr., 1866, p. 359.

Bussaco (L. v. Heyden!).

510. **Q. maurorufus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 526.

Bussaco!, Coimbra!, Espinho!.

(Continúa). MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

ESTUDOS HISTORICOS

SOBRE A

HISTORIA DAS SCIENCIAS EM PORTUGAL

A BOTANICA

PARTE I

(DA CONSTITUIÇÃO DA MONARCHIA Á REFORMA POMBALINA)

Ensino da botanica: Mosteiro de Santa Cruz — Universidade — Creação das pharmacias. *Litteratura botanica*: Seculo XVI — Apreciação do estado da botanica no extrangeiro — Portugal: Pedro Hispano, Valesco, Amato Lusitano, Thomé Pires, Garcia da Horta, Christovam da Costa, os historiadores do descobrimento da India — Sec. XVII — Vista de olhos sobre os trabalhos extrangeiros — Portugal: decadencia do estudo das sciencias — Isidoro da Barreira, Gabriel Grisley, trabalhos ineditos. — Seculo XVIII — A botanica em paizes extranhos — Portugal: João Vigier, Manoel Gomes de Lima, Domingos Vandelli. *Real Jardim Botanico da Ajuda.*

A botanica foi nos seus primeiros tempos uma sciencia de applicação. Cultivada imperfeitamente como era, tinha em vista conhecer apenas as virtudes medicinaes das plantas e os seus usos nas enfermidades; esta é a razão porque foi confundida com a medicina.

Como tal nos apparece nos primeiros tempos da nossa existencia politica. Quando em 1130 foi estabelecido o mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, ahi foram fornecidos amplos conhecimenros nas sciencias aos que os buscavam, e d'entre os conegos que o habitavam muitos foram buscar a paizes remotos o que ensinavam. No reinado de D. Sancho, este costume accentuou-se mais, pela liberalidade do soberano em conceder subsidios aos estudantes, e, d'entre os que cursaram em Pariz, Mendo Diaz, por conselho de seu tio Gonçalo, prior do mosteiro, entregou-se ao estudo da medicina de que se julga ter sido o primeiro lente no nosso paiz. [1]

Ora, havendo uma cadeira de medicina na qual todo o complexo edificio d'esta sciencia era apreciado, a therapeutica

[1] Vid. Maximiano Lemos Junior — *A medicina em Portugal, até aos fins do sec.* XVIII — Porto, 1881.

deveria ser uma das partes mais estudadas e n'essa alguma cousa da botanica.

Se isto não é mais do que uma conjectura é forçoso confessar que tem todas as probabilidades.

Adiantaram-se os tempos, e, no seculo XIII, o clero portuguez, desejando conservar o prestigio das lettras, para d'este modo tornar efficaz e permanente o seu poderio, dirigiu-se a D. Diniz, pedindo-lhe fosse concedida licença para a fundação de um estudo geral, ideia que foi bem recebida por parte do monarcha que, como se sabe, tinha um espirito culto e muito dado ás lettras. Reuniram-se, em Montemor o Novo, em 12 de novembro de 1288, o abbade de Alcobaça, e os priores de Santa Cruz de Coimbra, de S. Vicente de Lisboa, de Guimarães, e da Alcaçova de Santarem e mais vinte e dous reitores de diversas egrejas e d'ahi mandaram ao summo pontifice uma supplica, pedindo-lhe a confirmação do estudo geral, documento que não foi assignado pelos bispos, provavelmente por andarem em litigio com o rei sobre materia de jurisdicções, n'um tempo em que ainda o reino estava interdicto. [1]

Só dous annos depois foi expedida a bulla de Nicolau IV confirmando a Universidade de Lisboa, que n'esse tempo estava já organisada, mas a confirmação veio tornar mais solido e duradouro aquelle nosso primeiro estabelecimento scientifico.

A bulla de Nicolau IV é o primeiro documento que nos revela a organisação do ensino na Universidade. Sabemos por elle que havia cinco cadeiras: Leis, Canones, Medicina, Grammatica e Logica, cujo estudo era necessario fazer por um espaço de tempo indeterminado, e apenas sujeito á determinação dos lentes, para obter perante o bispo ou vigario capitular da Sé de Lisboa o grau de licenciado, que lhe dava o direito de ensinar sem outras formalidades as materias de seu curso, exceptuada todavia a theologia.

As rasões já apresentadas fazem-me crer que a botanica continuava a ser ensinada da mesma maneira na unica aula de medicina que o paiz possuia.

Transfere-se a Universidade de Lisboa para Coimbra em 1307 ou fins de 1306; muda-se em 1338 para Lisboa, para novamente, em 1354, ser transladada para Coimbra, e ainda em

---

[1] Fr. Francisco Brandão, *Monarchia Lusitana*. Parte 5.ª, lib. 16, pag. 133, Vid. tambem Lemos Junior, op. cit., pag. 10 e seg. d'onde extrahimos a maior parte d'estas noticias.

1377 D. Fernando a torna a estabelecer em Lisboa, o que se julga devido a que alguns lentes por elle mandados vir para ensinarem no Estudo geral não queriam tomar outra residencia que não fosse a capital do reino. Apesar, porem, d'estas mudanças, a organisação do ensino medico persistia na mesma, continuava a haver apenas uma cadeira de medicina e n'ella, segundo cremos, a serem ensinados uns rudimentos de botanica.

Nos meados do seculo XV, com a introducção das pharmacias em Portugal, a parte doutrinal da medicina começou a ser separada da parte ministrante, e a botanica medica tomou um desenvolvimento novo entre nós, pela obrigação que os pharmaceuticos tinham de escolher os simplices de que fabricavam as composições. O Regimento dado pelo physico-mor, Mestre Rodrigo, em 1497, dá-nos noticia de muitas plantas então empregadas como medicamentos e cujo conhecimento se deveria ter tornado vulgar entre os individuos que se entregavam á pharmacia. [1]

No entretanto, a Universidade era novamente reformada por D. Manoel que creava uma nova cadeira de medicina e por D. João III que elevava o numero das cadeiras a seis; sendo uma d'estas a de materia medica, facilmente se comprehende que se adiantassem os estudos botanicos, comquanto, nos faltem subsidios para o ajuizar.

Este desenvolvimento foi todavia pouco manifesto, ao que se póde deduzir dos estatutos de 1591, confirmados por D. Philippe I. Ordenam elles que na cadeira de Prima sejam lidos aos estudantes de sexto anno os Capitulos 3.º, 4.º e 5.º da obra de Galeno = *De simplicibus* — accrescentando-lhes uma breve exposição dos simplices [2]. Ora os livros referidos de Galeno occupam-se principalmente da acção dos medicamentos, ventilando questões sobre as suas propriedades e virtudes; e a noticia das substancias empregadas na medicina constituia por conseguinte o unico conhecimento que da botanica ficavam tendo os estudantes medicos da Universidade.

A reformação de 1612 em nada modificou o que se achava estabelecido sobre este ponto, e as disposições dos estatutos de 1591 passaram integralmente para os que D. João IV confirmou

---

[1] O Regimento póde ver-se em Pedro José da Silva — *Historia de pharmacia portugueza*, 3.ª memoria, pag. 82.

[2] Estatvtos da Vniversidade de Coimbra, confirmados por El-rei D. Phelippe... em o anno 1591 — Coimbra, por Antonio de Barreira, 1593 — Liv. III. Tit. V § 20.

em 1653 e que foram a lei por que se regulou a Universidade até á reforma de 1772 [1].

Uma provisão datada de 25 de setembro de 1691 modificou todavia o estatuto, melhorando-o no sentido de dar maior latitude ao ensino da botanica.

Mandava que o Lente de Prima fosse tres vezes por anno ao campo com dous boticarios peritos no conhecimento das hervas para que os estudantes se instruissem, mas tal disposição tão eminentemente favoravel ao estudo da phytographia foi revogada em 1726, voltando as cousas ao antigo estado [2].

Por outro lado, os regimentos dados aos pharmaceuticos, revelam-nos a introducção successiva de novos medicamentos, pela maior parte pertencendo ao reino vegetal. Vinham da India, cuja flora e fauna variadissima forneceram por muito tempo subsidios importantes á medicina portugueza, e cujo conhecimento e applicações se devem sobretudo ao eminente botanico portuguez, universalmente conhecido pelos seus trabalhos — Garcia da Orta.

Se o ensino da botanica era isto, e bem pouco era, é certo que possuimos durante o longo periodo que vae da constituição da monarchia até á reforma pombalina cultores muito notaveis da botanica nas suas relações com a medicina visto que, como dissemos, este primeiro periodo da sua historia entre nós foi todo de applicação áquella sciencia.

Antes porém de entrarmos na exposição dos serviços prestados pelos portuguezes á parte das sciencias naturaes, cuja historia nos occupa, vejamos o que de notavel se fazia no estrangeiro.

Seculo XVI. E' pelos fins do seculo XV que apoz uma esterilidade manifesta de trabalhos sobre botanica começa esta a ser cultivada. A descoberta da America e o renascimento dos estudos classicos foram com certesa os principaes factores d'este desenvolvimento mais accentuado em que todas as nações se fizeram representar mais ou menos distinctamente. A Italia deu-

---

[1] Estatvtos da Vniversidade de Coimbra confirmados por Elrey nosso Sñor D. João o 4.º em o anno de 1653 impr. por mandado de Manoel de Saldanha na officina de Thomé Carualho, 1654.

[2] Compendio historico da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores e directores que regiam pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por elles fabricados — Lisboa — 1771 — pag. 320.

nos João Manardi, Antonio Brassavola, André Mathiolo, que commentou Dioscorides, accrescentando-o com as noticias que lhe foi possivel obter, Ghini, Aloysio Anguillara, Castor Durante, João Costeo e sobre todos André Cesalpino (1519-1603) que no seu livro *De plantis libri* XVI apresenta o primeiro ensaio de systhematisação da botanica.

A França concorreu com João Ruel, com Thiago Dalechamps, que na sua obra compendiou tudo o que se conhecia a proposito de botanica ao seu tempo, com Mathias Lobel e principalmente com Charles de l'Ecluse que nas suas viagens numerosas, entre as quaes se conta uma feita á peninsula hispanica, accrescentou notavelmente o peculio dos conhecimentos relativos a esta sciencia, merecendo por esse motivo a reputação de ser um dos primeiros botanicos do seculo XVI. A elle devemos nós, os portuguezes, o ter popularisado com as suas traducções as obras de Garcia da Orta e de Christovam da Costa, que sem isso não teriam talvez causado a sensação que produziram.

A Inglaterra fáz-se representar por Antonio Ascham, Bulleyn, Maplet e Penny, todos elles de importancia secundaria, mas aos quaes convem accrescentar William Turner, cuja obra merece menção muito notavel na historia da botanica.

Foi sobre tudo na Allemanha, na Hollanda e na Suissa que mais avultaram as conquistas feitas no estudo do reino vegetal. Brunfels (1470-1534) deu á luz a flora das cercanias de Strasburgo e da margem esquerda do Rheno; Jeronymo Bock continuou a obra do precedente e n'ella deu provas de um espirito observador, Tabernæmontanus reuniu um herbario de tres mil especies e publicou a sua descripção; Cordus explorou a flora da Suissa-saxonia; mas sobre todos avultou Conrad Gesner cujos trabalhos merecem uma consideração extrema, não só pelo grande numero de plantas cujos caracteres fez conhecer, mas sobre tudo pelo estudo profundo que cada especie lhe mereceu, tendo sido o primeiro que ligou a importancia devida ao estudo dos fructos e das flores, como elementos servindo para a classificação. São de menos importancia os que vieram depois, mas em Aretio, em Calceolari, em Camerario e, mais do que n'estes, em Dodoens teve a botanica cultores dedicados, credores da nossa consideração e da nossa estima [1].

---

[1] Ferdinand Hoefer — *Hist. de la Botanique* e Brotero *Compendio de Botanica,* d'onde extrahimos os elementos para esta rapida exposição.

Não foi na peninsula que nos tempos immediatamente anteriores ao seculo XVI, e durante o seu decurso, appareceram menos individuos que olhassem para o importante estudo da botanica com cuidado e applicação. Os proprios historiadores extrangeiros são de accordo em elogiar os trabalhos que n'esse tempo produzimos.

A Hespanha fez-se representar por Gabriel Alfonso de Herrera, Alvaro de Castro [1], Juan Jarava, Juan Fragoso, Francisco Micon, mas principalmente por Monardes e André Laguna. Este commentou notavelmente a obra de Dioscorides, mostrando a vastissima erudição que possuia e contestando muitas opiniões de Ruel; e aquelle deve a sua reputação de botanico ás numerosas e curiosissimas noticias que colligiu sobre a flora das Indias occidentaes, trabalho que juntamente com os de Garcia da Orta e Christovam da Costa mereceu ser traduzido por Carlos de L'Ecluse [2].

Como concorria Portugal para o desenvolvimento da botanica? Vimos de que maneira ella era ensinada e por esse motivo não poderiam tomar grande incremento taes estudos, mas apesar d'isso podemos orgulhar-nos de termos possuido homens notabilissimos na especialidade.

Fallarei em primeiro logar, segundo a ordem chronologica no Papa João XXI — Pedro Julião ou Pedro Hispano, que em pleno seculo XIII escreveu o seu *Thesaurus pauperum* [3] em que dá noticia de muitas plantas empregadas em therapeutica, e se é certo que, na maior parte, as noticias apresentadas foram extrahidas de Avicenna e Galeno, não é menos certo que outras foram o fructo de observação pessoal. [4]

Na obra de Valesco de Taranta, (que depois da publicação da nossa these inaugural não póde haver duvidas de que fora portuguez), encontram-se egualmente noticias de especies botanicas e das suas applicações, mas, apesar d'esta obra ter como livro de medicina um valor incontestavel, a imparcialidade de que sempre usamos n'este assumpto obriga-nos a confessar que

---

[1] A obra *Janua vitae* d'este notavel medico hespanhol parece que não chegou a ser impressa.

[2] Vid. Morejon — *Historia bibliografica de la medicina española* t. 2.º, pag. 227 e seg., e 290 e seg. Colmeiro — *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana.*

[3] A edição que vi e que existe na Bibliotheca municipal do Porto é de Francof., 1576.

[4] Vid. Morejon, op. cit. Vid. tambem a nossa these inaugural, pag. 15.

n'está parte pouco adianta ao de Pedro Hispano, apesar da distancia de quasi dous seculos que os separa. [1]

Somos chegados ao seculo XVI. N'esse periodo de verdadeiro explendor litterario e scientifico, o estudo das sciencias naturaes, como o que mais directamente interessa ao homem, não podia deixar de ser cultivado com esmero. Se a legislação não dava no ensino um logar importante á botanica, os professores da Universidade remediavam os inconvenientes da lei, dando nas suas prelecções uma desenvolvida noticia das differentes plantas e ensinando a conhecel-as. Conta Francisco Franco [2] que mais de que uma vez saiu com os seus discipulos em digressões botanicas, nas quaes os ensinava a distinguir umas plantas das outras, despertando d'este modo o gosto por um estudo já de si tão attrahente. Demais havia um costume extremamente proveitoso para todos aquelles que desejavam instruir-se na botanica; nos dias de festa andavam pelas ruas os herbanarios com grande quantidade de plantas, raizes, flôres e sementes que vendiam por preços extremamente commodos. Creio que os medicos, sobretudo, se entregavam a este estudo, á imitação de Franco que, nos tempos de ferias gostava de exercitar-se n'este conhecimento das hervas [3].

Merecem sobretudo ser apontados á consideração dos contemporaneos João Rodrigues de Castello-Branco, mais conhecido pelo nome de Amato Lusitano, Thomé Pires, um pharmaceutico que no tempo de D. Manoel se passou á India e d'ahi enviou uma noticia das drogas ahi encontradas, Garcia da Orta, que nos *Colloquios dos Simples* nos deu uma obra tão completa quanto possivel n'aquelle tempo sobre a flora e fauna das Indias, e Christovam da Costa que continuou a obra do precedente, com notavel criterio e profundesa.

Especifiquemos melhor o modo como contribuiu cada um para os progressos de botanica entre nós.

Castello-Branco, cujos serviços á medicina ninguem poderá pôr em duvida, publicou, entre outras obras não menos

---

[1] Vid. Portal — *Hist. de l'Anatomie*, t. 1.º, pag. 237, — Morejon, op. cit., pag. 235 e 302 do 1.º volume — Malgaigne — *Hist. de la Chirurgie en Occident*, pag. 26 e Lemos Junior op. cit. pag. 35.

[2] Medico hespanhol, natural de S. Filippe de Jativa, que D. João III convidou para vir a Coimbra reger uma cadeira de medicina.

[3] *Libro de enfermidades contagiosas: y de la preservacion dellas*, Sevilla, por Alonso de la Barrera, 1569, pag. 23 e 39.

vez um primor litterario estão longe de ser frequentemente um modelo de exactidão.

Tal foi a maneira como contribuimos no seculo XVI para os progressos da botanica. Com os escassos meios de instrucção que possuiamos na especialidade, com uma organisação tão rudimentar do seu ensino difficilmente poderiamos ser mais bem representados.

(*Continúa*).

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. vol. II pag. 534)

VI

SUBSTANCIAS PROPRIAS PARA ENCHER AS PELLES

Quasi todas, senão todas as materias vegetaes, servem para encher as pelles, mas as mais usadas são, o algodão, a estopa e o musgo. O algodão, em virtude do seu elevado preço, emprega-se só em aves pequenas, o muito até ao tamanho de uma pomba; comtudo, se a economia não protestasse, era elle a melhor substancia para encher as aves de todos os tamanhos, em virtude da facilidade e innocencia do seu emprego. A estopa fina póde tambem substituil-o com vantagem; e até geralmente os pescoços das aves costumam ser cheios com ella.

Os preparadores podem, ao encher o exemplar, especialmente se elle é corpulento, servirem-se ao mesmo tempo de diversas substancias que indicarei, conforme virem que lhes é mais util e conveniente.

Tambem está muito em uso o musgo *(hypnum)* para os animaes de tamanho regular, assim como uma raposa, perú, etc., mas necessita antes de repetidas lavagens, para lhes extrahir todas as substancias gordurosas, e de ser secco n'um forte forno, para que morra qualquer insecto que n'elle exista. O musgo precisa no seu emprego de ser pouco calcado, porque se o fôr demasiado, torna de tal modo pesado o specimen, que muitas vezes os arames das pernas não lhes resistem e elle cae.

Uma ave, embora grande, não póde unicamente ser cheia com musgo; no pescoço, pernas e junturas das azas é necessa-

rio o algodão ou estopa, a fim de lhe conservar a natural elegancia, e mesmo para facilidade da montagem. Para os grandes mammiferos faz-se especialmente uso de palha *(cecale cereale L.)*, ou esparto *(lygeum spartum L.)*, bem seccos n'uma ardente estufa.

Alguns preparadores estrangeiros visinhos das praias, costumam encher os seus specimens com sargaço *(zostera marina L.)*, mas este uso é reprovado em virtude do sargaço levar sempre algum sal, que mais tarde, n'uma época chuvosa, attrahindo a humidade, põe em risco a perfeição do individuo.

De modo algum se deve fazer uso de substancias animaes, como a lã, cabello, etc., de que os insectos são muito ávidos. Se bem que a lã se prestasse excellentemente a encher as aves pequenas em virtude da sua grande elasticidade, apesar de todos os preservativos que com ella se misturem, com o decorrer dos annos corrompe-se, e, consequencia inevitavel, arruina-se tambem a ave.

VII

PINTURAS E VERNIZES

A's aves que como o gallo, perú, pintadas, grous, etc., são ornadas de carunculas na cabeça e pescoço, costumam os preparadores cortar essas glandulas e substituil-as por outras de cêra. Mas a ave preparada d'esse modo fica muito defeituosa, por isso que, por mais perfeitas que sejam as carunculas postiças, a simples inspecção visual é bastante para se lhe conhecer o artificio. Além d'isso é muito dispendioso este processo.

Faço uso ha muito de um processo descoberto pelo nosso distincto naturalista, o exc.^{mo} snr. Augusto Luso, processo que é superior a todos até hoje seguidos, pois ao mesmo tempo que dá uma transparencia e brilho carnoso ás glandulas, conserva-as por tempo indefinido.

Completamente acabada e montada a ave, dá-se com um pincel fino uma leve pintura de sabão arsenical moído juntamente com um pouco de alvaiade. Depois moe-se, sobre a pedra propria, uns poucos de pós da côr que se precisa, juntamente com uma mesma quantidade de sabão arsenical diluido em agua.

Este sabão substitue vantajosamente o alvaiade e impede que de futuro se desenvolvam os insectos.

Finalmente, pinta-se e esbatem-se as côres até á perfeita

imitação do natural. Logo que esta ultima pintura está secca, passa-se-lhe por cima um pincel levemente molhado em verniz copal branco dissolvido em alcool.

E' preciso haver bastante cautella na graduação do verniz, para que o brilho demasiado e pouco natural, não vá ás vezes, em vez de embellezar, prejudicar.

A maior parte dos amadores não dão verniz de especie alguma nos bicos e pennas das aves, apesar de com o tempo, verem essas partes mudar completamente de côr e tornarem-se defeituosas. Mas se logo que se acaba de montar a ave, se cobrem as pernas e bico com um leve verniz, estas partes além de conservarem indefinidamente a mesma côr, possuem o brilho natural que aos primeiros falta completamente. Para este fim emprega-se a terebenthina dissolvida em alcool. Tambem se póde empregar o verniz copal branco, mas geralmente faz-se uso da terebenthina, por isso que este verniz não dá o demasiado brilho d'aquelle.

Nas pelles dos reptis e peixes, tambem é conveniente dar-lhe uma leve camada de verniz, o qual, além de os tornar elegantes, ajuda a sua conservação.

VIII

PELLES ANTIGAS

(Modo de as encher)

Não é conveniente, depois de descarnado o individuo, guardar-lhe muito tempo a pelle sem a montar, porque seccando, contrae-se e perde a elegancia. Mas, muitas vezes, viajando, encontram-se especimens raros que n'aquella occasião é difficultoso montar, quer por não haver tempo ou substancias proprias, quer por ser depois muito mais custoso o seu transporte; as pelles em qualquer recanto da mala se accomodam, e resistem muito mais a todos os revezes do que os individuos já montados.

Do extrangeiro, especialmente as aves, veem-nos quasi todas por montar, sendo necessario, quem não as quizer assim, dar-se ao cuidado, de as amollecer para as montar depois.

Para esse fim manda-se fazer uma caixa de lata de grande capacidade, tendo no meio uma divisão movel de ferro, semelhante a uma grelha; em cima uma tampa fecha hermeticamente a lata. Quando se quer amollecer uma pelle antiga, pratica-se do seguinte modo:

Lança-se no fundo da lata, até á altura de tres ou quatro centimetros, areia humedecida o mais possivel com agua dôce. Tira-se a estopa ou algodão que enchia a pelle, e substitue-se por pequenos pedaços de esponja humedecidos em agua; á volta das pernas, sendo ave, enrola-se uma tira de panno embebida em agua; depois de isto feito, colloca-se o specimen na grelha da caixa e tapa-se esta muito bem.

Se o individuo é de tamanho mediano, deixa-se lá estar durante vinte e quatro horas, mas póde alli permanecer até cinco dias, segundo é mais ou menos corpulento. Uma vez por dia, pelo menos, deve abrir-se a caixa e mudar-se a posição da pelle, para não tomar *cama*, o que difficultaria depois a montagem.

No fim do tempo necessario para o completo amollecimento, tempo que o amador de per si marcará, extrahem-se-lhe as esponjas, enxuga-se-lhe o interior e prepara-se depois como um individuo descarnado de fresco. Depois de montado substitue-se a substancia que enchia as orbitas por uma pequena esponja embebida em agua, que em quatro ou cinco horas amollece as palpebras e as põe em estado de receber os olhos artificiaes. Chegado a este resultado, tiram-se as esponjas, dá-se-lhe uma camada de preservativo, enchem-se de novo com algodão, e termina-se por lhe collocar os olhos de vidro, semelhantes na côr e fórma aos que tinha em vida.

IX

NINHOS E OVOS

Para uma collecção de ninhos e ovos ter o seu grande e especial merecimento deve, primeiro que tudo, ser fiel. Isto que á primeira vista parece facil, transforma-se n'uma das maiores difficuldades para o amador, por isso que os exemplares que os negociantes d'esta especie possuem, são trocados e aperfeiçoados, vendendo muitas vezes ovos em ninhos que lhes não pertencem, e até fazendo raridades ao seu capricho.

Uma collecção d'ovos assim adquirida póde ser agradavel á vista, mas sem merecimento algum, porque conscienciosamente não serve para estudo dos usos e costumes das especies. Precisa pois o individuo que se dedicar a reunir uma d'estas collecções, de ir elle proprio procurar os ninhos e fazer todo o possivel para vêr as aves a quem elles pertencem, para não errar na parte mais essencial, a classificação.

Mas não se cifra n'isto todo o trabalho, como bem se póde prever, porque se os ovos se conservassem cheios, deteriorar-se-iam em breve, e os ninhos, principalmente os forrados ou construidos de pennas, seriam transformados em pó sob o potente trabalho de milhares de insectos, que n'elles rapidamente se desenvolvem. E' necessario extrahir o conteúdo do ovo, e submetter o ninho a diversas preparações para que ambos possam resistir mais facilmente aos seus encarniçados inimigos. Achado o ninho deve este tirar-se com cuidado, de modo que nenhuma das partes componentes fique no supporte.

Feito isto, colloca-se durante algum tempo n'uma forte estufa, até que o calor mate os insectos que n'elle existam, ou impeça os ovulos que lá podem estar depositados de se desenvolverem.

Se o ninho é construido de materias animaes, como pennas, lã, etc., mergulha-se durante alguns minutos no seguinte liquido empregado pelo celebre naturalista inglez Smith, e que elle diz ser excellente preservativo contra as futuras tentativas da traça.

Sublimado corrosivo	2 partes
Camphora	2 »
Espirito de vinho	1 »

O preparador deve, sobre tudo, acautelar-se d'este liquido visto as suas grandes propriedades toxicas.

Alguns amadores em lugar d'este preparado, costumam collocar nas vitrines ovologicas grandes pedras de camphora, que, como o leitor sabe, possue energicas propriedades anti-insectivoras, mas o seu emprego é reprovado pelos naturalistas por impotente, e por desbotar os ovos, tornando alguns completamente differentes.

Para obstar, em parte, a este ultimo inconveniente, devem os ovos estar resguardados de toda a acção do ar e luz que lhes é muito prejudicial.

A preparação dos ovos requer minuciosos e intelligentes cuidados. Pega-se com toda a cautella no ovo que se pretende esvasiar, sem o comprimir demasiado entre os dedos, porque alguns possuem uma casca tão delicada, que o minimo descuido despedaça, e faz-se com um alfinete um pequeno orificio em cada extremidade. Com um arame delgado e muito aguçado fende-se a gemma em muitos sentidos, e collocando o indicador n'um dos orificios e o pollegar no outro, agita-se o ovo, até que o seu conteúdo se misture completamente. Adherindo depois os labios a um dos orificios, e soprando, faz-se sahir o

liquido pelo outro. Se o amador tiver repugnancia em tocar o ovo com os labios, póde servir-se d'uma seringa de tubo de vidro ou d'um pequeno maçarico adaptado n'uma seringa. Deve comtudo haver muito cuidado, em que a corrente de ar que se introduz no ovo, não seja muito forte, senão sujeita-se a que elle rebente mui facilmente. Esvasiado o ovo, injeta-se-lhe agua com uma seringa, para expulsar algum resto de gemma que por acaso fique adherente á casca, e que mais tarde o tornaria defeituoso. Lava-se tambem o exterior com agua tepida, esfregando-o cuidadosamente com uma escova para lhe extrahir o pó, gorduras, etc., que a alguns cobre completamente, tornando-os não só pouco elegantes, mas até desconhecidos.

Quando o ovo está fresco, ainda se lhe extrae facilmente o conteudo, mas muitas vezes acontece estar já o feto gerado o que torna difficultosissimo o esvasiamento.

Para os specimens mais vulgares aconselho, que se busquem sempre os que não estiverem já gerados, porque não só são mais faceis de preparar, mas tambem não perdem a côr, como acontece aos que teem o feto já desenvolvido. A casca resente-se quasi sempre da incubação, e dos liquidos que se lhe introduzem para dissolver a pequena avesinha que ella contem.

Mas, muitas vezes, o ovo é raro, o que obriga o amador, apesar de todos estes inconvenientes, a collocal-o na sua collecção até que novo e mais perfeito exemplar o venha substituir.

Para esvasiar um ovo já chocado o processo é um pouco mais moroso. Furam-se, como acima disse, as duas extremidades do ovo, com um arame aguçado trespassa-se o mais possivel o embryão, injecta-se-lhe uma dissolução de alcali fixo de tartaro ou sóda, e tapando-lhe os orificios, agita-se um pouco para que o alcali se possa igualmente introduzir por todo elle; em seguida depeja-se. Injecta-se-lhe nova quantidade de liquido, agita-se, tapam-se cuidadosamente os dous orificios com cêra, e deixa-se assim estar durante dez ou doze horas, findas as quaes se faz sahir a quantidade dissolvida, se introduz novo liquido que d'ahi a quatro horas se faz sahir, e assim successivamente, até que o embryão se desfaça completamente e o ovo fique vazio.

Ao injectar-se-lhe o alcali, deve haver cuidado em que não fique gota alguma na parte exterior do ovo, porque nos de côres mais mimosas, appareceria depois n'esse sitio uma mancha que o tornaria defeituoso. Finda a operação, lava-se e secca-se cuidadosamente.

Reunir uma collecção de ovos e ninhos, é um dos mais uteis e agradaveis entretenimentos de que póde lançar mão um individuo de gosto. Collecções tenho visto só de ovos, mas essas perdem em parte o seu merecimento, porque os ninhos não são um acessorio como muita gente cuida, mas sim uma das partes mais interessantes e essenciaes d'aquellas collecções.

Alguns como os de carriça *(Sylvia troglòdytes)*, rabi-longo *(Parus caudatus)*, papa-figo *(Oriolus galbula)*, rouxinol *(Sylvia luscinia)*, e andorinha *(Hirundo rustica)*, são uma verdadeira maravilha, uma obra prima de mechanica, encanto dos olhos, sublimes paginas de historia natural, emfim. Quanto amor não existe no pequenino coração d'aquellas aves, para construir com tanta fadiga esse explendido e perfeito berço para a sua futura prole! Com que trabalho não amontoa a andorinha, a lama de que construe o ninho!

E a microscopica carriça, que de forças sobrehumanas e de mais admiravel paciencia não necessita para concluir o complicado ninho, dentro do qual se esconde ella e toda a familia!

E tudo isto, todos estes sublimes exemplos de amor materno, não devem ser de preferencia estudados e cuidadosamente interpretados, para d'elles se tirar, senão conhecimentos, ao menos puros exemplos de moral?

(Continúa.) EDUARDO SEQUEIRA.

Sociedade de Instrucção do Porto

SEXTA EXPOSIÇÃO

INDUSTRIAS CASEIRAS

a 25 de Março de 1883

PROGRAMMA

PRIMEIRA SECÇÃO

A familia portugueza [1]

I. Trabalhos de carpintaria e marcenaria: Serra mechanica. Trabalhos embutidos ou marchetados (intarsia) etc.

---

[1] Esta secção abrange todos os trabalhos das industrias caseiras, executados tanto por particulares para simples recreio, como pelos pequenos productores das villas e aldeias, para consumo proprio ou para o commercio interno.

II. Trabalhos ao torno em madeira, marfim, osso, etc.
III. Mobiliario domestico, rustico: cadeiras, mesas, armarios, camas, santuarios, cangas de bois etc.
IV. Instrumentos de trabalho, na lavoura e em casa.
V. Pintura decorativa: em barro, faiença, porcelana, vidro, madeira, seda etc.
VI. Esculptura decorativa: flores artificiaes, de estofos, de pennas, de couro, cera, papel.
VII. Desenho decorativo. Modelos e padrões para todos os ramos das industrias caseiras.
VIII. Gravura em madeira para illustração da industria typographica.
IX. Tecidos de linho, lã e mixtos, como toalhas, mantas, tapetes (Arraiolos) serguilhas, liteiros para cobertas de cama, arreios alemtejanos, rêdes de pesca.
X. Obras em palha, vime, corrêa (canastras, cadeiras de bunho) esparto, palma, crina, cabello, etc.
XI. Bordados brancos e de côr, em linho, algodão, lã, seda, a fio de prata e ouro, etc. Rendas de bilro em linho, algodão, seda, prata e ouro; rendas de malheiro, etc.
XII. Arte de cortar e talhar. Modelos e padrões para o vestuario.
XIII. Cartonagens.
XIV. Fructas confeitadas e ornamentadas (em bocetas).
XV. Trages e costumes portuguezes (figuras vestidas).

SEGUNDA SECÇÃO

A escóla portugueza

(Curso normal segundo as leis de maio de 1878 e junho de 1880) [1]

Primeiro anno do curso normal

Introducção.—*Material:*—Agulhas, alfinetes, dedal, tesouras, almofadas, lanceta de casear, furador, agulhas de meia, linhas (de algodão e linho), retroz, etc.

Machinas de costura e sua escolha—quaes são as melhores—inconvenientes que pódem resultar do uso immoderado de trabalhar á machina.

[1] Transcrevendo este programma official, a Sociedade não toma a inteira responsabilidade d'elle, sobretudo na parte relativa á coordenação das materias, e á sua ordem, no ensino.

Aspecto dos tecidos:—Aspecto longitudinal, transversal, ao viez (tanto no que respeita á urdidura como ao tecido).—Tecidos felpudos ou aveludados, adamascados e estampados.

Direito e avesso dos tecidos—tecidos sem avesso.

PONTOS DE COSTURA—ESPECIES D'ESTA.—*a*) *Pontos diversos:*—Ponto adiante, ponto atraz, ponto de cerzidura, ponto de luva ou por cima, dito enviesado, ponto de bainha, ponto inglez (dobrado e de chulear), pesponto, ponto de cadeia, ponto de arenque, ponto furtado (em vestidos e roupa branca), ponto de recorte, ponto de casear, ponto furtado completo, ponto de marca, ponto cruzado, ponto enlaçado, etc.

b) *Costuras diversas:*—Cerzidura ordinaria, bainha de ponto adiante, a ponto de bainha, bainha redonda, bainha ingleza da esquerda e da direita, bainha a pesponto (bainha pespontada), franzir, perfilhar, casear, fazer ilhós, debruar, repassar, costura mixta, de ponto adiante e atraz, sobrecosida, com duas cerziduras, fazer prégas, cerzidura de alfaiate para concertar panno.

Bainhas a ponto cruzado, de cerzidura—pregar botões, fitas, colchetes e fivellas metallicas.

TECIDOS.—De malha, meia—suas especies e execução.

FAZER MEIA.—Meias de malhas ás avessas, voltadas e de revesilho—meias de riscas.

CONCERTOS DIVERSOS.—Concerto das meias á mão—palmilhar, remendar, encabeçar, descer e acrescentar as meias.

Especies de concertos:—Passagens ordinarias, com pedaços ajustados, a ponto de luva, a ponto de renda, passagens perdidas, etc.

MARCAR.—Qualidades diversas.

TALHAR.—Estudo dos pontos essenciaes e auxiliares do córte—preparação dos quadrados e dos rectangulos de papel para cortar nos diversos sentidos.

a) *Córte rectilineo:*—cortar pequenas tiras rectangulares em comprimento, largura, ao viez, não os separando inteiramente para rectificação do córte—cortar os dois lados maiores do rectangulo em grandes recortes dentados (linhas quebradas).

b) *Córte curvilineo:*—cortar os dois lados maiores dos rectangulos em linhas sinuosas, em grandes recortes e em grandes cavas—arredondar os angulos de um quadrado para o transformar em circulo.

c) *Córte recto-curvilineo:*—estudo do traçado dos padrões

escolhidos para estes exercicios — inscrever a figura em um rectangulo e cortal-a.

d) Desenhar primeiramente em ponto reduzido e ir augmentando, gradualmente, os moldes de todos os objectos de roupa de ambos os sexos, que se possam prestar ao córte, á vista dos respectivos exemplares, que para esse fim devem existir na escola normal.

Pratica. — Applicação dos exercicios precedentes á execução de varios objectos de uso ordinario e familiar.

Segundo anno do curso normal

Revisão das materias dadas no primeiro anno, com frequentes exercicios praticos:

Talhar. — Livro para assentar as medidas — maneira de adaptar o molde aos differentes corpos — medidas que se devem tirar para as necessarias modificações — maneira de collocar os moldes de corpete justo e de um corpete com abas.

Tirar moldes.

Uso do manequim.

Córte de objectos de roupa branca. — Córte de roupa branca para creança — colletinho de fórma ordinaria — colletinho de uma só peça — touca de dormir composta de tres peças.

Exercicios especiaes e praticos — execução de pregas de enfeite e duas bainhas para os dois lados — abertos para calças de creanças.

Costura de duas bainhas para a abertura da frente de uma camisa de mulher e de menina.

Execução de umas calças, de uma camisa de creança e de uma camisa de dormir para mulher.

Córte em geral. — Regras e preceitos fundamentaes — tirar uma collecção de padrões — corte de objectos de roupa branca, tanto para homem como para mulher.

Camisas de uma e de duas nesgas, tanto para homem como para mulher — já cortadas pela metade do corpo da camisa, já em todo o seu comprimento — camisas de linho — camisas de dois pannos simples — de dois pannos dobrados e entrecortados.

Calças, vestidos, etc., para senhora.

Calças, colletes, ceroulas, jaquetas e casacos para homem.

Pratica. — Cortar e fazer lençóes, fronhas de travesseiros, toalhas de mesa, guardanapos, aventaes de cozinha.

Cortar e fazer camisas de homem, de mulher, camisolas, etc.

Cortar e fazer vestidos de mulher e roupa de homem.

Bordados. — *a) Bordado de branco* — Com ponto real, liso, inglez, ao alto, de cadeia, de esteira, de nós, de passagem, abertos e arrendados.

b) Bordado a cordão. — Ilhós e borbotos — pontos de segurança, turcos, de escada, etc.

c) Bordado de crochet. — Liso e em relevo — estofos em que se executa.

d) Bordado a trança. — Como se executa.

e) Bordado de seda a matiz. — Como se executa.

f) Bordado de lentejoula. — Como se executa.

Rendas. — Especies diversas que se podem executar.

Terceiro anno do curso normal

Aperfeiçoamento das materias aprendidas nos dois primeiros annos e exercicios praticos na escola annexa e na normal.

Desenho de ornato applicado aos lavores proprios do sexo feminino

Primeiro anno do curso normal

Desenho de exemplares faceis, que representem os variados ornatos com que se costumam adornar os vestidos, camisas e quaesquer peças de fato de ambos os sexos, e ainda outros objectos.

Estes exercicios serão feitos primeiramente nas lousas e depois em papel ou cartão.

Segundo anno do curso normal

Continuação dos exercicios do primeiro anno, não só nas lousas, quadro preto, papel ou cartão, mas ainda nas diversas especies de tecidos em que téem de ser executados, e no vidro.

Terceiro anno do curso normal

Direcção de classes, tanto na escola annexa, como das alumnas da escola normal.

Aperfeiçoamento progressivo dos desenhos já executados, e invenção de outros que possam ser uteis e vantajosos na pratica.

Porto, e Sala da Sociedade de Instrucção, 26 de Dezembro de 1882.

LISTA DOS SOCIOS
DA
SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO[1]

SOCIOS FUNDADORES

1880. Isaac Newton
William C. Tait
Alfred Tait
José Pereira da Cunha e Silva
Augusto Luso da Silva
Dr. Eduardo Augusto Allen
Joaquim de Vasconcellos
José Baptista Vieira da Cruz
Visconde de Villar d'Allen
Alfredo Jordão
José Joaquim Rodrigues de Freitas
Dr. G. H. Brandt
Dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio
Dr. Vicente Urbino de Freitas
Manoel de Albuquerque
Dr. Tito Jorge de Carvalho Malta
Dr. Pedro Augusto Dias
Joaquim Antonio Gonçalves
Joaquim Casimiro Barbosa
George H. Delaforce
Joaquim d'Azevedo Albuquerque
Joaquim Duarte Moreira de Souza
Dr. Eduardo Pereira Pimenta
Conde da Silva Monteiro
Diogo de Macedo
Dr. Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão
Dr. A. J. Ferreira da Silva
George H. Sellers
Roberto Wengrovius
Adolpho Leuschner
Edwin J. Johnston
Alberto Kendall
Charles Coverley
Roger Coverley

---

1 Esta lista substitue as anteriores, Vol. I pag. 44 e Vol. II pag. 32.

1880. Frank C. Rawes
Alberto Rebello Valente Allen
Wilson M. Rawes
José Maria d'Almeida Outeiro
Conselheiro Dr. Arnaldo Braga
Carlos Lopes
Visconde de Moser
Henrique Carlos de Meirelles Kendall
Dr. Antonio Ribeiro da Costa e Almeida
Henrique Rumsey
Manoel Vieira de Andrade
José Teixeira da Silva Braga Junior
Dr. José Carlos Lopes
Conselheiro José Guilherme Pacheco
José Taveira de Carvalho
Conselheiro José da Silva Monteiro
Antonio Maria Kopke de Carvalho
Dr. Alexandre Braga
Conselheiro Manoel Maria da Costa Leite
Henrique A. Pereira da Silva
Eduardo Amsinck Allen
Dr. Arnaldo Amandio Pereira de Faria
A. de la Rocque
Antonio José Duarte Guimarães
Visconde de Alves Machado
Francisco Augusto Vaz Cerquinho
Diogo Gentil Gomes da Silva
Antonio Carneiro de Azevedo
Dr. Francisco de Paula Albano da Silveira Pinto
José Gomes da Silva
Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro
Joaquim Teixeira de Macedo
Dr. Pedro Augusto Ferreira
Dr. Henrique Carlos de Miranda
Dr. Antonio Joaquim de Moraes Caldas
Ernesto Chardron
Conselheiro Dr. Manoel Paulino d'Oliveira
Barão da Roeda
José Pedro da Costa
Jeronymo Monteiro da Costa
Luiz Augusto Guerreiro Lima
Manoel Pereira da Costa Basto
Manoel Custodio Gomes

1880. Dr. Adolpho Soares Cardoso
Bernardo V. Moreira de Sá
Apolino da Costa Reis.
Tito de Noronha
George D. Tait
Dr. Pedro Roxa
Augusto Alberto da Silva Ferreira
Antonio Vieira de Tovar Magalhães
J. E. von Hafe
José Maria Charters Henriques d'Azevedo
Dr. Leonardo Torres
Augusto Kopke Severim de Souza
Carlos Augusto Paes
Fernando M. Kopke
Francisco Affonso da Silva
Eduardo Sequeira
Luiz de Souza Gomes e Silva
Antonio Domingos Canedo
Antonio José Gonçalves Porto
Dr. Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo
Joaquim Baptista de Lemos
Antonio Bernardo de Brito e Cunha
José Augusto da Silva
Numa Jorge de Carvalho Malta
William Katzenstein
Manoel Rodrigues Miranda Junior
Antonio Velloso da Cruz
Dr. Antonio Augusto de Mello
Joaquim Lourenço Alves
Dr. Tito Fontes
Rev.º Francisco José Patricio
Patricio Theodoro Alvares Ferreira
Augusto Pinto Moreira da Costa
A. M. da Costa Maia e Silva Junior
Dr. José Antonio de Anciães Proença
Dr. Manoel de Jesus Antunes Lemos
Conde de Samodães
Henrique Freire
D. Eduardo Blanco y Cruz
Julio Moreira
Eduardo Augusto da Costa Moraes
João José Rodrigues Seara Felgueiras
Antonio da Luz Rebello Valente
1880. Dr. José Barbosa Leão

1880. Antonio Moreira Cabral
Commendador Antonio da Rocha Miranda e Silva
Eduardo Augusto Falcão
José Mauricio Rebello Valente
Commendador Thomaz Joaquim da Silva
Marcus Archer
1881. Clemente Menéres
Dr. Agostinho Antonio do Souto
Rodrigo de Mello e Castro Aboim
Antonio Luiz Teixeira Machado
Dr. Henrique A. da Silva Maia
Dr. João Carlos Freire Themudo Rangel
Dr. Antonio Maria Esteves Mendes Correia
Dr. Antonio Joaquim dos Reis Castro Portugal
Manoel José Felgueiras
Manoel Ribeiro Fernandes Forbes
Antonio Bernardo Ferreira
Dr. Joaquim José Ferreira
Dr. Joaquim Urbano da Costa Ribeiro
Gustavo Cudell
Dr. Maximiano de Lemos
Dr. A. Placido da Costa
Francisco de Faro Oliveira
Dr. Wenceslau de Lima
Dr. José Rodrigues Leal de Faria
Theophilo Leal de Faria
1882. Jacob Bensabat
Visconde de Barreiros
Guilherme Clavel
José de Macedo Araujo Junior
Dr. Florido Telles de Menezes de Vasconcellos
Candido Emilio Cabral

SOCIOS EFFECTIVOS

1881. Dr. José Augusto Correia de Barros
João Stuart da Fonseca Torrie
Augusto Gustavo d'Almeida
D. Fernando de Bonilla y Boville
João Gonçalo Pacheco Pereira
John S. Johnson
Dr. Illidio Ayres Pereira do Valle
Arthur Augusto de Albuquerque Seabra
Dr. Ricardo de Almeida Jorge
Dr. Julio de Mattos

1881. Miguel Augusto Belleza d'Andrade
Domingos A. de Souza
Frederico A. de Vasconcellos Pereira Cabral
Marciano do Carmo Azuaga
Antonio Luiz Soares Duarte
Alvaro de Castro Neves
D. Felix Fernandes Torres
1882. Emilio Augusto Dias
Carlos Dubini
Dr. Antonio Victorino da Motta
José de Castro
Ricardo Pinto da Costa
Dr. Albano Pinto de Mesquita Carvalho e Gama
José Augusto Pinto da Cunha Saavedra
Dr. Tiberio Augusto Mendes Maia
João de Souza Machado
Antonio Correia de Magalhães Ribeiro
Nuno Alexandre de Carvalho
Dr. João Nepomuceno Rebello Valente
Dr. Antonio Maria de Senna
Bento de Sousa Carqueja
Francisco Xavier Esteves
Alexandre José Sarsfield
Augusto Julio Bandeira de Neiva
José Alves Bonifacio
Antonio Nicolau d'Almeida
Antonio José Lopes Antunes
Diniz Theodoro de Oliveira
José Leite de Vasconcellos
Dr. Licinio Pinto Leite
Rev.º Dr. Domingos de Sousa Moreira Freire
João Lopes dos Rios
Dr. Antonio M. d'Araujo Leite
Antonio José da Silva Machado
Casimiro Palha
José Guilherme de Parada e Silva Leitão
Fernando Fricke
Dr. Agostinho da Rocha e Castro
Dr. Manoel Marques de Lima Figueiredo
Dr. Manoel Rodrigues da Silva Pinto
Alfredo Augusto de Barros
José Nicolau Raposo Botelho
Joaquim Manoel Teixeira Marinho
Conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado

1882. Dr. José Diogo Arroyo
Dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto
Dr. Antonio Velloso d'Araujo
Francisco de Castro Monteiro
José Marques Loureiro
Manoel Pinto Peixoto Portella de Vasconcellos
Dr. José Caetano Preto Pacheco
Albano Cordeiro Cascão
D. Eusebio de Bonilla Martel
Constantino Joaquim Paes
Isidoro Antonio Ferreira
Arnaldo José de Castilho
Dr. Antonio Ayres de Gouvêa.
Guilherme de La Rocque
Frederico da Camara Leme
Rev.º J. S. Neves
Leopoldo Mourão
Dr. Joaquim Mario de Castro
Francisco José Ribeiro Porto
José Ferreira Guimarães Junior
Augusto Ernesto Carneiro
Dr. Miguel Maria Guimarães Pestana da Silva
José Victorino Torrie
Dr. Antonio Lucio Tavares Crespo
Alexandre José Vieira Brandão
José Antonio Pereira Duarte
João Camillo de Castro Junior
Antonio José da Costa Basto
Antonio Simões Lopes
D. Ellen Jones
João Evangelista da Silva Mattos
Francisco Coelho de Mattos Fragoso
Antonio José Carneiro e Silva
Anthero Ferreira d'Araujo e Silva
Rev.º Francisco Maria Henriques da Silva Pereira
Dr. Boaventura da Fonseca e Sousa de Viterbo
Carlos Brandão
Roberto Reid
Bento Rodrigues d'Oliveira
Delfim de Lima
Dr. José Gonçalves Barbosa de Castro
João Eduardo de Brito e Cunha
Fortunato Antonio Mendes d'Almeida
Fernando Maia

1882. José Arnaldo Nogueira Molarinho
Germano Courrége
Justino Moniz
Manoel Amandio Gonçalves
Augusto Teixeira da Silva Barroso
Cyriaco de Cardoso
Thomaz Joaquim Dias
Joaquim de Sousa Guimarães
João Gualberto Povoas
Francisco Bernardo Braga Junior
Justino Marques d'Oliveira
Antonio Padua da Silva
João Caetano de Lemos
Visconde de Villarinho de S. Romão
Dr. Antonio Ignacio de Sousa
Rev.º Antonio de Magalhães Campello
Agostinho Ribeiro Gonçalves Basto
Dr. Eugenio Augusto Perdigão
Dr. Antonio Ferreira Augusto Junior
Dr. Adolpho Pimentel
Antonio José Fernando Coelho
Rev.º Ascenço de Magalhães Fonseca
Antonio Xavier Lourenço da Costa
José Maria Alves Tórgo Junior
Antonio Tiburcio Pinto Carneiro de Vasconcellos
Eduardo Augusto dos Santos Junior
José Correia Pinto da Fonseca
Dr. Antonio Ribeiro Fernandes Forbes
Antonio de Almeida Costa
Antonio Joaquim Rodrigues Portella
José Joaquim Teixeira Lopes
Manoel da Terra Pereira Vianna
Conde de Castro
Jacintho Pereira Valverde de Miranda Vasconcellos
Guilherme Monteiro Rebello
Manoel Maria Rodrigues
Gabriel Antunes de Carvalho
Antonio Sequeira Ferraz
Emilio de Azevedo Campos
Eduardo da Cunha Rego
Rev.º José Maria de Sant'Anna e Silva
Albino Coutinho da Silva Moraes
Antonio d'Albuquerque Amaral Cardoso
Joaquim Ribeiro de Freitas

1882. José David de Azevedo Barros
Joaquim da Costa Carregal
Ernesto da Costa Pinto Bastos
Joaquim Baptista da Silva Guerra
Dr. João Vieira Pinto
Joaquim d'Almeida Costa
Julio Cardoso
Eduardo José Alves
Carlos José Alves
José Gregorio Baudouin
Manoel Leite Pereira
Duarte Ferreira Pinto Basto
Antonio José da Silva
João da Rocha Sousa e Lima
Antonio Bernardo Soares
Candido Augusto de Sá Castro
Angelo da Silva Macedo
Manoel Alves Ferreira Pinto
Conde da Silva (D. Francisco)
Dr. Caetano d'Andrade e Albuquerque
Francisco Cesar Supico
Augusto Cesar Supico
Dr. Ernesto do Canto
Henrique T. Murat
Guilherme Afflalo
Dr. Bernardino Machado
J. A. Marques Gomes
Affonso Henriques da Silva Moreira
Dr. Adriano Theodoro de Figueiredo Malheiro
Eduardo Augusto Paes Villasboas
José Mendes Leite
José Crispiniano Junior
Abilio de Jesus d'Anciães Proença
Alvaro Smith de Vasconcellos
Augusto Pereira Nobre
Miguel Gonçalves Pereira Dantas
Albino Coutinho Junior
José Antonio Guimarães Junior
Dr. José Pereira da Costa Cardoso
Sebastião do Canto e Castro
Bernardo do Canto e Castro
Manoel Euzebio de Souza

(*Continúa.*)

3.º ANNO | 1 DE FEVEREIRO DE 1883 | N.º 2

CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

(Continuação, v. pag. 12)

No anno 1742 pouco mais ou menos, S. Magestade Imperial a Rainha de Hungria, ou por lembrarse do projecto do Duque de Lorena assima referido, ou pela sua alta intelligencia, instituio em Viena de Austria o Collegio Thereziano para o mesmo fim, mas mui poucos apováraõ a Escola dos Jesuitas por Mestres, e que se admitissem nelle Pensionarios; e por esta cauza, ou pela pouca disposiçaõ, naõ se tem visto atégora daquelle magnifico instituto aquella utilidade que se esperava.

No anno 1751 se estabeleceo em Paris a Escola Real Militar: a sua instituiçaõ he para educarse nella quinhentos Gentis homens a custa Real; os Militares saõ os Mestres para ensinar a arte da guerra, e os seculares Homens de Lettras as artes e as sciencias: mas como na *Encyclopedia* impressa em Paris, se acha huma exacta descripção desta famosa Escola no articulo *Ecole Militaire*, *tome cinquième*, naõ necessito entrar aqui em mayor explicação; e só farei algumas observaçoens sobre o que se podia imitar de louvavel em Portugal desta instituição.

Em Dinamarca, em Suecia e em Prussia, se instituraõ e conservaõ Escolas Militares Semelhantes, instituidas depois de poucos annos; e não fallo da Escola Real de Madrid, porque parece que a sua destinaçaõ naõ he para que os seos Estudantes *sirvaõ* o Estado.

Parece que Portugal está hoje quazi obrigado, naõ só a fundar huma Escola Militar, mas de preferila a todos os estabelecimentos litterarios, que sustenta com taõ excessivos gastos. O que se ensina e tem ensinado atégora nelles, he para chegar a ser Sacerdote e Jurisconsulto; e como já vimos assima, naõ tem a Nobreza ensino algum para servir a sua patria, em tempos de paz nem da guerra. Proporei aqui o que achar mais necessario, para establecer esta Escola; e no cazo que seja acceite o meu trabalho e o dezejo da execução, supprirei as omissoens, que de proposito cometo por naõ ser porlixo, com a mayor exactidaõ, se me for ordenado.

§

Propoemse huma Escola Real Portugueza, para ser nella educada a Nobreza e a Fidalguia.

ECONOMIA INTERIOR.

Quando se comprehender o intento com que se propoem esta Escola, poderá ser que se louve a sorte da economia interior que ha de servir para conseguilo. He educar subditos amantes da Patria, obedientes ás Leis, e ao seu Rey; intelligentes para mandar, e virtuozos para serem uteis a si, e a todos com quem devem tratar.

Será facil conceber a quem estiver inteyrado deste intento, que esta Escola Real deve ficar affastada tanto da Corte, que nem Estudantes nem os Mestres estejaõ distrahidos pellas visitas dos parentes e amigos, e muito menos pellos divertimentos de huma capital. Seria facil acharse edificio já feito, ou dois ou tres edificios, juntos, reparados, e concertados para se estabelecer esta escola; deyxando para melhor occasiaõ fazer hum aproposito, ou occupar algum que prezentar o acazo.

1.º Que naõ habitaria dentro d'este edificio Governador, Mestre, ou outro qualquer empregado no serviço desta Escola, sem *ser cazado.*

2.º Que naõ seria permitido a nenhum estudante ter criado em particular.

3.º Que para o serviço dos mesmos Estudantes, quer dizer, barrer os seos quartos, alimpallos, fazerlhe a cama, e outros serviços domesticos, haveria huma molher de idade de cincoenta annos para diante, destinada a servir a cada cinco, de tal modo que nenhum destes Educandos se considerasse que tinha criado ou criada em particular. [1]

---

[1] Bem se pode considerar a necessidade da observancia destas disposiçoens. Evitar os crimes que saõ contra a Religiaõ, e que pelas nossas Ordenaçoens saõ castigados, he da obrigaçaõ do Legislador: mas neste cazo, sendo el Rey o Pay desta Educaçaõ da Nobreza, deve haver entaõ mais effectiva providencia; todos entendem esta materia e os males que resultaõ da dissoluçaõ da Mocidade; permitte a Disciplina Ecclesiastica aos Parrhocos terem amas de cincoenta annos em suas cazas; e podia a Escola Militar imitar esta instituiçaõ: no livro I, tit 94 das Orden. *Sam obrigados os que tem officio de julgar e de escrever serem cazados;* e quanto mais seraõ obrigados os que haõ de governar e ensinar a Mocidade?

4.º Todos os quartos, salas, Camaras, tanto do Governador, Officiais, Mestres, como dos educandos, seriaõ adornados da mesma sorte de alfayas sem distincção de pessoa [1], e todas ellas deviaõ ser feitas no Reyno.

5.º Tudo o que servisse de alimento e de bebida nesta Escola Real devia ser produçaõ do Reyno, e dos dominios de S. Majestade, como taõbem tudo aquillo que vestissem, calçassem; ainda mesmo as espingardas, espadas, bandoleyras, e tudo que servisse no manejo, e na cuzinha. [2]

6.º Como estes educandos haviaõ de estar alistados em companhias cada huã de *vinte, ou vinte e quatro,* governadas pella disciplina militar, ja se ve que devem vestirse com uniformes; e do mesmo modo os Officiais, e Inspectores, cada qual com distinçaõ do seu gráo. [3]

7.º Todos estes educandos deviaõ comer em communidade, e naõ serlhe permitido nenhuma sorte de alimento no seu quarto. [4]

8.º De sol nacido até sol posto, sempre haverá huma companhia de educandos de Guarda: seraõ os que estaraõ de sintinella dentro do edificio nos lugares que o Commandante achar aproposito. E como para a guarda de todo o edificio deve haver huma companhia de Soldados tirada do regimento da guarniçaõ mais chegada, estes seraõ os que estaraõ de sintinella ás portas de entrada e sahida dia e noyte.

9.º A nenhum destes educandos seria permitido entrar no quarto ou camara dos seos collegas; nem dos Officiais de guerra, Mestres, ou Officiais de economia sub pena de rigoroza prizão.

10.º Ao tenente del Rey, ou Commandante d'esta Es-

---

[1] No intento que aprendaõ os Educandos a viver com o necessario, e naõ haver distinçaõ nesta materia naquella Escola, e taõbem para que aprendaõ amar a sua patria, e naõ ficarem desde meninisse imbebidos que tudo que naõ he estrangeyro, he mao e mal feito.

[2] Era huma Ley dos antigos Reys da Persia e do Egypto. Só deste modo mostra hum patriota que ama sua patria, e que faz estimaçaõ della; quem assim naõ for educado nem saberá o que he o bem commum, nem as obrigaçoens com que naceo. Estes dois articulos se observaõ a risca na Escola Militar de Paris.

[3] No collegio Thereziano de Vienna cada educando se veste como quer: a distinçaõ entre os mesmos Socios, todos filhos adoptivos do Estado faz perder o objecto da instituiçaõ.

[4] E' para exercitar a ley deste Instituto, «Que ninguem ha de viver por sua vontade, mas conforme á Ley».

cola Real, Intendente Director dos Estudos, Officiais de Guerra, e Mestres, e outros Officiais economicos lhes seria dada a cada hum sua particular instruçaõ para exercitarem o seu cargo.

11.° Naõ seria permitido aos Mestres, nem aos Officiais de Guerra castigar com castigo corporal: só poderiaõ mandar prender; e dar por escrito a falta, ou culpa do educando ao Conselho economico da Escola, que se teria huma, ou duas vezes por semana, no qual se determinaria o castigo. O Mayor que sente a Nobreza hé a *deshonra:* o ser condenado a naõ frequentar as classes: o estar de pé em parada sem espada, e sem espingarda á vista dos Mestres e de seos iguais, serviria da mais efficas correçaõ. [1] Vejase a dita Encyclopedia tom. v, no lugar citado assima.

§

Em que idade deviam entrar os Educandos na Escola Real Militar?

Se os educandos entrassem nesta Escola na unica intençaõ de sahirem instruidos nas lingoas e nas sciencias, nenhum deveria entrar antes da idade de *doze,* ou *quatorze* annos. Mas o intento principal he que seu animo saya destas escolas tõbem informado na virtude, no amor da Patria, e na obediencia ás Leis; que pella imitação da boa companhia, e pella practica das boas acçoens, fiquem instruidos nestas taõ importantes obrigaçoens: pelo que bem poderaõ entrar os educandos desde a idade de *oito* ou *nove* annos, e se fosse possivel ainda mais cedo pellas razoens seguintes.

Tanto que as riquezas da Affrica e do Oriente entraraõ em Portugal, logo começou a mostrarse o luxo nos vestidos, comidas, e mais commodidades estrangeiras; começou a esfriarse o amor das familias, e por ultimo da Patria. El Rey Dom João o Terceyro, foi o ultimo Rei que foi criado com ama Nobre; e ja seos Filhos, nem seu Neto el Rey D. Sebastiaõ, tiveraõ amas mais que da classe plebea: indicio certo que as Senhoras naõ criavaõ ja seos filhos, como nos tempos anterio-

[1] O castigo que daõ os quatro Collegios Mayores de Salamanca aos Noviços (que todos são Nobres) he ordenarlhes que fiquem de pé arrimados aos lados das portas dos Claustros, e ás vezes por hum dia enteyro, a vista de todos os que entraõ e sayem; e por experiencia se sabe que tem produzido este castigo admiraveis mudanças nos costumes.

res. Introduziose este destruitvo costume da raça humana, do amor filial e dos bons costumes; e a pezar de tanto sermaõ, missoens, e practicás espirituais, nenhuma Senhora quer sacrificar a sua formozura á criaçaõ de seos filhos, que hão de ser a cauza da felicidade, ou dos infortunios do resto da sua vida. Seria loucura persuadir o que ninguem quer abraçar. [1]

§

Consequencias por nam criarem as Mays seos filhos.

Tem para si estas Mays, que naõ criaõ, que conservaraõ por mais tempo a formuzura, e que dilataraõ a vida com mais vigor e forças, e que perderiaõ a sua boa constituiçaõ criando por dezoito mezes ou dois annos. Mas he engano manifesto; e o contrario se sabe pela experiencia, e pela boa Physica.

A molher que pario, e que naõ cria o seo parto, em pouco tempo vem a conceber de novo: a prenhés de nove mezes he huma enfermidade, que enfraquece mais o corpo do que criar aos peitos por anno e meyo: e como concebem antes que as partes da geraçaõ adquirissem pelo repouzo a sua natural consistencia, succede que estas Senhoras abortaõ mais frequentemente: enfermidade taõ consideravel, que muitas ou perdem a vida, ou ficaõ achacadas, perdendo em poucos annos o idolo da sua belleza, ficando frustradas do seu intento, e expostas a viverem por toda a vida a mil desgostos e pezares. A molher que cria o seu parto fortifica o seu corpo; porque a natureza inclinandose a lançar para os peitos muita parte dos alimentos, nesse mesmo tempo as partes da geraçaõ se alimpaõ dos humores que estiveraõ detidos por nove mezes, e alimpandosse cada dia adquirem o seu vigor natural; e deste modo a molher que cria o seu parto, e que o sustenta só com o seu leite por hum anno, naõ concebe, que difficilmente; se concebem de antes, he por que naõ daõ leite na quantidade necessaria, temendo estas Mays e Amas enfraquecerse, o que he engano manifesto.

Este o mal que cauza ás Mays naõ criarem seos filhos. vejamos agora os danos a que estaõ expostos os partos viventes e ainda os mais vivazes. A molher que concebeo dentro do

---

1 ..... Et quæ Desperat tractata nitescere posse, relinquit.
Horat. de *Art. Poet.* v. 150.

anno em que pario, naõ deu tempo para que as partes da geração adquirissem aquelle vigor natural, que lhe he natural: a prole concebida naõ terá tanto espaço para se estender; ficará mais fraco, porque o lugar onde vai crescendo está relaxado, e fatigado pela prenhés, e parto antecedente: daqui he que sahirá á luz com menos vigor e com menos esforço para crescer. E será esta a causa que nos nossos seculos a especie humana he mais piquena e mais fraca, que nos seculos anteriores? pelo menos parece ser huma cauza desta pequenhés.

Atégora os danos que sofrem as Mais e os seos partos no corpo; mas os mais consideraveis e lamentaveis saõ aquelles que se imprimem no animo das crianças criadas por amas. Se foramos nacidos para viver nos dezertos da Affrica, ou nos bosques da America, pouco importava que as amas imprimissem no nosso animo aquellas ideas de terror, de feitiços, de feiticeyras, de dunendes, de crueldade, e de vingança; mas somos nacidos em sociedade civil, e christã; aquellas ideas que nos daõ as amas saõ destrutivas de tudo o que devemos crer, e obrar: ficaõ aquellas crianças expostas ao ensino de molheres ignorantes, superstiziozas; saõ os primeyros Mestres da lingoa, dos dezejos, dos apetites, e das payxoens depravadas. Chegou o menino a fallar, ja esta cercado de duas ou tres molheres, mais ignorantes mais superstiziozas, do que a ama; por que estas saõ mais velhas, e sabem mais destruir aquella primeira intelligencia do menino; chega a idade de caminhar, ja tem seu mocinho, ordinariamente escravo, e como foraõ pelas Mays criados por taes amas, e velhas, saõ os terceyros Mestres até a idade de seis ou sete annos: e se o máo exemplo do Pay e da May póem o sello a esta educaçaõ fica o menino embebido nestes detestaveis principios, que mui difficilmente os milhores Mestres podem arrancar aquelles vicios pelo discurso da idade pueril.

Será impossivel introduzirse a boa educaçaõ na Fidalguia Portugueza em quanto naõ houver hum Collegio, ou Recolhimento, quero dizer huma Escola com clauzura para se educarem ali as meninas Fidalgas desde a mais tenra idade; porque por ultimo as Maens, e o sexo femenino saõ os primeyros Mestres do nosso; todas as primeyras ideas que temos, provem da criaçaõ que temos das mays, amas, e ayas; e se estas forem bem educadas nos conhecimentos da veruadeyra Religiaõ, da vida civil, e das nossas obrigaçoens, reduzindo todo o ensino destas meninas Fidalgas á Geographia, á Historia sagrada e profana, e ao trabalho de maõs senhoril, que se emprega no risco,

no bordar, pintar, e estofar, naõ perderiaõ tanto tempo em ler novellas amorozas, versos, que nem todos saõ sagrados: e em outros passatempos, onde o animo naõ só se dissipa, mas ás vezes se corrompe; mas o peyor desta vida assi empregada he que se communica aos filhos, aos irmaõs, e aos maridos. Daqui vem, que sendo na mesma Naçaõ, da mesma familia, e da mesma caza, estaõ introduzidas duas sortes de lingoa, ou modos de fallar: a conversaçaõ que se deve ter com as senhoras, não ha de ser sobre materia grave, séria; estas conversaçoens judiciosas ficaõ reservadas para algum velho, ou para algum notado de extravagante: e assim succede que ficaõ as Senhoras por toda a vida (ordinariamente) meninas no modo de pensar; e com taõ miseraveis principios vem ellas, as suas amas, as suas ayas, e donas, a serem os Mestres daquelles destinados a servir os Reis.

Naõ me acuze V. Illustrissima, que sahi fora do intento que lhe prometi. Achei que tratar da educaçaõ que deviaõ ter meninas Nobres e Fidalgas merecia a mayor attençaõ porque por ultimo vem a ser os primeyros Mestres de seos filhos, irmaõns e maridos. V. Illustrissima sabe muito melhor do que eu aquelles monumentos que temos na Historia Romana, e taõbem na nossa, de tantas Mays que por criarem e ensinarem seos filhos foraõ os que salvaraõ a Patria, e a illustraraõ: houve em Roma muitas Cornelias, como em Portugal muitas Phelipas de Vilhena. Mas naquelle tempo ainda o luxo ou a dissoluçaõ naõ se tinha apoderado do animo Portugues, porque as riquezas naõ eraõ taõ apetecidas. A connexaõ que tem a educaçaõ da Mocidade Nobre que prometi a V. Illustrissima, me obriga a ponderar, se não seria mais util para a conservaçaõ e augmento da Religiaõ Catholica, transformarse tantos Conventos de Freyras e das Ordens, principalmente Militares sem exercicio algum da sua destinaçaõ, nestes establecimentos que proponho, tanto para a Mocidade Nobre Masculina, como Feminina? Com o exemplo das educandas, ou *Filles de Saint Cyr*, fundaçaõ perto de Versailles, e com o da Escola Real Militar, se poderiaõ fundar no Reyno outros ainda mais ventajozos, para a mesma Nobreza, e para conservaçaõ e augmento da Religiaõ e do Reyno. Mas espero ainda ver nos meos dias establecimentos semelhantes em tudo, ou em parte, que satisfaçaõ todo o meu dezejo.

§

Dos Mestres da Escola Real Militar, para a Arte da Guerra e das Sciencias.

Ainda que na *Encyclopedia* citada, no articulo *Escola Militar* se contem o que devem aprender os Educandos da Escola Militar, julguei aproposito aplicar o que contem de util á Escola proposta em Portugal; sendo essa a razão, que me move a notar o que se deve seguir ou evitar, deyxando para os que a dirigirem entrar nas particularidades do ensino, que só com a experiencia e com o tempo se pode fixar huma Ley constante e universal; bem entendido que subsistaõ as mesmas circumstancias.

O primeyro e quotidiano ensino desta Escola deve ser a *Religião*, para comprirmos a obrigaçaõ de Christaõ: esta Escola devia considerarse como huma Parrochia debayxo da Jurisdiçaõ immediata do Ordinario que presentaria o Parrhoco e hum ou dois Vigarios, naõ só para administrar os Sacramentos, mas para instruir nos Domingos e dias de Festa na Religiaõ: mas sem Novenas, Irmandades, Confrarias, e outras Instituiçoens, que naõ saõ essenciais á Religiaõ Catholica: este mesmo Parrhoco e Vigarios, ja se sabe que inculcaraõ naõ só o que saõ obrigados a ensinar, mas a serem os milhores Subditos, porque saõ os mais bem premiados do Estado.

A segunda sorte de Mestres, seriaõ os Militares e todos aquelles que ensinariaõ os exercicios corporais, para fortificar o corpo, fazelo agil e endurecido ao trabalho e á fadiga que requer a guerra. He necessario considerarse em Portugal se acharaõ Officiais Militares, que ensinem o manejo *das armas*, as *Evoluçoens* e a *Tactica:* he necessario ponderar qual sorte de Officiais devem ser preferidos para ensinar nesta Escola, se os Estrangeyros, se os Nacionais?

Parece que o fim e o principal objecto desta Escola deve ser, «Que a Nobreza e a Fidalguia fique taõbem instruida, e taõbem morigeradas que obedeçaõ ás Leis Patrias, á subordinaçaõ dos Mayores, e que percaõ aquella idea que devem ser premiados por descenderem de tal ou tal caza: e que fiquem no habito de pensarem, que só pelo seu merecimento chegaraõ aos postos e ás honras a que aspira a sua educaçaõ».

Se este for o intento de sua Magestade, ficará facil decidir que devem ser preferidos os Officiais Militares Estrangeyros

aos Nacionais: o Official Portuguez, que ensinar ou instruir na sua obrigaçaõ hum Menino Fidalgo, sempre lhe mostrará huma distinçaõ ou sumissaõ, e não se atreverá a executar com elle, o que pede a disciplina Militar: esta he e deve ser cega para mandar a Nobreza, ainda da mayor esphera: e deste modo parece que só os Officiais Militares Estrangeyros podiaõ cabalmente satisfazer esta taõ essencial parte do ensino que se pretende.

Seis até oito Officiais Mayores, como, por exemplo, hum Mayor, hum Vice-Mayor, tres ou quatro capitaens, e outros tantos Tenentes Estrangeyros seriaõ bastantes; porque o Commandante, ou Tenente del Rey, a cujo cargo estaria a dita Escola, sendo Official Geral devia ser Nacional, e dos mesmos educandos podiaõ sahir os Sargentos de numero, de supra, os Cabos de esquadra, etc. e por muitas consideraçoens que naõ pertencem aqui, deviaõ ser estes Estrangeiros da Naçaõ Suissa, naõ sendo obstaculo para este effeito a Religiaõ Protestante que seguem aquelles Republicanos pela mayor parte.

O dia da quinta feira seria destinado enteyramente para o exercicio militar, o *manejo da Espingarda*, *as Evoluçoens Militares e a Tactica.*

Assima fica proposto que cada companhia constaria de *vinte ou vinte e quatro* Educandos, o que se deve entender no principio deste estabelecimento; mas podia estenderse este numero até cem em cada companhia, e poderiaõse completar os Officiais de cada huma dellas, como Alferes e Tenentes, com Officiais Educandos.

Seria util que o resto dos Mestres, para ensinar todos os exercicios do corpo, como saõ *a dansa, a esgrima, montar a cavallo e nadar,* fossem Portuguezes, com aquellas qualidades necessarias para ensinar; estes exercicios seriaõ quotidianos e distribuidos no tempo que indicaremos abayxo, quando tratarmos da instruçaõ nas Lingoas e Sciencias.

Os Mestres para ensinar a *Lingoa Castelhana, Franceza e Ingleza,* necessariamente deviaõ ser Estrangeiros; e na Escola Militar de Paris os serventes saõ Alemaens e Italianos, para que, pelo uzo, aprendaõ aquelles Educandos estas Lingoas, alem do ensino, que tem dos Mestres: methodo que se devia imitar.

Igualmente seria necessario haver mais Mestres Estrangeiros, para ensinar as sciencias, ou na Lingoa Franceza, ou na Latina, e mesmo de Religiaõ Protestante, o que naõ sei, se será bem aceite esta proposta. Mas considerando que só entre os Alemaens e os Suissos saõ bem conhecidas a Philosophia

Moral, Origem do Direito das Gentes e do Civil, a Historia Antigua e a Politica dos nossos tempos, ninguem duvidará escolher os Homens doutos destas Naçoens, para este ensino.

Naõ he novo ensinarem os Protestantes nas Escolas publicas Catholicas: a Universidade de Padua teve Lentes de Mathematica Protestantes, como foi M. Herman Suisse, Autor da *Phoronomia*. Em muitos Estados Catholicos de Alemanha he a Practica ordinaria, porque cada Mestre ou Lente se contem a ensinar unicamente a Sciencia que professa, e como os Educandos seraõ instruidos cada dia pelos Ecclesiasticos da mesma Escola, e pelos Mestres Portuguezes ao mesmo tempo, naõ se poderá temer com razaõ, que o ensino dos Estrangeiros possa prejudicar a Educaçaõ no que toca á Religiaõ, nem á santidade dos costumes.

As leis da economia interior desta Escola, e a sua exacta observancia, as instruçoens que cada Mestre havia de receber, quando entrasse no seu cargo, com juramento de as observar, conforme á sua Religiaõ, seria o methodo effectivo da boa ordem e da utilidade desta Escola. Porque como toda ella devia depender immediatamente de S. Magestade, e ficar na dependencia do Secretario do Estado, por o Governo interior do Reyno, seria mui facil obviar a qualquer desordem, e executar tudo o que estivesse decretado.

§

Das Lingoas e Sciencias que se deviam ensinar nesta Escola, e em que tempo?

Nos cinco dias, vem a saber, secunda feira, terça feira, quarta feira, sexta feira, e sabado poderiaõ estes Educandos occuparse em vinte liçoens.

Cinco liçoens de Grammatica da sua propria lingoa; escrevela e compôr nella com propriedade e elegancia; a lingoa Latina, Castelhana, Franceza e Ingleza.

Tres liçoens de Arithmetica, Geometria, Algebra, Trigonometria, Secçoens conicas, etc.

Tres liçoens de Geographia, Historia profana, sagrada, e militar.

Duas ou *tres* do Risco, Fortificaçaõ, Architectura militar, naval, civil, com os instrumentos e modelos necessarios para aprender estas Sciencias.

Duas de Hydrographia, Nautica, com os instrumentos.

Cinco dos exercicios corporaes: dança, esgrimir, manejo da espingarda, montar a cavallo, e nadar.

Ja se vê que ao passo que os educandos souberem a sua lingoa, a Latina, e a Franceza, a Geographia, a Chronologia, e os Elementos da Historia, que devem passar a outras classes onde se ensinaraõ as sciencias que dependem destes conhecimentos. Alem das referidas necessariamente se deviaõ ensinar:

A Philosophia Moral por theoria e practica:

O Direito das Gentes, os Principios do Direito Civil, Politico, e Patrio, que deviaõ ser as nossas Ordenaçoens reformadas, á imitaçaõ daquella de Turin publicadas e decretadas por Victor Amadeo no anno de 1721 e 1724:

A Economia Politica do Estado, isto he o conhecimento da Agricultura universal: a Navegaçaõ, e o Commercio nos Mares conhecidos.

Pode se duvidar com razaõ se todos os educandos devem aprender sem distinçaõ a Lingoa Latina, e as Sciencias mais elevadas. He certo que devia haver excepçaõ nesta materia; e conformar o ensino ao genio, inclinaçaõ e engenho dos educandos; sem embargo desta precauçaõ todos seriaõ obrigados aprender sem distinçaõ o seguinte:

Saber escrever a sua lingoa com propriedade, e com a mesma fallar a Castelhana (de que injustamente fazemos pouco cazo), a Franceza, e a Ingleza.

A Geographia, sem a qual naõ saberemos nem ainda a nossa Historia que deviaõ todos saber, com a de Castella, de França, Inglaterra, e o principal da Ecclesiastica: pelo menos aquelles *Discursos de l'Histoire Ecclesiastique* de *M. l'Abbé de Fleury*.

A Arte da Guerra e da Nautica; esta tambem por practica, embarcandose em cada viagem de Navios de Guerra para as nossas Colonias alguns destes educandos.

Todos os Estatutos Militares, e Nauticos; mas naõ superficialmente, como he maõ costume; mas com exactidão e intelligencia.

Todos os exercicios do corpo referidos; e saber arte de conhecer os cavallos, os seus petrechos, o seu sustento, e tudo que toca ao Inspector General da Cavallaria; necessaria precaução para ser official perfeito nesta parte do exercito: do mesmo modo se devia aprender tudo que pertence a hum navio de guerra: e na Artilharia, e Architectura Militar.

O que se contem naquelle livrinho, que dissemos assima

se está compondo *tocante ás Obrigaçoens,* que saõ os Principios da Philosophia moral practica.

No cazo que o juizo de algum educando fosse taõ estupido que naõ seja capás de aprender o referido, pelas instruçoens Reais para as Escolas, devia ser rejeitado desta Escola Real; e como lhe ficassem ainda braços para manejar huma espingarda, ou para defender o seu posto em hum navio de guerra, esta seria sua distinçaõ; servindo de utilissimo monumento esta piedoza resoluçaõ para o Estado e para esta Escola Real Militar; que assim sabia tratar os educandos menos habeis.

§

Ponderaçam sobre a Lingoa Latina.

Entender e saber a Lingoa Latina com algũa perfeiçaõ naõ se estima ordinariamente por qualidade necessaria: mas he notado de mâ creaçaõ e he reputado por ignorante, quem a naõ entende; tantos Authores que escreveraõ era inutil a hum Militar, a hum Capitaõ de Mar, e outros Cargos publicos, naõ tem outro fundamento mais, do que mostrarem que tem na sua propria Lingoa todas as Sciencias e Artes escriptas, e que sabendoa com perfeiçaõ aproveitaõ o tempo em aprendellas, que perdiaõ certamente em quanto estudavaõ o Latim: mas he engano manifesto. Quem assim escreve, e assim declama, sabe a Lingoa Latina, e naõ se apercebe que se a naõ soubesse, teria milhares de occasioens de dezejar sabéla. Notou M. de Voltaire que Louis Quatorze, e M. Colbert seu Secretario de Estado naõ sabiaõ Latim, e que elles promoveraõ as Sciencias mais que os Reis, e Ministros que foram doutos; e que M. Colbert, sendo ja Ministro aprendia esta Lingoa. Carlos Quinto, e Henrique Terceyro de França lamentáraõse muitas vezes que a ignoravam: todos aquelles de quem se pode esperar tiveraõ boa creaçaõ, saõ reputados saberem latim: porque todos os Mysterios da nossa Religiaõ, todos os actos Religiosos della saõ nesta Lingoa, e será couza lamentavel que hum Gentilhomem na Igreja intenda tanto como o Villaõ, ou huma criada. No trato do mundo occorrem mil occazioens de saber Latim, huma sentença que se dis nesta Lingoa em conversaçaõ; o titulo de hum livro latinizado, ou em latim; estando nos Cargos ou civis ou politicos, ou nos da guerra ha milhares de occazioens onde o La-

tim he necessario; de outro modo fica o Ministro, ou o General envergonhado, e confuzo.

Para resolver se hum mosso Nobre, nesta Escola que se propoem, devia aprender o Latim ou naõ, naõ devia ser aquelle que o sabe. Pelo contrario devia ser hum Gentilhomem, ou Fidalgo com conhecimentos da vida civil e politica, que o naõ soubesse: estou certo que o seu voto nesta materia seria pela affirmativa, porque terá exprimentado quanta confuzaõ, vergonha, e mortificaçaõ lhe cauzou ás vezes não entender o Evangelho, os textos dos Prégadores; os Hymnos, as Sentenças, e palavras Latinas encadeadas na lectura da Lingoa vulgar, e sobre tudo na conversaçaõ.

Alem do referido, que he a nossa Lingoa, acharemos que a Castelhana, a Italiana, a Franceza, e muita parte da Ingleza, naõ he mais que a Lingoa Latina, ou corrupta, ou com terminaçoens differentes: como he possivel que hum Portugues tenha huma idea distincta, clara e completa destas palavras: *Conceder sujeitar, reservar, resolver, publicar, exceder, promover,* etc., sem saber a Lingoa Latina? Ainda que aprenda a Grammatica da nossa Lingoa, ainda que venhaõ Bluteaus novos de Irlanda a fazernos Dicionarios [1], jamais a saberemos bem, sem ter primeiro aprendido o Latim, e naõ creyo que jamais Portugues sem ella a escreverá rectamente, apezar das orthographias á Italiana que começaõ a vogar nas pennas dos Noveleiros e de quem se preza saber antes a Lingoa Estrangeyra do que a sua propria.

Por estas razoens, parece que he indispensavel que esta Lingoa entre na educaçaõ da Mocidade Nobre: todo o ponto está que quando a aprenderem lhes naõ ensinem Grammatica em lugar da lingua latina; a Grammatica ou se deve ensinar explicando a Lingoa materna, ou depois de saber mediocremente a Latina; e o primeiro dia que começariaõ a aprender esta, nesse mesmo começariaõ a traduzir ou algum Evangelho, ou os Proverbios de Salamaõ, por ser o Latim mais comum, como saõ ordinariamente todas as versoens ou interpretaçoens.

---

1 O Dictionario de Bluteau, em tantos volumes em folio, merecia correçaõ de muitos lugares, por algum douto Portuguez, para ser verdadeyramente util.

§

Empregos e Honras com que haviam de sahir os Benemeritos desta Escola.

Chegados os educandos áquelle tempo que podem ter algum emprego fora da Escola Militar, deviaõ ser empregados conforme o genio, a capacidade, as forças, e os seos Estudos: o Director dos Estudos daria conta ao Conselho desta Escola, onde presidiria hum Secretario do Estado, naõ só do proveito que cada educando adquirira nos seos Estudos, mas que tal e tal poderia ser util nos Negocios Estrangeyros; outro nos Tribunais economicos do interior do Reyno; outro no serviço da frota, e outro no exercito. Antes de serem decorados com Cargos publicos, seria conveniente, que se exercitassem aquelles destinados a navegar nos Navios de Guerra expedidos a combater os Corsarios, ou a conduzir as frotas: outros assistirem em certos Tribunais, e Conselhos, como ouvintes, outros fazendo campanhas, ou ficando por alguns mezes nas Praças fronteyras do Reyno; e taõbem algum numero delles no serviço da Corte; mas sempre com obrigaçaõ de voltar a viver na Escola Militar, onde deviaõ conservar o seu postò até sahirem empregados nos Cargos publicos, e com tenças procedidas de alguma Ordem Militar, ou ja establecida ou que devia establecerse para esse fim.

Os Educandos que sayem da Escola Militar de Russia depois de rigurozo exame no que aprenderaõ, saõ empregados primeiramente no exercito no posto de Tenentes, de Capitaens, de primeiro e de segundo Mayor: outros saõ destinados a sirvirem no Collegio dos Negocios Estrangeiros, outros nos Collegios de Justiça e Rendas Reais. Como naquelle Imperio o Almirantado tem huma Escola de Nautica, com Pensionarios ou Guardas Marinhas, todos igualmente Nobres, nenhum Educando da Escola Militar he empregado no Almirantdo.

Os Educandos da Escola Militar de Paris, sayem para ser empregados no exercito, e tem por premio do seu aproveitamento nos Estudos, os postos de Tenentes, Capitaens e segundos Mayores; alem disso sahem decorados com huma Ordem Militar, e huma pensaõ por toda a vida de 30.000 reis, até 48.000 reis, paga ás vezes pela mesma Escola. e outras á custa da Ordem Militar que professaõ. Assim somos feitos: Se naõ conservamos a esperança fundada na honra, no proveito e na

distinçaõ glorioza, he impossivel forçar a nossa natureza a trabalhar, nem a cultivar o entendimento, sorte de trabalho mais penivel, e que requer mais constancia, do que o corporal.

§

Utilidades que resultariam tanto ao Reyno, como ao Soberano do exacto exercicio desta Escola Militar, que se propoem.

Tenho mostrado por todo este papel, Illustrissimo Senhor, que o trato e os costumes de huma Naçaõ provem originalmente daquelles que tem os Senhores das terras, e os que exercitaõ os Cargos do Estado. Que me concedaõ que os Generais, os Almirantes, os Magistrados, e todos os Cargos da Corte sejaõ administrados por homens educados em huma escola, como a que acabo de propor, estou certo que será hum reyno bem governado, com tanto que o Soberano premée e castigue á risca, conforme as leis decretadas. Isto he facil de conceber: mas se pelo contrario os mesmos Generais e Cargos da Corte forem administrados por homens educados em caza de seos pays (como he hoje costume), onde os Mestres temem de advirtir e castigar os seos discipulos; onde a ama ou a aya, o criado e o page são os companheyros dos meninos, os seos manos, toda a sua companhia, os seos confidentes em todos os seos dezejos e apetites, entaõ poderemos julgar que este menino conservará em quanto viver aquelles pessimos habitos, que adquirio com os seos inferiores: naõ saberá repartir o tempo para exercitar o seu emprego, para descansar, nem para dormir: buscará em quanto viver todos os meyos para divertirse, e jamais considerará occuparse, e muito menos cumprir com a sua obrigaçaõ.

Os louvaveis effeitos da boa educaçaõ nesta Academia, será o primeiro de *saber regrar cada qual o seu tempo* em todo o dia: costumados a levantarse cedo, ficalhes tempo para applicarse e para se divertir honestamente. Todas aquellas maravilhas que obrou Pedro Primeiro, Emperador da Russia, acho que não tiveraõ outra origem que saber regrar o seu tempo. Este raro e grande Principe, era o primeiro homem que se levantava no seu Imperio, e o primeiro que se deitava a dormir. Levantavase de veraõ e de inverno ás tres horas da manhãa, ou estivesse na Corte, ou em campanha, ou viajando; tanto que se levantava estava presente o Secretario do cabi-

nete, com as petiçoens e papeis, que necessitavaõ de despacho; punhase a despachál-as até as quatro ou cinco horas da manhãa: Sahia dali e partia sem ceremonia na carruagem de veraõ ou de inverno, acompanhado somente de dois Dragoens a cavallo: entrava no Almirantado, onde já estavaõ lá os Almirantes e os cargos do Conselho d'aquelle Tribunal; e aquelle que faltava era apontado o sallario d'aquelle dia, pela primeira vés. Ali prezidia despachando com huma taõ ordenada actividade que admirava, mesmo áquelles os mais practicos n'aquelle cargo. Ali ficava das seis até ás sete da manhãa. Sahia daquelle Tribunal e chegava ao Senado, que he o Tribunal supremo que corresponde, me parece, ao nosso Dezembargo do Paço: com a mesma ordenada exactidão despachava, e as nove horas da manhãa estava já na sua Corte: onde achava o Gran Chanceller, ou primeiro Secretario de Estado, com dois mais, que lhe presentavaõ os Negocios Estrangeiros, que ouvia e despachava: depois deste tempo dava audiencia aos Ministros Estrangeiros, e a todos os mais que lha pediaõ. As onze horas sem falta jantava ou na Corte ou em caza de algum Grande ou de algum Ministro Estrangeyro: recolhiase a meyo dia; e até ás tres da tarde, tudo estava na Corte no mais recatado silencio, porque sempre durmia a sesta. Sahia ás tres horas a examinar o que se passava no Collegio de Guerra; outras vezes hia ao Collegio do Commercio e das Minas; outras, a ver as Fabricas que tinha erigido; outras, a ver as obras publicas que tinha ordenado; ceava entre as seis e as sete, e ás sete horas da noite se deitava: apagavaõ-se as luzes na Corte; o silencio era igual ao de hum Convento: e deste modo conheci eu muitos Senhores Russos, e o Feld-Marechal Conde de Munich, que viviaõ do mesmo modo, educados no serviço daquelle gran Monarcha.

Este foi todo o segredo daquelle Emperador, para obrar em trinta e seys annos que reynou; que parece, pelas incriveis couzas que fes, que viveo duzentos. Em saber distribuir e aproveitarse do tempo, consistio todo este artificio, que só com a educaçaõ masculina se aprende.

Se consultarmos os monumentos da Historia, acharemos que a gloria e augmento dos Reynos naõ lhes veyo dos numerozos exercitos, nem das riquezas; acharemos que foraõ illustres pela Educaçaõ dos seos Monarchas e dos seos Subditos. Relata Diodoro de Sicilia [1], que o Pay de Sesostris, Rey do Egypto,

---

[1] Lib. I. Historiarun, p. 49. Ed. Francof.

vendo que lhe nacera hum filho ordenou que todos os Meninos que naceraõ no mesmo dia, fossem creados e educados com tanto cuidado e doutrina, que viessem capazes de serem Companheyros e Mestres por habito e companhia do Principe; e que este viera taõ excellente e taõ admiravel, pelas virtudes daquelles companheyros, que naõ só na Mocidade conquistára as Arabias, mas em idade avançada, sendo ja Rey conquistára desde a India até o Mar Negro. Excellente modo de educar os Principes, pela companhia dos iguais na idade, nas inclinaçoens, e divertimentos, e seriaõ bem aventurados os nossos tempos, se esta sorte de ensino resuscitasse nelles.

(Continúa). ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 20)

511. **Q. scintillans Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 527.

Monchique (C. v. Volxem !).

512. **Q. semiæneus Steph.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 531.

Cea, Guarda, Bussaco, Gerez (L. v. Heyden !), Espinho !, Vizella !, Coimbra !.

513. **Q. rufipes Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 530.

Coimbra !.

514. **Q. attenuatus Gyll.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 532.

Cea, Guarda, Gerez (L. v. Heyden !), Bussaco !, Coimbra.

515. **Q. boops Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 534.

Bussaco (C. v. Volxem !).

V. brevipennis Fairm.
Fauv. Faun. G. Rh., p. 535.
Pena (L. v. Heyden!).

GENRE ASTRAPÆUS GRAVENHORST

516. **A. ulmi Rossi.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 540.

Sans indication de la localité, où je l'ai pris, je possède un seul individu.

STAPHYLININI

GENRE EMUS CURTIS

517. **E. maxillosus L.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 395.
Monchique!, Beja!, Coimbra!, Braga.

GENRE LEISTROPHUS PERTY

518. **L. murinus L.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 397.
Coimbra!, Gerez (L. v. Heyden!).

GENRE STAPHYLINUS LINNÉ

519. **S. fulvipes Scop.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 403.
Monchique!, Arrifana (près de Guarda)!.

520. **S. Caesareus Cederh.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 408.
Serra de Montesinho!, Chaves!.
Serra d'Estrella!, Arrifana (près de Guarda)!.

521. **S. olens Mull.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 409.
Dans tout le Portugal.

522. **S. ophthalmicus Scop.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 411.
Monchique (C. v. Volxem!), Serra d'Estrella (L. v. Heyden!), Leça!.

523. **S. nitens Schr.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 411.

Bussaco!, Coimbra!, Azambuja (J. Antunes!), Evora!.

524. **S. æthiops Waltl.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 412.

Dans le sud du Douro je l'ai trouvé partout. Il se trouve probablement dans le nord.

525. **S. picipennis F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 414.

Serra de Rebordaos!, Coimbra!.

526. **S. æneocephalus De Geer.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 417.

Beja!, Guarda!, Estarreja!, Serra de Rebordaos!.

527. **S. pedator Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 417.

Bragança!.

Le seul individu que je possède appartient à la variété indiquée par Kraatz *(Nat. Ins. Deut.* II, p. 561) avec la base des antennes, les jambes et tarses d'une couleur de poix.

528. **S. ater Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 418.

Azambuja (J. Antunes!).

529. **S. edentulus Block.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 419.

Bussaco!, Bragança!, Espinho!, Douro!.

GENRE CAFIUS STEPHENS

530. **C. cribratus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 422.

Mentionné par Mr. Fauvel, du Portugal.

531. **O. xantholoma Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh, p. 424.

Espinho!, Leça!. Très commun sous les plantes maritimes jetées par la mer.

GENRE ACTORIUS FAUVEL

532. **A. procerulus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 431.

Tavira! (C. v. Volxem!).

533. **A. prolixus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 432.

Monchique (C. v. Volxem!).

GENRE PHILONTHUS CURTIS

534. **P. intermedius Lac.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 439.

Bussaco!.

535. **P. æneus Rossi.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 442.

Je possède trois individus du Portugal.

536. **P. umbratilis Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 447.

Cannas de Senhorim!, Monchique (C. v. Volxem!). Felgueira!.

537. **P. sordidus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh. p. 44.

Coimbra!.

538. **P. suavis Bris.**

Fauv. Faun. G. Rh. p. 449.

Coimbra!, Felgueira!.

539. **P. ebeninus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 460.

Commun partout.

540. **P. nigritulus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., *p.* 469.

Coimbra! (C. v. Volxem!, L. v. Heyden!). Bussaco!, Vizella!, Espinho!, Gerez! (L. v. Heyden!).

541. **P. politus F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 473.

Je possède un seul individu du Portugal.

542. **P. varius Gyll.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 476.

Coimbra! (L. v. Heyden!), Estarreja!.

543. **P. escurialensis Perez.**

Abeille, VIII, p. 294.

Guarda!, (L. v. Heyden!).

544. **P. tenuis F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 477.

Bussaco!, Guarda (L. v. Heyden!).

545. **P. fenestratus Fauv.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 479.

Cité parmi les staphylins recoltés par mr. C. v. Volxem en Portugal.

546. **P. cruentatus Gmel.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 479.

Mr. L. v. Heyden mentionne du Gerez le *Ph. bipustulatus Panz*, synonime de celui-ci.

547. **P. varians Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 481.

Cité du Gerez par Mr. L. v. Heyden sous le nom de *Ph. opacus Thoms.* Coimbra!.

548. **P. nigrita Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 484.

D'après Mr. Fauvel un individu qu'il a étudié du Portugal a les élytres un peu moins densément ponctuées, avec un très-leger reflet verdâtre.

549. **P. micans Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 484.

Serra de Rebordaos!.

550. **P. virgo Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 486.

Mentionné du Portugal, par Mr. Fauvel.

GENRE XANTHOLINUS SERVILLE

551. **X. glabratus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 387.

Beja!, Cintra (C. v. Volxem!). Coimbra!, Bussaco!.

552. **X. hesperious Er.**

Erich. Gen. et Sp. St. p. 329.

D'après Erichson il a été pris par Hoffmansegg à Lisbonne.

553. **X. linearis Oliv.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 641.

Espinho! Bussaco!.

554. **X. longiventris Heer.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 641.

Plus commun que *le linearis*. Dans tout le nord du Portugal.

555. **X. punctulatus Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 385.

Commun partout.

556. **X. fulgidus F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 384.

Il n'est pas rare dans les provinces du nord.

GENRE LEPTOLINUS KRAATZ

557. **L. nothus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 374.

Bragança!, Coimbra!

558. **L. othioides Baudi.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 375.

Coimbra! Espinho!.

GENRE LEPTACINUS ERICHSON

559. **L. parumpunctatus Gyll.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 374.

Azambuja (J. Antunes!)

GENRE OTHIUS STEPHENS

560. **O. fulvipennis F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 368.

Bussaco!, Coimbra!, Gerez (L. v. Heyden!) Dans le

petit nombre d'individus que j'ai examiné le corselet est tout-à fait noir ou légèrement rougeâtre dans les angles antérieurs.

561. **O. laeviusculus Steph.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 370.

Bussaco!.

Mr. L. v. Heyden a pris dans la Pena et Guarda le *punctipennis Lac.* Il n'est pas différent du *lævíusculus Steph.*

562. **O. myrmecophilus Kiesw.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 369.

Bussaco!. Coimbra!.

Le *melanocephalus Grav.* mentionné de Cêa par mr. L. v. Heyden appartient à cette espèce.

PAEDERINI

GENRE LATHROBIUM GRAVENHORST

563. **L. labiale Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 350.

Il appartient à notre faune d'après Mr. Fauvel.

564. **L. multipunctatum Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 350.

Dans tout le Portugal.

565. **L. angustatum Lac.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 351.

Bussaco!. Rare.

566. **L. Lusitanicum Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 358.

Beja (Jozé Lucio!), Coimbra!. Rare.

(Continúa). MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

CERAMICA PORTUGUEZA

SUBSIDIOS HISTORICOS

DOCUMENTO XII

Ultimamente examinámos, por obsequio do possuidor, duas medalhas de *biscuit* muito curiosas, que vem confirmar a actividade de João Manso Pereira no Brazil. Pertencem ambas ao snr. Dr. Pedro Augusto Dias, nosso consocio e pessoa muito dedicada ao estudo das nossas antiguidades, cuja attenção foi despertada pelos nossos artigos anteriores.

A primeira, grande, no genero *camapheu* (busto branco sobre fundo cinzento) é a maior que temos visto: 60 millimetros de alt. sobre 51 de largura; grossura 4. O busto (47 Millimetros) representa D. João VI, trajando á antiga, com longa cabelleira e corôa de louros. No verso, que é cinzento, tem na parte inferior, a seguinte inscripção gravada na massa, em italico: *Na Ilha Grande*. Não seria possivel achar prova mais concludente do trabalho de Pereira.

A *Ilha Grande* está situada ao sul do Rio de Janeiro, nas cercanias da capital (v. Wappäus *Handbuch*. Leipzig, 1871. pag. 1222 e confronte-se com o Atlas, n.º 84 de R. Andree ou de Brockhaus, n.º 51-52 da *Encycl.*) E' a segunda das duas grandes Ilhas das visinhanças do Rio, ao sul. A primeira é a Ilha *Marambaia*, a qual Pereira chama peninsula. Na mesma nota (v. *Revista* vol. II, pag. 548) cita a *Ilha Grande*, de cujas immediações *(Fazenda da Pedra)* declara ter recebido amostras de argilla kaolinica.

O medalhão é um ensaio, já se vê, imperfeito. A massa cinzenta é bôa, egual, e com fracturas brilhantes; mas a massa branca do busto não é limpa; está salpicada de pontos cinzentos. A modelação do busto é muito soffrivel, e a semelhança com o personagem historico, evidente.

O outro camapheu é muito pequeno: 25 millim. de alt. sobre 19 de larg. Representa El-Rei D. José com vestido de côrte, do sec. XVIII, coroado de louros, busto branco sobre um fundo pardacento, desegual, cheio de bolhas. A modelação da figura é excellente. No verso, que é branco, lê-se: LISBOA * 1793. Garantimos a leitura da data, que foi examinada com uma lente, porque as informações que temos de outros camaplieus *datados* não concordam n'este caso.

O nosso amigo Sr. Rodrigo Vicente de Almeida, corrigindo a noticia que demos dos seus camapheus (*Revista* vol. II, pag. 538), escreve-nos que elles são de 1782; em um d'elles, que tem a inscripção mais extensa, lê-se: *Lisboa, no Arcenal real do Exercito João de Figueiredo fecit 1782* [1]. Não são, pois, de Pereira.

O camapheu pequeno de 1793, supracitado, pode ser de Pereira, porque tem a data do anno em que elle obteve a provisão regia. D. José falleceu em 1777, é verdade, mas a corôa de louros só por si, indica que o busto representado não póde ser o de D. Pedro III; alem d'isso este principe figura sempre em segundo logar, com a Rainha D. Maria I, nas medalhas e moedas da epoca. O snr. Soares dos Reis, professor da Academia de Bellas Artes tem outro exemplar, com a mesma data, 1793.

Em todo o caso o camapheu grande é uma preciosidade; e d'aqui felicitamos o feliz possuidor.

DOCUMENTO XIII

AZULEJOS NACIONAES

Não pretendemos fazer a historia da industria dos azulejos em Portugal [2], mas fornecer apenas uma lista de azulejos *datados*, de superficie lisa, que são, na maior parte desconhecidos, e que tivemos occasião de descobrir no decorrer dos ultimos annos em varias viagens que fizemos pelas provincias.

Azulejos datados são muito raros; uma descoberta de um exemplar é, só por si, um facto importante, quanto mais a serie que apresentamos desde 1584-1748.

---

[1] O snr. Almeida diz-nos ainda: «... o gravador Figueiredo foi o mesmo que abriu o ponção para as tres medalhas maiores, em que vem o nome de Bartholomeu da Costa, das quaes existem exemplares no gabinete d'El-Rei (o snr. Teixeira de Aragão faz menção de duas. *Histoire portug. du travail* n.os 1392 e 1393). A de 1393 tem no exergo, debaixo do pedestal da estatua: *Lisboa anno 1779*, em lettra miuda e sumida, que o snr. Aragão não viu.»

[2] Já demos bastantes informações sobre este assumpto nos estudos sobre a *Exposição de ceramica*, que publicámos no *Commercio do Porto* de Novembro e Dezembro de 1882 (treze artigos). Os dous primeiros artigos tratam especialmente dos *azulejos hispano-portuguezes*; alli promettemos dar conta de uma serie de composições *datadas*, promessa que hoje cumprimos. Em outra occasião daremos uma lista dos azulejos mais notaveis que conhecemos, *não datados*.

Todas as datas estão nos proprios azulejos, salvo em alguns casos, que serão especialmente marcados e que se referem ás noticias que o nosso amigo snr. Gabriel Pereira deu sobre alguns azulejos de Evora. [1] Em dous casos pudémos verificar que as datas marcadas não são as dos proprios azulejos [2]. Em um terceiro caso (1651) é provavel que a data seja a da construcção do edificio, mas nem sempre é facil provar que o azulejo de um certo edificio pertence á data da sua construcção; em quatro casos (datas 1654, 1678, 1698 e 1702) não nos foi possivel fazer a verificação, porque muitas egrejas de Evora não se abrem senão em certos e determinados dias festivos. Ainda assim, as indicações do nosso amigo teem interesse e são mesmo as unicas de valor, que sahiram á luz desde Raczynski. [3] As datas positivas, que nós conheciamos de Evora, antes de lermos o seu interessante artigo, eram sómente 1631, 1711, 1716 e 1736; o snr. G. Pereira não cita esta ultima.

---

[1] Eis a passagem do artigo do snr. Gabriel Pereira, que nos importa citar:

...; «comecemos por estabelecer algumas datas certas.

Os azulejos em relevo da capella de Garcia de Rezende, na cerca do Espinheiro, são de 1520.

Os da sacristia da Casa Pia — 1599.

Capella-mór da egreja da Casa-Pia — 1631.

Egreja da Senhora das Brotas (á porta do Raymundo — 1651.

No refeitorio de S. Bento — 1654.

Portaria do Paraizo — 1678.

Santa Martha — 1698.

S. Pedro — 1702.

Loyos — 1711.

Misericordia — 1716.»

Do jornal *O Manoelino* de 12 de julho de 1881.

[2] 1520. Capella de Garcia de Rezende. E' a data da construcção da capella, o azulejo não tem data, mas é da época, isto é: do sec. XVI.

1599. Sacristia da Casa Pia (Collegio dos Jesuitas). Esta data é a da pintura do tecto; os azulejos, fingindo pedras preciosas, (diamantes tavoletas) não teem data; assemelham-se porém muito aos de S. Roque, de Lisboa, que téem a cifra 1596. Vide a respectiva data, adiante.

[3] O nosso amigo snr. Ad. de Ceuleneer publicou ha pouco um artigo (20 pag.) sobre os azulejos em Hespanha e Portugal (Le Portugal. *Notes d'art et d'archéologie*. Anvers, 1882). O unico trabalho *datado* que conhece em Portugal é o de 1711, de Evora, já citado por Raczynski. Na parte relativa á Hespanha o autor reuniu habilmente o que havia disperso em publicações hespanholas pouco conhecidas, e em algumas francezas. A parte relativa a Portugal é muito pobre.

1584. **Lisboa.** *Egreja de S. Roque.* Alizar de azulejo na capella do lado esquerdo [1], que contém o quadro da apparição do anjo a S. Roque. Pintura azul claro sobre fundo amarello; estylo de ornamentação: *rotulos e pendurados*, no gosto da Renascença. [2] Execução excellente. A moldura do quadro de azulejos compõe-se de uma facha ovulada, verde e côr de vinho. Em baixo, do lado direito, a assignatura do artista FRCO (Francisco) DE MATTOS | 1584. Falta em Raczynski. Assignatura e data ineditas.

1596. **Lisboa.** *Egreja de S. Roque*, á entrada, de ambos os lados; revestimento da parede com um azulejo fingindo pedras preciosas, lapidadas, e joialheria. [3] Um rotulo com a inscripção *Regni cælorum* e a data 1596, de ambos os lados. Inedita.

1626. **Villa-Viçosa.** *Convento das Chagas.* Revestimento interno da egreja com bellos azulejos do sec. XVII, imitando um tapete; pintura azul e amarella sobre fundo branco. Por cima da grade de ferro do côro a data 1626. Inedita. [4]

1631. **Evora.** *Collegio dos Jesuitas.* Azulejos que revestem a parte interna da Capella-mór; pintura figurando genios e arabescos *(rotulos e pendurados)*. Bom effeito

---

[1] O lado *direito* ou lado *esquerdo* considera-se sempre o lado do espectador, estando elle em frente do respectivo objecto.

[2] Esta ornamentação: *rotulos* e *pendurados* (em hespanhol *rotulos y colgantes*) corresponde ao termo *cuir* em francez, ou *Lederornament* em allemão. Ha n'este genero magnificos azulejos em Portugal, além dos de 1631 (v. abaixo), p. ex., na antiga sacristia da egreja da Graça, em Lisboa de cerca de 1570-1580, muitissimo notaveis. Outros em Villa Viçosa, no palacio Real; estes talvez da escola italo-hespanhola, aquelles da escola flamenga, emquanto ao estylo. Relacionam-se tambem com este grupo os azulejos da egreja de Santo Amaro de Lisboa, de fins do sec. XVI a principios do sec. XVII, e os da egreja de S. Mamede de Evora, do meado do sec. XVII. Propomos a seguinte ordem chronologica: 1. Villa Viçosa (especimens da Exp. de Lisboa). 2. Azeitão (collecção Nepomuceno). 3. S. Roque. 4. Santo Amaro. 5. Collegio dos Jesuitas de Evora. 6. S. Mamede.

[3] O mesmo estylo de ornamentação se encontra até em Tavira, na egreja de Santa Maria, n'uma capella que tem na abobada o escudo dos Almeidas. Vid. tambem egreja de Santa Iria em Thomar.

[4] Os typos de azulejos em tapetes são muito interessantes no sul do reino. Veja-se a egreja de Santo Antão em Evora, com uns cinco a seis padrões differentes. Em Villa Viçosa, alem d'este convento das Chagas, os conventos da Santa Cruz e da Esperança.

decorativo, mas execução muito inferior aos de S. Roque. A meia altura da parede a data 1631.

1651. **Evora.** *Egreja de Nossa Senhora das Brotas* (á porta do Raymundo). E' citação do snr. Gabriel Pereira. Não tivemos occasião de examinar o interior da egreja, e de verificar se a data apontada não é simplesmente a que achámos na porta da entrada e diz: Esta igr.ia fes o D.tor F.eo Boroalh.o C.o | da See de Evora natvral destremoz | ẽ 20 de Agosto de 1651 |

1654. **Evora.** No refeitorio de *S. Bento.* Citação do mesmo autor. Não tivemos tempo de fazer a verificação.

1678. **Evora.** *Convento do Paraizo.* Na portaria. Citação do mesmo. Idem.

1697. **Lisboa.** Collecção do snr. J. Maria Nepomuceno. Pintura azul sobre fundo branco, representando uma dama em trages da época, sustentando uma rêde, cheia de corações. Em baixo, no canto do lado direito, a assignatura do artista: *Gabriel del Barco f. 1697.* Foi do Palacio do Conde da Ponte, ao Calvario. Assignatura e data inedita.

1698. **Evora.** *Santa Martha.* Citação do snr. Gabriel Pereira; não pudemos verificar.

1702. **Evora.** *S. Pedro.* Citação do mesmo. Idem.

1711. **Evora.** *Egreja dos Loyos.* Revestimento interno de todo o corpo da egreja com Scenas da Vida de S. Lourenço Justiniano, primeiro patriarcha de Veneza, fallec. em 1455. São quatro composições do lado direito, e deviam ser outras tantas do lado opposto, mas não succedeu assim. A ordem do lado direito é a seguinte, caminhando do altar-mór para a porta da egreja: 1. *O Santo despede-se da familia.* — 2. *O Santo préga ao povo.* — 3. *O Santo recebendo as ordens.* — 4. *O Santo ministra os sacramentos.* Do lado opposto ha dous quadros: *O Santo é sagrado Bispo* e a *Celebração da missa.* Os espaços das duas outras composições estão occupados; n'um está uma tribuna em que a familia Cadaval, proprietaria da egreja, assistia á missa; o outro espaço serviu para a formação de um arco que dá entrada para uma capella lateral. No quadro da Missa lê-se a assignatura e data *Antonius ab oliua fecit 1711.* Já citado por Raczynski, *Les Arts,* pag. 434. A pintura d'estes quadros é azul sobre fundo branco. A composição é de grande merecimento; os

assumptos teem vida, movimento dramatico e notavel expressão; repare-se p. ex. no quadro da prégação e da missa! O desenho é largo, mas correcto, sem nenhuma ideia convencional. Em summa, este azulejo é um trabalho de primeira ordem, muito bem conservado, e de dimensões extraordinarias, porque o revestimento sobe até á abobada artezoada da egreja. Na parte central de cada vão está o quadro com o seu caixilho, como se fosse um *gobelin;* por baixo uma balaustrada com pintura de albarradas, e genios, carregando cestos de flôres; por cima o triangulo formado pela ogiva do arco, com uma janella quadrada, que rompe o revestimento. [1]

1712. **Estremoz.** *Egreja da Misericordia.* Composição de figuras em estylo rococo; trabalho de mediano merecimento. Scenas da Biblia: Rebecca e Abrahão (vestindo segundo a epoca de D. Pedro II); Lot recebendo os peregrinos; Azalias redime e veste os captivos, etc., em quadros, simulando *gobelins.* Por baixo dos quadros as *virtudes.* A data está por cima da porta da entrada, do lado de dentro, a grande altura. Inedita.

Em algumas salas e corredores do antigo edificio (hoje alugado a um particular) outros azulejos do sec. XVIII, de variado desenho. Notam-se principalmente em uma sala os quadros das *Obras de Misericordia;* no quadro da *segunda obra* as figuras bebem por vasos semelhantes aos que ainda hoje se fazem na localidade; na *sexta obra* o dinheiro dos captivos é contado em cima de uma mesa antiga de pau preto, com pés torneados, etc. Ha mais elementos tradicionaes.

1716. **Evora.** *Egreja da Misericordia.* Composição de figuras com scenas da vida de Christo, muito semelhante em estylo á dos quadros da egreja dos Loyos, pintados por Antonio de Oliveira. Não é só o desenho, em geral, que revela proxima affinidade; são os typos das

---

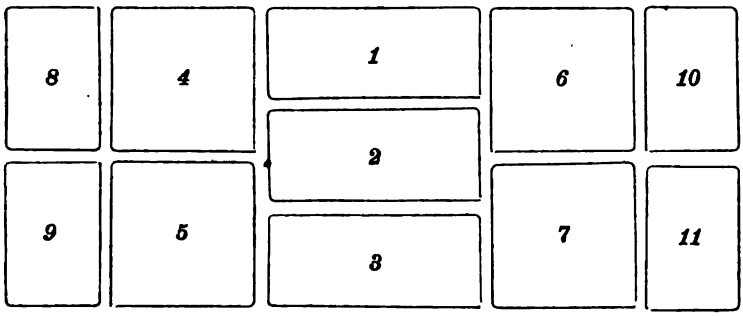
[1] Na egreja da Misericordia de Vianna do Castello encontrámos quadros de azulejos com assumptos sacros, no estylo da epoca de D. Pedro II, e assignados: *Policar | pus oliua | fecit,* do lado esquerdo da capella-mor. E' provavel que no lado direito esteja a data, tambem dentro de um rotulo. Quando fizemos esta descoberta estava a parede do lado direito occupada, e havia festa na egreja, por isso não pudémos verificar se ha data ou não. E' possivel que haja relação entre estes dous *Oliveiras.*

figuras, o caracter da expressão; vide p. ex. o quadro em que Christo expulsa os vendilhões do templo! [1] A data está á direita, por cima da porta que dá entrada á sacristia.

1719. **Lisboa.** *Museu do Carmo.* Quadro que representa a tentação de Santo Antonio. A data em baixo, dentro d'um rotulo, com a seguinte inscripção mutilada: ESTE AZULE... O SE | FES NO ANNO DE 1719. Composição de mediano valor. O quadro está maltratado. Data inedita.

1719. **Estombar** (Algarve). *Egreja matriz de S. Thiago.* Este templo contém bellissimos azulejos perfeitamente conservados, que revestem completamente o interior. Pertencem a dous grupos, um de 1719 e outro de 1743. Trataremos d'este ultimo no logar competente. O seguinte desenho explica a distribuição dos assumptos:

Na abobada da Capella-mór onze quadros com suas molduras, representando scenas da Vida de Christo:



1. O lavapés.
2. A adoração do SS. Sacramento.
3. A cêa do Senhor.
4. A apresentação no templo.
5. Christo em casa de Martha.
6. A adoração dos Reis.

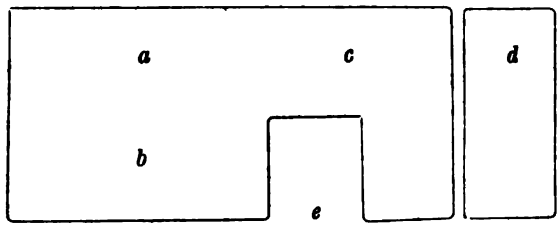
[1] Pertencem ainda á mesma escóla, em nossa opinião, os quadros com assumptos da historia sagrada no cruzeiro da egreja de S. Francisco, sem data; e outros da egreja da Graça, de que logo fallaremos. Segundo a ordem do seu merecimento deveriam collocar-se assim: 1. Loyos.— 2. Misericordia.— 3. Graça.— 4. S. Francisco.

7. A adoração dos Pastores.
8-11. Grupos de Anjos, uns brincando com animaes, outros tocando varios instrumentos; de per meio os fructos das quatro estações.

No quadro da adoração dos pastores lê-se a inscripção bem caracteristica,em dialecto popular: *Golria in esersi Decs.*

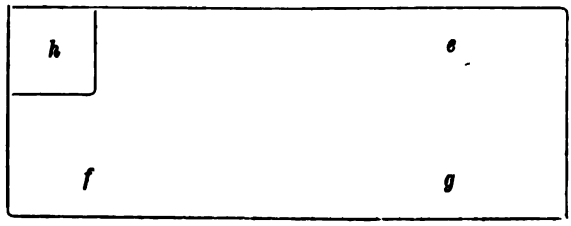
As paredes lateraes da capella-mór tambem estão completamente revestidas. A disposição dos assumptos, que não teem, em geral, linhas divisorias, é a seguinte:

A' esquerda:



a. Distribuição dos pães e dos peixes.
b. Batalha de S. Thiago contra os mouros.
c. «Deixae vir a mim os pequeninos.»
d. Um pavão sobre uma arvore.
e. E' uma porta que dá passagem para a capella da nave lateral do lado esquerdo.

A' direita:



e. Christo presidindo á pesca milagrosa.

f. O martyrio de S. Thiago.
g. Uma batalha naval entre galeões christãos e turcos.
h. Uma janella que dá luz para a capella-mór.

N'esta janella, revestida tambem de azulejo, está a data: 1719. No quadro *g* um dos galeões christãos tem na popa a bandeira de Castella (escudo real, esquartelado, com leões e tres castellos, alternando) e no mastro grande uma bandeira com tres vieiras (S. Thiago). Os galeões turcos teem bandeiras com meias luas.

A composição de todos estes quadros revela a mão de um artista muito habil. O desenho é largo, correcto; a côr igual; o fabrico excellente. Data inedita.

1736. **Evora.** *Capella de N. Senhora da Cabeça.* A porta superior do frontispicio está coberta com uma grande composição, que representa a Senhora, cercada de anjos. Este quadro está dentro de uma grande construcção architectonica de estylo rococo. Data inedita.

1741. **Beja.** *Convento de N. Senhora da Conceição.* Quadros de azulejo, só do lado da entrada (esquerdo), com scenas da Vida da Virgem e de S. João Baptista: a Degolação, o Baptismo de Christo, o sermão no deserto, etc. A composição denota habilidade; as figuras estão bem desenhadas, e algumas com excellente modelação (o Baptismo). Ao pé do pulpito lê-se a seguinte inscripção, dentro d'uma moldura: SOROR BRITIS | BAP.ta ABB.a. A data acha-se no quadro do Nascimento da Virgem, em baixo. A Soror Britis Baptista, abbadessa, mandou tambem fazer em 1747 a obra do revestimento (emtalho e douradura) do tecto da egreja, como consta do respectivo letreiro. No quadro do Nascimento, citado, vê-se um fogareiro, tal como elle se usa ainda no Alemtejo e Algarve. Data inedita.

1743. **Estombar** (Algarve). *Egreja matriz de S. Thiago.* Capellas lateraes.

Capella do lado direito; disposição do revestimento da abobada: No centro: *Christo no Horto das Oliveiras;* dos lados composição architectonica de estylo rococo, com dous rotulos que téem, o do lado esquerdo, a inscripção: *Esta obra man | dou fazer o m.to | Reverendo Pri | or Afonço | Coneg. de al | meida;* o do lado direito a data: *Anno | De 1743 | ;* os azulejos

das paredes lateraes d'esta capella representam á direita: *A primeira visita da Virgem ao templo*, á esquerda o *Nascimento da Virgem*.

Capella do lado esquerdo; na abobada: *A Ascenção da Virgem*, e dos lados lavores no estylo rococo; nas paredes, á direita: a *Pentecostes*, e por debaixo, n'um rotulo, *a lua;* á esquerda *Jesus entre os doutores*, e por debaixo, n'outro rotulo, *o sol*.

A composição d'estes quadros é digna de louvor; o desenho tem uma correcção e expressão pouco vulgar, mesmo nos melhores azulejos do sec. XVIII. Repare-se na fina interpretação do quadro da visita ao templo. O receio dos paes da Virgem, o espanto do grupo, que rodeia o sacerdote. A factura do azulejo é excellente; o tom azul claro, egual, com bellos effeitos de luz. Não temos duvida em classificar estes azulejos de Estombar entre os mais notaveis que conhecemos em Portugal do sec. XVIII, na primeira linha, perto dos paineis da egreja dos Loyos de Evora. Data e inscripção ineditas.

1748. **Tavira.** *Santa Maria do Castello.* Capella grande lateral (lado esquerdo). Scenas da vida de Christo; á direita o *Lavapés*, á esquerda a *Cêa*. Por debaixo de cada um d'estes quadros ha ainda duas composições, em moldura oval; *a chuva do maná no deserto*, o *outomno*, o *estio*, e outro assumpto. Por cima das composições das paredes lateraes existe de cada lado, um olhal quadrilobulado, com dous santos; por cima do quadro da *Cêa* vê-se *S. Domingos* e *S. Aggaton* e por cima do outro quadro *S. Damaso* e *S. Ehesphorus* (?). Por cima do arco da entrada, da parte interna, está a seguinte inscripção, mutilada, no meio de uma grande phantasia architectonica, de estylo rococo: *Esta capella mand(o)v fa(z)er a sva cvsta Dona | Izabel de Al(mei)da e Aragão vevva | de (An)to(n)io Martins Cara | peto Capitão (mo)r da villa de | Cacella Mosso Fi(dalg)o da | Camara do Sen(hor) (i)nfante | D. Francisco. Anno | 1748*. Data e inscripção ineditas. A composição e o desenho d'estes quadros approxima-os da serie do convento da Conceição de Beja. As figuras dos quatro santos e o estylo dos quatro medalhões ovaes teem merecimento.

1748. **Evora.** *Egreja da Graça.* Composições sacras, em mol-

duras de estylo rococo; os quadros da egreja estão em parte destruidos, outros maltratados; os do pequeno atrio, que dá passagem para a nave, estão porém rasoavelmente conservados; como trabalho artistico podem collocar-se em seguida aos da Misericordia. A data está do lado esquerdo, no angulo extremo, formado pela parede do fundo da egreja.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

FETOS LUSITANICOS EM GERAL

E DOS SUBURBIOS DO PORTO EM ESPECIAL

(Continuação, v. vol. II, pag. 522)

III.—POLYPODIUM. Linneu.

(*Muitos pés*)

Distinguem este genero de fetos os seguintes caracteres: veios simples, forcados ou pinnados, e livres; os esporangos terminaes ou lateraes, sendo em alguns casos situados sobre a fronde e em outros immersos; os soros na maior parte das vezes circulares, transversos, em uma só serie, solitaria ou irregularmente dispostos; o rhizoma rasteiro e em alguns casos cespitoso. E' um dos generos mais abundante em especies, variedades e monstruosidades, das quaes algumas são curiosissimas.

D'este genero, diz *Grisl.* que possue Portugal o *Dryopteris;* além d'este temos, como é geralmente sabido, o *Vulgare.*

1.° *Polypodium dryopteris.* Linneu.

(?)

Synonimos — *Gymnocarpium dryopteris,* Newman.
Lastrea dryopteris, Bory.
Phegopteris dryopteris, Fee.
Polypodium dryopteris, Bolton.
Polypodium pulchellum, Salisbury.
Polystichum dryopteris, Roth.

Nome vulgar — ?

Descripção — Frondes ternadas, contorno geral em fórma de pentagono, perfeitamente lizas, membranosas, de um verde brilhante; os ramos pinnados ou sub-bipinnados; as pinnas profundamente pinnatifidas, oppostas. As pinnulas oblongo obtusas, crenadas, pouco divididas e diminuindo para o vertice. Os veios simples ou forcados; os soros pequenos, circulares, numerosos, espalhados sobre todo o bordo do reverso da fronde. A grandeza das frondes varía entre $0^m,10$ e $0^m,35$ occupando as estipes duas terças partes d'aquelle comprimento. Crescem verticalmente, delgadas, tintas de vermelho, muito frageis, lizas, e com poucas escamas. Rhizoma rasteiro, muito ramificado.

Habita — Nos bosques sombrios. *Grisl.* affirma que existe em Portugal como indigena do paiz. Nem o encontrámos ainda nos logares que temos visitado, nem o possuimos na nossa collecção.

Cultura — Terra ordinaria das mattas, poucos cuidados, e propaga-se por meio de divisões do rhizoma.

2.° *Polypodium vulgare.* Linneu.

(*Muitos pés ou centopeia vulgar*).

Synonimos — *Ctenopteris vulgaris,* Newman.
Polypodium vulgare, Bolton.
» *cambricum,* Linneu.
» *canariense,* Willdenow.
» *ctenopteris vulgare,* Presl.
» *intermedium,* Hooker & Arnott.
» *karwinskianum,* Braun.
» *virginianum,* Morison.
» *viterbiense,* Boccone.

Nome vulgar — *Polypodio, Riços, Feto dos carvalhos.*

Descripção — Frondes extensamente pecioladas, pinnatifidas com segmentos lanceolados, obtusas, margem crenulada; lobulos alternados, pinnatifidos; o comprimento das frondes variando desde duas até desoito pollegadas (5 a 50 centimetros); as divisões alternas ovaes-agudas ou oblongas, grosseiramente denticuladas. A côr verde desbotada. Os soros juntos, no extremo da parte inferior da fronde, de fórma circular, dispostos em linha sobre o reverso de cada lado dos lobulos pararellamente á nervura media das divisões da mesma fronde. Os esporangos amarellos ou côr de laranja, enfeitando agradavel-

mente a parte da fronde por elles occupada. O rhizoma completamente rasteiro, coberto de escamas denegridas. Fructificação perenne no verão e outomno.

Habita — Nos rochedos, nas sebes, nas cristas dos muros e nos troncos das arvores velhas. Encontra-se em todo o paiz. E' abundante no Porto e seus suburbios.

Cultura — Serra ordinaria, misturada com caliça e areia grossa. Pouca agua e muita drenagem. Reproduzem-se facilmente pela divisão dos pés e pelos rhizomas, feita de preferencia a separação na primavera. Requer mais luz do que os demais fetos em geral, isto é, uma exposição semi-sombria. Não deve enterrar-se o rhizoma d'esta especie de fetos, mas collocar-se sobre a terra. E' conveniente juntar á terra em que o quizermos cultivar pedaços de madeira pôdre.

O *Polypodio vulgar,* é uma das especies que apresenta maior numero de variedades, algumas das quaes curiosas e exquisitas. Citaremos principalmente as seguintes:

1.ª *P. vulgare, var. cristatum,* Perry.

Esta bella variedade tem os extremos das pinnulas, multifidos ou franjados, isto é, terminados em tufos cristados; algumas vezes a parte superior da fronde bipartida; os soros separados e prominentes. Assim esta como as mais variedades ou monstruosidades propagam-se por sementeira, aproveitando para esse fim as frondes mais pronunciadas na monstruosidade ou aborto. Não possuimos esta variedade, porém crêmos que a encontrou o snr. A. Luso, e d'ella possue exemplar na sua collecção.

2.ª *Polypodium vulgare, var. truncatum. Moore.*

Esta variedade, da qual possuimos exemplares na nossa collecção, colhidos por nós mesmo na parede marginal do pequeno ribeiro do Valle-da-Mó, na freguezia da Labruja, concelho de Ponte do Lima, apresenta os seguintes caracteres distinctivos: lóbos profundamente serrulados, sendo as lobulos miudamente denticulados. As frondes são algumas vezes troncadas, e os veios dispostos de maneira apropriada a formarem pontas irregulares. As pinnulas são alternadas, e as frondes chegam a attingir 30 a 35 centimetros de comprimento. Tambem se encontra sobre o muro junto ao portão do bosque do Palacio de Crystal do Porto, que dá serviço para Entre-Quintas.

3.ª *Polypodium vulgare, var. marginatum,* Lowe.

E' uma variedade distincta. Os seus caracteres distinctivos são: a epiderme da superficie inferior da fronde aberta ao

comprido, como se fôra das margens dos lóbos, e apartando-se proximo ao veio medio. As margens das pinnulas irregular e profundamente serruladas. Encontra-se na Labruja, logar citado.

4.ª *Polypodium vulgare, var. serratum,* Willdenow.

Esta variedade tem as divisões da fronde mais estreitas do que as do typo original e muito profundamente denticuladas. E' abundante na Labruja, no logar citado, onde colhemos os exemplares que possuimos na nossa collecção.

5.ª *Polypodium vulgare, var. cambricum,* Lin.

Os lóbos da fronde d'esta variedade são profundamente divididos e pennifidos.

Existem muitas mais variedades como o *bipartido,* com a fronde dividida em duas na parte superior, ou com as divisões da fronde bipartidas, ou então com excrescenças junto á nervura media ou prolongamento do peciolo e origem de cada divisão da fronde na sua parte inferior, similhando taes excrescenças novas divisões acanhadas ou rachiticas *var. lobata;* o *ramôso,* de cujo peciolo se destacam duas ou tres frondes completas, etc. De todas estas variedades possuimos na nossa collecção exemplares da já citada proveniencia.

Alguns auctores apresentam ainda maior numero de variedades que nos não consta que hajam sido encontradas em Portugal, taes como: o *Auritum, Canariense, Deltoideum, Karwinskianam, Omni-lacerum, Semi-lacerum,* etc.

(*Continúa*). M. J. Felgueiras.

CONSELHO SCIENTIFICO

CONSULTA

SOBRE A ADOPÇÃO DE UM MERIDIANO UNIVERSAL

Resposta á Consulta da Sociedade de Geographia de Lisboa

O estabelecimento de um *primeiro merediano* UNICO de origem de longitudes geographicas, sem ter importancia scientifica e notavel vantagem pratica, deve encontrar difficuldades em se realisar e, sobre tudo, na permanencia da sua conservação.

Esta uniformidade existiu já entre as nações europeas, que, segundo a indicação das mais antigas cartas geographicas

—as de Ptolomeu—adoptaram para primeiro meredíano o que corresponde á ilha de Ferro, a mais occidental das Canarias e limite occidental das terras então conhecidas dos antigos, as quaes se achavam situadas em um só hemispherio.

Este uso manteve-se durante toda a idade media pela influencia do poder central que, sob o regimen monotheista, regulava as diversas relações europeas. Em breve se operou depois a divergencia a tal respeito, em virtude de causas que convem ponderar.

Deve notar-se primeiro que, sob o ponto de vista da determinação de origem, existe entre as duas coordenadas geographicas differença essencial.

Para com as latitudes, o equador pelas proprias circumstancias do movimento da terra, offereceu-se naturalmente como termo commum de referencia, não podendo, por isso, nenhum paiz rasoavelmente reclamar contra o previlegio espontaneo dos habitantes da linha equatorial. Mas, para com as longitudes, a falta de determinação analoga, permittiu a divergencia creada pelo espirito de nacionalidade que o uso maritimo mais fortemente accentuou. De facto, desde que as observações astronomicas se tornaram mais frequentemente empregadas na navegação, as taboas que dão a hora dos phenomenos celestes e a posição dos astros em diversas épocas, achando-se sempre calculadas para o meridiano do observatorio principal de cada nação, era mais simples aos nauticos referirem a esse meridiano os lugares da sua derrota. Por isso, os nauticos francezes contam as longitudes do meridiano de Pariz, e os inglezes do de Greenwich.

Poderá uma convenção estabelecer e conservar essa desejada uniformidade de origem contra a causa permanente de dispersão apontada? Crêmos que não. E não nos parece que este emprehendimento se recommende por taes vantagens praticas que torne muito desejada a sua realisação.

A uniformidade de origem não tem, com effeito, por fim senão fazer desapparecer dos calculos geographicos uma simples operação de addição ou subtração, «quasi sempre mental» correspondente á coordenada que determina a posição mutua das duas origens e que, sob o ponto de vista do ensino, fornece materia para problemas simples, mui proprios para exercerem a intelligencia na consideração das grandesas de origem arbitraria.

Bem mais util seria submetter á lei centesimal as divisões angulares, como já se tentou sem resultado.

Comtudo, se se julgar possivel estabelecer esta uniformidade, dever-se-ha restabelecer a antiga origem adoptada — o meridiano que passa pela ilha de Ferro — embora tivesse cessado o motivo de preferencia depois do descobrimento da America; não só por ser esta origem adoptada ainda hoje por um dos paizes mais cultos e populosos da Europa — a Allemanha — mas porque tem a seu favor o apoio historico, o que deve attenuar as difficuldades da adopção universal no que respeita á susceptibilidade nacional. E para não ter de se contar as longitudes em dous sentidos oppostos, deve o seu computo seguir em todo o giro do equador, no sentido do movimento da terra.

Porto, Janeiro de 1883.

J. A. Albuquerque.

Discutido nas sessões de 2 e 9 de Janeiro, e approvado.

Joaquim de Vasconcellos.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

(Nona revista. Continuação, v. vol. II pag. 262)

Esta secção está atrasada, não por falta de material, mas sim por falta de tempo do redactor. Mencionaremos hoje apenas os titulos das obras, reservando-nos melhor occasião para analysarmos detidamente alguns dos trabalhos citados, principalmente os que se referem á historia da arte nacional. Não temos espaço para isso n'este numero.

Ad. de Ceuleneer. *Le Portugal. Notes d'art et d'Archéologie:* Anvers 1882, 8.º de 90 pag. E' uma tiragem separada do *Bulletin de l'Académie d'Archéologie de Belgique.* Trata primeiramente do *Congresso de anthropologia e Archeologia prehistorica* de Lisboa; em segundo logar dos *Azulejos* peninsulares, e por ultimo da questão *Grão-Vasco.*

Teremos de lhe dedicar uma analyse especial.

O *Athenaeum belge* deu uma noticia, simples *compte rendu,* d'este trabalho. N.º 15 de 1882. O snr. Ad. de Ceuleneer publica ainda no mesmo *Athenaeum* n.º 24 de 15 de dezembro de 1882 um outro artigo *L'art en Portugal,* em que analysa os escriptos do snr. Yriarte sobre a exposição de Lisboa, com alguns reparos, e faz em seguida o elogio dos trabalhos do

signatario: *Reforma do Ensino de Bellas-Artes* (Porto 1877-79, tres estúdos) e *Historia da ourivesaria e joialheria portugueza,* extractos publicados na revista *A Arte portugueza;* falla ainda favoravelmente de outros artigos publicados na mesma revista pelos snrs. Sarmento, R. Vicente d'Almeida, etc.

Sobre a exposição de arte ornamental de Lisboa appareceu ainda o seguinte, que se deve accrescentar ao que fica apontado no vol. I pag. 402-405 e vol. II pag. 27.

A. Bredius. *Een brief uit Lissabon.* E' uma carta dirigida á revista hollandeza *Nederlandsche Kunstbode* (19 de novembro de 1881, n.º 47) sobre alguns objectos da exposição.

Do mesmo. *De catalogus der tentoonstelling te Lissabon* no jornal *Nederland. Spectator,* 28. E' uma noticia sobre o catalogo da exposição.

Ch. Yriarte. L'exposition rétrospective de Lisbonne. No jornal *Le temps* de 12 de abril de 1882.

Do mesmo. *L'exposition rétrospective de Lisbonne. L'art en Portugal.* Na *Gazette des Beaux-Arts* de maio, junho e julho de 1882, com gravuras; e na *Revue des deux mondes* do 1.º de junho de 1882.

A proposito da *Gazette des Beaux-Arts* de Paris diremos que em o n.º de abril de 1882 (pag. 397, nota) um snr. collaborador attribue ao fallecido Charles Graux a descoberta do precioso retrato de Miguel Angelo pelo nosso Francisco de Hollanda ... «auquel nous devons cette précieuse découverte».

A descoberta está feita ha quasi *vinte annos,* porque em 1863 publicou a revista *El arte en España* vol. I pag. 115 uma excellente reproducção d'esse retrato com um artigo do snr. Don Gregorio Cruzada Villaamil.

Tractaremos por miudo dos artigos dos snrs. Yriarte e Bredius, quando fizermos a analyse do *Catalogo official* da exposição de Arte ornamental de Lisboa, em os numeros seguintes.

E. Harder. *Der Einfluss Portugals bei der Wahl Pius* VII. (1775-1799) Königsberg, Hartung, 1882, 8.º de 130 pag., 2 marcos. E' uma dissertação inaugural. (Informação do snr. Moreira de Sá).

M. Livret. *Le Père Malagrida.* Na *Revue historique* n.º de março-abril publica Livret um artigo em que discute a cumplicidade d'este celebre jesuita na tentativa d'assassinato de D. José. Em appendice offerece o seguinte poema latino: *Loyoli-*

dum circa facinus in regis Lusitaniæ vitam pie conceptum vindiciæ. O manuscripto d'este poema, que é uma apologia do regicidio, provém do archivo dos jesuitas de Saint-Omer.

(Informação do snr. Moreira de Sá).

C. von Reinhardstoettner, occupa-se no *Litteraturblatt* n.º 5 de uma *Grammatica portugueza* de Julio Ribeiro. São Paulo, 1881 ed. Jorge Seckler 8.º de 299 pag. A critica é relativamente favoravel.

Na *Academy* de 1 de abril de 1882 o snr. Webster publica um artigo: *Popular poetry of Spain and Gascony,* em que analysa a seguinte obra de Costa, *Poesia popular española y mitologia y literatura celto hispana.* Madrid, 1881.

Gerson da Cunha. *Contributions to the study of Indo-portuguese numismatics.* Bombay, 1881, 8.º E' já o fasciculo IV da serie, pag. 35 68, com 3 est. Cada fasc. custa 2 sh. 6 d. Na capa annunciam-se outras publicações importantes do autor sobre a India portugueza e ingleza. E' depositario em Lisboa o snr. Antonio Maria Pereira.

Ernest de la Rochette. *Jacob Rodrigues Pereira,* premier instituteur des Sourds-muets en France. Sa vie et ses travaux. Paris, 1882, 8.º de 576 pag., c. retrato, editor Paul Dupont.

Alfred Morel-Fatio. *Catalogue des mss. espagnols de la Bibliothèque nationale,* 1.º fasc., 243 pag. 4.º O autor promette no 2.º fasc. a relação dos mss. portuguezes, uma introducção, supplemento e indices. Este trabalho do erudito escriptor é o complemento da grande obra de D. Pascual de Gayangos. *Catalogue of the manuscripts in the spanish language in the british Museum.* London. Estão publicados tres grossos volumes em 4.º de 800-900 pag. cada um.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos. *Palmeirim de Inglaterra,* na revista de Gröber, vol. VI, 1882, fasc. 2-3 pag. 216-255. E' a conclusão (40 paginas) do estudo que anteriormente annunciámos, quando sahiu a primeira parte (v. *Revista* vol. II, pag. 263). O autor prepara uma tiragem á parte, com texto correcto e augmentado.

Hugo Schuchhardt. *Kreolische Studien.* Extracto dos

Sitzungsberichte da classe philosoph.-histor. da Academia Imper. das Sciencias de Vienna, vol. CI, fasc. II, 31 pag. Versa sobre o dialecto creoulo de S. Thomé. Vide a analyse do snr. Ad. Coelho a este estudo no *Jornal do Commercio* de Lisboa de 10 e 18 de janeiro de 1883.

Consiglieri Pedroso. *Portuguese Folktales* collected by... and translated from the original ms. by Miss Henriqueta Monteiro. With an introduction by W. R. S. Ralston. M. A. London, published for the Folk-Lore Society by Elliot Stock. London, 1882, 8.° Vide a analyse do snr. Ad. Coelho a esta publicação no *Jornal do Commercio* de Lisboa, de 22 de dezembro de 1882; ahi mesmo dá conta dos outros trabalhos do snr. Pedroso, que teem merecido a attenção da critica estrangeira, e que temos apontado n'esta secção. Recapitulamos:

Contribuições para uma mythologia popular portugueza, fasc. I-VI, Porto, 1880-1881.

Tradições populares portuguezas; continuação da collecção anterior, fasc. VII-XII. Porto, 1881-1882.

Ensaios criticos; fasc. I-III, Porto 1880-1881.

O snr. Consiglieri Pedroso responde a alguns reparos do snr. Coelho no *Jornal do Commercio* de 19 de janeiro de 1883: *O Plano das tradições populares portuguezas.*

J. Cornu. *E'tudes de grammaire portugaise* (Suite). Na *Romania* vol. XI, p. 76. Vide *Revista* vol. II, p. 29.

Do mesmo. *Anciens textes portugais* Vie de Saint Euphrosyne. Vie de Sainte Marie l'Egyptienne. Traité de dévotion. Na *Romania* vol. XI pag. 357-390. E' a publicação de um fragmento de um codice do sec. XIV do fundo de Alcobaça (n.° 266). O snr. Cornu deu no vol. X pag. 334 da *Romania* conta miuda d'este codice e de outros do mesmo fundo: n.os 36, 37 244, 273, e 291.

D. Pedro, el condestable de Portugal considerado como escriptor erudito y anticuario (1429-1466). Estudio historico-bibliográfico por Andrés Balaguer y Merino. Gerona 1881, 69 pag. 8.ª. Tiragem separada da *Revista de ciencias historicas* de Barcelona, vol. III. Tracta-se do filho do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, que morreu em Alfarrobeira (1449). E' um estudo importante, feito sobre documentos ineditos. O snr. Morel-Fatio analysa-o n'um estudo cheio de erudição, contribuindo com factos novos, *Romania* vol. XI pag. 153-160. O critico,

parece, comtudo, ignorar a existencia de um estudo do snr. D. José M. Octavio de Toledo *El Duque de Coimbra y su hijo el Condestable* na *Revista Occidental* Lisboa, 1875. Vol. II, pag. 295-315.

G. Baist. *Etymologisches* (Gröber, vol. VI, pag. 116 e 425); etymologias hespanholas e italianas. E' continuação de Gröber, vol. V, p. 550; citado na *Revista*, vol. II, p. 263.

F. Liebrecht. *Revista d'Ethnologia e de glottologia* de Coelho; Gröber VI pag. 145, critica muito favoravel.

Dr. Karl Müller. *Vasco de Gama*, oder die Auffindung des Seeweges nach Indien. Breslau, 1882, 8.º ed. Trewendt. 5 Marcos, com illustrações do prof. L. Burger. Pertence ao genero das *Jugendschriften* ou publicações para instrucção da mocidade.

Wattemare. *Vasco de Gama*. Biographia resumida, para vulgarisação na *Bibliothèque des écoles et des familles*. Paris, Hachette, 1882, 8.ª pag.

Ferdinand Denis. *Les voyages du Dr. Lacerda dans l'Afrique orientale*. Paris, 1882, 8.º, 12 pag. Imprimerie nouvelle. E' tiragem á parte do jornal *Le Brézil*. Escripto muito sympathico sobre o celebre explorador portuguez, mas imparcial e exacto, como tudo o que sahe da penna do autor.

R. Francisque Michel. *Les portugais en France, les français en Portugal*. Paris, 1882. 8.º de V-285 pag. Guilhard, Aillaud & C.ie

O. Crawfurd. *Ceramic exhibition at Oporto*. Na revista *The Academy* de Londres, n.º 560, 27 de janeiro de 1883. Um rasgado elogio á nossa exposição, principalmente á abundantissima olaria popular.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

EXTRACTO DO NOSSO ARCHIVO

(Continuação, v. vol. II pag. 677)

5 de Dezembro de 1882. Reunião ordinaria do Conselho scientifico. Primeira depois de ferias. Vide mais adiante a noticia d'esta sessão.

14 de Dezembro. São encetados os trabalhos para a futura *Exposição de tecidos nacionaes* em Outubro de 1883. Tecidos de todas as qualidades: em linho, lã, algodão, sêda, tecidos mixtos etc.

15 de Dezembro. Reunião ordinaria do Conselho scientifico. Discussão da proposta do snr. Moreira de Souza, relativa á *Reforma de instrucção secundaria*. (Continuação).

2 e 9 de Janeiro de 1883. Reuniões extraordinarias do Conselho scientifico para a discussão da Consulta da Sociedade de Geographia de Lisboa, relativa á adopção de um *meridiano universal de origem de longitudes*.

12 de Janeiro. Installação da Commissão Organisadora da *Exposição de Ourivesaria nacional* em Abril de 1883.

15 de Janeiro. Reunião ordinaria do Conselho scientifico. Continuação da ordem da noute anterior.

Além d'estas reuniões officiaes houve varias, particulares, de differentes commissões. Citaremos as da Commissão promotora do Bazar de prendas, cujo producto é destinado ao fundo da *Escola de artes e officios*. Os snrs. consocios, que andam muito activos e empenhados no bom exito do Bazar, publicaram um convite ás senhoras portuguezas e estrangeiras, que vae adiante reproduzido.

Concluiu os seus trabalhos, que foram demorados e laboriosos, a Commissão encarregada de elaborar a *Reforma dos Estatutos*. O Secretario geral informou o Conselho da conclusão da tarefa na sessão de 15 de Dezembro de 1882. O novo projecto está impresso, e será distribuido muito brevemente ao socios.

A Commissão organisadora da *Exposição de Ceramica* despediu-se da imprensa portugueza com um officio de agradecimento, que adiante publicamos. Por falta de espaço só pudémos dar publicidade tardia ao Discurso do snr. Presidente no encerramento da dita exposição, e tornar assim mais publica a gratidão que sentimos pelas pessoas que tanto nos coajuvaram particularmente (v. retro pag. 1-3).

A proposito da *Exposição de Ceramica* devemos ainda informar os nossos leitores do honroso convite que nos dirigiu o Governo de S. M. C. por intermedio do Digno Consul de Hespanha n'esta cidade, para concorrermos á *Exposicion nacional de mineria, artes metalúrgicas, cerámica, cristaleria y aguas minerales*, que abrirá no dia 1 de Abril d'este anno, em Madrid.

Infelizmente os recursos da Sociedade são tão modestos, e as despezas causadas pela ultima exposição tão consideraveis,

dando mesmo um prejuizo de 434$380 reis, que tivemos de renunciar a este concurso, com verdadeiro pezar de todos os socios que no Conselho discutiram o assumpto.

O Conselho acceitou uma proposta muito vantajosa que lhe foi feita pelo chimico francez Mr. Ducloux, actualmente n'esta cidade, para a analyse da grande collecção de barros nacionaes que pertencem ao Museu de ceramica da Sociedade.

Antes de nos despedirmos da Exposição de ceramica temos especial prazer em consignar aqui o testemunho do profundo reconhecimento de todos os consocios a S. M. El Rei, o snr. D. Luiz, o qual se dignou conceder no Palacio Real d'esta cidade um abrigo provisorio ás nossas collecções de ceramica nacional. S. M. sabendo, pela direcção das condições em que nos achamos, apertados em uma pequenissima sala, pela qual pagamos, ainda assim um pezadissimo tributo, como brevemente se demonstrará, mandou franquear, sem demora, uma sala do paço, onde os objectos ficarão, por emquanto, guardados nas competentes caixas.

Nos ultimos dias do anno findo (28 de Dezembro) ficou approvado o programma da nova *Exposição* de industrias caseiras em março de 1883, repetição da que fizemos em maio de 1882. Vae publicado de pag. 36-40; apresenta algumas modificações (v. *Revista*, vol. II, pag. 132).

Nas reuniões ordinarias do Conselho scientifico de 5 e 15 de dezembro e 15 de janeiro tratou dos assumptos que atraz indicamos.

Na segunda proseguiu-se sob a presidencia do snr. J. E. Von Hafe na discussão da proposta do snr. Moreira de Souza relativa á reforma da instrucção secundaria. Tomaram parte n'esta discussão os snrs. presidente, Manoel José Felgueiras e Joaquim de Vasconcellos, sendo votadas algumas conclusões, das quaes a mais importante foi a definição dos fins da instrucção secundaria, fins que o snr. Moreira de Souza estabelece de uma fórma positiva.

Foram approvados socios effectivos os snrs. dr. Ernesto do Canto, Augusto Cesar Supico, Francisco Cesar Supico, dr. Caetano de Andrade e Albuquerque, conde da Silvã (D. Francisco) e Henrique T. Murat; este ultimo proposto pelo snr. Isaac Newton e os restantes pelo snr. Luiz de Souza Gomes e Silva.

Foram participadas varias offertas feitas pelos snrs. Ernesto Chardron, padre Francisco José Patricio, José Antonio Castanheira e Dias Muñiz. Entre estas offertas avulta, pelo seu valor a que foi obtida por interferencia do rev. Patricio, e que

consta de uma collecção dos trabalhos cartographicos publicados pela commissão official de trabalhos geodesicos, na qual se contam alguns de muito preço.

O secretario geral participou que brevemente seria apresentado o programma para o monumento á memoria do Infante D. Henrique.

O snr. Isaac Newton propoz que na acta se consignasse um voto de sentimento pela morte da sogra do snr. Henrique Kendall, membro do conselho fiscal da Sociedade.

Na primeira reunião do conselho scientifico da Sociedade de Instrucção, foram approvados socios na leitura do expediente os seguintes senhores:

Antonio Xavier Lourenço de Almeida, José Maria Alves Torgo Junior, Antonio Tiburcio P. Carneiro Vasconcellos, Eduardo Augusto dos Santos Junior, José Correia Pinto da Fonseca, dr. Antonio Ribeiro Fernandes Forbes, Antonio de Almeida Costa, Antonio Joaquim Rodrigues Portella, José Joaquim Teixeira Lopes, Manoel da Terra Pereira Vianna, conde de Castro, Jacintho P. V. Miranda Vasconcellos, Guilherme Monteiro Rebello, Manoel Maria Rodrigues, Gabriel Antonio Carvalho, Antonio Sequeira Ferraz, Emilio de Azevedo Campos, Eduardo da Cunha Rego, José Maria Sant'Anna e Silva, Albino Coutinho de Souza Moraes, Antonio de Albuquerque, Joaquim Ribeiro de Freitas, José David Azevedo Barros, J. da Costa Carregal, Ernesto da Costa Pinto Basto, Joaquim Baptista da Silva Guerra, dr. João Vieira Pinto, Joaquim de Almeida Costa, Julio Cardoso, Eduardo José Alves, Carlos José Alves, José Gregorio Baudoin, Manoel Leite Pereira, Duarte Ferreira Pinto Basto, Antonio José da Silva, Antonio da Rocha Souza Lima, Antonio Bernardo Soares, Candido Augusto Sá Castro, Angelo da Silva Macedo e Manoel Alves Ferreira Pinto.

O presidente, snr. dr. Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, notou que todos os membros do conselho saberiam que um dos seus mais distinctos collegas o snr. Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque acabava de passar por um duro infortunio com a morte de seu pae. Propunha por isso que na acta se lançasse um voto de sentimento por tão infausto motivo; que uma commissão fosse desanojar o snr. Azevedo Albuquerque, em nome do conselho.

Esta proposta foi unanimemente approvada.

O rev. Francisco José Patricio propoz igualmente que na acta se consignasse um voto de sentimento pela morte do illus-

tre geologo o snr. Carlos Ribeiro, a cuja memoria consagrou algumas palavras de veneração.

Finalmente, o snr. Isaac Newton propoz ainda um voto de sentimento pela morte do pae do nosso consocio e dedicado collaborador snr. José de Macedo Araujo Junior.

Foram tambem approvadas estas propostas.

Em seguida foi levantada a sessão, indo quasi todos os membros presentes a casa do snr. Azevedo Albuquerque.

Na terceira presidiu o Vice-presidente da Sociedade, snr. Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque.

Foi dada conta de vario expediente, entre o qual um officio da direcção do Palacio de Crystal, em resposta a dous que lhe foram dirigidos, pedindo a cedencia de um recinto para celebração da exposição de ourivesaria e industrias caseiras. A proposito d'esse officio travou-se larga e acalorada discussão, sendo resolvido que a meza ficasse autorisada a responder, depois de ouvida a commissão promotora da exposição de ourivesaria sobre a conveniencia das propostas da Direcção do Palacio.

Deu-se conta de varias offertas de livros e jornaes.

Finalmente, foram proclamados socios os snrs. Sebastião do Canto e Castro, Bernardo do Canto e Castro, Manoel Euzebio de Souza, Augusto Pereira Nobre, Miguel Dantas Gonçalves Pereira, Albino Coutinho Junior, José Antonio Guimarães Junior e dr. José Pereira da Costa Cardoso.

Foi presente, para ser remettida á redacção da *Revista* da Sociedade, uma circular da delegação da *Exposicão agricola* de Lisboa em maio do corrente anno.

Como a discussão do officio da Direcção do Palacio de Crystal occupou o Conselho até ás 11 horas da noute, não foi possivel continuar na discussão da Ordem da noute (proposta do snr. Moreira de Souza.)

As duas sessões extraordinarias do Conselho (2 e 9 de janeiro; vide retro), realisaram-se sob a presidencia do snr. Albuquerque, o qual apresentou um desenvolvido projecto de parecer, no qual se revelam os conhecimentos especiaes do erudito professor e consocio. Vae publicado retro pag. 86-88.

O snr. Azevedo Albuquerque fundamentou largamente o seu parecer; e, depois de usarem ainda da palavra os snrs. Tito de Noronha, Joaquim de Vasconcellos e Manoel José Felgueiras, foi plenamente approvado, decidindo-se que fosse, sem demora, expedido para Lisboa, o que teve logar dous dias depois.

Foram participadas diversas offertas feitas pelos snrs. dr. Wenceslau de Lima, A. de Oliveira, Diaz y Perez, visconde

de Sanches de Baena e dr. Ayres de Gouveia. A d'este cavalheiro consiste em um formoso tinteiro de prata; e a do snr. Diaz y Perez consiste em um busto em gesso do illustre pedagogo hespanhol Montesinos, acompanhado de uma memoria biographica.

Entre a correspondencia lida achava-se um officio do snr. D. Eduardo Bonilla Martel, digno consul de Hespanha n'esta cidade, a que já alludimos.

Foram approvados socios os snrs. Guilherme Afflalo, dr. Bernardino Machado, J. A. Marques Gomes, Affonso Henriques da Silva Moreira, dr. Adriano Theodoro de Figueiredo Malheiro, Eduardo Augusto Paes Villasboas, José Mendes Leite, José Chrispiniano Junior, Abilio de Jesus Anciães Proença e Alvaro Smith de Vasconcellos.

Na sessão inaugural da Commissão organisadora da *Exposição de ourivesaria nacional*, a 12 de Janeiro, houve trabalhos preparatorios. Eis como o *Commercio do Porto* de 14 de Janeiro dá conta do que ali se passou:

«O vice-presidente da Sociedade de Instrucção, o snr. Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, installou ante-hontem a commissão organisadora da exposição de ourivesaria, que promove aquella distincta quanto prestimosa instituição. Ao fazer esta installação, s. exc.ª agradeceu aos vogaes da commissão a distincção que faziam á Sociedade, accedendo ao seu appêllo e o serviço valiosissimo que prestavam á industria portugueza, organisando uma exposição que ha de mais uma vez testemunhar os meritos do trabalho nacional, restituindo-lhe a confiança no proprio valor.

Occuparam em seguida os respectivos lugares os diversos membros da commissão, ficando presidente o snr. dr. José Augusto Correia de Barros; vice-presidente, o snr. Augusto Moreira da Costa; secretario, o snr. Albino Coutinho; vice-secretario, o snr. Joaquim de Vasconcellos; e vogaes, os snrs. Emilio Augusto Dias, Antonio Luiz Teixeira Machado, Isaac Newton, Augusto Luso da Silva e José Antonio Guimarães Junior.

O snr. dr. Correia de Barros agradeceu a honra que acabava de receber com a nomeação para o lugar de Presidente; e em seguida accentuou a grande importancia e utilidade das exposições que a Sociedade tem organisado e que lhe teem captivado sempre toda a attenção e sympathia.

Reconhecia que a tentativa que se preparava era difficil, porque a industria da ourivesaria se acha em uma situação de crise, mas confiava em que lhe alvoreceria futuro mais risonho, attenta a importancia que ella teve em outros tempos e a im-

portancia que conquistou no nosso paiz. Para se conseguir isso era necessario que se estudassem com sinceridade, energia e dedicação as causas que haviam levado a ourivesaria ao estado em que ella hoje se encontra.

«Não desesperar, não parar no trabalho — tal devia ser a palavra de ordem. Embora a exposição se realisasse em modestas condições, nem por isso deixaria de representar um bom serviço; e, além d'isso, uma primeira tentativa devia merecer, mesmo por este facto, a maior sympathia do publico, dos industriaes, dos homens influentes e das pessoas abastadas, cujo concurso se não póde dispensar.

«De resto, a Sociedade de Instrucção declarava nos seus programmas que não promettia nem realisava grandes emprezas; que se contentava em indagar os meios de augmentar a fortuna do operario portuguez, até agora tão reduzida, e de melhorar a sua modestissima sorte.

«Passando-se a tractar do modo de organisar o programma da exposição, das proporções que esta devia assumir, dos meios necessarios e disponiveis com que se podia contar, da sua distribuição, etc., usaram por mais de uma vez da palavra os snrs. Augusto Moreira, Albino Coutinho, Teixeira Machado, Joaquim de Vasconcellos e Isaac Newton. O snr. Joaquim de Vasconcellos accentuou a sua opinião contraria a que se pedisse o auxilio official, desejando que a exposição fosse realisada pela Sociedade com os recursos proprios. Tocou ainda larga e proficientemente outros pontos.

«O snr. Augusto Moreira offereceu-se para apresentar na exposição todos os elementos necessarios para a demonstração do trabalho das officinas de prata, nas suas variadas phases; e para apresentar tambem alguns operarios, que executem certos processos especiaes de fabrico diante do publico.

«O snr. Albino Coutinho prometteu igualmente apresentar alguns artistas, para exemplificação dos trabalhos em ouro e cravação.

«O snr. presidente agradeceu estas offertas, que considerou de elevado interesse para a exposição, e disse serem uma prova da importancia que os offerentes ligam á classe a que pertencem e á instrucção do publico.

«Por ultimo foram encarregados de elaborar o projecto do programma da exposição os secretarios, snrs. Albino Coutinho e Joaquim de Vasconcellos.»

Parece-nos util, honroso e justo, em homenagem á Commissão de socios que tanto se empenha no bom exito do Bazar

para a *Escola de artes e officios,* resumir aqui o que dizia no seu numero de 20 de Dezembro de 1882 o mesmo jornal, já citado:

«Mais um empenho generoso da prestimosa Sociedade de Instrucção: agora esforça-se por fundar n'esta cidade uma escola de artes e officios, instituição de alta valia, que viria marcar um passo avantajado no ensino technico em Portugal.

«Nas nações mais adiantadas ha, pelo menos uma escóla pratica de artes e officios, onde se formam trabalhadores conscientes e de grande capacidade productiva; entre nós quiz-se remediar essa falta com a fundação dos Institutos Industriaes de Lisboa e Porto, mas é preciso confessar-se que bem pequenos resultados se teem attingido, porque ao ensino falta o caracter puramente pratico. Poucas são as industrias que disfructam no nosso paiz as regalias do ensino technico; tire-se, como excepção, a industria agricola, e que mais fica?...

«De resto o ensino industrial com feição um tanto pratica não passa de desenho, que raramente é desenho industrial; e, n'estas condições, ninguem espere proxima florescencia industrial, porque a mão do operario tem, como unica educação, uma aprendizagem tantas e tantas vezes bem irregular.

«Porque, o novo serviço publico que a benemerita Sociedade de Instrucção projecta levar a effeito é da maior valia e póde ou deve exercer a mais salutar influencia no futuro do trabalho em Portugal...

«A Sociedade vai appellar para as senhoras, pedindo a sua coadjuvação para um bazar de prendas a beneficio da instituição que projecta fundar; e appella muito bem, porque a mulher, sendo na familia um guia, deve ser na sociedade um pharol, um exemplo, um incitamento para tudo quanto se dirija a definir um grande futuro. Depois, ella tem duas fontes de percepção: tem a intelligencia, tem o coração; e d'este modo o esforço da Sociedade de Instrucção deve apresentar-se-lhe aos olhos em toda a nitidez das suas vantagens incontestaveis.»

Segue a circular ás Senhoras:

Exc.ma Snr.a

A Sociedade de Instrucção do Porto, no seu aturado empenho de promover pelo ensino a mais segura prosperidade nacional, deliberou consagrar os seus esforços á creação de uma *escóla de artes e officios*, fazendo d'este modo com que nós imitemos os exemplos salutares que outros povos nos estão dando.

Não desconhece, certamente, v. exc.a os elevadissimos intuitos de uma escóla de artes e officios, que promova a educa-

ção pratica do operario, que crie verdadeiros trabalhadores; não ignora tambem, por certo, quanto influe na riquesa de uma nação o elemento — trabalhador consciente. Alquier, exaltando a influencia das escólas de artes e officios sobre os operarios, escreveu a seguinte affirmação sublime: *Il faut leur faire voir plus qu'il ne faut leur parler.*

Adoptemos, portanto, como estandarte de uma nova cruzada o conceito de Alquier; procuremos transformar em realidade o principio que elle sabiamente enunciou e prestaremos, d'este modo, á nossa patria um serviço que ella, se não immediatamente, pelo menos mais tarde, nos agradecerá com o seu conhecimento de mãe affectuosa. Agradecer-nos-ha esse serviço quando o oleiro, o tecelão, o constructor, os multiplices agentes da industria humana, trabalharem illuminados por uma luz fecundante, que lhes aperfeiçoará a producção, lhes abrirá o consumo, e creando a prosperidade individual, creará tambem a prosperidade nacional.

Nós, sós, pouco podemos fazer na cruzada que prégamos.

A's senhoras, como as mais efficazes protectoras de tudo quanto é generoso, e dedicado, supplicamos que nos coadjuvem n'esta obra de adiantamento.

N'esse intuito promovemos a realisação de um bazar de prendas para o qual ousamos pedir a valiosa cooperação de v. exc.ª que, com um trabalho seu, fará um beneficio e dará ao mesmo tempo um exemplo.

Accedendo benevolamente ao nosso pedido, v. exc.ª não haverá só distinguido a Sociedade de Instrucção — haverá, o que mais vale, certamente alimentado a realisação de um importantissimo melhoramento publico. E', sem duvida, uma agradabilissima consolação.

Somos com a maior consideração

De v. exc.ª,
attentos veneradores e criados,

Dr. E. H. Brandt,
José de Macedo Araujo Junior,
Wilson Rawes,
Dr. Pedro Augusto Ferreira,
Augusto Luzo da Silva,
João Camillo de Castro Junior,
Bento de Souza Carqueja Junior,
Eduardo Sequeira.

Porto, 1 de dezembro de 1882.»

As prendas podem ser enviadas para as seguintes localidades:

Largo da Carvalhosa, 166.
Rua do Triumpho, 70.
Largo de S. Pedro de Miragaya, 11.
Rua do Bomjardim, 612.
Rua da Assumpção, 27 e 30.
Rua da Alegria, 215.

Não devemos concluir esta rapida revista sem agradecer cordealmente em nome da Sociedade as palavras com que o nosso consocio snr. Bernardino Machado saudou na camara dos deputados (sessão de 19 de janeiro) os esforços que ella tem feito a bem da instrucção nacional.

No momento em que nós dirigimos ao Parlamento uma representação, pedindo alguns palmos de terra, em que possamos estabelecer-nos seguramente, ao abrigo de exigencias e sacrificios que absorvem uma parte muito consideravel da nossa receita — importa-nos muito que uma voz auctorisada accentue a justiça com que fazemos o pedido.

Pela nossa parte forneceremos ao Parlamento os documentos mais insuspeitos, confiando na eloquencia dos factos, porque é com estes que temos argumentado. O numero de março publicará os documentos.

A imprensa, não só do Porto, mas de todo o paiz, tem ajudado sempre a Sociedade, generosamente, mas nos ultimos tempos tivemos a consolação de lêr uma serie de artigos que aqui reproduziriamos com o maior prazer, se não estivessemos luctando sempre com a falta de espaço, apesar de successivos augmentos n'esta Revista, que não foram compensados na receita.

Esperamos ter um dia a fórtuna de coordenar em uma publicação especial os pareceres da imprensa portugueza ácerca das emprezas que temos realisado.

Entretanto, desde já agradecemos os artigos que ultimamente appareceram, a proposito do projecto da *Escóla de artes e officios*, nos seguintes periodicos, todos do mez de Dezembro:

Primeiro de Janeiro (Porto) de 20; *Commercio Portuguez* (Porto) da mesma data; *Aurora do Cavado* (Barcellos) de 19, *Correspondencia de Portugal* (Lisboa) de 20 e 29; *O Progressista* de 21; a *Correspondencia de Coimbra* de 19; o *Commercio de Penafiel* de 20; a *Gazeta da Beira* de 29 (Mangualde); as *Noticias do Algarve* de 30, etc.

RECEITA E DESPEZA DA SOCIEDADE

NO ANNO

RECEITA

Saldo do anno proximo passado		1:443$715
Da *Revista da Sociedade*—cobrado	261$125	
» » —em divida { no reino . .	342$300	
» » —em divida { no estrangeiro	348$825	952$250
Dos socios—cobrado.	1:092$600	
» » —em divida	358$200	1:450$800
De diversos:		
Juros em conta corrente	50$320	
Diversas contas	212$010	262$330
Exposição de Historia Natural:		
Entradas em Janeiro		8$850
Exposição de Industrias Caseiras:		
Entradas	746$680	
Objectos vendidos de conta de diversos	56$775	803$455
Exposição de Camelias em Lisboa:		
Entradas		370$700
Centenario de Frœbel:		
Biographias vendidas		19$800
Escola Frœbel:		
Recebido da Direcção do Palacio de Crystal terça-parte do producto liquido da exposição de flores		34$145
Exposição de Ceramica:		
Entradas 7:143 a 200 reis	1:428$600	
Objectos vendidos de conta de diversos	125$040	
Recebido do Governo de S. M. para premios . .	300$000	1:853$640
Total		7:199$685

Porto, 2 de Fevereiro de 1888.

COMMISSÃO DE EXAME DE CONTAS

Henrique C. M. Kendall,
Carlos Augusto Paes,
Julio Moreira,
Conselheiro José da Silva Monteiro,
José Maria d'Almeida Outeiro.

DE INSTRUCÇÃO DO PORTO

DE 1882

DESPEZA

Revista: despezas de impressão e expedição, etc. .		775$060
Despezas geraes: ordenados, expediente, etc. . .		394$855
Exposição de Historia Natural:		
Despeza de expediente, fretes, vidros, etc. . . .		177$615
Exposição de Industrias Caseiras:		
A ordenados, expediente, diplomas, etc.	563$760	
Despeza com as rendeiras	80$120	
Rendas compradas em Peniche	40$500	
Ao Palacio de Crystal 10 por cento, sobre 623$280		
Dito 35 por cento, sobre 123$400	105$520	789$900
Exposição de Camelias em Lisboa:		
Aluguer do salão da Trindade, conducções do caminho de ferro, etc.		383$960
Centenario de Frœbel:		
Diversas despezas, impressão de biographias, etc. .		230$495
Exposição de Ceramica:		
A ordenados, expediente, fretes, passagens no Caminho de ferro, diplomas, conta de carpinteiro, etc.	1:561$150	
Ao Palacio de Crystal:		
Percentagem sobre 7:143 entradas	301$650	
Objectos vendidos de conta de diversos	125$040	
Viuva Moreira & Filhos, conta de premios do Gov.	300$000	2:287$840
Bibliotheca:		
Magalhães & Moniz, conta de livros		20$450
Moveis		8$000
Monumento ao Infante D. Henrique:		
Despeza de expediente		330
Saldo no Banco Commercio e Industria	368$275	
Em uma promissoria do mesmo Banco	713$580	
Cobrança a realisar	1:049$325	2:131$180
Total		7:199$685

O CONSELHO ADMINISTRATIVO

Visconde de Barreiros, Presidente.
José Teixeira da Silva Braga Junior,
Tito Jorge de Carvalho Malta,
Pedro Augusto Ferreira,
Marcos Archer,
Antonio Dominguez Canedo,
Wilson W. Rawes,
Eduardo Sequeira,
Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro,
Alberto Rebello Valente Allen.
Isaac Newton, Thesoureiro.

CIRCULAR Á IMPRENSA PORTUGUEZA

Ill.mo Ex.mo Snr.

No momento em que se fecham os trabalhos da exposição de Ceramica, a Direcção da Sociedade de Instrucção do Porto passa mais uma vez em revista os elementos que concorreram para o bom exito da sua empreza, e lembra-se da imprensa do paiz.

Apesar do aproveitamento d'uma serie de circumstancias favoraveis, a Sociedade não poderia ter fixado a attenção do publico por tanto tempo, se a imprensa não viesse em seu auxilio. Não temos illusões a respeito do valor relativo dos nossos esforços e crêmos hoje, como sempre, ser necessario appellar para a protecção constante e desinteressada d'aquelles que teem a elevada missão de guiar a opinião publica no meio de correntes contradictorias.

De um extremo do paiz ao outro a imprensa portugueza não só se transformou em fiel interprete das nossas idéas e dos nossos desejos, mas achou ainda palavras de louvor, que foram além d'aquillo que nos era dado ambicionar.

Não podemos esquecer isto, e por isso mesmo desejamos confessal-o, e levar ao conhecimento d'essa illustre redacção este singelo testemunho do nosso reconhecimento.

Deus Guarde a v.

Sociedade de Instrucção do Porto, 16 de dezembro de 1882.

Na ausencia do presidente

O secretario geral

Joaquim de Vasconcellos.

3.º ANNO | 1 DE MARÇO DE 1883 | N.º 3

CARTAS SOBRE A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE

(Continuação, v. pag. 65)

A' Educaçaõ que teve el Rey Dom Dinis devemos tanta gloria como alcançou o Reyno em ser povoado, rico, potente e respeitado; el Rey D. Duarte taõ cheyo de virtudes, como vexado por disgraças, sendo educado por sua May a Rainha Dona Phelipa, mostrou quanto as Mays podem contribuir para a felicidade dos filhos. O poder a que chegou França no tempo de Luis Quatorze, e gloria que conserva ainda, teve origem na boa educaçaõ de Henrique o Quarto e do seu Ministro o Duque de Sully; ambos nascidos de pais protestantes, ambos educados austeramente, com Mestres excellentes nas sciencias e nos costumes, formáraõ o animo deste Rey e deste seu privado, que toda a sua vida foi hum modelo da ordem nos negocios e na applicaçaõ. O Duque de Sully sendo de huma familia taõ Nobre naõ era a pessoa para administrar as Rendas Reais, porque estes cargos andáraõ sempre exercitados pelos Rendeyros da Fazenda Real: mas a necessidade em que se achava Henrique Quarto pedia hum amigo para remediála, e naõ achou outro que o duque de Sully, o qual naõ reparando bayxarse para levantar o seu Rey, com o Reyno, dezempenhou o Estado, ajuntou thezouros, destruio os inimigos, resuscitou a agricultura do Reyno que estava perdida, introduzio o comercio, e instituio a cultura das sedas, e fabricas destas e das lans. Que se leam as Memorias [1] deste grande Ministro, e então ficaraõ todos persuadidos que o segredo de adquirir immortal fama nos postos e nos cargos com utilidade publica, consiste na distribuiçaõ do tempo, na ordem da vida e regra de viver; o que sómente se aprende na primeira idade, como habito que fica por toda a vida.

Dizia Socrates, que era couza notavel que havendo Mes-

---

1 Mémoires du Duc de Sully. M. de Rosny. 4 Vol. 4.º Paris.

tres, e Escolas para aprender tudo o que era necessario para ser rico, considerado, e auctorisado, que só naõ conhecia huma onde os homens e os meninos fossem a aprender a ser bons. Eu sem tantos conhecimentos, e com menor virtude acho que em Portugal terá a Nobresa e a Fidalguia Mestres a milhares que lhes ensinem as lingoas, dançar, esgrimir, montar a cavallo, e sobre tudo as genealogias, mas naõ posso considerar que haja hum, que lhes ensine que he *obrigado a obedecer* aos Magistrados, e a todos aquelles empregados no serviço do Estado, como sejaõ seos Mayores; naõ posso considerar que possa a Fidalguia perder aquella soberba com que nace, e aquella independencia, do que em huma Escola Militar, governada pella *disciplina Militar*, que naõ conhece outra Genealogia, nem Sangue Real, do que o cargo e o merecimento. Se esta mocidade desde a idade de nove ou dés annos estiver costumada ser mandada, e posta em prizaõ por hum Tenente, ou Capitaõ nobre, ou naõ nobre; se for castigada por ter insultado o seu Mestre, ou huma criada ou servente da dita Escola, perderá aquelle habito que contrahio em caza em companhia das ayas, e dos creados graves, e queyra Deos, que não fosse contrahido com domesticos de esfera mais inferior?

Esta disciplina Militar, esta ordem, e saber repartir o seu tempo, se espalharia por todas as tropas, e por toda a armada, porque ja dissemos que todos os subalternos imitaõ os vicios, ou as virtudes, o trato, e o modo de viver dos superiores. Que Escolas temos no Reyno onde a Fidalguia na primeyra idade possa aprender a *moderar* as suas payxoens? a ser constante nas adversidades, e nos perigos? Feliz seria a Corte que constasse dos que foram assim educados! As Leis teriaõ vigor, porque os Subditos as executariaõ; e estando autorizados, as observariaõ; conhecendo interiormente terem superior, e que saõ nacidos Subditos. Em que Escola se aprende hoje no Reyno amar a sua Patria? naõ consiste este amor perder a vida por ella, atacando hum Corsario, ou subindo por huma brecha; a gloria que redunda destas acçoens, recompensa bem o perigo: este amor consiste em serlhe util, e em augmentar por todos os meyos a sua conservaçaõ, e a sua grandeza: ama a sua Patria o Senhor de terras, que as faz ferteis, que multiplica por cazamentos as aldeas, contribuindo com o seu, e com as suas terras a sustentar estes Subditos, e os que haõ de vir desta uniaõ: ama a sua Patria aquelle que podendo comprar hum vestido de pano de Inglaterra o manda fazer de Covilhãa; estes saõ os Patriotas, e aquelles que conhecem no

que consiste a sua conservaçaõ, e a sua ruina. Sómente na Escola proposta se poderaõ adquirir estes conhecimentos, e adquirir estes habitos virtuozos.

Admiramonos da temeridade del Rey Dom Sebastiaõ, naõ só por expor-se cotidianamente aos perigos mais iminentes, mas de passar a Affrica como hum aventureyro; acuzamos, ainda que com razaõ seos Mestres os Jesuitas, e sobre todos Pedro Gonsalves da Camara, e naõ acuzamos os costumes estragados, e a ignorancia da Fidalguia daquelles tempos. E nenhum incentivo mayor teraõ jamais os Nossos Reys para cuidarem da severa educaçaõ da sua Fidalguia do que a catastrophe do referido Rey; porque he certo que se fosse como pedia o seu nacimento, que naõ cahiria o Reyno naquelle taõ lamentavel abatimento.

Os Reys que tiverem particular cuidado da educaçaõ dos Nobres e dos Fidalgos, he o mesmo que fortificar praças, fazer frotas, e multiplicar a felicidade dos seos dominios, fim de toda a Legislação de qualquer Estado. Relata *M. Ricaut* [1] que a grandesa e a conservaçaõ do Imperio de Turquia depende totalmente da educaçaõ que o Gran Senhor dá no *Seraillo* á mocidade, que elle adopta e cria á sua custa.

O referido Auctor no lugar citado dis assim [2] «O Graõ Senhor naõ considera nos seos Ministros, nem o nacimento, nem as riquezas: elle tem por maxima empregar aquelles que foraõ educados a sua custa; e como elles naõ tem outro arrimo, nem outra esperança, daqui he que saõ obrigados á gratidaõ e a servirem com a mayor fidelidade.....

«Os meninos destinados a servir os mayores Cargos daquelle Imperio, que os Turcos Chamaõ *Ichoglans*, forçosamente hão de ser filhos de Christaõs tomados na guerra, e de terras distantes da capital..... Antes que estes meninos entrem no lugar destinado para se criarem os prezentaõ ao Graõ Senhor; e os envia ou ao serrail de *Pera*, ou ao de *Adrianopoli*, ou ao de Constantinopla.»

Ali saõ doutrinados naquelles tres Collegios, ou pensoens com toda a severidade pelos Eunuchos; ali aprendem todos os exercicios militares, escrever, e a sua Religiaõ, e as Lingoas Persiana, e Arabiga: e nestes filhos adoptivos se provem todos

---

[1] Histoire de l'Etat présent de l'Empire Ottoman. Lib. I Cap. V. Paris, 1670. 8.°

[2] Pag. 83.

os Cargos do Imperio; estes saõ aquelles que vem a ser Bachas, Vizires, etc.

He facil prever que sendo educados assim todos aquelles que haõ de servir hum Estado, que seraõ os mais gratos, e os mais fieis ao seu Soberano, que sempre consideraraõ como piissimo Pay. Se fossem educados ingenuamente com os conhecimentos da Europa, e com as maximas da Religiaõ Christã, taõ excellentes para conservar a paz, a humanidade, e cordialidade entre os iguais e superiores, sentiria aquelle Estado muito mayor utilidade daquella excellente educaçaõ, porque naõ he possivel considerar outro melhor methodo para conservar huma monarchia, e para promover a felicidade de hum Rey.

Tenho acabado o que prometi a V. Illustrissima, e sem embargo que esteja persuadido que naõ satisfiz a tudo que pertence á materia que tratei, naõ duvido será de alguma utilidade, e será a mayor, a meu ver, haver mostrado a necessidade que tem o Reyno de huma educaçaõ universal da Mocidade, governada por hum novo Tribunal, dependente de hum Secretario de Estado. Os defeitos, ou omissoens que V. Illustrissima notar neste papel, ou cauzados pela auzencia de tantos annos da Patria, ou pela ignorancia das circunstancias, facilmente se remediaraõ, se V. Illustrissima for servido notalos, porque entaõ me será mais facil acertar com a idea da perfeita educaçaõ da Mocidade Portugueza. Fico para obedecer a V. Illustrissima com o mayor respeito.

Deos guarde a V. Illustrissima muitos annos

Paris, 19 de Novembro 1759.

ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES.

TABOA DAS DIVISÕES

VOLUME II

	Pag.
Introducção	283
Das Escolas e dos Estudos dos Christaons até o tempo de Carlos Magno, no anno 800	285
Reflexoens sobre as Escolas Ecclesiasticas . . .	290
Continûa a mesma Materia	293
Idéa das Obrigaçoens da Vida Civil e do Vinculo	

Pag.

da mesma Sociedade 297
A Constituçam Fundamental da Sociedade Christaã 317
Continûa a mesma Materia 318
Como os Ecclesiasticos introduziram governar os Estados Catholicos, pelas Congregaçoens dos primeiros Christiaons, e pelas Regras dos Conventos . 328
Das Universidades 357
Dos Estudos da Universidade de Coimbra, depois da sua Renovaçam no anno 1553 361
Resumo do Referido 364
Effeitos que cauzáram em Portugal as Escolas, e as Universidades da Europa e do mesmo Reyno 381
Continûa a mesma Materia. Effeitos que causáram nos Costumes as Leis referidas 384
Continûa a mesma Materia. E sobre a Escravidam, e sobre a Intolerancia Civil 388
Que a nossa Monarchia se podia conservar com a Educaçam Ecclesiastica que tinhamos, em quanto conquistava; mas que nam he sufficiente depois de acabadas as Conquistas 393
Objecto que devia ter a Educaçam da Mocidade Portugueza, no tempo del Rey Dom Joam o Terceyro, e parece que ainda hoje 453
Da Natureza da Educaçam da Mocidade, e do Objecto que deve ter no Estado onde he nacida . . . 458
Qualidades dos Mestres, para ensinar a ler & a escrever, &c 462
Do que haviam de aprender os Mininos alem de ler, escrever e contar &c 465
Das Escolas da Lingoa Latina e da Grega, Humanidades, e da Lingoa Materna 578
Dos Mestres e dos Discipulos das Escolas do Latim, &c 583
Necessidade que tem o Reyno de Escolas em modo de Seminarios 584
Continûa a mesma materia, e das Pensoens das Escolas do Latim no Reyno, por causa da Educaçam da Mocidade das Colonias e das Conquistas de Ultramar 585
Das tres Classes de Discipulos das Escolas Lat. &c . } 588
Continûa a mesma Materia . . . . . }
Digressam sobre as Pensoens e sobre a Lingoa Latina tanto no Reyno, como nas Colonias . . . 592

Pag.

Da terceyra Classe de Estudantes que aprenderia nas Escolas Reais a Lingoa Latina, Grega, &c. . . 657
Dos Estudos Mayores, ou Collegios Reais . . . 658
Sobre o ensino que deve preceder as Escolas Mayores, quer dizer da Physica e da Legislaçam . . 662
Em que lugar se haviam de ensinar as Sciencias referidas? 666
Da Educaçam da Fidalguia e dos Fidalgos, que tem Assentamento e Foro na Caza Real 668
Que sorte de Educaçam convem a Fidalguia Portu-

VOLUME III

gueza, que seja util a si e a sua Patria? . . . 6
Continûa a mesma Materia. Em que lugar devia ser educada a Fidalguia e Nobreza de Portugal . . 9
O que sam as Escolas Militares 11
Propoem-se huma Escola Real Portugueza, para ser nella educada a Nobreza e a Fidalguia. Economia interior 50
Em que idade deviam entrar os Educandos na Escola Real Militar? 52
Consequencias por nam criarem as Mays seos filhos 53
Dos Mestres da Escola Real Militar, para a Arte da Guerra e das Sciencias 56
Das Lingoas e Sciencias que se deviam ensinar nesta Escola, e em que tempo? 58
Ponderaçam sobre a Lingoa Latina 60
Empregos e Honras com que haviam de sahir os Benemeritos desta Escola 62
Utilidades que resultariam tanto ao Reyno, como ao Soberano do exacto exercicio desta Escola Militar, que se propoem 63

FETOS LUSITANICOS EM GERAL

E DOS SUBURBIOS DO PORTO EM ESPECIAL

(Continuação, v. vol. II, pag. 86)

2.ª Familia, das PTERIDEAS. J. Smith. — São distinctivo d'esta populosa familia dos fetos os soros circulares ou alongados, e transversos, marginaes, intramarginaes ou costaes, sim-

ples, salvo quando se tornam confluentes, que então são compostos; teem um indusio lateral particular, que é produzido na parte exterior do receptaculo esporangifero. A sua margem interior é livre. As *Pterideas* são distinctas das Polypodiaceas pelo seu indusium especial.

Comprehende esta familia um grande numero de generos que conteem muitissimas especies com suas variedades.

Os differentes generos dos quaes encontramos em Portugal algumas especies, são os que se seguem:

1.º *Adiantum.*
2.º *Allosorus.*
3.º *Pteris.*
4.º *Cheilanthos.*
5.º *Woodwardia.*
6.º *Lomaria.*

I. — Adiantum. Linneu.

(*Não molhado*).

Este genero de plantas deriva o seu nome da palavra grega *adiantos*, que significa *não molhado*. Deram-lhe este nome em consequencia da propriedade que tem a sua folhagem de permanecer secca immediatamente depois de haver sido mergulhada na agua.

Distinguem esta planta os caracteres seguintes: soros reniformes, oblongos, redondos ou lineares, situados nos bordos das pinnulas em linha continuada ou interrompida. Veios direitos terminando nos eixos do indusium. Indusium venoso, esporangifero no reverso. Frondes simples, pinnadas, pediceladas, bipinnadas, reniformes ou decompostas, de 150 a 950 millimetros de comprimento. Hastes negras e luzidias. As pinnulas ordinariamente obliquas, truncadas, aguçadas para a base, e só fructificadas no extremo das margens e articuladas com o peciolo.

São numerosissimas as especies d'este genero, como poderá vêr-se na obra intitulada *Species Filicum*, de William Kooker, na qual se acham descriptas 108 especies.

A nossa flora só conta uma especie unica, da qual vamos occupar-nos.

Adiantum Capillus Veneris. Lin.

(*Cabello de Venus não molhado*).

Synonimos — *Adiantum africanum,* Brown.
» *capillus,* Swartz, etc.
» *cuneifolium,* Stoker.
» *dependens,* Chapman.
» *fontanum,* Gray.
» *Moritzianum,* Link, etc.
» *repandum,* Tausch.
» *trifidum,* Willdenow.

Nome vulgar — *Avenca.*

Descripção — Frondes decompostas de fórma oval ou triangular, excepcionalmente oblongas ou lanceoladas, membranaceas, bi ou tripinnadas; foliolos alternados, pinnulas cuneiformes, lobadas, pedicelladas, variando excessivamente de fórma. Veios com ramificações dichotomas, os pequenos veios desunidos nos seus extremos. Fronde de côr verde brilhante. Soros oblongos de grandeza variada, o indusio membranoso, contendo os esporulos na face inferior. As raizes e estipulas de um negro de ébano brilhante, com algumas escamas na base. Estipulas lateraes. O rhizoma rasteiro, muito escamoso. Alguns auctores apresentam tres variedades d'esta especie de Adiantum: *var. Multifidum,* Vollaston; *var. Incisum,* Moore; *var. Rotundatum,* Moore.

Habita — Nas fontes, poços, minas e outros logares sombrios, paredes humidas, etc., em todo o paiz. Fructifica na primavera.

Cultura — Em grades de madeira ou cestos de suspensões, em vasos com muita drenagem, em cascatas, etc., adquirindo á sombra e na humidade todo o seu viço e vigor. Gosta da caliça e terra pôdre misturadas. Conserva-se nas salas, e póde dizer-se que é o melhor adorno dos aquarios, hoje tanto em moda por toda a parte. O seu cheiro fresco um pouco amendoado torna-se bastante agradavel, e parece que esta planta refresca demasiado o ambiente.

II — Allosorus. Bernhardi.

(*Do grego allos e sóros, sóros differentes*)

Genero pouco abundante em especies, com as frondes ferteis diversas das estereis, sendo aquellas contrahidas e com os

bordos virados, parecendo formar um indusium em toda a volta.

Esporangos terminaes situados sobre as nervuras obliquas, reunidos em soros lineares, arredondados ou ovaes, lateralmente confluentes; os veios livres e forcados; as frondes bitripinnadas ou decompostas, tendo as estereis as pinnulas denticuladas crenadas ou laciniadas.

D'este genero só possue a flora portugueza uma especie unica, que é a que se segue.

ALLOSORUS CRISPUS. Bernhardi.

(Differentes soros encaracolados)

Synonimos — *Acrostichum crispum*, Villars.
Allosorus Stelleri, Ruprecht.
Cryptogramma crispa, R. Broun, etc.
Onoclea crispa, Hoffmann.
Osmunda crispa, Linneu.
» *rupestris*, Salisbury.
Phorolobus crispus, Desvaux, etc.
Pteris crispa, Smith, etc.
» *Stelleri*, Gmelin.
» *tenuifolia*, Lamarck.
Stegania onocleoides, Gray.

Nome vulgar — ?

Descripção — Esta especie de feto tem frondes ferteis e estereis no mesmo rhizoma, annuaes, desabrochando em maio para desapparecerem no outomno. As frondes estereis folhudas, bipinnadas, e algumas vezes tripinnadas; pinnas curtas em fórma de cunha, inciso-denticuladas, ovado triangulares, alternadas, diminuindo de grandeza para a extremidade da fronde; as pinnulas egualmente alternadas, ovaes, pinnatifidas ou pinnadas; os lobulos cortados parecendo dentes agudos lineares. As frondes ferteis contrahidas, tripinnadas e excepcionalmente quadripinnadas na parte inferior das infimas pinnas; estas alternadas, ovaes; pinnulas alternadas, pinnadas na parte superior e pinnado-pinnatifidas na parte inferior das pinnas. As ultimas divisões oblongo-lineares, obtusas e pecioladas. Estas frondes são de uma côr verde amarellada, ao passo que as estereis são de um verde-gaio. Fructificação no reverso da fronde; soros pequenos muito unidos e formando uma linha contínua, e de fórma quasi redonda, ficando quasi encobertos sob o en-

rolado dos bordos das pinnulas. As frondes variam entre 10 e 55 centimetros de comprimento.

Habita — Rochedos das montanhas das provincias do sul.

Cultura — Gosta da sombra, muita drenagem que o livre das aguas estagnadas. A humidade com excesso, sobretudo no inverno, após a queda das folhas, mata-o irremediavelmente.

III. — Pteris. Linneu.

(De *Pteris* ou *Pteron*, *Aza*, palavra com que os gregos denominavam os fetos em geral)

Este genero, cujo principal representante é o *Pteris aquilina*, do qual brevemente teremos occasião de fallar, deve o seu nome á similhança que tem a fórma de ramificação das suas frondes com uma aza. E' talvez o mais numeroso de todos os generos dos fetos. Entre elles ha uns cujas frondes não excedem, no seu maximo desenvolvimento uns 35 centimetros de comprimento, emquanto outras se elevam a dez vezes aquella grandeza. Ha-os pinnados, bipinnatifidos ou decompostos, lisos ou pelludos. Os veios são forcados, e os ramusculos d'estes sustentando nos seus extremos os esporangos, os quaes constituem um receptaculo nerviforme, ornando os varios segmentos da fronde e constituindo um soro linear, ordinariamente contínuo, raras vezes interrompido; o indusio plano, continuado com o bordo da fronde, abrindo-se pela parte interna, e com a base muitas vezes coberta de esporangos. As frondes são quasi sempre compostas. Contém este genero muitas especies interessantes e notaveis pela belleza de suas fórmas graciosas, dignas de serem aproveitadas para decoração dos logares sombrios, como parques, grutas, rochedos, etc.

D'este genero encontram-se em Portugal as tres especies que vamos indicar.

I. — Pteris arguta. Smith.

Synonimos — *Pteris incompleta*, Cavanilles.
» *palustris*, Poiret et Willdenow.

Nome vulgar — ?

Descripção — Frondes attingindo um metro e meio de comprimento, estendidas, palmadas, bitripinnadas, verde-pallidas. Pinnulas lineares acuminadas, com segmentos oblongo-lineares, de fórma obtusa, e tendo a margem denticulada. As estipes teem ordinariamente metade do comprimento da fronde, e são de uma côr verde pardacenta com algumas manchas de-

negridas, tendo algumas escamas similhantes a cabellos. O rhizoma é erecto. Os soros lineares, começando na base das pinnulas e estendendo-se quasi até ao extremo d'ellas. Veios muito pronunciados e de côr mais pallida do que a da fronde.

Habita — Serra de Cintra, e, conforme o affirma Tourneff, os terrenos arenosos e sombrios das provincias occidentaes. O exemplar que possuimos, devemol-o á obsequiosa offerta que d'elle nos fez para a nossa collecção, com outras especies mais, o snr. W. Tait, dizendo-nos o mesmo snr. que o colhêra em Santo André de Canidello em Villa Nova de Gaya.

Cultura — Propaga-se facilmente esta especie de fetos pelos esporangos. Cultivam-se em terra bem adubada para que as frondes possam desenvolver-se e attingir o maximo de seu crescimento, sendo conveniente regal-os com ourina e agua, devendo regular aquella por um terço d'esta.

II. — Pteris aquilina, Linneu.

(Asa de aguia)

Synonimos — *Allosorus aquilinus*, Presl.
» *Hottentotus* »
» *lanuginosus* »
» *recurvatus* »
» *tauricus* »
» *villosus* »
Cincilanis aquilina, Gleditsch.
Eupteris aquilina, Newman.
Pteris borealis, Salisbury.
» *brevipes*, Tausch.
» *capensis*, Thunberg.
» *caudata*, Link.
» *excelsa*, Blume.
» *firma*, Wallich.
» *fœmina*, Gray.
» *lanuginosa*, Bory.
» *nudicaulis*, Culdenstadt.
» *recurvata*, Wallich.
» *terminalis*, Wallich.
» *villosa*, Fee.
» *Wightiana*, Wallich.

Nome vulgar — *Feto, Feto commum, Feto grande, Feto femea* das boticas, e *Feito* ou *Fento* no Minho.

Descripção — Frondes coriaceas, erectas, supra-decompostas, ordinariamente bitripinnadas, pinnas lanceoladas, sendo as inferiores ou secundarias pinnatifidas, e as superiores menores, de fórma ovada, oppostas, frequentemente affastadas: a fórma geral da fronde ordinariamente triangular; o peciolo comprido, forte, escuro na base e profundamente enterrado. O rhizoma muito extenso em grande profundidade. Os veios forcados ou simples. Os soros marginaes lineares, em duas series oppostas, parallelas ás margens das pinnulas. O indusio membranoso, e nullo após a maturação. O comprimento das folhas varía de o,^{m}15 nos logares altos, calmosos e asperos, até 3 metros nos logares sombrios e humidos, taes como as margens dos rios quando assombradas por arvoredo denso. Fructificação perenne no estio. Nas ilhas Canarias são usados como alimento os rebentos d'este feto, segundo o affirma Ledru.

Nos bosques dos terrenos siliciosos esta especie de fetos chega a formar uma povoação completa, e então as suas frondes costumam ser aproveitadas depois de sêccas para coberturas e abrigos dos jardins e das hortas, e para estrado ou cama do gado nos curraes. No hemispherio meridional abunda em diversas paragens a variedade *esculenta* (*Pteris aquilina, var. esculenta,* Hooker). Entre nós apparecem varios abortos da especie commum, encontrando-se as frondes bifurcadas ou *aliformes;* as pinnas ora amontoadas ou sobre-postas, ora tambem bifurcadas, comprovando a tendencia que teem os fetos em geral para a dichotomía.

Habita — Quasi por toda a parte, desde as margens dos rios e das estradas até ás planicies, e d'estas até ás montanhas, preferindo elles, como já o deixámos dito, para seu maior desenvolvimento os logares baixos, humidos e sombrios. E' vulgarissimo no Porto e em todas as suas cercanias.

Cultura — E' rebelde por extremo á cultura esta especie tão selvagem de fetos. Consegue-se a custo cultivar-lhe os rhizomas em vazo, fazendo a plantação na primavera em terra aspera e siliciosa, com muita drenagem e poucas regas. O melhor meio de reproducção porém é a sementeira na primavera.

IV. — Cheilanthes. Swartz.

(De *Kêilos, labio,* e *anthos, flôr*; por allusão á fórma do indusio d'estes fetos).

Este genero de pequenos fetos é distincto pelo recorte mimoso de suas frondes, e é o unico que nos offerece uma especie odorifera. As frondes ordinariamente bipinnadas, teem as

margens recurvadas servindo de falso indusio; os veios furcados e livres; os reunidos em soros pequenos, marginaes e arredondados. D'este genero possuimos uma unica especie, que vamos descrever.

CHEILANTHES FRAGRANS. Hooker.

Synonimos — *Adiantum fragrans*, Viviani.
Cheilanthes Maderensis, Lowe.
» *odora*, Swartz, etc.
» *suaveolens*, Schkukr.
Polypodium fragrans, Linneu.
Pteris acrosticha, Balbis.
» *fragrans*, Lag.

Nome vulgar — ?

Descripção — Esta, como todas as outras especies do genero, não attinge grande desenvolvimento. Por exhalar algum cheiro, lhe adveiu a denominação pela qual é conhecido. Tem as frondes bipinnadas, ovado-lanceoladas; as pinnulas ovaes, obtusas, sub-lobadas; o peciolo escamoso e bem assim o rhizoma. D'este destacam-se as frôndes em tufo não excedendo $0^m,15$ a $0^m,18$ de comprimento. Os soros confluentes, e a côr das frondes verde-escura. O snr. A. Luso da Silva possue a *var. bipartida* na sua importante collecção. Fructifica no verão e é annual.

Habita — Coimbra, Belem, Vallongo, Fanzeres, Rio Tintó e Porto, nos muros velhos e nas fendas dos schistos. Diz o snr. A. Luso que tambem o encontrou nas ruinas do Castello de Aguiar do Sousa.

Cultura — Terra saibrenta, muita drenagem, pouca humidade, e posição inclinada, nunca horisontal.

(*Continúa.*)

M. J. FELGUEIRAS.

O LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

DO RIO DE JANEIRO [1]

Promettemos fallar do movimento a favor do ensino profissional que se observa no Brazil ha annos. Vamos cumprir

[1] Transcripto, com a devida licença, do *Jornal do Commercio* de Lisboa de 1 e 16 de janeiro de 1883.

esta promessa, feita na primeira revista, e provar como o movimento iniciado com a escóla de South-Kensington se reflectiu no imperio.

No dia 23 de novembro de 1856 reuniam-se varias pessoas n'uma das salas do museu nacional do Rio de Janeiro, para ouvir da boca do architecto sr. Francisco Joaquim Bettencourt da Silva o projecto de fundação de uma sociedade, que teria por fim promover o desenvolvimento das artes e officios, os quaes tinham cahido em profunda decadencia. D'esta proposta, que recebeu geraes applausos e que foi logo garantida com 99 assignaturas de pessoas presentes, sahiu e nasceu a *Sociedade propagadora das Bellas-artes*. A 8 de dezembro estava eleita a directoria, que ficou composta do seguinte modo: —presidente, o conselheiro Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara; 1.º vice-presidente, o dr. Manoel de Oliveira Fausto; 2.º vice-presidente, o brigadeiro Antonio Joaquim de Sousa; 1.º secretario perpetuo, Francisco Joaquim Bettencourt da Silva (o fundador da sociedade); 2.º secretario, Francisco Portella; thesoureiro, Joaquim José Marques.

A nova associação tinha principalmente por fim, segundo o seu estatuto:

1.º Fundar e conservar um lyceu de artes e officios, em que se proporcionasse a todos os individuos, nacionaes e estrangeiros, o estudo das bellas-artes, não só como especialidade, mas tambem como applicação necessaria aos officios e industrias, explicando-se os principios scientificos em que ellas se baseiam.

2.º Publicar regularmente uma revista artistica, a que se addicionassem estampas originaes, ou copias dos melhores trabalhos dos artistas no imperio.

3.º Crear uma bibliotheca, especialmente artistica, á disposição de quem a quizesse consultar, pela fórma que fosse determinada em regulamento interno.

4.º Fazer sessões publicas, em que se lessem escriptos sobre artes e industrias, e se expozessem trabalhos de alumnos do lyceu e outros quaesquer artefactos artisticos e industriaes.

5.º Fazer exposições publicas, em que se concedessem premios de distinção aos expositores das melhores obras.

6.º Fazer concursos publicos, com premios aos melhores trabalhos, sendo estes preferidos para ornar as galerias do lyceu, quando a sociedade os podesse comprar.

7.º Auxiliar as viagens dos alumnos mais distinctos do lyceu á Europa, para completarem os seus estudos.

8.º Estabelecer correspondencias com as sociedades nacionaes e estrangeiras de identica natureza, solicitando o seu auxilio.

Emfim, 9.º Promover a creação de sociedades similhantes nas provincias do imperio (Resumo dos *Estatutos* e *Regulamento* da sociedade publicados em appendice á obra do sr. Felix Pereira sobre o Lyceu de artes e officios, Rio, 1876).

Este programma foi executado gradualmente, no meio das maiores dificuldades e com uma energia e tenacidade excepcional.

A revista artistica, annunciada no § 2.º, não pôde viver; sahiu em março de 1857, e apenas durou um anno. Chamava-se *O Brazil artistico.*

A questão do ensino, porém, essa foi resolvida; ahi se concentraram todas as forças, e bom foi que assim succedesse, porque era a questão capital. A 9 de janeiro de 1858, data para sempre memoravel na historia do Brazil, o lyceu abriu a sua escóla e de 22 de março em diante começou a funccionar regularmente nas salas do consistorio da matriz do SS. Sacramento da côrte, cedidas generosamente pela administração da irmandade.

Escusado é dizer como a maioria acolheu o novo estabelecimento. Espanto e duvidas, riso e intrigas rebentaram de todos os lados. Uma escóla nocturna de bellas artes, com professores gratuitos, sem casa e sem meios, a ensinar desenho — para que? De que servia isso? O que era evidente, o que dava na vista, era ser aquella escóla «um arremedo, um simples emulo da academia das bellas artes» (Ferreira, pag. 77).

A 20 de janeiro de 1858 celebrava a Sociedade o primeiro anniversario da fundação da escóla diante de 500 pessoas. A imprensa applaudiu sinceramente na festa, e a 21 de julho fundamentou-se na camara dos deputados um projecto, concedendo á Sociedade Propagadora oito loterias para a construcção de uma casa apropriada ao lyceu, sob as seguintes condições:

1.ª Que as loterias concedidas corressem no espaço de tres annos.

2.ª Que o thesouro nacional adiantasse, por emprestimo, o producto de tres loterias, para que a Sociedade podesse desde logo cuidar da organisação do terreno e tratar da construcção do edificio.

Por estes favores a Sociedade obrigava-se:

A apresentar ao governo o plano da casa, com o respectivo orçamento, assim como tambem a demonstrar outras necessidades e empenhos que ella tivesse de satisfazer.

A prestar contas annuaes do estado e marcha do lyceu, que poderia ser fiscalisado por um delegado do mesmo governo.

A entregar á fazenda nacional o edificio e mais pertences do lyceu, quando este, por qualquer motivo, deixasse de funccionar por mais de um anno, ou em caso de dissolução da sociedade.

Este projecto passou na camara dos deputados, mas cahiu no senado, «onde foi julgado menos proveitoso ao paiz, do que outros alli approvados a favor de estabelecimentos de quasi puro interesse particular, como por exemplo: a fabrica de productos chimicos do finado Ezequiel Correia dos Santos, que teve quatro loterias, além do terreno gratuito para a edificação de predios domiciliarios (Ferreira, p. 92).

Isto é typico, sem duvida; mas a direcção do lyceu é que se não importou com o senado, e andou para diante.

Tendo a irmandade do SS. Sacramento requisitado, em 27 de novembro de 1858, a entrega das salas do consistorio, onde funccionavam as aulas, foram estas mudadas para a sachristia da antiga egreja de S. Joaquim, abandonada do culto, por estar comprehendida no dominio das expropriações para a strada de ferro D. Pedro II.

Por uma circumstancia feliz, a demolição não teve logar e ahi, na velha igreja, se recolheu o lyceu e festejou a sua installação a 1 de fevereiro de 1859. A demora n'esta nova casa, impropria a todos os respeitos, havia de ser longa, como veremos, e levar a instituição a uma crise aguda.

Pouco antes, a 21 de janeiro de 1859, tinha a Sociedade Propagadora das Bellas-artes celebrado em uma das salas do imperial collegio, D. Pedro II o seu segundo anniversario. Não faltaram discursos, parabens, muitos elogios, etc. O imperador dignou-se até, em nome dos professores do lyceu, entregar ao fundador Bettencourt da Silva uma medalha de ouro, gravada pelo artista brazileiro Quintino José de Faria.

Os trabalhos escolares foram então expostos por tres dias á apreciação do publico.

Em julho de 1860 assistiram SS. MM. II. á festa do terceiro anniversario, que não foi menos apparatosa. A actividade da escóla continuou sempre progressivamente até 1863, mas a exposição annual dos trabalhos havia parado em 1860, por falta de meios, e depois foram o director, o thesoureiro e até alguns professores (que ensinavam gratuitamente!) contribuindo do seu bolsinho particular, «tal era o indifferentismo com que o povo encarava esta instituição, da qual tanto depende o seu

futuro profissional». O governo fazia outro tanto, deixava correr tudo á revelia. Em 1864, a escóla do lyceu não se abriu, «não por faltar ao seu fundador a precisa coragem para continuar na lucta, que sustentára contra todas as difficuldades, não por ir tambem escasseiando aos dignos professores o amor á arte, nem o devotamento ao ensino, mas porque o então ministro do imperio, inesperadamente, recusou algumas centenas de mil réis para concluir as obras que elle mesmo autorisára a fazer-se no edificio da escóla, com o fim de lhe augmentar, dizia elle, «o espaço já então escassissimo, para os alumnos que a frequentavam».

O caso verdadeiramente vergonhoso, deu-se da seguinte fórma:

Em 1869 o Marquez de Olinda, então presidente do conselho de ministros, visitou a escóla do lyceu, de repente, por recommendação do imperador. A impressão recebida foi tão agradavel, que o Marquez approvou as obras pedidas, que foram orçadas officialmente em 3:840$000 réis. Gastou-se a verba, que foi insuficiente, como succede sempre com os remendos em edificios velhos; faltaram algumas centenas de mil réis; o fundador procurou o Marquez, debalde.

Nem o seu successor José Bonifacio de Andrada, nem o ministro Liberato Barroso, herdeiro de Andrada, souberam achar remedio para o caso de 1865; só no exercicio de 1865-1866 é que o governo concedeu 3:000$000 para a conclusão das obras, que não podiam ser acabadas com a verba antiga, por um erro de calculo official, e por falta de cautela e clareza no contracto com o empreiteiro.

Não podemos indicar os pormenores d'esta campanha, mas ella é caracteristica. O lyceu, que havia atravessado seis annos de uma existencia laboriosa e honrada, com os mais limitados recursos, sem o menor auxilio do estado, foi assim recompensado.

Depois da concessão das camaras, subiu ao poder novamente o Marquez de Olinda, que, sobraçando a pasta do imperio, se negou a fazer effectivo o subsidio auctorisado, allegando as exigencias da guerra do Paraguay, que corria risco de se perder, sem os tres contos.

Cansada de tantas miserias, a directoria da sociedade reuniu a assemblea geral, e achou-se com vinte socios, quando havia começado em 1856 com noventa e nove, como vimos. Mudaram os ventos, mudaram os costumes; e parece que tambem mudaram os rostos. Chegou-se a fallar em dissolução da

sociedade, n'essa triste reunião de 22 de fevereiro de 1867; mas resolveu-se, afinal, fazer mais um esforço, que seria talvez inutil, se o economico, mas bellico Marquez não tivesse abdicado antes. O ministro Fernandes Torres, do novo gabinete Zacharias, concedeu, finalmente, os tres contos, em 9 de março de 1867. Em setembro teve logar a reabertura das aulas — tres annos perdidos, uma bella economia, quando o paiz havia gasto dois milhões n'uma valla immunda, chamada um canal; quando se gastaram 400 contos com a *Flora Braziliensis*, de Martius, cujos exemplares estavam cuidadosamente fechados á chave, armazenados; quando a edição da *Flora Fluminensis*, do sabio nacional Conceição Velloso, tinha sido reduzida a papelão — «800 contos do governo, á custa do qual se imprimiram as gravuras em Paris, para serem depois, inaudita e incomprehensivelmente, transformadas em papelão» (Ferreira. *Op. cit.* pag. 106). Isto escreve um escriptor competente, brazileiro, n'uma obra de que S. M. o Imperador acceitou a dedicatoria.

Ainda não acabára a lucta. Com o pagamento do subsidio parecia ter-se emfim consolidado o lyceu; engano. Uma irmandade, chamada de Nossa Senhora da Batalha, veiu reclamar contra o lyceu, allegando que a egreja de S. Joaquim estava sendo profanada. O reverendo vigario capitular dava, é verdade, uma pessima informação: «a casa estava servindo de officina de pintura e carpintaria, com grande escandalo publico». Era já a *segunda vez* que a devota irmandade se escandalisava e reclamava justiça, allegando uns direitos imaginarios sobre a egreja, cuja posse pedia.

Ha ainda mais. O ministro Fernandes Torres, o mesmo que havia concedido, finalmente, em 1867, o subsidio votado em 1865, parecia disposto a servir a irmandade contra o lyceu, quando o *Jornal do Commercio* entrou em campo, defendendo n'um artigo sympathico os direitos do inquilino. A' noite o imperador appareceu, inesperadamente, no lyceu, e depois de uma visita demorada ás aulas, assegurou ao snr. Vieira, 1.º secretario, que o edificio não seria retirado ao lyceu, emquanto não tivesse casa propria onde podesse installar-se convenientemente e continuar a exercer a sua nobre missão, de que via tão bons fructos.

O requerimento da irmandade foi adiado. Em fevereiro de 1868 o conselheiro Euzebio de Queiroz pediu a demissão de presidente da sociedade por falta de saude, entrando em seu logar o conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos, então presidente do conselho de ministros. D'ahi em diante o lyceu caminhou desassombradamente. A 30 de novembro foi honrado

com mais uma visita do imperador que appareceu, como sempre, sem ninguem o esperar, e no dia 25 de janeiro de 1869 celebrou a sociedade propagadora de Bellas Artes o seu 12.º anniversario, no meio de Suas Magestades e Altezas Imperiaes e de um concurso de centenas de pessoas.

Vejamos agora, depois de doze annos de existencia, como a sociedade cumpriu o seu programma na escola de artes e officios.

Em setembro de 1867, quando as aulas se reabriram, depois da longa interrupção de tres annos, o ensino abrangia: a arithmetica, algebra, musica, desenho de figura, de machinas, de architectura e geometrico. Em 1869 accrescentou-se o ensino da esculptura de ornatos e a estatuaria. A divisão das materias e a sua distribuição por cadeiras faziam-se do seguinte modo:

Grupos de sciencias e de artes;

Grupo supplementar e grupo complementar.

Grupo de sciencias (sete cadeiras):

Arithmetica; algebra até ás equações do 2.º grau; geometria plana e no espaço; geometria descriptiva e stereotomia; physica applicada; chimica applicada; mechanica applicada.

Grupo de artes (dez cadeiras):

Desenho de figura (corpo humano); geometrico, inclusivè as trez ordens classicas; de ornato, flores e animaes, de machinas, de architectura civil e regras de construcção; de architectura naval e idem; de ornatos e arte ceramica; estatuaria; gravura a talho doce, agua forte e xilographia; pintura; (estudos a tempera, estudo particular de diversas tintas, mordentes, vernizes, processos, etc., empregados na pintura e douradura de artefactos).

Grupo supplementar (seis cadeiras):

Portuguez, elementos e grammatica; francez; inglez; geographia; historia patria; calligraphia.

Grupo complementar (cinco cadeiras):

Philosophia ou moral social; esthetica; historia das artes e officios; anatomia e physiologia das paixões; musica.

Como se vê, o plano é grande, em todo o sentido: *vinte e oito cadeiras,* regidas gratuitamente desde a fundação, no meio das singulares difficuldades que temos historiado. Este plano não foi logo traduzido completamente na practica, como já dissemos, e ainda em 1876 notamos n'uma publicação semi-official que não estavam preenchidas as de geometria descriptiva, chimica e mechanica; cadeiras de gravura e pintura; geogra-

phia, historia, calligraphia, philosophia, esthetica, historia das artes e officios, e anatomia.

No relatorio official do lyceu do anno de 1878 notamos que funccionaram mais tres cadeiras: chimica applicada, geographia e calligraphia, total dezenove, servidas por 53 professores! No anno lectivo de 1879 o respectivo relatorio accusa o mesmo numero (pag. 8-11), promettendo para 1880 mais duas cadeiras: historia das artes e officios e esthetica. O ensino pratico era dado n'um gabinete de physica e em dois laboratorios, lastimando o relatorio de 1878 não haver ainda um gabinete de mechanica, e accentuando a necessidade da creação de officinas para a aprendizagem dos varios officios.

A frequencia cresceu extraordinariamente nos ultimos annos. Em 1858, primeiro anno da escóla, a matricula foi de 351 alumnos; quando se deu a interrupção no ensino, tinha descido a 204, mas depois da reabertura das aulas subiu a 542 em 1868; em 1872 contava 1:129 alumnos; em 1874 attingiu o maximo: 1:268, decahindo um pouco de 1874-1878, mas subindo em 1879 novamente a 1:262 alumnos, com 2:638 matriculas, das quaes pertenceram ao desenho 1:039.

O relatorio d'esse anno diz ainda que foi necessario «negar a matricula a muitos individuos que vinham solicital-a» (pag. 4), por não haver espaço, apesar das notaveis obras e melhoramentos que se fizeram no lyceu de 1876 a 1878.

O lyceu permaneceu na egreja de S. Joaquim de 1859 até 1876. A 20 de agosto d'este anno o governo imperial reclamou a egreja para a restituir ao culto. Resuscitava a questão da irmandade de Nossa Senhora, que parecia morta! D'esta vez, porém, o governo offerecia como compensação o edificio em que funccionára a secretaria d'estado dos negocios do imperio.

A nova casa exigia, no emtanto, obras importantes de adaptação, e só em principios de 1878 pôde o lyceu installar-se no novo edificio, gastando do seu *cofre particular* a razoavel somma de 55:000$000 réis, producto dos seguintes donativos:

Barão de S. Roque	10:000$000
Antonio Pereira de Sousa Barros	10:000$000
Dr. Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral	10:000$000
João da Cunha Magalhaes	10:000$000
Francisco Pinto de Oliveira	6:000$000
Luiz Vieira Machado da Cunha	4:000$000
Emilio José de Barros	4:000$000
José Maria Vieira	1:000$000
Réis . . .	55:000$000

Esgotados estes recursos, o governo imperial continuou as obras, podendo-se reabrir as aulas só no dia 3 de setembro de 1878. As obras do governo continuaram lentamente com o subsidio mensal de dois contos, até que em 1879 o ministro Sodré Pereira retirou o subsidio, allegando o estado precario do thesouro! O director do lyceu e fundador da sociedade Bettencourt da Silva deu, em signal de sentimento, a sua demissão; o corpo docente acudiu em janeiro de 1880 com um generoso protesto para invalidar a demissão. As instancias foram baldadas, e dias depois, a 31 de janeiro, o fundador repetiu a sua demissão na sessão magna, annual, diante do imperador e diante dos ministros do imperio, da guerra, dos negocios estrangeiros, da fazenda e da agricultura, e da numerosa assembleia que enchia o salão. O corpo docente respondeu a Bettencourt da Silva repetindo o seu protesto de dedicação e amisade, e reclamando contra a retirada.

Esta nobre coragem, longe de desagradar ao monarcha e ao ministerio, e prejudicar o lyceu, influiu favoravelmente para a resolução dos seus justissimos pedidos, como veremos. No orçamento de 1880-1881, o corpo legislativo elevou o subsidio annual de 10:000$000 a 15:000$000 reis, e o lyceu, respondendo sempre a um favor do governo com um beneficio muito maior, inaugurava a 11 de outubro de 1881 as aulas para o *sexo feminino*. A mulher, a futura mãe de familia, entrava triumphante no lyceu imperial de artes e officios!

Apesar do longo caminho percorrido, temos muito que dizer, tantos são os factos, tão grande a nossa admiração perante os resultados obtidos pela iniciativa de Bettencourt da Silva e dos seus poucos alliados. Só em 1867, onze annos depois da fundação do lyceu, é que o governo imperial concedeu um subsidio annual de 3:000$000 (ministro Liberato Barroso), elevado a 6:000$000 de réis pelo ministro Paulino José Soares de Sousa, e novamente augmentado pelo conselheiro Correia de Oliveira até 10:000$000 réis. Em 1880-1881 eram 15:000$000.

E' verdade que n'esse intervallo, desde a concessão do subsidio, a lista dos alumnos sobe de 542 em 1868 a 1:296 em 1880. A lista de matriculas, segundo os ultimos dados que temos presentes (outubro de 1881), attingiu a cifra de 17:879; a lista dos alumnos, desde 1858 a 1880, a cifra de 14:917, representando 22 nacionalidades (sendo 2:427 portuguezes).

A *primeira* matricula das aulas do sexo feminino attingiu a cifra de 601 alumnos.

II

Incluir o ensino profissional da mulher no plano do lyceu foi sempre um dos pensamentos mais predilectos do fundador. Vimos na revista anterior que a primeira matricula deu 601 alumnas! Tratava-se por emquanto apenas de uma modesta aula de instrucção primaria, e, comtudo, vejam a sêde de instrucção e o credito do lyceu! Eram 579 brazileiras, 14 portuguezas, 5 italianas, uma norte-americana, uma de Montevideo e uma austriaca. Com relação ás edades distribuiam-se do seguinte modo:

De 10 a 15 annos	298
» 15 a 20 »	167
» 20 a 25 »	81
» 25 a 30 »	34
» 30 a 35 »	5
» 35 a 40 »	12
» 40 a 45 »	2
» 45 a 50 »	1
» 50 a 55 «	1
	601

Emquanto aos estados eram: solteiras, 560: casadas, 22; e viuvas: 19.

«Este facto, diz a *Gazeta da Tarde,* do Rio, só por si basta para demonstrar até que ponto se tornava necessaria a creação de taes aulas, a sêde de instrucção que existe nas classes proletarias, e o descuido do nosso paternal governo em relação á instrucção popular, que anda sob sua protectora vigilancia. Se não fôra a instituição do lyceu e o nobre pensamento de iniciar o curso especial para educação de nossas patricias menos protegidas pela fortuna, onde, e quando, sabe Deus, depararíam as miseras com os recursos de que tanto carecem para alimentar o espirito, educar as faculdades, e preparar, emfim, pelo trabalho e pelo estudo, os meios de garantir o seu futuro e o de seus filhos?

«Além do professorado, que lhes offerecia a nascente, *mas já viciada, escola normal,* que outra fonte se lhes deparava onde podessem buscar os elementos para uma profissão honesta, que lhes fornecesse os meios de subsistencia?» (*A imprensa e o lyceu*, etc. Rio, 1881, p. 6.)

Outro jornal dizia:

«Não ha aqui nenhum estabelecimento de ensino secundario para meninas; só os ha particulares, de sorte que as meninas pobres só poderão aprender o que lhes ensinam as escolas primarias» (Do *Atirador Franco*).

Sentia o mesmo jornal que a idéa não tivesse sido posta em pratica ha mais tempo.

Mas o lyceu luctou sempre com a falta de espaço, como temos visto; e quando o mudaram de S. Joaquim para o antigo edificio da secretaria do imperio, obrigaram-n'o a gastar todas as suas economias, 55 contos, em obras, e só depois lhe acudiram, para começarem logo a regatear o subsidio indispensavel para a conclusão dos trabalhos! O lyceu pediu o antigo edificio da typographia nacional, para a fundação das officinas, mas a intriga e os interesses particulares impediram a entrega. Afinal o ministro Silveira Martins acabou com a questão e deu o edificio.

«A antiga typographia nacional transformou-se como por encanto. D'aquelle escuro pardieiro surgiram salas amplas, claras, arejadas.» (Do *Cruzeiro*).

Mas o fundador Bettencourt da Silva não descança — tem a febre da generosidade; já pedia os terrenos do convento da Ajuda, e os da praia da Lapa, para dar ao lyceu do sexo feminino toda a amplitude. Não lh'os deram logo; mas é de crêr que vencerá mais uma vez.

«Infelizmente, estamos a duvidar do futuro, diz ainda o *Cruzeiro*, e a fazer as coisas em miniatura».

Não é possivel avaliar até onde caminhará o lyceu com um fundador d'esta tempera, ajudado com o voto unanime de uma imprensa, que na questão do lyceu tem dado as provas mais eloquentes da sua alta intelligencia e inexcedivel patriotismo; mas o que nós, portuguezes, podemos ter por averiguado é que a antiga colonia nos preparou uma das lições mais eloquentes que era possivel inventar no dominio intellectual e moral.

Nós tivemos tambem uma *Sociedade promotora de bellas-artes*, que publicou um programma, um estatuto; que fez promessas de todo o genero, para nunca as cumprir; que absorveu sommas consideraveis, illudindo constantemente o publico durante uma vida ingloria de vinte annos. Essa sociedade comprometteu-se ainda mais, indo ao Brazil pedir um auxilio, não pequeno, que recebeu durante annos, para o malbaratar, como fez aos dinheiros que levantou no paiz. Foi pedir ao Brazil um auxilio, na cidade que havia fundado uma sociedade identica, com quasi o mesmo titulo, um modelo, que lhes podia ensinar

como se vivia honradamente e utilmente para a patria. Que audacia e que falta de vergonha!

Sim, o termo é este proprio, e não outro; porque a *Sociedade promotora* de Lisboa não só se comprometteu a si, mas ao paiz inteiro. Com que direito, com que rosto iremos pedir outra vez o concurso dos nossos irmãos do imperio? Que fructo produziram os 29:966$416 reis arrecadados pela sociedade de Lisboa em dez annos de exercicio (1862-1874), segundo documentos officiaes? Onde, e quando, foram as suas promessas cumpridas? Onde ficou o jornal que ella prometteu, as palestras artisticas, os cursos nocturnos, etc., etc.? E toda essa triste existencia desenrola-se no meio de favores excepcionaes do publico, do reclamo da imprensa, immerecido, e das contribuições do Brazil.

A sociedade promotora de bellas-artes de Lisboa fundou-se por iniciativa de Luiz Filippe Leite, que publicou em junho de 1857 no *Jornal de Bellas-Artes* (3.ª serie n.º VI) um programma para uma *Sociedade dos Amigos das Artes*. Era a cópia de uma ideia que tinha nascido no Porto em 1833, anno em que alli se fundou uma associação com o mesmo nome, cujos estatutos foram approvados a 2 de novembro de 1835, declarando-se a rainha D. Maria II protectora da associação.

Portanto, nem a sociedade promotora de Lisboa iniciou o movimento com o seu programma, nem sequer o nome do futuro presidente, o marquez de Sousa, figura n'esse programma (Estatutos e lista dos fundadores no *Diario do Governo* de 6 de novembro de 1861).

Póde affirmar-se até, com segurança, comparando o estatuto do Rio com o de Lisboa, que este é o reflexo d'aquelle. Com effeito, a ideia de Bettencourt da Silva é de 23 de novembro de 1856; n'esse dia foram lidas as bases e assignadas por 99 pessoas. A 8 de dezembro de 1857 estava eleita a primeira directoria da *Sociedade propagadora* do Rio, e publicados os seus estatutos, e só seis mezes depois é que Filippe Leite apresenta a sua ideia da *Sociedade dos amigos das artes*.

Abrimos aqui este parenthese para uma referencia passageira, porque teremos de voltar á Sociedade promotora de Lisboa, quando houvermos concluido com a do Rio. E' preciso que o governo faça cumprir o estatuto d'essa sociedade, que elle approvou, ou que os socios ainda existentes tratem da sua reorganisação — se sentem forças para tanto — ou da sua dissolução, por dignidade propria.

(*Continúa.*) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 72)

Genre ACHENNIUM CURTIS

567. A. depressum Grav.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 362.

Azambuja (J. Antunes!).

Genre DOLICAON LAPORTE

568. D. gracilis Grav.

Erichson. Gen. et Sp. Staph., p. 337.

Azambuja (J. Antunes!)

Genre LITHOCHARIS LACORDAIRE

569. L. fuscula Mann.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 318.

Vizella!, Guarda!.

570. L. picea Kraatz.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 318.

Vizella!, Coimbra!, Alcafache!

571. L. ochracea Grav.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 320.

Faro!, Azambuja!, Coimbra! Espinho!

572. L. obsoleta Nordm.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 321.

Vizella!.

573. L. propinqua Bris.

Fauv. Fann. G. Rh., p. 325.

Coimbra!, Bussaco!, Espinho!, Leça!.

574. **L. ruficollis Kraatz.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 325.

Guarda!.

Genre SCOPÆUS ERICHSON

575. **S. didymus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 311.

Vizella!, Coimbra!, Bussaco!, Espinho!, Alcafache!.

Genre STILICUS LATREILLE

576. **S. festivus Rey.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 305.

Je l'ai trouvé dans les détritus des inondations du Mondego, à Coimbra.

577. **S. orbicualtus Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 303.

Coimbra!, Leça!, Estarreja!.

Genre SUNIUS STEPHENS

578. **S. latus Ros.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 293.

Bragança!, Coimbra!.

579. **S. melanurus Kust.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 296.

Bragança!.

580. **S. gracilis Payk.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 298.

Bragança!, Felgueira!, Coimbra!.

GENRE NAZERIS FAUV.

581. **N. pulcher Aubé.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 299.

Gerez! (L. v. Heyden!), Vizella!, Espinho!, Coimbra!, Bussaco!.

La tête et le corselet est d'un brun de poix dans plusieurs individus.

GENRE PAEDERUS GRAVENHORST

582. **P. lusitanicus Aub.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 329.

Cêa!, Gerez (L. v. Heyden!).

583. **P. gregarius L.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 332.

Bragança!.

584. **P. fuscipes Curt.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 334.

Coimbra!, Vizella!, Estarreja!.

585. **P. caligatus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 333.

Commun dans le nord du Portugal.

586. **P. ruficollis F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 336.

Extrêmement commun partout, au bord des eaux.

STENINI

GENRE STENUS LATREILLE

587. **S. ocellatus Fauv.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 233.

Bragança!, Felgueira!, Coimbra! (L. v. Heyden!).

588. **S. guttula Mull.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 234.

Vizella!, Bragança!, Espinho!.

589. **S. Guynemeri Duv.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 237.

Bussaco!, Coimbra!, Vizella!, Gerez! (L. v. Heyden!).

590. **S. oreophilus Fairm.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 238.

Espinho!.

591. **S. nanus Steph.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 240.

Bussaco!, Espinho!.

92. **S. clavicornis Scop.**

Fauv. Faun. G. Rh. p. 242.

Indiqué parmi les staphylins que Mr. C. v. Volxem a pris en Portugal.

593. **S. Iuno F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 246.

Guarda!.

594. **S. ater Manh.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 247.

Tavira! (C. v. Volxem!), Aveiro (L. v. Heyden!).

595. **S. gallicus Fauv.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 248.

Je possède deux individus sans que je puisse determiner la localité où je les ai capturés.

596. **S. mendicus Er.**

Erichson Gen. et. Sp. Staph., p. 702.

Cette espèce a été décrite par Erichson d'après les exemplaires que mr. Hoffmannsegg a pris en Portugal.

597. **S. brunnipes Steph.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 265.

Espinho!.

598. **S. similis Herbst.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 267.

Espinho!, Guarda!, Serra de Rebordaos!.

599. **S. cicindeloides Schall.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 268.

Coimbra!.

600. **S. canescens Rosenh.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 270.

Espinho!.

601. **S. languidus Er.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 276.

Espinho!.

602. **S. flavipes Steph.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 278.

Espinho!.

603. **S. cordatus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 278.

Bussaco!, Azambuja (J. Antunes!).

604. **S. aerosus Er.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 282.
Guarda!.

605. **S. impressus Germ.**
Fauv. Faun. G. Rh. p. 283.
Douro!, Espinho!.

606. **S. ossium Steph.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 284.
Vizella!, Espinho!.

607. **S. fuscicornis Er.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 287.
Du Portugal, d'après Mr. Fauvel.

608. **S. Erichsoni Rye.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 289.
Vizella!.

OXYTELINI

GENER BLEDIUS MANNERHEIM

609. **B. taurus Germ.**
Fauv. Faun. G. Rh., *p.* 190.
Monchique (C. v. Volxem!).

610. **B. unicornis Germ.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 192.
Aveiro (L. v. Heyden!).

611. **B. Graellsi Fauv.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 194.
Espinho!, Aveiro (L. v. Heyden!).

612. **B. spectabilis Kr.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 10.
Aveiro (L. v. Heyden!).

613. **B. verres Er.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 196.
Aveiro (L. v. Heyden!).

614. **B. fossor Heer.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 197.
Mentionné du Portugal par Mr. Fauvel.

615. **B. hispidulus Fairm.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 199.
Aveiro (L. v. Heyden!).

GENRE PLATYSTETHUS MANNERHEIM

616. **P. cornutus Gyll.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 181.
Azambuja (J. Antunes!), Monchique (C. v. Volxem!).

617. **P. spinosus Er.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 182.
Azambuja (J. Antunes!).

618. **P. nodifrons Sahlb.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 183.
Aveiro (L. v. Heyden!).

619. **P. nitens Sahlb.**
Fauv. Faun. G. Rh., p. 184.
Coimbra!, Aveiro (L. v. Heyden!).

Genre OXYTELUS GRAVENHORST

620. **O. sculptus Grav.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 169.

Guarda!, Faro!, Monchique (C. v. Volxem!).

621. **O. inustus Grav.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 170.

Faro!, Alcantarilha (A. E. M. Ortigão!).

622. **O. sculpturatus Grav.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 171.

Bragança!, Leça!, Guarda! (L. v. Heyden!), Coimbra!, Espinho!, Felgueira!.

623. **O. nitidulus Grav.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 171.

Coimbra! (C. v. Volxem!), Espinho!, Vizella!, Gerez (L. v. Heyden!).

624. **O. speculifrons Kraatz.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 173.

Bussaco!, Coimbra!, Espinho.

625. **O. tetracarinatus Block.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 176.

Felgueira!, Vizella!, Cêa! (L. v. Heyden!).

Genre HAPLODERUS STEPHENS

626. **H. caelatus Grav.**

Fauv. Faun. G. *Rh.*, p. 161.

Felgueira!:

(Continúa). MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

DOCUMENTOS

ENVIADOS AO PARLAMENTO E Á IMPRENSA DO PAIZ

A Sociedade de Instrucção do Porto vem sollicitar um momento a vossa attenção para um asssumpto que nos parece digno do vosso exame.

Ao Parlamento, que já uma vez nos deu clara prova do interesse com que acompanha os nossos trabalhos, vamos pedir a resolução de uma questão, da qual depende o futuro da nossa Sociedade.

Ha muito que ella procura fundar uma casa propria, um asylo seguro, que a ponha ao abrigo de difficuldades, que augmentam á proporção que a sua actividade se alarga. D'este modo, ou o remedio é prompto ou o animo desfallece, porque do trabalho não se tira conforto, porque duplicar o esforço não é, n'este caso, progredir, é apenas accumular os obstaculos; porque não ha ar, nem campo para os obreiros que acodem ao nosso appello.

Não póde uma associação, que apenas se sustenta da modesta contribuição mensal de 300 reis, paga pelo socio, deixar de recorrer ao Parlamento em semelhante caso, e apesar de se tratar de um auxilio que não reclama sacrificios do thesouro, mas tão somente da concessão de um terreno para a sua futura casa, a Sociedade não se atreveria a sollicital-a, se não podesse provar, de um modo evidente, que não é indigna do beneficio, que pede em nome dos elevados interesses que representa.

O resumido quadro da nossa vida social, em dous annos, falla claro a este respeito. Por elle podereis, Senhores, reconhecer facilmente que não é sem fundamento que alludimos a elevados interesses, que sollicitamos a vossa protecção para uma causa que é de todo o paiz, que é a do futuro. Por esse quadro podereis concluir o que faremos, quando já não tivermos de andar em romaria por casa alheia, soffrendo pezadissimos encargos, que absórvem uma parte consideravel dos nossos minguados recursos, arriscando, alem d'isso, objectos de valor, que foram dados generosamente para serem vistos e apreciados.

Já S. M. El-Rei, convencido da lealdade das nossas intenções e dos serviços que temos prestado á causa da instrucção nacional, se dignou ultimamente conceder-nos no Palacio Real do Porto abrigo para uma parte das nossas collecções, os thesouros da olaria popular; outra parte anda dispersa pelas casas

de varios socios, e só um pequeno grupo de objectos póde ser exposto. Mas estamos chegados a um limite extremo; não ha mais campo. Não é possivel a fundação do Jardim de infancia, em projecto, e officialmente protegido pela exc.ma Junta Geral do Districto e pela exc.ma Camara Municipal. Falta a Escola elementar de artes e officios, faltam as suas officinas, que não podem ser creadas sem terreno apropriado. Já nem as suas conferencias póde a Sociedade realisar na antiga sala, por falta de espaço!

Até aqui temos trabalhado por merecer a confiança de uma grande cidade, que está habituada a exigir obras por palavras. Queira o Parlamento offerecer-nos occasião para continuar na dura prova, e como ella é e será publica, não ha para nós senão uma sahida: ou progredir, ou abdicar.

Porto, 31 de janeiro de 1883.

A DIRECÇÃO,

Dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio,
Presidente.

Joaquim d'Azevedo Albuquerque,
Vice-presidente.

Joaquim de Vasconcellos,
Secretario geral.

Tito de Noronha,
Vice-secretario geral.

A COMMISSÃO DA CASA,

Conde da Silva Monteiro,
Visconde de Barreiros,
Guilherme Clavel,
Henrique Carlos de Meirelles Kendall,
* *Thomaz Joaquim da Silva,*
* *Visconde de Alves Machado,* [1]
Ricardo Pinto da Costa,
Dr. José Augusto Correia de Barros,
José de Macedo Araujo Junior,
Isaac Newton,
Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro,
Antonio Simões Lopes.

---

[1] Os membros da Commissão da casa, marcados com uma * não assignaram por estarem ausentes do Porto.

I

FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE

A fundação teve logar em fevereiro de 1880, com 145 socios. (*Revista*, I, p. 44). Em fins de 1882 tinha 337 socios. (*Rev.*, III, p. 41).

II

EXPOSIÇÕES

Realisou em 1881 duas; em 1882 quatro. Total seis, em dous annos. Sem subsidio, salvo na 6.ª Annunciadas para 1883 tres: *Ourivesaria nacional, Industrias caseiras* (repetição) e *Tecidos nacionaes*.

Julho de 1881. — 1.ª *Exposição dos modelos de gessos* do Lyceu do Porto de 15 a 23 de julho de 1881.

Vieram por intervenção da Sociedade. ENTRADA GRATUITA.[1] (*Rev.*, I, p. 268).

Outubro de 1881. — 2.ª *Exposição de Historia natural* de 16 de outubro a 31 de dezembro de 1881. (*Rev.*, I, p. 277). A 2 de dezembro SS. MM. E AA. HONRAM A EXPOSIÇÃO COM A SUA VISITA E INSCREVEM OS SEUS NOMES NO LIVRO DA SOCIEDADE.

Entradas cerca de 10:000; foram pagas 5:209, e as restantes gratuitas.[2]

Receita 993$350. Despeza 674$055. Saldo 319$295.

PERCENTAGEM PAGA AO PALACIO DE CRYSTAL 196$900 RÉIS 20 %). (*Rev.*, II, p. 36).

Março de 1882. — 3.ª *Exposição de Camelias em Lisboa* de 11 a 13 de março de 1882.

---

[1] O Palacio de Crystal cobrou todavia a contribuição usual da entrada, no jardim, á semana 20 réis, ás quintas-feiras e dias santificados 50 réis por cada pessoa.

[2] Aos expositores não foi concedida pela direcção do Palacio de Crystal a entrada gratuita que a Sociedade de instrucção sollicitou. Os bilhetes gratuitos, distribuidos pela Sociedade, pagaram, portanto á porta de entrada do jardim a contribuição usual de 20 réis á semana e 50 réis ás quintas-feiras e dias sanctificados, por cada pessoa. Esta contribuição constitue pois uma receita supplementar, que se deve addicionar aos 196$900 réis. A Direcção isemptou da contribuição, a pedido, apenas os estabelecimentos de caridade.

Receita 370$700. Despeza 383$960. Deficit 13$260. (*Rev.*, II, p. 377).

Abril de 1882. — 4.ª Exposição dedicada ao Centenario de Frœbel a 22 de abril de 1882. *Material do Jardim da Infancia; ensino elementar profissional. Litteratura frœbeliana.* ENTRADA GRATUITA [1] apesar da despeza da exposição importar em 230$495.

Maio de 1882. — 5.ª *Exposição de Industrias caseiras* de 14 de maio a 18 de junho de 1882.

Receita 803$455. Despeza 789$900. Saldo 13$555.

PERCENTAGEM PAGA AO PALACIO DE CRYSTAL 105$520 RÉIS (*Rev.*, II, p. 378). [2]

Outubro de 1882. — 6.ª *Exposição de ceramica nacional* de 22 de outubro a 26 de novembro de 1882.

Entradas 27:000, sendo gratuitas cerca de 20:000. Receita 1:853$460, incluindo 300$000 réis dados pelo Governo para premios. Despeza 2:287$840. Deficit 434$380 réis.

PERCENTAGEM PAGA AO PALACIO DE CRYSTAL 301$650 RÉIS (*Rev.*, III, p. 95 a 96). [3]

PROVA PRACTICA DAS EXPOSIÇÕES

Na exposição das *industrias caseiras* a Sociedade conseguiu chamar ao Porto rendeiras de Villa do Conde, Vianna do Castello e Peniche, que trabalharam nas suas almofadas durante duas semanas, sendo-lhes paga a viagem e o trabalho, e hospedadas em casa dos socios. (*Rev.*, II, p. 609).

Na exposição de *ceramica* houve trabalhos practicos dos

---

[1] O Palacio de Crystal cobrou todavia a mesma contribuição, indicada supra, dando, a pedido, entrada gratuita aos collegios.

[2] Esta verba decompõe-se do seguinte modo: A. 10 % sobre 623$280, réis, de entradas, cobradas á porta do jardim do Palacio (além da contribuição usual de 20 réis á semana e de 50 réis por cada pessoa ás quintas-feiras e dias sanctificados, que é receita supplementar). B. 35 % sobre 123$400, cobrados á porta do jardim, no dia da distribuição solemne dos premios aos alumnos dos collegios. N'este dia (sanctificado) o Palacio não cobrou, porém dos visitantes, os 50 reis da contribuição usual e deu, a pedido, entrada gratuita aos collegios.

[3] N'esta exposição o Palacio não cobrou a contribuição usual, mas em compensação a Sociedade teve de lhe ceder de cada entrada paga 15 %. á semana, e 25 %. nos dias sanctificados. O Palacio deu, a pedido, entrada gratuita aos expositores, operarios e estabelecimentos de caridade, cobrando porem de todos os outros bilhetes gratuitos, distribuidos pela sociedade, a contribuição usual, que constituiu receita supplementar aos 301$650 reis.

oleiros do Porto e arredores nos dias, 1, 5, 12 e 19 de novembro (*Rev.*, II, p. 680).

Na exposição do *centenario de Frœbel* houve prova pratica, executada pelos alumnos do collegio do snr. dr. Pedro Róxa, nosso consocio.

III

CENTENARIOS, CONGRESSOS, ETC.

27 de abril. 1880. — *Recepção* dos snrs. Brito Capello e R. Ivens, com assistencia do snr. Serpa Pinto. A sessão solemne teve logar na sala da Sociedade, e o banquete foi custeado pelos socios.

1 de outubro. — *Congresso de anthropologia e archeologia prehistorica.*

A recepção, o banquete e inclusive a hospedagem de todos os illustres membros, nacionaes e estrangeiros, do congresso foi feita á custa dos socios. [1]

22 de abril. 1882. — *Centenario de Frederico Frœbel.* Foi a Sociedade que tomou a iniciativa na celebração d'este centenario, promovendo a PRIMEIRA EXPOSIÇÃO COMPLETA, PORTUGUEZA, do material do Jardim da Infancia, do ensino elementar profissional e da litteratura frœbeliana. Publicou tambem a *Vida de Frœbel* do snr. Rodrigues de Freitas, consocio. Organisou conferencias e publicou os planos e orçamentos de um jardim modelo n'um *Relatorio* especial de 40 pag., pedido officialmente. (V. *Revista*, vol. II). Os alumnos do collegio do nosso consocio snr. dr. Pedro Róxa fizeram no dia 24 de abril uma prova practica, publica, dos trabalhos do Jardim da Infancia.

5 de Maio. — *Centenario do Marquez de Pombal.* Associou-se ás festas da commissão academica e publicou estudos especiaes, historicos, sobre a época pombalina. (V. a *Revista*, pag. 271-298).

19 de novembro. — *Congresso de olaria nacional.* Programma desenvolvido de discussão, (*Rev.*, II, p. 577).

a 3 de dezembro. — Fundação de um Curso de desenho e modelação para os oleiros do Porto, com premios da Sociedade.

---

[1] N'estas solemnidades o Palacio de Crystal teve o lucro de 166$450 e a nossa Sociedade a despeza de 264$400. Somma das despezas para a Sociedade 430$850.

IV

CONFERENCIAS [1]

28 de outubro. 1880. — Snr. Theophilo Braga: *Sobre a formação da litteratura portugueza.*

20 e 22 de Abril. 1881. — Snr. Adolpho Coelho: *Sobre a educação em geral,* e especialmente sobre a educação portugueza e suas tradições.

8 de julho. — Snr. Pinheiro Chagas: *Sobre os caracteres essenciaes da civilisação portugueza.*

22 de outubro. — Snr. Consiglieri Pedroso: *Sobre o ensino da historia.*

7 de janeiro de 1882. — Snr. Agostinho de Sousa: *O calor.*

17 de janeiro. — Snr. Dr. Manuel de Jesus Antunes Lemos: *A circulação do sangue no corpo humano.*

21 de janeiro. — Snr. Dr. Leonardo Torres: *O futuro commercial da Africa.*

28 de março. — Snr. Bento Carqueja: *Os progressos da electricidade.*

4 de abril. — Snr. Barão d'Astre de Landsberg: *Sobre a cultura da vinha.*

21 de abril. — Snr. Joaquim de Vasconcellos: *Conferencias do Centenario de Frœbel,* de 21 a 26 de abril.

Primeira conferencia. 1.ª parte: *A vida de Frœbel.* 2.ª parte: *Analyse dos systema em geral, e seus concorrentes.*

22 de abril. — *Segunda conferencia.* O systema em especial — As dadivas, *Gaben* n.os 1 a 16.

24 de abril. — *Terceira conferencia.* As occupações, *Beschäftingungen* n.os 1 a 12.

26 de abril. — *Quarta conferencia,* A educação materna e a sua ligação com o jardim da infancia; o jardim e a escola popular; o jardim e a officina.

26 de abril. — Snr. Macedo Araujo Junior: *Analyse do Jardim da Infancia,* projectado sob o ponto de vista technico da construcção.

---

[1] Todas as quatorze conferencias foram gratuitas pela Sociedade cobrando porem o Palacio 20 reis por pessoa em cada uma.

V

TRABALHOS DO CONSELHO SCIENTIFICO

a.) Propostas discutidas

15 de fevereiro. 1881. — Organisação do ensino primario. O *ensino primario e o exame de admissão,* Proponente J. Ed. von Hafe.

15 de maio. — *Proposta relativa ao livro de leitura na aula primaria.* Proponente o mesmo.

Junho. — *Proposta sobre a reforma da orthographia portugueza.* Proponente o dr. J. Barbosa Leão.

4 e 28 de novembro e 7 de dezembro. — *Programma do congresso das associações portuguezas,* em Lisboa.. Resposta aos quesitos por J. J. Rodrigues de Freitas e Joaquim de Vasconcellos.

Sobre o estado das associações, sob o ponto de vista moral e economico; relações com o governo; posição juridica; a associação e a educação nacional. (Freitas).

Sobre o ensino profissional, por parte das associações e do estado. (Vasconcellos).

1 de fevereiro. 1882. — Proposta relativa á *Reforma da instrucção secundaria.* Proponente J. Ed. von Hafe.

1 de março. 1882. — *Projecto da reforma de instrucção secundaria,* com um extenso *Questionario.* Proponente J. Duarte Moreira de Souza.

Projecto de organisação do ensino technico, com applicação á escóla de instrucção primaria. Proponente Joaquim de Vasconcellos (em preparação).

4 de março. 1882. — PROPOSTA PARA A CREAÇÃO DO MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE, *e conjunctamente de instituições duradouras de utilidade nacional, que perpetuem a sua memoria.*

19 de abril. — Os consocios snrs. A. Tait e H. Murat offerecem o marmore nacional, necessario para o monumento. (*Rev.* II p. 269).

26 de julho. — Carta de lei que concede á Sociedade o bronze necessario para o monumento ao Infante D. Henrique.

b.) Pareceres do conselho sobre livros de ensino [1]

Cartas elementares de Portugal para uso das escólas por B. Barros Gomes. Lisboa, 1878.

Compendio de desenho linear elementar, etc., por José Miguel d'Abreu, prefessor de desenho na Universidade de Coimbra, 1881.

Problemas de desenho linear rigoroso (ou geometrico). Primeira parte. Pelo mesmo auctor. Coimbra, 1880.

A economia politica posta ao alcance das creanças, traduzida do allemão de Otto Hübner, por Francisco d'Almeida. Lisboa, 1876.

Elementos de botanica, traduzidos do inglez de J. D. Hooker, pelo dr. Julio Henriques. Porto, 1878.

Elementos de historia natural dos insectos; por João de Mendonça. Lisboa, 1877.

Manual do Carpinteiro de moveis e edificios, traduzido por J. de Castro Freire de Macedo. Paris, 1873.

Compendio de Geographia de Augusto Luso da Silva. Porto, 1881.

A lingua portugueza. Noções de glottologia geral e especial por F. A. Coelho. Porto, 1881.

Methodo facil de calcular, por José Maria Couceiro da Costa. Lisboa, 1868.

VI

CURSO DE DESENHO E MODELAÇÃO PARA OLEIROS

3 de dezembro. 1882. — E' creado este curso sob os auspicios da sociedade, no Congresso de olaria nacional. Veja-se retro o § III.

4 de fevereiro. 1883. — Inauguração solemne do curso de desenho e modelação.

VII

CONSULTAS OFFICIAES SOBRE O JARDIM DA INFANCIA

Relatorio sobre a organisação de um Jardim da Infancia, e projecto de construcção, elaborado por uma commissão especial do Conselho scientifico da Sociedade.

---

[1] Discutidos e approvados nas sessões de 1 e 15 de fevereiro, 2 de maio, 17 de de junho, 1 de dezembro de 1881, 1 de fevereiro e 15 de março de 1882, v. pag. 110, 104, 108 e 317 do vol. I e pag. 30, 188-191 do vol. II.

22 de março. 1882. — Convite do Ex.mo snr. governador civil do districto do Porto ao presidente da Sociedade.
27 de março. — Convite do Ex.mo snr. presidente da commissão executiva da Junta geral do Districto do Porto ao presidente da Sociedade.
31 de março. — Conferencia dos representantes da Sociedade com o Ex.mo snr. governador civil, presidente e delegados da junta e delegados da Ex.ma Camara municipal.
13 de abril. — Apresentação do plano pedagogico e do projecto de construcção, com os orçamentos do futuro jardim, pela commissão da Sociedade.

VIII

BIBLIOTHECA

Consta hoje de perto de 1:000 volumes, relativos principalmente á instrucção publica, que estão devidamente catalogados.

IX

GABINETE DE LEITURA

Offerece uma numerosa collecção de jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras, escolhidas, e alguns muito importantes, scientificos, sem encargo para os socios, por simples troca com a sua *Revista*. Em março de 1881 a lista accusava 83 (v. *Revista*, I, pag. 111-112). Um anno depois, março de 1882, o numero subia a 161 (v. *Revista*, vol. II, p. 210), e presentemente ascende a 170. Por falta de espaço só está exposta uma parte.

X

REVISTA DA SOCIEDADE

O nosso orgão tem conquistado bom nome dentro e fóra do paiz. A prova está na cifra das publicações nacionaes e estrangeiras, que trocam com a nossa *Revista*, (v. supra). O 1.º vol (1881) contra 418 pag., uma gravura e um mappa; o 2.º volume (1882) 696 pag., além de 40 pag. do Relatorio sobre o Jardim da Infancia com uma phototypia, e duas lithographias.

A collaboração d'estas 1:154 paginas foi absolutamente gratuita.

A *Revista* é mensal, e custa para os socios 1$200; não socios 2$250 reis.

XI

MUSEU

São já muito numerosas as collecções da Sociedade. Mesmo antes da organisação do *Museu de ceramica nacional*, que, só per si, occuparia duas grandes salas, não havia logar para as collecções de mineraes, collecção zoologica e collecções pedagogicas do *Jardim da Infancia*, as quaes foi necessario deixar depositadas parte no Palacio Real, POR CONCESSÃO DE S. M. EL-REI, parte em casas particulares, por favor de varios socios.

JORNAES E REVISTAS DO GABINETE DE LEITURA

(Segunda lista v. vol. I, pag. 112)

A * designa os jornaes que a Sociedade assignou

PORTUGAL

Barcellos — O Tirocinio.
Bouças — O Campeão de Bouças.
Braga — A folha de Braga.
Coimbra:
A Evolução (Rev.)
O Zé Pereira.
Revista scientifica e litteraria.
Evora — O Manoelinho.
Figueira da Foz — O Commercio da Figueira.
Echo da Figueira.
Funchal — O Açoriano Oriental.
Lisboa:
A Correspondencia de Portugal.
O Diario do Governo. *
Gazeta da Noute.
O Mandarim.
Revista d'Ethnologia e Glottologia.
J. dos Funccionarios de Obras Publicas.
Revista de Obras Publicas e Minas.
A Era Nova (Rev.)
Jornal Official de Agricultura.
O Zoophilo (Rev.)
Archivo municipal.
Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes.
A Lanterna.
A Era Nova.
Oliveira de Azemeis — O Oliveirense.
Porto:
O Commercio do Porto.
A Folha Nova.
Dez de Março.
O Norte Republicano.
A Alavanca do Trabalho.
O Joven.
Bibliographia Portugueza e Estrangeira.
O Positivismo (Rev.)
O Commercio Portuguez.
O Primeiro de Janeiro.
A Actualidade.
A Arte Portugueza (Rev.)
Regoa — A Locomotiva.
Valença — O Noticioso.

COLONIAS

Angola:
Eccho de Angola.
Gazeta de Angola.
Goa — Gazeta de Bardez.
Mapuçá (Nova Goa):
O Imparcial.
A patria.

Loanda:
Boletim do Posto Meteorologico.
Jornal de Loanda.
Mossamedes — Jornal de Mossamedes.
S. Thomé e Principe — Boletim official da Provincia de S. Thomé e Principe.

BRAZIL

Rio de Janeiro:
O Facho da Civilisação.
A Tribuna Portugueza.
Revista Mensal da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil.
O Progresso.
O Campeão Lusitano.
Boston (Estados Unidos) — A Civilisação.

HESPANHA

Barcelona — La Mosca (jornal satyrico).
Madrid:
Boletin de la Institucion Libre de Enseñanza.
El Estandarte.
Revista de la Sociedad Economica Matritense.
Revista de Topografia, Agrimensura y Catastro.

OUTROS PAIZES ESTRANGEIROS

Borda (Dax) — Revue de la Société de B.
Bordeus — Bulletin de la Société des sciencies physiques et naturelles.
Bruxellas — Bulletin de la Société Royale malacologique de Belgique.
Florença — Rivista scientifica industriale e giornale del naturalista.
Lyon — Annales de la Société Botanique.
Nimes — Bulletin de la Société d'études des sciences naturelles.
Paris:
Revue de l'enseignement secondaire spécial.
Revue internationale d'enseignement.
Revue bryologique.
Rochefort — Bulletin de la Société de Géographie.
Tarn et Garonne — Bulletin archéologique de la Soc. de T. et G.

Contém esta segunda lista	70	(1 de abril de 1881)
» a primeira lista	83	(1 de abril de 1882)
Total	153	

No proximo numero de abril publicaremos a terceira lista, até á presente data, que contém mais uns 10-20 jornaes e revistas. Isto prova, pelo menos, o credito que a nossa *Revista* tem adquirido dentro e fóra do paiz.

CONSELHO SCIENTIFICO

PARECER

Approvado por unanimidade em sessão de 3 de janeiro

CORNELIO NEPOS, annotado por Julio Moreira — Porto, livraria universal de Magalhães & Moniz, editores, 1882. — 8.º de VI — 188 — 4 pag.

Saudamos n'este livro uma nova e feliz tentativa para aproveitar para as escólas portuguezas as esmeradas edições dos

classicos antigos feitas no estrangeiro por homens distinctos como philologos e pedagogos. O auctor do presente livro, como esclarecido professor e experiente conhecedor das circumstancias e necessidades das nossas aulas, guiou-se nas suas annotações pelos importantes trabalhos de Siehelis e especialmente pelos de Nipperdey, cujas edições de Corn. Nep. e Tacito, publicadas na collecção dos classicos antigos da casa Weidmann em Berlin são obras magistraes. A presente edição portugueza, que nem pecca por falta nem por excesso, será para o estudante applicado um fiel amigo que lhe prestará auxilio nas difficuldades, deixando-lhe comtudo bastante campo para esforços proprios. Agradam-nos muito as referencias aos diversos paragraphos da traducção portugueza da excellente grammatica latina de Madvig, que chamam a attenção do estudante para as particularidades da dicção latina e contribuem assim efficazmente para lhe dar um conhecimento mais intimo da grammatica. Desejamos que o exemplo dado pelo illustre professor tenha frequentes imitadores entre os seus collegas. Ha algumas erratas, sobretudo nas citações de Madvig, mas de certo desapparecerão n'uma nova edição. Agradecemos finalmente o serviço que o illustre professor prestou ás escholas, e rogamos que não nos faça esperar por muito tempo pela promettida edição de Virgilio.

J. Eduard von Hafe.

EXTRACTO DO NOSSO ARCHIVO

(Continuação, v. vol. II, pag. 100)

3 de fevereiro — Reunião ordinaria do conselho scientifico. Apresentação do manifesto ao publico para a elevação do monumento do infante D. Henrique.

4 de fevereiro. — Inauguração da escóla de desenho e modelação.

11 de fevereiro. — 1.ª reunião da assembléa geral para discussão da reforma dos Estatutos.

15 de fevereiro. — Reunião ordinaria do conselho scientifico. Discussão da proposta do snr. Moreira de Sousa, relativa á Reforma da instrucção secundaria, (continuação).

24 de fevereiro. — Reunião da commissão especial de ourivesaria.

Dos trabalhos da sociedade, ou da sua iniciativa, du-

rante o mez de fevereiro, ha a especialisar a inauguração da escola de desenho e modelação, com applicação ás industrias ceramicas, e a reunião e deliberação da commissão de ourivesaria.

Por occasião da exposição ceramica o congresso de donos de fabricas de olaria, reunido por iniciativa da sociedade, deliberara instituir uma aula de estudo profissional, prestando-se o snr. Antonio Almeida da Costa, um dos donos da fabrica das Devezas, a ceder casa para a aula, offerecendo-se o socio da mesma, o distincto esculptor José Teixeira Lopes, para professor da nova aula. Procedeu-se rapidamente á applicação de uma das casas, dependente da fabrica, convertendo-a em escola; estabeleceram-se estantes aos lados, ao longo das paredes e ao centro; as paredes revestiram-se de modelos, representando o que ha de mais selecto na historia da arte: uma aula modesta, mas grandiosa pelo fim a que se destina e é de esperar dê grandes resultados praticos. A inauguração effectuou se no dia 4, presidindo á cerimonia o snr. Joaquim de Vasconcellos, tendo por secretarios o snr. Administrador do concelho o bacharel Antonio Joaquim dos Reis Castro Portugal, e o vice-secretario geral da Sociedade Tito de Noronha, estando presentes algumas senhoras, alguns socios, membros da imprensa, um camarista, diversos membros do congresso, varios individuos da localidade e operarios obreiros de diversas fabricas. O snr. presidente explicou os fins beneficos que á industria ceramica podem advir da nova instituição, pondo em relevo a decadencia da industria por falta do estudo profissional; historiou os esforços feitos pela Sociedade de Instrucção, lembrando a conveniencia de se exporem, periodicamente, os estudos dos alumnos da escola, como galardão dos que melhor applicação mostrarem e incentivo para todos, e affirmou ainda que áquelles se devem conceder premios, para o que a Sociedade não deixará de concorrer, não porque lhe superabundem os meios, mas porque se não recusa a esforçar-se para concorrer, tanto quanto podér, para o desenvolvimento d'esta utilissima instituição. Ainda usou da palavra o snr. Antonio Simões Lopes, inspector de instrucção primaria n'esta circumscripção e nosso consocio, o qual incitou os artistas ao estudo e dedicação pelo trabalho, unicos meios de se elevarem do estado de decadencia e atrophia moral em que geralmente se encontra esta classe. Finda a sessão, os individuos presentes assignaram a acta, inscripta no livro de honra da Sociedade. Poucos dias depois estavam inscriptos mais de 90 operarios.

A reunião da commissão especial de ourivesaria reuniu-se

sob a presidencia do snr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, tendo por secretarios os snrs. Albino Coutinho Junior e Joaquim de Vasconcellos. Leu se o esboço do programma, e uma carta do snr. Simões d'Almeida, secretario da Associação dos ourives de prata de Lisboa, participando haverem os seus collegas offerecido as salas da Associação á commissão do Porto para os trabalhos que alli tenha a effectuar, promptificando-se ainda a Associação a concorrer com qualquer quantia necessaria para a realisação d'este certamen. A commissão, que recebeu esta communicação com summo prazer, deliberou agradecer, e convidar a Associação de Lisboa a eleger uma commissão auxiliar da do Porto. Foram propostas as commissões auxiliares de Braga, Guimarães, Aveiro e Coimbra, ponto terminal sul onde a commissão entendeu que deve terminar a colleccionação dos objectos d'arte nacional retrospectiva. Antes de aberta a sessão, o snr. presidente da Sociedade, dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, informou estarem resolvidas todas as duvidas relativas ao local onde se terá de effectuar a exposição.

Na reunião ordinaria do conselho scientifico de 3, foi apresentado pelo snr. secretario geral o esboço para o manifesto ao publico a proposito do monumento do infante D. Henrique.

Não se discutiu o questionario da *Reforma da instrucção secundaria* por não estar presente o auctor d'elle, resolvendo-se, antes de ultimar os trabalhos, que o snr. presidente ficasse encarregado de conferenciar com as presidencias da ex.ma Camara, Associação Commercial e Associação Humanitaria, visto que a erecção do monumento não era uma manifestação privativa da Sociedade, mas do paiz, e especialmente do Porto, onde o infante-navegador nascera.

O snr. secretario geral, Joaquim de Vasconcellos, poz em parallelo os resultados pecuniarios que das exposições promovidas pela Sociedade tem advindo a esta e á direcção do Palacio, evidenciando-se que a Sociedade perdeu, monetariamente fallando, emquanto que o Palacio recebeu integralmente as suas percentagens.

O snr. Von Hafe leu e parecer (v. pag. 147, sobre o livro do socio o snr. Julio Moreira *Cornelius Nepus,* edição annotada; parecer que foi approvado por unanimidade.

O snr. Von Hafe propoz a reunião da assembléa geral, para a apreciação e discussão do projecto dos novos Estatutos; depois de usarem da palavra os snrs. presidente, secretario geral, Tito de Noronha e Julio Moreira, deliberou-se convocar a assemblea para o dia 11.

Foram participadas varias offertas dos snrs. Paulo Lauret, Sociedade União Medica, dr. Augusto Rocha e Miguel de Abreu, exemplar da 4.ª edição do compendio de *Desenho linear geometrico*, onde vem transcripto o parecer que o conselho scientifico deu sobre a edição do mesmo livro. Jornaes—a *Folha democratica* de Gaya, *A Mocidade* e o *Jornal da Semana* do Porto. Um numero do jornal *Paris*, onde vem um artigo sobre a questão do Congo, remettido pela sociedade *Indo-chinoise*, um numero do jornal de Londres *Academy*, com um artigo muito lisongeiro para a Sociedade, a proposito da nossa exposição de ceramica. O artigo vem assignado pelo snr. Oswald Crawford.

O snr. secretario geral pediu licença por tres mezes, accrescentando porém que trabalhará sempre que podér. O snr. Presidénte, em nome do Conselho, agradeceu ao snr. secretario geral os seus alevantados serviços e espera que o mesmo senhor continue a auxilial-o nos seus trabalhos.

Sessão de 15 de fevereiro. — Sob a presidencia do snr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa, foram participadas offertas dos snrs. dr. Agostinho Antonio do Souto, Sociedade Nova Euterpe, Banco Nacional Ultramarino, e do snr. Pereira Caldas, de Braga.

Foram approvados socios os snrs. José Maria de Mello Monteiro, dr. Arthur Ferreira de Macedo, Frederico Ayres de Gouvêa, e dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, de Lisboa, correspondente.

Foi lido um officio da Camara Municipal de Thomar, pedindo para a sua bibliotheca a *Revista* da Sociedade, resolvendo o Conselho que se lhe mandasse. Tambem foi lido, e reservado para ulterior resolução, um officio do snr. secretario geral da Sociedade, Joaquim de Vasconcellos, a proposito do Projecto de organisação do ensino technico com applicaçã ás escólas, lembrando a conveniencia de se imprimir a traducção por elle feita e publicada na *Revista*.

Antes da ordem da noite o snr. Joaquim d'Azevedo Albuquerque pediu informações sobre a correspondencia entre a presidencia da Sociedade e a Direcção do Palacio de Crystal, informações que lhe foram dadas pelo snr. presidente; o snr. Albuquerque não se dando por satisfeito, propoz que novamente se officiasse á Direcção do Palacio, usando ainda da palavra e a proposito do incidente, mais os snrs. Moreira de Sousa, Raws, Von Hafe e Tito de Noronha.

Tendo o snr. presidente de retirar-se por um motivo im-

previsto, o snr. vice-presidente, Joaquim d'Azevedo e Albuquerque, tomou a presidencia.

Foi approvada por unanimidade a proposta do snr. Albuquerque.

O vice-secretario geral, Tito de Noronha, participou haver-se inaugurado no dia 4 a escola de desenho e modelação com applicação ás industrias ceramicas.

Entrando-se na ordem da noite, questionario ácerca da instrucção secundaria, quesito n.º 2, usaram da palavra os snrs. Von Hafe, Moreira de Sousa e Joaquim de Albuquerque, sendo votada a resposta ao quesito, formulada pelo snr. Moreira de Sousa, — que a educação «Deve abranger a cultura litteraria e scientifica de modo que a relação do tempo exprima accentuadamente a superioridade que a segunda cultura tem sobre a primeira.»

Ambas as sessões terminaram ás 11 horas da noite.

No dia 11, sob a presidencia do presidente da Sociedade o snr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa e secretarios os snrs. Joaquim de Vasconcellos e Tito de Noronha, reuniu a assembleia geral para serem discutidos os novos Estatutos. O snr. presidente, antes de encetar os trabalhos, disse que o art. 12 dos Estatutos em vigor só concedia voto aos socios fundadores; mas que sendo pelo novo projecto de Estatutos esse direito concedido tambem aos outros socios, resolvera a mesa convidar para a discussão todos os socios sem distincção de classes; visto que se tratava de reformar a lei organica da Sociedade a todos se deveria conceder o direito de discussão e voto. Os socios fundadores presentes acceitaram este alvitre, ficando resolvido que todos os socios podessem entrar na discussão da nova lei.

Na discussão tomaram parte a mesa, e os snrs. Joaquim de Azevedo e Albuquerque, Eduardo Augusto Falcão, Julio Moreira, Simões Lopes, dr. Antonio Maria de Senna, Antonio Moreira Cabral, Henrique Kendall, Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, dr. Tiberio Mendes, rev. Francisco José Patricio, Duarte Moreira de Sousa, Fernando Maia, dr. Albano de Mesquita, Teixeira Machado, Antonio Maria Kopke, Almeida Outeiro e Marques de Figueiredo.

A discussão foi mais demorada no § unico do artigo 4.º, que foi eliminado, e no § unico do artigo 10.º que foi approvado, bem como todos os artigos antecedentes, salvo pequenas alterações.

A reunião começou ao meio dia e terminou depois das 5 horas da tarde.

3.º ANNO | 1 DE ABRIL DE 1883 | N.º 4

O LYCEU DE ARTES E OFFICIOS

DO RIO DE JANEIRO

(Continuação, v. pag. 128)

III

Como começaram a funccionar as aulas do sexo feminino do lyceu de artes e officios do Rio, sendo installados no mesmo edificio em que funccionam as aulas do sexo masculino? Como se movem e trabalham em boa ordem cerca de 2:000 pessoas: 1:296 alumnos do sexo masculino, 601 do sexo feminino, e 50 professores, além dos empregados subalternos?

Respondem a isso o bem elaborado estatuto da sociedade, um regulamento, e um regimento do lyceu, que contem excellentes providencias. Não é possivel analysar aqui essas medidas, que teem sido ampliadas e desenvolvidas nos ultimos dez annos. Remettemos o leitor para os estudos especiaes do snr. Felix Ferreira e para os relatorios officiaes do lyceu que demonstram com factos eloquentes as grandes vantagens d'esses capitulos complementares. Mas as medidas mais acertadas, as leis mais sabiamente calculadas, podem ficar sem effeito, sem a cooperação, e a concordia de todos os elementos de uma sociedade. N'esta parte todo o elogio que se fizer á directoria do lyceu e ao corpo docente é pequeno e mesquinho, e fica muito aquem do que elles merecem.

O espirito de abnegação que anima o fundador, o espirito de verdadeira *humanidade* que lhe dá novo alento todos os dias, a energia de acção, e a fé inquebrantavel n'uma idéa, parece terem passado para o corpo docente, e encherem já toda a escola, estabelecendo aquella corrente do enthusiasmo, que caracterisa a obra dos grandes reformadores, e que é o prenuncio das grandes transformações sociaes.

Não pretendemos de modo algum exagerar os resultados obtidos; temos deixado fallar as cifras, e agora diremos que a direcção do lyceu tem perfeito conhecimento do que falta exe-

cutar, de todas as lacunas do ensino. E isto é o facto capital, a melhor garantia para o futuro. As propostas são feitas nos relatorios com a maior clareza, quasi laconicamente. A sinceridade é evidente em todas as relações do numeroso pessoal que se move dentro da escola; egual severidade para o discipulo e para o mestre; as faltas d'este são apontadas com o maior escrupulo (em um serviço gratuito!), quer seja nas aulas, quer nas congregações; os premios são dados com parcimonia; todos os actos são publicos, e as portas da casa estão abertas, indistinctamente e gratuitamente a todas as nacionalidades.

O exemplo vem de cima.

N'estas condições não admira que a disciplina do lyceu seja exemplar, e haja sido mantida sem rigores nem violencias. O snr. F. Ferreira cita provas bem eloquentes d'essa disciplina (pag. 29 e 30 do opusculo *O lyceu de artes e officios e as aulas de desenho para o sexo feminino*, Rio, 1881).

«Uma visita ao lyceu de artes e officios durante as horas de trabalho, das 6 ½ ás 10 horas da noite, é um dos espectaculos mais interessantes que o espirito philosophico de um pensador pode observar.

«Aquelle vasto estabelecimento, illuminado por centenas de bicos de gaz, onde para mais de mil alumnos bebem a largos haustos a instrucção artistica, scientifica e litteraria, semelha-se a uma enorme colmeia regorgitando de abelhas, tumida de favos, d'onde apenas se escapa um zumbir continuo e vago, que é o respirar d'aquellas centenas de pessoas, ás quaes o regulamento do lyceu mal permitte algumas trocas de palavras, de alumno para alumno, em voz tão baixa, que mal se percebe a pequena distancia.

«Na verdade, uma das coisas mais dignas de apreciar-se n'essa escola nocturna é a disciplina que alli mantem na mais restricta observancia centenas de individuos de tão diversas procedencias».

Se a influencia moral que semilhante espectaculo, repetido todos os dias, exerce n'uma grande cidade é incalculavel, o que será quando o lyceu tiver montado as suas officinas, que a estas horas talvez estejam já a funccionar?

A concessão do antigo edificio da typographia nacional foi feita expressamente para a *montagem* das officinas que o regulamento antigo do lyceu já pedia no artigo 10, capitulo III *Dos Estudos*.

D'ahi em diante as reclamações a favor das officinas tornam-se cada vez mais instantes, obtem-se o edificio citado, mas

faltam os meios para a reconstrucção, compra de instrumentos e machinas: uns 26 contos, que ao *Jornal do Commercio* do Rio parecem faceis de obter. E recomeça a campanha, toda a imprensa se move e agita; trata-se da creação das officinas, que são o *futuro* do estabelecimento.

«Bastaria o lyceu poder, ao menos, montar umas officinas de esquadria (carpintaria) de gravura em madeira, fundição de typos e encadernação, mandando vir da Europa, ou dos Estados Unidos, mestres competentemente habilitados nas tres ultimas profissões, para dentro em pouco tirar do producto d'essas officinas o necessario, não só para a manutenção de todo o estabelecimento, como até para o augmento progressivo da parte pratica, creando proporcionalmente outras officinas de eguaes resultados, taes como: de fundição de machinas, de marcenaria, esculptura em madeira e gesso, pintura de ornatos, impressão typographica e lythographica, de chromos, etc. (*O Lyceu*, 1881, pag. 31).»

O plano para o desenvolvimento da secção destinada ao sexo feminino não é menos vasto:

«Venham pois, e quanto antes, as aulas de desenho de ornatos, de figura, de flôres e de animaes, de noções de botanica e de anatomia para o sexo feminino. Ensine-se a mulher a trabalhar, não esse trabalho commum de costura, de crochet e de bordado grosseiro; mas d'essas artes nobres e elevadas que inspiram e engrandecem. E seja o lyceu de artes e officios que descortine essa nova senda de prosperidade para o paiz. Para a realisação d'esta idéa de que se precisa? Apenas de uns cincoenta ou sessenta contos, talvez? Pois é isto quantia que se não possa obter das almas grandes e generosas, que todos os dias estão dando exemplos de amor á caridade e á religião, com avultados donativos para egrejas e hospitaes?

«Não é menor obra de misericordia — ensinar os ignorantes —, e os donativos ao lyceu não só preenchem esse fim, como concorrem para o progresso e aperfeiçoamento das artes industriaes, fontes inexhauriveis de riqueza, que entre nós jazem inexploradas». (*Ibid*, p. 47).

A' parte o que o autor, snr. F. Ferreira, diz dos trabalhos de agulha, e que elle applica talvez só ao abuso praticado com esse instrumento, ao *dressage* da mulher para esse fim exclusivo, não podemos deixar de applaudir as suas idéas. Elle diz, mais atraz, no mesmo opusculo:

«A mulher, no Brazil, principalmente nas grandes cidades, só sabe governar a casa, quando a governa; desoccupada

inteiramente, não podendo, muitas vezes, dar conta de trabalhos pesados por falta de robustez e mesmo de saude, sobrecarregando, por isso mesmo, o marido com o aluguel de uma criada, apenas resta-lhe a costura vulgar, da qual tira bem mesquinhos proveitos, e, ainda assim, nem sempre encontrando para quem trabalhe» (pag. 37).

Depois passa em revista as occupações que poderiam dar pão ás mulheres no Brazil, mas qualquer d'ellas exige o emprego de desenho, e quem sabe desenho? quem cuida d'isso? São outras tantas perguntas que podiamos repetir em Portugal. Estamos surdos e cegos, verdadeiramente cegos, a reformar academias, que andam ha cincoenta annos, desde a sua fundação, á volta d'esse problema, em circulo vicioso, sem nunca o resolverem.

O snr. Rozendo Moniz, dizia no seu discurso inaugural das aulas do sexo femenino:

«Ha vinte e cinco annos (isto é em 1856) que da altura da sua competencia artistica disse o illustrado Porto Alegre:

«Os espiritos vulgares consideram o desenho como arte de luxo, ou passatempo agradavel; porém os homens que pensam, as intelligencias superiores, o encaram como uma necessidade para a civilisação, porque elle é uma revelação do pensamento, a escripta universal da linguagem das formas» (*Inauguração*, etc. p. 26).

Pois doze annos antes (1844) d'estas phrases de Porto-Alegre, já Raczynski dizia a respeito da academia de Bellas-artes de Lisboa (que elle conhecia tão bem!):

«Se eu tivesse de propôr os meios para levantar as artes em Portugal do seu abatimento, recommendaria simplesmente o seguinte: *Na academia, que deveria chamar-se escóla de desenho, ensinar-se-hia o desenho.*» (*Les Arts*, pagina 260.)

Passaram depois d'isto quasi quarenta annos, gastos—no que ahi se vê.

Concluiremos com algumas palavras a respeito da parte do edificio que foi destinada ao sexo feminino. Apesar da área ser consideravel, é impossivel a frequencia diaria de todas as alumnas matriculadas, que são divididas em dois turnos, em dias alternados. A entrada no edificio é separada, e os trabalhos escolares executam-se com perfeita independencia para os dois sexos.

Primeiramente encontramos um pateo de entrada de 35 metros quadrados, depois uma sala de 49 metros quadrados, que é destinada ás senhoras que acompanham as alumnas. Se-

gue-se a sala de musica, medindo 98 metros quadrados, com capacidade para 120 alumnas; depois ha duas salas, de 31m e outra de 43 metros quadrados para as aulas de grammatica e arithmetica. Ha ainda em outra direcção a aula de portuguez com 89 metros quadrados, a aula de desenho para copia do gesso com 39 metros quadrados e, finalmente, a grande aula de desenho elementar disposta em trez salas, que teem de área 296 metros quadrados, com capacidade para 300 alumnas.

A disposição geral das salas, corredores, etc., apropriadissima, é obra do fundador e architecto, snr. Bettencourt da Silva. Entradas e saidas, tudo está regulado. Todas as salas, quer de espera (iamos esquecendo a dos homens com 42 metros quadrados), quer de aulas, são servidas de reservados e *toilettes*, de modo que as alumnas não precisam passar de uma a outra sala. A mobilia foi construida expressamente e obedece a todos os preceitos da sciencia; foi presente dos bemfeitores, assim como as pastas da aula de desenho, o harmonium da sala de musica, etc. A ornamentação é modesta, mas significativa, disticos e sentenças poeticas, maximas moraes, retratos de bemfeitores, incluindo a familia imperial, que nunca abandonou o fundador na sua campanha de vinte e cinco annos. O imperador é visita regular do lyceu; apparece sem ninguem estar prevenido, senta-se em um banco, ouve uma, duas lições e sae com um simples aperto de mão ao professor, sem ceremonia, como entrou. O snr. Bettencourt da Silva, falla-lhe n'uma linguagem que honra em extremo, e por egual, o cidadão corajoso e o chefe do estado.

O seu discurso de 31 de janeiro de 1880 diante da côrte — duas paginas e meia — é simplesmente admiravel; a phrase é singela, clara e eloquente, mas por entre as linhas transparece a profunda commoção do orador, que dias antes acabava de dar a demissão do seu cargo. A resposta do snr. Noronha Feital e o protesto em nome do corpo docente contra a demissão do querido director, lido tambem diante do imperador e do ministerio, que a havia provocado com as suas imprudencias, é mais uma clara prova da independencia de caracter das pessoas que dirigem o lyceu. Nada de fetichismo, nada de ambiguidades.

Trinta e sete professores desaggravam-se perante o imperador de uma injustiça commettida pelo ministerio contra o lyceu — e o ministerio, reconhecendo o erro, não só o emenda, mas augmenta a dotação do lyceu em 50 por cento. E toda esta scena passa-se n'uma sessão magna, diante do proprio ministe-

rio, da côrte, e da melhor sociedade do Rio de Janeiro. Se isto succedesse entre nós, que enorme escandalo!

«A sociedade propagadora das bellas artes do Rio de Janeiro sabe que ante o throno de vossa magestade imperial se tem curvado muitas vezes a hypocrisia e a adulação, para, na baixeza do vilipendio, beijar a mão de que espera o beneficio; mas sabe tambem que vossa magestade, intelligente, como é, saberá distinguir d'essa miseria a veneração e o respeito, o amor e o sacrificio que lhe rendem os homens livres que a constituem e representam, operarios e artistas, que, em qualquer parte do mundo, aqui ou alli, pódem encontrar o largo chão onde lavrem e recolham a succulenta messe do pão quotidiano» (Bettencourt da Silva, discurso cit.)

Devemos concluir, evidentemente, que n'este homem o caracter esta á altura do talento, da energia e da acção.

Com semelhante director o lyceu imperial de artes e officios irá até onde quizer ir; e da sociedade propagadora de bellas artes, fundadora d'esse lyceu, dirá a historia: *que ella honrou a patria.*

IV

Depois da longa exposição que fizemos antecedentemente, dos serviços prestados pelo fundador, seria injustiça não recordar os nomes das pessoas que mais efficazmente teem auxiliado o snr. Bettencourt da Silva, na sua longa campanha de 25 annos, a favor da sociedade propagadora de bellas-artes e da sua escola.

Por maior que seja a energia de um reformador, por maior que seja a sua independencia e força de caracter, não póde, comtudo fugir á acção do meio social; e esse meio favoreceu-o.

O exemplo vem de cima, já o dissemos, e repetimol-o. O imperador tem nos assumptos da sociedade propagadora, nas questões do lyceu de artes e officios *opinião propria;* vê e julga do que vê; não se fia de informações, quer convencer-se e trabalha para isso. Não se contenta com repetir os logares communs, que tal ou tal ministro lhe estende diante dos olhos na vespera de um discurso; vae ás lições da escola, como em tempos ia el-rei D. Pedro v ás lições do Curso superior de letras, e senta-se no banco dos discipulos.

A princeza imperial tomou parte activa na fundação das aulas para o sexo feminino, parte muito saliente, segundo afir-

ma a *Gazeta da Tarde*, do Rio (*A Imprensa*, pag. 43). Apesar das tendencias ultramontanas, que alguns attribuem a essa senhora, foi ella quem mais ajudou na fundação do futuro lyceu para mulheres, planeado e inaugurado no curto periodo de *seis mezes*.

Um alliado de primeira ordem encontrou o fundador na imprensa do Rio, como já dissemos; na questão da creação das aulas para o sexo feminino distinguiu-se principalmente a *Gazeta de Noticias*, onde mais de uma penna elegante traçou com enthusiasmo o elogio de Bettencourt da Silva e dos illustres professores que o acompanham com tanta abnegação (snr. Guimarães Junior). E' de justiça citar porém os outros jornaes: o *Jornal do Commercio*, o *Cruzeiro*, a *Gazeta da Tarde*, o *Diario Official*, a *Estação*, o *Globo*, a *Revista Illustrada*, etc. etc.

Depois do fundador, temos de mencionar os seus collegas na direcção da sociedade propagadora: o presidente, senador Euzebio de Queiroz Mattoso Camara, fallecido; o dr. Domingos Jacy Monteiro, 1.º vice-presidente; o conselheiro Zacarias de Goes e Vasconcellos, successor da Camara; os quatro ou cinco ministros que citámos nas revistas anteriores; os dois secretarios do lyceu snr. Barros e Quirino; os dois secretarios da sociedade propagadora; o seu thesoureiro snr. Roberto Dunlop, etc. etc., emfim, um grande numero de bemfeitores da classe commercial do Rio de Janeiro.

Diga-se, finalmente, que tanto a sociedade propagadora de Bellas-Artes, como o Lyceu de artes e officios tem guardado a mais absoluta reserva em assumptos politicos, abstendo-se de tomar parte nas discussões e nos interesses dos partidos, que teem perturbado mais de uma vez, profundamente, a marcha dos negocios do imperio.

Uma instituição que está em contacto diario e intimo com centenas de operarios, cairia no caos, e cavaria rapidamente a sua ruina, envolvendo-se em questões politicas, que dividem immediatamente as forças e semeiam a discordia por toda a parte. As pessoas que mais eloquentemente teem defendido os interesses da sociedade propagadora e do Lyceu, são exactamente as mesmas que accentuam, com maior energia, a importancia capital das reformas pedagogicas, em opposição áquelles que só vêem o salvaterio do paiz na rhetorica parlamentar, e nas reformas politicas de que essa rhetorica está sempre prenhe.

Ha tres caminhos que conduzem á felicidade domestica, da qual tanto depende a grandeza de uma nação; tres grandes

estradas, quasi incultas entre nós, mal trilhadas por uns e ignoradas por muitos; esses tres caminhos são os que conduzem á —escola—á officina—e á caixa economica.

«Ensinae a criança a ler, ao adolescente a trabalhar e ao mancebo a economisar, e tereis formado um cidadão util a si, á familia e á patria.

«Debalde tentareis inculcar idéas novas em um povo ignorante, debalde procurareis, com flores de rhetorica, levantar do abatimento em que infelizmente jaz uma grande nacionalidade; antes de creardes e preparardes uma geração de homens instruidos, laboriosos e economicos, nada conseguireis.

«O que pretendeis obter de um povo, cujos filhos só aspiram a empregos publicos, isto é, o trabalho methodisado pela hora do ponto, e quasi sem estimulos, o ordenado fixado pelo pagamento mensal, seja pouco ou muito o serviço, e a aposentadoria contada pelos dias de comparecimento á repartição?

«Como quereis chamar para a lucta homens que nunca luctaram, cujas difficuldades vencidas consistiram na obtenção das cartas de empenho, cujos grandes embates se cifram nos indeferidos dos ministros? Não, não são esses os homens de que careceis para as grandes reformas que meditaes, não são esses os legionarios que hão de fazer as gloriosas conquistas a que aspiraes» (Snr. Felix Ferreira, *O Lyceu*, etc. 1881 pag. 45).

A convicção que se traduz n'estas palavras do historiador do lyceu é geral no corpo docente. Em uma publicação official, do lyceu, que commemora especialmente a inauguração das aulas para o sexo feminino, diz se o seguinte, depois de se haver fallado das reformas da ordem moral e intellectual.

«Para tanto, porém, não basta o açodamento vertiginoso de reformas politicas e administrativas, culturas precarias em terreno mal disposto, edificações colossaes em mesquinhos alicerces. De que serve o direito do suffragio, sem a independencia das classes?

«Onde haverá classes independentes sem a equitativa organisação do trabalho? Antes de tudo, governo e povo se alliem para debellar a ignorancia e a miseria, os dois tyrannos que, na phrase incisiva de Laboulaye, tem produzido todos os outros tyrannos da humanidade. Para que seja completa a victoria, distribua-se indistinctamente o pão do espirito por ambos os sexos, dividindo-se o trabalho conforme a aptidão de cada um.

«Não se illumine o cerebro sem que se forme o coração; ensine-se a mulher a sentir e o homem a pensar; esté instrua e

aquella eduque». (Snr. Rozendo Moniz, em nome da Sociedade propagadora).

Estas palavras tiveram écco sympatico na assembléa: crear homens, educar cidadãos, *formar caracteres*, porque o caracter é feitura da educação (Ibid. pg. 59).

Em quanto o lyceu de artes e officios continuar no respeito d'estas doutrinas, alheio ás tentações da politica e cuidando exclusivamente da educação do homem e da mulher ignorante — para fazer d'elle um operario instruido e morigerado, e d'ella uma companheira segura, um alliado no trabalho domestico, e na lucta da vida externa —; em quanto o lyceu persistir n'este caminho que o tem levado ao grau de prosperidade em que se acha, não haverá a receiar nada do futuro. Crises passageiras soffrem-n'as as instituições mais seguras. A questão grave é a dos principios, a questão da convicção, e a questão do methodo. Ha ou não caracter nos individuos que dirigem um estabelecimento de educação? Ha ou não sciencia segura e clara nos planos de estudo?

Ha ou não immediata relação com a vida pratica, com as necessidades do meio social?

Se a critica quizesse responder imparcialmente, desassombradamente, a estas perguntas a proposito de uma serie de instituições que reclamam do orçamento do estado pesados tributos para differentes ramos do ensino publico, haveriamos de ouvir sentenças severas. Em parte, ellas já foram traçadas e documentadas.

A opinião publica vae pedindo contas, á proporção que a critica vae desfazendo os mythos. Nós estamos aqui n'este logar tomando uma pequena parte na ardua tarefa, por isso temos insistido n'esta questão do lyceu de artes e officios do Rio, fundado por uma sociedade particular.

O Brazil multiplica os ensaios.

Temos conhecimento de um outro lyceu em Pernambuco, que vae seguindo o grande modelo da capital. Outras terras se apromptam, seguindo as indicações do snr. Bettencourt da Silva, que já em fevereiro de 1880 reclamava, mesmo na capital, a organisação de novos cursos, em face da excessiva accumulação de alumnos no lyceu; era evidentemente, dizia elle ha tres annos, a necessidade da creação de mais estabelecimentos de instrucção profissional, os quaes, embora não tenham a complexidade de aulas que possue o lyceu, ensinem ao menos o desenho industrial e a geometria applicada ás artes uteis.»

Nós continuamos de braços cruzados diante d'esta trans-

formação, cujos effeitos já se fazem sentir em Portugal. Confiamos sempre que os nossos irmãos de além-mar não deixarão de adquirir, por mero patriotismo, os productos portuguezes, embora elles se apresentem em condições inferiores diante de um publico que começa a abrir os olhos.

Nós acabámos em 1852 com uma instituição similhante á do Rio. Cá chamava-se *Conservatorio das Artes e Officios*. Viveu uns dezesseis annos, de 1836-1852, e ninguem deu por tal. Ninguem soube o que havia de fazer com isso. A propria gente official que o creou foi a mesma gente que o sepultou, cobrindo-o ainda em cima de ridiculo. Succedeu isto em Lisboa. A mesma scena foi repetida no Porto com o *Conservatorio Portuense de Artes e Officios* (1837); novo enterro e novo ridiculo.

Uma commissão official dizia em 1858 do conservatorio de Lisboa: *instituição esta que nunca chegou a ser uma realidade*».

Que tal? Os orçamentos do Estado de 1836-1852 affirmam o contrario, sob o ponto de vista dos gastos.

A' mesma voz official, que negava em 1858 a vida á criança, e até o nascimento, veiu juntar-se no mesmo anno, outra voz official, que dizia o seguinte:

«O Conservatorio das Artes e Officios apenas teve um simulacro de existencia. O artista Gaspar José Marques, que foi nomeado seu director, além de ser então homem muito já quebrado de forças, para poder organisar um estabelecimento d'esta ordem, carecia, *apesar da sua aptidão especial* (sic!?), dos conhecimentos indispensaveis para lhe dar o impulso mais conveniente. Quando o governo mandou annexar este estabelecimento á Escola Polytechnica, encontraram-se algumas machinas quebradas, sem nenhum valor intrinseco ou artistico. Foi o que se obteve das promessas do relatorio que procede o decreto da sua creação, quando affirma que se vae erigir um monumento de duradoura gloria para o reinado de S. M., pelos incalculaveis interesses, que d'elle provirão á nação» (Silvestre Ribeiro, *Historia dos estabelecimentos scientif.* vol. IV, pag. 385.)

Manuel da Silva Passos fundou os dois *Conservatorios de artes e officios* de Lisboa e Porto decerto com a mesma convicção sincera e honrada com que recommendára a creação das duas *Academias de Bellas Artes*. Vieram os instrumentos, os homens e estragaram tudo. Depois de dezeseis annos, achou-se apenas um grande rombo no thesouro e *algumas machinas quebradas*. A commissão official de inquerito diz «que se julga

dispensada (sic) de recordar a triste historia d'este estabelecimento»... Pedra em tudo, e sempre mysterios!

Que culpa tinha Passos Manoel d'esta vergonhosa derrota de dezesseis annos? A linguagem pomposa do relatorio, que precedia o decreto da fundação, era a expressão de um idealismo que dourou a existencia de um dos maiores patriotas; e este homem foi em tudo um modelo de abnegação, de sinceridade e de trabalho.

«O que faltou ao fundador do conservatorio foi o encontrar um homem de prestigio, dotado de energia bastante, para vencer a inconstancia e a impaciencia dos seus compatriotas, e capaz de tornar em realidade um pensamento civilisador.» (Snr. Silvestre Ribeiro vol. VI, p. 386.)

Estamos perfeitamente de accordo com o illustre escriptor: houve uma idéa, mas faltaram os homens para a executarem de uma maneira condigna.

E queiram dizer-nos: depois de mudarem o rotulo, depois de fazerem de dois *Conservatorios de artes e officios* dois *Institutos industriaes*, acaso conseguiram crear um bom ensino profissional, uma geração de operarios instruidos, de luctadores valentes contra a invasão de productos estrangeiros que atulham as nossas alfandegas?

Teremos de voltar atraz, como em 1852, depois de terem passado novamente mais trinta annos, sobre os dezeseis que haviamos então perdido?

Teremos de mudar outra vez o rotulo?

Parece que sim.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

P. S. — Para as pessoas que queiram informar-se mais circumstanciadamente do *Lyceu de artes e officios* do Rio e da *Sociedade propagadora de Bellas-Artes*, pomos aqui os titulos das principaes publicações que consultámos:

1.º — *Do ensino profissional* — Lyceu de artes e officios por Felix Ferreira, Rio de Janeiro, 1876, 8.º de XIII, 237 pag. Na segunda metade d'este volume encontra o leitor os *Estatutos* da sociedade propagadora, o *regulamento e regimento* do lyceu.

2.º — Do mesmo autor. *O lyceu de artes e officios e as aulas de desenho para o sexo feminino*. Rio de Janeiro, 1881, 16.º

3.º — Guilherme Bellegarde. *O lyceu de artes e officios.* Rio de Janeiro, 1881. Typogr. Nac. 8.º

4.º — *Polyanthea commemorativa* da inauguração das aulas para o sexo feminino do imperial lyceu de artes e officios. Rio de Janeiro 1881, 8.º gr. de 113 pag. Edição festiva de 300 ex. com grande numero de collaboradores.

5.º — *Inauguração das aulas para o sexo feminino* no imperial lyceu, etc. Rio de Janeiro 1881, 8.º Publicação official do lyceu (60 pag.)

6.º — *A imprensa e o lyceu*, etc. Aulas para o sexo feminino. Rio, 1881, gr. de IV-48-II pag. Commemora o 25.º anniversario da instituição da *Sociedade propagadora de Bellas-Artes.*

7.º e 8.º — *Relatorios do imperial lyceu de artes e officios* apresentados á sociedade propagadora de Bellas-Artes. Rio, 1879 e 1880, 8.º gr. de 40 e 64 pag.

9.º — *A educação da mulher.* Notas colligidas de varios autores, por Felix Ferreira. Rio 1881. Edição commemorativa da inauguração das aulas do sexo feminino.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, vid. pag. 186)

Genre TROGOPHLOEUS MANNERHEIM

627. T. memnonius Er.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 151.

Espinho!, Monchique! (C. v. Volxem!).

628. T. corticinus Grav.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 153.

Vizella!.

629. T. punctipennis Kiesw.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 156.

Faro!.

GENRE ANCYROPHORUS KRAATZ

630. A. filum Fauv.

Fauv. Faun. G. Rh., Cat. p. IX.

Porto !.

HOMALINI

GENRE ANTHOPHAGUS GRAVENHORST

631. A. præustus Mull.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 115.

Bragança !.

GENRE LESTERA LATREILLE

632. L. longelytrata Goeze.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 104.

Commun au Douro !, Guarda !.

GENRE LATHRIMEUM ERICHSON

633. L. unicolor Mars.

Fauv. Faun. G. Rh., p, 93.

D'après Erichson cette espèce qu'il a décrite sous le nom *L. luteum* appartient à la faune portuguaise.

GENRE HOMALIUM GRAVENHORST

634. H. rivulare Payk.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 78.

Espinho !, Leça !.

635. H. caesum Grav.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 73.

Serra de Rebordaos!.

Genre ANTHOBIUM STEPHENS

636. **A. atrum Heer.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 36.

Guarda !.

637. **A. obsoletum Er.**

Erichson. Gen. et Sp. Staph., p. 892.

D'après Erichson il se trouve en Portugal.

638. **A. torquatum Marsh.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 41.

Guarda !.

639. **A. nigriceps Fauvel.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 41.

Guarda !

PROTINI

Genre PROTINUS LATREILLE

640. **S. brachypterus F.**

Fauv. Faun. G. Rh., p. 31.

Bussaco !.

Genre PHLOCOBIUM ERICHSON

641. **O. aypeatum Mull.**

Kraatz Nat. Ins. Deut., II, p. 1033.

Coimbra !.

PHLOCOCHARINI

Genre PSEUDOPSIS NEWMAN

642. P. sulcata Newm.

Fauv. Faun. G. Rh., p. 23.

J'ai trouvé ce curieux staphylin à Coimbra sous les détritus des végétaux.

Dans le continent européen on ne l'avait trouvé qu'en France, mais il existe aussi dans la Grande Bretagne.

PSELAPHIDÆ

Genre CTENISTES REICHENBACH

643. C. palpalis Reich.

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.e, p. 23.

Je n'ai jamais pris qu'un seul individu.

Genre ENOPTOSTOMUS WOLLASTON

644. E. Aubei Ros.

Rosenh. Thier Andal., 1856, p. 62.

Mentionné du Portugal dans le catalogue de Harold.

Genre TYCHUS LEACH

645. T. corsicus Reitter.

Reitter Best. Tab., V, p. 73.

Vizella !, Espinho.

Je possède un individu de Vizella avec la couleur rouge des élytres très réduite.

Genre BRYAXIS LEACH

646. B. dentiventris Saulcy.

Reitter Best. Tab., V, p. 26.

Estarreja !.

647. **B. celtiberica Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 25.

D'après une lettre que mon ami Mr. L. v. Heyden vient de m'écrire il a été trouvé à Lisbonne.

648. **B. Schuppeli Aubé.**

Reitter Best. Tab., v, p. 31.

Trouvé dans la Serra d'Estrella par Mr. Ehlers, d'après une lettre de Mr. L. v. Heyden.

649. **B. juncorum Leach.**

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.ª, p. 49.

Vizella!, Espinho!.
Commun.

650. **B. sanguinea L.**

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.ª, p. 38.

Coimbra!.

GENUS BYTHINUS LEACH

651. **B. myrmido Reitt.**

Reitter Best. Tab., v, p. 42.

Espinho!.

652. **B. troglocerus Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 51.

Cea (Ehlers!). D'après Mr. L. v. Heyden.

653. **B. peninsularis Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 50.

Bussaco! (Ehlers!), Coimbra!, Estarreja!, Vizella!, Espinho!.

J'ai pris une femelle à Coimbra et une autre à Espinho avec la couleur bien moins foncée que dans les autres.

654. **B. Lusitanicus Sauley.**

Reitter Best. Tab., v, p. 52.

Serra d'Estrella (Ehlers!), Bussaco!, Coimbra!.

655. **B. nasicornis Sauley.**

Reitter Best. Tab., v, p. 36.

Gerez (L. v. Heyden!).

656. **B. Ehlersi Reitt.**

Reitter Best. Tab., v, p. 58.

Bussaco! (Ehlers!), Coimbra!.

GENRE PSELAPHUS HERBST

657. **P. Heisei Herbst.**

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.°, p. 91.

Coimbra!. Rare.

658. **P. Piochardi Sauley.**

L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 86.

Mr. Piochard de Brulerie et L. v. Heyden ont pris un mâle d'une femelle dans la Serra do Gerez e je viens de le prendre à Coimbra.

GENRE EUPLECTUS LEACH

659. **Euplectus nanus Reich.**

Reitter Nat. Ins. Deut, III, p. 2.°, p. 123.

Bussaco (L. v. Heyden!).

660. **E. afer Reit.**

Reitter Best. Tab., v, p. 87.

Bussaco!.

GENRE TRIMIUM AUBÉ

661. **T. brevicorne Reich.**

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.°, p. 105.

Bussaco!.

662. **T. imitatum Reit.**

Reitter Best. Tab., v, p. 95.

D'après Mr. Reitter il se trouve dans le sud du Portugal.

CLAVIGERIDÆ

GENRE CLAVIGER PREYSSLER

663. **C. Lusitanicus Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 8.

Serra do Gerez! (L. v. Heyden!.)
Il se trouve en compagnie du *Lasius emarginatus Lat.*

SCYDMENIDÆ

GENRE CEPHENNIUM MULLER

664. **C. fulvum Schaum.**

Reitter Nat. Ins. Deut., III, p. 2.e, p. 105.

Espinho!.

665. **C. atomarium Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 114.

D'après Mr. Reitter il est particulier à notre faune.

GENRE NEURAPHES REITTER

666. **N. solitarius Reit.**

Reitter Best. Tab., v, p. 116.

Serra d'Estrella (Ehlers!).

667. **N. Ehlersi Reit.**

Reitter Best. Tab., v, p. 121.

Bussaco (Ehlers!).

668. **N. œdicerus Saulcy.**

Reitter Best. Tab., v, p. 123.

Cité du Portugal par Mr. Reitter.

Genre SCYDMÆNUS LATREILLE

669. **S. protervus Coq.**
Reitter Best. Tab., v, p. 129.
Coimbra !.

670. **S. cordicollis Kiesw.**
Reitter Best. Tab., v, p. 131.
Bussaco !.

671. **S. angustior Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 90.
Serra do Gerez (L. v. Heyden !).

672. **S. Lusitanicus Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 90.
Serra do Gerez (L. v. Heyden !).

Genre EUCONNUS THOMSON

673. **Heydeni Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 91.
Cea, Serra d'Estrella (Heyden !).

674. **E. hæmatodes Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 90.
Serra do Gerez (L. v. Heyden !). Bussaco !.

675. **E. laticeps Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc., p. 91.
Serra do Gerez !, Bussaco ! (L. v. Heyden !).

676. **E. distinguendus Sauloy.**
L. v. Heyden. *Ent. Reise*, etc. p. 91.
Serra do Gerez (Heyden !), Bussaco !, Coimbra !. [1]

[1] Le E. Navaricus Saulcy d'après une lettre de mr. L. v. Heyden est mentionné à tort du Portugal par mr. Reitter.

GENRE MASTIGUS LATREILLE

677. **M. palpalis Latr.**

Reitter Best. Tab. v., p. 147.

Commun partout près de l'eau.

678. **M. prolongatus Gory.**

Reitter Best. Tab., v, p. 147.

Commun dans le nord particulièrement dans les montagnes.

SILPHIDÆ

SILPHINI

GENRE CATOPOMORPHUS AUBÉ

679. **C. pilosus Muls.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 305.

Azambuja (J. Antunès!).

GENRE CHOLEVA LATREILLE

680. **C. angustata F.**

An. Nat. Hist., XVIII, 1856, p. 12.

Il n'est pas rare dans le nord du Portugal.

681. **C. transversostriata Murray.**

An. Nat. Hist., XVIII, 1856, p. 316.

Mr. Murray dans sa monographie du genre Catops mentionne cette espèce de la collection de Dejean où elle portait l'indication de provenance du Portugal.

GENRE PTOMAPHAGUS HELLWIG

682. **P. tristis Panz.**

An. Nat. Hist., XVIII, 1856, p. 144.

Bussaco!, Coimbra!.

683. **P. clathratis Perris.**

An. Soc. Ent. Fr., 1864, p. 281.

Bragança!, Bussaco!.

On trouve toutes les transitions de couleur depuis le brun jusqu'au fauve.

(*Continúa*). MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

ESTUDOS

SOBRE A

HISTORIA DAS SCIENCIAS EM PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 80)

A BOTANICA

PARTE I

(DA CONSTITUIÇÃO DA MONARCHIA Á REFORMA POMBALINA)

Ensino da botanica: Mosteiro de Santa Cruz—Universidade—Creação das pharmacias. *Litteratura botanica*: Seculo XVI—Apreciação do estado da botanica no extrangeiro — Portugal: Pedro Hispano, Valesco, Amato Lusitano, Thomé Pires, Garcia da Horta, Christovam da Costa, os historiadores do descobrimento da India — Sec. XVII — Vista de olhos sobre os trabalhos extrangeiros — Portugal: decadencia do estudo das sciencias — Isidoro da Barreira, Gabriel Grisley, trabalhos ineditos. — Seculo XVIII — A botanica em paizes extranhos — Portugal: João Vigier, Manoel Gomes de Lima, Domingos Vandelli. *Real Jardim Botanico da Ajuda.*

Foi o seculo XVII fertil em botanicos de toda a importancia e consideração. A Italia deu-nos em Fabio Colonna, Paulo Bocconi, Thiago Zononi, Aldini e Ferrari observadores distinctos, d'entre os quaes o primeiro merece uma menção muito especial. A França concorreu poderosamente para os progressos da botanica com Pierre Magnol, Gui de la Brosse, Philippe Cornu, que estudou a Flora Canadense, Jacques Barretier e sobretudo com Tournefort que, como bem diz Hoeffer, coroou a obra dos botanicos classificadores do seculo XVII. As suas numerosas viagens, feitas no intuito de se instruir, fizeram-n'o reunir um cabedal de conhecimentos enorme, que nos transmitiu nas suas obras; e a elle se deveu o estabelecimento de um systema de classificação das plantas que durante mais de um seculo reinou absolutamente na sciencia e cujos elementos taxonomicos foram sobretudo extrahidos das modificações importantes da corolla, que teem certamente um duvidoso valor. No

entretanto, apesar do pouco valor da base da classificação, estabeleceu numerosas familias verdadeiramente naturaes, como são as labiadas, as cruciferas, as liliaceas, as umbelliferas e as papillionaceas.

A Inglaterra foi distinctamente representada por um grande numero de botanicos, d'entre os quaes occupam logar mais preeminente John Parkinson, Robert Morison e sobretudo John Ray. Este explorou, não só toda a Inglaterra, mas a Hollanda, a França, a Allemanha, a Suissa e a Italia, e o resultado d'estes enormes trabalhos, consignado especialmente na sua *Historia geral das plantas*, é digno de toda a consideração. A sua classificação foi estabelecida sobre os caracteres dos fructos, mas modificou-a depois, convencido da sua pouca importancia, mas convencido egualmente de que a flôr não tinha maior valor para o estabelecimento das familias botanicas.

A Allemanha tomou uma parte importante no movimento da botanica descriptiva. Joachim Jung, Jungermann, Volckamer, Hermann, Knaut, etc. mas sobre todos o primeiro, merecem consignação especial na historia; devem-se a Jung estudos especiaes sobre as flores compostas, cujo valor ninguem póde contestar. Os Paizes Baixos pouco produziram de importante: Rysch e Commelyn, que trabalharam no catalogo das plantas do jardim botanico de Amsterdam, são os mais notaveis dos botanicos que possuiram n'este seculo.

A Suissa concorria no entretanto com os mais importantes botanicos que anteriormente a Tournefort appareceram: os irmãos Bauhin, dos quaes um, João, reuniu a descripção de cinco mil plantas e mais de tres mil desenhos na sua obra, ao passo que o outro, Gaspard, na continuação dos trabalhos de seu irmão, apresentava os primeiros indicios de uma classificação verdadeiramente natural [1].

O seculo XVII foi para a peninsula de verdadeira esterilidade em trabalhos botanicos. D'entre os individuos que na Hespanha fizeram convergir a sua attenção para esta ordem de estudos a custo podemos apresentar alguns dignos de consideração.

Francisco Ximenez, Jeronymo Huerta, Bernardo Cienfuegos e Ildefonso Sorolla são os unicos que merecem menção especial e d'estes ainda o unico que sobresae é Cienfuegos, cuja *Historia das plantas* em 7 volumes ficou manuscripta e

---

[1] Vid. Hoeffer. op. cit. pag. 147 e seguintes — Brotero. op. cit.

existe n'uma das bibliothecas de Madrid. Esta obra é um vasto repositorio de descripções das plantas encontradas por elle nas suas excursões atravez do territorio hespanhol [1].

Ao mesmo tempo que a botanica descriptiva ia fazendo os progressos de que demos noticia, o estudo da anatomia e physiologia vegetaes ia começar a fazer-se, graças á descoberta de um poderoso instrumento, o microscopio.

Aromatari, um medico de Veneza, comparava o embryão de semente com o vegetal desenvolvido e o amido que o cerca com a albumina do ovo. Thomaz Brown era o primeiro a fazer notar a frequencia do numero cinco nas sementes e involucros floraes. Digby, Mayor e R. Boyle assignalavam pela primeira vez a influencia de oxigenio nos phenomenos da germinação e respiração, e Merret demonstrava a absorpção da humidade do ar pelas plantas. Nath. Henshaw descobria os vasos respiratorios das plantas (tracheas) e Kooke examinava os vasos laticiferos que julgou serem providos de valvulas exactamente como as veias.

No entretanto, os estudos sobre a anatomia e physiologia vegetaes só tomaram o incremento que deviam tomar pela sua importancia, depois da apparição de Grew e Malpighi que bem podem ser considerados os seus fundadores.

Grew, no seu livro *Anatomy of Plants*, dá uma ideia completa da evolução do vegetal desde a semente até á constituição do individuo adulto, e as suas doutrinas, bem como as denominações dadas ás differentes partes do embryão, conservam-se ainda hoje na sciencia. Deve-se ainda a Grew a determinação da verdadeira natureza das flores compostas, demonstrando que os flosculos [2], considerados como estames até ahi, eram verdadeiras flores.

A histologia vegetal deve a Malpighi estudos profundos sobre o tecido cellular, que demonstrou ser composto de pequenas cavidades, a que deu o nome de utriculos, d'onde o de utricular dado por elle áquelle tecido. Ao mesmo tempo annunciava a analogia que ha entre as vesiculas pulmonares dos insectos e as tracheas dos vegetaes, e sobre a germinação apresentava ideias que hoje se tornaram classicas. As denominações por elle apresentadas para designar differentes partes do fructo e do embryão são ainda conservadas tambem.

---

1 Miguel Colmeiro op. cit.

2 E' a tradução adoptada por Brotero para a palavra *fleurons* de que se servem os auctores francezes.

Comquanto, pois, ninguem, mais que Grew e Malpighi, profundasse os estudos sobre a estructura das plantas, faltou-lhes a determinação do sexo; essa parte importante da physiologia só começou a ser conhecida depois dos trabalhos de Zaluzanio, de Robert, de Camerario etc.

Finalmente Perrault, Dodart e Mariotte accrescentaram notavelmente o peculio dos conhecimentos sobre a physiologia vegetal; o primeiro reconheceu a circulação da seiva, o segundo mostrou a importancia dos gomos considerando o vegetal como uma reunião d'estes orgãos, e Mariotte attribuiu á capillaridade a marcha da seiva, demonstrando que esta circula em vasos differentes d'aquelles em que circulam os succos córados da planta.

Apezar dos progressos feitos no estrangeiro, Portugal conservava-se extranho ao movimento que lá ia. Ninguem ignora os factos que determinaram tal abatimento e por esse motivo apenas fazemos uma rapida menção das suas causas. A expulsão dos judeos e o estabelecimento da inquisição são com certeza dous dos factores mais importantes da decadencia dos estudos. Os judeus eram muito dados ás letras e sciencias e d'entre os que nasceram no nosso paiz, muitos houve que sobresairam por merecimentos notaveis. Decretada a sua expulsão, muitos abandonaram o territorio portuguez, emquanto outros, ou porque os seus interesses o pediam, ou porque a propria consciencia o reclamava, abjuraram e entregaram-se á pratica do christianismo.

Já dissemos n'outra parte que a guerra que depois lhe moveram o povo fanatisado e o clero corrupto é um dos espectaculos mais odiosos que o seculo XVI em seu meado nos offerece. Essa lucta afastou do nosso territorio individuos que deveriam concorrer para os progressos das sciencias entre nós; e, apesar das suas aptidões manifestas, leis rigorosas embaraçavam os *christãos novos* de se entregarem aos estudos no nosso paiz.

Ao estabelecimento da inquisição ajunta-se a intervenção dos jesuitas no ensino. E' exaggerada a opinião dos que os apontam como os unicos causadores da pobreza intellectual que n'essa epocha nos affligiu, mas é certo que elles, apoderando-se do ensino universitario, por multiplicadas reformas que n'elles fizeram, aproveitaram a sua influencia para paralysar toda a tentativa de progresso e renovação. A philosophia aristotelica que elles mais que todos concorreram a conservar

nas escolas influiu tambem desastrosamente nos estudos, e d'ahi talvez a razão porque as sciencias naturaes não foram cultivadas com esmero n'esta épocha.

Outras causas se vieram sommar a estas, augmentando ainda o nosso abatimento. O desastre de Alcacer-Quibir, a dominação castelhana, as guerras que se seguiram á proclamação da nossa independencia, e a mortifera passagem sobre o nosso sólo de tres epidemias assoladoras são outros tantos factores da nossa ruina, sem que seja possivel marcar que parte caiba a cada um no resultado final a que nos conduziram.

Nas condições que especificamos, poucos trabalhos podemos apresentar como representando o estado dos conhecimentos botanicos d'essa epocha entre nós. Demais, alguns dos que os nossos bibliographos nos apontam, ficaram manuscriptos e não se sabe onde hoje existem, se é que o tempo os não destruiu completamente.

Dos que ficaram impressos, cumpre especificar o «Tractado das significações das plantas, flôres e fructos que se referem na Sagrada escriptura [1]» que Fr. Isidoro da Barreira deu á luz, em 1622. Este livro, que não tivemos occasião de vêr, é, no dizer de Colmeiro, uma obra em extremo curiosa pelos conhecimentos que mostra o auctor na interpretação dos sentidos figurados que tem as plantas na Biblia.

Gabriel Grisley, um medico allemão que no reinado de D. João IV veio estabelecer-se em Portugal, publicava em 1656 o seu «Desengano para a medicina», que é uma verdadeira flora medica do nosso paiz, accommodada aos poucos conhecimentos do vulgo, sendo as plantas designadas pelos seus nomes vulgares, e acompanhados d'aquelles porque eram conhecidas na sciencia. Estas plantas estão distribuidas em tres canteiros, dos quaes o primeiro contem vinte especies botanicas, o segundo quarenta e o terceiro vinte e sete; mas esta classificação nada tem de scientifico e basea-se apenas na maior ou menor frequencia dos seus usos em therapeutica. E', como demais se deixa ver, bastante defficiente, mas como primeira tentativa d'um commettimento que só nos nossos tem-

---

[1] O titulo completo é, segundo Innocencio: Tratado das significações das plantas, flores e fructos que se referem na Sagrada Escriptura. Tirados das divinas e humanas lettras com breves considerações—Lisboa por Paulo Crasbeeck 1622 e Lisboa por Manoel Lopes Ferreira 1698.

pos vingou ser realisado, e esse ainda em relação a uma parte muito restricta do nosso paiz, merece-nos elevada consideração [1].

Pouco depois, Grisley publicava o seu «Viridarium lusitanicum» que, ao que elle proprio diz no prologo, era o fructo do trabalho de quasi trinta annos, durante os quaes tinha explorado o paiz em toda a sua extensão, tendo-se demorado de preferencia em certas regiões que como o Bussaco, Serra de Portalegre e Serra da Estrella deviam ser ferteis em curiosas producções vegetaes.

Comquanto seja extremamente difficil aquilatar o merecimento d'esta obra, por isso que a sua interpretação é por vezes insuperavel, resulta dos trabalhos a que se entregou Vandelli, reduzindo-a ás especies de Linneu, que são 1618 as plantas descriptas n'este pequeno livro e que muitas d'ellas o foram pela primeira vez. O *abrotanum femina montanum*, a *acetosa annua minor*, a *acetosa laciniata amara*, o *aconitum flore coeruleo*, o *adiantum album primilium* e tantas outras que julgamos desnecessario apontar, devem a Grisley a sua primeira descripção [2].

A therapeutica exotica continuava a dominar no nosso paiz. A esse facto se deve a publicação de um «Memorial de varios simplices que da India Oriental, da America e d'outras partes do mundo vem ao nosso reino» de que não me é possivel dar outra noticia, por isso que não pude ver exemplar algum, como tinha acontecido a Innocencio Francisco da Silva.

Tal era o estado da botanica entre nós, tal qual é possivel avalial-o pelos documentos impressos que nos restam, mas o que prova que no seculo XVII os estudos botanicos tinham tomado uma certa latitude é o haver noticia de alguns manuscriptos, hoje naturalmente perdidos, dando conta das hervas e suas propriedades. Eram d'este numero as obras de Fr. Filippe da Silva [3], de Gregorio Lopes [4], Ignacio de Brito No-

---

[1] Intitula-se: Desengano para a medicina ou botica para todo Pay de Familias — Lisboa, officina de Henrique Valente de Oliveira 1656.

[2] Não vimos a edição original publicada, segundo se diz, em 1661. A que nos serviu foi a de Lisboa de 1789—dada á luz e melhorada por Domingos Vandelli.

[3] Commentarios aos dous tomos que compoz Fr. Isidoro de Barreira das significações das plantas e flores — MS.

[4] Tratado das propriedades das hervas — MS.

gueira [1] e Pedro Serrão [2] de que não temos outra noticia além d'aquella que nos deu Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana.»

(Continúa.) MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. vol. II, pag. 86)

X

DESCARNAÇÃO D'AVES

Depois da ave estar morta e disposta, como já indicamos, procede-se á descarnação, operação melindrosa, porque da perfeição d'ella, depende o bom resultado de todos os trabalhos. Para isso estende-se a ave n'uma meza, de costas, com a cauda voltada para o preparador, a cabeça em sentido contrario, as azas estendidas o mais possivel, e faz-se-lhe uma abertura na pelle, para por ella se poder extrahir todo o conteudo, isto é, carne, ossos, etc. O lugar d'esta incizão póde ser nas costas, no lado ou no peito, segundo o gosto do preparador e sobretudo da posição que depois quizermos dar ao specimen.

A abertura nas costas, só é conveniente quando se quizer montar uma ave, de azas abertas e suspensa do tecto d'uma sala, ou algumas especies de aves aquaticas, que teem a attitude vertical. Excepto n'estes casos, não vulgares, a fenda nas costas é prejudicial, visto que as pennas dorsaes, ainda que longas, não se prestam a encobrir completamente a abertura.

Alguns amadores praticam-na sob a aza direita, mas um specimen assim preparado fica sempre defeituoso, pela demasiada distenção da pelle do lado por onde se descarnou. Resta pois a descarnação peitoral, que é a melhor, visto não offerecer os inconvenientes dos outros dous processos. Afóra a variante de logar, a descarnação quer seja pelas costas, pelo lado, ou pelo peito, faz-se sempre do mesmo modo. Collocada a ave, como dissemos, desviam-se horisontalmente as pennas, desde

[1] Virtudes das hervas e plantas e suas qualidades — MS.
[2] Das plantas e hervas mais conhecidas, suas virtudes e qualidades — MS.

o estérno ao meio do ventre, até ficar a descoberto uma pequena linha da pelle. Algumas aves, especialmente as aquaticas, tem sob a primeira camada de pennas, uma outra muito fina que impede o descobrimento da pelle; n'este caso, depois de desviadas as primeiras pennas, arrancam-se cautelosamente as segundas, com os dedos, ou melhor ainda, com a pinça, e corta-se a pelle no seguimento da linha traçada, principiando no esterno e tendo por limite o principio do ventre, podendo-se em algumas aves, em que esta abertura fique demasiadamente pequena, prolongal-a um pouco mais sobre o ventre. Devemos sempre ter cautella em não furar os intestinos, inconveniente que só se póde remediar introduzindo bocados de algodão por o sitio onde houver trasvazamento de escrementos.

Depois de cortada, agarram-se as duas extremidades da pelle com uma pinça, se a ave é pequena, ou com o pollegar e o index da mão esquerda se é de tamanho regular, e separa-se dos dous lados do peito até á aza. Esta separação póde fazer-se nas pequenas especies, introduzindo o cabo do escalpello entre a carne e a pelle, e nas grandes com ajuda dos dedos.

Alguns preparadores costumam empregar gesso em pó ou farinha triga, quer para chupar o sangue, que muitas vezes se principia a derramar, quer para cobrir a espessa camada de gordura de algumas aves, especialmente das aquaticas, e a qual, espalhando-se exteriormente, prejudicaria a futura belleza do individuo. Mas, se o derramamento é consideravel, a farinha ou o gesso converte-se n'uma massa viscosa, que cahindo nas pennas, de tal modo as prende, que difficilmente as podemos limpar, sendo necessario até arrancal-as. E' preferivel, á medida que se vae operando, ir introduzindo pequenos fragmentos de algodão entre a pelle e a carne; o algodão impede o rapido derramamento, sem causar nem um só dos inconvenientes do gesso e da farinha.

Deve tambem prender-se ás extremidades da fenda, um pedaço de panno fino de linho, para impedir a tendencia natural que as pennas teem de se envolverem para o lado interno da pelle, ennodoando-se com o attrito dos tecidos, especialmente se são brancas ou muito claras. Este pedaço de linho deve conservar-se-lhe até á total descarnação.

Separada a pelle dos dous lados da carne, faz-se o mesmo para a parte inferior, até ao meio do ventre, e para a superior até á base do pescoço.

Esta operação, especialmente nas pequenas aves, deve ser feita com muita cautella, para lhe não rasgar a pelle; mas

acontece ao principiante, por mais vagar e perfeições que empregue no seu trabalho, fazer orificios na pelle, quer com o escalpello, quer com a demasiada distensão, mal este que se remedeia facilmente, cosendo as soluções de continuidade, havendo, comtudo, a cautella de não prender as pennas. Corta-se em seguida o pescoço, duas ou tres vertebras acima da sua inserção no peito, passa-se-lhe uma segura laçada de fio e suspende-se a ave n'um qualquer gancho, fixo na parede. E' conveniente envolver o pescoço em algodão, para que não manche as pennas que no decorrer da operação, o chegam muitas vezes a envolver completamente. Desvia-se, então a pelle o mais possivel, até ao encontro da aza, e logo que ella está a descoberto, corta-se na articulação do humerus com a omoplata, repõe-se no primitivo lugar, e repete-se a mesma operação do lado opposto; volta-se depois a pelle sobre as costas, continua-se a separação até ás coixas, que se desarticulam na juncção da tibia, e prosegue-se parando sómente nas vertebras caudaes, que se cortam junto ao coccix.

Chegado aqui, está o esqueleto completamente separado da pelle, restando sómente libertal-a da carne que ficou nas pernas, azas e cabeça.

Estende-se a pelle, de costas, na meza, em posição identica áquella em que a collocamos para iniciar o nosso trabalho, com a mão esquerda agarra-se a extremidade cortada da tibia, emquanto que com a direita ajudada do escalpello, se separa a pelle d'esta parte da carne; pára-se n'esta descarnação quasi no fim da tibia, um pouco antes da sua inserção do peroneo.

Limpa-se a tibia de toda a carne e tendões que lhe estão á volta, dá-se-lhe uma boa camada de preservativo e enrola-se-lhe algodão ou estopa em fórma de fuso, até tornar a restituir á perna a primitiva espessura, guiando-nos n'este trabalho pela outra que ainda está por descarnar. Dá-se preservativo na pelle da coixa, que se faz entrar no seu logar, puxando exteriormente pelo tarso, e em seguida, e do mesmo modo, prepara-se a outra perna.

Antes de se passar ás azas, limpa-se o coccix de todas as substancias que o cobrem e que se substituem por algodão embebido em sabão arsenical, caiando interiormente toda a pelle com uma espessa dissolução d'este mesmo preservativo. Durante todos estes trabalhos, deve ter-se sempre o cuidado de não molestar as pennas, especialmente as da cauda, inconveniente de grande alcance, visto que da perfeição d'ellas depende uma grande parte da belleza do exemplar.

Faz-se nas azas uma operação semelhante á já feita nas pernas, sómente com mais precaução, para que as pennas grandes das azas se não separem da pelle. Impellem-se as azas para dentro, até que esteja a descoberto o humerus e pelo menos uma grande parte do radius e cubitus, tira-se toda a carne que os envolve, dá-se-lhe preservativo e colloca-se-lhe muito pouco algodão, ou mesmo nenhum, se a ave é de tamanho mediano. Isto que á primeira vista parece um contra senso, tem muita razão de sêr, por isso que a ave, quando viva, tem de cada lado do corpo umas pequenas cavidades chamadas *fossas peitoraes,* que servem de alojamento ás azas.

Sendo descarnada e depois cheia, não é possivel deixar-lhe essas cavidades, e por isso é mister recorrer a outro expediente, que consiste em tornar as azas mais delgadas, de modo que a perda da sua espessura corresponda ao augmento do peito. Se a aza é muito corpulenta, e se houver inconveniente em a descarnar d'este modo faz-se-lhe então, na parte inferior entre o cubitus e o radius, uma abertura por onde se extrae toda a carne, se dá o preservativo preciso e se enche de algodão ou estopa, cosendo-se em seguida com o maximo cuidado.

Preparadas e dispostas as azas no seu logar, passa-se á limpeza da cabeça, a parte mais difficultosa para o principiante, visto que n'esta operação precisa de haver muita cautella, para se não rasgar e estragar a pelle que a envolve.

Os defeitos na cabeça e pescoço são de remedio quasi impossivel, em razão de estarem muito á vista e não haver pennas sufficientes para os poder disfarçar. Agarra-se com a mão, a parte que ficou do pescoço e puxando, volta-se a pelle sobre elle, e vae-se desligando cautelosamente para evitar algum rasgão; nos ouvidos desliga-se a especie de saco formado por uma tenue membrana, levantando-o com uma pinça ou ponta de escalpello, e segue-se até aos olhos, dos quaes se corta a membrana piscante, com muita precaução, para não offender as palpebras, o peor de todos os contratempos, visto ser irremediavel, e termina-se na descarnação junto da base do bico. Em seguida com a pinça, arrancam-se destramente os olhos das orbitas, para impedir que elles rebentando, produzam um prejudicial extravazamento de liquido, e dá-se com um pincel uma camada de preservativo por toda a orbita, que se enche completamente de algodão.

Corta-se então o pescoço junto á base do craneo, e alarga-se n'este, o orificio occipital, o sufficiente para por elle se extrahir a massa cerebral, que se substitue por algodão bem em-

bebido em sabão Becoeur; arranca-se a lingua, limpa-se toda a carne que esteja unida ao craneo, sem nunca quebrar nem deteriorar a caixa ossea. Feito isto, dá-se por toda a cabeça uma boa camada de preservativo e faz-se entrar no primitivo lugar, voltando a pelle até que o bico esteja a descoberto e puxando pelo fio que lhe atravessa as narinas; tendo-se segura pelo bico, sacóde-se então methodicamente durante alguns segundos para as pennas voltarem ao seu lugar.

Cobre-se interiormente a pelle, d'uma boa camada de preservativo, e se se não quer montar a ave n'aquella mesma occasião, introduz-se-lhe algodão em todos os vazios, mas com cautella, para não alargar demasiado a pelle, e cose-se a abertura. Collocam-se as palpebras em boa posição, isto é, arredondando as e dando-lhe a fórma natural; mas o mais conveniente é introduzir-lhe n'esta mesma occasião os olhos artificiaes, o que se faz, levantando d'um lado a palpebra e operando d'um modo identico ao da introducção d'um botão de vestido na casa que lhe é propria, e dispondo em seguida a palpebra como em vida do animal. Vê-se se o olho de vidro está á altura sufficiente, e no caso contrario torna-se a tirar e introduz-se ou subtrae-se-lhe algodão; enchem-se tambem as narinas e a cavidade do bico, de algodão embebido em sabão arsenical.

Alguns preparadores costumam conservar as pelles das aves penduradas pelo bico, mas esse uso é sempre prejudicial, em razão do peso do corpo, actuando sobre o pescoço o distender demasiado. O melhor é estender a ave de costas, sobre uma pequena camada de algodão. Se se quer conservar a ave em pelle, para seguir viagem e sêr montada posteriormente, collocam-se no seu lugar todas as pennas que estiverem arripiadas, juntam-se as patas por meio d'um fio, enrola-se um papel á volta do corpo, para unir as azas ao peito, encolhe-se ou alonga-se o pescoço segundo necessitar e ata-se o bico com um barbante. Deixa-se seccar depois a pelle, que disposta d'este modo, se póde acabar de montar d'ahi a annos.

(Continúa). EDUARDO SEQUEIRA.

L'ENSEIGNEMENT SECONDAIRE DES JEUNES FILLES

Ha cerca de um anno, no dia 1 de julho de 1882, começou-se a publicar em Paris a primeira revista franceza, destinada a advogar a causa do ensino secundario para o sexo fe-

minino, com o titulo que serve de epigraphe a este artigo. O redactor, Mr. Camille Sée, tem tomado parte activa na politica do seu paiz, já como secretario no ministerio do interior e subprefeito de Saint-Denis, já como deputado. O diario das sessões da camara citou frequentes vezes o seu nome nos ultimos tempos, principalmente durante a epoca de 1877-1880, tornando se então mais conhecido pela apresentação de um projecto de lei (que depois recebeu o seu nome) em beneficio da instrucção secundaria da mulher. Em 1880 apresentou o mesmo deputado até um projecto de lei sobre a *capacité civile de la femme.*

Collaboram com Camille Sée na citada revista um gruppo de senadores e membros da Academia franceza, que formam um *comité consultatif*, na redacção. Devemos citar especialmente os seguintes snrs.: Germain Sée, tio de Camille, professor de medicina na Universidade, official da legião de honra e escriptor laureado em assumptos medicos; o celebre historiador Henri Martin, auctor da *Histoire de France;* Carnot, antigo ministro d'instrucção publica e E. Legouvé, homem de letras que se tem occupado especialmente, e com verdadeiro interesse, da educação da mulher, como o provam os seus escriptos: *Histoire morale des femmes* (6.ª edição), e *La femme en France au xix siècle* (1864); seu pae deixou tambem uma obra intitulada: *Le mérite des femmes.* (Paris, 1838).

Estes nomes são já garantia segura dos intuitos da revista, da competencia e seriedade com que são alli tratados os assumptos correlativos. O seu fim é inspirar verdadeiro interesse a todo o paiz n'uma questão de tanta magnitude, converter os adversarios, e de dar o ultimo golpe nos preconceitos, confessados a custo, de tantas pessoas que se dizem illustradas; informar os adeptos á cerca dos progressos que a causa vae fazendo, sem deixar tambem de moderar sabiamente o impulso d'aquelles que são arrastados por um enthusiasmo excessivo (n.º 5 de 1882): *Importance de l'éducation des jeunes filles* por Louis Bauzon.

Em concordancia com este programma achamos no primeiro fasciculo — julho de 1882 — uma rapida revista em que se apreciam os primeiros resultados, alcançados desde a promulgação da lei, e que não corresponderam plenamente á espectativa dos partidarios mais ardentes, porque o terreno estava inculto. Faltava tudo: edificios proprios, pessoal docente habilitado e, alem d'isto, a experiencia que só se adquire com o tempo. O proprio autor do projecto, mesmo, não se deu por satisfeito, completamente, porque as suas propostas soffreram no *Conseil*

supérieur um córte, que modificou as suas intenções, tanto no que dizia respeito á duração dos estudos, como á sua extensão (v n.º 2, 1882). Comtudo, é justo confessar que a França deu um passo notavel no novo caminho, como se pode reconhecer pela leitura de uma minuciosa e lucida memoria de Mr. Gréard, que forma supplemento ao fasciculo de novembro, (analysada no *Litterarisches Centralblatt* de 24 de fevereiro) e na qual o autor historia as tentativas anteriores.

Ha mais ainda. A extraordinaria rapidez com que por toda a parte se levantam os instituitos de instrucção secundaria para o sexo feminino (*collèges et lycées*), cuja descripção e analyse occupa varios artigos da nova revista, prova que tanto o estado como as communas tomam a reforma a serio, e estão resolvidos a executar a lei com toda a promptidão.

A maior difficuldade com que se luctava era a falta de mestras, por isso se fundou o seminario de Sèvres (Directora M.me Jules Favre), cuja organisação está completamente terminada (n.os 1, 2, 3, 7 de 1882 e n.º 2 de 1883). O programma de ensino é analysado detidamente, em toda a sua extensão (n.º 4, 7 de 1882; n.º 1 e 2 de 1883, e continúa); os exames são annunciados e depois dá-se conta, tanto das exigencias feitas aos candidatos, como dos resultados obtidos. Outros artigos tratam do desenvolvimento physico das raparigas (n.os 1, 2, 7); outros passam em revista antigos methodos de educação e ensino, como termo de comparação. São interessantes, a este respeito, os estudos *L'éducation des jeunes filles à Port-Royal; L'éducation de M. de Sévigné*, e sobretudo o artigo *Le meilleur système d'instruction publique* (n.º 3 de 1882); n'este ultimo apresentam-se extractos de uma memoria sobre a educação feminina de M.elle Marie Casimire-Ladreyt, de Boston, premiada no concurso Pereire.

A revista occupa-se tambem com a analyse dos institutos do estrangeiro (*des lycées de jeunes filles en Italie; les instituts féminins en Russie et les dames de classe par C. Hippeau* [1]; *au Japon; le discours d'ouverture de l'année académique à Liège*

---

1 Celestin Hippeau é autor das seguintes obras, que publicou como fructo de uma serie de missões officiaes de que foi encarregado pelo governo francez: *L'instruction publique aux États-Unis* (1869), *en Angleterre* (1872), *en Allemagne* (1873), *en Italie* (1874), *en Norwège, Suède et Danemark* (1876). Sobre a sua actividade como pedagogo e a de sua mulher Eugénie Hippeau-Delacour, veja-se o *Dictionnaire des Contemporains* de Vapereau. Paris, 1880.

etc.) figurando as escolas d'Allemanha, já se vê, em logar proeminente (*Une lettre d'Allemagne* par Paul Dupuy; *L'école Charlotte à Berlin*) e do mesmo modo as revistas especiaes de pedagogia (*Les jeunes filles allemandes et leurs lectures*, traducção de um artigo da *Zeitschrift für weibliche Bildung* de Elberfeld.)

Juntem-se ainda noticias bibliographicas e criticas sobre as revistas nacionaes e estrangeiras de pedagogia, documentos officiaes sobre o ensino, vistas e planos de varias escolas, incluindo até duas chromolithographias, que representam o traje escolar das jovens pensionistas de Montpellier, e far-se-ha uma ideia da variedade dos assumptos que enchem as paginas da revista de Mr. C. Sée.

A publicação é mensal, em fasciculos de 4 folhas em 8.º gr.; o seu preço 1 franco por numero, em França. E' editor Leopold Cerf, Paris, rue de Médicis, livreiro conhecido pela sua *Nouvelle collection illustrée*.

O que ha especialmente a louvar n'esta publicação é o modo imparcial e objectivo como o programma tem sido cumprido. Nos artigos de caracter menos especial ha ainda uma qualidade particular, que interessa a massa, a linguagem franca, o tom sincero e convicto, que vem do fundo da alma e que fixa a attenção de um leitor mesmo leigo na materia. Por todos estes motivos nos apressamos a recommendal-a cordialmente a todos os amigos da instrucção em geral, e em especial a todos aquelles que se empenham pelos progressos da educação do sexo feminino.

Berlin, março de 1883.

BERTHA VON DER LAGE.

A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA [1]

I

AZULEJOS HISPANO-PORTUGUEZES

E' um capitulo quasi em branco este de que vamos tratar. O conde de Raczynski deu em 1846 uma pequena noticia de Rivara e uma memoria do visconde de Juromenha. Rivara

---

[1] A pedido de varios socios, e de accordo com a redacção, publicamos novamente estes artigos, que já sahiram no *Commercio do Porto* de

viu muito á pressa o que havia em Evora, e viu mal, portanto, como provaremos. Evora é precisamente uma das cidades de Portugal mais ricas em azulejos de varias epochas e estylos. Um artigo recente do snr. Gabriel Pereira, [1] de Evora, offerece muito mais do que Rivara e prova novamente a necessidade de estudos locaes, a urgencia que ha em organisar commissões provinciaes para a investigação minuciosa, *in loco*. Nós mesmo, percorrendo o Alemtejo e o Algarve, conseguimos fazer uma serie de descobertas de azulejos *datados* que escaparam ao exame de pessoas das localidades, aliás curiosas, e não indifferentes a estas antiguidades.

Ora o azulejo *datado* é precisamente uma preciosidade, mórmente quando os assumptos que elle representa se relacionam com a vida nacional, com os factos da historia, com as tradições e lendas religiosas, com os usos e costumes do nosso povo, porque ha de tudo. Geralmente suppõe-se que o azulejo serviu apenas para illustrar a historia sagrada, a paixão de Christo, a vida da Virgem, o martyrologio dos santos. O valor da obra seria, n'estes casos, secundario, porque não é dificil provar que esses assumptos representam muitas vezes cópias mais ou menos disfarçadas de gravuras allemãs e flamengas do seculo XVI a XVIII. Basta citar os livros de devoção editados sob a influencia dos jesuitas nas officinas de Antuerpia (Plantiniana) e Augsburgo, que déram largo contingente para os azulejos peninsulares da epocha citada [2]. As scenas da vida pro-

---

novembro e dezembro de 1882. Alem do material comparativo das notas, que é todo inedito, ha ainda bastantes modificações e aditamentos no texto, que justificam a reimpressão. O assumpto é alem d'isso novo, entre nós, e exigiria talvez ainda mais amplo commentario do que aquelle que offerecemos em as notas, as quaes indicam o caminho a quem desejar fazer estudos mais completos.

[1] Vid. o jornal de Evora *O Manoelinho* de 12 de julho de 1881.

[2] Vejam-se as seguintes obras muito caracteristicas e profusamente illustradas.

Regia via crucis auctore D. Benedicto Haesteno. Antverpiae ex officina Plantiniana Balth. Moreti 1735. 8.º peq. com 37 grav. em cobre. Ha uma trad. hespanhola d'esta obra: *Camino real de la Cruz*, que tem varias edições; vimos a 3.ª Madrid, por Blas Roman. Anno de 1785. 16.º em 2 vol., com gravuras imitadas.

Antoni Sucquet e Societate Jesu. *Via Vitae æternae* Iconibus illustrata per Boëtium a Bolswert. Autverpiae 1620. Vimos a 7.ª edição Ibid. 1730. 8.º com 32 gravuras em cobre.

Vita, doctrina, passio Domini nostri Jesu Christi symbolicis figuris expressae... per P. Coelestinum Leuthner. Augustae Vindelicorum, 1733

fana, as grandes caçadas, as touradas, as merendas ao ar livre, os encontros galantes, as batalhas de terra e mar, a vida dos officios, tudo forneceu elementos ao artista peninsular.

O visconde de Juromenha, deu, com o escrupulo e a intelligencia que o distingue, noticias muito interessantes a Raczynski, sobre as quaes o snr. Adolphe de Ceuleneer construiu recentemente uma memoria mais extensa, em que trata dos azulejos peninsulares. O author belga soccorreu-se tambem aos trabalhos hespanhoes dos snrs. José Maria Asencio e Riaño, não esquecendo tambem a memoria especial do barão de Davillier sobre as faienças hispano-arabigas de reflexos metallicos [1].

Investigações proprias, dados novos, são muito raros no opusculo do nosso erudito amigo; é esta a verdade. A unica data positiva, que cita, relativa a Portugal, refere-se ás grandes composições de Antonio de Oliveira, na igreja dos Loyos, em Evora (1711), data já conhecida de Raczynski [2]. E, não obstante,

---

8.º peq. com 100 grav. em cobre, e 300 composições symbolicas, grav. por Klauber. Podiamos citar mais obras; estas edições que indicamos pertencem á nossa bibliotheca.

[1] Visconde de Juromenha. *Azulejos;* em Raczynski *Les arts en Portugal* pag. 429-433; e uma nota de Rivara pag. 434.

A. de Ceuleneer. *Le Portugal.* Notes d'art et d'archéologie: *Congrès d'archéologie préhistorique de Lisbonne—Azulejos—Grand Vasco.* Anvers, 1882. 8.º O capitulo *azulejos* abrange as pag. 40-60, sendo tres pag. sobre Portugal.

José Maria Asencio. *Azulejos de Triana* na revista *La Academia*-Madrid, 1877, vol. II. Fez-se uma tiragem á parte d'este estudo, em poucos exemplares (13 pag.)

J. F. Riaño. *The industrial arts in Spain.* London, 1879 edit. pelo Museu de South Kensington. *Pottery and porcelain* pag. 143-227.

Do mesmo. *Sobre la manera de fabricar la antigua loza dorada de Manises.* Madrid, 1878; na collecção de Documentos historicos publicados na *Revista de archivos, bibliotecas y museos.*

Barão Ch. Davillier. *Histoire des faiences hispano-moresques à reflets métalliques.* Paris, 1861. 8.º

Poderiamos accrescentar á lista do snr. A. de Ceuleneer ainda:

Barão Ch. Davillier. *Les arts décoratifs en Espagne au moyen âge et à la renaissance.* Paris, 1879. pag. 79 e seg. E sobretudo:

M. Borrell. *Tratado teórico y práctico de dibujo con aplicacion a las artes y a la industria.* Madrid, 1866-1875. Tres vol. em fol.; e continúa. Obra indispensavel para o estudo da arte peninsular.

[2] Esta mesma data está errada, por um lapso singular. E' 1711 e não 1746, como o diz o snr. Ceuleneer, copiando Raczynski (*Diction.* pag. 212) que se exprime confusamente em outra passagem (*Les arts* pag. 434). Da mesma fonte copiou o snr. Ceuleneer outro erro, dizendo que a assignatura de Antonio de Oliveira está no collegio dos Jesuitas, quando ella existe na egreja do convento dos Loyos, da congregação de S. João Evangelista. No

uma lista que apresentaremos, indica quinze, desde 1584 até 1748, pertencentes a monumentos da Extremadura, Alemtejo e Algarve [1]. Não havendo dados positivos, não admira que as conclusões a que chega o snr. A. de Ceuleneer sobre os azulejos portuguezes do seculo XVII, por exemplo, sejam duvidosas, e que os trabalhos do seculo immediato não lhe mereçam attenção. Sobre os hespanhoes haveria ainda a consultar os trabalhos de Borrell, que esqueceu, citando as pobrissimas indicações de Jacquemart, que calcou as suas noticias simplesmente sobre Davillier. Damos estas rapidas informações ao leitor como simples iniciação no assumpto e fio conductor nas fontes de estudo, lembrando sempre com sincero reconhecimento, que uma vulgarisação do assumpto, como a emprehendeu o snr. A. de Ceuleneer n'uma lingua universal, é um serviço que devemos todos agradecer. De resto (e n'isto fazemos ainda justiça), o autor belga poderá perguntar o que escrevemos nós, desde a publicação da memoria do snr. visconde de Juromenha. Nada, alem do artigo do snr. Gabriel Pereira, é a resposta.

Na exposição de arte ornamental de Lisboa, aonde se poderia e deveria ter reunido abundante material para o estudo dos azulejos peninsulares, estavam apenas onze quadros, pequenos, e só em parte peninsulares. Existiam então em Lisboa não só os noventa e dous quadros grandes com perto de 2000 azulejos antigos do snr. J. M. Nepomuceno, que deslumbram na nossa exposição, mas tambem os dez quadros do muzeu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes; comtudo nem uns nem outros foram expostos. Um critico estrangeiro, commissario do governo francez junto da exposição, perguntava, e com razão, como é que estavamos reduzidos a similhante pobreza? [2].

Sendo o azulejo, por sua natureza, um elemento essencialmente decorativo da habitação humana, desde os palacios de Ninive e Babylonia até á casa de campo de nossos avós, diremos mesmo até á casa de nossos dias, como é que foi quasi

---

Collegio dos Jesuitas está a data 1631, na capella mór; as datas 1746 e 1747 de Raczynski não estão em parte alguma, nem nos Loyos, nem no Collegio de Jesus.

[1] Já foi publicada n'esta revista vol. III pag. 74. *Ceramica portugueza*. Documento XIII. *Azulejos nacionaes datados*. A lista será continuada.

[2] Ch. Yriarte. *L'exposition rétrospective de Lisbonne*, em tres logares. No jornal *Le Temps* de 12 de abril de 1882; na *Revue des deux mondes* de junho de 1882 e na *Gazette des Beaux-Arts* de maio a julho de 1882.

esquecido n'uma exposição peninsular, com caracter eminentemente decorativo ou ornamental? E' por isso mesmo, por causa d'este lapso singular que a Sociedade de Instrucção folga em poder apresentar pela primeira vez em publico a collecção do snr. J. M. Nepomuceno. Tendo nós visto o que a Hespanha possue n'este genero em Madrid e nos seus muzeus provinciaes, e o peculio dos muzeus de South-Kensington, Louvre, Cluny, etc., ousamos affirmar, sem receio de prova contraria, que a collecção nacional do snr. Nepomuceno é unica na peninsula e na Europa pela variedade, pela ligação ininterrupta das series historicas, e pelo bellissimo estado de conservação. O especialista poderá notar talvez o desequilibrio em que estão as epochas representadas: extrema abundancia de typos do seculo XV e XVI, muito menor numero do seculo XVII, e menor ainda do seculo seguinte.

Lembraremos, comtudo, que os azulejos das epochas anteriores a 1600 são precisamente os mais raros, os mais perfeitos sob o ponto de vista da factura e do effeito esthetico, da applicação decorativa, porque o azulejo representa, segundo o eminente escriptor Semper, [1] padrões de uma antiga industria textil, extincta, e em toda a antiguidade foi applicado sempre como um tapete, destinado a cobrir materiaes de inferior qualidade (tijolo), em regiões onde faltava o marmore e outras pedras de menor valor.

No fim do seculo XVII e principios do seculo XVIII o azulejo perde o caracter decorativo; affasta-se do seu destino natural; em lugar de *tapete* temos quadros pretenciosos, de grandes dimensões, e nem por isso augmentam os recursos artisticos. O desenho peiora; a invenção é fraca; as scenas repetem-se; os typos, a physionomia humana perde o caracter individual, immobilisa-se, torna-se stereotypica. Em lugar da esplendida polychromia do seculo XV e XVI temos a monochromia; em lugar da variedade de côres, a monotonia do eterno azul, de um azul opaco, sem transparencia e sem graduação, a maior parte das vezes; em lugar da pressão em relêvo e dos bellos reflexos metallicos que se formam dentro das cavidades das laçarias alicatadas, temos as superficies lisas, onde a luz se quebra,

---

[1] *Der Stil in den technischen und tektonischen Künsten*. München, 1863, vol. II, *Keramik* pag. 1-187. § 97. § 107. *Die dekorative Ausstattung*. No vol. I o capitulo *Das Prinzip der Bekleidung in der Baukunst*, subordinado á *Textile Kunst* pag. 217 e seg.

igualmente, sem effeitos iriados. Só nos ultimos annos do seculo XVIII é que a fabrica do Rato (quadros n.os 89 a 92) volta á polychromia, no azulejo, mas os seus azulejos de figura são raros, mais raros do que as suas louças [1].

Desde já lembramos ao leitor que deve, na collecção do snr. Nepomuceno, abstrahir dos quadros n.º 59 a 61, azulejos de figura, em azul vivo, que são composições sacras de fabrico hollandez, importado no meado do seculo XVII; formam com a sua côr intensa, o seu fundo branco, de brilhante esmalte, o seu desenho largo e seguro, um contraste com os visinhos portuguezes. Note-se ainda a tenuidade da chapa; são azulejos mui delgados, mas resistentes. A scena da fugida para o Egypto poderia ser pintada por um discipulo de Rubens; é um episodio de familia, puramente flamengo. O S. Jeronymo, extrahindo o espinho da pata do leão, nada tem do ascetismo da imaginação peninsular, como tambem nada tem de portuguez ou de hespanhol o quadrinho n.º 59 de quatro azulejos, com episodios rusticos á feição dos pequenos mestres flamengos; as qualidades technicas e artisticas são identicas ás dos quadros mencionados: uma grande facilidade, um technicismo superior, emfim: aquelle ar de ampla liberdade com que se deleita a vista e o coração. Vieram do paiz que creou os *Geusen*, aquelles heroicos «pobretões», que quebraram os ferros hespanhoes em mil pedaços, e que ainda hoje podem zombar dos descendentes de Luiz XIV que affrontou os seus artistas com o titulo de *fagots*. E' preciso ir a Lisboa vêr as grandes composições em azulejo, de procedencia hollandeza, existentes na Madre de Deus e copiadas talvez sobre cartões de Rubens, para se avaliar bem a relação do nosso azulejo grande com o typo grande estrangeiro. Pou-

---

1 No claustro do convento de S. Francisco de Estremoz (hoje quartel militar) encontrámos azulejos bellissimos, que nos parecem ser do Rato, revestindo os quatro lados em alizar, e a escadaria que conduz ao andar superior. Representam arabescos graciosissimos, formados de grinaldas de flores e plumas (côres: azul, amarello, branco, violeta e verde) e medalhões com figuras, tudo no estylo Luiz XV. Estão perfeitamente conservados, e podem considerar-se de primeira ordem. No interior da egreja de Santo Amaro ha uns azulejos exactamente do mesmo estylo, e que não duvidamos classificar como sendo do Rato. Os dois medalhões (entre grinaldas de flores) representam milagres do Santo; á direita um grupo de homens e mulheres com muletas, subindo a escada da ermida de Santo Amaro, phantasiada. O atrio semi-circular d'esta egreja de Santo Amaro está revestido de notaveis azulejos em estylo da Renascença (*rotulos e pendurados*) do fim do sec. XVI a principios do seculo XVII. V. o que dissemos atraz pag. 76 nota 2.

cas são as composições que reunem como as de Antonio de Oliveira, em Evora, qualidades superiores de fabrico e de fatura artistica, de grande estylo historico.

O snr. Nepomuceno poderia ter duplicado a collecção que enviou, tal é a abundancia de elementos de que dispõe. A sua casa em Santo Antonio da Convalescença é um muzeu de extraordinario valor; salas grandes, quartos espaçosos, gabinetes; o pateo, as paredes e os alegretes extensos do jardim e quinta, tudo está revestido de azulejos, especialmente de typos do seculo passado, dos que menos abundam na exposição. A frontaria da espaçosa casa (quasi um palacio) está vestida de alto a baixo de azulejos dos tres ultimos seculos, que a cobrem como se fosse um esplendido tapete. A extensa parede do lado direito apresenta principalmente os typos lisos, mas polychromicos do seculo passado; a parede opposta, lado da quinta, ainda não tem revestimento, mas não tardará a cobrir-se. Tudo isso é portuguez de mão de obra, e portuguez de lei pela intenção, pelo elevado interesse do proprietario por tudo o que pertence á arte nacional.

Architecto do governo, distincto, e portanto, muito occupado em cargos publicos, chefe de numerosa familia, dedicado aos seus e aos amigos, o snr. Nepomuceno soube ser fiel a uma idea durante trinta annos, porque trinta annos se gastaram em ajuntar aquillo que nós vêmos commodamente em poucas horas, não pensando, nem sonhando os cuidados, as vigilias, os sacrificios de toda a ordem com que se paga n'este paiz a audacia de ter uma ideia generosa. Na mesma casa hospitaleira, que se tornou o asylo da antiga olaria portugueza, ha uma primorosa collecção de livros portuguezes rarissimos, de manuscriptos preciosos, de bellos quadros antigos e de singulares gravuras portuguezas. Cada reliquia tem alli a sua historia, o seu registro de vida; cada cousa é uma lembrança ou uma pia memoria, guardada por um coração portuguez.

Possam estas linhas, rapidamente lançadas no papel, dizer ao generoso e erudito colleccionador o quanto a Sociedade de Instrucção agradece do fundo do coração a annuencia ao seu pedido, e quanto o publico do Porto estima os poucos portuguezes, que nos dias em que vivemos, pensam que nem tudo se deve pesar a ouro, que nem tudo se deve vender ao estrangeiro.

A collecção do snr. Nepomuceno não está isolada; acompananham-n'a uns preciosos quadros pertencentes ao Muzeu do Carmo (Real Associação dos Architectos e Archeologos Por-

tuguezes), que abrangem os seculos XIV a XVII; e ha ainda tres series de fac-similes de exemplares das igrejas de Coimbra, dispostos em tres quadros grandes. O processo de reproducção, escolhido pelo snr. Antonio Augusto Gonçalves, foi a aguarella, e deve-se confessar que o resultado é brilhante; já mais de uma pessoa se illudiu com aquelles quadros, suppondo-os compostos de verdadeiros azulejos. O brilho dos esmaltes, a transparencia da côr, a intensidade d'ella, os reflexos da luz, em summa: a caracterisação do effeito decorativo, nada falta n'esta obra que a Sociedade, conhecedora do talento do snr. Gonçalves, lhe encommendou. Com mais tempo e mais pinceis de igual força a Sociedade teria apresentado um enorme album de padrões, porque tudo está inédito, tudo está por collecionar.

Ainda assim, a direcção continuará occupando o lapis do snr. Gonçalves na colleccionação dos padrões de azulejos dos nossos templos.

As aguarellas téem uma ligeira coberta de verniz, circumstancia que tem feito suppor a muitos visitantes que ha alli pintura a oleo.

Em duas grandes *vitrines* que ladeiam a fonte da nave central e estabelecem a ligação com as grandes linhas do vasilhame que enchem a mesma nave, estão ainda numerosos azulejos soltos de varios expositores: snrs. A. Luso, Sequeira, M. de Azuaga, novamente o Museu do Carmo, e alguns poucos do signatario d'estas linhas. O que ha a concluir de todas estas riquezas? E' tudo nacional?

E' tudo igualmente bom como fabrico (materia prima) e como modêlo de estylo? Ha ahi ordem, ha ahi possibilidade de uma classificação racional, de estylos e de datas? Vamos-vêr.

Segundo os melhores autores o azulejo é velho na peninsula; o quadro foi composto primeiro de fragmentos de vidro, introduzidos na parede, que compunham o desenho, isto é, segundo o processo do mosaico; depois vieram os fragmentos de barro, e por ultimo a chapa inteira, de desenho imprensado, imitando o mosaico. Foram estes os tres processos de execução, com a materia prima; adiante veremos o processo da ornamentação. As datas correspondentes a esses tres processos não podem fixar-se senão aproximadamente: seculo X a XI; seculo XII; do meiado do seculo XIII em diante só apparecem imitações de mosaico. Os specimens do primeiro e segundo processo são muito raros: vimol-os em Cordova, na grande mesquita e alguns poucos de mosaico de barro nos jardins do

Alcazar Viejo, muito maltractados; e temos noticia de outros do mesmo genero no museu de Tarragona. Na exposição não ha senão specimens do terceiro grupo, imitações do mosaico em laçarias alicatadas.

Vejam-se os n.os 1-4 do snr. Nepomuceno e fragmentos dos quadros n.os 5 e 6; Muzeu do Carmo, n.os 1-3; snr. A. Luso e quadro n.º 1 do snr. Gonçalves. Os specimens do primeiro expositor appareceram ligados a edificios de data ainda anterior, isto é, n.º 1 nas ruinas da parochia de S. Bartholomeu, cuja fundação data de 1168; o quadro immediato é da mesma igreja; o terceiro é da parochia de Santa Marinha (1222), e o quarto da parochia de S. Lourenço e particularmente da capella da Santa Victoria (1271), tudo em Lisboa. Os dous numeros seguintes (5 e 6) representam duas miscellaneas de padrões de 1300 a 1600. Não obstante estas datas, somos de parecer que na exposição não ha azulejos anteriores a 1300, o que não deve admirar, porque os edificios arabes da peninsula revestidos de verdadeiros azulejos não são muito mais antigos.

A Alhambra de Granada foi principiada em 1258; o Alcazar de Sevilha foi restaurado completamente por D. Pedro, o Cruel, de 1353-1364, e o palacio intitulado «Casa de Pilatos», da mesma cidade, é obra do principio do seculo XVI, do devoto D. Fradique de Rivera, primeiro marquez de Tarifa, o qual, voltando de uma peregrinação á Terra Santa, quiz ter em Sevilha uma imitação fiel da casa de Pilatos em Jerusalem. Este palacio é célebre pelos seus esplendidos azulejos, que não valem menos do que os outros, mais antigos, de Sevilha e Granada; o leitor póde admiral-os n'uma serie de magnificas photographias da casa Laurent, de Madrid, que estão collocadas precisamente debaixo dos quadros do snr. Nepomuceno, que representam o mesmo estylo, diremos até os mesmos padrões, como o leitor poderá reconhecer confrontando os exemplares.

Ha alli ainda photographias de outros monumentos arabes, que dão uma ideia do effeito total que produz a ornamentação arabe no estuque, vasado em estalactite; na madeira embrexada; no azulejo de laçarias, sahindo de todas estas combinações um effeito decorativo indescriptivel, uma obra de fadas que só o artista oriental podia inventar. O segredo d'este effeito está no *arabesco*, como vulgarmente se diz, posto que este termo se applique tambem á arte da Renascença. O arabesco é o resultado da combinação de poucas figuras geometricas; toda a infinita variedade se reduz pela analyse a um mui pequeno alphabeto. Authores notaveis hespanhoes, o snr. Bor-

rell principalmente, analysou no seu magnifico tractado de desenho, a theoria da ornamentação arabe com a maior clareza, o que não admira, porque Diogo Lopes de Arenas, já a havia exposto em 1633 n'uma obra mui notavel [1]. Os artistas e artifices hespanhos tiveram sobre os nossos, em todos os tempos, a vantagem incalculavel de possuirem excellentes tratados theoricos, uma tradição nacional no ensino, uma ligação nunca completamente interrompida. Em historia da arte, isto é, na disciplina que resume syntheticamente os resultados d'esse ensino e os coordena, tiveram desde antiga data tambem uma serie de escriptores, cuja erudição e cujo criterio merece igual elogio. Bastará citar os trabalhos de primeira ordem de Palomino, Capmanny, Cean-Bermudez, Ponz, etc. [2], no seculo passado, com os quaes se tem enfeitado simplesmente os modernos authores estrangeiros que se occuparam da arte hespanhola, salvo rarissimas excepções.

Dizemos isto, desde já, para que o leitor não supponha que nós vamos resolver todas as duvidas historicas que a exposição lhe suggeriu na parte respectiva. A base de qualquer estudo historico é a exploração dos archivos; e este trabalho estava feito em Hespanha em fins do seculo passado no assumpto de que tractamos. Entre nós só o snr. visconde de Juromenha se dedicou a esse trabalho, de que se aproveitou o conde de Raczynski; póde dizer-se que elle coordenou apenas os materiaes do snr. visconde. Depois tudo se callou; e nem por isso

---

[1] *Breve compendio de la Carpinteria de lo blanco y tratado de alarifes.* Sevilla por Luiz Estupiñan, 1633, 4.º Reproduzido na *Biblioteca de El Arte en España* vol. IV, com o mesmo titulo. Madrid, 1867 4.º e accrescentado com o *Suplemento ó adiciones* ao mesmo compendio por Santiago Rodrigues de Villafañe, impresso em Sevilha em 1727.

[2] Recordaremos apenas de Palomino o *Museo pictorico.* Madrid, 1715-1724. Dous volumes in fol. com copiosissimas e boas noticias. Capnanny *Memorias historicas* sobre a marinha, o commercio e artes de Barcelona (Madrid, 1779-92 em 4 vol.), importantissimas para toda a Hespanha. E. Larruga *Memorias politicas y economicas sobre los frutos, fabricas y minas de España.* Madrid, 1789. Até á morte do autor (1804) tinham sahido 48 volumes! Cean-Bermudez, o Vasari hespanhol: *Diccionario historico* dos artistas hespanhoes. Madrid, 1800, 6 vol. Do mesmo. *Noticia de los arquitectos* de Madrid, 1829 em 4 vol. Ponz, *Viage de España.* Madrid, 1786-94 em 18 vol. Por ultimo citaremos a obra capital do Padre Henrique Flores *La España sagrada*, começada em 1747 e continuada até 1832 em 45 vol. 4.º; e o trabalho similhante, mas de menor valia, de Jaime Villanueva. *Viage literario a las iglesias de España.* Madrid, 1803-1852 em 22 vol. Que temos nós que se possa comparar com este grupo para o estudo da historia, da arte e da industria nacional?

se deixa de exigir do estudioso que elle seja historiador, critico, paleographo, etc., cousa que ninguem se lembraria de pedir em outro paiz [1].

Emquanto não fôr feita uma reforma radical na Torre do Tombo; emquanto não houver, como em Hespanha, um corpo de archivistas e paleographos, bem organisado e rasoavelmente pago, nem os estudos de arte, nem qualquer outro ramo de estudos historicos poderá desenvolver-se plenamente, entre nós.

Não obstante, aqui mesmo provaremos que sempre é possivel, com algum trabalho, preencher algumas lacunas na descurada historia da ceramica portugueza. Já vimos o que nos dizem as datas dos quadros da exposição, mas além das que citámos, ainda ha outras. Temos como certas as que se referem ao seculo XV (quadros n.os 8-18); a laçaria alicatada, a combinação geometrica já não predomina exclusivamente, como no seculo antecedente; o ornato vegetal vai-se introduzindo pouco a pouco, até prevalecer, até ficar só em campo. Do principio do seculo XVI em diante, até fim (n.os 19 a 43 e 51 a 54) opera-se a transformação citada, completamente, e ainda se dá outro phenomeno: o relêvo do azulejo vai desapparecendo, ficando as superficies lisas; o schema das cores conserva-se o mesmo, desde o seculo XIV até meado do seculo XVI; são cinco côres typicas: verde, castanho claro, turqueza, côr de vinho e fundos brancos, frequentes vezes com reflexos metalicos de grande vigor. Depois, as côres vão diminuindo para o fim do seculo XVI: quatro, tres, duas, até ao azul unico, na segunda metade do seculo XVII. Não se repare em alguns quadros de uma só côr verde, mais antigos; são excepções raras [2]. Ha alli um magnifico

---

[1] E' justo mencionar aqui o nome do Bispo Conde Fr. Francisco de S. Luiz, depois Cardeal Saraiva e Patriarcha, que explorou muitos documentos da Torre do Tombo (Vide *Obras completas* Lisboa, 1872-1880, 9 vol.) para a historia da arte. Outros elementos estão muito dispersos nas obras de J. Pedro Ribeiro, Antonio Ribeiro dos Santos, Visconde de Santarem etc.

[2] Ha-os tambem de côr azul escuro, lisos (Nepom. n.º 58 e Doc. VIII); o azul escuro *lavrado*, com padrão, não o temos encontrado. O verde liso, só, não figurava na exposição, mas estava lá o lavrado (Nepom n.º 7) e o bellissimo especimen de Thomar, de grande formato (Museu do Carmo n.º 54). O azul claro (turqueza) com branco, *em faixa*, esteve representado em peças soltas (Doc. VIII), e a faixa verde e branca em o n.º 26 (Nepom); o escaque verde e branco em os n.os 8, 26 e 36 da collecção Nepom; o escaque azul e branco faltava.

especimen do seculo XV, padrão geometrico com esmalte verde apagado, das capellas da cêrca do extincto convento de Santa Cruz de Coimbra (n.º 7); vimos outros com lavores do estylo do Renascimento em Evora, e tambem de uma só côr verde [1].

O quadro composto de romboides verdes e brancos (n.º 8) é dos paços de S. Christovão (1457), e antigo producto das Caldas da Rainha. E' fabrico da mesma localidade o azulejo do quadro n.º 26, que pertenceu ao convento da Madre de Deus: superficie lisa, enxaquetada de verde e branco em banda e contrabanda (1510).

Temos, emfim o n.º 24, que é muito curioso, porque é azulejo de *pavimento*, do presbyterio do mesmo convento, e da mesma epoca; é uma superficie lisa enxaquetada em palla e faixa a quatro côres. São raros os azulejos de pavimento [2]; quasi sempre veem-se em alizares, que revestem as paredes até á altura de um a dous metros; chamavam a isto *precintar de azulejo:* pôr cinta. No palacio real de Cintra ha azulejos de pavimento na celebre sala de triste memoria, em que esteve encarcerado D. Affonso VI; e já que estamos fallando de Cintra lembraremos que o palacio é um verdadeiro muzeu de azulejos de alto relevo, dos mais raros e mais antigos que possuimos; a este respeito rivalisa com a Sé velha de Coimbra.

Do que fica exposto terá o leitor apurado facilmente o seguinte: Sob o ponto de vista do *fabrico* ha tres processos: pseudo-azulejo em duas variedades: mosaico de vidro e mosaico de barro; azulejo imitando mosaico, de chapa inteira.

Sob o ponto de vista da *ornamentação:* laçaria geometrica, que pode ser formada de linhas rectas (mais archaico) ou curvas até fins do seculo XV; intervenção do elemento vegetal no

---

[1] Foi isto no outomno de 1882, entre o entulho de umas obras que se andavam a fazer na torre da cathedral. O corucheu do lado esquerdo estava revestido de velhos azulejos, que foram arrancados, em grande parte. Achámos depois o mesmo padrão, mas polychromico, na Sé velha de Coimbra. Representa uma albarrada com flores.

[2] No refeitorio do collegio particular, estabelecido hoje no antigo convento dos Loyos de Evora, encontrámos no pavimento um mosaico (figura estrellada), composto de tijolos amarellos e vermelhos, de bellissimo effeito. A figura é muito semelhante á que se encontra a pag. 129 da obra de Gerspach. *La mosaique.* 1.º padrão á esquerda. Comquanto não seja *azulejo*, citamos aqui este mosaico de tijolo bichromico, como um especimen *unico*, que conhecemos, applicado ao pavimento. O tijolo teve outr'ora em bastantes cidades do Alemtejo e Algarve (Evora, Beja, Estremoz, Villa Viçosa, Tavira, Loulé), uma applicação muito artistica, como elemento decorativo da architectura externa.

principio do seculo XVI, pela influencia da Renascença e expulsão gradual da combinação geometrica até fins do mesmo seculo. *Colorido:* as cinco côres typicas, diminuindo o numero, da segunda metade do seculo XVI em diante (cerca de 1580) até ficar reduzido a uma côr unica, o azul, no fim do seculo XVII. O esmalte é sempre composto sobre base de estanho; d'ahi o brilho e a transparencia das côres. O estylo n'esta epocha é, naturalmente, o estylo geral da arte contemporanea: *baroque*, caprichoso, exagerado, com pretensões a novidades grotescas; vêmos surgir então as molduras, os escudetes, os rotulos extravagantes, enfeitados de pesadas grinaldas de flôres e fructos; as enormes cornucopias, os genios e os anjos papudos, estendendo-se perguiçosamente por cima das cornijas; tudo tem um ar de cansaço, um aspecto pesado, trivial. Ha excepções e apontal-as-hemos no paiz [1]. Os quadros da exposição com figura humana não são muitos, nem distinctos. Citaremos como typos os

[1] Apontaremos p. ex. Em *Estremoz*, os bellos azulejos do convento dos Congregados fundado em 1698, (hoje camara municipal) com scenas da vida de S. Felipe Nery; em *Setubal* na egreja de São Julião, a historia do Santo, do menino Celso e da sua mãe, azulejos muito notaveis, de intensa côr azul, com inscripções portuguezas; o desenho dos quadros faz lembrar as estampas de Wierx; tendo sido a egreja arruinada pelo terramoto de 1755, não podem os azulejos ser anteriores a esta data. *Setubal*, na egreja de Santa Maria da Graça, quatorze paineis com scenas da vida da Virgem, em azul, com moldura polychromica (2.ª metade do sec. XVIII). No convento dos freires de *Palmella* formosos azulejos de tapete, da primeira metade do sec. XVII. Em *Thomar*, no convento de Christo (corredores internos) composições notaveis em tinta violeta (manganez), côr rara, entre nós, talvez fabrico hollandez; outro especimen raro em violeta, no convento de Santa Cruz de *Coimbra* (claustro da Manga). Em *Guimarães*, no convento de S. Francisco, quadros da vida d'este santo e de Santo Antonio, muito curiosos e de bom lavor, sec. XVIII. Em *Barcellos*, no convento das freiras de S. Bento, grandes composições de muito merecimento sobre a historia da ordem; mesma epoca. *Braga* na capella de S. Giraldo, cinco quadros da vida do Santo, trabalhos muito distinctos, que se assemelham no estylo ás grandes composições da egreja dos Loyos de Evora (1.ª metade do sec. XVIII). Na mesma Sé de Braga, os azulejos da capella de S. Pedro de Rates, assignados por Antonio de Oliveira Bernardes, da familia dos Oliveiras de Evora (v. adiante Documento XIII, continuação). *Braga*, no convento de Nossa Senhora da Piedade, varios assumptos sagrados, em paisagens muito notaveis (mesma epoca). *Faro*, na egreja de S. Pedro, no interior, do lado direito: grande composição architectonica com scenas do Juizo final. *Faro*, na cathedral, capella de São Francisco de Paula, com scenas correspondentes. *Silves*, na Sé, quadros da vida de Moysés; *Loulé*, na matriz, scenas da vida de Nossa Senhora, etc. Isto só com relação aos azulejos mais notaveis, não datados, porque já fallamos dos azulejos com data (v. retro pag. 74-83).

n.os 87 e 88 (1750-1760). Muito melhores, mas convencionaes na expressão são os quadros n.os 80 e 81 com a Circumcisão do Menino e a Natividade da Virgem. As figuras da *Fé, Esperança* e *Caridade* (n.os 84 a 86) não inspiram nem fé, nem esperança, nem caridade a ninguem. Tambem não se póde dizer que os quadros das batalhas de Alexandre (n.os 62 a 71) sejam uma traducção apropriada da relação de Plutarcho; aquelles gregos e aquelles persas são em caracter, em expressão, nos trages, no armamento, etc., uma verdadeira mascarada (1650). Ha alli, (lado direito, á entrada) azulejos em padrões de tapete polychromico, da mesma epocha, que provam claramente que os artistas estavam n'esse genero tradicional muito mais á vontade.

Finalmente, chamaremos a attenção do leitor para os quadros n.os 89 a 92, que terminam a serie. São da antiga fabrica do Rato e representam *cartouches* de estylo rococo e ornatos graciosos: aves brincando no meio de grinaldas de flôres, e golphinhos nadando por entre plantas e arabescos. Estes azulejos do Rato são raros, como dissemos. A pintura é polychromica, nas côres tradicionaes, bem seguras e de bello esmalte; o desenho firme e facil, a um tempo; em summa, o effeito decorativo completamente satisfactorio. Fechamos esta rapido exame que daria um volume, sendo minucioso, lembrando uns quadros, cuja falta o leitor terá talvez notado. São os n.os 44 a 49, que procedem de fabricas de Talavera (Hespanha), segundo a tradição, e pertenceram ás casas dos Albuquerques, em Azeitão. O estylo é da Renascença, mais flamenga do que italiana: creanças brincando, caçando e tomando banho; outros quadros são puramente de *groteschi*, motivos de ornamentação vegetal, com animaes de per meio. E' ainda hespanhol o quadro n.º 77, que tem a assignatura do artista, *Gabriel del Barco, f. 1697;* representa uma dama da epocha com uma rêde cheia de — corações. E' escusado dizer o que significa.

Esteve este azulejo em Lisboa, na casa dos condes da Ponte, ao Calvario, em um palacio celebre, onde se caçaram e se perderam, com effeito, muitos corações.

II

LOUÇA ANTIGA PORTUGUEZA

A fabrica do Rato, fabricas de Estremoz; fabricas de Vianna do Castello e de Barcellos; fabricas do Porto e Lisboa.

Até ha pouco tempo apenas se fallava da fabrica de faiença do Rato, em Lisboa, como a unica digna de menção no seculo

passado. A presente exposição veio revelar a existencia de varias fabricas concurrentes, cujos productos entram agora em campo. A região septentrional do paiz, principalmente, apresenta uma serie de exemplares dignos da maior attenção, com marcas novas, e é natural que agora appareçam mais especimens da mesma procedencia, de que não se fez caso até hoje. Queira cada um procurar bem em casa, entre a louça velha que deitou a um canto, mais ou menos damnificada, e não ter receio de se envergonhar com ella; para o estudioso, para o historiador, um simples fragmento com uma marca, com um signal qualquer, é muitas vezes o fio conductor n'um escuro labyrintho, e a historia da nossa ceramica não tem muita luz, como é notorio. Ninguem sabe, por exemplo, até hoje, o que é feito da louça portugueza, do vasilhame do seculo XV e XVI. Só do seculo seguinte é que temos alguns exemplares, que pertencem ao reinado de D. Pedro II.

Os dous boiões de botica do snr. G. Tait (n.os 140 e 141) são do reinado anterior de D. João IV, e trazem ambos uma preciosa data: 1641 por debaixo das armas reaes portuguezas; mas peças d'esta ordem são rarissimas. [1] E' a data mais anitga que até hoje se tem descoberto em peça de vasilhame portugueza.

Estão perfeitamente conservados; a sua pintura é um lavor de arabescos de estylo baroque, em tinta azul clara, sobre um esmalte branco de bôa qualidade [2].

(*Continúa.*) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

[1] A Sociedade de instrucção possue hoje um outro exemplar (3.º) com as mesmas armas e a mesma data de 1641, dadiva do consocio snr. dr. Brandt.

[2] Eis a nossa descripção no catalogo da Exposição (Documento X, *Louça antiga portugueza*).

N.º 140 Boião alto, excepcional 0,27 1/2 c. Na frente as armas reaes que teem em baixo a data — 1641 — No verso um cavalleiro em trages da epoca, pescando ao anzol sobre umas rochas que servem de base a uma fortaleza. Em baixo, no mar, dous navios á véla, e um bote, movido a remos. Pintura azul claro, a largos traços. Sem marca.

N.º 141. Outro exemplar com as mesmas armas e data. No verso uma paisagem: uma côrça, saltando por cima de uma ponte: em baixo tres patos grandes, na agua.

3.º ANNO | 1 DE MAIO DE 1883 | N.º 5

O presente *Discurso* de Duarte Ribeiro de Macedo foi escripto em Paris em 1675, mas ficou inedito até ao principio d'este seculo. A edição mais accessivel era a de A. Lourenço Caminha [1], de que nos servimos, mas já é hoje rara. Explicaremos em poucas palavras as razões que determinaram esta reimpressão.

Em primeiro logar, o escripto de Macedo é o unico que possuimos, em lingua portugueza, em que se reflecte o movimento de reforma do ensino das artes industriaes e dos officios em geral, que Colbert iniciou em França, marcando uma nova epoca na historia do seu paiz e na historia geral da industria europêa. Ribeiro de Macedo teve occasião de estudar esse movimento no proprio centro da acção, em Paris, durante o tempo da sua enviatura. Dotado com raro engenho e talento de observador reconheceu logo todo o alcance das medidas de Colbert. O primeiro edital com que o grande ministro inaugurou o seu systema de educação nacional é de 23 d'agosto de 1666 sobre as manufacturas da Normandia [2]. Em 1661 tinha o ministro occupado o logar de Fouquet e em 1675, anno em que Ribeiro de Macedo redigiu o seu *Discurso* ainda a reforma não estava completa; Colbert morreu só em 1683, trabalhando sempre. Póde dizer-se pois, mais uma vez, n'este caso como em muitos outros, que Portugal foi bem servido e a tempo, que não faltou na grande crise politica e economica do reinado de D. Affonso VI um espirito lucido, um homem de profunda sciencia, capaz de comprehender o que fazia um dos maiores reformadores do sec. XVII e de adivinhar todo o alcance de uma incalculavel reforma. Resta só averiguar se confiaram a esse homem a *acção*, se o deixaram curar o doente. Não, é a resposta. Só o Marquez

---

[1] *Obras ineditas* de Duarte Ribeiro de Macedo etc. Lisboa, 1817. 8.º peq. O *Discurso* occupa as pag. 1-102; não se encontra na edição das suas obras completas em 2 vol., adiante citada.

[2] Freiherr von Dumreicher. *Ueber den französischen National-Wohlstand als Werk der Erziehung*. Erste Studie. Wien, 1879 pag. 69. Ahi mesmo as razões porque se marca esta data, postoque Colbert ordenasse anteriormente outras medidas.

de Pombal é que começou a ensaiar o plano de Macedo *oitenta annos* depois de elle o ter escripto [1]. As medidas do ministro teem, sob o ponto de vista da organisação da industria, tanta originalidade como as leis sobre a reforma do ensino. De um lado encosta-se a Ribeiro de Macedo, do outro ao medico e pedagogo dr. Ribeiro Sanches. O primeiro despertou a sua attenção sobre as medidas de Colbert [2]; o segundo forneceu-lhe o plano para a reforma da Universidade e para a fundação do Collegio dos Nobres. A reimpressão das cartas do dr. Sanches que se fez n'esta *Revista*, devia ser accompanhada de uma nova edição do *Discurso* de Macedo; os dous trabalhos completam-se aqui, e sobre a mesa do grande Marquez estavam decerto um ao lado do outro; Caminha assegura que fez a sua edição sobre o manuscripto autographo de Macedo, que pertencêra a Pombal [3]. E' escusado dizer que não nos passa pela mente a ideia de diminuir o merecimento das reformas do ministro; a iniciativa foi d'elle; foi elle que convenceu o rei, expondo-se a todos os odios e a todos os ataques. Confessado isto, não nos levarão a mal que punhamos debaixo da assignatura do Mar-

---

[1] As medidas do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Vedor da Fazenda na regencia de D. Pedro II, foram neutralisadas pelo tratado de Methwen (1703), e talvez ainda mais pelas descobertas das minas do Brazil (1693), que produziu uma nova loucura, semelhante á do seculo XVI, apoz a descoberta da India. «O Brazil não dava tantas riquezas a Portugal, como a producção e a manufactura das sedas á França, e ao Piemonte» (Neves. *Noções*, pag. 5).

[2] O ministro, mandando á Direcção da Junta do Commercio a melhor obra de Colbert, a *Collecção dos Regulamentos geraes, e particulares, concernentes ás manufacturas, e fabricas de França* (Paris, 1730, em 4 vol.), acompanhava a remessa com as seguintes linhas muito significativas «o qual (livro) tiro da minha livraria, para que depositando-se perpetuamente sobre a meza, em que se fazem as conferencias no Real Collegio das Manufacturas nacionaes, possam os mesmos livros servir não só de instrucção aos directores actuaes, e futuros; mas tambem á utilidade publica, para os guiar ao acerto, e adiantamento dos negocios, que fazem o objecto d'esta direcção, na qual poderão ser vistos em todos os casos occorrentes para o melhor acerto, e deliberação d'estes estabelecimentos; recommendando V. S.ª da minha parte, que os directores os leiam todos, e que este *Aviso* se registre na contadoria, lançando-se os mesmos livros em lembrança no inventario dos papeis mais recommendaveis d'esta direcção, para que nunca d'ella possam ser extrahidos debaixo de qualquer pretexto que seja (29 de maio de 1773); apud Neves. *Noções historicas, economicas e administrativas* (sobre a fabrica das sedas e annexas) Lisboa, pag. 88 nota.

[3] «Recolhidas da melhor fonte original que possuiu o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello» pag. I do Prologo.

quez a dos seus collaboradores, o que tem sido esquecido ainda pelos mais modernos e conscienciosos historiadores nacionaes [1]. E' um acto de justiça que nos gloriamos de praticar, e que talvez estaria já saldado, se os dois escriptos de Sanches e Macedo não fossem infelizmente tão raros.

No momento presente em que tanto se falla da *reforma do ensino profissional,* que tomamos a liberdade de traduzir mais claramente em: «reforma das condições da aprendizagem nos officios manuaes», a publicação do *Discurso* de Macedo parece-nos ter ainda a seu favor o merecimento da opportunidade. E' escusado dizer que uma parte das ideias economicas do autor teem hoje apenas valor historico; escreveu-as quando eramos ainda uma potencia colonial. A organisação dos officios baseava-se então sobre uma serie de privilegios; tudo isso passou, mas o que pudemos e devemos ainda estudar é a questão do methodo, a relação que existe entre o presente e o passado, em summa: quaes são os elementos tradicionaes das industrias portuguezas e basear a nova reforma sobre esses elementos. Nenhum paiz faz, impunemente, *taboa rasa* sobre o seu passado, sobretudo em questões que se relacionam intimamente com o ensino publico, com a educação nacional, que se transforma só mui lentamente. A França, mesmo, teve de o reconhecer na questão especial que pretendemos analysar: a reforma da aprendizagem nos officios [2]. Apesar dos seus incomparaveis recursos, apesar da energia e elasticidade do genio francez, dos recursos pecuniarios da nação e da incalculavel vantagem de ter iniciado a moderna reforma do ensino technico, industrial e artistico, achou-se vencida em nossos dias, primeiro pela Inglaterra e depois pela Austria. Os seus pedagogos já confessam grave perigo perante um terceiro concorrente: a Allemanha [3].

O methodo que esses paizes puzeram em pratica é, pre-

---

[1] Citaremos apenas o snr. Latino Coelho. *Historia politica e militar de Portugal desde os fins do* XVIII *seculo até 1814.* Lisboa, 1874 vol. I. Nem uma palavra das cartas de Sanches, nem uma palavra do *Discurso* de Macedo. Neves, que tanto elogia o conde da Ericeira D. Luiz, nem sequer cita o nome de Macedo no volume das *Noções;* apenas refere a anecdota da Condessa de Vimioso, e uma outra noticia avulsa nas *Variedades.*

[2] Vid. as provas em K. Büchner. *Lehrlingsfrage und gewerbliche Bildung in Frankreich.* Eisenach, 1878.

[3] Marius Vachon. *Nos industries d'art en péril. Un musée municipal d'études d'art industriel.* Paris, 1882. 8.º gr. Vid. a analyse d'este trabalho em as nossas *Revistas de Bellas Artes e Artes industriaes,* publicadas no *Jornal do Commercio* de Lisboa, março e abril de 1883.

cisamente, aquelle que apontamos, e temos advogado ha bastantes annos. A Sociedade de instrucção do Porto começou já a executar o projecto de reforma, pelas exposições especiaes, pelas conferencias, pelos congressos, pelas viagens de estudo dos seus delegados dentro do paiz, pela propaganda diaria na imprensa; amanhã terá a *escola* com as suas officinas, o campo pratico que procura, e de que precisa indispensavelmente, para provar aos incredulos que não vive de phantasias.

As notas que accompanham o texto de Ribeiro de Macedo são nossas; a edição de Antonio Lourenço Caminha não tem nenhuma. O leitor julgará do merecimento d'ellas no fim, depois de concluido o texto, quando recapitularmos a doutrina do autor. O nosso intuito, ao fazel-as, não foi só escolher o fructo entre as folhas, distinguir o que tem valor retrospectivo e prospetivo, mas pôr as observações do autor em relação com as dos poucos escriptores portuguezes que se occuparam com as questões do ensino technico, industrial e artistico, até á extincção dos privilegios dos officios [1].

Na era nova, na era da liberdade, só um homem tratou sériamente da reorganisação da aprendizagem. Foi Fradesso da Silveira, mas ninguem deu por isso [2]. No mundo official houve uma tentativa para a solução practica do problema; os contemporaneos não a entenderam; seria talvez cedo. *Os Conservatorios das Artes e Officios,* creados em 1836 em Lisboa e Porto por Passos Manoel foram, officialmente, cobertos de ridiculo em 1852 e supprimidos, (v. retro pag. 162). Os *Institutos industriaes,* que os substituiram, nada fizeram em beneficio do problema; a officina continua a ser o que era — um cahos, aggravando, dia a dia, a situação da classe operaria e annunciando um futuro prenhe de todos os perigos da questão social.

Concluimos com alguns traços biographicos de Duarte Ribeiro de Macedo.

Nasceu em Lisboa em 1618, sendo filho de Fernando Duarte e D. Maria de Abreu. Os seus estudos superiores principiados em Evora, onde recebeu o grau de Mestre em Philosophia na Universidade, foram concluidos em Coimbra, alcançando alli o grau de Bacharel em Direito cesareo. Entrou depois na magistratura, desempenhando, com vantagem, os logares de Juiz de fora em Elvas, corregedor da Torre de Moncorvo e Senador

---

1 Obras de Neves, *Noções* e *Variedades;* Ratton, *Recordações,* etc.
2 *Estudos.* Lisboa, 1872. Estudo III. *As officinas-escolas de Flandres.*

da relação do Porto, d'onde passou á casa da Supplicação a 12 de junho de 1666 e a Dezembargador dos Aggravos a 11 de de fevereiro de 1668. A sua vida diplomatica começou tarde, quando tinha quasi cincoenta annos, indo como Secretario na embaixada do Conde de Soure D. João da Costa, enviada por D. Affonso VI a Luiz XIV. Tendo chegado a Paris a 4 de junho de 1659 teve pequena demora; a 13 de Novembro do anno seguinte estava de vòlta em Lisboa, partindo segunda vez para França em março de 1668 como Enviado ordinario. Esta segunda residencia durou nove annos (1668-1677). Não é aqui o logar proprio para recordar os serviços que Ribeiro de Macedo prestou ao paiz na côrte de Paris, onde tudo eram promessas e palavras vãs, tendo o cardeal Mazarin apenas em vista vender aos Castelhanos a exclusão de Portugal no ajustamento da paz pelo mais alto preço que podesse [1]. A sua missão como Enviado foi mais agradavel, mas não menos difficil. De 1660 a a 1668 tinhamos, é verdade, ganhado as batalhas do Ameixial (1663, 8 de junho), de Castello Rodrigo (1664, 7 de julho) e de Montes-Claros (1665, 17 de junho); a 31 de março de 1667 assignava-se a liga offensiva e defensiva com a França, precedendo-a o casamento de D. Affonso VI com Melle de Nemours, a leviana parenta de Luiz XIV (junho de 1666). Passado um anno; o irmão D. Pedro II rouba-lhe o throno, e um anno depois a mulher; isto foi a 2 de abril de 1668 e a 1 de maio era Duarte Ribeiro de Macedo apresentado a Luiz XIV, como Enviado de Portugal. A paz com a Hespanha fizera-se a 13 de fevereiro do mesmo anno, sendo reconhecida a nossa independencia, mas as questões coloniaes com a Hollanda, que dependiam da intervenção da França, ainda exigiam todo o cuidado. Macedo, apesar de estar nomeado para a côrte de Madrid em janeiro de 1675, só em fevereiro de 1677 é que se dispunha a partir (Santarem *op. cit.* pag. 648 e 653); a 20 de junho de 1677 estava novamente em Lisboa. Os serviços que havia prestado á corôa

---

1 Visconde de Santarem, *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal.* Paris, 1844, vol. IV pag. CVI. O Conde de Soure levava autorisação para offerecer ao Cardeal dous milhões de cruzados, pagos em dous annos, e o Arcebispado de Evora pela inclusão de Portugal no tratado. *Obras do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo.* Lisboa, 1767. 4.° vol. I p. 20. O visconde de Santarem falla só de um milhão (pag. 446). Foi Macedo que redigiu todas as memorias justificativas, publicadas pela Embaixada de Portugal, e que se encontram na edição supracitada das suas obras.

foram reconhecidos pela sua nomeação de Plenipotenciario ao Congresso de Nymwegen (junho de 1679), cargo que não acceitou. Pouco tempo se demorou em Madrid porque, sendo despachado para a côrte de Saboia morreu no caminho, em Alicante, a 10 de julho de 1680, contando apenas 62 annos. Assistiu aos seus ultimos momentos o clerigo D. Raphael Bluteau seu confessor, padre virtuoso e grande sabio, que tau bem concorreu sob a influencia de Macedo com os seus trabalhos para o melhoramento de uma importantissima industria nacional [1].

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

SOBRE A INTRODUCÇÃO DAS ARTES

N'ESTE REINO

(1675)

Discurso

PRIMEIRA PARTE

Diz-me V. S.ª que está lastimoso o Commercio do Reino; porque as nossas Mercadorias, por falta de valor, não tem sahida, e que os Estrangeiros para se pagarem das que méttem no Reino, levão o dinheiro. Mal he este, que pede remedio prompto; porque se continua, perder-se-hão as Conquistas, e o Reino. As Conquistas, porque a sua conservação, he dependente do valor dos fructos, que nellas se cultivão, e se não tem valor, não tem gasto, nem se podem commutar pelo infinito número de generos, de que os moradores dellas necessitão: o Reino, porque o dinheiro he o sangue das Républicas, e succede no Corpo Politico com a falta de dinheiro o mesmo que succede no corpo physico com a falta de sangue. Sem dinheiro, e sem Commercio, poderão viver os homens; mas da mesma sorte que vivem os Indios no Brazil, e os Negros em Africa, dos fructos rusticos, e naturaes; mas sem Sociedade civil, que

[1] E' d'elle a primeira obra em portuguez sobre a criação do bicho da seda: *Instrucção sobre a cultura das amoreiras e creação dos bichos da seda.* Dirigida á conservação e augmento das manufacturas da seda, etc. Lisboa, 1679; edições posteriores em 1728 e 1769.

he o que os distingue das féras. Estes principios não necessitão de prova: passemos de examinar a natureza do mal á dos remedios.

Dizem os Politicos, que o mal procede do luxo, e das modas introduzidas no Reino, dos gastos superfluos da Nobreza nos vestidos, nos adornos das casas, nas carroças, e no excessivo número dos creados; e que praticando as Leis sumptuarias as prohibições contra os gastos superfluos, não mettêrão os Estrangeiros no Reino mais que o necessario, e não sahirá do Reino o muito dinheiro, que por aquelle cano continuamente sahe. [1] He muito boa razão esta, e foi praticada em todos os Reinos, e Républicas bem governadas. He doutrina derivada das fontes de Platão e Aristoteles, seguida, e approvada de todos os Authores, e sobre que se fundárão várias Leis, que achamos no Direito Civil.

A Lei Papía regulava em Roma as côres, que as Damas honestas podião vestir, e taxava a quantidade de joyas, com que se deviam adornar. A Lei Fábia limitava o custo dos banquetes, e a Lei Femilia o número dos pratos, com pena, pela transgressão, não só a quem convidava, mas tambem aos convidados. A Lei Julia ordenava, que se não fechassem as portas, e as janellas das casas, em que se davão os banquetes, para que pudessem ser vistos, e examinados pelos Censores, cujo Supremo Tribunal foi creado para a execução das Leis sumptuarias. He conveniente, e justo, que se pratiquem entre nós; mas o nosso mal he de qualidade, que não basta este remedio para curar-se.

Dizem os Mercadores, que procede este mal dos excessivos direitos que tem nas nossas Alfandegas as drogas do Brazil, e ainda as dó Reino, que os Estrangeiros levão, e argumentão desta sorte: Os Estrangeiros não ganhão nos generos que levão de Portugal, senão nos que méttem, e hão de pagar-

---

[1] Passando em claro as leis prohibitivas contra o luxo nos sec. XV e XVI, recordaremos sómente a Pragmatica de 25 de janeiro de 1677, ordenada dois annos depois do *Discurso* de Macedo e, talvez, já em resultado das suas informações. Entre muitos outros generos de luxo prohibiu o uso de todo o panno, e chapeus que não fossem fabricados no reino. «Esta prohibição, diz Neves (*Variedades* vol. II pag. 320), faz suppor, que se julgava serem sufficientes os productos das nossas fabricas d'estes generos de manufacturas, para o consumo do paiz; mas nem a *Pragmatica* faz menção do estabelecimento de taes fabricas, nem o seu objecto parece ter sido outro, que o de cohibir o luxo, e ella mesmo declara ter sido promulgada em consequencia de representações dos povos, juntos em côrtes».)

se delles, ou em fazendas, ou em dinheiro: he tambem certo, que levão aquillo, em que menos perdem, e que levão o dinheiro, porque perdem menos nelle. Com que se diminuissem os Direitos nas Alfandegas, perderião menos nas fazendas, e as levarião antes que o dinheiro. Esta razão he muito boa; porque he certo que se os Mercadores perdem, por exemplo, vinte e cinco por cento no dinheiro, e vinte e quatro por cento nas fazendas, hão de levar antes as fazendas, que o dinheiro. Não reprovo esta razão, antes me parece digna de attender-se; mas tenho por certo, que não procede o mal deste principio, e estes ambos remedios não serviráõ mais do que de entreter o achaque sem o curar: cortaremos os troncos; mas como fica a raiz, ha de produzir os mesmos effeitos.

Commummente gritão todos, que se executem as Leis, que prohibem a extracção do dinheiro: que se visitem as Náos que sahem do Reino: que se castiguem capitalmente os culpados neste delicto; mas este remedio he inutil. A experiencia o tem mostrado assim, e tambem a razão o mostra; porque os Mercadores Estrangeiros hão de pagar-se em fazendas, ou em dinheiro, e se as fazendas não bastão (como provarei) hão de levar o dinheiro, apezar de todas as prohibições, diligencias, e castigos: e daqui nasce, que deste unico remedio, não faço nenhum caso.

O primeiro remedio das Leis sumptuarias curaria o mal, se o dinheiro que nos levão fôra só o pagamento do que nos méttem superfluo; mas como he certo que não he só do superfluo, mas do necessario, não são aquellas Leis o remedio do mal, além de que: Que Leis destas vemos observadas? Se a vaidade dos homens se curára, facil execução terião aquellas Leis; mas como he quasi impossivel aquella execução, esta he a razão porque Tiberio no Senado reprovava a publicação das Leis que só servião de descobrir a impotencia das Leis contra aquelle vicio de muitos annos introduzido, como refere Tacito.

O segundo remedio de diminuir os Direitos nas Alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, curaria o mal, se ellas fossem bastantes, para pagar aos Estrangeiros o preço de todas as fazendas, que recebemos delles; como por exemplo: se recebemos oito milliões, e temos só quatro que dar em troco, necessariamente havemos de pagar o resto em dinheiro. Não he com tudo para desprezar este meio, por duas razões: primeira, porque se os Estrangeiros perdem mais em levar fazendas, do que em levar dinheiro (como affirmão os homens de Negocio) levão menos em dinheiro, tudo o que levarem de mais em fazendas, e

drogas. A segunda razão he, porque a falta do consummo dos nossos açucares não procede da carestia delles sómente, mas das Fábricas que os Inglezes, Hollandezes, e Francezes, tem nas Ilhas da America, e a diminuição dos preços dos nossos, junta com a sua bondade, lhes facilitava a sahida, sendo o seu inferior, e custoso; e por esta razão ouvi a muitos Estrangeiros, que por facilitarem o gasto dos seus açucares, os misturavam com os nossos.

CAPITULO I

Qual he a causa da sahida do dinheiro do Reino?

O Commercio se faz, ou por permutação, ou por compra, e venda, trocando fazendas e fructos por fructos e fazendas, ou pagando a dinheiro. Deste principio sabido em Direito, se seguem tres estados de Commercio; primeiro, rico; segundo, mediocre; terceiro, pobre. O rico, he quando hum Reino tem mais fazendas que dar, de que os outros necessitão, do que tem necessidade de receber; porque pelo valor em que excedem as fazendas, e fructos, que dá ás que ha de receber, necessariamente recebe dinheiro. O mediocre, he quando tem fazendas, e fructos que dar em igual valor aos que recebe; porque nem se empobrece dando dinheiro, nem se enriquece reeebendo-o. O pobre, he quando necessita de mais fazendas, e fructos, do que tem para dar; porque necessariamente paga o excesso do dinheiro. [1]

Nós estamos neste terceiro estado de Commercio, e está he a unica causa, porque os Estrangeiros tirão o dinheiro do Reino: elles o confessão assim. O Marquez Durazo, Presidente [2] de Genova, em París me disse, que o seu Commercio com Portugal se perdia; porque, mettendo em sedas, papel, e outros generos muita fazenda, tiravam em açucares, tabacos, em maior quantidade do que podião gastar: donde se seguia, terem os armazens cheios d'estes generos, e se vendião em Genova a mais baixo preço, do que em Portugal; o que os obrigava a levar dinheiro com risco de lhes ser tomado pelas nossas prohibições.

Os Inglezes só em tres generos, baetas, pannos, e meas de

---

[1] A differença da importação sobre a exportação ainda era em 1777, no anno em que acabou o governo de Pombal de 1:492,315$015 réis. V. *Arte e Diccionario do Commercio, e economia portugueza*. Lisboa, 1784, Prologo.

[2] Deve lêr-se, provavelmente, *Residente*.

seda, e lã, deixando outros de menos conta, méttem no Reino huma somma inestimavel. Só em meas de seda, me disse hum Inglez prático, que gastava Portugal oitenta mil pares, que a quatro cruzados cada par, fazem trezentos e vinte mil cruzados. [1]

O que tirão do Reino são azeites, que tambem levam de Italia, e sal, supposto que do de França se servem para o uso das cozinhas, e mezas: fructa de espinho, açucar, ainda que com pouca conta, pelo muito que fabricão nas suas Colonias da America: tabacos, com a mesma pouca conta, porque o cultivão nas mesmas Colonias: páo Brazil, e outras cousas de menos consideração. Dizem que tudo o que tirão, lhes não paga duas partes do valor do que méttem: e d'aqui se segue, que não sahe Náo Ingleza do Porto de Lisboa, sem levar grande somma de dinheiro.

Os Francezes méttem grande numero de tafetás, estoffos de seda, e lã. Samersão he huma Ilha junto á Rochella, onde se fabricão sarges, e estamenhas; vivendo deste trabalho mais de dez mil pessoas: e toda a sua extracção he para Portugal: chapéos, e fitas de toda a sorte, em quantidade incrivel, e chega isto a tanto, que até aos nossos alfayates, e çapateiros, tirão o sustento, mandando çapatos, vestidos feitos, telizes, botas, e até saltos de çapatos. Não fallo de um grande numero de ba-

---

[1] Como é sabido, foi o tratado de Methwen que abriu os nossos portos aos pannos e mais estofos de lã inglezes, em troca de uma reducção de direitos sobre os nossos vinhos. O texto do tratado, que consta só de tres artigos em vinte e seis linhas póde lêr-se em Neves (*Variedades* vol. II pag. 324). Assignou, pela Inglaterra, o diplomata John Methwen e por Portugal D. Manoel Telles da Silva, marquez de Alegrete. A Hollanda, depois de reclamar contra este accordo, obteve egual favor pelo tratado de commercio de 7 de agosto de 1705. Tudo isto se fez apenas 29 annos depois das primeiras leis (1676) que inauguraram a nova época das fabricas nacionaes, sendo a primeira a de D. Pedro II e a segunda a de D. José, segundo Neves. Pois o mesmo principe que iniciou o movimento, o aniquilou. Os inglezes já tinham tentado illudir a lei de 9 de agosto de 1686 que prohibia a importação dos pannos de lã estrangeiros, introduzindo os *droguetes*. Respondeu-se-lhes com nova prohibição pelo Alvará de 28 de setembro de 1688 e depois apertou-se mais o rigor com os Alvarás de 14 de novembro de 1698 e 21 de julho de 1702 para —se esquecer tudo no anno seguinte. A fabricação das sedas do Rato chegou a ter depois 165 teares de meias de seda; a importação estava reduzida em 1777 a 15:398 pares de seda, na importancia de 26:149$000 réis, e de lã 69:588,140 réis. A produção da real fabrica em tecidos de seda e galões de ouro e prata representou de 1789-1826 a somma de 5:010,047$554. (Neves, *Noções*).

gatellas, de que não he o menor, as obras de pédras falsas, cabelleiras, relogios, caixas, espelhos, etc. [1]

Tirão de Portugal páo Brazil, açucar, tabaco, com a mesma pouca conta que os Inglezes: algum azeite, porque tem muito em Languedoc, e Provença: lãs, particularmente depois da guerra com Castella, e outras cousas de menos conta, como são fructas de espinho, cheiros, madeiras do Brazil, doces da Ilha da Madeira, marfim, çumagre: e tambem he boa droga para outras partes. Elles mesmos dizem, que tirão algumas cousas, mais por necessidade, que por interesse, não lhes sendo possivel levar tudo em dinheiro; e me consta que não vem embarcação, nem se retira Francez de Lisboa, sem trazer a maior parte do seu cabedal em dinheiro. Ha poucos mezes, que desembarcou hum na Rochella, e levando á Alfandega algumas caixas de açucar, de huma dellas tirou, á vista de todos os Officiaes, vinte mil cruzados em dinheiro. Hollanda, Suecia, e Hamburgo, méttem em dinheiro, todas as cousas necessarias para a fábrica das Náos, como são pólvora, ballas, ferro, cobre, bronze, artilheria, e todas as obras de arame. Hollanda introduz grande quantidade de sarges, estamenhas, duquezas, particularmente grans, e o que mais lastima, as drogas da India: tambem da sua mão nos vem huma grande quantidade de obras de madeira, como são, armarios, e toucadores, as armações de Flandres, e as pinturas, e outros communs adornos das casas. [2] De cousas que servem para sustento, nos méttem queijos,

---

[1] O quadro é verdadeiro, e a prova está nas fabricas d'esses objectos, que só muito depois se fundaram: de *relogios*, em Lisboa, em 1765 por Claudio Berthet, sendo successor Antonio Durand; de *pentes de marfim*, *caixas* de *papelão* e *verniz* em 1764 por Gabriel de la Croix; de *charões* em 1774 por José Redler; de *botões de casquinha de prata* e outros metaes em 1766 e tentativas anteriores em 1760; fabricas de lacre, de varias bijouterias, fundições de metaes e obras vasadas etc. Madame d'Aulnoy (*Voyage d'Espagne*, escripto de 1678-80) admirou-se da abundancia de joias falsas que viu em Hespanha nas damas mais nobres e opulentas, que despresavam os seus magnificos adereços historicos pelas *verrines du Temple*, só porque tinham pedras muito grandes (*de la grosseur d'un œuf* vol. III pag. 120 da edição de 1708).

[2] Já apontamos acima para o fatal tratado de 1705 com a Hollanda. A importação de polvora de Hollanda era em 1777 de cerca de tres contos; armas de fogo 18:360$000 réis; em latão e bronze importavamos perto de 98 contos; em ferro 289—290 contos etc. Na exposição retrospectiva de Lisboa estavam alguns moveis hollandezes do sec. XVII; temos visto outros dispersos pelas provincias, quasi tudo do sec. XVII. Guicciardini *Descrittione de tutti i paesi bassi* (1567) documenta a importação por miudo. v. *Arch. artist.* fasc. IV pag. 52. A importação de comestiveis retratava-se em 1777

manteigas, e arrôz, etc. e os Francezes, e Inglezes, bacalháo; e nos annos esteriles nos vem de França, huma grande somma de trigo, e cevada.

A Hamburgo temos que pagar com sal, que hé o fructo que lhe damos de melhor conta, açucar, tabaco, e fructa de espinho; a Hollanda pagamos tambem com sal, drogas do Brazil, e çumagres, azeites, e estes annos, levarão alguns vinhos do Porto, [1] e outras cousas de menos conta. A Flandres pagamos com alguma pedraria, que para Anvers especialmente se extrahe a que temos; mas he certo, que não temos com que commutar tudo o que recebemos: são com tudo os Hollandezes tão senhores do Commercio do Mundo, que ainda que seja com pouca conta, tómão tudo o que lhe damos, porque dão extracção a tudo por meio da Navegação.

Tambem entre as cousas que nos méttem, he hum grande número de Livros de Lyão, Olandas, Cambrais, Ruões, e outras muitas cousas, de que os nossos Mercadores darão conta mais individualmente. [2]

Entendo que Castella nos ajuda a pagar huma grande parte do dinheiro que sahe, porque he certo, que toda a Moeda Castelhana, que entra pelo genero que sabemos, sahe para as Nações Estrangeiras, e se busca, e troca a toda a diligencia

---

nas seguintes cifras eloquentes: *Manteiga:* 159,685$300; *queijos* 73:072$480 sendo mais de 61 contos da Hollanda; *bacalhau* cerca de 460 contos, tendo nós descoberto a terra de onde elle vinha em 1507, e tendo os commerciantes de Aveiro lá carregado ainda em 1550 uns 70 navios d'elle. «O bacalhau nos estragou as nossas pescarias» (*Dicc. do Commercio* pag. 57). Até D. João I nunca importámos cereaes; foi este principe que concedeu a primeira licença para a importação durante as celebres festas do casamento de seu filho em Evora (1490). Em 1777 já pagavamos porém o tributo de 538:143$393 réis por grãos e farinha.

[1] E' curioso que Ribeiro de Macedo não falle da exportação de vinho para Inglaterra (v. supra), citando a de Hollanda! Como se trata de avaliar as tristes consequencias do tratado de Methwen, daremos a seguinte nota do movimento dos vinhos do Porto. A primeira cifra conhecida é a de 408 pipas em 1678; os tres primeiros decennios dão o seguinte: 1678-1687 — 632 pipas por anno; 1688-1697 — 7,668 pipas; 1698-1707 — 7,188 pipas; apesar do tratado de Methwen (1703) ha diminuição! 1708-1717 — 9,644 pipas etc. James Forrester. *Portugal and its capabilities.* London, 1860, 4.ª ed. pag. 190.

[2] A importação de pannos de lã era em 1777 de 1:363,136$500 réis; pannos de linho 657,643$658 réis; (*Dicc.* pag. 159); tecidos de seda 260,272$950; propunha-se então, como remedio, o uso de pannos de algodão, vindo a materia prima das nossas colonias, porque a lã produzida no reino não dava mais de um quarto do necessario.

em Lisboa, porque lhe achão melhor conta que ao nosso dinheiro.

Finalmente a melhor prova do muito que excede o que introduzem no Reino ao que tirão, será o exame que cada hum de nós póde fazer em si mesmo. Qual ha de nós que traga sobre si alguma cousa feita em Portugal? Acharemos (e não ainda todos) que só o panno de linho, e çapatos são obras nossas. Chapéos, já se desprezão os nossos, e não se chama homem limpo o que não traz chapéo de França,[1] não digo já a Nobreza, e os Seculares, a que o luxo, e estimação errada, que se faz das cousas estrangeiras podia fazer desprezar as naturaes, mas os mesmos Religiosos se servem commummente todos de sarges, e pannos de fábricas Estrangeiras. Feito este reparo, veremos facilmente que não temos drogas, fructos, nem fazendas, com que commutar esta prodigiosa consumpção que fazemos no Reino, e nas Conquistas.

CAPITULO II

Este he o mesmo damno, em que tem cahido, e com que se tem empobrecido Castella

Fiz observação particular entre as riquezas de França, e a pobreza de Castella, discorrendo que França sem minas está riquissima, e que os particulares que tem sómente dois mil escudos de renda, são pobres; os gastos das mezas, os adornos dos vestidos, e das casas, e o fausto das carroças, passão a hum excesso incrivel. El-Rei tem quarenta milhões de renda; paga na guerra presente 160$000 infantes, e 40$000 cavallos. Hespanha tem minas, e recebe frotas carregadas de prata todos os annos, e está sem gente, e sem dinheiro, e necessita de que a Europa toda se arme para defende-la de França. Isto não he

---

1 «O Decreto de 7 de março de 1690 mandou que se não podessem comprar, nem vender chapeus de castor, bigunia, e chamorro (que eram as tres qualidades de chapéos que vinhão de fora) não sendo fabricados no reino, e marcados com dous sellos em lacre com as armas Reaes; por não serem bastantes as duplicadas ordens, que se tinhão passado para a execução da *Pragmatica* (1677) e se achar vulnerada esta lei, em razão de se não poderem conhecer os que eram de fora, e os fabricados no Reino, pela semelhança que tinhão huns com os outros. Esta semelhança he huma prova de que os nossos fabricantes igualavão perfeitamente os estrangeiros». (Neves, *Variedades* vol. II pag. 323). O fabrico de chapeus só recomeçou em março de 1759 pela fabrica da villa de Pombal; seguiu-se a de Elvas, fundada por Ratton etc.

cousa que a Historia nos deixasse escripto, he um facto que temos diante dos olhos.

A razão desta differença he a do Commercio, e não ha outra. França métte em Castella mais de seis milhões todos os annos em fazendas, e os retira em dinheiro, oiro, e barras. Só de roupas brancas de Bretanha, e Normandia dizem os Francezes que méttem em Castella oito milhões de libras. Depois desta observação fiz este argumento: Todo o Commercio do Mundo se faz por commutação de humas fazendas por outras, ou por compra, e venda, pagando a dinheiro o que se recebeo em fazendas, e drogas: França manda a Castella seis milhões de cruzados em fazendas, e não necessita das drogas, nem das fazendas de Castella: logo faz o contracto por compra, e venda, recebendo dinheiro, e daqui nasce a riqueza de França, e a pobreza de Castella. [1]

Achei hum Tratado Hespanhol, intitulado *Restauracion Politica de España*, composto por D. Sancho de Moncada, Cathedratico de Escriptura em Toledo [2], offerecido no anno de 1619 a Filippe III., o qual me confirmou nesta opinião com provas tão evidentes, e com huma tão lastimosa relação das miserias de Castella, que cuidei que se tivessemos a industria

---

[1] Neves já dizia em 1827 que o Brazil não dava tantas riquezas a Portugal, como a produção e manufactura das sedas á França, e ao Piemonte (*Noções* pag. 5) e mais adiante accentua a funesta influencia que a descoberta das minas do Brazil (1693) exerceu sobre o destino moderno de Portugal. «O mais notavel he que acabarão (as fabricas) no tempo, em que a fortuna deparava a Portugal hum novo agente, que augmentando prodigiosamente o nosso capital, devia pôr a nossa industria na maior actividade. Este agente era o ouro das minas do Brazil, que se descobrirão por esse tempo, e pouco depois as dos diamantes; porém correndo apoz desta riqueza de convenção, desprezamos os nossos bens reaes; o reino despovoou-se, as fabricas perecerão, o commercio aniquilou-se, e Portugal, nadando em ouro, vio-se pobre, quando lhe foi precizo entregar este mesmo ouro á Inglaterra e ás outras nações industriozas para nutrir, e vestir os seus proprios habitantes com generos de producção estrangeira, negociados por estrangeiros, e conduzidos em embarcações estrangeiras». (Neves, *op. cit.* pag. 23).

[2] *Restavracion politica de España.* Ocho discorsvs del doctor S. de M. Madrid, 1619-4.º Contém: 1.º Riqueza firme y estable de España; 2.º Poblacion y aumento numeroso de la nacion española; 3.º España con moneda y plata; 4.º Aumento perpetuo de las rentas reales de España; 5.º Mudanza de alcabalas, util al rei N. S. y á España · 6.º Fin y estincion del servicio de millones, util al rei: 7.º Censura de las causas á que se carga el daño general de España—Espulsion de los gitanos; 8.º Nueva y importante universidad en la corte de España. Ha 2.ª edição da mesma obra, Madrid, 1746. 4.º

de nos prevenir (á vista dellas), e de acudir com remedios aos mesmos damnos, que começárão a maltratar-nos, e caminhão a pôr-nos no mesmo estado, puderamos justamente exclamar com aquelle verso.

Felix, quem faciunt aliena pericula cautum.

Referirei algumas das Observações deste Tratado, e que servem a este discurso. Diz o Author, que no anno de 1619, em que escreve, tinhão entrado em Castella, cento e vinte milhões de ouro, de que não havia oitenta. Sommas ambas incriveis, a que ficou por pequena, e a que entrou por grande: e examinando a causa, refuta a razão dos que attribuem esta grande diminuição ás despezas com as guerras de Flandres, e Italia, porque prova que até áquelle anno se tinha despendido, confórme as remessas, e assentos, 300 milhões; concluindo em fim, que valem mais as Mercadorias Estrangeiras, que entrão em Castella, que as que sahem, 30 milhões, todos os annos. Farei menção de hum só exemplo dos muitos, que aponta o dito Author, que não serve pouco a este Discurso. De vinte lavadeiras de lãs, que diz havia naquelle tempo em Castella, sahião 500 arrobas, que a tres cruzados, importavão em milhão e meio; e mettião os Estrangeiros em differentes manufacturas de lãs sete milhões e meio: de sorte, que só neste genero, excedião seis milhões no que mettião ao que tiravão.

Da ultima consideração que fez no Capitulo passado, tira hum argumento infallivel. Não ha pessoa nenhuma em Castella, que ao menos, não gaste todos os annos seis cruzados em Mercadorias Estrangeiras; e havendo em Hespanha (não declara se comprehende Portugal) seis milhões de almas, fazem trinta e seis milhões todos os annos de gasto só com as fazendas, que servem ao uso de vestir: e elle confessa (e eu o creio) que diz pouco em dar a cada pessoa seis cruzados de gasto sómente.

Seria conveniente que Sua Magestade mandasse fazer a conta do que entra no Reino de Fazendas Estrangeiras, e o valor dellas, e do valor dos generos, e fazendas, que os Estrangeiros tirão, com distincção particular, para averiguar a verdade infallivel deste Discurso.

CAPITULO III

Este damno não he antigo no Reino

A Primeira, e mais visivel objecção, que se offerece a este Discurso, he que se do Reino sahem todos os annos copiosas sommas de dinheiro (como parece que prova o que fica referido) nos acháramos já sem ouro, nem prata, porque no Reino não entrão em quantidade que iguale a somma que sahe em hum só anno; mas como não estamos ainda nestes termos, não deve ser esta a causa, nem deve sahir do Reino tanto dinheiro, quanto suppõe este Discurso.

A resposta não he facil, e cuido que ella confirmará o que temos provado. He necessario considerarmos tres tempos no Reino. Primeiro: antes que passámos á India. Segundo: em quanto somos senhores do Commercio della. Terceiro: depois que o perdemos, que começou na perda de Ormús, e acabou na de Ceilão.

No primeiro tempo não houve este damno, porque naquella idade, a que podemos chamar *de ouro*, não entravão no Reino Fazendas Estrangeiras, especialmente das que dependião da Arte; e como o Reino era mais abundante de fructos, e drogas, de que os Estrangeiros necessitavão, tinha muito mais que dar, do que delles recebia; e ainda que os preços erão vís, comparados com os presentes, com tudo, a moderação daquella idade os fazia grandes; havia dinheiro para sumptuosas Fábricas, para grossas armadas, com que passárão á Africa os nossos Reis, e para sustentarem grandes exercitos.

He certo que então não entravão no Reino Fazendas Estrangeiras, porque nos vestiamos com pannos finos de Portugal [1], e as Sedas (que não se fabricavão ainda) tinhão tão pouco

---

[1] Não sabemos da existencia de semelhantes *pannos finos* de Portugal, n'essa época, isto é no sec. XV; temos encontrado só pannos finos de Segovia e Valencia, não fallando nos de França e paizes de Flandres. D. João III e D. Manoel publicaram uns artigos das sizas *Dos pannos e marçarias*, cujas datas correm de 21 de fevereiro de 1488 a 6 de março de 1509; mas falla-se alli sobretudo de pannos estrangeiros de Castella, bretões, flamengos e inglezes; apenas os capitulos XLVI a XLVIII, isto é: tres entre cincoenta e seis mencionam *pannos do Reino* (pag. 57 dos *Artigos das Sizas*, novamente emendados. Lisboa, 1749. fol.). O capit. XXXVI dos Artigos das Sizas de D. Affonso V (27 de setembro de 1476) a que allude Neves (*Variedades*, vol. II pag. 311, sem reparar nos que citamos) falla, é verdade, de *pan-*

uso, que El-Rei D. Manoel, no primeiro anno do seu Reinado, escreveo huma carta a Evora ao Conde de Vimioso, em que o reprehendia de haver consentido que a Condessa sua mulher se vestisse de Veludo, e dá a razão nestas palavras — *Porque o Veludo, Conde, he para quem he.* — Os adornos das casas erão cabides de armas, sempre luzentes, e promptas para o exercicio da guerra. A maior despeza erão bons cavallos; nem coches, nem liteiras conhecia aquella idade. As Rainhas marchavão em mulas. Com este apparato recebeo a Rainha Dona Leonor a Princeza de Galles, quando trouxe a Lisboa seu filho para se receber com a Infanta Dona Brites, que depois foi Rainha da Castella. Todos ouvimos a nossos Avós, que o uso commum erão botas, as da Corte mais polidas que as do campo, e a este uso attribuião não se conhecerem naquella idade alguns achaques, que hoje se padecem. Destes exemplos estão cheias as nossas Historias, e tem copiosa noticia a Tradição.

(*Continúa.*) DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

CERAMICA PORTUGUEZA

SUBSIDIOS HISTORICOS

DOCUMENTO XIII

(Continuação, v. pag. 74)

Posteriormente á publicação do nosso estudo de fevereiro achámos em os nossos cadernos de viagem mais as seguintes noticias ineditas:

1525. **Vianna.** (do Alemtejo, a par d'Alvito). Egreja matriz;

nos de lá meirinha «fabricados em alguns lugares destes Reinos, depois do dito Artigo feito por El Rei D. João meu avô», mas não cita os taes lugares. Nos autores do sec. XVI achamos só pannos de Alcobaça e mantas do Alemtejo (Gil Vicente) e outros *pannos baixos*. Em compensação, temos noticias mais antigas sobre as sedas, apesar do que affirma Ribeiro de Macedo. Jorge Ferreira de Vasconcellos celebra a seda e o velludo de Bragança. Sabe-se por documentos do sec. XIII que a creação do bicho da seda era notavel em Traz-os-Montes e nas côrtes de Coimbra e Evora de 1472 e 1473 os povos alludiam á riqueza do reino de Granada devida á industria da seda, pedindo providencias a D. Affonso V.

primeira capella da nave lateral, á entrada, do lado èsquerdo. Esta capella, contem a sepultura de Vasco Godinho, cavalleiro do conselho d'El-Rei D. Manoel, fallecido em 1525, como se lê n'uma inscripção do altar, forrado na frente com magnificos azulejos de relevo; estão divididos em tres peças, formando tapete; duas de forma octogonal e uma peça circular no meio. E' um especimen muito notavel, e muito raro; conhecemos apenas mais um altar de azulejos da mesma epoca e lavor, na egreja de S. Pedro da villa de Ceia (Beira-Alta); e dois altares menores (1 m. 41 c.) na crypta da egreja do convento de Jesus de Setubal; os azulejos d'estes ultimos são porém muito mais pequenos (0,7 cent. contra 0,13) e de um unico padrão. Trataremos com mais vagar dos azulejos de Setubal.

1647. **Alvito.** Egreja matriz. Bello azulejo de tapete, liso; pintura azul e amarella. Na capella mór o azulejo forma tapete, não com arabescos ou ornato vegetal, mas sim com faixas, imitando mosaico (enxaquetado em banda e contrabanda (capella mór do convento de Jesus de Setubal; S. Braz de Evora etc.) As paredes que separam a nave central das naves lateraes são cortadas por quatro arcos grandes, revestidos de azulejo até consideravel altura; por cima da volta estão distribuidos os seguintes paineis de azulejo, que interrompem o lavor do tapete. Não pudémos medil-os, porque estão muito altos, mas não devem ter menos de 1,50 × 0,60. Representam os seguintes assumptos. Nave do lado direito: *Uma custodia*, no estylo da epoca; *Nossa Senhora do Rosario; Nossa Senhora da Conceição; o archanjo Gabriel.* Lado esquerdo: *Uma custodia; Nossa Senhora do Rosario; Santo Antonio; S. Sebastião.* Em a nave lateral do lado esquerdo os quadros *S. Joã da m.ta* (sic, S. João da Matta); *Nossa Senhora com o menino*; lado direito *S. Feles* (Felix) e *Nossa Senhora do Rosario.* Na capella do Santissimo lê-se a data 1647, por debaixo do conhecido monogramma I. H. S. Data inedita.

1657. **Porto.** Egreja do antigo convento de Nossa Senhora do Carmo (chamado *Carmo de baixo*). Foi o bispo D. Rodrigo da Cunha que lançou a primeira pedra a 5 de maio de 1619, inaugurando-se a 3 de junho de

1622 (D. Rodrigo da Cunha. *Catalogo dos Bispos do Porto*, 2.ª ed. pag. 241 da Parte II); o convento é, actualmente, quartel da guarda municipal [1]. No cruzeiro, do lado esquerdo, ha uma sahida lateral, que conduz a um corredor (antigo resto do claustro?), ornado de varias capellas do sec. XVII; no ponto em que este corredor se bifurca (indo o outro lance para a sacristia) vê-se um pequeno altar forrado de azulejo liso, dentro de um nicho tambem azulejado. Uma inscripção do lado esquerdo que começa: «Esta capella e sepultura mandou fazer o capitão João Correa Serv.ª (Serveira) para si e seus herdeiros»... tem a data 1657, e diz no fim que são administradores da capella Feliciano Guedes Carneiro e sua mulher Margarida Correa Serveira. O azulejo simula um bello frontal de altar, que finge um rico bordado de estylo oriental, tendo no centro o brazão dos Serveiras (uma aguia com escudo enxaquetado sobre o peito); o fundo representa uma paisagem com arvores floridas, sobre as quaes adejam dous pavões; em baixo varios coelhos e lebres, brincando por entre as hervas. A pintura é azul, amarella e verde sobre fundo branco, que alterna com fundos amarellos, fortemente carregados; o desenho é elegante, e recorda o estylo dos frontaes que vimos nos altares da antiga sachristia do convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. N'este ha alguns remendos posteriores, mal applicados. Por debaixo do escudo lê-se o nome do artista, em azul: SILVA. O azulejo que reveste o nicho apresenta um arabesco miudo, nas mesmas côres, e de desenho bastante elegante. No corredor das capellas, a que já nos referimos, existe outro altar com frontal de azulejo da mesma epoca, e no mesmo estylo, diante de uma imagem de S. Gonçalo de Amarante; não tem assignatura, mas está intacto. No frontal assignado falta a data, é certo; mas não temos duvida em marcar a de 1657 que é a da inscripção, porque o estylo do azulejo corresponde perfeitamente á epoca. Sobre o altar, dentro do nicho,

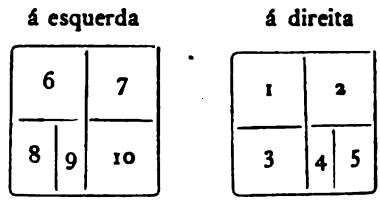
[1] A egreja do Carmo *de cima*, pertencente ao hospital da Ordem terceira, foi construida só em 1756.

vê-se um painel guarnecido ainda pela moldura original do meado do sec. XVII.

1700. **Lisboa.** Na Sé, n'uma das capellas da charola em que está sepultado o arcebispo D. João Annes (fallecido a 3 de maio, era de 1440). A sepultura do prelado não tem nome, indica só a data; no fundo da capella, dentro de um rotulo de estylo rococo a inscripção: FECCE NO A | NNO | 1700 | . Composições sacras. Pintura azul sobre branco.

Temos nota de uma outra data: 1706, na capella de S. Sebastião pertencente á charola, a qual está tambem ornada de azulejos; não podemos porém assegurar que seja no proprio azulejo, porque perdemos uma nota avulsa, que tinhamos tirado a este respeito.

17... **Braga.** Na Sé, capella de S. Pedro de Rates (pertencente ao cruzeiro, lado do evangelho) encontram-se varios paineis de azulejos, muito notaveis, (azul sobre branco) que representam scenas da vida do Santo, na seguinte disposição:



1. O achado das cinzas de S. Pedro de Rates; o esquife cobre-se milagrosamente de flores.
2. O corpo é transferido de Rates para a cathedral de Braga com toda a solemnidade.
3. O santo celebrando missa.
4. Porta fingida de azulejo.
5. Uma figura que symbolisa o *Silencio.*
6. Uma formosa paisagem com um castello, em estylo da Renascença, e varias figuras, assistindo á predica.
7. O martyrio de S. Pedro em Rates.
8. Uma figura que symbolisa o *Silencio;* corresponde ao n.º 5.

9. Porta fingida de azulejo; correspondente ao n.º 4.

10. O Papa Gregorio XIII entregando ao arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres o breve que concede á capella altar privilegiado. A concessão está escripta em portuguez sobre o breve. Na parte inferior do quadro n.º 3 lê-se a seguinte inscripção, em cursivo: *Ant.º d'oliu.ra Bern.des f.* (sem data). Assignatura inedita. Confessamos que este nome *Oliveira*, que encontravamos pela terceira vez em azulejos nacionaes do sec. XVIII, despertou vivamente a nossa curiosidade. Já em o numero de fevereiro (retro, pag. 78, nota) aventámos a hypothese provavel do parentesco do *Oliva* de Vianna do Castello com o de Evora. Agora a prova. Fomos novamente a Braga, e tivemos occasião de verificar a notavel semelhança em estylo, composição e desenho dos azulejos da Sé [1] com os celebres quadros da egreja dos Loyos de Evora, assignados *Antonius ab oliua fecit 1711* (retro, pag. 77). Approximando estes dous Oliveiras com o *Policarpus oliua* dos azulejos da Misericordia de Vianna do Castello, chegámos a resultados surprehendentes; temos uma verdadeira filiação, graças á descoberta do segundo appellido: *Bernardes*, em Braga. Não soffre duvida para nós que as assignaturas de Evora e Braga são do mesmo artista, citado já por Cyrillo Volckmar Machado [2] como pae do pintor, scenographo e

[1] Devemos declarar que os azulejos da capella de S. Giraldo com quadros da vida do Santo, têm tanta ou maior semelhança com os de Evora, como os da capella de S. Pedro de Rates. Infelizmente não pudemos encontrar alli nenhuma assignatura, nem data; são talvez superiores aos de S. Pedro e representam os seguintes assumptos: Lado do Evangelho: O voto dos paes de S. Giraldo; o menino offerecido no altar de S. Pedro; o noviço recebendo as ordens. Lado da epistola: S. Giraldo é sagrado arcebispo, no fundo vistas de Roma e Braga, com os competentes disticos; o Santo presidindo a um concilio dos prelados suffraganeos em Palencia. A' esquerda e á direita da porta da capella, em face do altar mór, ha duas paizagens em azulejo, de bellissima côr azul carregado, e de excellente desenho. Alguns dos paineis teem inscripções em latim, cujos erros denunciam a procedencia nacional do artista que os pintou, p. ex.: *Pro vesitandis fratribus deligitvr* etc.

[2] *Collecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores* etc. Lisboa, 1823 pag. 92. Cyrillo diz que o avô, Manoel Rodrigues, era natural de Beja, «mas nascido casualmente em Moura. Antonio de Oliveira entrou na

architecto Ignacio de Oliveira Bernardes. Cyrillo lá traz o nome por extenso: *Antonio de Oliveira Bernardes*. O *Policarpo de Oliveira* lá está tambem, como irmão de Ignacio e por tanto, filho de Antonio de Oliveira Bernardes. A geneologia construe-se do seguinte modo.

Antonio Rodrigues, pintor

Antonio de Oliveira Bernardes (azulejos em Braga e Evora), casado com Francisca Xavier, filha de um pintor.

Filhos e discipulos

Frei José de Santa Maria, pintor (1700-1781).
Policarpo de Oliveira, id. (azulejos em Vianna) 1695-1778.
Ignacio de Oliveira, pintor e architecto (1695-1781).

Filhos de Ignacio

João Pedro de Oliveira, pintor (nasc. 1752).
D. Michaela Archangela Romaneti, pintora (1740-1815).

1707. **Nossa Senhora do Cabo.** (perto de Cezimbra). *Ermida da Memoria;* tem no interior dez quadros de azulejos com a historia da lenda da Senhora do Cabo [1]. Pintura azul sobre branco.

1.º quadro.—A senhora entre resplendores sobre um monte, e dois velhos, cada um do seu lado, dormindo; com este letreiro: «*Sonham dois venturosos velhos que apparecia a Senhora n'este logar.*»

Irmandade de S. Lucas a 7 de Agosto de 1684. Policarpo a 19 de Outubro de 1728; José a 21 de Outubro de 1731, sendo ainda secular; «os dois primeiros servirão lugares na Meza, e Antonio de Oliveira foi juiz em 1679 (sic)». Como é então que este Antonio só entrou na irmandade em 1684? Notaremos tambem que o mesmo Antonio teve dois filhos, Ignacio e Policarpo, nascidos ambos em 1695. Ignacio foi o artista mais notavel da familia e pensionista de D. João v em Roma (v. Cyrillo).

[1] Apud Dr. J. Ribeiro Guimarães. *Summario de varia historia*. Vol. I, pag. 204.

2.º quadro. — Os dois velhos caminhando por entre mattos; — letreiro: — «*Põem-se a caminho para se certificarem da verdade, onde se encontram, e communicam entre si os sonhos.*»

3.º quadro. — A senhora com o menino nos braços, sentada sobre uma jumentinha, um anjo guiando esta à redea, e outro anjo seguindo a Senhora com as mãos postas. Defronte a velha de joelhos com um braço estendido, em modo de admiração, e o velho prostrado por terra adorando a Senhora; — letreiro: — «*Chegando a este sitio, vêem com admiração subir a Senhora pela rocha.*»

4.º quadro. — Nossa Senhora sobre o monte; varias romeiras com alforges ás costas vem caminhando, e outras já estão em adoração; — letreiro: — *Publicada por ellas a maravilha, vem outras em sua companhia para admirarem o prodigio.*»

5.º quadro. — Muitos homens trabalham na edificação de uma ermida: — letreiro: — «*Edificou-se esta ermida para os primeiros cultos.*»

6.º quadro. — A edificação de um templo; veem-se as paredes já levantadas, e os operarios trabalhando; — letreiro: — «*Com a concorrencia das gentes se fabrica outra, no logar onde hoje se vê a magestosa egreja.*»

7.º quadro. — Um pequeno templo, e em frente, varias barracas e povo, na fórma de arraial; — letreiro: — «*Fórma do arrayal d'aquelles primeiros tempos.*»

8.º quadro. — A edificação da magestosa egreja em que actualmente é venerada a Senhora do Cabo; vê-se o mestre da obra determinando os trabalhos aos operarios; — letreiro: — «*Dá-se principio á magestosa egreja, em 1707* [1].»

9.º quadro. — A egreja actual, e o arraial, em cuja construcção trabalham varios homens, e os romeiros; — letreiro: — «*Faz-se o novo arrayal.*»

---

1 A magestosa egreja é o templo de Nossa Senhora do Cabo, levantado pela Casa do Infantado no principio do sec. XVIII; em 1707 foi a milagrosa imagem transferida para o dito templo, havendo grandes festas nos dias 7, 8 e 9 de julho, ás quaes assistiu o Infante D. Francisco, filho de D. Pedro II e senhor da casa do Infantado.

10.º quadro. — A perspectiva da egreja e do arraial; vem entrando um cirio, trazendo adiante musica de clarim e timbales, e depois a bandeira; — letreiro: — «*Entrada de festeiros no novo arrayal.*»

1736. **Villar de Frades.** Convento extincto dos frades Loyos. Na capella das almas, á direita. Grande composição de azulejos que representa do lado direito, Santa Rita subindo ao ceu; por debaixo, formando alizar, uma tourada, que está assignada: *Nicolau de Freitas, a Pintou* (sem data). Assignatura inedita. Na parede do lado esquerdo: o martyrio de Santa Quiteria; por debaixo uma caçada á raposa. N'este quadro lê-se em baixo: *Bartholomeu Antunes a fes em Lix* (Lisboa) *no anno de 1736.* A ultima cifra está meio encoberta pelo sobrado, que reveste uma parte do pavimento. A execução do azulejo tem muito merecimento, sobretudo nos alizares. Pintura azul sobre branco, como nos seguintes. Assignatura e data ineditas.

1742. **Villar de Frades.** Mesmo convento. Na capella de Nossa Senhora da Conceição; mesmo lado. Duas grandes composições, que representam, á esquerda, o nascimento de Christo; á direita a adoração dos Magos. N'este quadro lê-se: *Bartholomeu Antunes* | *a fes em Lx.ª nas olarias* | *no anno de 1742* | . Assignatura e data ineditas.

1764. **Villar de Frades.** Primeira capella, do mesmo lado, vindo do cruzeiro. Varias composições sobre assumptos sagrados, assignadas: *Joannes* | *Ferreira* | *Lima* | *me fecit Brachara e 1764* | . Assignatura e data ineditas.

Alem d'estes azulejos, todos notaveis, ha em outra capella do lado direito (São Bento) e em duas do lado esquerdo (Senhor dos Passos e São Lourenço) azulejos de inferior qualidade, tambem nacionaes, com inscripções portuguezas, mas sem assignaturas, nem datas. A capella de S. Bento tem á direita a figura de São Lourenço Justiniano e á esquerda a do Papa Gregorio, com as seguintes inscripções, que podem servir de amostra das que se acham nas outras capellas:

Noso P. S. Lovrenso | *jvstiniano patri* | *arca de Veneza.* | *hvm dos nosos* | *fvndadores de S.* | *Jorge em alga* | *em Italia.*

Gregorio 42. Svm | *mo pontifice chama* | *do antes angelo cots.* | *hv dos pr.os fvndadores* | *da nossa congregação* | *de S. Jorge d'alga em* | *Veneza.*

Nas outras capellas (lado do evangelho) encontram-se as seguintes figuras, com extensos letreiros:

Capella do Senhor dos Passos: *D. Antonio Corari*, *Cardeal Ostiensi*, e o *Padre Affonso Nogueira*, Bispo de Coimbra e Arcebispo de Lisboa.

Na capella de São Lourenço: o *V. P.e Antonio da Conceição*, fallecido em Lisboa em 1602; e o *P.e João Roiz*, confessor d'El-Rei D. Affonso v, que resignou a mitra de Coimbra. Estes retratos em azulejo são de uma execução muito inferior, comparando-a com a dos quadros das outras capellas.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

DOCUMENTO XIV

AZULEJOS NACIONAES

(Sobre a influencia da arte italiana)

A arte de fabricar azulejos veio, como já temos dito e accentuado em varias partes d'estes estudos, do Oriente, seguindo nós até ao principio do sec. XVI, fielmente, o principio esthetico que o oleiro oriental havia estabelecido para esta arte, eminentemente decorativa. No principio da Renascença peninsular houve algumas tentativas de emancipação d'esse principio, ensaiando-se os oleiros em grandes composições, tiradas da historia sagrada, e pretendendo transformar assim o *tapete mural* em quadro religioso, para substituir o fresco, onde o clima humido não permittia o emprego d'este processo, ou a applicação do panno de raz. Esses quadros, devidos á influencia de artistas italianos são, porém, muito raros na peninsula. Conhecemos apenas duas grandes composições, uma no Alcazar de Sevilha, no chamado «Oratorio dos Reis Catholicos» e outro em Lisboa, que foi da Capella de Nossa Senhora da Vida na egreja parochial de Santo André.

A composição de Sevilha é evidentemente obra de um italiano, porque está assignada: NICVLOSO FRANCISCO | ITALIANO ME FECIT. | [1] Representa um grande retavolo de azulejo sobre

---

[1] A assignatura está no retabulo aos pés da Virgem, e já foi denunciada pelo snr. Borrell, *Tratado de dibujo* vol. III pag. 232. Ahi se encontra uma gravura fiel do frontal.

um altar tambem revestido de azulejo. Este altar está todo forrado de azulejo de tapete, em tres lados, e no quarto (frente) representa um frontal historiado: duas chimeras sustentam um medalhão cercado de flôres que representa a *Annunciação de Nossa Senhora;* por cima as armas grandes dos Reis Catholicos, tendo á direita um escudete com a inicial F, coroada, e á esquerda a inicial Y, tambem coroada (Fernando-Ysabel). Como se isto não bastasse, nas extremidades superiores do frontal veem-se ainda dous escudos emblematicos como os usaram os Reis Catholicos, á direita um *doble jugo y coyundas*, com a lettra «tanto monta», e á esquerda um *haz de flechas* [1]. O mesmo emblema ainda se acha repetido dos dois lados do retabulo, em ponto maior, dentro de duas corôas de louros. O retabulo, propriamente dito, que está mettido n'um desvão, todo forrado de azulejo, representa a *Visitação de Nossa Senhora*, composto n'um estylo á Perugino; na moldura pintou o artista, Jesse e os reis seus descendentes: David, Salomão, Roboan etc. Estas figuras estão dentro de elegantes arabescos em puro estylo de Renascença, que revestem ainda em bellissimo desenho todo o desvão até á altura do primeiro nervo do artezoado da abobada gothica. Esta capella, que é muito pequena, foi construida cerca de 1504, e é tradição que ahi se recebeu em 1526 Carlos V com a imperatriz D. Isabel, filha d'El-Rei D. Manoel [2].

O artista Francisco Niculoso de Pisa [3] ainda apparece em outras obras d'arte notaveis, p. ex. n'um sepulchro da egreja parochial de Sant'Anna de Triana, bairro de Sevilha, onde

---

[1] O emblema é invenção do celebre humanista Antonio de Nebrija, e foi interpretado por uns como *Tanto monta* (i. é vale) *Isabel como Fernando;* outros referiram a divisa á historia do nó gordio de Alexandre, e ás victorias dos Reis catholicos: «Tanto monta dominar a los enemigos é imponerles el yugo sujetando-se ellos mismos de grado, que sujetarlos por la fuerza de las armas» v. Marchesi. *Catalogo de la Real armeria* pag. 96, nota.

[2] «This cinquecento *Azulejo* is quite Peruginesque, and perhaps is the finest Christian specimen in Spain». Murray, *Handbook for travellers in Spain*. London, 1845 vol 1 pag. 258, o qual indica as seguintes dimensões em pés inglezes 15 por 12; a altura do retabulo, incluindo o altar, será de 15 a 18 pés. Borrel (*loc. cit.*) diz que Francisco Niculoso executou a obra de 1492 a 1504. Tivemos occasião de admirar este trabalho n'uma demorada visita que fizemos a Sevilha no verão de 1871 e em 1882 patenteámos na Exposição de Ceramica (secção de azulejos antigos hespanhoes da casa de Pilatos, da Alhambra etc.) uma grande photographia do altar e retavolo do Alcazar.

[3] E' o snr. Asencio que indica esta naturalidade no seu estudo da *Academia*, pag. 6 da tiragem especial.

já em 1549 era grande a producção ceramica [1]. O snr. José Maria Asensio descreve assim o objecto: «Forma el sepulcro un arco embutido en la pared, que sólo se levanta cosa de un metro sobre el nivel del pavimento, y desde la recta que forma cuerda hasta la clave del arco estaba en hueco, sin que podamos asegurar lo que alli habia, por haberse rellenado y enlucido posteriormente aquel vano. La lápida está formada por treinta e dos azulejos, y en ellos dibujada la orla, inscripcion y figura con la firma del artista. La inscripcion dice así:

ESTA FIGURA — Y SEPVLTVRA. ES.
DE INIGO LOPES.....
EN EL ANNO DEL S MIL CCCCCIII.—

«Despues del apellido Lopez hay un claro, faltando una

[1] «Hay cuasi cincuenta casas donde se hace, y de donde se lleva para muchas partes» *Grandezas y cosas memorables de España* por Pedro de Medina. Sevilla, 1549. O mesmo autor diz n'outro logar. «Asi mismo se haze azulejo muy polido de muchas diferencias, labores y colores. Y asi mismo muy hermosos bultos de hombres. De este azulejo se labra mucha cantidad que se lleva á muchas partes»; apud Asensio, pag. 4. Notaremos que ainda hoje o bairro de Triana é o foco da industria ceramica de Sevilha. A capital de Andaluzia teve no sec XVI uma importantissima colonia de portuguezes, e houve alli uma feitoria da corôa de Portugal, que acompanhava com attenção o grande movimento do commercio com o Novo Mundo. Severim de Faria *Noticias de Portugal* (3.ª ed. de 1791 vol. I p. 17) escreve «que muitas pessoas affirmavão, que a quarta parte dos moradores de Sevilha erão nascidos em Portugal, e que em muitas ruas d'aquella cidade se fallava a nossa lingua, e não a Castellana. Quasi o mesmo se podia dizer de Madrid, e por toda Castella a Velha, e Estremadura he notorio, que os mais dos mechanicos erão naturaes d'este Reyno, os quaes por não terem cá em que trabalhar, hião lá ganhar sua vida.» Toda esta passagem se refere á epoca antes da Restauração de 1640, como Severim de Faria expressamente declara. Parecerá haver exagero; no entanto, com relação a uma arte, á musica, já a passagem está amplamente documentada; v. *Quadro dos compositores portuguezes existentes em Hespanha no sec. XV a XVII*, em *Ensaio critico sobre o Catalogo da livraria de musica d'El-Rei D. João IV*. Porto, 1873; são uns vinte compositores nos logares mais proeminentes das mais celebres cathedraes de Hespanha. Sobre a emigração de pintores portuguezes na mesma epoca v. Cyrillo (pag. 20). Jorge Ferreira de Vasconcellos falla muito das maravilhas de Sevilha *Aulegraphia*. pag. 77. De Sevilha vieram muitos azulejos para a Sé Velha de Coimbra, encommendados pelo Bispo D. Jorge de Almeida. Alem do documento historico, que comprova a importação, (Simões de Castro, *Guia* pag. 152 da 2.ª ed.) ha um argumento intrinseco, que se tira da confrontação dos padrões da Sé Velha com os da Casa de Pilatos, á qual procedemos na ultima exposição de ceramica do Porto.

palabra, que se hizo desaparecer saltando el esmalte cuando se descubrió el sepulcro. Esa palabra decia ESCLABO, y se borró por temor á las hablillas del vulgo [1].....

«Yace, pues, allí enterrado un esclavo desde el año 1503; y si se repara en la ropa amarilla, en el gorro morado que cubre su cabeza, y hasta en la sencilla cruz que tiene sobre el pecho, se encontrará algo de particular. Un esclavo con sepultura es cosa rara; pero se dice que aquel esclavo fué asesinado, que el matador costeó el sepulcro... tradiciones ó consejas cuya exactitud no hemos podido comprobar.

«El azulejo es de gran mérito. El colorido es bellisimo y armonioso; y hay gran prolijidad en los detalles, tanto de la figura, como de la orla. En ésta sobre la cabeza de la figura hay una cartelilla que dice:

NICULOSO FRANCISCO
ITALIANO ME FECIT.

«Y esta firma, unida á la fecha de 1503, aumenta la importancia de la obra, y son datos apreciabilisimos para la historia de la industria. El celebrado artista introdujo grandes adelantos en la cerámica y en el esmalte. Sus obras se distinguen de todas por la conposicion, por el adorno y por el diseño; pero más aún por la brillantez y variacion del color. Antes de él, en la alfarería de Triana apénas se fijaban otros colores que el verde, el violado y el azul, prodigándose con exceso de amarillo. Niculoso introdujo el uso del negro, combinando rebajos y medias tintas para dulcificar los tonos; preparó fondos perdidos que sin quitar armonia á sus cuadros daban realce á los primeros términos, y le permitieron degradar las figuras colocándolas en diferentes planos por la intensidad de las tintas para dar mejor efecto á las composiciones.

«Aprovechando sus artísticas innovaciones pudieron esmaltarse las grandes cacerias que se conservaron hasta hace muy pocos años en el claustro bajo del convento de Madre de Dios, y que no sabemos si se han salvado de la destruccion.»

Fizemos esta extensa citação, de proposito, em vista da importancia do artista Niculoso, cujos trabalhos começam a apparecer em Portugal. Na Exposição de Lisboa via-se um pequeno quadro de azulejo com o mesmo assumpto do retavolo

[1] O snr. Asensio explica a lenda que anda ligada ao sepulcro.

de Sevilha: *A Visitação de Nossa Senhora*, e assignado NICVLOSO ITALIAN.° | ME FECIT [1]. A scena passa-se n'um portico de estylo do Renascimento, com uma paisagem ao fundo. N'uma outra sala, a grande distancia [2], estava um segundo quadrinho, composto de seis azulejos, que representavam a *Annunciação de Nossa Senhora*; o acto passa-se tambem dentro de um aposento ornado no mesmo estylo do quadro anterior. A execução é menos acabada, parecendo-nos ser o quadro de Evora uma imitação muito interessante de algum discipulo portuguez ou hespanhol de Niculoso; em todo o caso, a sua influencia é evidente alli.

Convem agora examinar a composição da Capella de Nossa Senhora da Vida, que se pode attribuir tambem á influencia italiana, posto que a data seja bastante mais moderna do que a do retavolo de Sevilha. Os azulejos de Lisboa não têm data, mas não são posteriores a 1580, como veremos, ficando quasi ao par das formosas phantasias de Francisco de Mattos, assignadas em São Roque em 1584 (v. retro pag. 76).

A egreja parochial de Santo André, á qual pertencia a dita capella, funccionou até 1835, passando então a séde para o templo da Graça, onde se recolheu tambem a parochia de Santa Marinha; ambas as egrejas permaneceram fechadas até 1845, sendo então demolidas. Algumas pessoas curiosas salvaram amostras dos preciosos azulejos de tapete d'estas duas antiquissimas egrejas parochiaes de Lisboa, que figuraram abundantemente na nossa exposição [3]. Entre esses raros amadores é justo especialisar o fallecido architecto José Valentim, o antiquario mais erudito dos nossos tempos em todos os assumptos d'arte relativos á velha Lisboa [4]. Sabendo que a egreja de Santo An-

---

[1] O catalogo official (pag. 252) traz a inscripção inexacta: *Nicoloso Italian me fecit*. O quadro foi reproduzido na est. n.° 23.

[2] Sala L, ficando o outro exemplar na sala F da ala opposta! O Catalogo descreve este quadro no seguinte estylo caracteristico: «Moldura contendo seis azulejos, cujas pinturas se combinam para representar uma peça architectonica e a Annunciação da Virgem. Seculo XVI. *Convento de S. Bento, Evora*» (pag. 236). O objecto está hoje na Bibliotheca publica da mesma cidade, na sala dos MS.

[3] Veja-se a collecção exposta pelo Museu do Carmo e a do snr. Nepomuceno; esta tinha azulejos das seguintes parochias: S. Bartholomeu, Santa Marinha, São Lourenço, Santo André, São Pedro de Alfama e Nossa Senhora da Ajuda.

[4] O architecto Valentim falleceu em 1870 com 79 annos. Quem tiver a curiosidade de saber pormenores da vida d'este artista benemerito,

dré ia ser demolida, fallou nos preciosos azulejos ao architecto da camara, Malaquias Ferreira Leal, e depois de se obter informe do professor de esculptura da Academia, Assiz Rodrigues, baixou uma portaria do Ministerio das obras publicas, mandando arrancar e conservar os azulejos da grande composição, o que se executou em janeiro de 1845, assistindo ao acto o proprio Valentim. Os azulejos estiveram encaixotados nas Obras publicas até 1861, e lá estariam ainda se um inglez não tentasse compral-os n'esse anno. O intendente das Obras publicas, Fava, informou logo Valentim, e este acudiu á casa de Francisco Martins d'Andrade, então conservador do gabinete de medalhas e antiguidades da Bibliotheca Nacional. Andrade avisou o Bibliothecario-mór Mendes Leal a 14 de Março e este conseguiu que a reliquia fosse entregue á Bibliotheca por officio de 6 de Abril. Passaram-se ainda quatro annos até os azulejos serem collocados no logar que hoje occupam, e que não é muito proprio. Poucas pessoas os conhecem, mesmo em Lisboa [1].

Os azulejos formam um retavolo, cujo assumpto central é a *Adoração dos Pastores;* ladeiam o quadro quatro columnas corinthias, festonadas de era, duas de cada lado, apparecendo nos respectivos nichos os evangelistas S. João e S. Lucas. A Virgem é accompanhada de S. José e de varios pastores, e a scena passa-se, segundo a escriptura, entre as ruinas de um velho edificio. O frontão semicircular assente sobre um friso de elegantes arabescos, está cortado por um vacuo, que correspondia a uma janella, e no qual se collocou uma inscripção moderna, commemorativa [2]; á direita d'ella no tympano, está o

---

que o governo portuguez deixou morrer quasi á fome com 16$000 reis mensaes, consulte o *Summario de varia historia* do Dr. J. Ribeiro Guimarães.

1 O snr. A. de Ceuleneer não viu estes azulejos. Estão em um dos corredores internos do lado sul do edificio. O Snr. Silva Tullio desejava collocal-os no topo de um dos lanços da escada, mas o espáço não chegava para o quadro, que é de grandes dimensões: 4 metros 82 c. de altura por 4 m. e 65 c. de largura, segundo o Dr. Guimarães. (*Summario* vol. II pag. 106), o qual indica as proporções do seguinte modo: O sóco 0,82; o corpo principal 2 m. 55; e o frontão 1 m. 62; isto prefaz 4 m. 99 c. e não 4,82. O sóco nada tem de particular; finge lavor de cantaria faceteada.

2 Diz ella: «Este painel pertenceu á capella de N.ssa | S.ra da Vida, erecta no seculo XVI por | Bartholomeu Vaz de Lemos, na parochial de S. | André, d'esta cidade. Demolida a egreja | em 1845, o requesitou ao governo | o Conservador d'esta Bibliotheca | F. M. de Andrade | e aqui foi posto e restaurado | em 1865». Do pobre José Valentim nem palavra!

archanjo annunciando o mysterio da Encarnação, e á esquerda a vinda do Espirito Santo. Remata o frontão, guarnecendo-o, um festão de folhagem. As proporções do retavolo são muito consideraveis, como dissemos, mas nem por isso a execução é menos cuidada. Ha algumas irregularidades no desenho, que prejudicam o effeito, e como as restaurações tentadas no acto da collocação foram mal executadas, com azulejos modernos, ordinarios, e remendos de estuque pintado, o aspecto geral é pouco satisfactorio hoje. Ainda assim, não conhecemos no paiz, outro retavolo superior a este, pelas dimensões e pela mão de obra; as côres são variadas, predominando o amarello e azul, verde e roxo, em varias graduações, isto é: habilmente sombreadas. Esta arte de graduar as côres constitue, segundo os autores Asensio e Riaño [1] uma innovação introduzida pelos artistas italianos no começo do sec. XVI, porque até alli os oleiros peninsulares applicavam as côres sem meias tintas. Repare-se p. ex. no bellissimo effeito do desenho do friso do retavolo: arabescos amarellos, vigorosamente sombreados, sobre um fundo côr de castanho. E' muito para sentir que não salvassem o quadro da mesma capella, que ficava fronteiro a este, e que tinha a data 1580; diz-se que era de desenho mais incorrecto e de inferior colorido, [2] o que pouco importava, porque essa differença podia até ser muito caracteristica e ajudar a reconhecer a mão de obra nacional. No convento do Paraizo em Evora existe um retavolo pequeno de azulejo, que é o segundo que conhecemos no paiz; reveste o fundo de um nicho onde está sepultado Dom Manoel da Costa, fallecido em 1532. Um bello portico em estylo puro da Renascença, com as datas 1535 e 1536 reealça a entrada da sepultura. Parece-nos porém, pelo estylo do retavolo, que não será anterior ao fim do sec. XVI, ou principio do sec. XVII. Representa nossa Senhora entregando o rosario a São Domingos, o qual tem dos lados um cavalleiro com uma véla na mão, e uma freira da ordem; as figuras são de tamanho quasi natural; na pintura predominam grandes massas de amarello; o desenho é pouco correcto. Quem comparar este retavolo com o da capella da Senhora da Vida ha-de notar grande differença na execução, e inclinar-se-ha a considerar logo o primeiro como obra de artista estrangeiro; reparando

[1] Asensio *Op. cit.* pag. 13; Riaño Op. cit. pag. 169; v. tambem Borrell *Op. cit.* vol. III pag. 226 e seg.; e 490 e seg.
[2] Dr. Ribeiro Guimarães. *Summario* vol. II pag. 106.

porém nos formosos azulejos de São Roque, assignados por Francisco de Mattos em 1584, suspenderá o seu juizo até poder julgar sobre materiaes mais abundantes. Os azulejos de São Roque, não representam, é verdade, composição de grandes figuras, mas quem desenhava o arabesco no estylo da Renascença com talento tão distincto, podia compôr tambem um quadro como o da capella da Vida.

A influencia da arte italiana sobre a nossa ceramica do sec. XVI não está estudada; é esta a primeira vez que se chama a attenção sobre o assumpto, juntando materiaes desconhecidos. A comparação é indispensavel n'estes casos. Podemos citar ainda outros exemplares muito notaveis do meado e fim do sec. XVI e principio do sec. XVII, e todos no estylo do Renascimento, p. ex. os azulejos da antiga sacristia da egreja de Nossa Senhora da Graça de 1570-1580, no mesmo estylo dos de S. Roque e não menos notaveis, mas muito maltratados [1]; os magnificos exemplares de Villa Viçosa, pertencentes ao meado do sec. XVI; os do palacio dos Albuquerques, (Conde de Mesquitella) em Azeitão [2]; e finalmente os grupos, já bastante carre-

---

[1] E' preciso notar, ampliando o que dissemos (retro pag. 76) que na antiga Sacristia da Graça ha azulejos de tres epocas muito distinctas. Primeiro, atraz da porta que communica para a egreja, os mais antigos, a que temos alludido (cêrca de 1570-1580) muito mal tratados; depois, outros no mesmo estylo do Renascimento (*rotulos e pendurados*), que revestem os vãos de dous altares, os altares (formando bellos frontaes) e dois nichos com as sepulturas de dous prelados. Este segundo grupo pertence á primeira metade do sec. XVII; o desenho é, quanto ao arabesco, bastante inferior ao do primeiro grupo; o azulejo de tapete é porém magnifico. Finalmente, circundando a grande porta da entrada para a Sacristia Nova, veem-se azulejos da época de D. João V; sobresahem duas figuras, a *Magnificencia* e a *Liberalidade*, matronas um tanto pesadas, despejando a segunda uma grande cornocopia cheia de *pintos* e *dobrões* portuguezes. O resto do espaço é preenchido por uma grande phantasia decorativa de estylo rocóco. As figuras parecem alludir á excepcional generosidade com que o diplomata Mendo de Foios Pereira (1643-1708) construiu a nova sacristia; alli jaz sepultado em um magnifico mausoleu de marmore e bronze (v. *Archivo Pittoresco*, 1864 pag. 181, com artigo do snr. Vilhena Barbosa, que não diz porém cousa alguma dos azulejos). Sendo a sacristia nova concluida em 1707, data que vimos no tecto, é licito presumir que o azulejo será d'essa epoca, tendo-se em conta, como argumento intrinsico, o estylo d'elle. Daremos pormenores sobre esta sacristia velha, totalmente esquecida, abandonada e suja, no artigo sobre os «Azulejos *não datados*».

[2] Representados na collecção Nepomuceno por seis quadros n.º 44 a 49, e attribuidos á industria de Talavera, que representava em Hespanha a influencia italiana, segundo Borrell e Riaño. Este ultimo autor apresenta documentos que provam a importação de ceramica de Talavera para

gados no genero *baroque*, do atrio da egreja de Santo Amaro em Lisboa, do Collegio dos Jesuitas em Evora e da egreja de São Mamede da mesma cidade. Os do paço de Villa-Viçosa mereciam um estudo especial, porque as duas pequenas amostras que appareceram na exposição de Lisboa [1] não representam o que ha de melhor n'aquelle edificio. Nas salas, que chamaremos de David e Golias, de Medusa e Theseu (pelas pinturas que as ornam) vimos azulejos com deliciosos desenhos em arabesco e grutesco, e finissimas tintas, em *camaïeu*, predominando o azul, amarello, verde e branco; a composição forma pequenos taboleiros, executados em ponto diminuto, mas com um pincel largo, com verdadeira *virtuosidade*. São os exemplares de estylo italiano mais perfeito que temos visto em Portugal. Ficamos hoje por aqui, convidando os amadores de antiguidades a prestarem alguma attenção a este ramo das artes industriaes, porque d'aqui a dez annos talvez hajam desapparecido os restos de uma industria na qual occupámos um logar muito distincto, como temos provado n'estes estudos.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, vid. pag. 173)

GENRE PHOSPHUGA LEACH

684. P. atrata L.

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 297.

J'ai pris un seul individu dans la Serra du Gerez.

Portugal, localidade que fornecia não só a peninsula, mas as Indias Occidentaes (*Relaciones topograficas de los Pueblos de España hechas en 1576*) No inventario da infanta D. Joanna, irmã de Felipe II e mãe de D. Sebastião apparecem productos de Talavera (1573). Na collecção de ceramica hespanhola do Museu de South-Kensington, existem duas peças notaveis com as armas de Portugal (n.º 486—46; e n.º 104—69 com as armas de Portugal e Sicilia) sendo a primeira do sec. XV.

[1] *Catalogo* pag. 183 n.ºs 100 e 111. Já estiveram na exposição universal de Paris de 1867, como *dados* por El-Rei D. Luiz á Academia de Lisboa (Aragão, *Description* etc. pag. 142). Pelo Catalogo de Lisboa vemos agora que elles voltaram á posse da casa real. A pag. 76 (retro) dissemos que os azulejos de Villa-Viçosa nos pareciam ser talvez da escola italo-hespanhola; referiamo-nos aos que foram expostos em Lisboa; os das salas de David e Theseu terão a mesma origem; os da Graça representam o estylo da Renascença flamenga.

685. **P. reticulata F.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 296.

Commun dans le nord du Portugal.

GENRE THANATOPHILUS LEACH

686. **T. rugosus L.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 294.

Serra do Marão !.

V. ruficornis Kust.

Du Portugal d'après Deyrolle.

687. **T. sinuatus F.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 294.

Braga !, Serra do Marão !, Espinho !, Guarda !.

GENRE SILPHA LINNÉ

688. **S. tristis Ill.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr. p. 296.

Coimbra !, Guarda !, Azambuja !.

689. **S. nigrita Creutz.**

V. ambigua Graells.

Graells. Mem. Map. geol., 1858, p. 57, pl. 2, f. 11.

Gerez (L. v. Heyden !).

690. **S. punctocollis Luc.**

Luc. Expl. Alg., p. 213, pl. 21, f. 1.

Faro !, Penamacôr (J. M. Rodrigues !), Serra do Gerez ! Coimbra !. Rare partout.

GENRE NECROPHORUS FABRIUS

691. **N. vespillo L.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 291.

Espinho!.

692. **N. vestigator Herschel.**

V. interruptus Brullé.

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 292.

Guarda!, Espinho!, Leiria (Dr. A. Vieira!).
Je n'ai jamais trouvé le type de l'espèce.

693. **N. interruptus Steph.**

Stephens Ill. Br. III, p. 18, pl. 16, f. 2.

Serra do Gerez!.

ANISOTOMINI

GENRE ANISOTOMA ILLIGER

694. **A. dubia Kugel.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr. p. 314.

Coimbra!.

GENRE AGATHIDIUM ILLIGER

695. **A. lævigatum Er.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 325.

Coimbra!.

CLAMBIDÆ

CYBOCEPHALINI

GENRE CYBOCEPHALUS ERICHSON

696. **C. Reitteri vhagon.**

An. Hist. Nat. Esp., VIII, p. 190.

D'après une lettre que je viens de recevoir de Mr. L. v. Heyden il a été pris dans la Serra d'Estrella.

CLAMBINI

GENRE CLAMBUS FISCHER

697. **C. armadillo Deg.**

Iacq. Duv. Gen. Col., pl. 38, f. 188.

Bussaco (Heyden!).

TRICHOPTERYGIDÆ

PTILINI

GENRE PTENIDIUM ERICHSON

698. **P. evanescens Marsh.**

Abeille Vol. XVIII, *Syn. Trich.*, p. 9.

Coimbra!, Bussaco!, Alcafache!.

TRICHOPTERINI

GENRE TRICHOPTERYX KIRBY

699. **T. grandicollis Man.**

Abeille Vol., XVIII, *Syn. Trich.*, p. 49.

Coimbra!, Espinho!.

SCAPHIDIIDÆ

GENRE SCAPHIDIUM OLIVIER

700. **S. 4 maculatum Oliv.**

Fairm. et Lab. Faun. Ent. Fr., p. 342.

Serra do Gerez!, Bussaco!.

HISTERIDÆ

GENRE HOLOLEPTA PAYKULL

701. **H. plana Fussly.**

An. Soc. Ent. Fr. 1853, p. 143, pl. 4, f. 1.

Dans son voyage en Portugal Mr. C. v. Volxem a pris six exemplaires.

Genre PLATYSOMA LEACH

702. **P. depressum F.**

An. Soc. Ent. Fr. 1853, p. 271, pl. 7, f. 16.

Mentionné parmi les histerides que Mr. C. v. Volxem a recoltés en Portugal.

Var. A. l. c., p. 272.

Serra do Gerez!.

Var. B. l. c., p. 272.

Bragança!.

703. **P. oblongum F.**

An. Soc. Ent. Fr., 1853, p. 275, pl. 7, f. 19.

Bussaco (C. v. Volxem!).

704. **P. lineare Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1863, p. 278, pl. 7, f. 22.

D'après Mr. Marseul il se trouve en Portugal.

705. **P. angustatum Hoffm.**

An. Soc. Ent. Fr. 1853, p. 259, pl. 1, f. 9.

Mafra (C. v. Volxem!).

706. **P. filiforme Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1853, p. 276, pl. 7, f. 20.

Du Portugal, d'après Mr. Marseul.

Genre MARGARINOTUS MARSEUL

707. **M. scaber F.**

Mentionné du Portugal par mr. Marseul.

Genre HISTER LINNÉ

708. **H. major L.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 173, pl. 16, f. 4.

Dans tout le Portugal.

709. **H. inaequalis Oliv.**

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 184, pl. 6, f. 7.

Serra de Montesinho!, Azambuja (J. Antunes!).

710. **H. 4 maculatus L.**

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 204, pl. 6, f. 24.

Azambuja (J. Antunes!).

Var. γ. l. c., p. 205.

Bragança!.

Var. æthiops Heer, l. c., p. 206.

Dans tout le Portugal.

711. **H. amplicollis Er.**

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 208, pl. 7, f. 26.

Du Portugal d'après Mr. C. v. Volxem.

712. **H. grandicollis Ill.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 209, pl. 7, f. 27.

Je possède deux individus du Portugal.

713. **H. unicolor L.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 261, pl. 8, f. 64.

Gerez! (L. v. Heyden!).

714. **H. cadaverinus Hoffm.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 291, pl. 8, f. 87.

Il a été trouvé en Portugal par Mr. C. v. Volxem et j'ai pris aussi un individu.

715. **H. terricola Germ.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 294, pl. 8, f. 89.

Pris par Mr. C. v. Volxem en Portugal.

716. **H. binotatus Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 303, pl. 9, f. 96.

Guarda!, Alcafache!.

La 4.ª et 5.ª strie tantôt est presque insensible, tantôt elle se prolonge jusqu'au tiers des élytres.

717. **H. fimetarius Herbst.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 528, pl. 9, f. 102.

Pris par Mr. C. v. Volxem en Portugal.

718. **H. uncostriatus Mars.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 532, pl. 9, f. 105.

Coimbra!, Azambuja (J. Antunes!).

719. **H. ignobilis Mars.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 532, pl. 9, f. 106.

Cannas de Senhorim!, Douro!, Azambuja (J. Antunes!).

720. **H. ventralis Mars.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 556, pl. 9, f. 108.

Serra do Gerez!.

721. **H. ruficornis Grim.**

Stet. Ent. Zeit. 1852, p. 222, *nigellatus Mars. An. Soc. Ent. Fr* 1854, p. 538, pl. 9, f. 110.

Serra do Gerez!.

722. **H. purpurascens Herbst.**

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 536, pl. 9, f. 109.

Coimbra!, Guarda!, Cannas de Senhorim!.

Var. Elytres rougeâtres (brunneus Hbst) l. c., p. 538.

Coimbra!, Espinho!.

Var. Elytres noires sans tâches, l. c., p. 538.

Serra do Gerez!, Mouraz (A. Freire!.)

Var. Toute rouge-chatain.

Coimbra!.

723. H. stercorarius Hoffm.

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 546, pl. 9, f. 117.

Serra de Rebordaos !.

Je possède un individu du Douro avec la strie subhumérale externe prolongée, touchant presque l'extrémité.

724. H. sinuatus Ill.

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 533, pl. 9, f. 120.

Commun dans tout le Portugal.

725. H. lugubris Truqui.

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 560, pl. 9, f. 125.

Bragança !.

La strie latérale externe du pronotum n'arrive pas au milieu.

726. H. funestus Er.

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 571, pl. 9, f. 135.

Je possède un seul individu du Portugal.

727. H. bisextriatus F.

An. Soc. Ent. Fr., 1854, p. 572, pl. 9, f. 136.

Bragança !, Serra de Rebordaos !.

728. H. sordidus Aubé.

An. Soc. Ent. Fr. 1861, p. 549, pl. 14, f. 39.

Foya (C. v. Volxem !).

729. H. bimaculatus L.

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 582, pl. 10, f. 142.

Coimbra !.

Var.

Tavira (C. v. Volxem !).

730. **H. 12 striatus Schrank.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 586, pl. 10, f. 145.

Coimbra!, Tavira (C. v. Volxem!).

731. **H. corvinus Germ.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 588, pl. 10, f. 147.

Bragança!, Douro!, Azambuja (J. Antunes!).

GENER EPIERUS EHICHSON

732. **E. comptus Ill.**

An. Soc. Ent. Fr. 1854, p. 699, pl. 10, f. 20.

Pris par C. v. Volxem!.

(*Continúa*). DR. MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

FETOS LUSITANICOS EM GERAL

E DOS SUBURBIOS DO PORTO EM ESPECIAL

(Continuação, v. vol. III, pag. 86)

V — WOODWÁRDIA. Swariz.

(Assim chamado do nome de Mr. Woodward, botanico inglez)

Este genero comprehende um numero limitadissimo de especies, de apparencia muito differente, tendo as frondes pinnadas, estendendo o seu crescimento de 0,^{m}30 a 1,^{m}90. Os veios reticulados, livres proximo da margem. Os soros oblongos ou linear-alongados, dispostos em uma serie unica e immersa, sobre os veios transversaes do reverso da fronde. O indusium dobrado sobre si, e o rhizoma rasteiro.

Possuimos uma especie unica do genero, tal é a que se segue.

WOODWARDIA RADICANS. Swartz.

(*W. cheia de raizes*, pelas muitas plantas viviparas que lança nas extremidades das frondes)

Synonimos — *Blechnum radicans*, Linneu.
Woodwardia biserrata, Presl.
» *spinulosa*, Martens e Galleotti.
» *stans*, Schkuhr.

Nome vulgar — ?

Descripção — Tem esta especie, como as mais que constituem o genero, as frondes pinnadas, compostas de pinnulas oblongas lanceoladas, pecioladas, pinnatifidas, com alguns segmentos lanceolados, a margem espinulosa serrulada, o vertice ponteagudo. Junto da extremidade de cada uma das frondes se origina uma nova planta, a qual attinge no local de nascimento um desenvolvimento consideravel, sendo vulgar o encontrarem-se frondes sustentando plantas com seis folhas (frondes) de cêrca de o,^{m}3o de comprimento, a alimentarem-se da fronde-mãe. As frondes terminaes enraizam proximo do vertice. A côr das frondes é verde-claro. O seu comprimento chega, nas plantas fortes, a medir mais de dois metros. Estas teem os veios reticulados; os soros dispostos em uma só serie occupam o reverso das frondes. O indusium tem quasi a mesma fórma dos soros. A estipe bastante encantadora, e as escamas grandes e de côr parda. O rhizoma rasteiro.

Habita — Caldas do Gerez e outros logares do norte do paiz, vegetando nas fendas das rochas. E' pouco abundante.

Cultura — A ordinaria dos fetos rusticos em geral.

IV — Lomaria, Willdenove.

E' este um dos generos mais interessantes; não obstante a simplicidade das suas frondes simples, pinnatifidas ou pinnadas ou bipinnatifidas, sendo as estereis mais desenvolvidas e mais contrahidas as ferteis. Os veios das primeiras simples ou forcados e os das ultimas quasi ou totalmente obsoletos.

As frondes, que por vezes (nos logares menos humidos e menos sombrios) não chegam a medir o,^{m}15, nas margens dos rios e nas proximidades das fontes, quando cobertos taes sitios por arvoredos, chegam a ter comprimento superior a o,^{m}5o nas nossas provincias do norte.

Este genero de fetos tem os esporangos reunidos em sóros lineares, continuos, repetidos e cobertos de indusio, marginando de cada um dos lados e parallelamente a nervura media dos lobulos da fronde, e prolongando-se quasi até ao extremo d'ella. O indusio membranoso e continuo, abrindo-se do lado da nervura.

Comprehende este genero um crescido numero de especies, das quaes só possuimos uma, que é a de que nos vamos occupar.

LOMARIA SPICANT. Link.

L. de *Loma*, *bórdo*, em virtude da disposição dos esporangos nas frandes, e *spicant*, de *spicare*, *pregar*, *cravar*.

Synonimos — *Acrostichum nemorale*. Lamarck.
» *spicant*. Weiss.
Asplenium » Bernhardi.
Blechnum boreale. Schkuhr e outros.
» *spicant*. Roth.
Lomaria borealis. Link.
Onoclea spicant. Hoffman.
Osmunda borealis. Salisbury.
» *spicant*. Linn.
Spicanta borealis. Presl.
Steganta » R. Brown.
Struthiopteris spicant. Scopoli.

Nome vulgar — ?

Descripção — Esta especie de fetos, como outras mais do genero, teem duas especies de frondes, sendo uma de frondes ferteis e outra de estereis. Estas são de fórma linear-lanceolada, em tufos, erectas ás vezes, porém em geral estendidas ou prostradas e lisas, e os lobulos oblongo-lineares; aquellas ordinariamente erectas, pinnadas, contrahidas, tendo as pinnulas agudo-lineares, com as margens reflexas, isto é, recurvadas, mais compridas, os foliolos muito separados, lineares, estreitos e com o reverso coberto de soros. Estes são cobertos de indusio, dispostos em linha, ao longo de cada lado da nervura media, abrangendo quasi a totalidade das pinnulas contrahidas. O indusio estreito e linear; as estipes das frondes estereis, curtas, muito escamosas proximo da base, e muito mais compridas nas frondes ferteis, e tanto n'umas como n'outras de côr entre purpura e preto.

Apresenta esta especie ordinariamente curiosas variedades, e são n'ella vulgares as frondes bifurcadas, cristadas, ramosas, multifurcadas, lancifoliadas, etc. Na nossa collecção possuimos uma variedade ramoza muito singular. Junto da base da fronde, que é curta, estendem-se para um e outro lado duas como frondes pequenissimas formando uma cruzeta, e similhando os copos de um cabo de punhal. Este phenomeno predominava no maior numero de frondes do pé abortivo. Ousamos denominar este raro e curioso aborto *var. trifotiata*.

Habita — Porto e seus arredores, e quasi todos os logares humidos do paiz, sobretudo junto ás nascentes da agua.

Cultura — Terra das beiras da agua, conservando-a sempre bastante humida, e com muita drenagem. Exposição sombria.

3.ª Familia, das ASPLENIEAS. Smith. — São distinctivo d'esta vasta familia dos fetos os caracteres seguintes: soros alongados, simples ou binnados, dispostos obliquamente ao eixo medio da fronde, sendo esta fórma especial de disposição dos soros o que distingue esta familia de fetos da das *Pterideas*, as quaes, como é já sabido, teem os soros parallelos ao eixo medio das frondes ou ás margens das mesmas.

Comprehende a familia das *Asplenieas* diversos generos, dos quaes se encontram no nosso paiz os seguintes, representados em varias especies: *Asplenium, Ceterach.* e *Scolopendrium.*

I — ASPLENIUM. Linneu.

Este genero de fetos foi assim denominado, por lhe haver sido attribuida a propriedade de combater ou curar a melancholia.

As suas frondes, cuja grandeza varia desde 0,m10 a 1,m0, são simples, pinnadas ou bi tripinnadas, com os veios bifurcados ou pinnados, e os soros lineares, oblongos ou alongados, unilateraes, simples, com um indusium linear, chato ou cylindrico, dispostos obliquamente á nervura media.

D'este genero possuimos as especies de que vamos em seguida occupar-nos.

1.ª ASPLENIUM PALMATUM. Lamarck.

(Herva da melancolia, de fórma espalmada)

Synonimos — *Asplenium hemionitis,* Brot.

Nome vulgar — ?

Descripção — As frondes d'este feto, que pela sua fórma lhe deram o nome com que se distingue a especie, attingem até 0,m15 o maximo de comprimento, e são ligadas a um rhizoma grosso e rasteiro; são além d'isso simples, membranosas, de uma côr verde brilhante, quinquelobadas, agudas, com o lobulo medio mais comprido do que qualquer dos outros, e a base cordiforme. As linhas de fructificação são extensas, muito tenues e abundantes, os soros profusos situados no reverso da fronde; a fructificação perenne tem logar em julho e agosto.

Habita — Serra de Cintra e outros logares das provincias

meridionaes, em sitios pedregosos e sombrios. Não se encontra no Porto nem nos seus suburbios.

Cultura — Terra de monte de mistura com pedras; humidade constante.

(*Continúa*). M. J. Felgueiras.

PROJECTO DE LEI

Senhores. — Se, para que nada se desperdice n'um paiz, convem que as energias individuaes todas se harmonisem e reciprocamente amparem, não ha comtudo associações de tanto prestimo como as associações promotoras da instrucção.

Saber é poder; por isso só são fortes as nações instruidas. A ignorancia, eis a causa de todas as miserias: dos embaraços financeiros, da penuria economica, do amollecimento de costumes; a ignorancia para tudo empobrece o homem: torna-o fraco operario, incapaz de sustentar com vantagem ou sequer com igualdade a lucta da concorrencia; torna-o mau cidadão, que regateia ao estado as suas dividas de sangue e de dinheiro; finalmente arranca-lhe uma a uma as virtudes moraes com que os povos fraternisam na cohesão de uma mesma familia. Toda a nação doente é ver que é uma nação ignorante; e não existe therapeutica efficaz, que não disfarce apenas a molestia, que a cure de raiz, nenhuma senão a instrucção.

Porque é que o programma politico da nossa regeneração material principalmente bem merece os applausos publicos? Porque, ao passo que foi abrindo o caminho dos mercados aos generos de cada região, ao mesmo passo tem approximado os individuos mais distantes; e d'esta vida em commum formou-se uma escola de mutua aprendizagem.

Mas é obvio que tal aprendizagem é rude, e se torna por vezes violenta, que os ensinamentos que se adquirem, batalhando pela existencia, se pagam frequentemente muito caro; e hoje então, que não só communicâmos rapidamente uns com os outros, nós portuguezes, mas que de todos os lados o paiz se franqueia aos trabalhadores estrangeiros, não ha só que receiar alguns desastres individuaes por entre a prosperidade publica, é até mesmo para temer que o nosso atrazo scientifico nos arrisque a uma ruina social. Que importa levantar barreira nas alfandegas ás correntes dos productos peregrinos, se o saber e a habilidade do productor estranho entram com elle livremente no paiz, e esses são os nossos mais terriveis concorrentes? O

protecionista logico devia empecer-lhe tambem o accesso. O resultado é ou que o industrial forasteiro leva para a mãe patria os leoninos lucros com que tivemos de remunerar-lhe a sua superioridade, e pouco a pouco o capital do nosso patrimonio se exhaure; ou, quando elle se estabeleça definitivamente entre nós com a sua riqueza, que a herdem portuguezes no nascimento mas não nas tradições; e se no primeiro caso empobrecemos, no segundo desnacionalisamo-nos.

De ambos os males padecemos, mas sobretudo do esquecimento dos bons e dos maus dias da nossa terra. Não é mister que passem muitos annos, e tudo, ainda os mais gloriosos nomes, se apaga; as nossas classes menos incultas sabem de cór as notabilidades francezas, repetem as phrases dos seus discursos, os seus versos, e poucissimos de nós ainda leem Garrett, de outro dia, poucos ainda leem João de Deus, que é de hoje mesmo! Assim vamos sendo conquistados pelo sangue e pelo espirito estrangeiro, nós que tivemos espirito bastante para sonhar novos mundos e sangue para espalhar por todos elles.

N'este estado só a instrucção nos póde valer, e quem mais instruir o paiz maior serviço lhe prestará.

Assim pensaram alguns patriotas portuenses, e fundaram em fevereiro de 1835 a Sociedade de Instrucção do Porto.

Bastariam os intuitos d'esta instituição sós de per si para nos alentarem esperanças de restabelecimento intellectual e social, porque elles demonstram que não é irremediavel o nosso mal estar. E', pois, certo que nem por toda a parte andam obliteradas as faculdades de comprehender e de sentir a fraqueza do organismo nacional, e que nem todos já perdemos a hombridade para combater as suas causas, para lhes contrapor a energia das nobres dedicações. E' felizmente certo. Quem attentar bem no paiz verá que nós não estamos para aqui unicamente a descansar das labutações commerciaes no Brazil, gosando este bello clima e desentorpecendo-nos em veleidades eleitoraes e nobiliarchicas; sente-se de todos os lados um estremecimento de vida, temos impetos de tambem cá trabalharmos na nossa terra, de trabalharmos pela sua grandeza moral.

Que diremos então do que no estreito decurso de tres annos commetteu e realisou a Sociedade de Instrucção do Porto!

Não é tempo ainda de medir o completo alcance da sua acção; essa acção tem-se diffundido pelas camadas sociaes tão largamente e tão profundamente que só o futuro patenteará

toda a importancia dos seus serviços; mas o que póde asseverar-se desde já é que ha muito que entre nós não appareceu exemplo de mais ardente e indomavel patriotismo.

Esta sociedade tem agitado na sua revista mensal, nas discussões do seu conselho scientifico, em congressos, em conferencias, em manifestos, varias das mais interessantes questões da actualidade, e em especial as questões de interesse portuguez; dos seus consocios alguns teem colligido novos materiaes para o progresso dos estudos, — ainda agora um d'elles e distinctissimo, o medico Gomes da Silva, anda herborisando em Macau; mas o que mais que tudo releva na obra da sua pujante actividade são os actos do seu amor á causa popular.

A Sociedade de Instrucção do Porto reconheceu com exacção que, se necessitâmos melhorar o ensino em todos os graus desde a escola até á universidade, as reclamações do trabalho não podem todavia aguardar que essas necessidades fiquem satisfeitas; é urgente applicar-lhe forças immediatas, — e a nossa restauração mental ainda ha de levar muito tempo, não se vê mesmo por agora quando a instrucção publica chegará a distribuir desde o alto do ensino superior quantas idéas são precisas para impulsar todas as rodagens das nossas industrias.

E' dupla a instrucção popular; comprehende a instrucção primaria, que a todas as classes sociaes serve, e a instrucção chamada profissional, que não tem o inteiro significado d'esta palavra, que se limita ás artes mechanicas, nas quaes o esforço manual do homem toma sempre parte consideravel, que é profissional, mas profissional contigua á primaria.

Para fornecer uma e outra a Sociedade de Instrucção celebrou exposições: exposição dos modelos de gesso do lyceu do Porto, em julho de 1881, exposição de historia natural em outubro do mesmo anno, exposição de camelias em Lisboa em março de 1882, exposição de pedagogia frœbeliana em abril immediato, exposição de industrias caseiras em maio, e exposição de ceramica nacional em outubro do mesmo anno; e, para que a consulta d'estes grandes documentos vingasse todos os seus proveitos, a sociedade animou as suas exposições com trabalhos praticos de rendeiras de Villa do Conde, Vianna do Castello e Peniche, de oleiros do Porto e seus arredores, etc., de modo que o visitante entre a materia prima e o artefacto encontrasse o processo. Ella celebrou centenarios: o centenario de Frederico Frœbel em 22 de abril de 1882, o centenario de Pombal. E não contente ainda de ter ministrado as noções das cousas e dos officios nas suas exposições e as noções não me-

nos uteis dos homens e do civismo nas suas commemorações; entendendo que importava tornar permanentes as exposições, accumulou collecções scientificas, collecções artisticas e industriaes e collecções pedagogicas, ás quaes só falta casa para constituirem um magnifico museu; e, entendendo que importava perpetuar as memorias illustres, começou por abrir uma subscripção para se levantar um monumento ao infante D. Henrique.

Não é tudo. Formou uma bibliotheca, promoveu a creação de um curso de desenho e de modelação para os oleiros do Porto, auspiciando-o logo com a promessa de premios para os alumnos operarios distinctos, espalhou indicações e conselhos ácerca da organisação, dos methodos e dos livros do ensino primario e primario technico; e finalmente propoz-se ella mesma a fundar a escola elementar de artes e officios e a escola primaria inicial, o jardim da infancia.

Snrs. deputados: E' para a sociedade, cujo prodigioso desenvolvimento mal esboçámos, e em cujo futuro estão já expressamente interessados o municipio e o districto do Porto, é para a sociedade que El-Rei e o governo já reconheceram de poderosa iniciativa para a prosperidade da nação, que nós temos a honra de vos propor o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º E' concedida á Sociedade de Instrucção do Porto, para a fundação dos seus institutos, a área dos terrenos ao nascente do quartel de infarteria 10 da mesma cidade, pertencentes á fazenda nacional, que o governo julgar necessaria e fizer demarcar.

§ unico. Esta concessão caduca por mudança na sua applicação ou por dissolução da sociedade.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Sala das sessões, 4 de abril de 1883.=*Bernardino Machado*=*F. J. Patricio*=*Joaquim Antonio Gonçalves*=*Licinio Pinto Leite*=*Gonçalves Crespo*=*Diogo de Macedo*=*Wenceslau de Lima.*

A morte já levou um dos signatarios d'este Projecto de lei, o snr. Gonçalves Crespo, a quem guardaremos uma grata memoria pelo serviço prestado a esta Sociedade.

A Redacção.

3.º ANNO | 1 DE JUNHO DE 1883 | N.º 6

SOBRE A INTRODUCÇÃO DAS ARTES

N'ESTE REINO

(Continuação, vid. pag. 217)

No segundo tempo, que he o das Conquistas (glorioso sim, mas em que se perdeo a moderação dos primeiros seculos) abrimos as portas ás riquezas do Oriente, que fizerão o Reino abundante, e rico; e seguio-se o luxo, companheiro inseparavel da riqueza. Passou a ser desprezo a pobreza antiga, e foi necessario que a Casa de Vimioso vestisse de Veludo as creadas, que de primeiro fôra condemnado na senhora. Trocárão-se os cabides em pannos de raz, e as mulas, e cavallos em coches. Abrimos tambem as portas ás Fazendas Estrangeiras, e mettêrão os Estrangeiros neste Reino tudo o que a arte, e luxo tinha descoberto nos outros [1]. Ainda assim nos não levaráõ dinheiro, porque como eramos senhores de todas as drogas, e riquezas do Oriente, tinhamos muito mais que dar, do que recebiamos; e daqui nascia ser Portugal o mais rico Reino, e Lisboa a mais rica Praça do Mundo, e andarem no Commercio della oitenta milhões no anno em que El-Rei D. Sebastião passou á Africa [2].

---

[1] Basta consultar só no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende as *Trovas para se saber vestyr & tratar no paço* e as outras sobre as *desordeens que aguora se costumam em Portugal* (1516). A condessa de Vimioso, a que se allude aqui, seria a altiva D. Joanna de Vilhena, fallecida em 1549, segunda mulher do primeiro Conde, D. Francisco de Portugal. A lapide sepulchral de marmore, admiravelmente lavrada, que cobria os restos dos conjuges, está hoje no museu municipal de Evora. Notaremos, entretanto, que no *primeiro anno* do reinado de D. Manoel (1495) não existia o titulo Conde de Vimioso, que só foi creado em 1516. (*Histor. genealog. Provas* vol. v p. 632); n'esse anno de 1495 tambem duvidamos que D. Francisco já fosse casado com sua primeira mulher D. Brites de Vilhena.

[2] Não discutimos a cifra; mas é certo que a Feitoria de Portugal em Antuerpia, a nossa agencia financeira internacional, suspendêra os seus pagamentos já em 1557 v. *Archeol. artist.* fasc. IV pag. 51. Em 1544 tratava D. João III de levantar um emprestimo no paiz para pagar as usuras de Flandres (Carta a João d'Evora em J. P. Ribeiro *Dissert.* vol. III, parte II, pag. 154).

O terceiro tempo, que he depois do Commercio da India, foi o em que contrahimos a enfermidade moral, que hoje padece o nosso Commercio; porque nós necessitamos de todas as cousas, que introduzírão as riquezas da India, com que as pagavamos; de que se segue, que pagamos em dinheiro aos Estrangeiros, e que excede o que nos dão ao preço das fazendas, e drogas que nos levão [1].

D. Sancho de Moncada, author citado, se admira com razão de que haja dinheiro em Castella, porque assentando que della sahem todos os annos trinta milhões, e entrão só oito, ou nove das Indias, não devia já ter com que pagar ás Nações; mas a razão que acha, he o muito que tinha entrado nos primeiros annos daquelle Descobrimento, e he a mesma que podemos dar, fazendo a conta ao muito que tinhamos recebido, e conclue que Castella se ha de esgotar, e perder-se por consequencia [2]. Oh! Queira a Providencia, que não seja castigo em nós a dilação do remedio, assim como parece castigo nos Castelhanos, e que nos livre da ruina que nos ameaça, assim como nos livrou da sua sujeição! [3]

---

[1] A dominação hespanhola reduziu-nos á miseria. Só de 1584 a 1626 tiraram os reis de Hespanha para cima de 200 milhões de escudos de oiro; não contamos as perdas das colonias contra a Hollanda e as prêzas maritimas. Na praça de Sevilha chegaram a juntar-se 900 peças de artilheria, marcadas com as armas de Portugal, etc.

[2] Moncada tinha razão; a quantidade de metaes preciosos, accumulada em Hespanha, era enorme, mas esgotou-se. Madame d'Aulnoy, autor fidedigno do meado do sec. XVII, descreve assim a baixella de ouro e prata no inventario do duque de Albuquerque: 1:400 duzias de pratos pequenos; 500 travessas grandes, e mais 700 pequenas, e tudo o mais em proporção; acharam ainda 40 escadas de prata, que serviam para trepar ao aparador, que era um altar. Os escrivães gastaram seis semanas a fazer o inventario d'estes thesouros, trabalhando duas horas por dia. O duque de Alba possuia 600 duzias de pratos, 800 travessas etc., e não se tinha na conta de muito rico (*Op. cit.* vol. II p. 173).

[3] O Brazil rendeu só a D. João V o seguinte: 130 milhões de cruzados; 100:000 moedas de ouro; 315 marcos de prata; 24:500 marcos de ouro; 700 arrobas de ouro em pó; 392 oitavas de pezo e mais 40 milhões de cruzados de valor, em diamantes. Além de tudo isto, o producto do imposto dos quintos e o monopolio do pau brazil rendiam annualmente para o thesouro cerca de milhão e meio de cruzados. (O. Martins. *Hist. de Portugal*, vol. II pag. 122).

CAPITULO IV

Qual póde ser o remedio deste damno?

Segundo a differença que foi dos tempos, que considerei no Reino, parece que o remedio do mal do terceiro tempo, será reduzir o tempo ao primeiro, ou ao segundo; ou passar á moderação, com que se vivia, antes do Descobrimento da India, ou restaural-a. Não ha dúvida ser bom este remédio e tambem fora chimera propô-lo. Fora obrigar aos romanos, no tempo dos Césares, a que se reduzissem ao tempo dos Curcios, e dos Fábios; fora digno de rizo o remedio que nos havia de obrigar a calçar unicamente botas, e a vestir os pannos das Serras de Minde, e da Estrella.

A mesma impossibilidade parece que tem a restauração da India em tempo, que não podemos aprestar duas Náos para aquelle Estado, aonde mandão trinta, ou quarenta as Nações bellicosas da Europa: esta grande obra fará Deos, quando o merecermos, ou quando for servido, se nos tiver escolhido para Restauradores, como he certo que nos escolheo para Descobridores, e Conquistadores. O remedio não he facil; mas não he tão difficil, como aquelles dois.

A Filippe III se deo por remedio, para não sahir a prata, e oiro de Hespanha, subir a moeda, e augmentar o valor do oiro, e prata, apontando as razões verdadeiramente apparentes [1]. Primeira, porque sendo levados dos Estrangeiros, como Mercadoria, que vale mais na sua Patria, que em Hespanha, subindo a preço que não valesse mais, não seria Mercadoria para elles. Segunda, porque todas as Mercadorias, ainda metaes, como cobre, que vem do Norte, valem mais na parte, aonde se levão, que na parte donde sahem, por fazerem menos vinte por cento de custo no transporte; e que assim era conveniente que valessem mais em Hespanha, donde se trazem, que no Potosi donde se tirão; mas é inutil este meio, porque como se necessita de Fazendas Estrangeiras, os Estrangeiros são os Legisladores dos preços, e sóbem as fazendas que méttem, a preço,

---

[1] Tambem os nossos antigos reis usaram d'este expediente da alteração da moeda — «a mor peste & perdiçam de hum regno» segundo Damião de Goes (*Chron. de D. Manoel.* Parte IV, p. 438 ed. de Coimbra. V. tambem: Simões d'Almeida. *A casa da moeda* pag. 39 e seg.

que iguale ao que subio na Moeda, e lhe fica com a mesma conta para a levarem.

A experiencia o tem mostrado entre nós, porque depois que a necessidade da guerra nos obrigou a augmentar o valor da Moeda, crescêram os preços de todas as fazendas, e pagamos com huma pataca, que vale trinta vintens, a mesma quantidade que pagavamos com dezeseis, o que obra, quando o Mercador tira dinheiro com a mesma conta que antes, sendo só nossa a grande perda que vai de dezeseis a trinta.

A prohibição, e as Leis que impedem a sahida do dinheiro, que já apontei, não ser remedio no Conselho de Castella, com huma razão apparente dizião, que se praticava assim em todos os Reinos visinhos, donde he certo, que os moradores não tirão dinheiro, e que se não dá maior razão para que estas Leis produzão o effeito para que forão estabelecidas nos outros Reinos, e não em Hespanha; porém a razão da differença he clara.

Os Estrangeiros tem fazendas, com que pagão todas as Mercadorias de que necessitão; o que obra, que as suas Leis tenhão facil execução, e as nossas difficil, e impossivel, porque não temos com que commutar aquelle grande número das que necessitamos, e somos obrigados a pagar o excesso a dinheiro. Deste remedio usavão inutilmente os Castelhanos, porque prohibião a extracção do dinheiro, com infinitas Leis, e Pragmaticas reiteradas em todos os Governos, desde o tempo dos Reis Catholicos, até o presente, e em huma que publicou Carlos v. dá a razão nestas palavras «Por quanto los Francezes llevan el oro, y con el nos hazen la guerra.»

Finalmente o unico meio que ha para evitar este damno, e impedir que o dinheiro não saia do Reino, he introduzir nelle Artes [1]. Não ha outra idéa que possa produzir este effeito, nem mais segura, nem mais infallivel.

CAPITULO V

Prova-se a infallibilidade deste meio

A Prova he evidente. As fazendas lavradas, que os Estrangeiros méttem no Reino, são as que unicamente fazem exceder o valor do que lhe damos em trôco, como fica dito: pela

[1] Esta é a these capital: instrucção, engenho e arte.

introducção das Artes, se evita a introducção das fazendas, que os Estrangeiros méttem no Reino, e teremos com que pagar as fazendas, e drogas que entrarem, sem que seja necessario pagallas.

Da maior, e da menor desta conclusão, se não póde duvidar; porém façamos mais verosimil a prova da menor. Todos sabemos, que a maior despeza, e gasto que faz o Reino he de baetas, sarges, pannos, e mêas de seda, e de lã, etc. Sarges, gastão quasi todas as Communidades de hum, e outro sexo do Reino. Só os mantos das mulheres bastão para o consummo de huma grande parte deste genero. Todos no verão nos vestimos communmente de sarges, e de baetas, e não só nos vestimos todos, e as usamos nos luctos, mas somos os unicos que as gastamos em Europa. Mêas de seda, fica dito, que só á Inglaterra gastamos 80$ pares. Pannos, he uso commum de grandes, e pequenos em todo o Reino no inverno, e não só no Reino, mas em todas as Conquistas. Estes são os generos que os Estrangeiros navegão, de maior custo, e que o uso commum faz mais importantes no Reino, o que na verdade he cousa vergonhosa para as Nações de Hespanha, e Portugal. Supponhamos que obramos o que baste para o uso commum do Reino, e Conquistas nestes cinco generos ordinarios: de sarges, baetas, pannos, mêas, e papel [1], deixo á consideração de todos o que pouparemos de dinheiro, cujo gosto nos empobrece, e enriquece as Nações de quem as recebemos.

CAPITULO VI

Se he facil no Reino a introducção das Artes

Os Authores reduzem as Mercadorias, que dependem de Arte, a tres classes, a saber: humas tem metade de obra, e metade de materia, como são sedas; outras tem huma parte de materia, e duas de obra, como são linhos, algodões, lãs, e obras de ferro; outras tem todo o valor, pela fábrica, pelo pouco que vale a materia, como são algumas obras de madeiras, e particularmente papel.

Destas são as mais necessarias para a Républica as da

[1] Do valor dos tecidos importados já fallamos (pag. 212 nota 2.ª); eram cerca de 2:282 contos em 1777; o papel importado valia 83:927$120 réis. (*Dicc. do Com.* p. 163).

segunda e terceira classe, por duas razões; primeira, porque são as do uso mais commum; segunda, porque tendo todo o valor na obra, dão mais ganho ao Artifice, que o bom Governo deve procurar que fique aos naturaes, e não passe aos Estrangeiros[1]. Outra differença se considéra nestas Artes: humas são faciles, e outras difficultosas de obrar; as mais faciles são as que não tem valor que iguale ás difficeis, como são pannos, sarges, baetas, etc. as mais difficeis são sedas lisas, e lavradas, brocados, tapeçarias, etc.

As do uso commum são as mais faceis de obrar, e mais necessarias ao Reino; e as que inculco para o fim que se dirige este papel. Não digo, que se procure a introducção, e fábrica dos mais difficeis, e que façamos logo Fábricas de brocados, papel, e outras cousas semelhantes, supposto que fôra utilissima a introducção de todas, como mostra este Discurso[2].

A introducção das Artes, que são mais communs, he mais facil nas terras, onde ha materiaes, que nas onde faltão, por consequencia mais facil será entre nós, do que entre os Estrangeiros. Todos sabemos que no Reino, e nas Conquistas ha grande abundancia de lãs, linho, algodão, e todos os materiaes, e drogas que servem para tintas; porém não ha abundancia de seda, por falta de applicação ao seu cultivo, como direi em outro lugar[3].

---

[1] E' um principio perfeitamente exacto, e que faz com que um prato de estanho de Briot valha ás vezes mais do que uma baixella de prata; é o principio da transformação do valor das materias primas sob a influencia da arte. Exemplo evidente: a ceramica, cuja materia prima, o barro, não tem quasi valor algum.

[2] De 1734 á primeira invasão franceza (1807) houve um movimento muito notavel na fundação de fabricas, que é conhecido só de poucas pessoas. Póde estudar-se nas obras de Neves e de Ratton; fizeram-se tentativas em quasi todas as industrias e muitas com brilhante exito. A invasão franceza, com o tratado de 1810, a brutalidade, inveja e perfidia dos inglezes, que arrasavam tudo sob pretextos estrategicos, obrigaram-nos a começar pelo principio, como em tempos de D. Pedro II (1.ª reforma das fabricas 1678-1703). A fabrica de tapessaria de Lisboa foi fundada em julho de 1771. Em Tavira estabeleceu-se outra em 1776.

[3] O autor faz a mesma promessa mais adiante (p. 43), mas não sabemos que a cumprisse. Não havia abundancia de sedas, porque as leis não se guardavam, e comtudo não haverá decerto industria alguma de Portugal sobre a qual se escrevesse mais, desde o meado do seculo XVII: Bluteau (1679), Soveral (1701) Sabbatino Nirso (1772), Almeida Osorio (1773) Dr. Sá (1787). Alguns d'estes autores tiveram duas e mais edições. No presente seculo escreveram Neves (1827), Visconde de Santarem (1838), Timelli (1843) e recentemente Fradesso da Silveira, Guerra Tenreiro, Conde de Samo-

Carlos V, costumava dizer, que os Hespanhoes parecião sisudos, e erão doidos, e os Francezes apparecião doidos e erão sisudos. A razão desta differença he clara. Os Hespanhoes tem todos os materiaes, e desprezão as Artes; e os Francezes não tem os materiaes, e estimão as Artes. Os Hespanhoes tem lã que vendem aos Francezes, e depois comprão as obras de lã aos mesmos, com mais dez partes de excesso do valor, do que a materia que vendêrão. Quem não dirá que esta Nação he bárbara, e aquella civil; esta louca, e aquella sisuda?

Por onde se deve começar para a introducção das Artes, he com a prohibição rigorosa de sahirem do Reino os materiaes que se pódem lavrar nelle; além de que a sahida das lãs perde, infallivelmente, as poucas Fábricas que ha de pannos, por huma razão evidente. He certo que a abundancia das lãs as fará dar a melhor preço, e a falta, as fará valer mais caras. Se os nossos Artifices as acharem baratas, poderão dar os pannos a melhor conta, e pelo contrario, se não as acharem a bom preço: daqui se segue que compraremos mais baratos os pannos aos Nacionaes, do que aos Estrangeiros, e pelo contrario, faltando aos Nacionaes o gasto do que obrão, deixão de obrar, e se perdem as Fábricas, que he o mesmo que succedeo aos Castelhanos, como veremos.

Ponhamos o exemplo no panno de linho: este he o unico material que se fabríca no Reino, e não sahe delle, e daqui vem, que temos panno de linho, não só para commum gasto

---

dães, Moser etc. Sobre a creação do bicho da seda já ha providencias no foral que o Arcebispo de Braga Dom Silvestre Godinho deu aos moradores do couto de Ervededo em 1233. D. Affonso V, instado pelos procuradores nas côrtes de 1472 e 1473 deu providencias sobre o augmento da plantação das amoreiras, que já existiam em certo numero, principalmente em Traz-os-Montes, Lamego etc. (v. *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas*, por Rui Fernandes em 1531-1532 nos *Ineditos de historia portugueza* Lisboa, Acad. vol. V pag. 546 e seg., indica a producção de 80:000 onças para a região citada). Como prova do nosso desleixo cita Bluteau o seguinte: que tendo-se recebido na côrte uma certidão de terem sido plantadas na provincia de Entre Douro e Minho 18:000 amoreiras n'um só anno, porque as ordens de Lisboa eram muito severas, e indo elle, Bluteau, a essa provincia d'ahi a quatro ou cinco annos, chegou a Braga sem ter visto uma só amoreira. Disseram então ao viajante «que a dita certidão se fundara na successiva transplantação de huma só estaca, a qual correra toda a provincia de horta em horta, & de campo em campo com testemunhas, que affirmavão ter visto plantar na horta deste & d'aquelle huma amoreira». *Vocabulario portuguez e latino*. Lisboa, 1712, vol. I pag. 349 sub. v. *Amoreira*. E no seu opusculo: *Instrucção sobre a cultura das amoreiras* etc. Lisboa, 1728, 2.ª ed.

do Reino, mas para vender a Castella, e para mandar ás Conquistas [1]. Não sahir esta materia do Reino, e gastarem-se as obras que della se fazem, he causa de que toda huma Provincia (Deos louvado!) se applique ás obras de linho. Isto mesmo succederá com a lã, senão sahir do Reino, se houverem Artifices para obrarem os generos, que aponto, que necessariamete hão de ter gasto, teremos não só o que baste para o Reino, mas para darmos a Castella, e mandar ás Conquistas.

Já por uso, e Lei do Reino se dá Privilegio por dez annos, isenção de Direitos a qualquer Artifice, que inventar alguma Fábrica nova. Lei justa, e util: e porque os Prémios, e Privilegios tudo facilitão, depois de haver Artifices, será conveniente cuidar em premiallos, o que se póde fazer gastando a Fazenda Real mil cruzados nos primeiros annos de pensão aos Artifices, que melhor obrarem este ou aquelle genero [2], e ordenando Sua Alteza, que para os dotes da Misericordia sejão preferidas as moças que fiarem lãs, e obrarem mêas, e fittas, etc. Tambem facilitará a escolha dos lugares abundantes de aguas, e lãs, deixando para a Provincia do Minho, Comarca de Lamego, e algumas Terras da Provincia de Tras-os-Montes, o trabalho do linho, e da seda, que nellas se continua. Deixo para outro lugar outros meios, que vi praticar em França.

---

[1] Na *Descripção de Lamego,* supracitada lê-se a pag. 555 que a producção do panno de linho representava 180:000 varas; a estopa vendia-se a 12, 14, 15 até 20 réis; o panno de linho de 15 até 100 e 120 a vara «e vende-se este pano a mercadores, e vae pera Castella muita soma, e pera lixboa, e pera alenteio, e pera o algarve, e pera as Ilhas, e outro se gasta na terra, e fitas em peças». O panno de linho a 100 e 120 réis a vara já devia ser um tecido muito bom.

[2] Accursio das Neves já lembrava em 1827 as exposições publicas, como «um dos meios mais adequados que a politica moderna tem inventado para estimular o aperfeiçoamento das artes, e manufacturas» (*Noções* pag. 133). A primeira *Exposição industrial portugueza* foi a de julho de 1838, feita pela *Sociedade promotora da industria nacional.* Os premios, concedidos á industria, chegaram a ser muito importantes. O Alvará de 6 de janeiro de 1802 estabeleceu quatro premios annuaes de 1:600$000 cada um, pagos pela Fazenda Real, sendo dous para Traz-os-Montes e Beira, e dous para as outras provincias do reino, ás pessoas que mostrassem ter plantado de viveiro maior numero de amoreiras, que transplantadas tivessem fructificado, e que houvessem vendido á Real companhia das sedas maior quantidade de casulo que fosse producto da sua lavra. Neves, *Op. cit.* pag. 382).

CAPITULO VII

Se tem inconveniente esta introducção das Artes

O primeiro inconveniente que se considéra, e que he commum entre os nossos Ministros, he dizer, que se introduzimos as Artes, não terão sahida as nossas drogas, que os Estrangeiros buscão a troco das suas Manufacturas, e perderemos as Conquistas, que só com a sahida dellas se conservão, e a Fazenda Real o Direito das Alfandegas: e anda tão attendida esta razão, que se tem por odiosa a prática de introduzir as Artes na opinião de muitos; mas deixando para outro lugar as felicidades que com ellas se introduziráõ no Reino, e suppondo que póde ter inconvenientes, respondo a elles.

1.° Que he necessario examinar qual he maior damno, se continuarmos no estado presente, que nos esgota o Reino de dinheiro, e nos deixa as drogas, ou diminuir a sahida das drogas, pela introducção das Artes, que he só o remedio que temos para impedir a extracção do dinheiro, ouro, e prata do Reino.

2.° Eu não digo que introduzamos tantas Artes, que não necessitemos dos Estrangeiros, supposto que sou de opinião contraria; digo só por agora, que introduzamos as mais necessarias, e as que tem uso commum, e bastaráõ as que ficam para se commutarem pelas nossas drogas, e fazendas que temos para dar. Por exemplo, se temos quatro milhões em drogas, e fazendas que dar, e necessitamos de receber oito, introduzamos as Artes que valhão os quatro, que he este, como fica dito e provado, o unico remedio, que temos para conservar o dinheiro, e com esta conta, que não será difficil, cessará a razão do temor deste inconveniente, e se achará, que não só o não he, mas que he muito necessaria, para remedio do Reino, a introducção das Artes.

3.° He falso o principio, que depende da falta das Artes a sahida das nossas drogas; porque se facilita, ou difficulta por outro principio mais natural, que he a necessidade que os Estrangeiros tem dellas. Se necessitão dellas, a abundancia das Artes não as ha de difficultar. O exemplo tem passado por nós: ha alguns annos que o açucar, e tabaco tinhão muita sahida, porque só nós he que tinhamos abundancia destas drogas, e todos necessitavão dellas. Fizerão as Nações Fábricas de açucar, e tabaco nas Ilhas da America, e faltou a extracção,

porque não tiverão necessidade destas drogas; donde se vê, que nem a falta das Artes foi a causa do muito gasto, nem tambem a introducção das Artes, do pouco.

Outro principio ha tambem para facultar, ou difficultar a sahida das nossas drogas, que he o havellas em outra parte a melhor preço, que he o meio de que usão os Hollandezes em toda a parte do Mundo, e com que se conservão senhores do Commercio.

Tambem a muita abundancia destes generos póde ser a causa, ainda que todos necessitem delles; porque se bastão para a Europa cincoenta mil caixas de açucar, e nós lavramos 100$000, necessariamente ha de faltar a sahida a 50$000, sem que a introducção das Artes, seja culpada nesta falta [1]. Isto succede commummente em todos os fructos da terra, em que ha huns annos de maior abundancia, que outros, como são as nossas drogas, que em huns annos se gastão todas, e em outros sobejão, porque ha mais do que se podem gastar.

4.° Se não tiverem sahida as nossas drogas, porque faltárão os Estrangeiros a virem buscallas, ou pela introducção das Artes, o que não poderá ser, ou porque as tem entre si, nós as navegaremos aonde elles as navegão, porque, em fim, nós lhe ensinámos a Arte de Navegar; e assim supriremos a falta de sahida para as nossas drogas, pelo excesso que levão na bondade ás dos Estrangeiros.

CAPITULO VIII

Prova se que não tem inconveniente, pelo exemplo das mais Nações da Europa

A Providencia Divina, cuidadosa da mutua correspondencia dos homens, e da Sociedade Civil das Nações, não deo a huma só os Bens da Natureza; repartio por todas ellas a

---

1 Veja-se a declaração do Marquez Durazo (supra) sobre os armazens de Genova, atulhados de assucar e tabaco, que os genovezes nos haviam comprado, e que vendiam a mais baixo preço do que em Portugal, por falta de extracção. Bluteau, nas suas *Instrucções* já citadas (1.ª ed. 1679) reproduz estes argumentos, que refutam os pretendidos inconvenientes da introducção das artes sobre o commercio das drogas; dizemos: reproduz, porque decerto foi Macedo que lh'os communicou, tendo já escripto o seu *Discurso* em 1675. Os argumentos de Bluteau são menos completos, e menos bem encadeados (pag. 315-317 da ed. de 1728).

producção pela diversidade dos climas, para que a necessidade, que huns tem do que os outros produzem, facilite o Commercio, e o Tracto entre os homens, levando huns, e trazendo outros, o de que necessitão todos.

Daqui se segue, que não ha Provincia tão abundante que não tenha necessidade dos fructos alheios; e nenhuma tão pobre, e tão esteril, que não tenha que mandar ás abundantes; mas a Industria, e a Arte repartio igualmente a todas as Nações, fazendo a todas capazes das Operações da Arte, e se faltão em algumas, he por falta do uso, e da Policia, e não da capacidade.

Temos o exemplo em Alemanha, onde hoje florecem as Artes, e que era no tempo em que escreveo Tacito, tão inculta, e bárbara, como sabemos he hoje a America, e Ethiopia.

Daqui se segue, que será castigo, e não disposição da Providencia, a menor applicação que humas Nações tem, mais do que outras, ao exercicio das Artes Mechanicas: mas deixando as moralidades, a que dava occasião este reparo, digo, que aquella distribuição da Providencia segura entre os homens a sahida de todos os fructos, de que tem abundancia, pela commutação dos de que tem falta; e que as Artes, ainda que sejão communs a todas as Nações, não podem impedir, nem ser damnosas ao Commercio. Esta he a razão porque todas as Nações bem governadas procurão ter abundancia de Artes, sem que nenhuma tema o receado damno, de que as Artes lhe serão contrarias ao seu Commercio. Vejamos o que ellas praticão.

Inglaterra, e Hollanda não tem sedas, porque a Natureza negou esta producção aos seus climas, e assim as recebem das Terras que as produzem, mas o que a Arte põe em obra, destas materias, procurão cuidadosamente ter em abundancia; porque se as fossem buscar lavradas para seu uso, custar-lhes-hião muito mais do que valem as fazendas, e drogas que commutão por ellas.

França não tinha seda, mas era capaz de a produzir, vinhão-lhe de Italia as roupas de seda para seu uso. Henrique IV., não menos glorioso por esta obra, que pelas victorias que conseguio, fez plantar as Amoreiras, e criar os Bichos, e chamou á França com grossos salarios, Mestres Estrangeiros de differentes partes, introduzindo esta Fábrica em França, de sorte que he hoje esta Arte huma das melhores, e de que se tira huma grandissima utilidade [1]. O Marquez de la Riviere, Residente de

[1] V. adiante as noticias sobre esta industria franceza.

Genova em París, me disse, que antes de haver as Fábricas de seda em França, tinha Genova dois mil teares, e que hoje tem sómente quatrocentos. Li em hum Livro impresso em Paris no anno de 1655 o Decreto de Henrique IV, sobre a introducção da Fábrica da Seda, e achei nelle todas as razões, em que se funda este Discurso. As palavras são as seguintes, traduzidas fielmente no nosso idioma:

«El-Rei no seu Conselho, reconhecendo que a introducção das Sedas nas Terras do seu Dominio, he o unico remedio para evitar a sahida de quatro milhões de ouro, que todos os annos passão ás Nações Estrangeiras pelas Sedas; que era neccessaria esta Arte para o decóro publico, e para riqueza, e occupação de seus vassallos, Ordena, etc.»

Os Venezianos são tão cuidadosos de que tudo o que a Arte acha de novo fóra de Veneza se obre na sua República, que no mesmo tempo prohibem a entrada das novas manufacturas, e procurão Artifices dellas, porque tem por felicidade e riqueza, que os Estrangeiros não levem ao seu Estado cousa alguma que dependa da Arte, e nelle possa fabricar-se. O ultimo exemplo são as cabelleiras, cujo uso prohibirão, excepto as que se obrassem em Veneza.

Em França ha hoje este mesmo cuidado. Vierão no meu tempo a París humas rendas de Italia, a que chamão ponto de Veneza; começarão a ser móda com grande despeza della; acudio o Governo com grande remedio, introduzindo a Arte a todo o custo, e prémios a quem melhor obrasse, e prohibindo a entrada com tal rigor, que se queimavão em Praça Publica as que se achavão nas casas dos Mercadores, de que resultou huma grande utilidade e abundancia, de sorte que sahem hoje de França por Mercancia [1].

---

[1] E' propriamente a Colbert que a França deve a sua industria das rendas (von Dumreicher *Op. cit.* pag. 77). Apezar de alguma producção em Paris, na Normandia e na Auvergne, as rendeiras luctavam com a miseria em face dos productos de Genova, Veneza e dos Paizes-Baixos, que as classes abastadas favoreciam, apesar de antigas ordens do rei d'esde Luiz XIII. Colbert não se contentou com prohibir: fundou pelo edital de 1665 as manufacturas do *Point de France*. Uma Madame Gilbert foi installada com trinta rendeiras venezianas n'uma das propriedades do ministro, no chateau de Louvay, recebendo o enorme subsidio de 150:000 livres, e privilegio por dez annos. Appareceram depois os estabelecimentos de Chantilly, Gisors, Sedan, Charleville, Argentan, Auxerre e Montargis; em Reims fundou-se uma officina com 6 rendeiras venezianas, 22 flamengas e 30 francezas. Passados vinte annos havia na Normandia 22:000 rendeiras,

Os Genovezes observárão ha pouco tempo que os pannos de Inglaterra, e Hollanda lhe tiravão o dinheiro da Républica; introduzirão uma Fábrica delles, emprestando a Républica aos Officiaes e Mercadores, a quem a encommendarão 150$ escudos. Tiverão industria para tirarem obreiros de Inglaterra, e se achão já com tantos pannos, e tão finos, que os navegão, com grande utilidade, á Turquia.

A grande riqueza de França procede unicamente de que, tendo muitos fructos necessarios que dar ás outras Nações, procurão ter todas as Artes que lhes faltão, para que o dinheiro que entra pelos fructos não saia pelas Artes, e passa este cuidado a tanto, que El-Rei manda Francezes a Escólas de Pintura e Escultura á Lombardia, e Roma dando aos Mestres que os ensinão grossas pensões [1].

Grossio, Embaixador de Hollanda em França, deo a El-Rei huma Memoria, em que por miudas addições do que mettião os Hollandezes, e do que tiravão de França, mostrava que era tal o valor dos fructos que tiravão, que introduzindo muitos, erão ainda assim obrigados a metter dez milhões de libras em dinheiro, porque nada, ou pouco do que depende da Arte, mettião; e perguntando eu como recuperavão aquella grande somma, me disse, que com o grande interesse que tiravão de navegar os mesmos fructos ao mar Baltico, e ao porto de Archangel em Moscovia.

São infinitos os exemplos, com que pudéra provar este Capitulo, mas estes bastão para que perguntemos a nós mesmos, como poderá ser damnoso ao Commercio o que serve de utilidade a todas as Nações, e (é) procurado cuidadosamente de todas, como base fundamental de sua riqueza? Cuido que não acharemos razão contraria, e que veremos que o nosso descuido neste particular he o damno unico do nosso Commercio, que, como febre hectica do Corpo da Républica, nos consomme, e perde. Queira Deos que me engane!

---

e uma sociedade d'esta industria fundada por acções em 1666 dava em 1669 trinta por cento de lucro; e depois deu ainda mais. Nós tivemos ainda no meado do sec. XVIII o *point du Portugal*, que desappareceu v. *Histoire de la dentelle*, por m.me Bury Palliser, trad. fr. pag. 96.

[1] Allude-se á fundação da Academia de França, em Roma, installada na Villa Medicis por Colbert (Estatuto de 11 de fevereiro de 1666). D. João V (1706-1750) fundou logo no principio do seu reinado, em Roma, a Academia de Portugal, cujas ruinas Cyrillo Volckmar Machado viu ainda em 1776 (*Memorias* pag. 93) V. a nossa biographia de D. A. Sequeira no *Plutarcho portuguez* vol. II.

Deixei para o fim da primeira parte deste Discurso o advertir que os Estrangeiros entendem tão claramente a perda que terão da introducção das Artes neste Reino, que mandando eu de Paris hum Mestre de Chapéos de Castor a Lisboa, por ordem do Marquez de Fronteira, o Consul de França lhe offereceo o perdão de hum delicto que tinha em França, mais huma pensão de 200$ réis, com o que o fez tornar para a sua Patria. Do mesmo modo succedeo com D. Francisco de Mello, o qual pertendendo mandar de Londres hum tear de mêas de seda, não pôde vencer as difficuldades e prohibições, com que o impedirão [1].

SEGUNDA PARTE

Parece que fica provada a grande, e indispensavel necessidade que ha, de introduzir, ao menos, as Artes necessarias no Reino; que não he difficil, esta introducção; e que são errados os inconvenientes que se lhe considerão: mas se os grandes males, a que esta falta nos expõe, não bastarem a persuadir-nos a buscar-lhe os remedios, bastem as grandes felicidades que se seguirão ao Reino, inestimavel cada huma ao bem público.

1.ª Que a introducção das Artes em commum evitará o damno, que fazem ao Reino o luxo e as modas.

2.ª Que tirará a ociosidade do Reino.

3.ª Que o fará povoado, e abundante de gente e fructos, e poderá, sem que lhe faça falta, ter gente para as Colonias e para as guerras.

---

[1] Estas noticias são authenticas, e confirmadas por outros documentos. Dumreicher (*Op. cit.* pag. 75) diz o seguinte: Um edital de agosto de 1669 prohibia aos artifices francezes o acceitarem serviços em paizes estrangeiros, sob pena de confisco de bens. Em 1671 passou a Portugal o fabricante de pannos Lambert de Rouen para fundar aqui uma fabrica da sua industria. Colbert reclamou a entrega do artifice pelo embaixador de França, o que conseguiu com promessas e ameaças. Em 1679 tentou o embaixador de Hespanha passar trinta artifices de seda, oriundos de Rouen, no seu sequito, mas Colbert, sabendo do facto, mandou-os prender, até que o diplomata partiu. Nos outros paizes fazia-se o mesmo. O embaixador de França em Veneza, respondia a Colbert, sobre um pedido de operarios para uma fabrica de espelhos e crystaes, que elle, contractador, se arriscava a ser lançado ao mar, sem mais cerimonia. O conselho secreto de Veneza punia toda a familia do emigrado, com prisão, até que chegasse noticia de ter sido assassinado pelos seus sicarios, espalhados por toda a Europa etc. (Dumreicher pag. 81).

4.ª Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

5.ª Que as Rendas Reaes se augmentaráõ.

Cada huma destas cinco proposições, só per si executadas, parece que bastará para fazer o Reino feliz; e sendo certo que com a introducção das Artes se executão todas, quem não dirá que das Artes depende a felicidade do Reino? Vejamos as provas.

CAPITULO I

Que a Introducção das Artes evitará o damno do luxo e das modas

Em primeiro lugar desejo a moderação no uso de vestir, e nos adornos das casas, e que nos regulasse nelles, não a abundancia e vaidade mas o concerto e modestia. Para esta moderação dérão preceitos os Philosofos, e Jurisconsultos, e, o que mais para nós he, os Padres da Igreja Conselho; porém, como a ambição e a vaidade são vicios quasi naturaes da nossa condição, os Conselhos e os Preceitos obrão pouco com nosco. Daqui se segue, que o Reino terá grande interesse de que ainda que haja luxo e gasto superfluo no vestir e adornar as casas, não seja damnoso ao Reino.

O damno do Reino não consiste em que cem particulares mal governados gastem o Patrimonio em adornos e vestidos, se da fazenda que estes gastão, se sustentarem outras tantas familias no Reino; o em que consiste o damno, he em que a fazenda, que o máo governo de huns consome e dissipa, seja alimento, e utilidade dos estranhos. As Artes obrão, que aquelle damno particular de huns seja utilidade de muitos no mesmo Reino; e a falta dellas, que aquelle damno seja communicavel a todo o Reino. A razão he facil de achar. Se todas as manufacturas e fazendas que consomme o uso immoderado dos vestidos e adornos das casas são obradas no Reino, nelle fica o custo dellas repartido por tantas mãos, quantas são as por onde correm aquellas fazendas até á Tenda do Mercador; porém se são Obras Estrangeiras, lá vai parar o dinheiro, e lá sustenta aquelle grande número de gente com a riqueza que pudéra ficar no Reino.

Mais me atrevo a dizer. Em hum Reino rico, e com Artes, não só he hutil aquelle appetite, ainda que seja immoderado, de vestir custosamente, e adornar ricamente as casas, mas he necessario e conveniente. Valerio Maximo o tem por huma

especie de liberdade: *Quid opus libertate, si volentibus luxa perire non licet.* Liv. 2. Cap. 9. Proverb.

O dinheiro nos Reinos tem a qualidade do sangue no corpo humano, que alimenta a todas as partes delle, e para isso anda em huma circulação perpétua; de sorte que não para, senão com a total ruina do corpo. Isso mesmo faz o dinheiro, porque tira das mãos dos pobres a necessidade, pelo appetite e vaidade dos ricos. Pelas Artes passa aos Mercadores, dos Mercadores a todo o genero de Officios, e mãos por onde correm os materiaes, que põe em obra a Arte. Destas mãos ás dos Lavradores, pelo preço dos fructos da terra, para sustento de todos. Dos Lavradores aos Senhores das fazendas, e das mãos de todos, pelos tributos, ao Patrimonio Real. Deste sahe outra vez pelos Ordenados, Tenças, Soldos, Armas, Fábrica de Náos, de Edificios, e de Fortificações, etc. Quando esta circulação do dinheiro se faz no Reino, serve de alimento a todo elle; porém quando sahe do Reino, faz nelle a mesma falta que o sangue, que se tira do corpo humano. Este exemplo não tem nada de ficção, nem de adorno; he tão natural e visivel, como direi em outro lugar.

Supponhamos que hum Principe enthesourou todo o dinheiro que lhe tributa o seu Estado; he certo, que em poucos annos o esgota, e que faltará aos pobres e ricos com que o tributar, e alimentar-se: esta he a razão porque os Politicos aconselhão aos Principes, que não téndo em que gastár, e não sahindo de Minas o seu Thesouro, fabriquem Palacios, porque para o dinheiro entrar nas mãos do Principe, he necessario que saia [1]. A Providencia Divina tambem acudio a isto, e não quiz que se accumulassem todos os bens em huma só mão; porque

---

[1] D. João v tentou este caminho, mas com pouco criterio, porque lhe faltaram bons conselheiros; isto é reconhecido principalmente pelos diplomatas estrangeiros, residentes em Lisboa, que apreciaram o seu caracter com mais imparcialidade do que nós; v. Santarem, *Quadro elementar* na introducção ao vol. v. Gastou-se prodigamente, mas sem plano. O que se fez em materia de instrucção industrial, de organisação do ensino technico, foi tudo fragmento, obra do acaso, ou do capricho; trabalho sem tenacidade, sem criterio, meias medidas; um mixto de ideias aproveitaveis e de muitos absurdos. A *Pragmatica* veio no fim, no penultimo anno do reinado!! A *Pragmatica* do reinado anterior (fevereiro de 1677) não foi mais feliz, mas, ao menos, *precedeu* a organisação das novas fabricas, o plano da reforma do ensino, que era o de Macedo, e tinha dado excellentes frutos, quando o tratado de 1703 o anniquilou, depois da febre mineira de 1693? (v. as *Cartas* do P.e Antonio Vieira a Macedo, sobre a Pragmatica de 1677 vol. IV pag. 253 e 274.

ordenou que se repartissem por muitos. Ordinariamente vêmos que o filho do avarento he pródigo, e que divide e dissipa este o que ajuntou a ambição do pai.

Daqui parece que se segue que não são damnosos ao Reino o luxo, e a vaidade dos gastos no vestir, e adornar as casas; quando as Fábricas, que servem a este uso, são obradas no mesmo Reino, antes he utilidade; porque obra que o dinheiro sirva de alimento a muitos.

(*Continua*). DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, vid. pag. 200)

E' evidente, olhando-se para a numerosa collecção de boiões exposta, que houve fabrico importante de faiença em todo o seculo XVII, mas não ha variedade de fórmas; são quasi tudo peças de botica: boiões e potes mais ou menos bojudos. E, comtudo, o louceiro popular antigo, cultivava uma grande variedade de fórmas, como póde ver-se nos quadros chamados de Grão-Vasco, dispersos pelo paiz. Ha muito que estudar n'essa mina desconhecida, que nos foi de grande auxilio em os nossos estudos sobre a antiga ourivesaria portugueza. N'esses quadros distingue-se perfeitamente o que é louça rustica e o que é faiença importada allemã, flamenga etc.

Podiamos publicar aqui um curioso catalogo d'essa louça, conservada em desenho nos nossos quadros, e sem um guia d'esta ordem, ou outro parecido, não se póde fazer luz. Além d'esta collecção pintada podiamos ter outra real, effectiva, se em nossos dias, ha poucos annos apenas — o que parece incrivel — não a tivessem destruido em Lisboa. E' o caso: O snr. Nepomuceno, que dirigia então (1874-1875) as obras de restauração do extincto convento da Madre de Deus, tinha reunido n'uma das salas grandes do edificio toda a louça antiga que as freiras haviam deixado ao estado. Era principalmente louça popular das Caldas, do seculo XVI e XVII, de barro vermelho escuro, com esmaltes verdes, mais de um cento de peças raras e de fórmas curiosas. Démos os parabens ao snr. Nepomuceno quando vimos aquella riqueza; passados tempos soubemos que este snr. já não dirigia as obras. Uma mudança de ministerio e de politica produziu uma mesquinha vingança

e o benemerito architecto, que havia salvado o celebre convento da ruina (um verdadeiro muzeu de todo o genero de objectos), foi transferido. A collecção de louças foi desbaratada; cada um levou o que quiz, e o resto quebraram-n'o em serviço diario os actuaes inquilinos do convento, hoje Asylo D. Maria Pia. Recordaremos, para citar só um exemplo, que o celebre *presepio* foi dividido por varios individuos que não tiveram escrupulo de exporem os fragmentos no ultimo certamen de Lisboa [1].

Vimos ha poucas semanas, apenas, o ultimo exemplar da Madre de Deus, uma bilha pequena, esmaltada de verde.

Não foi, porém, só louça popular que produzimos nos seculos XVI e XVII. Um antigo autor portuguez, Nicolau de Oliveira, escrevia em 1620 noticias curiosas sobre a industria de Lisboa. Tinha a capital então: oito fornos de louça vidrada; vinte oito de louça de Veneza (!); quarenta e nove de louça vermelha e dezaseis fornos de tijolo e telha. Elle acrescenta ainda o numero de oleiros de azulejo, que eram treze, «inda que se faz muito nos fornos de louça de Veneza» [2].

Um outro escriptor ainda mais antigo, Christovão Rodrigues de Oliveira (1551) refere que havia 204 mulheres que vendiam louça (além de 15 que vendiam vidro) e nada menos de 206 oleiros, não contando 22 homens que faziam tijolo. A grande *Estatistica* manuscripta, que foi redigida um annno depois (1552, Bibliotheca Nacional) conta o seguinte: «Tem (Lisboa) 70 tendas e casas, tudo junto, em cada uma d'estas fazem louça de barro.» O pessoal subia a 180 pessoas, com mais 30 que se occupavam em louça vidrada, e viviam em dez casas.

Por estas noticias se vê que no proprio officio de oleiro havia divisão do trabalho, e especialidades, como no officio dos que lavravam o ouro e a prata, e faziam obras de cravação. E não faltava ajuda e auxilio das outras artes, porque havia 47 debuxadores para dar os desenhos, e 76 pintores; nem podia ser pouco o que se vendia de obras d'arte, porque na mesma

---

[1] Vide o respectivo *Catalogo* na sala G, onde uma serie de gruppos de figuras de barro são attribuidas a Joaquim Machado de Castro (!).

[2] Nicolau de Oliveira. *Livro das grandezas de Lisboa*. Lisboa 1620; nova ed. Ibid. 1804. A obra de Christovão Rodrigues de Oliveira intitula-se: *Summario* em que brevemente se contem algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa. Lisboa, 1551; nova ed. Ibid, 1755. Sobre estas obras, sobre a *Estatistica* ms. de Lisboa e outras fontes litterarias para a historia da capital, vide a nossa bibliographia: *Fontes para a historia antiga de Lisboa* em *Archeol. artist.* fasc. VI.

epocha (1551) sustentava Lisboa dezoito homens, que vendiam só retavolos. A arte do oleiro podia decahir depois, mas nunca deixou de ser alimentada; as casas religiosas gastavam constantemente o azulejo, e onde havia fabrico de azulejo, devia haver produção de vasilhame.

Quando Filippe III veio a Lisboa em 1619, os oleiros levantaram-lhe um arco triumphal de custoso lavor, cuja descripção se póde lêr na obra de Lavanha, [1] rivalisando os oleiros n'esta festa e n'outras posteriores com os officios mais ricos. O tal arco ostentava varias legendas, que nada tinham de modestas e que illustravam, com paineis adequados, as glorias do officio. Vale bem a pena ouvir a descripção do chronista official:

...«ao pee da mesma Padaria sae a Rua da Misericordia, em cuja entrada fizerão os Oleiros sua representação, era de hum Arco pelo qual se servia a Rua entre dous altos & largos pedestaes, sobre os quaes em duas peanhas estavão as Imagens de vulto das Santas Justa & Rufina, mui bem ornadas cõ seus vasos de barro nas mãos, & entre ellas levantada hũa torre sobre o Arco, insignia que com as Santas tem a bandeira destes officiaes; nas ameas do primeiro andar da torre havia hũa tarja sostentada de dous mininos, na qual estava escrita esta oitava fallando com sua Magestade.

Inda que tem de barro os fundamentos
Esta torre alterosa, & levantada
Não teme a força de contrarios ventos
Por vós nestas colunas sustentada.
Obra que arrima a vós os pensamentos
Não pode facilmente ser quebrada
E o forte mais soberbo, & mais bizarro
Contra o vosso poder será de barro.

«Em dous quadros que ficavão nos pedestaes, no da mão direita estava pintada a Natureza coroada de flores; tinha em hũa mão hũ vaso de barro vermelho, & da outra lhe pegava hum homẽ meio sahido da terra, que significava o barro, no pee estava este quarteto:

[1] J. Baptista Lavaña, *Viage de la Catholica Real Magestad del Rei D. Filipe III N. S. al Reino de Portugal.* Madrid, 1622 com grav. pag. 29-30.

Para demonstração de mór grandeza
Na perfeição da terra que pisais
Até o barro humilde dá sinais
De quanto a quiz honrar a natureza.

«Encima deste quadro avia outro pequeno com hum Emblema, cujo corpo era duas mãos cheas de agoa, aludiendo (sic) á que o rustico lavrador offereceo nellas a Xerxes; dizia a lettra:

ET TIBI PVRIOR, ET PVLCHRIOR.
Para nós mais pura, & mais formosa.

«No outro quadro da mão esquerda estava pintada a Arte, a seus pees varios instrumentos mecanicos, & entre elles hũa roda de Oleiro, na qual ella tinha posta a mão esquerda, & na direita hũ vaso de porcelana da que se faz em Lisboa contrafeita da China, ao pee desta figura avia estoutro quarteto:

Aqui Monarca excelso Soberano
Vos offerece a Arte peregrina
Fabricado no Reino Lusitano,
O que antes nos vendeo tam caro a China.

«Encima no quadro pequeno avia outro Emblema, era hũa Nao da India da qual se descarregavão barças de porcelana da China, & outros Navios estrangeiros que carregavão da nossa & outros que já carregados della, saião do Porto; era a letra d'este Emblema.

ET NOSTRA PERERRANT
Tambem as nossas vão a varias Regiões.

Rematava a torre com hũa estatua de hum anjo, que tinha na mão o escudo das armas de Portugal.»

Mas, apesar da legenda, a porcelana não foi inventada em Portugal senão nos fins do seculo passado. Se a allusão se referia á faiença, nem por isso era mais verdadeira, porque os artifices arabes de Portugal, cuja influencia é muito visivel na Extremadura e Alemtejo até ao reinado de D. Manoel [1], não valiam menos do que os hespanhoes, que haviam creado admiraveis trabalhos n'esse genero; senão veja o leitor os tres ma-

[1] Não temos aqui espaço para documentar a affirmação, que será comprovada n'um estudo especial: *Vestigios da arte mosarabe em Portugal*.

gnificos pratos hispano-arabes do snr. A. Luso, principalmente o n.º 169, e a photographia de Laurent com o celebre vaso da Alhambra. O arco e o verso provam, comtudo, que a olaria portugueza não se sentia nem fraca, nem envergonhada, no primeiro terço do seculo XVII.

Que ella pedisse auxilio a algum artista estrangeiro, vindo de Hespanha e Italia, é provavel, mas não lhe faltava a geral confiança. De resto, entre os productos hespanhoes e portuguezes, de faiença, não haveria lucta seria senão no meado do seculo XVII, quando a industria de Talavera invadiu as fronteiras e a nossa soffreu com a franqueza geral do reino.

Note-se porém que os nossos oleiros conseguiram em pouco tempo imitar perfeitamente os artefactos hespanhoes. O seguinte testemunho de Severim de Faria (1655), apesar de muito precioso, tem passado completamente desapercebido. Diz elle: «Poucos annos ha, que hum Oleiro que veio de Talaveira a Lisboa, vendo a bondade do barro da terra, começou a lavrar louça vidrada branca, não só como a de Talaveira, mas como a da China; porque na fermosura, e perfeição pódem competir as perçolanas de Lisboa com as do Oriente; e imitando-o outros Officiaes, cresceo a mercadoria de maneira, que não sómente está o Reyno cheio d'esta louça; mas vai muita de carregação para fóra da Barra [1].»

A industria ceramica da capital estava pois florescente no meado do seculo XVII; já pouca gente comeria na louça de *pau*, de que fallam ainda documentos do principio do seculo anterior [2]. A inscripção do arco dos oleiros não faltaria, portanto, á

---

[1] *Noticias de Portugal*, ed. de 1791, pag. 42. A mesma passagem encontra-se *ipsis verbis* na ed. de 1740, pag. 19 e na de 1655, pag. 20.

[2] *Foral de Lisboa* (agosto de 1501) na ed. de Lisboa, 1790, pag. 39. «E isso mesmo se pagará dizima de todallas escudellas, e gamellas, trinchos, tavoas d'espadas, formas de çapateiros, tonees, pipas, arcos, cestos, canistrees e canastras, e pentees de paao; e de quaesquer outros vasos, ou vazilhas de paao» etc; mais adiante falla de *louça de paao*, distinguindo: «E dos tonees, e pipas, e qualquer outra louça de paao»... O mesmo Foral trata em outro artigo: da *Telha, e louça de barro do Reyno*, e do que ella pagava, entrando e sahindo de Lisboa (8 réis por cento, pag. 49-50); e em seguida, em dous Artigos: *Mallega e azulejos* (2 réis por cento, pag. 50); finalmente n'outro Artigo, intitulado *Louça* menciona a louça vidrada ou por vidrar, do reino e de fóra (mallega de Valença). Pagava 3 réis por cento, e vindo de fóra sempre a dizima, pag. 51. Os artigos serão transcriptos por extenso no Doc. XV. O *Foral do Porto* (20 de junho de 1517) tambem menciona a *louça de paao* (pag. 22, na collecção dos *Foraes da cidade do Porto* impressos por ordem da ill.ma Camara constitucional. Porto, 1823).

verdade; o que tem faltado é estudo e paciencia para percorrer todo o paiz, para investigar seriamente, porque, por via de regra, n'estes assumptos d'arte nacional todos fallam e poucos trabalham com methodo.

O achado de uma citação isolada, um documento de valor duvidoso, communicado por um qualquer paleographo, é o bastante para forjar uma theoria, e decidir, doutoralmente, sem se ter sahido das quatro paredes do ninho paterno, das questões mais complicadas, que exigem a accumulação de um grande material de estudo de gabinete e uma analyse minuciosa dos monumentos do paiz, *in loco*. E quantos portuguezes ha que conhecem bem as provincias do reino? Já tivemos occasião de mostrar, a proposito dos antigos azulejos, como se tem estudado a historia d'esta importantissima industria nacional: quem estudou o antigo *vasilhame*, quem o colleccionou? Não é conhecido o singular criterio que presidiu á ultima *Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola*, o estado cahotico (dizia-se que era *pittoresco)* em que alli puzeram os poucos productos que podiam ser estudados como nacionaes, faltando series inteiras? A *Exposição de ceramica* da Sociedade de Instrucção contribuiu efficazmente não só para elucidar os problemas que dizem respeito á industria actual e ao seu futuro progresso, mas tambem para resolver certos problemas da historia da arte portugueza. A nossa industria ceramica floresceu no seculo XVI e nos dois seculos seguintes, apesar de todas as crises. As luctas da independencia com a Hespanha durante os reinados dos dois primeiros Braganças, as desordens intestinas no reinado de D. Affonso VI, a lucta com a Hespanha até D. João V, que não terminou senão com a paz de Ultrecht (1713), e principalmente o fatal tratado de commercio de Methwen, assignado por D. Pedro II, abalaram as industrias portuguezas até á raiz. O marquez de Pombal fez o que um homem de genio podia fazer: resuscitar uma sociedade semi-morta, uma côrte que não vivia senão de duas cousas: a missa e a opera, a festa da igreja e a festa do theatro. Morto o marquez, essa sociedade vegetou apenas até que os francezes a expulsaram; verdadeiramente, nem expulsão houve; foi uma fuga, porque ninguem se lembrou de resistir.

Cita-se a fabrica de louça do Rato, com razão, como uma das bellas creações de Pombal; era um elemento no meio de um grupo de fundações notaveis, reunidas em uma área consideravel (bairro do Rato). O mesmo benemerito escriptor portuguez, que escreveu a historia da fabrica das sedas, deixou-nos

noticias muito curiosas da fabrica de louça, que parecem estar completamente esquecidas [1].

Abstrahimos do que elle diz da nossa antiga louça, anterior ao seculo XVIII, e da qual falla com pouca estima, porque a não conhecia — bastava lembrar-se dos azulejos.

Admira que Accursio das Neves, pertencendo como deputado á Real Junta do Commercio, e sendo depois secretario d'ella, não se lembrasse de consultar a *Pauta do Consulado da Casa da India*, onde encontraria a prova da actividade da industria nacional, muito antes da fundação da Fabrica do Rato. Eis os productos que alli encontrámos e a taxa correspondente que pagavam em 1744:

Azulejo de figuras, ou brutesco, o milheiro . .	20$000 réis
Azulejo ordinario, o milheiro	8$000 »
Louça pintada de sortes, charoada, de Genova.	15$000 »
Louça dita por duzias em pratos, duzia . . .	360 »
Louça da terra fina, e entre-fina, em pratos, duzia	160 »
Louça da terra grossa, duzia	80 »
Louça da terra á imitação da da China, pagará pelo que valer.	
Louça da Hollanda pagará conforme sua qualidade.	
Louça da India, pagará conforme sua qualidade.	
Pucaros de Extremoz, ou da maia.	
Telha, o milheiro	4$000 »
Tijollo, o milheiro	3$000 »
Terra sigilata branca ou vermelha, arratel . .	100 »

Estas cifras são, em extremo, curiosas [2]. O direito muito

---

[1] José Accursio das Neves. *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal* e particularmente a *Fabrica do Rato* e suas annexas. Lisboa, 1827. O snr. Fernando Palha, que escreveu especialmente sobre a secção ceramica da Exposição de arte ornamental de Lisboa, não viu esta obra, que é a unica que dá noticia desenvolvida da fabrica de louça do Rato; contentou-se com a citação de Ratton (*Recordações*, pag. 120), commentando-a do seguinte modo: «Pois essas dez linhas contéem ainda hoje tudo quanto se sabe sobre a Fabrica Real.» (Carta apud Simões: *A exposição retrospectiva*, etc. Lisboa, 1882, pag. 151). Na obra de Neves, impressa em 1827, não são dez linhas, mas sim treze paginas de noticias, um capitulo inteiro, que foi por nós trancripto n'esta *Revista*, vol. II, pag. 549-555.

[2] *Pauta e Alvará de sua confirmação do Consulado geral da sahida e entrada da casa da India*, feito com a assistencia dos Escrivaens do

elevado sobre o azulejo, confirma o que adiante dizemos sobre a carestia d'este producto artistico, que só podia ser aproveitado pelo proprietario rico. A importação da louça de Genova explica-se facilmente. Genova, então uma republica, sustentava um commercio activo com Portugal. Duarte Ribeiro de Macedo ainda documenta essas relações com referencia á segunda metade do sec. XVII. D. João V encommendou ás fabricas e officinas particulares de Genova uma grande parte dos explendidos paramentos da basilica de Mafra, tanto tecidos como bordados [1]. A importação tinha, porém, de luctar com a louça nacional, já classificada n'uma escala ascendente: grossa, entrefina e fina, que imitava a chineza, continuando a justificar a inscripção do arco triumphal de 1619. A nota: *pagará conforme sua qualidade*, é um indicio claro de pezadissimo direito (China e Hollanda), como verificámos depois de um estudo minucioso da Pauta de 1744.

Ao lado dos pucaros de Extremoz, cuja fama é antiga, como veremos, apparecem os da *Maia*, que não encontramos especialisados antes do meado do seculo passado [2]; não pagavam direito, ao que parece, carregando-se, em compensação, a *terra sigilata* com cem réis em arratel. Era duro, mas muito salutar, porque a taxa corrigia uma loucura. As damas hespanholas comiam essa terra, uma especie de barro muito fino, que ia de Portugal, da região de Extremoz, obstruindo-lhes completamente o estomago, já muito maltratado pelas comidas cheias de especiarias e pelos habitos sedentarios da vida peninsular.

«Je vous ai deja dit qu'elles (as fidalgas hespanholas) ont une grande passion pour cette Terre, qui leur cause ordinairemente une opilation; l'Estomac & le Ventre leur enflent et deviennent durs comme une pierre, & elles sont jaunes comme des coins. J'ai voulu tâter de ce ragoût tant estimé & si peu estimable; j'aimerois mieux manger du Grés.»

«Si l'ont veut leur plaire, il faut leur donner de ces Bu-

---

mesmo Consulado, Homens de Negocio da Mesa do Bem-Commum os mais peritos etc., que ha de ter principio no primeiro de janeiro de 1744. Lisboa, na Reg. Offic. typogr. 1785. fol. com os Addit. de 1774, 75 e 76. As differentes verbas acham-se a pag. 5, 40, 43, 54, 65 e 67.

[1] Fr. João de S. Joseph do Prado. *Monumento sacro da fabrica e solemnissima sagração de Mafra*. Lisboa, 1751; inventario do thesouro, no fim.

[2] N'uma peça de theatro *(Comedia sem fama: com o amor não ha zombar*. Lisboa, 1743) encontrámos citado «pucaro da Maya ou de Estre-[illegible]ão sabemos de nenhuma citação anterior á região da Maia.

caros (sic) qu'elles nomment *Barros;* & souvent leurs Confesseurs ne leur imposent point d'autre Penitence, que d'être un jour sans en manger. L'on dit qu'elle a beaucoup de proprietez; elle ne souffre point le Poison, & elle guerit de plusieurs maladies. J'en ai une grande Tasse qui tient une Pinte; le Vin n'y vaut rien, l'eau y est excellente; il semble qu'elle boüille quand elle est dedans, au moins on l'a voit agitée & qui frissonne (je ne sçai si cela se peut dire) mais quand on l'y laisse un peu de temps, la Tasse se vuide toute, tant cette Terre est poreuse; elle sent fort bon [1].

Em outras partes da mesma obra diz-nos a celebre escriptora que os *pucaros* vinham de Portugal, e que a terra sigilata revestia ainda outras fórmas, exportando-se p. ex. grande numero de *figas* de barro contra o *mal d'ojos*, que era tambem um veneno occulto [2]. Podiamos ir ainda mais longe n'estas considerações, mas o que fica dito parece que é o bastante para a historia dos costumes da sociedade hispano-portugueza da segunda metade do sec. XVIII. A *Pauta do Consulado* prova que a *terra sigilata* tambem se gastava em Portugal, e que havia *opilations*, superstições, tolices, etc., lá e cá.

Ainda, em aditamento ás noticias de Accursio das Neves, recordaremos que Volckmar Machado menciona uma *fabrica de azulejos* no tempo do Marquez de Pombal em que foi empregado o pintor de figura Manoel Antonio de Goes, pae do artista Bernardo Antonio de Oliveira Goes, discipulo do mesmo Cyrillo [3]. Seria esta fabrica a mesma do *Rato*, ou outra ante-

---

[1] Madame d'Aulnoy (Comtesse). *Relation du voyage d'Espagne.* La Haye, 1705, vol. II, pag. 143. A 1.ª edição é de 1693. A autora escreveu em Hespanha de 1678-1680; a sua relação é celebre pela abundancia e authenticidade das suas noticias.

[2] «Elle (a Duqueza de Terranova, *Camarera-mayor* da Rainha) me donna aussi des Pucaros de Portugal; ce sont des Vases de terre sigelée, garnis de Filigrane». Vol. II, pag. 133. — On m'a aussi donné de fort belles coupes de terre sigelée (nas casas da nobreza), vol. III, pag. 120.—Elle (uma mulher da burguezia) portait son enfant sur ses bras, il est d'une maigreur affreuse: il avoit plus de cent petites mains, les unes de geais, les autres de terre ciselée (sic) attachées á son col & sur lui de tous côtez... mais le remede à cela, ce sont ces petites menottes qui viennent d'ordinaire du Portugal. Vol. II, pag. 66 e 67; ahi mesmo o processo do esconjuro.

[3] Veja-se a lista dos azulejos datados e assignados, que temos descuberto em as nossas viagens nas provincias de 1870-1882: Documento XIII da *Ceramica portugueza*; são umas 20 datas e oito assignaturas ineditas: Francisco de Mattos, 1584; — Silva, 1657; — Gabriel del Barco, 1697; — Antonio de Oliveira Bernardes, em Braga, sem data; — Polycarpo de Oli-

rior no sitio das *Olarias*, p. ex. aquella que occupava os artistas Nicolau de Freitas, Bartholomeu Antunes (1736 a 1742) Polycarpo de Oliveira [1], etc.?

O que fica provado com estes apontamentos é a necessidade de novos e conscienciosos estudos, feitos em todas as direcções, com tempo e paciencia. Sobre o capitulo de Neves passaram já quasi sessenta annos; temos pois obrigação de dar alguma novidade, reconhecendo o que lhe devemos, e confessando que as suas informações sobre a arte contemporanea são summamente interessantes.

A fabrica do Rato foi fundada em 1767, e assignadas as condições a 1 de agosto com mestre Thomaz Brunetto, natural de Turim [2]; era contra-mestre outro italiano José Veroli [3], que, separando-se depois, foi estabelecer uma fabrica em Bellas, com pouco proveito, até que acabou, reinando D. Maria I.

Depois de fundada a do Rato, levantou-se a de outro italiano Paulo Paulete, em 1769. Um alvará de 21 de junho concedia-lhe grandes privilegios, promettendo o fundador exceder ainda a louça que vinha de fóra.

O movimento espalhou se pelas provincias. Domingos Vandelli, o celebre naturalista e professor da Universidade, erigia a fabrica de Coimbra em 1784, «na qual se fabricava a melhor faiança que temos tido»; em 1787 ainda a fabrica obteve novos privilegios pelo alvará de 7 de fevereiro, e Vandelli, animado com estes favores, veio ao Porto fundar a fabrica do Cavaquinho, do lado de Villa Nova de Gaya, que chegou a usar do titulo de «Real», trabalhando com não vulgar esmero em louça de pó de pedra e faiença. Tambem alli se fez louça preta, segundo o testemunho de Neves «e de differentes qualidades».

Não faltam exemplares pretos na exposição, mas sendo elles copiados de padrões estrangeiros e não tendo marcas es-

---

veira, em Vianna; — Bartholomeu Antunes, nas Olaias de Lisboa, 1736-1742; — Nicolau de Freitas, sem data, *ibidem*; — João Ferreira Lima, 1761, em Braga.

[1] *Collecção de Memorias*, pag. 318, na sua autobiographia.

[2] O seu monogramma, decifrado por nós, pela primeira vez, foi publicado na nossa lista das marcas nacionaes n.º 13; v. no texto, pag. 651, *Revista*, vol. II *Sobre as marcas da ceramica antiga portugueza*. O n.º 12 parece ser antes um F. B. e concordar, por tanto, com as marcas n.º 1 e 2.

[3] A 15 de janeiro de 1780 publicava-se ainda uma Resolução isentando de direitos quanto aos productos e materias primas a fabrica de Veroli.

peciaes, torna-se difficil classifical-os, a não ser que se faça, antes, a analyse chimica de um rasoavel numero de peças. Para este fim seria util que as pessoas que possuem objectos de louça preta antigos, quebrados, os confiassem á commissão organisadora, cujos trabalhos recomeçam finda a exposição, porque não é com uma tentativa, nem com duas, que se resolvem os problemas de que depende o futuro da olaria portugueza.

Neves não falla com grande deferencia da fabrica do Rato:

«Nunca se aperfeiçoou esta manufactura, não passando de louça vermelha, e de uma faiança ordinaria, que é o que se fazia na fabrica do Rato; mas não deixou de ser um estabelecimento importante, pela novidade, e pelo grande consumo d'esta louça.» Elle diz que a louça fina continuava a vir da Asia, e alguma da Hollanda e França; até a louça de fogo se importava de paizes estrangeiros»—a esta situação desgraçada não tornámos a voltar, felizmente!

Em 7 de setembro de 1770 a direcção da fabrica representava á Junta do Commercio, pedindo novos privilegios, e exclusivos; a questão do preço ainda não estava resolvida; a faiença nacional ainda era cara. O governo concedeu novos favores em novembro, e apenas a louça amarella ingleza foi admittida no reino, por não fazer empate á nacional.

Depois d'isso houve alterações de pessoal; em lugar de Brunetto entrou Sebastião Ignacio de Almeida [1]; a Veroli succedeu o contramestre Severino José da Silva (agosto de 1771). Quatro mezes depois tomou Almeida a fabrica, de conta propria, por 10 annos, mas logrou-a por pouco tempo, morrendo no meio de um consideravel alcance. O Thesouro retomou a direcção em 1779, e em 1827, epoca em que Neves escrevia, ainda a fabrica de louça do Rato andava ligada á das sedas. O inventario carregado a Almeida representava já reis 19:597$336. O lucro realisado pela fabrica n'um periodo de 24 annos (desde 22 de julho de 1788 até 31 de dezembro de 1812), representava 19:632$119 reis.

De 22 de julho de 1788 até 31 de dezembro de 1792 houve de lucro: 2:983$421 réis.

De 1 de janeiro de 1793 a 30 de junho de 1797: reis 4:181$544 réis de lucro.

---

[1] Sobre o monogramma d'este artista temos o direito de repetir o que dissemos na penultima nota v. *loc. cit.* pag. 651.

De 1 de julho de 1797 a 30 de junho de 1801 : 8:079$022 reis de lucro.

De 1 de janeiro até 31 de dezembro de 1812 um anno: 1:427$664 réis de lucro.

A fabrica teve apenas uma epoca florescente depois d'este periodo, devida á administração de João Anastacio Botelho; depois houve só falta de criterio, experiencias mal dirigidas e falta de probidade [1].

A producção do Rato não impediu o estabelecimento de outras fabricas, como vimos. O marquez de Pombal acceitou mesmo os productos de uma fabrica do Porto (monogramma F. N. PORTO), porque um prato do snr. A. Moreira Cabral (n.º 14), tem as armas do conde de Oeiras. Neves cita ainda uma outra fabrica perto de Lisboa, na Panasqueira, junto a Sacavem, onde se fez louça de fogo delgada, imitando a de Genova; era de José Anselmo de Aguiar. Um alvará de 4 de outubro de 1776 deu-lhe o privilegio exclusivo por cinco annos, com o fundamento de ser processo novo de fabrico — existia ainda em 1827.

O nosso autor falla tambem das tentativas para o fabrico da porcelana pelos nossos patricios; lembra-se do tenente-general Bartholomeu da Costa «que chegou a fabricar mui bellas peças d'esta louça, que foram apresentadas á senhora rainha D. Maria I, a qual não progrediu por falta de auxilios [2]». Em seguida menciona a fundação de José Ferreira Pinto Basto, iniciada com operarios da Saxonia, tecendo ao proprietario grandes elogios [3].

Sobre o general Costa não ha mais documento do que duas peças de porcelana, que representam a estatua de D. José, com

---

[1] O pessoal da fabrica de louça compunha-se em 1827 das seguintes pessoas: 1 caixeiro e escripturario; 1 avaliador; 1 fiel do armazem; 1 caixeiro e 1 servente na loja da Rua bella da Rainha; 5 officiaes de pintura; 5 ditos de olaria; 2 dos fornos; 4 de aviamento; 4 aprendizes; 4 forneiros; 10 serventes e 2 carreiros. Total 41 empregados. (Neves, *Noções* pag. 396).

[2] Esta expressão, «mui bellas peças», recorda-nos o serviço de chá de porcelana com os retratos de D. Maria I e D. Pedro III, que esteve na Exposição v. *Cat.* n.ºs 109 e 110, na *Revista* pag. 631.

[3] A noticia é confirmada na memoria de Marques Gomes *A Vista Alegre*. Porto, 1883. pag. 27. O dono mandou vir tres allemães, em 1826, sendo o mais habil José Scórder; mas a descoberta do kaolino foi feita só em 1834, por um aprendiz oleiro, portuguez: Luiz Pereira Capote, fallecido em 1870.

uma inscripção segundo a qual Costa descobriria o segredo do fabrico quando ideiava a fundição da estatua (1773).

Estas reliquias veem-se no gabinete de medalhas de el-rei D. Luiz. Como obras de arte o seu valor é pequeno [1].

Sobre a historia das tentativas de Bartholomeu da Costa nada ha escripto; por isso talvez sejam lidas, com interesse, as seguintes noticias:

Ratton, fallando dos trabalhos da *Estatua equestre* de D. José em Lisboa, conta o modo como o general Costa aproveitou os elementos que existiam na côrte, «o qual teve tambem a felicidade de achar já no Arcenal Real do exercito hum forno de reverbero, e de sufficiente capacidade, construido em 1761 ou 1762 por hum Francez chamado Drouet, *que por ordem do Governo tinha andado pelas provincias em busca de argila refractaria até então desconhecida no Reino;* pois que se usava dos tijolos ordinarios na construcção dos fornos de fundição, com o inconveniente de ser preciso hum novo forno para cada fundição.

«Esta argila foi descoberta junto do Rio Vouga nas visinhanças de Aveiro; e alli estabeleceo o dito Drouet fornos e fabrica de tijolos refractarios, que já não existe, nem talvez nenhuma das pessoas que nisso foram empregadas, pelo muito tempo que tem decorrido. Eu mesmo mandei vir para meu uso d'aquelle barro, e achei que dava exactamente os mesmos resultados». (*Recordaçoens* pag. 308).

Esta noticia e outras que Ratton (cujo caracter honrado e cuja illustração é conhecida) nos communica, lançam uma luz pouco favoravel sobre a pretendida descoberta de Costa, feita em 1773, onze annos depois dos trabalhos de Drouet em Aveiro [2]. Só passados oitenta e tantos annos (1834) é que foi

---

[1] São, verdadeiramente, tres especimens: dous quadrinhos, (um maior e outro menor) e uma medalha, o,78 mill. Teixeira de Aragão não descreve o quadrinho menor (52 mill. sobre 39; tem na frente as armas reaes, e a inscripção Lisboa 1773; no verso, uma *cartouche* de estylo rococo com a inscripção DESCUBER | TO PELO | THEN.ª CORO | NEL BAR | THOLOMEU | DA COS | TA. Vide o que dissemos sobre estas amostras, retro pag. 73-74. Vide tambem a medalha de Rapozo, *Revista* vol. II pag. 649, que nos parece ser uma das primeiras peças de ensaio da fabrica da Vista Alegre; em 1834 (data d'esta medalha de Rapozo, havia-se descoberto o kaolino da Vista Alegre (Val Rico), Marques Gomes, *Op. cit.* pag. 29.

[2] «Foi o dito Drouet author de muitos inventos n'aquelle Arcenal, como tornos para brocar, e tornear as peças horizontalmente, carros rodando sobre vigas horizontaes, e levantados acima do chão, por meio dos

descoberto o jazigo de Val Rico (concelho da Feira), ficando esquecida a passagem de Ratton e as advertencias de Vandelli, que indicava em 1789 a lista dos jazigos de argillas nacionaes!

Accursio das Neves tambem não teve conhecimento das importantes descobertas de outro patricio nosso, no Brazil.

João Manso Pereira, professor régio no Rio de Janeiro, não só fabricou no Brazil excellente porcelana, com perfeito conhecimento do fabrico do material estrangeiro, mas obteve a 5 de setembro de 1793 uma provisão régia com o privilegio para o fabrico da obra de Saxonia e de Sèvres no Brazil, como premio de experiencias anteriores, e da descoberta de grandes jazigos de verdadeiro *kaolino*, a que no Brazil chamavam *Tabatinga* [1].

Esta argilla, de que Neves tambem não teve noticia, era já muito conhecida de Vandelli, que diz o seguinte, (*Memorias economicas da Academia*. Lisboa 1789, vol. I pag. 205): «A argilla branca ou bollo branco (*Argilla bolus alba*) chamada *Tabatinga* se encontra em varias partes do Brazil, e principalmente no Pará, como tambem o Bollo encarnado».

«N'outra *Memoria* diz o mesmo autor a pag. 173. «O espato fusivel, ou *Feltspat*, acha-se frequentemente em varias partes da Serra da Estrella, do qual misturado com argilla branca, mandei fazer amostras de *porçelana bem transparentes*, por ser este o mesmo material que entra na de Saxonia.»

Aqui temos pois uma referencia á Tabatinga de João Manso Pereira, e uma affirmação muito positiva de se haver feito *porcelana* em Coimbra!

Finalmente, a pag. 182 insiste o mesmo autor: «Tambem são frequentes as *argillas*, que preparadas servem para fazer

---

quaes se tiravão as peças das covas, e se transportavão a outros lugares de cujos inventos se aproveitou Bartholomeo da Costa, para tirar, e transportar a estatua fora do Arcenal; mas intrigas entre Bartholomeu da Costa e o dito Drouet desgostarão este ultimo ao ponto de se retirar para Veneza». E mais adiante, confrontando a sorte do esculptor e do fundidor: «He cousa digna de se notar que pertencendo a Joaquim Machado a invenção, desenho, modelo em pequeno, e em grande da dita estatua, e a Bartholomeu somente a fundição em que foi feliz, recahisse toda a gloria e até recompensas n'este ultimo, como se vê da inscripção que se acha no Pedestal» (pag. 309).

[1] Descubrimos finalmente um producto do fabrico de Pereira. V. retro a noticia sobre o camapheu do snr. dr. Pedro Dias pag. 73. A *Memoria* de Pereira foi publicada integralmente no vol II d'esta *Revista*, assim como a *Provisão Regia* de 1793, e uma extensa noticia bibliographica sobre os tres volumes: a *Arte do louceiro, de louça vidrada*, e de *porcelana*.

porcelana, algumas das quaes precizão do espoat que fusivel, se acha em abundancia na Serra da Estrella. Em Soure, alem de muita quantidade de bôlo branco, e encarnado, temos *argillas* para fazer cadinhos, e outros vazos chymicos, e outra junto a Coimbra para fazer louça, que resiste ao fogo». Ora foi precisamente nas proximidades de Soure (minas d'Alencarce) que o snr. Francisco Lourenço Tavares de Ornellas descobriu ha pouco tempo jazigos de excellente *kaolino*.

Todos estes trabalhos em pontos tão remotos, em Lisboa e Aveiro por Drouet, em Lisboa por Costa, em Coimbra por Vandelli, no Brazil por Manso Pereira, são consequencias do impulso que o Marquez de Pombal deu á industria nacional. O beneficio era tão evidente, que até o governo reaccionario de D. Maria I, inspirado pelos inimigos mais implacaveis do marquez, se viu obrigado a continuar no caminho traçado pelo celebre estadista, como se vê pelo privilegio concedido ao intelligente professor do Rio de Janeiro. Pereira publicou tres annos depois uma memoria muito interessante dos seus trabalhos, a qual foi novamente impressa em 1806 na *Arte da porcelana*. Tanto este compendio, como a provisão régia, estão sepultados no olvido. Ambos os documentos (provisão e memoria) serão reimpressos na «Revista da Sociedade de Instrucção», que dará tambem uma noticia dos outros tratados portuguezes: *Arte do louceiro*, Lisboa, 1804, e *Arte de louça vidrada*, Lisboa, 1805.

Tudo está esquecido [1]!

Como vimos, a fabrica do Rato não tinha o privilegio exclusivo do fabrico de louça, nem o direito de usar exclusivamente o titulo de Real ou Nacional, porque a qualquer das duas denominações competiam importantes regalias. O fabrico espalhou-se por todo o paiz.

Na obra citada, Accursio das Neves menciona as fabricas do Rato, de Bellas, da Panasqueira (Sacavem), Coimbra (Vandelli), Cavaquinho (Villa Nova de Gaya) e a fabrica de Paulo Paulete (Lisboa), mas em outra obra apresenta uma lista de trinta e tres [2]. Como é que tudo isto se esqueceu? Como é que deixamos correr assim tudo, á revelia, todas as tradições do trabalho nacional, tudo aquillo que podia inspirar á actual

---

[1] Os documentos foram, com effeito, publicados. V. a nota anterior.

[2] *Variedades sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas*, etc. Lisboa. 1814-1817. 2 vol. A lista já foi publicada por nós. *Revista*, vol. II. Docum. IV.

geração operaria o brio, o amor pelo officio e o amor pelo paiz? Pois não é isto tambem uma genealogia; não são isto tambem titulos de nobreza? Aonde se ensina a historia da industria portugueza? Quem diz ao operario o que elle fez, como elle progrediu, e lhe explica os motivos porque tantos ramos d'essa arvore cahem sêccos sobre o sólo exhausto?

Fazer exposições não basta; isso póde ser muitas vezes, simplesmente, a causa de enorme dispendio, a causa de um profundo desalento, quando ao lado das grandezas do passado se descobrem as miserias do presente; então não ha conforto, ha desanimo, mórmente quando a sciencia dos sabios se conserva muda diante d'esses objectos, e ninguem decifra o enigma, ninguem dá a chave para uma solução clara, quando, em summa, não ha *lição*. Ora ninguem póde negar á presente exposição o caracter eminentemente prático, a utilidade immediata; sobre isto não ha senão uma opinião, no publico.

As analyses das materias primas, a discussão no congresso, as conferencias, os modêlos estrangeiros, desenhados pelos maiores mestres — tudo ha-de produzir luz; os padrões eminentemente nacionaes—a arte das aldeias; e os padrões da cidade: a iniciativa mais ousada que nos ha-de libertar do explorador estrangeiro. As obras do passado, mesmo, estão alli como um elemento indispensavel de estudo, para orientação, em boa ordem, em fileiras cerradas, e entre o passado e o presente uma ligação clara, ao menos, uma ligação de um valor incalculavel, a olaria rustica das aldeias; fórmas de uma pureza admiravel, uma variedade que parece não ter limites, uma execução que deslumbra com os meios mais simples, com a ferramenta mais modesta, mais pobre. O publico parece ter o sentimento de que alli se faz alguma cousa de extraordidario, porque se agrupa, se apinha em torno da roda do oleiro, em crescente admiração.

E' nossa convicção que esse oleiro ainda é capaz de fazer tudo quanto os seus antepassados, no officio, fizeram; os azulejos deslumbrantes, as louças delicadas, as taças, pratos, canecas e cestos de faiença. O que se vê nos cinco armarios de louça portugueza (A-E) é o producto de uma gereção apenas, com excepção de poucas peças do seculo XVII. A assimilação dos padrões estrangeiros, principalmente dos francezes, no seculo passado, fez-se rapidamente. O operario portuguez imita com facilidade; tem uma percepção rapida; é applicado ao trabalho, e modesto, pelo rigor das circumstancias, porque nunca chegou a medir aproximadamente as suas forças. Aquillo que

as nossas fabricas do seculo passado fizeram, não é questão de espanto. Já dissemos em outra occasião que o valor dos productos do Rato tem sido muito exaggerado; que esta fabrica nunca passou de uma producção mediana, de faiença de segunda ordem, e que ao lado d'ella ha outras fabricas que téem igual direito á nossa attenção. Esta opinião, formulada ha tempos, foi plenamente confirmada na exposição.

(Continúa.) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, vid. pag. 241)

GENRE CARCINOPS MARSEUL

733. **C. minima Aubé.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 90, pl. 8, n. 22, f. 3.

Bragança!, Coimbra!.

GENRE PAROMALUS ERICHSON

734. **P. complanatus Panz.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 109, pl. 8, n. 23, f. 3.

Un individu pris par Mr. C. v. Volxem.

735. **P. parallelipipedus Herbst.**

An. Soc. Ent. Fr., 1855, p. 116, pl. 8, n. 23, f. 9.

Bussaco!, Mafra (C. v. Volxem!).

736. **P. flavicornis Herbst.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 117, pl. 8, n. 23, f. 10.

Vizella!, Bussaco!.

GENRE TRIBALUS ERICHSON

737. **T. scaphidiformis Illig.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p, 157, pl. 9, n. 31, f. 3.

Coimbra!.

Genre SAPRINUS ERICHSON

738. **S. cruciatus F.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 354, pl. 16, f. 1.

Je possède un individu que je crois le premier découvert dans le continent européen.

739. **S. semipunctatus F.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 377, pl. 16, f. 20.

Faro!, Leiria!, Tavira et Villa Real (C. v. Volxem!).

740. **S. niger Mots.**

An. Soc. Ent. Fr. 1862, p. 450, pl. 12, f. 11.

Azambuja (J. Antunes!), Tavira (C. v. Volxem!).

741. **S. detersus Ill.**

An. Soc. Ent. Fr., 1855, p. 396, pl. 16, f. 35.

Marinha Grande!.

742. **S. nitidulus Payk.**

An. Soc. Ent. Fr., 1855, p. 402, pl. 17, f. 40.

Espinho!, Azambuja (J. Antunes!), Faro!, Tavira et Villa Real (C. v. Volxem!).

V. minor.

Espinho!, Lisboa (Heyden!).

743. **S. concinnus Motsch.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 400, pl. 17, f. 39 et 1862 p. 453, pl. 12, f. 14.

Espinho!.

744. **S. subnitidus Mars?.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 404, pl. 17, f. 41.

Espinho!.

J'ai pris un seul individu avec la strie humerale et subhumerale réunies; la fosse laterale et inférieure des bords du corselet ne sont pas ruguleusement ponctuées. Malgré ces différences je crois qu'il appartient á cette espèce.

745. **S. Algerious Payk.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 405, pl. 17, f. 42.

Mentionné du Portugal par Mr. Marseul.

746. **S. furvus Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 406, pl. 17, f. 43.

Du Portugal d'après Mr. Marseul.

747. **S. speculifer Lat.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 411, pl. 17, f. 47.

Guarda!, Espinho!, Coimbra (L. v. Heyden!), Azambuja (J. Antunes!), Villa Real!.

Un individu pris dans la Guarda possède une couleur très-foncée.

748. **S. aeneus F.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 413, pl. 17, f. 48.

Gerez (L. v. Heyden!).

Je possède un individu d'un vert métallique avec la base de la troisième interstrie assez ponctuée ce qui le rapproche du *prasinus* Er., mais la divergence des stries prosternales ne permettent pas de le séparer de l'*aeneus F.*

749. **S. chalcitis Ill.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 445, pl. 18, f. 71.

Faro!, Villa Real!, Tavira et Portimão (C. v. Volxem!).

A Espinho j'ai pris un individu d'un noir de poix.

750. **S. Mocquersii Mars.**

An. Soc. Ent. Fr. 1862, p. 489, et 1855 p. 687, pl. 19, f. 129 sous le nom de *aemulus Mars.*

Indiqué du Portugal dans le Catalogue Stein.

751. **S. spretulus Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1862, p. 486, pl. 17, f. 43.

Cité du Portugal par Mr. Marseul.

752. **S. aemulus Ill.**

An. Soc. Ent. Fr. 1862, p. 488, pl. 17, f. 45.

D'après Mr. Marseul il appartient à notre faune.

753. **S. rufipes Payk.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 692, pl. 19, f. 133.

Tavira (C. v. Volxem!).

V. arenarius Mars.

L. c., p. 691, pl. 19, f. 132.

Je possède deux individus du Portugal.

754. **S. conjungens Payk.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 694, pl. 19, f. 135.

Tavira (C. v. Volxem!).

755. **S. maritimus Steph.**

S. *sabulosus Fairm. An. Soc. Ent. Fr.* 1855, p. 714, pl. 20, f. 150.

Leça!, Espinho!.

La ponctuation des élytres est souvent bien plus étendue que dans la figure de la monographie de Mr. Marseul.

756. **S. crassipes Er.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 717, pl. 20, f. 152.

Espinho!.

757. **S. rugifrons Payk.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 721, pl. 520, f. 155.

Espinho!, Portimão (C. v. Volxem!).

758. **S. metallicus Herbst.**

An. Soc. Ent. Fr. 1855, pl. 20, f. 156.

Du Portugal d'après Mr. Marseul.

759. **S. apricarius Er.**
An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 725, pl. 20, n. 38, f. 158.
Espinho!, Leça!.

760. **S. dimidiatus Ill.**
An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 730, pl. 20, f. 162.
Portimão (C. v. Volxem!).

Genre GNATHONOUS DUVAL

761. **G. rotundatus Kug.**
An. Soc. Ent. Fr. 1855, p. 503, pl. 19, f. 119.
Cité du Portugal dans le Catalogue de Harold.

Genre TERETRIUS ERICHSON

762. **T. picipes F.**
An. Soc. Ent. Fr. 1856, p. 136, pl. 3, f. 4.
Du Portugal d'après Mr. Marseul.

Genre ONTHOPHILUS LEACH

763. **O. exaratus Ill.**
An. Soc. Ent. Fr. 1856, p. 555, pl. 11, n. 40, f. 2.
Guarda!, Bragança!, Leça!.

764. **O. striatus Fouro.**
An. Soc. Ent. Fr. 1856, p. 560, pl. 11, n. 40, f. 5.
Coimbra!, Leça!.

Genre ACRITUS LECONTE

765. **A. minutus Herbst.**
An. Soc. Ent. Fr. 1856, p. 614, pl. 14, n. 43, f. 13.
Coimbra!.

PHALACRIDAE

Genre PHALACRUS PAYKULL

766. **P. corruscus Payk.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 110.
Coimbra!, Serra de Rebordaos!, Vizella!, Bragança!.

Genre TOLYPHUS ERICHSON

767. **T. granulatus Guer.**
Guer. Ic. Reg. an. p. 315, pl. 50. f. 6.
Coimbra!.

Genre OLIBRUS ERICHSON

768. **O. corticalis Panz.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 115.
Bragança!.

769. **O. aenescens Kust** [1].
Kust. Kaf. Eur. 25, 60.
Felgueiras!, Guarda (L. v. Heyden!).

770. **O. aeneus F.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 115.
Guarda!, Estarreja!.

771. **O. bicolor F.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 116.
Guarda (L. v. Heyden!).

772. **O. bimaculatus Kust.**
Kust. Kaf. Eur. 13, 26.
Guarda! (L. v. Heyden!).

---

[1] Je dois à Mr. L. v. Heyden la détermination de cette espèce, de l'*aeneus* et *liquidus*.

773. **O. liquidus Er.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 117.

Serra de Rebordaos!, Felgueira!, Espinho!, Vizella!, Aveiro (L. v. Heyden!).

774. **O. pygmaeus Sturm.**

Sturm. Ins. Deut. II, p. 84, pl. 32, f. 6.

Guarda (L. v. Heyden!).

775. **S. geminus Ill.**

Er. Nat. Ins. Deut. III, p. 120.

Coimbra!, Espinho!, Estarreja!.

NITIDULARIÆ

BRACHYPTERINI

Genus CERCUS LATREILLE

776. **C. pediculariusⁿ.**

Murray. Mon. p. 232, pl. 32, f. 1.

Coimbra!.

Genus BRACHYPTERUS KUGELANN

777. **B. pubescens Er.**

Murray. Mon. p. 240.

Guarda!, Valle d'Azares!, Felgueira!.

778. **B. unicolor Kust.**

Murray. Mon. p. 241.

Faro!.

779. **B. Urticae F.** [1]

Murray. Mon. p. 242.

Faro!.

---

[1] Dans son *Ent. Reise* etc. Mr. L. v. Heyden mentionne de la Guarda une espèce prochaine du *Brachypterus linariæ Steph.*

780. **B. vestitus Kiesw.**

An. Soc. Ent. Fr. 1851, p. 578.

Coimbra!, Bragança!.

781. **B. cinereus Heer.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 131.

Cedaes!, Douro!, Bussaco!, Serra d'Estrella (L. v. Heyden!), Guarda!.

CARPOPHILINI

GENER CARPOPHILUS LEACH

782. **C. hemipterus L.**

Murray. Mon. p. 362, pl. 32, f. 10.

Coimbra!, Evora!.

783. **C. bipustulatus Heer.**

Murray. Mon. p. 364.

Coimbra!.

784. **C. sexpustulatus F.**

Murray. Mon. p. 386.

Bussaco!.

NITIDULINI

GENER EPURAEA ERICHSON

785. **E. decemguttata F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 141.

Douro!.

786. **E. terminalis Mannh.**

Bul. Mosc. 1843, p. 95.

Vizella!, Serra de Monchique!.

(*Continúa*). DR. MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

CONFERENCIA SOBRE O SAHARA

O QUE É; O QUE FOI; O QUE SERÁ

Diz-se que «o pensamento revolve o mundo». E na verdade depois que se deixou de assignar como causa suprema de todo o phenomeno Deus ou a Natureza a proposito da qual de Maistre fazia a seguinte e espirituosa pergunta: «Quem é essa mulher?»; o homem abandonou os sonhos fetichistos, os dogmas theologicos, as subtilezas metaphysicas e o espirito antigo, fradesco, retrogrado, encrustado nos *Te-Deum* e nos *Miserere*, cedeu o lugar ao espirito novo, audacioso, investigador, que estuda a estructura do granito e da aza da borboleta, a composição de um grão de poeira e do cerebro do homem, a genese da flor e da estrella, o mundo de seres vivos que encerra uma gota de agua e os soes que abrange uma nebulosa.

Não ha 50 annos, diz Georges Hanno, que a Biblia e os Poemas de Homero eram os unicos monumentos que nos fallavam do mais remoto passado. Dir-se-hiam dous pharoes isolados que projectavam uma luz turva e incerta sobre o vasto mar da Historia. Em volta d'elles agrupavam-se vagas tradições, contos fabulosos ou mythologicos, que não passavam de palidos reflexos, imagens coloridas e deformadas das recordações dos tempos que já lá vão [1].

E nós todos acreditavamos piamente que Deus creou Adão; que uma costella d'este se metamorphoseára em Eva; que nós descendiamos de Adão e Eva por Noé; e que este illustre patriarcha tivera tres filhos, Sem, Cham e Japhet, o primeiro dos quaes povoára a Asia, o segundo a Africa e o ultimo a Europa.

Esta concepção mosaica foi pela primeira vez abalada em 1492 pela descoberta da America por Chistovão Colombo e mais tarde pela descoberta da Australia e das numerosas ilhas da Oceania. Na America encontraram-se mesmo vestigios de uma civilisação tão antiga que os proprios indigenas não conservavam recordação alguma d'ella.

Como conciliar estes dados com a theoria mosaica? A explicação era simples: Moysés não era forte em geographia e como conhecia apenas Europa, Asia e Africa, o sabio legis-

---

1 Georges Hanno, *Les villes retrouvées*, p. 163. 1881.

lador dos hebreus entendeu que bastava Noé ter tres filhos, para povoar estas tres partes do mundo. Mas deixou-se esta explicação natural, porque dizer que Moysés não sabia da existencia da America e da Oceania era avançar uma heresia, importava o mesmo que affirmar implicitamente a ignorancia de Jehovah. Foi por isso que se inventou uma emigração, phantasiou-se, chegou-se mesmo a traçar o caminho que seguiram as tribus da Asia na sua viagem para a America e para a Oceania e admittiu-se, embora sem provas baseadas em dados seguros, que ellas passaram para a America pelo estreito de Behring quando era isthmo, e para a Oceania pelo archipelago das ilhas de Sonda.

Um dia, porém, Champollion, apóz um esforço tenaz e persistente, consegue decifrar os gerogliphos da pedra de Roseta. E a chronologia do paiz das pyramidas faz a terra mais velha do que suppunha Moysés. O estudo da litteratura da India e da China e da interpretação da escriptura cuneiforme vem corroborar esta conclusão. A theoria mosaica, porém, resiste a este novo golpe dizendo, não *sem visos de verdade*, como affirma Lefèvre, que essa chronologia é falsa porque havia sido dictada pelo sentimento da vaidade nacional.

Mas quando o estudo das sciencias physicas e naturaes tornou o nosso espirito positivo e pratico, a Biblia de Moysés e os poemas de Homero perderam o valor, a importancia, a veneração que os antigos lhes tributavam; e nós, em vez de consultarmos o primeiro d'esses dous livros para sabermos a genealogia do genero humano, em vez de nos entretermos com a leitura da historia comica de Noé e da sua arca, em vez de pararmos assombrados perante a magica separação das aguas do mar Vermelho, ou a tragica queda das muralhas de Gericho ao som da trombeta de Josué;—interrogamos as Palafittas da Suissa e da Italia, os korgans da Siberia, os Nuraghi da Sardenha, os Cromlech de Du Thus, o Menhir de Lock-mariaker, a Gruta funeraria de Grav' Innis, os Tumulos megalithicos da India, os Silex terciarios de Thenay e do valle do Tejo e até os restos da cosinha prehistorica da Scandinavia, a que os sabios dinamarquezes dão o nome de *Kjokenmödings*. E immediatamente a origem, o berço, as crenças, as artes, a industria, os costumes, a vida social emfim, do homem contemporaneo do Mammuth e do Grande Urso das Cavernas—escripta no silex, nos ossos, na argilla, no cobre, no bronze—surgiu do seio da terra, d'essa biblia immortal, cujos gerogliphos antes de Boucher de Perthes ninguem havia podido deci-

frar, pois eram considerados como *ludi naturae* quando eram verdadeiras revelações.

A corôa do innovador, meus senhores, disse Geofroy-Saint-Hilaire, é a corôa do martyrio. E Boucher de Perthes cingiu-a. Taxado de doido, abandonado pelos seus amigos, ultrajado até pelos seus proprios parentes, Boucher de Perthes morreu, segundo a bella phrase de Victor Hugo, maldito pelo passado e bemdito pelo futuro. E' que «junto a cada propheta que annuncia o porvir, ergue-se o magistrado que tem a missão de conservar o presente e que persegue o propheta; junto a cada pensador novo ha uma associação que se declara infallivel; junto a cada reformador ha a eterna taça de cicuta!» [1]

A Boucher de Perthes seguiram-se Lartet e outros, para não citar muitos nomes. Folheou-se a crusta terrestre e descobriram-se filões de metaes preciosos e minas de hulha. Mas qual não foi o espanto do geologo e do naturalista, quando defrontaram com os cadaveres das faunas e das floras das diversas edades do globo? Aqui, troncos colossaes das sigillarias, gigantescos fetos arborescentes, soberbas coniferas á sombra das quaes vivia nas pacificas aguas do lago o monstruoso Archegosauro. Além, nos terrenos de alluvião do Paraguay um animal feio, medonho, de dimensões descommunaes, o Megatherio. Em outra parte, nos terrenos cretaceos, o Megalosauro armado de dentes de serra, terminados em ponta de sabre, investia o Iguanodonte, o maior de todos os reptis, herbivoro como o elephante, sem comtudo possuir a sua força herculea.

Na época quaternaria, e ainda nos fins da época terciaria, vivia o homem. E' certo que não possuia as garras do leão, nem as defezas do javali, nem a rija couraça do crocodilo; mas possuia uma arma mais poderosa do que tudo isto — a intelligencia.

A rapoza e a panthera disputavam um dia o premio da belleza; esta dizia ser mais bella do que a sua rival porque tinha a pelle mosqueada, pintada de formosos arabescos; a raposa respondeu-lhe que tambem ella tinha essa pintura, não no *corpo* mas no *espirito*. E foi, meus senhores, esta pintura do espirito que salvou o homem, que lhe deu a superioridade sobre os outros animaes; foi — graças a ella — que nós alcan-

---

[1] Emilio Castellar, *Vida de Lord Byron*, p. 79.

çámos a victoria na lucta pela existencia, que nós conquistámos o sceptro de rei da fauna actual.

A terra appareceu então aos olhos dos sabios como uma vasta catacumba, um riquissimo museu, uma immensa necropole, uma bibliotheca collossal onde se achavam enthesourados, dispostos em camadas successivas, archivados e catalogados por ordem os despojos de animaes e vegetaes extinctos, como se a terra presentisse que estes documentos seriam as medalhas, por meio das quaes se reconstruiria um dia o seu passado, a sua longa historia.

E de toda a parte surgiram cidades, povos, raças que sustentaram outr'ora uma lucta encarniçada com os animaes ferozes e combateram o Mammuth e o Grande Urso das Cavernas com armas de silex lascado ou polido, ou levaram nas palafittas uma vida pacifica e industriosa.

Não ha muito que o snr. Florentino Ameghino affirmou deante dos mais distinctos anthropologistas contemporaneos que «todo o centro da America se achava coalhado de cidades populosas com grandes palacios, fortalezas, collegios, cicros, quarteis, estabelecimentos balneares, jardins, torres, calçadas, templos, etc. Conheciam a escriptura gerogliphica; tinham officinas metallurgicas, fabricas de tecidos, etc. etc. A agricultura havia attingido o grau de perfeição somente comparavel ao da China e do Perú. D'esta civilisação não se encontram hoje mais do que ruinas [1]».

E recentemente Weisgerber e Badourin nos annunciam a existencia nos tempos prehistoricos de numerosas tribus sedentarias n'essa vasta região presentemente desolada da Africa — o Sahara; e que as differentes edades de pedra d'esta raça são caracterisadas por instrumentos de fórmas identicas ao das mesmas edades na Europa [2].

Esta noticia impressionou-me profundamente e dirigiu desde logo a minha attenção para o estudo do Sahara. Ultimamente o capitão Roudaire tendo annunciado o seu projecto de transformar uma parte do Sahara em mar, projecto que logrou merecer a approvação de Fernando Lesseps, cuja competencia em assumptos d'esta ordem é indiscutivel, o problema sahariano tornou-se d'uma flagrante actualidade.

---

[1] Ferraz de Macedo, *O Homem quaternario na America*, p. 20. 1882.

[2] Lucien Badourin, *Algérie et Sahara. La question africaine, étude politique et économique. Les âges de pierre du Sahara central. Préhistoire et ethnographie africaine*, p. 160. 1882.

Convidado para fazer uma conferencia no seio d'esta sympathica agremiação escolhi para thema da minha conferencia o estudo do Sahara sob o ponto de vista geographico, geologico e anthropologico. Mas depois, reflectindo bem na difficuldade da empreza, hesitei sobre se deveria ou não realisar a minha conferencia e hesitei porque não possuindo dotes de orador, nem se me ageitando a bôca para dizer phrases bonitas receei, permittam-me que eu o confesse francamente, que não conseguiria captar a benevolencia da illustre assembleia e até que mais de um de vós preferisse entregar-se aos braços de Morpheu do que seguir a marcha de um raciocinio que eu por ventura apresentasse. E não obstante resolvi-me pela affirmativa.

Effectivamente quando vejo um homem do valor de Huxley fazer conferencias, em Londres, em um estylo simples, claro, didactico, conferencias populares com vivos aplausos da Europa e da America que pensa e que estuda, uma grande tristeza se apodera do meu espirito; sinto amargamente que ninguem tenha até hoje tentado introduzir no nosso paiz a maneira de fazer as conferencias á Huxley.

Vasando a minha nos moldes em que costuma vasar as suas o sabio inglez, não tenho a pretensão de me comparar com Huxley, cujo altissimo talento é de todos vós conhecido; mas os bons exemplos merecem ser imitados. Isto posto, eu principío.

AGOSTINHO DE SOUZA.

ENSINO PROFISSIONAL

OS PENSIONISTAS DA INDUSTRIA PORTUGUEZA

(Representação a S. M. El-Rei)

SENHOR

A creação, por iniciativa particular, de associações de propaganda instructiva, de natureza identica á da Sociedade de Instrucção do Porto, que tem a honra de vir hoje á presença de V. M., ha-de merecer sempre dos poderes do Estado, o mais benevolo acolhimento e o mais efficaz auxilio, por isso que

é da maxima difuzão de luz intellectual, que hade sair poderosa a rehabilitação do paiz.

Não carecendo, pois, de justificar-se a razão de ser da Sociedade de Instrucção, cuja installação e existencia teem sido geralmente applaudidas, é, comtudo, indispensavel que se demonstre com que tiulos de competencia ella se dirige ao espirito recto e esclarecido do Rei.

A Sociedade de Instrucção do Porto, com o concurso sincero e verdadeiramente desinteressado dos seus quatrocentos associados, persuadida de que, por entre as diversas provincias onde a sua acção era instantemente reclamada, urgia acudir de prompto á educação industrial de um pôvo, cuja indole e habitos, prodigiosamente dotados, teem sido, não obstante, quasi perdidos e estereis, pela absoluta carencia de noções scientificas, indispensaveis á sua conservação e desenvolvimento, deu a preferencia ás seguintes exposições publicas que promoveu:

De modelos de gêsso para o ensino do desenho no Lyceu do Porto, em 15 de julho de 1881.

De historia natural, em 16 de outubro de 1881.

De camelias, em 11 de março de 1882.

De ensino elementar profissional (pelo systema de Frœbel), em 22 de abril de 1882.

De industrias caseiras, em 14 de maio de 1882.

De ceramica nacional, em 22 de outubro de 1882.

Tomou a iniciativa na fundação de uma eschola de desenho e modelação para os operarios-oleiros de Villa Nova de Gaya em fevereiro de 1883.

Tem, desde já, organisadas as commissões encarregadas de realisar mais as seguintes exposições:

De ourivezaria em septembro de 1883.

De tecidos em abril de 1884.

De marcenaria em outubro de 1884.

Se a Sociedade de Instrucção do Porto, por entre a serie de attritos e difficuldades inherentes a instituições d'esta ordem, tanto mais prestimosas, quanto mais ingrato é o terreno em que tentam implantar-se, encontrou a natural desconfiança dos industriaes, saturados de phrases mais ou menos sonoras e de relatorios mais ou menos inuteis, mas sempre sem beneficio apparente e sem resultado pratico; é certo, todavia, que logrou a rara fortuna de conseguir em pouco tempo, que, no espirito dos que a escutaram, se radicasse funda, a crença na lealdade de seus intuitos e a confiança na honestidade de seus esforços.

Taes são os alevantados motivos que determinam esta

Sociedade a vir pedir a V. M. que os operarios portuenses sejam sempre considerados por igual, em todas e quaesquer disposições administrativas que tenham por fim educar e engrandecer as industrias nacionaes.

Será necessario especialisar as razões que dão á industria do Porto o logar honroso que a Sociedade de Instrucção tem a gloria de assignalar-lhe n'este momento?

Não, por certo.

Sabe V. M. e sabe-o tambem o paiz que a cidade do Porto é, desde muito, denominada sem hyperbole, a Manchester portugueza.

O districto do Porto conta 80:000 industriaes e d'estes pertencem 40:000 á cidade invicta.

Esta grande actividade industrial faz mover 12:000 cavallos de força.

Dá renda a 9:500 contos de capital.

Produz valores na importancia de 15:000 contos!

SENHOR

No orçamento geral do Estado, que acaba de ser approvado pelos corpos legislativos, foi inscripta a verba de seis contos de réis, destinada a subsidiar operarios portuguezes, que vão, em paizes estrangeiros, estudar os progressos de suas respectivas artes e industrias.

A Sociedade de Instrucção do Porto, a exemplo do que, com tanta justiça, se pratica com os pensionistas de Bellas-Artes das academias de Lisboa e Porto, julga do seu dever impetrar do governo de V. M. que a metade do subsidio acima referido seja destinado aos operarios d'esta cidade particularmente; — do districto em seguida — e finalmente da região de que esta terra é considerada capital, se por ventura apparecerem ahi individuos, que reunam condições especiaes de capacidade.

Se a Sociedade de Instrucção do Porto tem affirmado, de um modo absoluto e incontroverso, — a sua devoção pelo desenvolvimento intellectual do paiz — o seu esforço tenaz pela vulgarisação de doutrinas, exclusivamente attinentes ao melhoramento social — e o seu forte empenho em crear uma nova musculatura vigorosa, que garanta a existencia nacional:

— se, pelas relações estreitas com muitos dos mais notaveis industriaes d'este districto, que são seus socios, esta Sociedade merecesse a honra de ser ouvida pelo governo de V.

M. sobre a eleição dos individuos que houverem de ser delegados da industria fóra do reino; ella não só se consideraria verdadeiramente lizongeada, mas poria ao serviço de escolha tão delicada todo o zelo da sua bôa vontade de acertar — tarefa que não é muito difficil para quem vive inteiramente fóra do dominio das paixões politicas, que tantas vezes desvairam os melhores espiritos.

A Sociedade de Instrucção do Porto não ignora qual seria o procedimento do governo de V. M. n'este assumpto, independentemente da sua intervenção d'ella, pois conhece muito bem qual a norma regular e justa que preside á gestão dos negocios publicos, mas, ainda assim, pede a V. M. que acolha benevolamente esta representação, para que esta Sociedade possa demonstrar, de um modo claro e pratico, que, se instantemente convida — sollicita — e, até certo ponto, importuna os industriaes, é, principalmente, em proveito d'elles que trabalha, pois que, desde que elles se empenham cordealmente em se illustrar e aperfeiçoar, enriquecendo-se a si e engrandecendo a patria, será V. M. o primeiro a incorporar-se na primeira fila dos que generosamente combatem pelo renascimento e pela rehabilitação da industria portugueza.

Antonio M. Lopes Vieira de Castro.

Foi approvada, por unanimidade, na sessão do Conselho scientifico de 15 de julho de 1883.

O secretario geral

Joaquim de Vasconcellos.

3.º ANNO | 1 DE JULHO DE 1883 | N.º 7

SOBRE A INTRODUCÇÃO DAS ARTES

N'ESTE REINO

(Continuação, vid. pag. 265)

CAPITULO II

As Artes evitão o ocio

A Ociosidade he o inimigo maior e o mais perigoso dos Estados. Em Athenas condemnarão os ociosos com pena de morte. O Imperador Valente com a perda da liberdade. Salustio aconselhou, como primeira necessidade do Governo, buscar em que occupar os homens. Cicero affirmava, que durou a gloria de Roma, em quanto se observárão as Leis contra a ociosidade. Marco Antonio mandava que todos os homens trouxessem sobre si hum signal da profissão que tinhão; e quem o não trazia, era condemnado a servir nas Obras Públicas. Nação houve entre a qual se não dava de cear aos moços que não mostrassem o trabalho em que havião occupado aquelle dia. Entre os Egypcios houve Lei que obrigava a cada hum dos homens a mostrar aos Magistrados o de que vivêra, e em que se occupára aquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos tão approvado este modo de governo, que Filippe II condemnou os ociosos a galés. Os Chinas não consentem hum só ocioso, e buscão occupação até para aquelles homens a quem as enfermidades podião isentar legitimamente do trabalho; porque os que não tem mãos, trabalhão com os pés, e os que não tem pés, trabalhão com as mãos; até os cégos trabalhão, e de sete annos de idade buscão em que exercitar os Meninos [1]. A esta imitação ha

[1] Estes factos são plenamente confirmados pelo celebre viajante Mendes Pinto nas suas *Peregrinações*. Escolhemos apenas alguns: prohibição de pedir esmolas (I, p. 332), mas, ao mesmo tempo, uma intelligente caridade (II, p. 76 e 109) obrigando a immensa população a trabalhar na industria; aliás não poderia sustentar-se, «se não fosse a grande ordem e

em París hum Hospital, em que recolhem os mendigos, e a todos dão occupação. Em Amsterdão são suspeitas, como deshonestas, as mulheres ociosas, de qualquer qualidade que sejão. Este he o vicio da ociosidade; e he para admirar que não tenha entre nós pena especial. Bem considero que ha entre nós muitos ociosos, porque não tem em que trabalhar, especialmente as mulheres na maior parte do Reino, e que a quem lhes condemnar a ociosidade, podem responder com os Obreiros do Evangelho: *Nemo nos conduxit* [1]. Com a introducção das Artes não poderáõ dar esta resposta os ociosos, e a República, dando occupação aos Vassallos, tem direito para castigar a ociosidade delles.

Se toda a lã que ha no Reino se lavar no mesmo Reino, dará sustento e occupação a infinito número de gente, o que facilmente vê quem lança a consideração ás muitas mãos que se occupão em cardar, fiar, tecer, e tingir esta materia, que vendemos crua aos Estrangeiros e depois de fabricada aos muitos homens, que se occupárão, e vivêrão do Contracto della.

Já disse, que só em Samersão se sustentavão e vivião da Fábrica das Sarges mais de dez mil pessoas, cujo gasto passa unicamente a Portugal. Só de fitas ha em París mil e quinhentos Mestres, e alguns que tem a dez teares, porque os Mestres não fazem mais que armar os teares; e contando seis obreiros a cada Mestre, se acha que occupa esta Fábrica nove

---

governo que se tem no prover da gente mechanica, & no trato & officios cõ que os cõstrangem a buscarem vida»... (II, p. 26). Leia-se principalmente o cap. CXII do vol. II, pag. 105. *Do provimento que tem com todos os aleijados & gente desemparada*, que foi, provavelmente, a fonte de informação de Ribeiro de Macedo. O Padre Frey Gaspar da Cruz (*Tractado das cousas da China*, escripto em 1556) diz o mesmo: «porque comunmente nam ha quem dee esmola a pobre, polo que se acertava algũ pobre de pedir esmola a algũ portugues e ho portugues lha dava, riam-se os chinas delle» etc., pag. 68 da ed. de 1829. A organisação social e economica do imperio no sec. XVI era tal que São Francisco Xavier «espãtado, assi destas cousas como doutras muytas excellencias que n'esta terra vio, dezia, que se Deos algũa hora o trouxesse a este reyno, avia de pedir de esmolla a el Rey nosso Senhor que quizesse ver as ordenações, & os estatutos da guerra & da fazenda, por que esta gente se governava, porque tinha por sem duvida que erão muyto milhores que os dos Romanos no tempo de sua felicidade, & que os de todas as outras nações de gentes de que todos os escriptores antiguos trataraõ (Mendes Pinto, vol. II, pag. 112).

[1] O mesmo podem repetir hoje, senão veja o leitor as confissões do grande inquerito industrial de 1881, na parte relativa ao ensino technico nas fabricas, á organisação da aprendizagem, etc.; um sudario em cinco vo-

[1] E somos nós os pessimistas!

mil pessoas, sem contar os muitos Tendeiros que as vendem, e os muitos homens de Negocio, que as comprão para as mandar a differentes partes.

O Padre Antonio Vieira me disse, que conhecêra hum Mercador Genovez que dava seda em Genova, e pagava a duas mil mulheres, que por sua conta fazião mêas de agulha [1].

Os Portuguezes he a Nação mais habil para as Artes mechanicas que tem Hespanha, e os Estrangeiros confessão que são os que melhor, e mais facilmente os imitão. No Reino não faltão officiaes daquellas Artes, cujas obras se não recebem dos Estrangeiros, como são Pedreiros, e Carpinteiros, e outros de que ha tanta quantidade, que hum grande número delles possa trabalhar e ganhar sua vida em outros paizes, e especialmente em Castella. Da mesma sorte haverá abundancia de officiaes, e obreiros em todas as Artes, que de novo se introduzirem; e se occuparáõ nellas todos aquelles que a necessidade ou falta de emprego faz sahir da sua Patria.

CAPITULO III

As Artes augmentarão o número da gente, e se povoará o Reino

O Número dos Vassallos, e a numerosa povoação dos Reinos, he a maior felicidade delles e o fundamento mais sólido da sua conservação; como pelo contrario, tudo falta aos Estados, onde falta gente. Esta he a felicidade que promettia Deos ao seu Povo pela boca de hum Profeta: *Dux ego convertar ad vos, et multiplicabo in vobis;* e pelo contrario, quando lhe propõe castigos, lhe diz: *Remanebitis pauci numero.*

---

[1] O Padre Antonio Vieira andava muito interessado na reorganisação do commercio portuguez (e da politica do reino, em geral) como se vê pelas suas numerosas cartas dirigidas a Duarte Ribeiro de Macedo, que constituem o vol. IV da collecção epistolar. O celebre jesuita empenhava-se principalmente na creação de duas companhias de commercio, a oriental e a occidental, portuguezas, para segurar a India e o Brazil com os capitaes dos christãos novos. Deviamos luctar, como elle dizia, *arca por arca* com os Hollandezes. Vieira tinha por Macedo uma veneração especial, que testemunha a favor da alta capacidade do diplomata; tanto na empreza da transplantação das drogas da India para o Brazil, (vol. IV, p, 210), como em outros assumptos economicos de grande alcance, (questão da *Pragmatica*, pag. 253, 274, febre das *Minas*, pag. 211, 281) havia perfeito accordo entre os dois.

Roma e Athenas entendêrão que toda a sua grandeza consistia na cópia numerosa de Cidadãos. Assim o lêmos nas Politicas de Aristoteles e Platão, nos decretos dos Imperadores, e no Conselho de todos os Legisladores de huma e outra Cidade.

He grande este unico bem dependente das Artes; póde bastar por prova a experiencia do que vêmos nos Reinos visinhos. Hespanha he maior na extensão de terra que França, e igualmente abundante e fertil; mas na povoação he tão desigual, que no anno de 1620 contava Hespanha seis milhões de almas, e França quatorze. Dirão que isto procede da fecundidade das mulheres, muito maior nas terras quentes. Se isto assim fôra, Polonia, que he maior que França, tivéra mais gente, o que não he assim. A differença só consiste em que França tem mais Artifices, e mais Artes que Hespanha e Polonia [1].

Hollanda he huma pequena Provincia, cuja terra he só abundante de pastos, defendida contra as innundações com hum contínuo trabalho de vallas e diques, e possuida desta sorte, como em precário; mas he tão povoada, que se não acha outra em igual distancia, com igual número de moradores, e quem comparar nelles os Artifices com os Lavradores, achará vinte Artifices para cada Lavrador.

O pequeno Estado de Genova he a parte de Italia em que ha mais gente, em igual distancia de París, e commummente se sabe que o seu mar não produz peixes, e os seus montes nem lenha produzem, e são as Artes que a sustentão, muito rica e povoada, de sorte que he esta a terra de lavor tão celebrada pelos Authores Latinos, e tão abundante dos bens da natureza [2].

Ha sessenta e quatro annos que as Fábricas da Seda se introduzirão em França, e no decurso delles crescêrão mais de

---

[1] Parece haver aqui um lapso, na posição de latitude dos paizes citados, mas repare-se que Macedo cita apenas uma opinião commum, que julga erronea. Um diplomata de tanto merecimento conhecia decerto a configuração politica da Polonia depois da paz de Westphalia. Em tempos anteriores a influencia polacca chegou até ao Adriatico, pela estreita alliança com a casa de Hungria. Macedo refere-se porém ao *temperamento*, lembrando-se da precoce puberdade e da fecundidade da mulher polacca e da mulher peninsular.

[2] Macedo podia citar ainda Veneza e, antes de Veneza, Pisa e Florença, como grandes republicas que fundaram a sua grandeza na industria e na arte.

metade do número de casas e moradores, as Cidades de Lião, e Tours, as Villas de Sancto Estevão, e S. Chaumont [1].

Vêmos, emfim, por experiencia, que as terras que mais florescem são as mais povoadas; vejamos a razão:

Londres he huma das Cidades populosas da Europa, mas a maior parte dos seus moradores são Artifices. No tempo das suas guerras civís, quando os obreiros, aprendizes sómente, tomárão as Armas, formárão hum Corpo, a que se não podia oppôr o resto dos moradores [2].

João Botero [3] pergunta qual será a causa porque huma Cidade que começou, por exemplo, no anno de 600, com duzentos moradores, cresceo a dois mil até ao anno de 800; e depois de oito seculos não passou de 2000 moradores. Parece, segundo as razões naturaes, que havia de crescer em mil annos a 20000 moradores, ao menos segundo o cálculo de em dois seculos passarem de 200 moradores a 2000; mas esta experiencia em quasi todas as Nações do Mundo mostra o contrario; a razão he porque as Cidades não crescem mais em número de gente, do que o seu territorio póde sustentar, e daqui vem, diz o mesmo Author, que o Mundo, em mil annos depois do Diluvio, teve tanta gente como hoje tem; fallando em geral do Mundo, e não desta ou daquella Provincia.

Mas contra esta infallivel razão de João Botero parece que está huma experiencia tambem certa, e he, que vêmos muitas Cidades, como acima fica mostrado, de territorio fertil

---

[1] Este calculo: ha 64 annos, daria a era 1610, e recuariamos até ao reinado de Henrique IV. A indicação é exacta. Foi este principe que mandou plantar de amoreiras o Jardim das Tuilherias, como primeira experiencia, apesar da fortissima opposição de Sully (Dumreicher, *Op. cit.*, pag. 28). Vide o que Macedo affirma retro, Parte I, cap. VIII. O livro, impresso em Paris em 1655, em que elle viu o Decreto de Henrique IV sobre a introducção da Fabrica da Seda seria o tratado sobre a creação do bicho da seda de Christovão Isnard, que serviu de base ao compendio de Bluteau; n'este caso deverá lêr-se 1665. Sobre as localidades citadas v. Dumreicher, pag. 74. Foi muito conhecido até fins do seculo passado o estofo de seda *gordetur (gros de Tours*; como gordenaple — gros de Naples, etc).

[2] Os pannos inglezes finos apparecem com frequencia em Portugal, na segunda metade do seculo XV: *Lomdres, Brystoll*, etc., J. P. Ribeiro, *Dissert. chronol.*, vol. V, passim; mais raros no sec. XIII, sob D. Affonso III; Ley de 1253 com a taxa dos preços.

[3] João Botero, com o sobrenome *Benisius*, escriptor italiano (1540-1617) e diplomata. Escreveu, entre outras obras, puramente litterarias, as seguintes politicas: *Della ragione di stato*, refutação de Machiavello; *Delle cause della grandezza delle città*, a que Macedo allude, etc.

serem mais povoadas que outras de igual territorio; mas este Milagre obrão as Artes, porque o preço dellas corre abundantemente á subsistencia dos territorios visinhos, ou dos Reinos estranhos, se he maritimo o lugar onde se fabricão.

CAPITULO IV

Continúa a mesma materia

Vejamos outra razão mais natural. O commum dos homens vive, ou da lã, ou das lavouras, ou do trabalho das Artes, de sorte que os meios geraes da subsistencia dos póvos são: a cultura da terra, e a Fábrica das Artes, e assim, onde mais se cultiva a terra ha mais Lavradores, e onde mais se fabríca, mais Artifices; mas estes dois meios de subsistencia se ajudão tão reciprocamente, que não póde haver muitos Lavradores onde não houverem muitos Artifices, e pelo contrario, ha muita abundancia destes onde as Artes florecem.

Os Lavradores cultivão a terra até tirarem della os fructos que podem gastar, e de que podem tirar o necessario para vestir suas familias, para comprar instrumentos de lavoura, reservando huma porção para tornar á terra, de modo que, vendendo os fructos, restituem o dinheiro ás Artes, pelas roupas e instrumentos de que necessitão; mas se estas obras de Arte vem de fóra, não são os Artifices os que lhes gastão os fructos; e o dinheiro, que lhes dérão por elles, passa a ser utilidade dos Estrangeiros.

Mas supponhamos que se introduzirão as Artes na Cidade onde vivia este Lavrador, e que o número dos Artifices augmentou o número dos moradores de 2000 pessoas; crescia necessariamente o gasto dos fructos, e o Lavrador que, por exemplo, não lavrava mais que dez moios, porque só a esta quantidade achava gasto, procurará cuidadosamente tirar da terra todos os mais fructos, cujo gasto lhe segura o maior número da gente da Cidade.

Segue-se daqui, que o Lavrador, que se acha com mais cabedal, o restitue ás Artes, porque veste mais limpamente a sua familia e, crescendo na lavoura, compra mais instrumentos para ella, e por consequencia os Artifices crescerão em número, porque cresceo por este mesmo caminho o gasto das Fábricas, e se aperfeiçoarão no trabalho.

Passemos mais adiante. O Lavrador que se vê com cabedal, passa naturalmente do necessario ao superfluo; e vêndo

na Cidade as Artes e obras de que se contenta, servindo-se, por exemplo, de bancos até então, compra cadeiras, e igualmente todas aquellas cousas que servem ao ornato, e não á necessidade; e daqui nasce que achando huns e outros utilidade na vida que tem, e segura a sua subsistencia no trabalho, se applicão a elle, e se animão todos a ter familias, e casar suas filhas.

Para confirmação destes argumentos, se não necessita de mais prova. Baste lançar a consideração aos muitos Artifices, que entre as Nações Estrangeiras se occupão em lavrar as fazendas e generos de que necessitamos, e delles recebemos. Supponhamos que ha hum milhão de pessoas que se sustentão commodamente no Reino; se nelle se obrarem aquellas Fábricas, crescerá o gasto aos fructos, sustentar-se-ha muito maior número de gente, e o Reino logrará a grande felicidade de ser muito mais rico e muito mais povoado [1].

CAPITULO V

A falta das Artes he causa da falta de gente em Castella

A prova maior dos Capitulos antecedentes he examinar o damno que causão os Direitos com que se acha Castella. D. Sancho de Moncada refere sobre esta materia cousas que causão horror. Diz, que os Curas de Toledo dérão hum Memorial a El-Rei, advertindo, que faltava naquella Cidade a terça parte da gente; porei aqui as mesmas palavras do Author:

«En la carniceria se peza menos de la mitad de la carne, que solia. Es cosa lastimosa, que de sessenta casas de Mayorazgos de a tres mil Ducados de renta, que solia ter Toledo, no quedan seis, y de toda Castilla, Andalusia, Mancha, Reino de Valencia, y asta Sevilla, todos son del Pueblo. Y el Padre Fr. Diego del Escurial, refiere que le dixo el Obispo de Avila, que de poco acà faltaban sessenta y tres Pilas [2] en su Obispado.»

---

[1] Estes dous capitulos, III e IV, com as suas conclusões, reclamariam um longo commentario sobre as relações do lavrador e do industrial (no sentido restricto em que Macedo applica esta palavra). Stetson deduz o predominio dos *leading states* da grande Republica americana da condição de superioridade natural, que resulta da transformação de um estado agricola em estado industrial. (V. o problema mais por miudo em o nosso estudo: *Reforma do ensino de desenho*. Porto, 1879, pag. XVII.)

[2] Deve entender-se por *pilas*, (pia baptismal) a parochia, com o registo do movimento da população; as parochias estavam desertas.

Este he o lastimoso estado de Hespanha, tão fertil em outro tempo, e tão abundante de gente, que refere Julio Pacense, que no tempo de Augusto (se) mandou numerar os Vassallos do Imperio, e se achavão (sic) sómente em Lusitania cinco milhões e sessenta e oito mil pares de familias [1]. He observada entre os Authores a fecundidade das mulheres Portuguezas, e os frequentes partos de taes filhos.

As causas, que commummente dá o Mundo para esta falta, são as Colonias das Indias, a expulsão dos Mouriscos, e as guerras de Italia e Flandres; porém todas estas causas, na opinião do Author citado, são sem fundamento. Na expulsão dos Mouros sahírão de Hespanha seiscentas mil pessoas, número facil de restaurar em poucos annos [2]. Ha vinte e cinco annos que em Napoles morrêrão de peste duzentas mil pessoas, e hoje se acha este número restaurado.

Depois da Conquista de Granada até ao Reinado de Filippe III não houve guerras em Hespanha, e no anno de 1600

---

[1] Ha grande exaggero n'esta cifra, tendo-se mesmo em conta a extensão do territorio da antiga Lusitania, cujas fronteiras eram mui differentes das actuaes de Portugal, v. Kiepert, *Atlas antiquus*, x. A população de Portugal no reinado de D. João I pouco excedia a um milhão; duplicou até D. Manoel, e estava reduzida á antiga cifra, pouco mais, na época dos Felipes (1.200:000). V. a *Memoria sobre a população e a agricultura em Portugal* (1097-1640), por Rebello da Silva. Lisboa, 1868. Parte I.

[2] Moncada não diz a verdade. Os Reis Catholicos expulsaram uns 800:000 hebreus, de que o nosso D. João II se aproveitou, e que D. Manoel destruiu. Depois Felipe III expulsou os *Mouriscos* (1609-1610), perdendo a Hespanha mais algumas centenas de milhares de individuos (os calculos variam de 300 mil a um milhão), que formavam a parte mais laboriosa da sua população; que tinham nas mãos a agricultura e as artes, precisamente. Em paga, a terra augmentou em frades, em ociosidade e vicios. Note-se que esses *mouriscos* pagavam só na provincia de Valencia doze milhões de reales de tributo; o seu trabalho dava para isto, e a sua economia ainda lhes permittia juntar os thesouros com que se encheu Felipe III e o seu valido Lerma. Restaurar o desfalque produzido pela perda de 600:000 almas poderá parecer facil a Moncada, mas o que é irremediavel é a perda completa das tradições do trabalho nacional, desde a arte de regar um campo até á arte de tecer um estofo. Note-se, finalmente, que esta perseguição de 1609 era a segunda que soffriam os *mouriscos*. Corrija-se tudo o que diz Moncada pela exposição de Lafuente. *Historia de España*. Barcelona, 1879, vol. III, pag. 258 e seg. Este ultimo conclue o seu eloquente capitulo com a seguinte phrase: «Cierto, la herida que con ello recibio la riqueza publica de España fué tal, que no es del todo aventurado decir que aun no ha acabado de reponerse de ella». Veja-se Ranke, *Die Osmanen und die spanische Monarchie*. (vol. XXXV e XXXVI das Obras compl.) Leipzig, 1877, pag. 292 e seg.; pag. 423 e seg.; as consequencias da *intolerancia* hespanhola estão alli pintadas em meia duzia de paginas.

se começou a sentir a falta de gente. Em França houve quarenta annos continuos de guerras civís, e não se conheceo no ultimo diminuição nos Póvos, donde se segue que a guerra não póde ser a causa da falta de gente em Castella, assim como o não foi em França.

Tambem as Colonias e os Descobrimentos não são a causa, porque, commummente fallando, não sahe da sua patria para viver nas alheias quem tem subsistencia certa na propria. As innundações de gente, de que temos tantos exemplos na Historia, succedêrão como as innundações dos rios, que sahem dos Canaes a alagar os campos quando as aguas não cabem no caminho natural por onde corrião. Quando os Godos, Vandalos, Suecos, e mais Nações Septentrionaes passárão o Rhim e o Danubio, não deixárão desertas as suas Patrias, antes tão povoadas como hoje as vêmos. A nova França, a Virginea, e as muitas Ilhas, que tem as Colonias Inglezas e Francezas, não diminuem a povoação de França, e de Inglaterra.

Outra causa commummente se aponta, que são as muitas Religiões que ha em Hespanha, porque Navarrence affirma que havia no seu tempo 70$ Frades; mas esta não póde ser a causa, porque em França ha muito maior número de Religiosos e Conventos, sem que hajão de diminuir a povoação daquelle Reino [1]. Todas estas causas podem concorrer para a falta de gente, mas não são as efficazes. D. Sancho de Moncada refuta todas estas causas, com a razão de que são mais antigas que a falta de gente, e conclue, que a falta das Artes he a

[1] Moncada occulta mais uma vez a verdade. Precisamente no anno da publicação do seu livro, em 1 de fevereiro de 1619 o grande *Consejo de Castilla* apresentou a Felippe III uma consulta que lhe fôra pedida, e que ficou celebre. O capitulo VI clama aos céos (apud Lafuente, *Histor. de España*, vol. III, pag. 284) A Hespanha era sugada por milhares de fundações pias; só conventos de freiras havia uns 988, todos repletos; só em duas religiões: dominicanos e franciscanos, havia 32:000 individuos; dous pequenos bispados, Pamplona e Calahorra, tinham de sustentar 24:000 frades e clerigos. Gonçalves Davila, um notavel escriptor e sacerdote, que cita estas cifras, exclama: «Sacerdote soy, pero confieso que somos mas de los que son menester.» Mas Felipe III respondia a estas queixas que já vinham repetidas do seculo anterior: «No conviene que sobre esto se haga novedad.» (Ranke, *Op. cit.*, pag. 311). Pôr em parallelo o clero de Hespanha com o de França é um absurdo, sob o ponto de vista da sciencia e do trabalho, quanto mais do numero de habitantes. Em compensação, crescia a invasão dos estrangeiros nos dominios da corôa; em 1610 eram nada menos de 160:000, sendo 10:000 genovezes, que ganhavam 25 milhões por anno com a peregrinação dos castelhanos para as Indias, e a expulsão dos outros.

unica causa dos desertos de Castella, porque depois de se perderem as Artes, faltou a gente.

Esta he a razão, e não póde ser outra; mas demos a conhecer a causa natural deste effeito. Todas as causas, que ficão apontadas, não podião despovoar Hespanha, porque ficárão os muitos meios para se restaurar aquella falta, como he a fecundidade das mulheres, e o ter com que subsistir a gente. Logo a falta das Artes tirou este segundo meio, e he a causa de se achar Hespanha falta de gente. A menor desta conclusão, fica provada por todo este Discurso [1].

CAPITULO VI

Qual he a causa de se perderem as Artes em Hespanha

Dirão que Hespanha sempre foi falta de Artes, o que he falso, porque sempre teve as que lhe erão necessarias. Ainda hoje em todos os Reinos da Europa, quando querem encarecer por boa huma seda, dizem que he *Granada*, e quando hum bom panno, dizem que he *Segovia*. Sabemos que os Catalães tiverão trinta Naos, com que navegavão ao Levante manufactu-

---

[1] Ribeiro de Macedo não quiz dizer tudo o que sabia; de resto, n'este capitulo sobre o estado de Castella, elle cita apenas a opinião de Moncada. Richelieu classificou a expulsão dos *mouriscos*, a empreza do arcebispo de Ribera, como um dos actos mais barbaros da historia. Colbert cortou por todos os privilegios, incluindo os do clero, para robustecer as finanças do seu paiz, (Dumreicher). Severim de Faria, *chantre e conego da Sé de Evora*, clamava já em 1635 contra todos esses males e abusos, cuja existencia Moncada pretende negar. Este autor portuguez propunha já algumas das medidas que Macedo reduziu depois a systema, a um projecto completo de reforma, sob a influencia dos modelos francezes. *Noticias de Portugal*, Discurso I, pag. 1-69 da ed. de 1791.

Nas Propostas do Concelho do Porto para as côrtes de 1697, os artigos 7-16 pintam com negras côres o systema de exploração do clero; estavamos como a Hespanha de Moncada. Uma phrase só, do artigo 9. «Tem a piedade Catholica dos Senhores Reys deste Reyno dado licença a differentes Fundações: e he justo que se faça prezente a Sua Magestade, que na estreiteza deste Reyno não cabe tão grande piedade» (apud. J. P. Ribeiro, *Dissert. chronol.*, vol. I, pag. 383).

Note-se que estamos na época em que o Paço pedia aos dez e vinte mil réis emprestados, para a despeza diaria. (*Cartas* do Padre Vieira a Macedo, pag. 146; mas raros eram os conventos em que se não vissem magnificas obras e accrescentamentos, segundo diz o Artigo 1o das Propostas do Concelho do Porto. A resposta foi fecharem as côrtes para sempre, e declarar D. Pedro II o poder absoluto.

ras Hespanholas, e hoje que não tem que navegar, não possuem huma barca. Em Missina ha uma casa de Consulado, como em Anvers outra, que conservão o nome de Portugal [1].

Mas resta vêr como se perdêrão as Artes em Hespanha, que ao menos servirá para conservar as poucas que ha no Reino, quando não cuidemos em introduzillas de novo. Os Descobrimentos das Indias, as grandes Colonias, que naquelle vasto Mundo se descobrírão, e a que foi necessario acudir, forão causa de que se necessitasse de mais roupas, e de mais manufacturas do que os Artifices de Hespanha podião fabricar, e por consequencia que os moradores pedissem humas e outras ás Nações visinhas, as quaes com a ambição do ouro e prata, por que as commutavão, acudírão a Hespanha com mais cópia do que se lhes pedia.

Como as Mercadorias Estrangeiras erão mais custosas, ainda que na substancia falsas, e as davão a melhor preço do que as podião dar os Artifices de Hespanha, começárão a ter grande gasto, não só nas Indias, para onde forão buscadas, mas em Hespanha. Para isto ajudou o ordinario erro com que entendemos que tudo o que vem de fóra he o melhor [2]. Com este engano foi insensivelmente faltando o gasto a todos os generos que se fabricavão em Hespanha, e por consequencia perdendo-se os Artifices, porque não podião fabricar o que não gastavão; e todos se passárão ás Indias a buscar outro modo de vida [3].

---

[1] Houve as seguintes feitorias de Portugal no sec. XVI: em Malaga e Sevilha, não só pela importancia d'esta ultima cidade, como emporio commercial das Indias occidentaes, e pela grande colonia portugueza que alli vivia, mas tambem por causa do prompto provimento dos lugares de Africa, com os cereaes da Andaluzia, etc. A feitoria de Flandres esteve no fim do sec. XV em Bruges, antes de se transferir a Anvers. Em França dirigia os negocios a feitoria de Rouen: a de Messina é menos conhecida. V. os nossos estudos sobre a feitoria de Flandres em *Arch. artist.* fasc. IV. De Barcelona basta dizer que foi a cidade que creou o *Consolat del mar*, o moderno codigo maritimo das nações europêas; o seu commercio dominava o Mediterraneo nos sec. XIII e XIV. V. Heyd. *Levantehandel.*, vol. I, pag. 368, 466, 523, etc. A industria de tecidos de Segovia e Granada era um dos muitos e preciosos legados da cultura arabe, continuada pelos mosarabes ou mouriscos. Nas côrtes de 1472-73 os povos alludiam ainda á riqueza de Granada, produzida pela seda; as medidas adoptadas por D. Affonso V foram porém improprias (v. retro, pag. 217 e 255, notas).

[2] Note-se bem que se escrevia isto em 1675!!

[3] Recorde-se, mais uma vez, que o trabalho, a experiencia, o saber, os segredos das culturas e dos processos de fabrico estavam na população mosarabe, porque os trabalhos manuaes eram considerados como aviltantes

Não se reparou neste damno, que pudéra ter facil remedio no principio, e ficou Hespanha sem Artes, e sem os muitos homens que das Fábricas, e uso dellas, se alimentavão, e dando ás Nações Estrangeiras pelas roupas, todo o ouro, e prata que navegavão das Indias. Quem não dirá que este foi o castigo das crueldades que os Castelhanos executárão nos innocentes moradores daquelle vasto Mundo, e que despovoando aquellas Regiões de seus antigos moradores, cahio sobre elles aquelle castigo — *Remanebitis pauci numero* [1].

CAPITULO VII

Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a Introducção das Artes

A introducção das Artes he util, e necessaria a todas as Nações do Mundo, mas especialmente a Portugal, mais que a nenhuma outra Nação.

1.ª Porque a falta das Artes lhe será mais damnosa que a nenhuma outra Nação.

---

pela immensa maioria dos hespanhões. Este preconceito ainda não está hoje destruido. De Valencia, Murcia, Aragão, Catalunha, das duas Castellas, da Mancha, da Estremadura, de todas as provincias (porque elles estavam espalhados por todo o paiz) vieram sollicitações da nobreza e das camaras, pedindo para lhes deixarem, ao menos, alguns poucos *mouriscos* que podessem ensinar os christãos velhos; mas esses poucos não conseguiram inspirar o amor do trabalho a uma nação enervada pela ociosidade. Ainda assim, a organisação dos officios em corporações, confrarias ou mesteres, (que remontam em Hespanha ao sec. XIV, e que era muito segura), ajudada pelas tradições antiquissimas da technica oriental, transmittidas pelos arabes, deu ainda ás artes industriaes em Hespanha força sufficiente para sustentarem com a importação estrangeira uma lucta tenaz, que vae em *decrescendo* até ao advento da casa de Bourbon (1701), a qual consagrou o triumpho da industria e das modas francezas.

[1] O reinado de Felipe III, o soberano de Moncada, acaba assim: «Felipe III, tan celoso catolico como descuidado monarca, poblaba y enriquecia los convientos, y dejaba enpobrecer y despoblar el reino. Expulsaba los moriscos, y mataba la industria y las artes: las communidades religiosas se multiplicaban, y los labradores abrumados de tributos dejaban el arado y pedian limosna. Felipe III que por sus virtudes privadas hubiera sido un particular apreciable, como rey fué funesto á su pueblo. Acaso ganó para si la gloria eterna, pero las naciones necessitan reyes que sepan ser algo mas que santos varones.» (Lafuente, *Op. cit.*, vol. III, pag. 285). Alargámo-nos mais nas notas d'este capitulo para que se saiba tambem o que soffremos nós, os portuguezes, com o governo d'estes Felipes; as cifras estão retro, pag. 250, nota 1.

2ª Porque a abundancia das Artes lhe será muito util pela sua situação, e pela incomparavel qualidade do Povo de Lisboa [1].

Quanto ao primeiro ponto se prova facilmente. A Nação Portugueza naturalmente bellicosa, e ambiciosa, não intentou estender-se, e accrescentar o dominio da Europa, ou por guardar a boa fé com os visinhos [2], ou porque a destinou Deos, como parece, para outros fins; e não cabendo nos limites deste Reino, sahio a conquistar e descobrir o Mundo, primeiro em Africa, depois na Asia, e na America. Nesta ultima parte possue 800 légoas de costa, que achámos inculta e bárbara, mas sem dúvida a mais fertil e rica parte do Mundo. Nella temos várias Colonias onde, em poucos annos de paz, crescêrão em grande número de habitantes, e ao mesmo passo que crescêrão, neces-

---

[1] E' pena que Ribeiro de Macedo não analysasse a organisação dos officios em corporações, n'este reino. A corporação, confraria ou mester dava os socorros na doença, sustentava o ensino, recolhia todos os elementos uteis da tradição, garantindo o trabalho honrado, velava pelos costumes dos operarios; representava, em summa, os officios com toda a dignidade. Em Portugal as confrarias organisaram-se muitissimo tarde, no principio do sec. XVI, e alguns officios só no seculo XVII e XVIII é que trataram seriamente do ensino, tendo-se limitado até alli a ministrar socorros em caso de doença ou morte, a festejar os padroeiros com missas e procissões. A esta circumstancia, principalmente, á tardia organisação de um solido ensino nas confrarias, e ás deficientes disposições dos nossos estatutos, muito inferiores aos hespanhoes, se deve attribuir a pobreza da nossa industria, a falta de caracter nos productos da nossa arte industrial, em continua fluctuação, obedecendo ás influencias mais contradictorias.

Conhecemos documentos do sec. XV, p. ex. um *Regimento dos cutivezes* de 1472, e referencias avulsas aos officios, em outros papeis de 1482, mas são testemunhos isolados. D. João I estabeleceu a casa dos *Vinte e quatro*. (1383) em cujo governo entravam os officios, mas não ha documento que nos dê a conhecer a organisação que elles tinham então. Em 1517 (*Regimento da Procissão de Corpus Christi* em Coimbra) apparecem os officios com suas bandeiras, e em 1552 vemol-os em Lisboa *arruados*, isto é, localisados, cada officio em sua rua, separadamente. Sobre a organisação dos officios nada ha escripto além dos nossos estudos n'esta *Revista*, vol. II, pag. 173, 211, e *Arte Portugueza*, pag. 46). Neves (*Variedades*, vol. I, pag. 96) pouco ou nada diz na sua *Memoria sobre as corporações de officios, artes e commercio*; a questão começa, para elle, nos fins do sec. XVII. Rebello da Silva, *Hist. de Portugal*, vol. IV, pag. 495, conhece como documento mais antigo o *Regimento dos officios mechanicos* de Lisboa, reformado por Duarte Nunes de Leão em 1572: nós encontrámos, porém, regimentos muito anteriores, na Bibliotheca do Porto.

[2] Isto não é lá muito verdade; lembremo-nos das guerras de D. Fernando, e de D. Affonso V, do juramento de D. Manoel em Toledo, como herdeiro de Castella.

sitárão de todo o genero de roupas e manufacturas da Europa, dando em troco tudo o que a cultura tem até agora descuberto, e todas as riquezas que o tempo e a industuia inventárão. Se as obras de que necessitarem forem Estrangeiras, será dos Estrangeiros a utilidade, que a nossa indústria descubriu, e nosso trabalho cultivou; e viremos a ser no Brazil huns Feitores das Nações da Europa [1], como são os Castelhanos, que para ellas tirão das entranhas da terra o ouro e a prata.

A experiencia nos tem mostrado isto mesmo em Moçambique, ou nos rios de Sena. Aquella vasta e riquissima Região que possuimos, sem a conhecer, necessita de roupas, pelas quaes nos commuta ouro, e marfim, que por ellas recebemos; e porque as roupas são da India, para a India vai todo o ouro, e marfim, que por ellas se recebe. E por ultima conclusão: a Introducção das Artes ha de obrar, que sejamos Senhores uteis do Brazil; a falta delias, que seja aquelle Estado dominio util das Nações da Europa.

Este Reino tem pela introducção das Artes duas qualidades especificas, que não convem a nenhum outro Reino. 1.ª Que corre a elle, por caminho mais natural, todo, ou a maior parte do dinheiro que corre de Castella para as mais Nações da Europa; porque cem légoas de continente, com que estamos unidos a ella, serão outras tantas portas para entrarem as fazendas lavradas, tanto mais commodamente, quanto se poupará de fretes, cambios, seguros, piratas, e riscos do mar. E os Castelhanos tem hum grande interesse nesta parte, porque he certo que os Estrangeiros lhe fazem a guerra com o seu ouro, e que nós, sendo invadida Hespanha, acudiremos a defendella, Tão cega he a sua paixão, e tão mal entendida neste particular, que defendem de nós com maior cuidado o seu Commercio, que das mais Nações da Europa.

A segunda utilidade específica, que se propõe, he o porto de Lisboa, o qual se reputa sem questão (entre os Authores que tratão esta materia) por hum dos melhores dois pórtos da Europa, que são: Lisboa e Constantinopla; e por conseguinte estas duas Cidades unicamente capazes de serem os maiores dois Empórios do Mundo, e ambos igualmente grandes, e seguros.

---

[1] E' o que estamos sendo hoje nas nossas possessões de Africa. Os que pretendem desviar a emigração do Brazil para alli, esquecem-se que custou perto de quatro seculos a encaminhal-a para a America do Sul, e que essa ideia não nasceu para elles, os sabios, senão ha meia duzia de annos; o povo analphabeto precisa, naturalmente, de mais tempo.

Constantinopla está entre dois mares, situada em Europa, visinha da Asia, e não distante da Africa; porém a situação de Lisboa he incomparavelmente melhor, porque está no Oceano, e sessenta légoas ás portas do Mediterraneo. Antes que dobrassemos o Cabo da Boa Esperança, e antes que se descubrisse a America, se poderia considerar Constantinopla em melhor situação a respeito do Mundo conhecido; porém, depois que pelos mares se communicou o Occidente com o Oriente; depois que se descubrio hum novo Mundo, Constantinopla he o melhor porto do Mediterraneo, mas Lisboa o melhor porto do Mundo [1].

Isto supposto, o Commercio se faz, ou pelas Producções da Natureza, ou pelas Obras da Arte. O Reino he abundante das producções da Natureza, de quasi todas as especies; mas porque a Providencia as dividio pelos climas, Lisboa as póde receber de todos, e mandar de huns a outros mais facil e commodamente. Se tiver Obras da Arte em igual abundancia ás Producções da Natureza, será senhora do Commercio do Mundo.

Amsterdão he uma Cidade que está oito mezes no anno cuberta de neve, e que tem quatro canaes e pórtos gellados. As entradas necessitão de que se alimpem todos os annos, e se abrão. Todos os ventos rijos lhe são contrarios, e pouco brandos e favoraveis; porém todos estes deffeitos naturaes suprio a industria, e o trabalho dos homens, de sorte que Amsterdão com as Artes e Commercio, que tem, se faz porto célebre e riquissimo.

Londres tem huma Ribeira capacissima, e he Corte de hum grande Reino; mas o que a faz populosa são as Artes, de sorte que sem ellas seria huma Aldêa, em que assiste hum Rei e a sua Corte.

Muitos entendem que a causa da grandeza de París procede de ser Cabeça de hum grande Reino, e assistir nella a Corte; mas vêmos, que Madrid he Cabeça de hum grande Reino, e assiste nella um grande Rei, e he comtudo huma Aldêa, comparada com Amsterdão, Londres, e París.

A riqueza e grandeza de París procedem de ser Universidade de toda a Europa. As Sciencias, as Artes liberaes e mechanicas se ensinão e obrão em París com tanta perfeição,

---

[1] V. os estudos do geographo Kohl sobre os futuros destinos do porto de Lisboa.

que nos Collegios e Academias estudão e aprendem dois mil Cavalheiros das Nações visinhas, entre os quaes ha commummente Principes de Casas Soberanas [1]. As Obras da Arte são tão estimadas, que eu vi fazerem-se carroças, paramentos de camas, e adornos de casas para o Imperador, quando casou; para El-Rei de Dinamarca; para o Duque de Brunswick; e pedirem-se sedas a París, para galla, em casamentos dos Grandes do Reino, e dos Nobres de Genova. Estes são os grandes effeitos que produzem o uso e a abundancia das Artes mechanicas. Se ajuntarmos em Lisboa as prerogativas da Arte ás da Natureza, que bastarem a fazella huma das maiores Cidades da Europa, será sem dúvida a maior do Mundo.

(*Conclue*). DUARTE RIBEIRO DE MACEDO.

A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, v. pag. 281)

Temos de analysar o que se fez em Vianna e em Barcellos, em Extremoz, em Coimbra e no Porto, de 1770 em diante, durante quarenta annos, até á estatistica de Neves; e ella parece não ser completa. O nosso autor não cita, por exemplo, nenhuma fabrica em Vianna do Castello, e a exposição offerece productos numerosos e muito notaveis, com marca local, um V. sublinhado. Não é provavel que seja a inicial do nome de Vandelli, que julgamos reconhecer em um magnifico prato da exposição, pertencente ao snr. A. Moreira Cabral (armario B n.º 13). Além d'isso a marca supra está em objectos que vieram, sem excepção, de Vianna, e pertenceram a casas religiosas; a

[1] Esta affirmação é completamente exacta. Aquelles que imaginam que a omnipotencia da moda franceza nos sec. XVII e XVIII foi só o resultado do servilismo e da adulação das côrtes européas perante a poderosa politica dos Bourbons, ou uma obliteração do senso commum, enganam-se redondamente. A França imperava naturalmente, pela superioridade do seu ensino technico, da sua arte industrial, das suas officinas, graças a um *programma de educação nacional*, que havia passado pelas mãos de tres mestres: Richelieu, Mazarin, Colbert, sem a menor solução de continuidade, durante sessenta annos. (V. Dumreicher, *Op. cit.*, cap. III. Der Colbertismus, e Honneger. *Kritische Geschichte der französischen Cultureinflüsse in den letzten Jahrhunderten*. Berlin, 1875, pag. 53-132, obras que representam a luz e a sombra d'essa hegemonia.

maior parte acham-se dispostos no armario C n.os 65, 66 e 70 (pratos) 71 (areeiro hexagonal) no armario D está uma abundante collecção de floreiras, n.os 171-176 e 178-184, cuja similhança de familia accusa a mesma procedencia, quando as marcas uniformes não bastassem para provar o proximo parentesco. Nas *Memorias economicas*, publicadas pela Academia [1] citam-se jazigos de argilla porcellana em Villa do Conde e de barro de faiença em Vianna. Além da marca apontada téem os pratos grandes, n.os 66 e 70, as iniciaes H. C. na face; e ha ainda mais marcas inéditas. E' muito interessante a marca P entre duas aspas, de um prato grande, n.º 93 do armario D, o qual tem na face o nome «Possidonio». E' obra talvez do Porto. São ainda do Porto, com toda a provabilidade, uma serie de peças marcadas com um R especial, que se distingue da mesma inicial da fabrica do Rato pelos seguintes caracteres:

O do Rato tem as hastes de grossura desigual; o toque do pincel fórma linhas agudas, cortantes, e voltas grossas. O R do Porto tem hastes grossas, iguaes, e é de côr azul, variando a côr do outro, que ora é azul, ora côr de vinho, ora amarello, ora preto. E' muito curioso o resultado da comparação dos RR de duas canecas, que estão no armario D, em boa visinhança; são os n.os 97 (Rato) e 98 (Porto). E' possivel que alguem descubra ainda outras differenças calligraphicas; a questão parece-nos digna de toda a attenção, e sentimos só não poder acompanhar a descripção com os monogrammas, falta que se ha-de remediar na Revista da Sociedade, na qual se fará tambem a descripção technica e artistica das peças portugue-

---

[1] Lisboa, 1789, vol. I, pag. 229. «Em varias partes do Reino, e das Conquistas estão Argillas boas para a Porçolana [1] Fajança [2] para os Cadilhos [3] e outras qualidades de louça [4], para as Telhas e Tijolos: em muitos logares não faltão margas para fertilizar os Terrenos [5].» E logo abaixo:

«Para as Fabricas de Vidro e vidrar as Louças, temos excellentes Quartzos [6], Arêas bem fuziveis [7], o Espato fuzivel para a Porçolana [8].» Em as notas citam-se as seguintes localidades:

---

1 Argilla Porcellana (sic). S. Pedro do Sul. Villa do Conde.
2 Coimbra, Aveiro, Vianna, Alcobaça, Caldas da Rainha, Lisboa.
3 Soure, Cordinhão.
4 Coimbra.
5 Argilla Marga: Coimbra, Torre Bella, Lisboa, Oeyras, Leiria.
6 *Quartzum Hyalinum.*
7 *Arena mobilis*=alba=de Covo, Leiria, Alfeite.
8 Gerez, Serra da Estrella.

zas, n'um catalogo especial [1]. Entretanto diremos, desde já, que as differenças artisticas não são muito sensiveis; a louça do Porto é de boa massa, bem cosida, com um esmalte bastante branco e muito brilhante; o schema das côres é menos abundante do que nas peças do Rato, mas é possivel que, apparecendo mais peças, surjam côres mais variadas [2].

Temos ouvido fallar da faiença de Barcellos, mas a exposição não nos apresenta typos que convençam. Accursio das Neves cita, em 1812, a fabrica dos herdeiros de Antonio José Gomes Ferreira, na freguezia de Darque, ao pé de Barcellos, que fabricava louça fina para o reino e exportava para fóra, segundo uma informação official do corregedor da comarca a 30 de novembro de 1812. No Porto citava em 1814 sómente as fabricas de Manoel Duarte Silva e Francisco da Rocha Soares, que exportavam para fóra, mas ambas em estado decadente, devido por certo aos desastres da invasão franceza, porque, posteriormente, a fabrica de Rocha Soares prosperou muito. Neves não cita a denominação da fabrica, mas era sem duvida a de Miragaya, fundada por João da Rocha em 1775, o qual falleceu a 31 de dezembro de 1779 [3], tendo por seu successor seu sobrinho José Bento da Rocha; d'este passou a um sobrinho, que é o Francisco da Rocha de que tratamos.

Dez annos depois da informação official que dava a sua fabrica como decadente, Rocha Soares tinha reorganisado o seu negocio, corria as feiras das provincias (1824), e com tal exito, que teve de arrendar duas fabricas do Porto, a de Massarellos e a de Santo Antonio de Villa Nova de Gaya até 1829, anno em que falleceu; seu filho, do mesmo nome, continuou o arrendamento da mesma fabrica até 1833 e o da segunda até 1844.

Em 1836 el-rei D. Fernando visitou a fabrica e condecorou a Rocha Soares, filho, com o habito de Christo. Os productos eram bons, de roda e fôrma, imitando muito bem os

---

[1] Todas estas promessas foram cumpridas. Vide os documentos publicados na *Revista*, vol. II, numero de Dezembro. Para a verificação das marcas deverá recorrer-se ás estampas e ao *Indice* d'ellas, publicado a pag. 649-650.

[2] Appareceram depois, com effeito, n'um prato do snr. Marciano de Azuaga e em productos da Real Fabrica do Cavaquinho; nas peças de Vianna notámos qualidades eguaes, quando não superiores, á da louça do Rato, pincel facil, expedito, abundancia de motivos e excellente esmalte.

[3] A 14 de junho de 1782 publicava-se ainda um alvará, isentando de direitos de entrada as materias primas para a fabrica de louça de João da Rocha. (Latino Coelho, *Hist. de Portug.*, vol. I, pag. 297).

typos estrangeiros. As transacções alargaram-se até ás colonias, fundando-se varias agencias: em Lisboa (1842), em Setubal (1844), no Funchal (1841) e em Loanda (1839).

Em 1845 estabeleceu na rua da Esperança um deposito de louça, onde estavam representadas seis das principaes fabricas do Porto, mas o contracto de deposito terminou em 1848.

Nove annos depois morria Rocha Soares filho, e a fabrica vendia-se em hasta publica. Assim terminou uma firmá notavel, que desenvolveu grande actividade e á qual é attribuida precisamente a marca, inicial R azul, de que fallámos, em opposição á marca do Rato. Não é possivel tratar as restantes fabricas do Porto, no fim do seculo passado, com igual desenvolvimento; algumas ainda funccionam, e então encontrar-nos-hemos com ellas, quando passarmos em revista os trabalhos da actualidade. Temos sobre todas ellas interessantes noticias historicas, fornecidas pelo snr. Francisco Gomes Pereira, ainda proximo parente dos fundadores das fabricas de Miragaya, noticias que serão integralmente publicadas em outro lugar [1]. No emtanto, citaremos só os titulos das restantes fabricas, os nomes dos fundadores e a data.

Massarellos, por Manoel Duarte Silva em 1738, com privilegio de *Real*; por tanto, vinte annos antes da fabrica do Rato!

Miragaya, por João da Rocha em 1775.

Santo Antonio de Valle de Piedade (Gaya), por Francisco Rossi em 178... (data incerta no ultimo algarismo).

Do Cavaco (Gaya), por um parente do barão de Sarmento em 178... (data incerta).

E' muito provavel que seja a que Neves cita com o nome de Cavaquinho e que foi, como vimos, fundada por Vandelli depois de 1787.

Na exposição universal de Pariz, em 1867, esteve um prato de faiença com a legenda pintada: *Na real fabrica do Cavaquinho.* Era ornamentado a côres: azul, amarello, violeta e verde, o schema do Rato; nas quatro bordas ramos soltos, e no centro uma fonte e um medalhão sobreposto, sustido por dous anjos, com a legenda citada. Ha na exposição (armario A n.º 160) uma molheira com a marca P C, picada sobre o esmalte, que póde ser da mesma fabrica [2].

---

[1] Vide *Revista*, vol. II, Documento V, pag. 559-563.

[2] Examinando depois, detidamente, esta peça pareceu-nos que era porcelana e que a marca podia ser apocrypha; em todo o caso é uma marca suspeita.

Da Fervença (Gaya), fundada por Manoel Nunes da Cunha em 182...

Do Monte Cavaco (Gaya), fundada pelo padre Gualter da Piedade Queiroz ou Queriol, nome de seu pai, que era italiano.

Do Carvalhinho (Porto), fundada por Thomaz Nunes da Cunha em 183...

Da Bandeira (Gaya), fundador e data ignoram-se. E' hoje de Gaspar Gonçalves de Castro.

Do Senhor d'Alem (Gaya), idem. E' hoje de José Antonio de Sousa Braga & Irmão.

Do Alto da Fontinha (Porto), fundada por Manoel Joaquim Gonçalves & Irmão em 183...

Da Afurada (Gaya), ignora-se o nome do fundador e data.

Do Candal (Gaya), idem.

De Entre-Quintas (Porto), por Guilherme de Souza Reis em 185...

Do Cavaco (bis, Gaya), por João Nunes da Cunha em 186...

Das Devezas. Muito conhecida, fundada pelo snr. Antonio de Almeida Costa.

Da Torrinha, por Manoel José Soares em 184...

Não se póde, pois, dizer que a actividade do Porto, na industria ceramica, haja diminuido; pelo contrario, e a exposição o prova. Os productos do Porto estão em toda a parte; encontrámol-os nos logares mais pequenos do Alemtejo e do Algarve. Ha mesmo um grande receio da concorrencia do Porto nas provincias do sul, que tem seu fundamento.

Em todo o Alemtejo não ha hoje uma unica olaria de faiença, uma unica fabrica de louça branca vidrada, e em todo o Algarve ha apenas uma, em Olhão, que tendo promettido, formalmente, concorrer á exposição, e dado a palavra ao signatario, faltou com medo á industria do Porto, estando a trabalhar ha doze annos! O Alemtejo, uma das regiões mais ricas e mais distinctas pelos seus celebres barros (Evora, Estremoz, Villa Viçosa, Redondo, Reguengos, Aldeia do Matto, Beja, Castro Verde, etc.), abundantissima em material, em especies variadissimas e preciosas — o Alemtejo não sabe produzir uma boa coberta, um bom esmalte branco; apenas o snr. Arcadio da Silva, de Villa Viçosa, o conseguiu ha muito pouco tempo, continuando com exito os seus ensaios, dignos de larga protecção.

Esta penuria contrista, quando nos lembramos que el-rei

D. Sebastião não duvidou apresentar n'um grande banquete, dado ao cardeal-Legado Alexandrino, os celebres productos de Estremoz, no meio da sua baixella de ouro [1]. Ainda no fim do seculo passado a fabrica da Viuva Antunes produzia alli faiença, que rivalisava com a melhor de Portugal, e pouco ficaria a dever á de França, a julgar por um pote de consideraveis dimensões, que vimos no pequeno muzeu da Camara Municipal; a pasta, a coberta, a modelação, a pintura, tudo era excellente.

A peça tem em lettras bem visiveis, na frente, o nome do fabricante UIUUA ANTUNES. Uma outra fabrica muito notavel de Estremoz era a de frei Luiz Pernancho; vivem ainda pessoas que a conheceram, e essas apontam tambem as localidades de mais quatro ou cinco fabricas [2]. E, comtudo, não ha hoje mais de oito a dez oleiros em Estremoz, e nenhum produz faiença! E' tudo barro vermelho, vidrado ou tôsco. N'uma casa particular de Evora descobrimos, além de varias peças do Rato, mais uma marca nova: LoBo em um prato pequeno, de sobremesa, muito distincto pela sua modelação e com pintura igual ás melhores peças que temos visto do Rato.

A commissão aguarda uma caixa com cerca de cincoenta peças de antiga louça de Estremoz, que o signatario conseguiu reunir na localidade e em Evora [3].

Não pára aqui a lista, a noticia de mil cousas esquecidas. Quem nos sabe dizer o que é feito dos productos de treze fabricas de Coimbra, existentes em 1813 (além da de Vandelli), da fabrica de Aveiro pertencente a Custodio Ferreira da Silva & C.ª (1811), da fabrica de Alcoutim (Alemtejo, 1813), da fa-

---

[1] V. a Relação da Embaixada do Cardeal-Legado Alexandrino a D. Sebastião no *Panorama*. Lisboa, 1841 e 1842. «Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata cheio d'agua, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura d'um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam *barro d'Estremoz*, pelo qual elrei bebeu seis vezes» (pag. 347 do anno 1842).

[2] São informações que nos deram na propria localidade. No *Inquerito industrial* de 1881. (Inquerito directo. 2.ª parte. *Visita ás fabricas*, livro 3.º), diz-se que Frei Luiz falleceu no primeiro quartel d'este seculo, e cita-se um prato de faiença estampada «imitação da porcelana da China», da sua fabrica. Notaremos que a unica peça, assignada, do museu municipal, é o pote da Viuva Antunes (fim do sec. XVIII), que nunca foi *amphora*.

[3] Chegou só a collecção de Estremoz, composta de vinte peças antigas, que o snr. Antonio Augusto Franco, proprietario da localidade, generosamente offereceu ao museu d'esta Sociedade.

brica de Porto de Moz (Estremadura), de quatro fabricas de Martim Longo (Alemtejo), de outras tantas em Alhandra e de cinco que havia em Lisboa, e que não são as que citámos ha pouco? Tudo isto vivia de 1811 a 1813, satisfazendo o consumo do reino, das ilhas e das colonias.

Concluiremos este capitulo de historia antiga com a lista das fabricas de Lisboa, na esperança que estes breves apontamentos dispertarão a curiosidade dos colleccionadores, e d'aquelles que o não são, e teem talvez em casa alguma peça digna de voltar a um logar de honra no aparador, como louça portugueza, ou, ao menos, uma peça quebrada, que pode ser posta a bom recado em um muzeu.

José Rodrigues de Magalhães; na Bica do Sapato, no bairro de Alfama. Estava decadente em 1813.

José Maria; na travessa dos Ladrões, no bairro Alto. No mesmo estado; mesmo anno.

Pedro Celestino Soares; na travessa do Pé do Forno, no bairro do Mocambo. Estava em bom estado e fornecia o reino, as ilhas e America (1812).

João Moniz Vieira; na travessa da Bella Vista. Estacionaria.

Antonio Alves da Silva Bastos; mesma travessa. Idem.

II

A INDUSTRIA ACTUAL

Começaremos com a das cidades e villas. Porto, Aveiro e Ilhavo (Vista Alegre), Coimbra, Caldas, Lisboa e fabrica de Sacavem, que póde ser addicionada ás da capital. Eis a lista que pomos aqui por extenso, porque nos poupará o trabalho e incommodo de muitas repetições.

Porto e Villa Nova de Gaya:

Massarellos — João da Rocha Souza e Lima.

Santo Antonio de Val Piedade — Manoel Alves Ferreira Pinto. Chamal-a-hemos simplesmente *Santo Antonio.*

Torrinha — Viuva de Soares Rego.

Senhor d'Além — Braga & Irmão.

Bandeira — Candido Augusto de Sá Castro.

Cavaco — Angelo da Silva Macedo.

Carvalhinho — Thomaz Nunes da Cunha e Silva.

Devezas — Antonio Almeida da Costa & C.ª

Aveiro:

Luiz de Mello Guimarães & Norberto.

Vista Alegre (Ilhavo):
Fabrica Pinto Bastos.
Coimbra:
Bento José da Fonseca & Filhos.
Adelino Augusto Pessoa & Irmão.
José Antonio da Cunha.
Figueira da Foz (Viso):
José Maria Gonçalves Amaro.
Caldas da Rainha:
M. Mafra.
Lisboa:
Viuva Lamego (Intendente).
José Gregorio Baudoin.
João Roseira.
Pinto Magalhães & C.ª
Fabrica Nacional — Simão José Pereira.
Fabrica de Sacavem — Stott Howorth (gerente).

Das ilhas concorreu sómente o snr. Manoel Leite Pereira (S. Miguel) e em boa hora o fez, porque os seus productos figuram entre os mais distinctos da exposição, como veremos.

Ha ainda a apontar o snr. Francisco Raphael Gorjão Henriques, da Abrigada, que não incluimos na lista porque expôz só uma especialidade; tubos de grés, e do mesmo modo omittimos a Empreza Ceramica de Lisboa, que expôz só telha e tijolo do typo marselhez.

Serão ambas mencionadas especialmente, quando tratarmos dos materiaes de construcção.

De Lisboa faltaram os snrs. Correia com fabrica na rua da Imprensa Nacional, e a fabrica das Janellas Verdes. Esta ultima está n'um periodo de reforma, porque mudou de proprietario ha poucos mezes. A outra não tinha porém nenhuma razão para faltar, tendo o signatario ido lá pessoalmente, duas vezes. O mesmo diremos da fabrica de Olhão (Algarve). Em geral, os fabricantes suppozeram que a exposição da Sociedade reclamava d'elles esforços desusados, e que era necessario apresentar obras especiaes, obras que podessem *figurar*. Por estas observações, repetidas varias vezes, apesar das declarações muito positivas e muito explicitas do programma, se conclue que muitos não o lêram, ou o lêram mal. As exigencias das grandes exposições internacionaes estabeleceram n'esta parte um mau precedente.

As peças que as nossas fabricas de ceramica podem exe-

cutar, como trabalho excepcional, sahem tão caras, que o fabricante não as torna mais a fazer, e essas mesmo, por muito notaveis que sejam, não podem ainda concorrer com peças identicas das fabricas estrangeiras, que ellas lá consideram excepcionaes. Assim é que a fabrica das Janellas Verdes (Companhia Constancia) tendo feito um prato pintado de figuras, uma peça no genero das majolicas italianas (v. as peças do snr. Cifka), de grandes dimensões (50 a 60 centim. de diametro) a mandou para Pariz em 1867, onde foi feita em pedaços, na secção portugueza.

O possuidor não quiz, com razão, arriscar a peça irmã, que lhe resta, para não perder 90$000 réis, preço do fabríco. O serviço de transportes ainda é feito no paiz com pouco cuidado para que se possa arriscar uma obra de tanto valor; a Sociedade teve mesmo nas suas peças algum prejuizo.

Outro contratempo:

O signatario ouviu, por toda a parte, as mais amargas queixas a respeito do mau exito de anteriores certamens. A *Exposição portugueza*, principalmente, realisada no Rio de Janeiro a 6 de agosto de 1879 pela *Companhia fomentadora*, deixou as mais tristes lembranças. Foi nas suas consequencias uma derrota economica e moral, cujos effeitos sentirão ainda, pesadamente, e por muito tempo, todos aquelles que se lembrarem de pedir o auxilio dos industriaes portuguezes para novas tentativas, embora ellas sejam feitas no reino, e com a maior sinceridade.

Não compete ao signatario apurar as responsabilidades d'essa derrota; o que elle pretende é sublinhar os obstaculos que encontrou no seu caminho. Queixas e reclamações por toda a parte; um resentimento ainda vivissimo, apesar dos quatro annos que já passaram por cima da defuncta *Companhia fomentadora* [1]! Elle pôde apenas responder-lhes que a Sociedade nada offerecia, nada promettia, nem ganancias, nem premios, porque então nem tinha sequer os 300$000 réis que lhe concedeu o governo; que ella apenas tentava inspirar a fé n'umas certas ideias, a fé no trabalho nacional, que se ia honrar em

[1] O titulo primitivo era *Sociedade fomentadora das artes e industrias portuguezas*, mudado depois em *Companhia fomentadora das Industrias e Agricultura de Portugal e suas colonias*. Veja-se a historia da empreza, publicada sob o titulo: *Subsidios para a historia da primeira exposição portugueza no Rio de Janeiro*, na *Revista da exposição*. Rio de Janeiro, 1879. N.os 1 a 5.

nossa casa, ás nossas portas, em um edificio que, por certo, não representava pela ideia dos fundadores, nem ganancia, nem criminoso egoismo. Foi isto o que elle disse, e importa affirmal-o novamente, e todos os dias, para que as proximas exposições de ourivesaria e industrias caseiras dêem bom resultado.

O nosso lucro n'estas tentativas é conhecido; está patente nas nossas contas, publicadas com pontualidade. Que o lucro dos fabricantes não é para despresar, provam-n'o os numerosos bilhetes, com a marca *vendido,* e as encommendas que não são poucas, nem pequenas. A sociedade não tira d'essas vendas a menor percentagem; paga uma contribuição bastante pesada á direcção do Palacio de Crystal, e distribue ainda algumas centenas de bilhetes gratuitos.

Confiamos, pois, que os snrs. fabricantes portuguezes se convencerão de que a sua causa é a nossa, e que o operario portuguez poderá dizer um dia que encontrou na sociedade a luz da instrucção e o bom exemplo, que vale um pouco mais que a esmola.

Os productos da actualidade occupam as quatro extensas bancadas da nave, que correm parallelas, duas a duas. Entre ellas, no centro, sobre um grande octogono, estão os productos da fabrica das Devezas. A' entrada vêem-se os azulejos; os antigos, em semi-circulo, envolvendo os modernos; e no fim da nave, junto das escadas que sobem para o palco, em uma extensa linha, os productos da Vista Alegre, que occupam ainda um grande espaço das linhas perpendiculares immediatas, na parte interna. Encostadas ás columnas que sustentam as galerias da nave estão ainda duas linhas cerradas com a obra das aldeias. O palco foi aproveitado para a louça antiga portugueza (armarios A-E) e para a da India, China e differentes paizes da Europa.

A' Empreza Ceramica de Lisboa foi concedida licença para construir um *chalet* no palco, no qual se póde estudar o systema de cobertura marselhez. Figuram alli tambem os ladrilhos mosaicos da firma Pinto, Magalhães & C.ª, de Lisboa e Porto. Apesar das grandes dimensões da nave foi necessario occupar a galeria superior do lado direito com uma grande quantidade de material de construcção, telhas, tijolos, etc. Tambem alli foi collocada a remessa da Fabrica Nacional de Lisboa, que chegou com atraso.

Faltou ainda lugar especial para a grande collecção de barros nacionaes, que estão na segunda bancada do lado direito, encobrindo uma parte da louça preta.

Com os azulejos estão as estampas-modêlos da industria ceramica, procedentes das escholas d'arte industrial de Vienna, Munich, Stuttgart, Nürnberg, etc., e no palco as estampas dos antigos compendios portuguezes e alguns livros sobre ceramica portuguezes e estrangeiros. E' esta a disposição geral.

Não pretendemos fazer uma revista completa da exposição; falta-nos lugar, e cansariamos o leitor. Tambem não pretendemos ser infalliveis. O que dissermos representa apenas uma opinião particular; mais nada. Na nossa analyse consideraremos os grupos de objectos, chamando á presença do leitor os expositores que os representam. Analysando os grupos, não podemos, já se vê, considerar as variantes senão quando apresentarem qualquer feição notavel.

Em primeiro lugar devemos mencionar os serviços de uso quotidiano, a *louça domestica*. Ha alli muito exemplar bom, por preços muito economicos, e com o apuro sufficiente para as nossas familias burguezas. Aquelles que quizerem ser ou parecer muito fidalgos podem continuar a comprar louça franceza de refugo ou a louça da China, feita ás portas de Paris.

Em geral, a faiença portugueza, mesmo as peças da fabrica de Sacavem, ainda téem um longo caminho a percorrer, sob o ponto de vista da manipulação e da mistura dos materiaes, da modelação e da pintura. Os esmaltes e as cobertas são ás vezes brilhantes, mas as peças sahem tortas; temos, por exemplo, seis chavenas todas do mesmo serviço de chá e todas de differente tamanho, porque entortaram no fôrno, e entortaram, porque o oleiro não conheceu nem o grau de calor, nem a mistura do material, nem as partes componentes da mistura: o caracter chimico dos differentes barros, e a fôrça exacta das dóses. Outras peças téem boas côres de pintura, isto é, intensidade da côr e transparencia, mas estes recursos foram malbaratados n'um pessimo desenho. Dir-se-hia que muitos dos nossos desenhadores vieram de qualquer colonia chineza, tal é a monomania do assumpto chinez. A fabrica de Sacavem mesmo, cultivava esse genero ainda ha pouco com singular teimosia. Certos fabricantes, sentindo a falta de bons artifices para bons e variados desenhos, recorreram ás côres unidas, ao serviço de côr uniforme, e o publico comprou a valer, seduzido pela extrema barateza, e não reparando que a graduação igual da mesma côr é um requisito indispensavel em peças do mesmo serviço. Estamos convencidos que o publico pagaria mesmo o dobro do preço, uma vez que se remediassem os defeitos apontados e mais sensiveis, a côr desigual e a variação no tamanho.

Em geral nota-se que o fabricante portuguez só ambiciona surtir o mercado portuguez, e dentro do mercado portuguez apenas a familia popular, ou, quando muito, a de medianos haveres. Abstrahe-se então do apuro, do aperfeiçoamento das fórmas, do bom desenho, da harmonia das côres, e attende-se sómente á barateza. E, com effeito, essa barateza causa espanto nos productos do snr. Souza Lima (Massarellos), do snr. Silva Macedo (Cavaco), do snr. Cunha e Silva (Carvalhinho) e do snr. Baudoin (Lisboa), que são as que mais se distinguem n'esses serviços de lavatorio, de chá, de mesa, etc., baratissimos. Os preços regulam uns pelos outros, com pouca differença:

Serviço de lavatorio 1$000 a 2$800 réis, com quatro a oito peças; duas peças, bacia e jarro, pintado e esmaltado 400 réis (snr. Baudoin).

Os serviços de chá e caffé pareceram-nos ainda mais baratos; para seis a doze pessoas, chá e café, 3$000 a 4$500; para quatro 1$600 réis por nove peças.

Os serviços de mesa apresentam preços não menos convidativos; assim houvesse um pouco mais de apuro, embora os preços subissem alguma cousa. O snr. Souza Lima tem um serviço de mesa de setenta e seis peças, faiença branca com listas verdes, que custa apenas 7$000 réis; foi logo vendido. Ao pé está outro com pintura azul mais pretenciosa e menos feliz (rococo) por 12$000 réis; ainda não se vendeu. São tambem dignos de menção os serviços de mesa dos snrs. Cunha e Silva, e Silva Macedo, que não valem menos pela feitura.

Faltam-lhe, porém, os preços. Rogamos aos interessados novamente (como já o fez a commissão) o obsequio de marcarem os preços a todas as peças que ainda não os téem; quem perde não somos nós. O snr. Souza Lima que marcou tudo, vendeu tambem quasi tudo, a estas horas.

Resta-nos fallar da faiença de Sacavem, que se póde considerar, entre nós, como faiença de primeira classe; mas entre esta classe e a segunda, de que fallámos antes, já pouca distancia ha. Tenha a fabrica de Sacavem isto como um aviso; os seus progressos sob o ponto de vista do desenho, da novidade, da variedade e do bom gosto dos padrões são muito modestos. Em todos os seus productos notámos só dous padrões, um unico nos serviços de lavatorio e dous nos serviços de mesa; um d'estes, porém, é do antigo fundo da fabrica e foi applicado a um unico serviço de moldes antigos (peças grandes oitavadas), porque os restantes serviços de mesa, com peças grandes elliptícas, são de um unico padrão. O merecimento re-

ativo dos productos d'esta fabrica está na boa mistura do material, na boa cosedura, porque as peças estão direitas, não empenaram, e na igualdade (aproximada) do colorido. O esmalte é, porém, muito amarello ainda, o que dá á louça um aspecto menos favoravel.

Um exame rapido das peças de serviço de mesa e chá do snr. Cunha e Silva, que estão defronte, deve dar que pensar aos snrs. fabricantes de Sacavem, se se dignarem visitar a exposição.

Os preços de Sacavem regulam pelo seguinte:

Serviço de lavatorio, cinco peças, 3$090 réis, preço geral; um unico serviço de padrão antiquado, 2$240 réis.

Serviço de chá para doze pessoas, dezesete peças, réis 2$600.

Serviço de mesa (meio serviço), noventa peças, 16$000 réis. Idem, de padrão antiquado (peças oitavadas), 13$000 réis.

Adiante trataremos das peças avulsas do serviço domestico, das canecas de variadissimas fórmas, em que se distingue a collecção do snr. Pinto (Santo Antonio), dos bellos vasos de flôres da snr.ª viuva Lamego, da louça preta vidrada, especialidade da fabrica da snr.ª viuva Soares Rego, e de varios outros productos das provincias, que exigem ainda um exame mais demorado.

Da casa para o jardim a distancia não é grande; uma mesa sem flôres é cousa que, no Porto, já não se comprehende bem em certas familias. O que se gasta em vasos francezes de faiença e porcelana (ou antes vidro) nas casas remediadas do Porto, não é pequena quantia; nos jardins ainda se sustentam as grandes figuras de faiença, as *quatro estações* e as *cinco partes do mundo*, umas tristes figuras brancas como a neve, que fazem frio á gente, umas allegorias estafadas, que ninguem sabe d'onde vieram. Emparelham com esses phantasmas brancos uns certos cães felpudos de agua, uns tantos galgos melancolicos, que são irmãos de outros de igual temperamento, espalhados pelos nossos cemiterios.

Tudo isto tende a desapparecer, felizmente. A fabrica das Devezas já faz ha annos typos populares com os trajes nacionaes, em ponto grande, que são bem modelados e bem coloridos. Melhor seria ainda se os fabricasse em faiença vidrada e colorida, como os Robbias faziam as grandes figuras italianas dos seculos XV e XVI.

As outras peças grandes decorativas, de jardins e pateos, estão muito bem representadas na collecção das Devezas; vasos

de todas as dimensões, fontes, repuxos, cercaduras de taboleiros, centros, floreiras em ponto grande, peças de ornamentação para pateos, entradas de casas, e escadas, etc., em summa: uma exposição muito distincta, e que abona o talento do artista modelador da fabrica o snr. Teixeira, socio do snr. Costa. O estabelecimento das Devezas ainda se acha representado em outras especialidades; teremos, pois, de o citar mais de uma vez.

Seria injustiça não mencionar com especial louvor os vasos de faiença da snr.ª viuva Lamego, de Lisboa. A fabrica teve o cuidado de nos mandar dous exemplares de algumas peças, de sorte que o mesmo typo se póde estudar em *biscoito*, isto é sem esmalte, nem tinta, com a côr natural do barro, e prompto de todo, isto é: esmaltado ou vidrado e colorido. Os seus vasos grandes de 6, 8, 10 e 12$000 réis são excellentes majolicas, de bello effeito; um par foi logo vendido; o exemplar com lavor de folhas de carvalho e bolotas, assentado sobre tres pés com mascaras de satyros, é uma das peças de faiença mais distinctas da exposição. E' magnifica, de um bello effeito decorativo, e relativamente barata, a sua grande talha para agua (4$500 réis); já devia estar vendida. O mesmo favor mereciam dous bellos vasos azues, ornados de plantas aquaticas.

'E' muito notavel tambem a collecção de vasos pequenos de sala, da fabrica de Massarellos (snr. Souza e Lima). São trinta e tantos typos differentes, uma parte faiença, isto é, barro vidrado e pintado, outra parte, barro simplesmente pintado a tinta de oleo, e dourado ou prateado. Alguns exemplares podem soffrer a comparação com muitos vasos francezes de sala, que apparecem em o nosso mercado, não fallando na questão de preço, porque é impossivel produzir mais barato e com um esmero superior á propria louça de mesa do mesmo fabricante. Se esta fosse levada a igual apuro, a fabrica de Sacavem estaria supplantada.

Apresentam ainda vasos muito baratos, mas de execução mais simples, os snrs. Pereira (Fabrica Nacional, Lisboa); Ferreira Pinto (Santo Antonio), Baudoin, de Lisboa, Silva Macedo (Cavaco), este ultimo com bellos esmaltes.

Com os vasos andam em boa companhia as jarras de flôres, que servem para ornar os altares das nossas igrejas. Os antigos conventos ainda conservam alguns typos muito curiosos n'esta especialidade. Já nos referimos á collecção vinda de Vianna, do snr. Azuaga. Os typos da exposição são em grande parte cópias de padrões do seculo passado. Teem especimens muito interessantes o snr. Ferreira Pinto, viuva Soares Rego

(louça preta), Cunha e Silva, e a fabrica nova de Aveiro, da firma Guimarães & Norberto, que apresenta alguns exemplares de fórma cylindrica que parecem cópias de certos typos antigos do snr. Azuaga.

Ha pouco promettemos mencionar ainda uma serie de peças avulsas de serviço domestico, que não pertencem propriamente ao *serviço de mesa*, no sentido em que as fabricas consideram estes termos e agrupam as respectivas peças.

São as canecas, os galheteiros, as tijellas de variadissimos tamanhos e desenhos, as compoteiras, os boiões de doce, os pratos de sobremesa de phantasia, as garrafas de agua, os paliteiros, etc. Ha na exposição uma grande variedade d'esses objectos, muita phantasia, muita ideia arriscada, que faz sorrir, mas que agrada e tambem muita cousa feia, que não se justifica, muitas invenções monstruosas, especialmente n'essa louça tão apregoada das Caldas da Rainha. D'estes snrs. oleiros das Caldas devemos dizer que não se dignaram nem concorrer á exposição, nem responder ás circulares da commissão.

Não houve uma unica excepção. E' um modo especial de corresponder a um convite cortez; uma cortezia particular dos industriaes da localidade. E' claro que os objectos que estão na exposição, graças á generosidade de um socio que os comprou, não entram em concurso, nem o jury se occupará d'elles.

(*Continúa.*) JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

A NOÇÃO DE ESPECIE EM ZOOLOGIA

Diz Henri Aron que para além da duvida começa a decomposição intellectual. Succedia infelizmente assim ao fallecido professor Antonio Luiz Ferreira Girão, um dos ornamentos da nossa Accademia Polytechnica. A theoria darwiniana, a mais brilhante concepção que viu a luz em o nosso seculo, fornecia-lhe apenas margem para anecdotas jocosas, ditos sarcasticos, com pilheria. Talento eminentemente lucido, mas desorientado pelo scepticismo, todas as theorias ainda as mais pujantes pareciam-lhe sonhos. Ria-se de tudo, zombava de tudo, rebaixava tudo, mettia tudo a ridiculo. Quem o ouvia admirava-lhe o talento e perguntava a si mesmo se effectivamente a sciencia vale menos do que uma chavena de café. Mas emquanto o illustrado professor, prestes a exhalar o ultimo suspiro, se precipitava bruscamente nos braços da fé, a theoria darwiniana radicava cada

vez mais no espirito do seculo, ganhava mais adeptos; neophytos de grande talento se enfileiravam debaixo da sua bandeira, e o principio da evolução despontava radioso, quasi triumphante, projectando uma luz viva sobre todas as sciencias, invadindo-as, modificando, subvertendo doutrinas seculares,—em uma palavra: renovando tudo.

I

A especie, define Cuvier, é a «collection de tous les êtres organisés descendus les uns des autres, ou de parents communs, et de ceux qui ressemblent autant qu'ils se ressemblent entre eux.» Esta definição é essencialmente erronea, porque attribue á especie uma caracteristica que não é exclusiva d'ella e por isso está longe de a caracterisar: *a descendencia commum.*

O illustre fundador da Paleontologia, pelos seus vastos estudos de Anatomia Comparada, pela grande massa de factos adquiridos por observação propria, estava mais do que ninguem no caso de comprehender as vistas profundas de Lorenz Oken. Gaspar Friedrich Wolf, oppondo a theoria da Epigenese á doutrina da Preformação, d'involução, *d'emboîtement*, do grande Haller; Vicq-d'Azir, mostrando o parentesco dos Vertebrados em um excellente estudo comparativo sobre os membros anteriores e posteriores; a theoria dos orgãos rudimentares, as mil e uma monstruosidades, a teratologia, emfim, dando um solemne desmentido da creação dos seres organisados conforme um plano preconcebido, maduramente premeditado, fizeram comprehender a Oken que a Ontogenia é a historia das phases por que passou cada especie; das differentes modificações que o meio lhe imprimiu; das varias metamorphoses que ella soffreu atravez do tempo e do espaço para chegar á fórma actual.

Mas Cuvier não comprehendeu esta concepção larga do philosopho allemão, elle que fez tão bem o inventario das populações anti-diluvianas, d'essas immensas necropoles onde se encontram fosseis que apresentam uma semilhança espantosa com os animaes da fauna contemporanea, e, não percebendo o laço que une as faunas de dous periodos consecutivos, separou-as por grandes revoluções, por terriveis catastrophes, por cataclismos desoladores, que, á maneira do diluvio mythico, tinham o funesto condão de varrer, de destruir tudo, *omne vivum*, sem mesmo respeitar cousa que se parecesse com a celebre arca de Noé, que salvou, segundo rezam os livros sagrados, um casal de cada especie, o *sufficiente* para a propagação da mesma!

Cuvier que se ria desdenhosamente do grande Voltaire, por este pensar que as conchas que se encontram nos Alpes haviam sido recolhidas no Oriente e espalhadas nas montanhas pelos peregrinos que iam a S. Thiago de Compostella; Cuvier que se admirava de Kircher por este acreditar que os fosseis eram *lapides figurati* a que a Natureza havia dado a fórma de animaes e de vegetaes, não podendo communicar-lhes a vida e o sentimento, — mette dó quando o vemos professar com Kant e Burdach a doutrina da Preformação, sustentar contra Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire a inalterabilidade da fórma animal, a immutabilidade da especie, e repetir a phrase banal e pueril de Linneu: *Tot numeramus species quot ab initio creavit infinitum Ens.*

Era a concepção teleologica, dualistica, a dominar o sabio e tirar todo o seu valor aos preciosos materiaes que o illustre naturalista tinha reunido com tanta paciencia e talento. Porém o signal da revolta já havia sido dado. Com effeito, no dia em que o conego de Warmy deu um golpe fatal no systhema geocentrico de Ptolomeu; no dia em que Gallileu descobriu o telescopio; no dia em que appareceram as famosas leis keplerianas; no dia, emfim, em que Newton engendrou a admiravel theoria da gravitação universal, sujeitando a queda da maçã á mesma lei que o movimento de Jupiter á roda do sol, ou o vôo abrasado de um cometa atravez do systema planetario,—n'esse dia tinha-se operado uma revolução immensa no mundo scientifico.

As causas mechanicas, efficientes, condemnadas ao ostracismo pela metaphysica de Socrates, *soi disant* sublime, retomam o seu imperio; e a philosophia de Democrito e Kanada surge radiante do sepulchro.

O chimico interroga o atomo, o geologo pede á terra a sua genese; o astronomo pergunta ao céu a sua historia; o physico investiga a causa do raio, da chuva, dos ventos, das tempestades. Laplace explica a origem dos mundos; Pallas apresenta um trabalho notavel sobre as ossadas fosseis do norte da Europa (*Voyage en Sibérie*); Dolomieu estuda os vulcões, Voigt os basaltos, Owen as aves e os reptis fosseis, Agassiz os peixes das faunas extinctas; Cuvier, Brogniard, Elie de Beaumont, Humboldt, Leopold de Buch, Buckland, Labiche, Lortet, Boucher de Perthes, dão á geologia e á paleontologia um potente impulso; Ch. Lyell e Forbes explicam a formação da crusta terrestre e a extincção das faunas sem fazer intervir as catastrophes, demonstrando ao mesmo tempo a continuidade e inin-

terrumpção da historia organica dos seres atravez dos seculos; Lamarck formula a theoria da descendencia sustentando a unidade do plano na organisação dos seres e explicando as differenças typicas, especificas, pela adaptação ao meio, pelo uso ou não uso dos orgãos, pela alteração da funcção, «par les modifications dans la manière d'agir, dans les habitudes» etc., differenças accumuladas, capitalisadas lentamente e transmittidas pela hereditariedade de geração em geração.

Esta theoria, observa Haeckel, comprehende duas consequencias as mais extremas: a apparição dos primeiros seres por via da geração espontanea e a origem simiana do homem.

Esta offendia o orgulho humano, e ambas iam de encontro com o texto biblico. Demais Kant, o ardente propugnador do Mechanicismo, o celebre auctor da *Theoria do céo*, havia declarado cathegoricamente que era impossivel explicar o mundo organisado sem fazer intervir as causas finaes sobrenaturaes, e que era absurdo esperar que um dia «surgisse um Newton, que nos désse a explicação da geração, ainda que fosse de um bocado de herva, pelas cegas leis naturaes», pelas simples causas efficientes.

Pelo contrario, a immutabilidade da especie que Cuvier sustentava estava de accordo com o dogma, e a opinião de Cuvier fazia lei. Tanto bastou para que a theoria de Lamarck, esforço gigantesco de um grande pensador, cahisse em completo esquecimento, sem mesmo merecer as honras d'uma discussão, sendo considerada pelos naturalistas d'então como uma imbecilidade, uma loucura, *une rêverie d'un esprit maladif!*

A concepção dualistica estava tão arreigada no espirito dos sabios; os zoologistas e os botanicos tão identificados, para não dizer enkistados, na genese mosaica que, apezar de Ch. Lyell haver reduzido quasi a nada a theoria das catastrophes de Cuvier (*Principles of Geology*), teimavam ainda em admittir revoluções extraordinarias, destruindo periodicamente toda a população animal e vegetal, seguidas d'um *fiat* que possuia a virtude mirifica de plantar, n'um abrir e fechar de olhos, os recifes de coral no fundo do mar, a arvore de Mammuth sobre os rochedos escarpados da Sierra nevada, e de povoar de novo o globo com especies animaes e vegetaes, muitas das quaes pareciam vasadas em moldes mais ou menos alterados da fauna e da flora da época precedente.

Accresce a isto a circumstancia de que os seres vivos eram

quasi sempre, como observa Edm. Perrier [1], estudados independentemente do meio em que vivem, e independentemente das relações reciprocas que contrahem entre si. Cada um d'elles parecia ser uma entidade distincta, creada *d'emblée, de toutes pièces*, tendo em vista certas e determinadas condições mesologicas, admiravelmente adaptadas ás mesmas, em perfeito equilibrio com esse meio que se suppunha ser immutavel durante largo espaço de tempo, mas condemnadas a desapparecer fatalmente logo que rompesse o equilibrio. Assim a opinião de Cuvier encontrou a mais completa adhesão e foi universalmente aceite.

Mas á medida que a sciencia avançava, á medida que o homem penetrava nos misterios da natureza, á medida que estudava a astronomia, a geologia, a paleontologia, a archeologia prehistorica, a etnographia, a chorologia, a dysteleologia, a botanica, a zoologia, a physica, a chimica, a linguistica, a anatomia comparada, a embriologia — accumulavam-se os factos; multiplicavam-se as provas; uma nova luz irradiava d'esse estudo sobre o problema difficillimo da origem das especies; enfraqueciam-se, dissipavam-se os prejuizos theologicos; o espirito humano sacudia essa educação falsa, eivada de principios passados pela fieira dos frades e dos jesuitas, e preparava-se para uma concepção mecanica, monistica.

Foi n'estas condições que appareceu Darwin.

Ninguem melhor do que elle, diz de Candolle, podia referir todos os phenomenos á theoria do transformismo, que elle attribuia a uma causa muito importante — *a selecção* — causa a que ninguem attendêra, a não ser Wallace, que tinha tido egual idêa e ao mesmo tempo. Mas Alfredo Wallace é só zoologo, ao passo que Darwin era physiologista, botanico, zoologista e até geologo, como provou á evidencia na relação da sua viagem em volta da terra, nas descripções dos Cirrhipedes e na sua bella memoria sobre as ilhas madreporicas.

Todas as suas publicações posteriores a estas teem por base essa prodigiosa variedade de conhecimentos. Era-lhe facil descobrir e discutir argumentos em todos os ramos das sciencias naturaes. Eram-lhe tambem familiares muitas occupações pouco consideradas. Assim, por exemplo, fez-se educador de pombos para poder evidenciar as variações d'uma especie de

---

[1] Darwin, *Rôle des vers de terre dans la formation de la terre végétale*, avec une préface de M. Edm. Perrier, Paris. 1882.

que muito se occupavam em Inglaterra. Observava a influencia dos animaes sobre os vegetaes, na qual mal se tinha reparado até então, e de taes observações tirava curiosissimas conclusões. Dotado d'uma grande perseverança, de muito methodo, d'uma sagacidade extraordinaria, tão forte nas pequenas cousas como nas idêas geraes, deu ás sciencias naturaes um impulso de tal ordem, que não tinha exemplo anterior, e que até mesmo se propagou ás sciencias sociaes e historicas [1].

No decurso d'este pequeno artigo o leitor verá como, graças aos trabalhos de Darwin, Haeckel, Huxley, Carl Vogt, Owen von Baer e outros, cahiu a noção da especie, admittida por Linneu e Cuvier, e defendida vigorosamente por Agassiz e Quatrefages. Então a adaptação dos organismos ao meio em que vivem lhe apparecerá não como um poderoso argumento em favor da doutrina das causas finaes, mas como uma maravilha a admirar e um problema a resolver; e as classificações zoologicas perderão para sempre a sua aridez já lendaria, para se tornarem todas palpitantes de interesse historico, porque nos contam, para empregar a phrase de Espinas, a serie de condições de que o reino animal é o resultado e ao mesmo tempo o mais eloquente testemunho.

II

Dissemos que para Cuvier a especie organica é um typo fixo, invariavel e que todos os individuos que a constituem descendem directa ou indirectamente d'uma mesma fórma ancestral, de um par ou de um casal produzido por um acto creador, de maneira que, segundo esta hypothese todos os carvalhos provéem de um só carvalho primitivo, como todos os cães d'um só casal d'estes animaes, como todos os homens *«de um pequeno homem e de uma pequena mulher»*, que Deus houve por bem crear, collocando-os no Paraizo terrestre, e fazendo-os respeitar de todos os outros animaes. Sem esta ultima medida os dias da humanidade estariam contados, e Adão e Eva, nús, completamente desarmados, privados de todos os meios de defeza, não tardariam muito a ser victimas de animaes carnivoros e a succumbir em virtude da lucta pela existencia.

Supponhamos por um momento que as especies zoologi-

---

[1] Veja-se o artigo de Candolle sobre Darwin na *Revista de Genebra*, 1883.

cas são typos fixos e immutaveis, que não accusam entre si parentesco algum, que não se cruzam nunca ou que, quando muito, dão productos que não tardam a voltar ao typo paterno ou materno; esqueçamos as notaveis experiencias sobre o cruzamento das especies, realizadas por Geoffroy Saint-Hilaire, Buffon, Naudin, Godron, Paulo Broca e outros; supponhamos mesmo que ignoramos a existencia do *Lepus Darwinii*, proveniente do cruzamento de duas especies, *Lepus timidus* (lebre) e *Lepus cuniculus* (coelho); do hybrido do carneiro e da cabra, pertencentes a especies de genero differentes, e que se criam em grande escala no Chili; dos hybridos dos cardos etc.; — perguntamos nós aos partidarios da fixidade da especie: como se explica a semelhança dos fosseis da época terciaria com os animaes da fauna contemporanea? Por que razão os *Desdentados* e os *Roedores* d'essa época lembram as especies que vivem actualmente na America do Sul? «Je n'oublierai jamais, escreve Darwin a Ernesto Haeckel, la surprise que j'éprouvai en déterrant un débris de Tatou gigantesque analogue au Tatou vivant».

Se as especies, os generos, as familias, as classes, etc., não teem entre si nenhum parentesco, qual a razão porque o grupo dos Vertebrados apresenta debaixo das variadas e multiplices fórmas que reveste uma unidade de composição, um mesmo fundo de organisação, uma mesma estructura esqueletologica? Por que é que a pata do Leão, a aza do Morcego, a mão do Homem, são orgãos compostos de egual numero de peças osseas? Por que é que a anatomia comparada declara, pela bocca de um dos mais eminentes anatomistas de actualidade, Karl Gegenbaur, que o esqueleto cephalico de todos os Vertebrados deriva do dos Selaquios?

Rasgue-se o seio da terra e examinem-se os despojos de especies extinctas, que encontramos? Cadaveres petrificados, alinhados, sobrepostos uns aos outros, revelando a sua genealogia pela sua dentição, pela disposição dos membros thoracicos e pelvianos, pela fórma das suas phalanges, etc. Ha mais: numerosos seres intermediarios, fórmas de transição, verdadeiras medalhas da creação que nos conduzem forçosamente a admittir um laço genetico entre as especies, generos e outras categorias superiores.

Com effeito, o Amphioxus ligando os Vertebrados aos Invertebrados; a *Archaeoptera Macrura* e o *Compsognatus* ligando as Aves aos Reptis; o *Metarctos* estabelecendo a transição entre os Ursos e os Cães; o *Helladotherium* denunciando

o parentesco da Antilope com a Girafa; o Mastodonte *Pentoleci* do Mastodonte com o elefante, são perfeitamente comparaveis ás formas fosseis *veicos, feronti, eit,* que accusam a filiação do latim *vîcus* do indo-europeu *vaikas*, de *ferunt* de *Bharonti* e de *it* de *aiti* ou *eiti* (sendo o *a* primitivo equivalente ao *e*).

Foi assim que Rutymeyer construiu a arvore genealogica dos Ruminantes; Niemayer a dos Ammonitas; Hilgendorff a de *Planorbis Multiformis*...

Interroguemos a Embriologia, e a theoria da descendencia, segundo a qual as especies derivam umas das outras, recebe uma brilhante confirmação. E de feito, as fórmas que a Paleontologia nos indica como sendo ancestraes, geradoras das contemporaneas, revestem estas durante a sua vida embrionaria, demonstrando d'esta sorte o seu parentesco com as faunas extinctas. Assim o apparelho circulatorio das Aves antes de attingir a fórma definitiva apresenta uma disposição semelhante á que se encontra nos Reptis; nos Batraquios, segundo Milne-Edwards, o mesmo apparelho é ao principio semelhante ao dos Peixes; o proprio Homem, finalmente, durante a sua vida intra-uterina, soffre espantosas metamorphoses: n'uma certa época não se distingue do Peixe, da Salamandra, da Tartaruga; n'uma outra do Coelho, do Boi; n'uma outra ainda do Macaco. (Veja-se a *Antropogenia* de Haeckel).

Ora se a especie é immutavel, se foi creada tal como hoje a vemos, pergunta Victor Meunier (*Philosophie zoologique*), qual a rasão porque em cada geração o novo ser, em vez de revestir *d'emblée* os caracteres da especie á qual pertence, os vae adquirindo successivamente?—porque é que a epigenese é verdadeira e a theoria da preexistencia dos germes falsa?—porque esse laborioso caminhar para o estado especifico e não para a posse immediata do mesmo?—porque razão é que um animal na sua gestação atravessa diversas phases, toma a fórma de animaes differentes, veste a libré de especies que lhe são inferiores?

Para tornar bem patente o modelo segundo o qual serão estabelecidas as phases da evolução de outros animaes n'um periodo futuro, mais ou menos remoto, responde Agassiz: «C'est dans ces temps reculés comme la prophétie d'un ordre de choses impossible avec les combinaisons zoologiques prédominantes alors, mais qui, realisé plus tard, attestera d'une manière frappante que dans la gradation des animaux, chaque être a été *préconçu*. (Agassiz, *De L'espèce*, pag. 1182).

Segundo esta singular theoria, observa com razão Durand de Gros, commentando a passagem acima citada, «ce n'est

point le type paternel qui donnera la raison du type semblable de l'enfant, mais c'est dans ce dernier qui faisait exister l'explication et la cause des traits qui caracterisent le père.»

Depois de apontar o consequente como causa do antecedente, Agassiz transporta-se com enthusiasmo ao vêr que o reino animal se compõe de diversas categorias subordinadas entre si, hierarchisadas, e que constituem as especies, os generos, as familias, etc., e admira se de que os naturalistas não vejam n'isto uma prova evidente, papavel, d'um plano maduramente pensado e sabiamente realisado. O sobrenatural, que a cada passo apparece debaixo dos bicos da sua penna, é tão forte, domina-o a tal ponto, que Agassiz se esquece da existencia de numerosos orgãos rudimentares, d'uma quantidade de apparelhos disformes, feios, grotescos, disparatados, resultado d'uma accommodação forçada ás exigencias do meio, orgãos e apparelhos que só por si são sufficientes para reduzir a nada a doutrina das *causas finaes*, tão vigorosamente defendida por Paulo Janet.

Em apoio do que acabamos de dizer, permitta-nos o leitor a transcripção das seguintes palavras que o sabio professor de Heidelberg, M. Helmholtz [1], proferiu n'uma conferencia sobre «Os progressos recentes na theoria da visão»: As inexactidões e as imperfeições, que temos encontrado no apparelho optico e na imagem retiniana, não são nada, comparados com as incongruencias que descobrimos no dominio da sensação. Parece que a natureza quiz, de proposito, accumular as contradicções para tirar todo o fundamento á doutrina da harmonia preexistente».

Ora se o embrião de todos os animaes soffre diversas metamorphoses (Agassiz); se a larva que não é mais do que um embryão da vida *independente*, para empregar a expressão de Quatrefages, póde transformar-se em borboleta; se a amoceta que ainda ha pouco era considerada como formando uma parte, distincta da lamprêa, póde transformar-se n'esta (Aug. Müller) porque é que uma especie não póde dar origem a outra?

Porque as especies não se cruzam nunca; quando muito, dão productos cujos caracteres morphologicos são muito instaveis e participam ao mesmo tempo do typo paterno e materno. Tal é a resposta banal que dão os partidarios da fixidade da especie desde Cuvier até Quatrefages.

Dissemos banal porque, além dos factos mencionados,

---

[1] Hoje na universidade de Berlim.

que provam d'um modo irrefragavel o cruzamento das especies, conhecem-se actualmente animaes e plantas taes como a *Primula acaulis* e *P. officinalis*, o *Aegilops* e o Trigo, que dão hybridos fecundos e bastante estaveis. O snr. Quatrefages percebendo a importancia d'estes factos, pretendeu tirar-lhes todo o seu valor, e escreveu com respeito ao hybrido proveniente do crusamento do Aegilops e do Trigo as seguintes palavras, que a nosso vêr não dizem nada: «Este hybrido excepcional deve a sua fecundidade á cultura».

Que importa que assim seja, perguntamos ao sabio professor de zoologia? Este facto, pelo contrario, não provará assaz que a diversa aptidão reproductiva das especies, que a sua fecundidade ou esterilidade não depende do seu parentesco, mas sim das condições physiologicas do meio em que vivem?

O snr. Quatrefages não ignora de certo que o coelho de Porto-Santo é descendente do coelho da peninsula, e comtudo este não se cruza com aquelle; que o gato do Brazil é descendente do gato europeu, e comtudo este manifesta por aquelle uma grande repugnancia... Que concluir d'estes factos? Se a theoria de Quatrefages fosse verdadeira, isto é, se o cruzamento ou não cruzamento fosse o padrão pelo qual se devesse afferir o parentesco d'uma especie com a outra, decerto que o coelho de Porto-Santo e o coelho da peninsula seriam duas especies e não duas variedades.

Da discussão que precede, resulta que as especies são simples raças constituidas sob a acção do meio selvagem e destituidas, por certas circumstancias, de affinidade reciproca de reproducção, que o meio domestico ou cultural assegura ás raças formadas no seu seio, e que *restitue em parte ás proprias especies*. Se assim é, pergunta Durand de Gros vale a pena «se forger à plaisir des chimères et livrer de gaieté de coeur le champ de la science aux fantômes du merveilleux en donnant aux espèces une origine surnaturelle, alors qu'il est si naturel de voir dans ces créations l'action d'une loi générale et unique, de la loi de morphogénie qui préside sous nos yeux à la formation des races?»

E depois d'isto faz-se mister uma grande audacia que chega a ser pedantismo para affirmar com Agassiz que o darwinismo é uma theoria *a priori*, um systema que exclue quasi toda a massa de conhecimentos adquiridos, conservando e as-

[illegible] são somente aquelles que são [illegible] e sem [illegible], [illegible] não [illegible] [illegible] [illegible]

GENRE OMOSITA ERICHSON

788. **O. discoidea F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 168.

Coimbra!.

GENRE SORONIA ERICHSON

789. **S. grisea L.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 163.

Coimbra!

GENRE PRIA STEPHENS

790. **P. Dulcamarae Scop.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 169.

Coimbra!, Vizella!.

GENRE MELIGETHES STEPHENS

791. **M. aeneus F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 174.

Coimbra!, Guarda!, Bussaco et Gerez (L. v. Heyden!), Bragança.

792. **M. viridescens F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 175.

Guarda! (L. v. Heyden!), Coimbra!, Serra de Monchique!, Vizella! Bussaco!

Je les possède verts, bleus, violettes et bleus avec le corselet vert.

793. **M. discoideus Er?**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 200.

Je possède un seul individu pris à Bragança, mais il est un peu abimé et je ne peux assurer qu'il appartient à cette espèce.

794. **M. palmatus Er.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 204.

Cea et Pena (L. v. Heyden!)

795. **M. planunculus Heer.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 193.

Guarda (L. v. Heyden!), Douro!. Estarreja!.

796. **M. exilis Sturm.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III.

Douro!, Felgueira!.

797. **M. erythropus Gyll.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 205.

Cea et Guarda (L. v. Heyden!)

798. **M. fuscus Oliv.**

Olivier. Ent. II, 15, p. 10, pl. 2, f. 9 a b.

Felgueira!, Guarda!, Valle d'Azares!. Bussaco!, Coimbra!
On trouve aussi les variétés *Lamy Ros* (Ros. Thier. And. 1856 p. 101) et *bicolor Luc* (Luc. Expl. Alg. p. 216, pl. 21, f. 6).

GENRE XENOSTRONGYLUS WOLLASTON

799. **X. Deyrolley Duv.**

Jacq. Duval. Glan. Ent. 1860, 2 p. 140.

Leiria (Dr. A. Xavier).

IPINI

GENRE CRYPTARCHA SHUCKARD

800. **C. strigata F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 221.

Bussaco!.

RHIZOPHAGINI

Genre RHIZOPHAGUS HERBST

801. R. parvulus Gyll.

Sturm. Ins. Deut. XXII, p. 25, pl. 396 f. c. C.

Dans la plupart des exemplaires qu'on prend au Bussaco la couleur de la tête, corselet et élytres est très foncée, souvent d'un noir de poix.

TROGOSITIDAE

Genre NEMOSOMA LATREILLE

802. N. elongatum L.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 239.

Je possède un seul individu du Portugal.

Genre TROGOSITA OLIVIER

803. F. coerulea Oliv.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 241.

Azambuja (J. Antunes!)

Genre TENEBRIOIDES PILLER

804. T. Mauritanica L.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 243.

Coimbra!.

Genre THYMALUS LATREILLE

805. T. limbatus F.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 249.

Serra do Gerez (L. v. Heyden!)

COLYDIIDAE

SYNCHITINI

Genus ENDOPHLOEUS LATREILLE

806. **S. tereticornis Er.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 261.
Vizella! 9

Genus TERETRIUS ERICHSON

807. **T. spinulosus Lat.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 226.
Bussaco!, Serra do Gerez (L. V. Heyden!)

Genus TARPHIUS ERICHSON

808. **T. Kiesenwetteri Heyd.**
Heyden Ent. Reise etc. 1870 p. 105.
Serra do Gerez (L. V. Heyden!)

COLYDIINI

Genus COLYDIUM FABRICIUS

809. **C. elongatum F.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 278.
Bussaco!, Serra do Gerez (L. V. Heyden!)

810. **C. filiforme F.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 279.
Serra do Gerez (L. V. Heyden!)

Genus AGLENUS ERICHSON

811. **A. brunneus Gyll.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 285.
Coimbra!.

BOTHRIDERINI

GENRE BOTHRIDERES ERICHSON

812. B. interstitialis Heyd.

Heyd. Ent. Reise etc. 1870, p. 107.

Gerez (L. v. Heyden!)

CERYLONINI

GENRE CERYLON LATREILLE

813. C. histeroides F.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 294.

Bussaco! (L. v. Heyden!), Douro! Les exemplaires du Bussaco sont ferrugineux.

814. C. ferrugineum Steph.

Steph. Ill. Brit. III, p. 98.

Angustatum Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 98.

Serra do Gerez (L. v. Heyden!)

815. C. deplanatum Gyll.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 296.

Serra do Gerez (L. V. Heyden!)

CUCUJIDAE

PASSANDRINI

GENRE PROSTOMIS LATREILLE

816. P. mandibularis F.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 306.

Bussaco (L. V. Heyden!), Coimbra!.

VLEIOTINI

Genre VLEIOTA LATREILLE

817. **V. planata L.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 332.

Bussaco et Gerez! (L. V. Heyden!) Vizella!

V. pallens F.

Erichs. loc. cit. p. 332.

Gerez!, Bussaco!.

SILVANINI

Genre LAEMOPHLOEUS ERICHSON

818. **L. testaceus F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 320.

Bussaco!

819. **L. corticinus Er?**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 327.

Coimbra!

A cause du mauvais état de l'exemplaire que j'ai pris, je ne suis pas sûr s'il appartient à cette espèce.

820. **L. fractipennis Mot.**

Bull. Mosc. 1845, I, p. 91.

Bussaco!.

Genre SILVANUS LATREILLE

821. **S. surinamensis L.**

Steph. Ill. Brit. III, p. 104.

Frumentarius F.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 336.

Estarreja!.

822. **S. unidentatus F.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 338.

Gerez (L. V. Heyden!)

GENRE AIRAPHILUS REDTENHACHER

823. **A. subferrugineus Reit.**

Cette espèce doit être décrite dans un prochain numéro du Berl. Ent. Zeit. de Kraatz. Valle d'Azares!, Serra d'Estrella!.

824. **A. fibulatus Kraatz.**

Kraatz Berl. Ent. Zeit., 1862, p. 128.

Dans le catalogue de Dejean le *A. asperatus Dej.* de la Lusitanie est indiqué et cette espèce d'après le catalogue Harold est identique avec le *A. fibulatus Kraatz*.

GENRE CATHARTUS REICHE

825. **C. advena Waltl.**

Sturm. Ins. Deut. XXI, p. 100, pl. 390 f. B.

Coimbra!.

MONOTOMINI

GENRE MONOTOMA HERBST

826. **M. spinicollis Aubé.**

Aubé Mon. An. Soc. Ent. Fr., 1837, p. 463, pl. 17, f. 6.

Valle d'Azares!.

CRYPTOPHAGIDAE [1]

TELMATOPHILINI

GENRE TELMATOPHILUS HEER

827. **T. sparganii Ahrens.**

Kiesenw. Nat. Ins. Deut. IV, p. 671.

Aveiro (Heyden!).

---

[1] Mr. Reitter a eu la complaisance de déterminer quelques espèces de cette famille que je n'avais pas encore étudiées attentivement. J'écris le nom de mr. Reitter à la suite des espèces non classées de ma collection et qu'il a déterminées.

828. **T. brevicollis Aubé.**

Kiesenw. Nat. Ins. Deut. IV, p. 672.

D'après une lettre de mr. L. V. Heyden il se trouve à à Aveiro de même que l'espèce précèdente.

CRYPTOPHAGINI

GENRE SETARIA MULSANT

829. **S. sericea Muls.**

An. Soc. Lyon. X, p. 2.

Cea (L. V. Heyden!)

GENRE CRYPTOPHAGUS HERBST

830. **C. affinis Sturm.**

Erichs. Nat. Ins. III, p. 360.

Coimbra! Valle d'Azares!.

831. **C. scanicus L (Reitter).**

V. cellaris Sturm.

Sturm. Ins. Deut. XVI, p. 84, pl. 315, f. B.

Commun dans le nord.

V. hirtulus Kraatz.

Berl. Ent. Zeit., 1858, p. 138.

Fremeda!.

(*Continúa*). MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

3.º ANNO | 1 DE AGOSTO DE 1883 | N.º 8

OS TRABALHOS DO NATURALISTA BRAZILEIRO

J. BARBOSA RODRIGUES

Enganam-se aquelles que suppõem o Brazil alheio ao movimento civilisador, caracterisado pelo desenvolvimento das sciencias. Um impulso de grande importancia, e podemos mesmo dizer de grande futuro, se os governos d'aquelle paiz souberem cumprir os seus deveres, está dado; d'alguns annos a esta parte, um grupo de investigadores dedicados e habeis, embora pouco numeroso, tem despertado a attenção para os estudos originaes e encetado uma nova era scientifica.

J. Barbosa Rodrigues representa um dos mais valentes propulsores d'esse movimento de emancipação scientifica no Brazil. Os seus esplendidos estudos de botanica, especialmente nas familias das *Orchideas* e das *Palmeiras*, dão-lhe um logar dos mais distinctos entre os botanicos; e os seus estudos ethnologicos lançam luz sobre muitos problemas, que dizem respeito ás raças do continente americano.

A presente noticia sobre a sua vida é uma simples mas sincera homenagem de admiração de quem teve a fortuna de examinar os materiaes para o estudo colligidos pelo infatigavel investigador, e de notar o enthusiasmo pelas sciencias em que tem revelado aptidões excepcionaes.

J. Barbosa Rodrigues nasceu em 22 de julho de 1842 e é filho de João Barbosa Rodrigues, natural de Vianna do Castello, que exerceu o commercio em Minas, onde se tornou notavel pelos seus sentimentos de caridade, e de D. Maria Carlota da Silva Santos, brazileira.

A vocação irresistivel para o estudo da natureza de que dera provas colleccionando, ainda muito novo, plantas e insectos, desviou-o da vida commercial, para que seu pae o destinava. Em 1869 tinha terminado o curso de lettras. O fallecimento de seu pae obstou a que elle seguisse o curso de medicina, em que pretendia matricular-se; e vêmol-o agora occupar successivamente o lugar de secretario do Instituto Com-

mercial, secretario e depois professor de desenho no Collegio de Pedro II.

O primeiro trabalho botanico que emprehendeu foi a monographia das orchideas do Brazil, que começou em 1868. Hoje esta obra, sob o titulo de *Iconographie des Orchidées du Brézil*, comprehende 17 grandes volumes com 1:000 estampas primorosamente coloridas, representando não só o porte d'aquellas plantas, mas todos os detalhes analyticos para a descripção e classificação d'ellas. E' uma obra monumental que, de per si só, firmaria a reputação de mais de um botanico.

O auctor sollicitára do parlamento brazileiro, na sessão de 1871, um subsidio para a publicação da sua obra; mas o respectivo projecto de lei, que chegou a ser approvado pela camara dos deputados, cahiu na camara dos senadores, dando-se por motivo o estar escrevendo para a *Flora braziliensis* de Martius, subsidiada pelo Estado, uma monographia sobre o mesmo assumpto, a primeira authoridade em orchideas, o sabio allemão dr. Henr. Gustav Reichenbach. Entretanto o eminente sabio J. E. Hooker, director dos jardins de Kiew, a quem a obra depois foi presente, classifica-a de preciosa e declara que ella é eminentemente digna de publicação. Seis annos depois o sabio orchideologista, a que nos referimos, pede por intermedio do botanico sueco André Regnell a collaboração do botanico brazileiro, que não acceita por motivos de amor patrio, e renuncía a escrever a dita monographia depois de muitos annos de estudo. O proprio director d'aquella importante publicação o dr. Eichler pede-lhe tambem por intermedio do dr. Wawra a sua cooperação com o dr. Kraenzlin para a mesma monographia, que elle igualmente não acceita. Todas estas circumstancias revelam o alto valor do trabalho de Barbosa Rodrigues, que não podendo publical-o completamente por lhe faltar o auxilio official, indispensavel para as obras que se tornam demasiadamente dispendiosas pela parte iconographica sobre tudo, se resolveu a dar á luz as descripções de algumas especies e generos novos, em dois vol. que tem por titulo *Genera et species orchidearum novarum*, o 1.º em 1877, contendo 230 especies novas, e o segundo no anno passado, com mais de 310 especies novas.

Em 1871, sob a regencia da Princeza imperial, foi encarregado pelo governo imperial de explorar o valle do Amazonas, tendo entre outras obrigações a de completar, corrigir e augmentar o «Genera Palmarum» do venerando Martius. N'estas regiões, já percorridas pelo desventurado naturalista

portuguez—Alexandre Rodrigues Ferreira,—se demorou tres annos e meio. Explorou os rios Capim, Tapajós, Trombetas, Jamundá, Urubu e Jatapú, sobre os quaes publicou em 1875 cinco relatorios que em poucos mezes estavam esgotados. O auctor tem em manuscripto as duas obras: *La vallée des Amazones, notes d'un naturaliste brésilien;* e *Récits de voyages dans l'Amazone,* onde são descriptas as peripecias d'esta exploração difficil em que a fome e as intemperies, a lucta com os indios e os animaes ferozes, a subida das cachoeiras n'uma das quaes teve perdida a esposa, põem a vida em constante risco. Foi n'esta viagem que recolheu os materiaes para a sua obra sobre palmeiras, que publicou em 1875 sob os auspicios do ministerio de agricultura, com o titulo de *Enumeratio palmarum novarum,* na qual são contidas as diagnoses de sessenta e duas especies novas. Tendo voltado do Amazonas, partiu em 1876 para Minas-Geraes e ahi recolheu novos materiaes, com os quaes e os colhidos anteriormente organisou a sua obra *Sertum palmarum,* acompanhada de estampas coloridas, e que ainda não foi publicada.

Depois de uma exposição publica de seus trabalhos, que se pôde realisar pela protecção da Princeza imperial e que foi aberta pelo Conde d'Eu em 30 de julho de 1876, e tendo sido suspenso da commissão que desempenhára, e emfim não achando o sufficiente favor nos poderes publicos para fazer valer os seus trabalhos, retirou-se um pouco desgostoso á vida particular; e hoje está dirigindo uma fabrica de sulfureto de carbone, pertencente a um particular, no Rodeio, que fica na estrada de ferro de D. Pedro II, a 86 kilometros da côrte.

Alem dos seus trabalhos botanicos devem notar-se os de archeologia e ethnographia. N'esta especialidade mencionaremos as suas *Antiguidades do Amazonas,* publicadas em 1879, o seu estudo sobre—o *primeiro idolo amazonico;* as *lendas e crenças indigenas;* o *muirakitan, precioso coevo do homem anti-columbiano.* O sabio italiano H. Giglioli, perante a sociedade anthropologica de Florença e na presença do Imperador do Brazil, na occasião da ultima viagem d'este pela Europa, fez sobre os trabalhos etnographicos de Barbosa Rodrigues uma conferencia em que muito o apreciou, e que foi publicada com o titulo *Lo estudio d'ell etnologia al Brazile.*

Em 1878 occupou-se do *Curare,* fazendo sobre este ponto conferencias e experiencias publicas na Faculdade de Medicina e na Academia de Medicina, tendentes a demonstrar a efficacia do sal commum como antidoto d'aquelle energico veneno

indigena, terminando por fazer em 10 de outubro de 1880 uma conferencia sobre o assumpto, perante o Imperador. A importancia que assumiu esta materia em consequencia das contestações a que deu lugar fez sentir a necessidade da creação de um laboratorio de Physiologia experimental, que foi annexado ao Museu nacional do Rio de Janeiro, e onde trabalha, entre outros, o dr. J. B. de Lacerda que descobriu ser o permanganato de potassa o antidoto do veneno das serpentes. Hoje existe, além d'esse, outro laboratorio analogo na Faculdade de Medicina.

Alem dos trabalhos referidos outros tem feito o autor, que existem archivados em diversas revistas e jornaes do Brazil. Tem-lhe sido tambem preciso revindicar a prioridade na descoberta de especies novas de palmeiras do Brazil, e sobre o assumpto escreveu: o *Protesto appendice* á *Enumeratio palmarum novarum*, 1879, em contestação ao professor de Aberdeen, J. W. H. Trail, que com elle herborisou no Amazonas em 1874; e *Les palmiers*, 1882, em que faz algumas observações á monographia das palmeiras, devida ao prof. Drude e que faz parte da *Flora braziliensis*.

Os merecimentos do auctor tem sido devidamente reconhecidos na Europa. Elle entretem relações com diversos sabios notaveis. É membro da real e imperial sociedade de Botanica de Vienna, por proposta do botanico Dr. H. Wawra von Fernsee, que o visitou em Agosto de 1879; da Real sociedade botanica de Edimburgo, por proposta do sabio Balfour; da dos naturalistas de Freiburg, proposto pelo Conselheiro Fischer, director do Museu mineralogico de Baden; da real sociedade anthropologica e ethnologica de Florença, por proposta de Giglioli; da nossa Academia das Sciencias, pelo conde de Ficalho; da sociedade de Horticultura de Marselha, pelo conde des Voisins, etc.

É laureado com a medalha de ouro pela Academia Nacional de Paris. De seu paiz é membro, desde 1876, da sociedade mais importante que é o Instituto Historico e Geographico do Brazil.

O governo do Brazil forneceu-lhe ensejo de estudar durante algum tempo a flora d'aquelle paiz como já dissemos; mas não lhe tem dado a protecção de que carecia, quer para continuar os seus estudos, quer para a publicação acurada das suas principaes obras, publicação excessivamente dispendiosa, pela reproducção das estampas coloridas. Já a imprensa brazileira promoveu em 1879, uma subscripção nacional, para a

publicação do *Sertum palmarum;* mas esta snbscripção ainda não attingiu a somma precisa. Assim, associando-nos ao «Jornal do Commercio» do Rio de Janeiro, lamentamos deveras o abandono em que tem sido deixado um sabio de uma vocação especial, de talento tão altamente comprovado e que, inspirado pelo bom nome do seu paiz, tem sacrificado á causa da sciencia, a sua fortuna, a sua saude, a sua intelligencia e até arriscado a vida; e fazemos votos para que o Brazil repare esta injustiça, de modo que trabalhos tão importantes sejam devidamente aproveitados e apreciados. (1)

A. J. Ferreira da Silva.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. pag. 183)

XI

MONTAGEM D'AVES

Montar uma ave, é dar-lhe artificialmente o aspecto que tinha em vida. Requer esta operação muitos conhecimentos da natureza, para se não cahir no grande erro de, por exemplo, empoleirar um pato, ou dar a qualquer das trepadoras a posição vulgar dos passaros.

Como o leitor bem comprehende, só depois da ave descarnada é que se póde montar; para isso, estende-se n'uma mesa, em posição identica á já aconselhada para principiar a descarnação. Procura-se então arame da grossura capaz de sustentar o specimen; yale mais que o arame perca por grosso do que por fino, pois as aves preparadas com arames muito finos, tornam-se quasi sempre incapazes de receber posição, visto que o arame das pernas não sendo sufficientemente forte para sustentar o peso do corpo, verga-se dema-

---

(1) O original d'este artigo foi entregue em fins de Julho. *(Nota da Redacção.)*

siado, tornando-o defeituoso. Antes de nos servirmos do arame, devemos expol-o por um momento ao fogo, até se tornar rubro, operação que entre os preparadores é conhecida por *recoser o arame*. Este trabalho tem em vista permittir o dobrar-se o arame em todos os sentidos, sem quebrar, o que facilmente acontece, quando está por *recoser*. A demora do arame no fogo, deve ser convenientemente graduada, para não se recoser demasiado, o que o tornaria muito brando e incapaz de servir. Tirado do fogo, lança-se n'uma bacia de agua, onde instantaneamente arrefece.

Assim preparado, corta-se um pedaço um pouco mais longo que a distancia do bico á extremidade da cauda, e outros dous desde o principio da abertura do lado do pescoço até um pouco mais além da pata da ave. Se esta tem de ser montada de azas abertas, é tambem necessario um quarto arame, desde uma á outra extremidade das azas.

É escusado advertir, que este arame, se torna desnecessario logo que as azas fiquem fechadas. Introduz-se uma das extremidades do arame na pinça de prender, e com ajuda de uma lima aguça-se o mais possivel, repetindo-se a operação nos restantes, e duplicando-a no arame das azas que necessita de ser aguçado nas duas extremidades. Terminadas estas operações trata-se da formação do esqueleto artificial que ha-de sustentar a ave e concorrer para ajuda da sua futura boa posição. Tira-se, para isso o algodão que se lhe collocou para substituir a falta de carne, e introduz-se-lhe o primeiro arame, operando do seguinte modo. Faz-se no meio do arame um annel maior ou menor segundo o tamanho da ave; este annel tem por missão não deixar, depois da ave cheia, mover-se o arame em todos os sentidos. Introduz-se depois a extremidade aguçada atravez o pescoço até sahir pelo meio do craneo, e faz-se passar a outra do lado inferior atravez o cocyx; o annel deve ficar um pouco abaixo das azas no sitio do esterno.

Em seguida agarra-se uma das patas da ave, e com o furador d'aço abre-se caminho, atravez d'ella, para o arame, ou se a ave é pequena, póde-se empregar para esse fim o proprio arame; introduz-se para isto, o furador ou o arame atravez o *tarso*, e faz-se penetrar até á articulação do fémur com a tibia. Chegado lá volta-se a pelle da perna sobre o tarso, e impelle-se o arame até passar um pouco alem da tibia, excedendo tambem a pata um comprimento sufficiente para atravessar o tronco ou taboa onde tiver de ser montada. Ata-se

solidamente, com um fio o arame á tibia, dá-se uma camada de preservativo no osso e na pelle, e faz-se entrar tudo no seu lugar. Prompta uma perna, passa-se á outra, que se dispõe do mesmo modo. Alguns preparadores costumam prender os arames das pernas ao annel do arame central, mas este processo é prejudicial, por isso que depois de cheia a ave, não se lhe póde facilmente dar a posição em virtude da resistencia dos arames, especialmente do das pernas, a voltarem-se para onde o desejamos; deve-se antes, como ensina o ex.mo snr. Augusto Luzo, cortar-lhe a extremidade aguda e vergal-a em forma d'annel deixando-os, comtudo, soltos.

Se as azas não teem necessidade de arame, atam-se interiormente com um barbante as duas extremidades do osso *humerus*, deixando entre ellas o espaço que pouco mais ou menos tinham em vida. Esta operação é uma das mais valiosas, por isso que impede a demasiada distencção da pelle ao encher, o que, depois, causaria defeitos, quasi que irremediaveis. Feito isto, dá-se-lhe por todo o lado interno da pelle, especialmente na cabeça, anus, azas e pernas, uma boa camada de sabão Becoeur, para a preservar da corrupção e devastação dos insectos, e tracta-se, em seguida, de encher o specimen, principiando pelo pescoço. Esta operação póde-se fazer de dous modos: se a ave tem o pescoço curto, depois de introduzido o arame central, enche-se pela abertura do peito e pelo bico; mas se apresenta como por exemplo a cegonha, a garça, o grou, o cysne, etc., um pescoço d'um comprimento fóra do commum, difficilmente se chegaria a bom resultado por meio d'este processo, sendo necessario em tal caso, antes de introduzirmos o arame central, envolvel-o em algodão ou estopa até formar um pescoço artificial da espessura e comprimento necessario, introduzindo-o depois no vasio deixado pelo natural. O algodão ou estopa que se enrola no arame do centro para formar este pescoço, deve ser excessivamente comprido, não só para facilidade da sua introducção atravez a pelle, mas tambem para que não se disforme seccando.

Enchem-se em seguida as pernas, fazendo sempre o mais possivel a fim de que o arame e a tibia fiquem no centro, para o que se introduz sempre a substancia que as deve encher, entre elle e a pelle. Cheias as pernas, vae-se dispondo a estopa desde o cocyx até á base do pescoço, sempre sob os arames, isto é, entre elles e a pelle das costas, recalcando-a methodicamente para que fique um pouco dura. Dá-se ao ventre e peito a fórma oval que elles tem em vida, o que permit-

tirá poder-se collocar bem as azas e a cauda. Assim que se vê que o arame está ao centro, pouco mais ou menos e que pela parte inferior estão todos os vazios perfeitamente cheios, continua-se a introduzir estopa para os dous lados do peito e cauda até o corpo apresentar o volume que tinha em vida do animal, e cose-se, finalmente, a abertura, principiando pelo lado do pescoço a introduzir uma agulha enfiada n'uma forte linha, que se faz passar atravez a pelle sempre debaixo para cima. Unidas assim as duas extremidades da pelle, retira-se alguma penna que por acaso fique presa na costura, que se termina, cortando o fio junto ao ventre.

Com o auxilio de uma agulha comprida, compõem-se as pennas, o que facilmente se obtem levantando-as e dispondo-as de modo a encobrir completamente a abertura. Se as pernas estão demasiado compridas impellem-se para dentro do corpo até tomarem a posição natural, e no caso contrario puxam-se e curvam-se na juncção da tibia com o peroneu. Tem-se prompto o pedestal em que a ave deve ser montada, isto é um tronco, se ella se empoleira, e no caso contrario uma taboa mais ou menos torneada.

Só o desenvolvido estudo da historia natural é que permittirá ao amador uma boa e natural collocação, limitando-nos sómente a dar umas pequenas noções para evitar ao principiante certos erros de pessimo effeito.

Com uma verruma, fazem-se dous orificios no logar por onde devem penetrar os arames que atravessam as pernas da ave, e introduz-se em cada um d'elles o arame dos pés que se puxam do outro lado para que fiquem bem unidos ao sócco, vergando-os e prendendo-os á madeira.

Levanta-se a ave, dispondo o corpo, se a queremos collocar em attitude de repouso, de modo que uma imaginaria linha vertical, cahindo da cabeça, passe atravez o pescoço, meio do peito e termine exactamente entre as duas patas e a egual distancia d'ellas. Dá-se posição á cabeça, que se volta no sentido desejado, ergue-se ou abaixa-se o bico até tomar a posição horisontal que se vê em quasi todas as aves, e com o alicate proprio corta-se a parte excedente do arame central que passa do lado externo da cabeça.

Collocam-se as azas na posição usual, segurando-as com alfinetes, se o exemplar é pequeno, ou se é maior com papeis que se lhe enrolam á volta do corpo, e que costumam ser em numero de tres. O primeiro vae unir as pennas dianteiras do pescoço, e segura-se do lado superior, com alfinetes; o se-

gundo envolve o corpo e serve para sustentar e fazer com que as azas sequem, tomando a fórma natural, e o terceiro passa sob o abdomen e vem-se fixar nas costas, por cima das azas.

É necessario, comtudo, tirar estes papeis ao menos uma vez por dia e anedeiar as pennas, tornando-os em seguida a collocar de modo que comprimam bem o corpo. Esta operação repete-se, até que a ave esteja completamente secca, o que tem lugar pouco mais ou menos em oito dias no verão e vinte no inverno.

Para sustentar a cauda aberta, fazem-se passar as pennas atravez um fragmento de canna semi-fendida, que se apoia na parte descendente do arame central. Passa-se, por ultimo, pelo bico e patas, um pincel embebido em verniz ou terebentina, para lhe conservar o colorido natural e preservar mais efficazmente dos insectos. Se a ave que montarmos pertencer á divisão *palmipedes* é bom, antes de a collocar no pedestal, dar-lhe uma boa camada de sabão arsenical na extremidade inferior da pata.

XII

CASOS PARTICULARES

N'uma collecção ornithologica é não só curioso, mas tambem util, ter alguns ninhos com avesinhas ainda implumes, para podermos analisar as especies menos vulgares, n'uma phase da vida em que o corpo apresenta fórmas totalmente differentes das do individuo adulto. Deve-se collocar o pae e a mãe ao lado do ninho, o que torna mais rapida e sensivel a comparação.

O processo seguido para a descarnação d'estas pequenas aves, é o mesmo que para as grandes; sómente é necessario muito mais cautella, por isso que a pelle é tão fina, que até se despedaça com uma mais forte compressão dos dedos, e o craneo se disforma com a extracção da massa cerebral.

Enchem-se substituindo o algodão branco por algodão côr de rosa, para imitar a carne, visto a excessiva transparencia da pelle n'esta phase da vida das aves. O sabão arsenical dissolve-se em alcool juntamente com uns poucos de pós vermelhos, e dá-se com elle uma pequena camada na pelle, por isso que ella, fina como é, de pouco necessita. Estas aves devem montar-se aninhadas, não só porque é quasi impossivel dis-

farçar a costura, mas tambem porque nas primeiras epochas ellas raras vezes se levantam do ninho.

Se a avesinha está completamente nua, isto é, se não tem ainda pennugem, é bom, logo que seccar, com um pincel embebebido em tintas de côres apropriadas, pintar-lhe o bico e as veias mais salientes que antes atravessam o corpo. É conveniente possuir na collecção algumas aves com as azas abertas; as andorinhas, pedreiros, etc., são muito mais elegantes assim. Para isto, depois de se ter mettido o arame central e os das pernas, introduz-se um outro que vá desde uma á outra extremidade da aza.

O processo para fazer passar o arame atravez as azas é o mesmo que o seguido para com o das pernas, formando apenas, para lhe dar mais fixidez, um annel no meio do arame que atravessa as azas. Acontece muitas vezes ter de se preparar uma ave morta na epocha da muda. N'essa occasião, as pennas por falta de solidez cahem facilmente; devem-se guardar as que se desprenderem durante a descarnação, e logo que a ave estiver secca, levantar-lhe as pennas proximas do logar da falha e introduzir-lhe por baixo as cahidas, havendo antes a cautella de lhe embeber o tubo em gomma arabica. Em seguida rebatem-se e dispõem-se o melhor possivel. Se recebermos a ave já com falha, arrancam-se, depois de montada, aqui e alli algumas pennas, que se collocam onde forem mais necessarias.

As aves que teem os dedos unidos por membranas, conservam-se estas distendidas por meio de alfinetes que lhe passam atravez a pelle e vão prender na madeira. Acontece muitas vezes ser a cabeça das aves ornada de carunculas que a impossibilitam de passar pelo pescoço, durante a descarnação; faz-se n'este caso uma abertura no sitio da cabeça onde houver mais penas, e procede-se por ella á limpesa do craneo, cosendo-se á sutúra logo que terminar a operação para que foi necessaria.

Esta abertura deve ser feita desde o meio do craneo até á segunda ou terceira vertebra do pescoço. A crista da ave, se é carnuda, mantem-se na posição querida por meio de alfinetes que passam atravez ella e vão segurar no craneo; logo que está secca pinta-se segundo o processo indicado no capitulo especial. O methodo de substituir as cristas naturaes por outras de cêra ou gesso, é não só sem valor, mas até prejudicial, por isso que faz perder ao specimen o seu valor scientifico.

As aves em pelle tambem se podem dispor em album, formando collecções para estudo, não tão bellas como as montadas, mas muito mais economicas e portateis. D'este genero, vi ha tempos um curioso album de aves colhidas em Inglaterra. Esta collecção era agradavel á vista, e tinha a grande vantagem de n'um volume portatil abranger cento e tantas aves. O processo para uma collecção d'este genero consiste em empregar uma pelle a que somente se deixou o bico, azas, peito, patas e cauda. Devemos dispol-as dos dous seguintes modos alternados, que tornam mais bella e valiosa a collecção. O primeiro consiste em abrir a ave pelo ventre e costas, separando o corpo e cabeça em duas partes e ficando n'este caso a ver-se parte do peito, costas e uma aza; o segundo em fendel-as pelas costas ficando salientes o peito e as azas que se abrem, e as pernas que se desviam para os dous lados. Preparada d'este modo, e depois de alizadas as pennas, colloca-se a pelle entre duas folhas de *papel botanico* e introduz-se n'uma prensa. É necessario mudar o papel ao menos duas vezes por dia, para que possa ser absorvida toda a humidade, e findo esse praso, dá-se-lhe uma boa camada de sabão arsenical, deixa-se estar fóra da prensa umas doze horas, findas as quaes se colloca outra vez entre o papel botanico e se mette na prensa, até á completa dissecação.

Logo que a pelle está completamente secca, dá-se-lhe uma boa camada de gomma arabica e fixa-se ou n'um cartão ou na folha d'um album. Antes de terminar este capitulo não podemos deixar de dizer duas palavras relativas ás differentes posições das aves.

As de presa devem-se montar empoleiradas, por isso que, geralmente, todas tomam essa posição; algumas variedades que tem os tarsos muito carnudos é necessario fendel-os, extrahir os musculos, dar preservativo, e depois de collocar algodão, colar a fenda com gomma arabica. A posição das corujas e mochos, é, corpo quasi vertical, pescoço direito e muito curto, bico tocando no pescoço e pernas estendidas.

Os passaros, em grande parte empoleiram-se e a sua posição é pouco mais ou menos egual á do pardal, pintasilgo, canario e coxixo, muito conhecidos nas nossas cidades. Os trepadores collocam-se com os pés e a cauda fixos em um supporte vertical pelo qual vão subindo.

Para a posição dos gallinaceos servem de typo o gallo e o perú que todos diariamente vêem. Os pernaltas teem o pescoço direito, o bico horisontal, corpo um pouco inclinado e

pernas curvas. Os patos e quasi todos os palmipedes teem o corpo e bico horisontal, e o pescoço duas vezes curvo em forma de S.

(Continúa).

EDUARDO SEQUEIRA.

CITANIA NO SECULO XVII

O autor do opusculo que em seguida publicamos é quasi desconhecido. O seu *Discurso* é muito raro, e talvez esta circumstancia explique o geral esquecimento. Até hoje ninguem deu noticia circumstanciada d'elle, quando sempre merecia ser citado, pelo menos sob o ponto de vista historico, como representando uma phase, embora vencida em grande parte, da questão archeologica, que se debate entre nós ha annos. Parece-nos, porém, que algum grão aproveitavel ha no meio do joio.

Pedro Henriques de Abreu foi natural de Evora (perto de Alcobaça, prov. da Extremadura), Licenciado em Canones, Reitor da Igreja parochial de S. Pedro de Farinha Podre no bispado de Coimbra. Os biographos gabam muito a sua erudição de antiquario em assumptos não só nacionaes, mas estrangeiros.

A sua unica obra impressa é a seguinte, a que anda annexo o *Discurso* citado:

Vida, e martyrio | da gloriosa | Santa Qviteria, | e de svas oyto irmãas | todas nacidas de hvm parto, | Portuguezas e Proto martyres de Hespanha. |

Segue uma gravura (vinheta) de Santa Quiteria com a inscripção: *Veni sponsa christi accipe coronam.*

Continúa o titulo depois:

Com hum discurso | sobre a antiga cidade Cinania | Por Pedro Henriquez d'Abrev | Reytor da Parochial, & Matriz Igreja de São Pedro de | Farinha Podre, Bispado de Coimbra. | Em Coimbra. | Na officina de Manvel de Carualho Impressor da Vnivers. An. 1653. 4.º de xx (inn.) — 324 pag.

Innocencio da Silva (vol. v, p. 411) indica xxiv pag. inn.; não sabemos como, porque o nosso exemplar está completo:

1. Titulo; verso, branca; 3-6 Licenças; Prologo ao leytor 7-9; poesias laudatorias 10-16; Index 17-19; e o verso branco.

O Discurso começa a pag. 289 e acaba a pag. 323; na ultima pagina 324 um Soneto.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CAPITVLO PRIMEYRO

Discurso sobre a Cidade Cinania, ou Cininia de Valerio Maximo

He chegado o tempo de dar cõprimento á promessa, que no cap. 13 fiz aos coriosos desta lição, de lhe dar noticia do que sinto acerca da antiga Cinania (á qual em outra parte chamey incognita por me parecer que o sitio, que ategora lhe dão nossos escritores se lhe não pode attribuir) dando satisfação ao prometido, tanto polo ter feyto, quanto pola dar tambem, a outro paragrapho da carta do amigo, que atraz referi, quãdo tratei de S. Marinha, que diz o seguinte.

Lembrame que fallando comigo alguma vez sobre este nosso cuidado de papel, & tinta me disse, que não aueria alguem que lhe disesse onde fora Cinania: & não deyxou de me dar cuidado este de v. m. elle me obrigou a trasladar esse discurso, que inuio, que inda que tem pouco meu, não tem tão pouco que não tenha a lembrança. Bem pode v. m. passar os olhos por elle, com esta cautela, que não sou tão nescio, que não entenda que diz Aristoteles, que ao sabio nada he nouo. Atequi a carta.

De grande vtilidade forão em todo o tempo as aduertencias a quem escreue: porque de ordinario trazem cõsigo duas vtilidades grandes, fogir de cair em erros, & estimular a continuar na empreza, quando he justa, & louuauel. Desta vltima me aproueitarei, ao menos, quando não possa conseguir a primeyra, em que, polas difficuldades, que pode auer em cousas tão antigas, como pouco auerigoadas, & menos examinadas de nossos antepassados, não poderey proceder com a segurança de não errar, posto que com mayor desejo de o não fazer. Com tudo seruirá este meu trabalho de apurar os engenhos, & aparar as penas, a quem com mais vẽtagens seguir este exercicio.

A tres pontos principais reduzo todo este discurso, sendo o primeyro, que ouue a Cidade Cinania: & o segundo, que

não podia estar onde querem que estiuesse os que ategora della tratão, & o terceyro (conforme ás razões, que para isso mostrarei) onde alcanço que fosse a tal Cidade.

Que ouuesse Cinania, poucos, ou para milhor dizer, nenhum dos que escreuerão das cousas de Portugal o negão: que fica sendo ponto quasi infalliuel, porque desses poucos, que tenho visto fazem menção della, Garibay (1), o Mestre Andre de Resende (2). O Doutor Frey Bernardo de Britto (3), na primeyra parte da Monarchia no lib. terceyro capit. 13. & no 25. do 4. liuro, & em outros lugares, Manoel de Faria (4) no seu Epytome. O Conego Gaspar Staço (5) nas suas antiguidades. Ambrosio de Morales (6) no lib. 8. cap. 5.

Isto quanto a nossos escriptores, que dos estranhos só Valerio Maximo nos dá a conhecer Cinania: noticia de que todos os que desta Cidade fazem menção se aproueytarão para no la darem referindo todos, seus ditos ao do mesmo Valerio Maximo que com a breuidade custumada, em seus exemplos diz o seguinte.

Cuius mentio mihi subjicit quod adversus D. Brutum in Hispania grauiter dictum est referre. Nam cum se ei tota penè Lusitania dedisset, ac sola gentis eius vrbs Cinimia pertinaciter arma retineret, tentata redemptione, propemodum vno ore legatis Bruti respondit: Ferrum sibi à maioribus quo vrbem tuerentur, non aurum quo libertatem ab Imperatore auaro emerent relictum. Melius sine dubio istud nostri sanguinis homines dixissent, quam audissent.

Vem a dizer Valerio Maximo, que auendose Decio Bruto apoderado de quasi toda a Lusitania, só huma Cidade dos Lusitanos trataua ousadamente de defender sua liberdade pelo rigor das armas; & que vendoos Decio Bruto resolutos em sua defensão, tratou de ver se podia acabar cõ elles, que ao menos, remissem sua vexação a troco de ouro, que como fim principal os fazia vir de Roma a conquistar Hespanha: mas foylhe rechaçada a proposta com a resoluta reposta, que de seus antepassados não auião erdado ouro com que comprassem sua liberdade de hum Capitão tão auaro, mas que somente lhe tinhão deyxado ferro cõ que a defendessem. Reposta, que

(1) Garib. l. 6 cap. 12 pag. 183.
(2) Resende, *de antiquit.* lib. 1 fol. 31 l. 3 f. 117.
(3) *Monarch.* p. 1 l. 3 c. 13.
(4) *Epit.* pag. 110.
(5) Staç. cap. 20.
(6) Mor. l. 8 c. 5.

em tudo se quer parecer á que em outro tempo derão ao primeyro dos Emperadores Romanos, os indomitos Herminios, & muy conformes ambas com o primeyro lance de arrogancia Lusitana, se com a firmeza, & constancia, acompanhadas da prudencia, se souberão aproueytar do valor de seus animos.

Cála o successo, & effeyto destas embaixadas Valerio; & pelo cõseguinte nenhum outro autor nos sabe dar mais cõta delles, que somente crerem todos, que ouue Cinania, como eu tambem cõfesso, seguindoos a elles, mas na resolução de ser onde a apõtão reparo, & duuido, polas seguintes razões, nas quais fundo o segundo ponto.

Dos autores atraz referidos, Garibay diz (1).

Desta manera conquistò quasi toda Lusitania donde vno de los pueblos, que mas resistencia hizo fue Cinania. Ergo Cinania era de Lusitania, & não de Galliza.

O Mestre Resende tratando em especial do valor, & esforço dos Lusitanos diz.

Cæterum ad fortitudinem pertinet, quod Strabo ait Lusitaniam annis plurimis, Romanorum armis oppugnatam. Fortitudinem quoque arguit constans ac grauissimum Decio Bruto Cinaniensium responsum, quod affert libro sexto Valerius.

Que (diz elle) deyxadas as de mais cousas, á fortaleza dos Lusitanos pertence o que escreue Strabão, quando diz, que a Lusitania foy conquistada em muytos annos com as armas dos Romanos, cuja fortaleza tambem se infere da constante, & grauissima reposta, que a Decio Bruto derão os moradores de Cinania conforme a escreue Valerio Maximo no liuro sexto.

Resende quando isto escreue, trata de prouar, & mostrar o valor, & fortaleza dos Lusitanos, & para exemplo della traz a reposta dos Cinanienses. Ergo, Lusitanos erão, & não de outra Prouincia.

O mesmo Mestre no terceyro liuro diz o que se segue.

Brutus igitur hic Lusitaniam vsque ad Oceanum perdomuit. Quamquam vt Valerius Maximus lib. 6. cap. 4. ait. Pene tota se ei sponte dediderat, præter Cinaniam vrbem, &c.

Que o Decio Bruto, de que vay tratando, sogeitou a Lusitania até o mar Oceano, supposto que como diz Valerio Maximo no sexto liuro, quasi toda se lhe auia dado voluntariamente, tirada a Cidade Cinania.

Resende falla da Lusitania que se auia entregue quasi toda a Bruto tirando Cinania, ergo Cinania da Lusitania era.

(1) *Vbi supra.*

Dos tres Autores, que ficão, o Doutor Frey Bernardo de Britto he mantenedor nesta estacada contra minha opinião: & Manoel de Faria como seu abreuiador de força se ha de conformar com elle, polo que deyxando as prouas das cõsequencias venhamos a apertar por outra via, pois nesta occasião me fauorece tanto (allem de outras razões) a opinião do Conego Gaspar Staço que em abono da que sigo diz o seguinte, no capitulo 19. que referirei por extenso, por escusar mais trabalho, & pola certeza, que tenho de seu dito como testemunha de vista.

«Legoa, & meya de Guimarães contra o Norte em hum monte alto diz o vulgo, que foy huma Cidade chamada Citania. Naõ sei o que della sintio Frey Bernardo de Braga, mas Fr. Bernardo de Britto na sua Monarchia diz, que desejando muyto saber onde foy a antiga Cidade Cinania, depois de muitas diligencias feytas veyo a dar em suas ruynas, que diz serem estas, com sinais de muros, & torres, & que com pouca corrupção os naturaes da terra lhe conseruauaõ o nome antigo, chamando-lhe Citania. Entendo que a semelhança dos nomes Citania, & Cinania sem consideração do sitio, deu motiuo a esta opinião, mas a meu parecer, não pode esta Citania ser a Cinania de Valerio Maximo, da qual entre todos os escritores só elle faz menção, & diz ser Cidade de Lusitania. E como elle fosse Cidadão Romano auia de entender Lusitania demarcada polos limites dados, & sabidos pelos Romanos, que são os que traz Florião de Ocampo com muyta particularidade, & certeza, como diz Ambrosio de Morales. Estes limites da parte do meyo dia, & Occidente erão toda a costa do mar Oceano, que vay da boca do rio Guadiana á boca do rio Douro agoa arriba té quasi vinte & cinco legoas, & dalli huma linha estendida pelo certão, que hia parar no rio Guadiana. E segundo esta demarcação Romana Lusitania da parte do Norte começaua do rio Douro contra o meyo dia, o que claramente diz Plinio nestas palauras. *A Durio Lusitania incipit, Turduli veteres, &c.*

Hora supposto isto (continua o Conego) dentro na Prouincia cõprehendida nestes limites estaua Cinania, pois Valerio diz ser Cidade de Lusitania, & assim como os Romanos chamauão a esta terra Lusitania, assim elles mesmos chamauão Galliza á terra dentre Douro, & Minho, que começa do rio Douro cõtra o Norte, o que tambem disse Plinio no liuro quarto onde affirma, que o Douro diuide os Lusitanos dos Gallegos. Estes mesmos limites põe os escriptores modernos

seguindo os antigos, chamando á terra do Douro cõtra o Sul Lusitania, & do mesmo Douro contra o Norte, Galliza. E Florião accrescenta, que esta Comarca d'Entre Douro, & Minho, nunca foy de Lusitania. Donde se collige, que a Cidade Cinania não estaua nella.

Ha outra razão para esta terra ser chamada Galliza em tempo de Bruto, a quem a Cidade Cinania respondeo o que conta Valerio Maximo, o qual he que Liuio no liuro sincoenta & sinco, diz que este Capitão conquistou Lusitania, & no liuro sincoenta & seis diz, que venceo aos Gallegos. E das taboas Capitolinas, que traz Onuphrio consta, que triumphou dos Lusitanos, & Gallegos. E por Strabo, quando falla do Minho, sabemos que esta jornada, & cõquista de Bruto não passou do dito rio Minho, & assim diz elle segundo a versão Italiana de *Buonaccioli; questo termine non passo Bruto col essercito.*

Hora se Bruto neste espaço de terras, que he a Lusitania, & della té o Minho, venceo estas duas nações Lusitanos, & Gallegos, necessariamente auemos de dar no mesmo espaço as duas Prouincias Lusitania, & Galliza: & isto não pode ser se não fazendo Lusitania té o rio Douro, & Galliza delle mesmo para diante contra o Norte conforme a demarcação Romana. Logo a Cidade Cinania, que Valerio poem na Lusitania não estaua nesta comarca d'Entre Douro, & Minho, pois era Galliza.

Por aqui dá o Conego fim ao capitulo dezanoue, & ao vigessimo dá principio na maneyra seguinte.

Continuando a mesma materia lembrame que Ambrosio de Morales tambem entende a demarcação antiga destas Prouincias, como fica referida, chamando a esta terra d'Entre Douro, & Minho, Galliza: mas enganouse em dizer, que nestas guerras de Galliza cercou Bruto huma Cidade chamada Cinania que lhe resistio perseueradamente, cõtando o mais que diz Valerio Maximo, não aduirtindo que este autor faz aquella Cidade de Lusitania, & não de Galliza, &c. E mais abayxo.

O Mestre Resende notou melhor o texto de Valerio, porque diz nas suas antiguidades de Lusitania, que esta Prouincia Lusitania quasi toda se deu a Bruto, tirando a Cidade Cinania. E logo immediatamente diz, que Bruto tambem cõmeteo aos Bracharos gente de Galliza, & ouue delles huma grãde vitoria, nas quais palauras he claro chamar Galliza a esta terra d'Entre Douro, & Minho. E como Cinania fosse Cidade

de Lusitania, & o outeyro Citania esteja em Galliza, em nenhuma maneyra pode elle ser a Cinania de Valerio Maximo.

Vay continuando o Conego com a autoridade de Plutarco, & outras cousas dirigidas ao fim de seu, & meu intento, com o que vou abreuiando por me parecer já a proua demasiada, & causar mais fastio, que sabor, a este discurso: como tambem pola mesma causa não infiro por menor a noticia, que o mesmo autor nos dá da vista que fez no mesmo outeyro de Citania, porque he cousa sabida, o qual achou quasi em tudo differente do que nolo pinta o Doutor Frey Bernardo de Britto: com tudo, poderia muy bem ser, que com os desejos, que este tinha de achar o sitio a Cinania lhe parecião bastantes indicios de auer sido alli: & as impossibilidades, que ao Conego lhe parecia auer em estar esta Cidade no centro, & coração d'Entre Douro, & Minho, o ajudarião a desenganar mais facilmente com a pouca memoria, que no tal lugar acharia desta encantada Cidade, que tanto dá em que meditar aos estudiosos destas golosisses de antiguidades, não auendo mais texto sobre que o fazer que as breues palauras de Valerio Maximo, que parece, que com ellas nos quis deyxar hum enredado enigma em que se exercitassem os entendimentos Portuguezes no adeuinhar o sitio desta Cidade. E porque eu (inda que o mais limitado de todos elles) tambem me accomodo nisto, com o parecer do Conego (a quem deuo agradecer o trabalho de que em approuar esta minha opinião me liurou) & com elle nego ser Cinania onde aponta o Doutor Fr. Bernardo de Britto, & despos elle todos os que o seguirão, acho que tenho obrigação restituir aos coriosos desta lição a celebrada Cinania, ou Cininia, porque não percão de vista esta tão grãde reliquia de antiguidade, pois o não he menor do valor, & esforço dos antigos Lusitanos, o que farey com a liberdade, & licença de que ategora vsarão os que della tratarão, que he (como tenho dito) a modo de adeuinhar, pois Valerio Maximo nos não deyxou em memoria mais que auer huma Cidade dos Lusitanos, que teue brios para responder a Bruto o que fica referido, sem declarar se a combateo, ou se passou de largo, nem outro algum effeyto, que causassem nem a proposta do Capitão Romano, nem a reposta do presidio Lusitano.

CAPITVLO II.

Em que se mostra onde foy a antiga Cinania

He muy ordinario, & custumado, entre os discordes, auer quem interuenha cõ tratos de concertos, & pazes, com que não perdendo nenhuma das partes no particular de seus interesses, se fiquem todos conformando em paz, e quietação, o que pola mayor parte se costuma fazer partindo (como dizem) a contenda pelo meyo.

As que nesta occasião se offerecem entre as desconformidades de opiniões, he huma, que o primeyro que com tanto affecto de acertar, como o fez o Doutor Frey Bernardo de Britto, nos deu o sitio de Cinania, a poem no Centro da Galliza interamnense, & depos elle os que o imitarão neste genero de lição; a outra, que o Conego Gaspar Staço (a quem neste particular me inclino) não conuem em que a tal Cidade fosse onde o Doutor lhe assina o sitio; & assim para virmos á concordia, digo, que a tal Cidade não esteue dentro dos termos da Lusitania, mas que era dos moradores da mesma Lusitania, posto que estiuesse fora de seus limites. O primeyro ponto em que me fundo he nas palauras do mesmo Valerio, quando diz, que depois de Bruto se auer senhoreado de quasi toda a Lusitania, só lhe ficaua por sogeytar a seu senhorio, & poder huma Cidade daquella gente *(Ac sola gentis eius vrbs Cinninia, &c.)* que he o mesmo que dizer, que só lhe ficaua para ter sogeytos os Lusitanos huma Cidade dos mesmos Lusitanos, posto que da mesma Prouincia não fosse, mas que estaua por elles presidiada; assim como vemos que Ceyta, Tanger, & Mazagão, não estão na Lusitania, antes fora da mesma Europa, & mais cõ propriedade lhe podemos chamar Cidades da coroa de Portugal, & pelo conseguinte, lugares dos Portuguezes, mas não podemos dizer, que o são da Lusitania, como tambem hoje vemos (causandoo o valor Portuguez) a Villa de Saluaterra que está em Galliza, & he dos Portuguezes, como tambem o são as que ficão do Guadiana allem, ficando todas ellas fora dos limites da Prouincia da Lusitania.

Assim desta maneyra bem podia Bruto deyxar domada a Lusitania, & querendo passar a fazer o mesmo á Galliza Bracharense achar nos limites de huma, & outra Prouincia a Cidade Cinania, como presidio que os Lusitanos tiuessem do

Douro allem, ou para reprimir os incursos dos Barbaros moradores das asperas serras, que ha entre a Lusitania, & a Galliza interamnense, ou por lhe ficar mais franca a passagem do caudaloso Douro para seus commodos, para os quais em todos os tempos ouue stadistas, & defensores das razões d'estado, inda entre as mais barbaras nações.

Bem está: me dirão alguns (porque não sei se serão todos) mas vejamos onde nos dais a vossa Cinania, pois nos vemos alheos da que ategora possuiamos? He bem dar satisfação a requerimentos tão ajustados: & assim lhe darei a que pode justificar minha opinião, quando, ao menos não possa refutar as contrarias.

He a serra do Marão hum dos mais celebres mõtes deste Reyno de Portugal, que hoje diuide a Prouincia d'Entre Douro, & Minho da de Tras os mõtes: serra, ou monte, que pode competir com os mais celebrados de Hespanha, porque o nacimento (como os de mais della) o tem dos tão nomeados, & conhecidos Pirineos, de quem, como legitimo descendente, parece, que erdou, as areas do fino ouro que se achão em suas fontes, & ribeyros, a abundancia do finissimo estanho, que dos mesmos se colhe, como o testemunharão os rios de Ansiães, & Ouelha, & o precipitado Ollo, com seus regatos, & todo o Conselho de Hermello. E assim como nestas riquezas imita as rayzes, & troncos donde procede, assim o faz a os de mais montes de Hespanha, recebendo em si a abundancia da neue de Siabra. Criando a variedade de feras, & animais das asperas montanhas do Gerez. Competindo cõ o nosso tão afamado Herminio, na altura, & eminencia, nos pastos, & abundancia de trutas, & outras caças, como tambem o faz na copia de claras, & abondosas fontes, & rios, que de si lança. Com a fresquissima, & amena serra de Ossa na frescura, & variedade de frutas. No nome bosques, & vinhas com a fertil serra Morena. E emfim o que mais o realça, a nobreza das montanhas Leonesas pois por todas as partes donde he habitado, em suas faldras, & derredores he pouoado de muy nobres familias, & casas, tão conhecidas nas mesmas partes pola cõmunicação, & trato, como nas Cidades & cortes destes Reynos, por suas eminentes virtudes, assim em letras, como em armas, podendo ainda neste credito testemunhar as mais remotas partes do Oriente.

São quasi todas as terras ao derredor desta tão dilatada serra, assim de huma como de outra parte das mais illustres familias deste Reyno: qual foy da casa de Villa Real o Mar-

quezado, dos Condes de Penaguião o mesmo Conselho, da de Cantanhede, os de Hermello, Ceruas, & Athei. Do de Basto o mesmo Condado. Do Cõselho de Bayão, o senhor delle, dos de Gouuea, & Gestaço os mesmos senhores delle; entre os quais vemos as nobilissimas familias de Noronhas, Menezes, Castros, Cunhas, Sousas, & Sás.

Alem das sobreditas, que supposto que sejão dos senhores das mesmas terras, as não podemos dar por naturaes dellas, ficão familias muy nobres neste Reyno como são Pintos, Rebellos, Pereyras, Guedes Cardozos, Azeuedos, Lemes, Prados, Borges, Mesquitas, Queyroz, Cerqueyras, Barbosas, Aluarengas, & outras muytas, a estas nada inferiores, que abayxo de casas titulares poucas das mais nobres deste Reyno lhe leuão ventagem. Podendo, pois esta serra, & monte ser comparado com todos os mais de Hespanha, nas excellencias referidas, me parece, que só na aspereza, & medonhos rochedos o não pode ser senão com ella mesma: & muyto mais na parte onde precipitandose de excessiua altura com que vem continuando desde seu principio, se parece humilhar, & reconhecer vassalagem ao auarento Douro, ou com cortesia offerecerlhe passagem por seus limites: porque nesta paragem, os preruptos rochedos, as cortadas, & rasgadas penhas, os subidos, & leuantados pinaculos, os profundos, & medonhos valles, mais parecem em tudo, milagres, & portentos da natureza, que lugar, que possa penetrar criatura humana. Comtudo sendo tal qual aqui o tenho mostrado, não escapou, nem á mesma natureza de prouer de subida ao mais alto, nem aos homens de acharem caminho para sobir ao mais leuantado do mesmo monte, nem a deuação dos comarcãos desta serra sitio para aperfeyçoarem, & rematarem este tão alto, & aspero monte com huma casa, & imagem da Virgem Senhora nossa, cuja deuação nestas terras a esta Senhora he tão antiga, que não se pode alcançar, nem ainda cõ a tradição, seu principio. Suspensa fica neste passo esta debil pena com a lembrança desta Santa casa, & Senhora, mas por lhe não ser possiuel ser de pomba, irey continuando com minha derrota.

He pois este sitio tão aspero, & desabrido de inuerno, como alegre, aprasiuel, & gracioso de verão; assim pola espaçosa vista a que os olhos se estendem, como pola variedade em que se podem deleytar.

Tem esta serra como fica dito seu principio nos montes Pirineos, que diuidem ou para milhor dizer defendem nossa Hespanha da França, & vindo por varias partes ter ao Reyno

de Galliza, assima de Mõterey se aparta em tres braços, tomando hum para o Nacente donde volta a fazer a serra de Siabra, que diuide Galliza de Castella a Velha, & Portugal destes Reynos, & do de Leão. O outro se aparta para o Poente, & depois de fazer algumas quebradas em Galliza, entre Ginso, & Monterey, faz a asperissima serra do Gerez, que por aquella parte diuide o nosso Entre Douro, & Minho da Galliza das Limias. O do meyo he o nosso Marão, que não deyxando sua derrota, como vem cortando de Norte a Sul, assim vay cõtinuando, passando pela antiga Villa de Chaues, chamada antigamente Aquas Flauias, & deyxando como á mão direyta as montanhas de Barroso, & Alturas de Basto com o conselho de Aguiar de Pena, vem á semelhança de hum muro diuidindo as Comarcas d'Entre Douro, & Minho, com a de Tras os montes, & passando a vista de Villa Real (que lhe fica da parte do Nacente) deyxando á do Poente a Ribeyra de Penna, & os Cõselhos de Athei, Ceruas, & Hermello, vay ter parte, & quinhão na Villa de Amarante, tão conhecida, & frequentada, como ditosa polo precioso thesouro, que em si encerra do corpo do glorioso S. Gonçalo. E porque com o objecto deste deuoto Santuario me fui decendo muito ao pé desta serra, por onde vou caminhando, me he necessario tornar ao mais alto della, donde torne a ver a sobredita Villa Real pois me obriga ficar para esta parte a melhoria deste monte, qual he o termo, & Marquesado da mesma Villa que pelas faldras da mesma serra, ao Nacente della se vay estendendo atee entestar no Conselho de Penagião, Apenino Portuguez, a quem Peramãca, Ourem, Touro, Allarejos, Cassalha, & Ourense, não leuão ventagem, nem na bondade, nem na quantidade.

Nesta paragem, & sitio (como fica dito) se leuanta este soberbo gigante, quasi como queyxandose ao Ceo de lhe ser forçado torcer o caminho, & não continuar com sua derrota (que era ir dyreito ao Sul) por não se atreuer a passar as profundas agoas do soberbo Douro, ou por ver diante de si opposto outro quasi tão grande mõstro como elle, que como hum forte muro lhe vay negando a passagem, que parece apetecia, para se ir encontrar cõ o mayor dos montes deste Reyno: mas, ou seja por hum, ou por outro respeyto, (a maneyra das prosperidades desta vida) onde se vê mais altiuo, soberbo, & leuantado, dahi a pouco espaço de terra, se acha tão humilde, que não cobrando mais cousa alguma da sua arrogancia, inda que sempre mostrando o que he, se vai

acompanhando o mesmo Douro, atee que, quatro legoas assima da Cidade do Porto, sendolhe negada licença para poder entrar na Corte do Oceano (como se concedeo ao nosso Herminio) se fica como enfadado, tomãdo outro caminho tão differente, que por pouco não torna a endireytar com o Norte, seu principio. E assim indo cercando a terra da Maya, sempre á vista do espaçoso Oceano, se vai como outro Icaro, ou Phaetonte precipitar no rio Aue.

Por acompanhar este nosso defunto á sepultura me alonguei tanto dõde o celebrei viuo, & do proposito com que me estendi a fazer delle esta memoria, que era mostrar o sitio da antiga, & incognita Cinania, para o que me he necessario, tornar aonde este memorauel monte, deixando a mayor altura se humilha tanto, que dá passagem aos caminhantes, que da Cidade de Lamego, & mais Prouincia da Beyra passão para Entre Douro, & Minho, pela estrada que vai pela Villa de Teixeyra ter á Amarante.

Nesta paragem pois, & no pé deste alto mõte está a Villa de Meijãofrio em hum cerro, que corre quasi de Norte a Sul, banhado da parte do Nacente, do grãde Douro, & da do Poente do rio, que nacendo no mais alto desta serra ao pé da Ermida assima dita da Virgem S. nossa, & vindo pela ponte da Teixeyra, pouco depois se vai (como os de mais destas Comarcas) entregar ao mesmo Douro. He esta Villa tão alegre, fresca, & deleitosa, como honrada polas muitas familias nobres, que a pouoão. Huma legoa desta Villa, ribeyra do mesmo Douro arriba está a freguesia, & lugar de Cidadelha, ou Cidadelhe, que he termo da mesma Villa, junto do qual lugar ao Norte delle ficão as ruynas de huma grande força, cõ argumentos de maior antiguidade, pois as paredes, que mostrão serem os ossos desta defunta, mais arguem fortaleza, que policia em seus edificios, dos quais os que hoje nos manifestão sua grandeza, he hum grande lãço de muro, que se vai continuando por espaço considerauel, indo por deredor delle o caminho, que vai da freguezia de Villamarim, & da dita Villa de Meijãofrio, para o lugar de Cidadelhe, sendo feyto de pedras tão bem lauradas, que não as auendo naquelle sitio de gram, fazem tão boa, & bem cortada cantaria, que aonde o muro está em seu ser parecem ser vnidas humas nas outras.

Serue por esta parte este muro (de altura em algumas de seis ou sete palmos) de tapagem de muitas & fermosas vinhas, que dentro em seu ambito se encerrão. Ficão estas re-

liquias deste muro para a parte do Poente, & pela que este sitio tem de menos aspereza, & pela parte do Norte dece rasgado hum caminho, que vay dar no rio Sermenha, que do alto da serra, vindo pela freguezia de Sediellos, & passando pela ponte Cauallar, vem por hum profundo valle cercando pela parte do Nacente o pee deste oiteyro onde esteue esta grande força, seruindo-lhe em muytas partes de cerca os rasgados penedos, & rochas, que caem sobre este rio: sitio para aquelles tempo tão inexpugnauel, que o era bastantemente para poder resistir a tal poder como o de Bruto. Depois de cercar este rio o pee deste monte, & com hum intractauel valle o diuidir da freguesia de Oliueira (que da parte do Nacente lhe fica defronte) vay embocar com sua foz no mesmo Douro, cõ cujas agoas se banha tambem o pee do mõte aonde estão estas ruynas, & lugar de Cidadelhe da parte do Sul, para o qual se dece do mesmo lugar por huma ladeyra, que tem um quarto de legoa. Tornando á cerca que tenho dito, com coriosidade entrey algumas vezes nella, tendo já naquelle tempo lida a primeyra parte da Monarchia Lusitana, & fallando sobre a Cidade Cinania me contarão algumas pessoas graues, & coriosas que alli auia alguma tradição que fora esta Cidade: allegando alguma aparencia do nome com Cidadelhe. E achei hum grande lanço de muro no mais eminente do sitio, que ainda tinha altura de mais de quinze palmos, & por bayxo delle ficaua huma grande planicie que ao presente tudo está pouoado de uinhas. Dentro deste muro estaua o pee de huma torre quadrada, de grossas paredes, demostradoras de grandeza, & antiguidade, tudo o mais se veyo com o tempo a resolver em montes de pedras que os donos das vinhas, que ficão de dentro desta grande cerca composerão nelles, inda que fosse a troco de descompôr a memoria do que podia auer sido tão grandes vestigios: contentando-se o vulgo somente com dizerem, que aquella Cidade fora de Mouros, abusão, & absurdo em que tem dado todo este Reyno, (o vulgo delle digo) que tudo o que ha de antiguidades lhes attribuem a elles; como se esta barbara nação seruisse em Hespanha de mais que de sepultar suas memorias, conseruando somente as Cidades, & lugares mais importantes, & arruinando tudo o de mais: antes ouso affirmar que estes barbaros não edificarão em Hespanha lugar, nem Cidade alguma: que destruissem muytas sim. Disseo primeyro, (tomandoo do Mouro Rasis) o Padre Martin de Roa nestas seguintes palauras.

No vuo, dize Rasis, Ciudad ni Villa buena en Hespaña, que no la destruiessen los Moros, &c.

De que destruissem, nem pouoassem esta não nos consta, porque assim como sabemos, de Viseo, Lamego, Coimbra, & outras muytas, atee de S. Martinho de Mouros (que daqui fica huma legoa, ou pouco mais) consta que foy delles habitado, & outros lugares de que nossas Chronicas fazem menção por esta Comarca, sem ja mais alguma fazer de que neste sitio que aponto ouuesse alguma pouoação, que naquelle tempo se conquistasse: polo que venho a inferir que esta Cidade, & força, foy antiquissima, & dantes dos Romanos, porque se fora do seu tempo sempre ficarão algumas lembranças, de letreyros, ou outros edificios mais politicos, como de ordinario se achão nos lugares delles habitados. Tambem entendo, que esta Cidade deuia ser já desbaratadà em tempo dos Godos, porque se assim não fora, ouuerase de fazer menção della em algum dos Cõcilios, que se celebrarão em Hespanha, como vemos de Britonia, de Eminio, de Caliabria, & de outras que hoje não conhecemos; & huma vez, que se acha em algum, he como Igreja parochial, como hoje he a que se dá a Braga, que deue ser a do lugar, a que hoje chamão Citania junto á mesma Braga, a que o Concilio chama Cetania: polo que esta Cidade entendo ser a Cinania, que o Doutor Fr. Bernardo de Britto (1) nos leuou ao outeyro de Citania, não tendo mais direyto para nola dar por tal, do que eu o tenho para affirmar auer sido neste lugar que digo. E se as razões que aponto em fauor desta minha opinião inda não bastão, nem contentarem a os escrupulosos, vejão com attenção as de forçosas conjecturas, que no capitulo seguinte mostrarei, & se com tudo se não derem por satisfeytos, confesso que não posso mais fazer: deyxando lugar a quem com mayor força de justiça me tirar a que em abono de minha opinião aqui offereço, que não sou tão pertinaz que me não conheça rendido, a quem com a força da razão, & justiça se mostrar vencedor.

CAPITVLO III.

Em o qual se mostra por forçosas conjecturas ser Cinania onde fica dito.

Com a entrada de Decio Junio Bruto em Lusitania entrou tambem a noticia desta Cidade Cinania de que ategora

(1) Brit. 2. p. c. 14.

fallei, que atee sua vinda não se achão entre os que escreuerão desta Prouincia quem della fizesse mençção começando esta noticia na que della tão abreuiadamente nos dá Valerio Maximo, de que se tem aproveytado todos os escritores que das cousas de Hespanha escreuerão, como atraz deyxo referido. Depois o que com mais particularidades escreue os successos, & progressos de Bruto nesta Prouincia, & na Bracharense, he o Doutor Fr. Bernardo de Britto, & consequentemente com mais particularidades nos conta os successos & fim desta Cidade, causado das guerras, que ouue entre ella, & a de Braga, como se pode ver no cap. 26. do liuro 4. da primeyra parte da sua Monarchia, a quem em tudo vay seguindo Manoel de Faria no seu Epytome. Ambos, pois nos dizem, que tendo guerra entre si as Cidades do Porto, e Braga, ficando os do Porto na primeyra refrega vencedores, & seguindo os de Cinania, a voz de viua quem vence, se agermanarão com os do Porto, pola qual razão os Bracharenses, depois de terem desbaratados, & vencidos os do mesmo Porto, tratarão de tomar satisfação, & usar da mesma vingança nos moradores de Cinania, & sua Cidade, o que diz o mesmo Doutor cõseguirão á medida de seus desejos.

Deyxo de apurar esta antiguidade, porque me não quero attribuir o titulo de apurador dellas, como já fez algum com menos felicidade do que (pode ser) se prometia: mas não admittindo que as taes guerras (se as ouue) fossem com a Cidade do Porto, pois ainda então, nem muytos annos depois a auia, & duuidando, que os recontros, que nos debuxão podião passar do modo que no los descreuem, polas difficuldades que está manifestando o soberbo, e caudaloso Douro, que de força auião de conquistar primeyro os Bracharenses para auerem de bater os muros de Cale: mas suppõdo que ouve a tal guerra, & pelo conseguinte a confederação entre Cinania, & Cale, (que he a com quem naquelle tempo podia ter guerra Braga) vejamos agora como com mais commodidade se podião celebrar estas amisades com Cinania estando no lugar, que apõto, que se estiuera onde a situa o Doutor Frey Bernardo de Britto.

A sua Cinania poem elle sobre o rio Aue, legoa & meya da Cidade de Braga, para o Nacente da mesma Cidade metendose entre huma & outra a serra de Falperra, ficando o tal sitio (quando menos) noue legoas da Cidade do Porto, mais para o intimo do sertão d'Entre Douro & Minho, não sendo do mesmo Porto a Braga, mais de oyto legoas, & allem

disto não faltando no caminho de Citania para o Porto difficuldades para se poderem cõmunicar com socorros, tendo rios de passar, como he o mesmo Aue, ou quando menos o Auisella, & serras como são a de Roris, & Montecorua, cõ ás quais tendo tão poderosos imigos, como erão os Bracharenses á porta, quisessem arriscar-se aos ter por taes, inda que vencidos forão, por irem buscar a amisade tanto ao longe: quanto mais que parece, que conforme a boa razão de estado mais conuinha ajudar os vesinhos, que tinhão á porta, & cujos naturais deuião ser liados, & aparentados huns com os outros como todos da mesma Prouincia da Galliza, & os de Cale sendo da Lusitania, & de nação de gente differente. E quanto a dizerse, que os de Cinania por vêrem seus visinhos menos poderosos fauorecerião os de Cale, não sei como podessem pretender diminuilos conhecendo seu valor, & potencia tanto de perto, nem deixarem de ver que huma Cidade, que tanto tinha resistido a Roma, inda que em algum acontecimento aduerso ficassem de menos partido, se não portassem melhor em outro encontro, sendo muytas vezes causa de alcançar grandes vitorias os vencidos, o estimulo, & sanha de o terem sido.

Polo que suppostas estas, & outras difficuldades para poder estar a Cidade Cinania neste sitio, que lhe assina o Doutor Frey Bernardo de Britto, venhamos ás conueniencias, que ha para auer sido Cinania aonde eu a aponto.

Seja a primeyra a distancia que ha de huns lugares a outros, porque já sabemos, que de Cale a Braga são oyto legoas: da mesma Braga a Cidadelhe são treze legoas, & da mesma Cidadelhe ao Porto por Canaueses, são quatorze, & por Amarãte quinze, ficando quasi tão longe da Cidade imiga como da confederada, para onde podião communicar-se sem receyo de encontros com os Bracharenses; quãto mais que a tal communicação, & trato de amisade se podia continuar com muyta facilidade pelo rio Douro, (como hoje se faz) sobindo por elle assima allem de Cidadelhe muytas legoas, assim que pelo rio lhe podia ir todo o soccorro, tanto de mantimentos, quanto de gente, com tanta breuidade, que muytas vezes acõtece que partindo do Porto da Rede (que fica pouco abayxo de Cidadelhe) pela menhaã, chegão á noyte ao Porto.

Outra seja, que os de Cinania (estando aonde digo) tinhão mais razão de se confederarem com os de Cale, & fauorecelos contra os de Braga, pois vemos, que os huns, & os outros erão Lusitanos; & ja pode ser que os tais tiuessem aquella

Cidade, & presidio nos confins, & limites da Galliza, para refrearem os mesmos Bracharenses, cõ os quais não andarião por esse respeyto muy vnidos em paz, & amisade. E polo comercio do rio, & causas apontadas o estarião sempre com os de Cale.

Que os Bracharenses se vingassem depois dos Cinanienses, & lhe viessem destruir sua Cidade, ficando tão distantes delles, melhor o podião fazer, que se os tiuerão á porta, que como elles erão senhores de toda aquella Prouincia, & os Cinanienses estarião nella como os nossos estão hoje em Saluaterra do Minho allem, & se achauão vencedores, com facilidade podião ajuntar assi todo o poder da mesma Prouincia, conuocandoos, tanto com o pretexto de tomarem delles a appetecida vingança, quanto por lançarem de si o freo de seu mal sofrido presidio; pola qual razão não he de estranhar, que se ajuntassem para a destroição desta força todas as da mesma Prouincia, que comprehendia atee os arrabaldes da mesma Cinania, o que podião ordenar em tempo, que o caudaloso Douro negasse a passagem aos Lusitanos, que da outra parte lhe ficauão para poderem soccorrer aos cercados Cinanienses, que não desmentindo cousa alguma de seu natural valor, & brio deixarão primeiro as vidas em mãos de seus contrarios, mais auentajados (se não no valor) no numero, & ventagens, que vão de cercadores á cercados: ficandolhe em poder tão defuntos os corpos, como arruinada sua Cidade; para que pois que não podião deyxar de ser vencidos, ao menos se não gloriassem seus vencedores de triunfarem delles com vida, nem se jactassem de os obrigarem a outras tão infames leis como erão as que se referem que derão aos vencidos moradores de Calle que (se he verdade que os ouue, do que eu duuido) melhor lhe fora aos taes acabarem, Cidadões, & Cidade como acabou Cinania, em hum dia, que estarem sogeytos a tais leis huma ora.

O que tenho dito, he quanto ao que se escreue das guerras entre os Bracharenses, & Cinanienses; agora me importa tirar outras conjeyturas da jornada de Bruto de nossa Lusitania á Galliza Bracharense, para vir a mostrar que neste sitio, que digo, ficaua a Cidade Cinania.

Lá vimos dos autores allegados como Bruto atrauessando a Lusitania, & entrando nella pela parte meridional a veyo sogeytando atee o mar Oceano que banha as prayas dos Coutos de Alcobaça onde se vio em tão grande aperto com os moradores de Alfeyzerão, ou de minha patria Euora, chama-

da naquelles tempos, Eburo, ou Eburobritium (cuja auerigoação não cabe neste lugar) que lhe foy necessario recorrer a suas diuindades (digamos assim) para se liurar do risco em que estaua de ficar destruido com todo seu exercito. Vendose porem de quasi vencido vencedor, & de quasi desbaratado triunfante veyo combater a antiga Collipo, onde em nossos tempos vemos a fresca Leyria. Daqui tomou seu caminho para a Galliza, que hoje he Entre Douro & Minho, na qual entrou depois de ter domada (ou, como diz Maximo) depois de se lhe entregar quasi toda a Lusitania.

Para Bruto ir de Collipo por mais breue caminho, parece, que auia de passar o Douro em Calle. E se assi o fizera, ficaualhe não piquena parte da Lusitania por sogeytar; & não a menos briosa gente de domar, quaes erão os moradores da Beyra, & entre elles os do monte Herminio, que he a nossa tão affamada serra da Estrella, que prouauel he, que estaria outra vez pouoada de habitadores. E nesta Prouincia, pode muy bem ser, tinha Bruto mais lucro, & interesse, polas muytas minas d'ouro que nella auia por todas as ribeyras dos rios Mondego, & Alba, & muytas pouoações de importancia, quais erão (allem das de menos conta) a Cidade de Viseo, & Lamego, & outras de que se perdeo a noticia. Polo que (saluo o melhor juyzo) a mim me parece, que elle de Collipo vindo pola antiga Colimbriga, iria pelo pé da serra da Estrella atee onde aponta o Doutor Frey Bernardo de Britto, que teue a batalha sobre o rio Tauora, & dahi bayxando a Lamego, ou naquelle tempo, Lanconimurgi, dõde auendo de passar o Douro, o melhor passo, que tinha para o fazer, era, ou aonde agora chamamos a Regoa, ou aonde vemos a barca de por Deos: que he no pee do oiteyro onde fica o lugar de Cidadelhe, & onde vimos as ruynas que aponto. Por qualquer destas partes, que passasse auia de encontrar com esta força, & Cidade, & assim seria cousa muy conforme, que nesta passagem em que auia de ir demandar a das serras, & asperezas do Marão, pola parte em que hoje esta Meijãofrio, & Teixeyra, cõmetesse o partido aos Cinanienses, que diz Valerio Maximo, pois era logo em passando a Lusitania, & depois de a deyxar sogeyta, & querendo entrar na Galliza. E supposto que Maximo nos não dá conta do effeyto da reposta dos de Cinania, eu julgo que Bruto por se ver apertado com as difficuldades da passagem dos montes, & por se não arriscar a outro encontro como o que tinha tido junto ao rio Tauora, como quem deuia ter sabido quanto lhe importaua ir aperce-

bido para auançar com os Bracharenses, a quem hia demandar, dissimularia com os de Cinania, determinando, quando elles menos o cuidassem, & vindo com as armas vitoriosas, dar sobre elles o que lhe não soccederia por lhe ser forçado ir por caminhos mais breues, & desempedidos outra vez acudir aos tumultos, & rebelliões, que auia nos lugares da Lusitania que aponta o Britto: ficandolhe este caminho para a Cidade Móro (onde fez seu assento depois, por alguns annos) pela estrada que hoje chamamos Coimbraã.

Fauorece esta minha opinião o que diz o mesmo Doutor contando os trabalhos que Bruto passou nesta passagem da Lusitania para a Galliza, assim pola aspereza da terra, como por se ver perseguido dos naturaes que pelas fraguras o perseguião com continuos assaltos, tanto de dia, como de noyte, & com as continuas neues, que auia nos montes, que lhe impedião a passagem. Tudo o que não podia auer se não nas do Marão, desde a Villa de Chaues atee a de Meijãofrio, que vem a ser catorze legoas pouco mais, ou menos, não auendo em toda esta distancia, mais accomodada passagem para quem vay da Beyra para Braga, que esta da Teyxeira; sendo com tudo para conducção de exercito tão perigosa, que se não pode passar, sem de huma, e outra parte receber grandes dãnos, & durando a neue por estas partes mais que por todas as outras da mesma serra: os quais impedimentos não achara Bruto se entrara nesta Prouincia pela parte de Cale: supposto que dahi (que he o mesmo que do Porto) atee esta paragem de Meijãofrio os tinha mayores, por lhe ser impossiuel passar com exercito, por respeyto das Serras de Monte de Muro, & Manhouce. Assim que, ou Bruto, entrando na Galliza não auia de achar as difficuldades que diz o Doutor Frey Bernardo de Brito, ou se as achou não podia ser se não por esta parte onde digo que esteue a antiga Cinania, ou Cininia de Valerio Maximo.

Tenho trabalhado quanto pude por dar comprimento ao que tinha prometido, & por communicar aos coriosos, inclinados a este estudo de historia, & antiguidades, aonde foy a Cidade Cinania, não pretendendo porem, que esta minha opinião seja infallivel, mas expondoa ao juizo, & parecer dos que della quizerem julgar, que nunca vou a perder nada neste trabalho pois não pode ficar baldado, inda que não sirua de mais, que de despertar, & tirar a terreyro os entendimentos mais subtis, & leuantados, ou a emmendarem meus erros, redarguindo minha opinião, ou a descobrirem mais certeza com a autoridade

das suas, dandome por qualquer destas vias por satisfeyto, & o ficara muyto mais, se podera nestes meus discursos, e trabalhos nocturnos agradar, & contentar a todos os que delles tiuerem noticia: ainda que he cousa tão impossivel que se veyo desta impossibilidade a fazer o adagio que diz. *Jupiter non omnibus placet.*

Com tudo, inda que posto nesta desconfiança, não deixarey de rematalos com o Epitaphio que á sepultura desta defunta se pode applicar, posto que para outra (que de semelhante mal de coração acabou) se ordenásse, que por vir tanto a proposito neste lugar referirey com mudança de poucas palauras.

Vt postquam casiam, & nardi cumulauit aristas
Ad bustum, cunasque suas reparabilis ales,
Cognatosque ignes totos admisit in artus,
Se renouat tumulo, damnoque renascitur ipso,
Experiens vltro flammis mutatur iisdem,
Principium, finisque sui, viuitque cadendo:
Sic ruit ipsa volens, spreuitque Cinania mortem,
Cum Bracharus validas reuocauit ad arma cohortes,
Quas reperit segnes & quas dissuasor honesti
Perdiderat luxus turpisque licentia facti:
Hæc cum clausa suo non posset cedere vallo,
Quae toties fuso vitam donauerat hosti,
Vrgeretque fames, & spem iam pacis honestae
Fœdera nulla darent, ferro se absumpsit & igne:
En iacet ad dextram Durii vicina fluentis,
Horrendæ molis spirant immania saxa
Inuictos animos gentis, quamquam inclyta bello
Huc fortuna viros Bracharae constantis adegit.
At Durius populi mortem indignatus amici,
Contorsit rubras accessu sanguinis vndas:
Et cum diuitiis latè fluat auctus aquarum,
Quas hinc inde capit, dum tractus findit Iberos,
Caetera terribiles horrebant flumina vultus,
Mutatumque diu mirantibus aequore nymphis
Polluit occiduum turbato gurgite pontum.

O que resumido em breues palauras explica este Soneto.

SONETO

Qval a Phenix nas cinzas mais gloriosa
Depois que ardeo constante no Oriente
Ensinando ao mundo a ser valente
da morte resuscita mais fermosa:
Tal a Cinania illustre, & generosa,
Fama & gloria da Lusitania gente,
No Vulcano se abrasa illustremente
Não querendo a liberdade afrontosa.
Neste Crisol se apura como o ouro
Desta gente o valor fatal na guerra
Sem ciladas, ou dolo contrafeyto.
Com lagrimas de sangue chora o Douro
O ocaso desta inuicta, & nobre terra.
Pasme o Romano a vista de tal feyto.

FIM.

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, v. pag. 326)

Pela nossa parte diremos simplesmente que a louça se apresenta com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos que são conhecidos ha annos. Nenhum progresso; bom material, bons esmaltes e algumas vezes boa tinta, um effeito pittoresco, um certo naturalismo que agrada, principalmente quando os productos do reino animal ou vegetal são moldados do *natural*. Quando, porém, o oleiro modela segundo a sua phantasia, a olho, em cousas em que deve revelar estudo e observação, temos por via de regra, monstruosidades, aberrações da imaginação humana. Isso já se fazia no Porto ha cem annos, senão vejam-se as canecas com figurões de chapeu tricorne da secção de louça antiga.

Entre as peças avulsas do serviço de mesa distinguem-se pela sua excentricidade os paliteiros, as galheteiras e certas bilhas de segredo, das quaes não se póde beber senão usando de certo artificio, tapando certos buracos da peça, e fazendo sahir a agua pela pressão do ar. Tambem tiveram fama os tinteiros de faiença, mas desde que a pena de aço substituiu

a classica penna de pato, e desde que o papel de chupar tinta substituiu o areeiro, extinguiu-se rapidamente a gloria do antigo tinteiro de faiença portugueza, do tinteiro monumental, allegorico, symbolico, etc.

Faz pena esta transformação, quando se olha para o bello exemplar antigo do snr. Augusto Luso (Armario A n.º 157) uma pequena joia de uma fabrica antiga do Porto, que dizem ser a de *Sobre Douro (?)*. Não sabemos a que fabrica este titulo vago possa corresponder, mas o que podemos affiançar é que tem todos os caracteres de uma obra portugueza, que foi executado depois das luctas francezas e provavelmente depois da proclamação da Constituição entre 1810 e 1820, porque a Minerva que corôa a peça ostenta os symbolos da paz, e está moldada segundo o typo de certas gravuras allegoricas, que então inundaram o mercado.

Não é menos caprichosa e delicada uma outra peça do snr. Marciano de Azuaga (Armario D n.º 100), que serviu de perfumador, e que conteve agua de cheiro. Citamol-a aqui, porque nos parece ser obra da mesma fabrica que fez o tinteiro; são as mesmas côres, a mesma modelação delicada das flôres, o mesmo esmalte, a mesma concepção sentimental. O perfumador compõe-se de dous corações pegados, que assentam em uma haste fixada sobre um taboleiro quadrado; nos quatro cantos quatro bem-me-queres e outros ainda, ornando os corações. A pintura que realça estes ultimos é de amores perfeitos, com uma serie de emblemas; cada coração tem uma chave pintada, e cada chave sua cadeia, que se enrosca no objecto, prendendo-o symbolicamente. Os dous corações téem duas aberturas na parte superior, vedadas com duas tampas pequenissimas.

Toda esta *fabrica* mede 111 millimetros de altura por 75 de largura! É uma *coqueterie,* que serviu a dous namorados, ou uma ideia toda galante de alguma freira, que offertou a peça ao seu Menino Jesus. Esta ultima supposição não é gratuita, porque ambos os corações téem pintados os seguintes symbolos: uma escada, uma lança e uma esponja. Vejam que accumulação de incidentes, de pinturas e de ornatos!

Entre essas flôres pintadas e flôres moldadas avistam-se varias lettras. De um lado o monogramma M F, e por debaixo um C entre duas palmas; do outro lado C I e um J com o mesmo emblema.

O tinteiro do snr. Luso é quadrado, e tem na base uma galeria *à jour,* vasada nos quatro lados, e esmaltada de ama-

rello; o resto é branco, com amores perfeitos nos quatro cantos; flôres do mesmo genero rematam as tampas do tinteiro e areeiro. No meio a Minerva com palmas na mão, e caracterisada ainda com um livro e compasso, que está depositado a seus pés. Parece-nos ser de porcelana e não de faiença, o que dá á obra muito maior valor (1).

Os tinteiros modernos de phantasia são raros; apenas o snr. Cunha e Silva apresenta um muito curioso e um galheteiro do genero antigo, ambos com galeria *à jour*, ornamentação caracteristica nas peças portuguezas d'este genero (2).

É abundantissima a exposição de azulejos modernos. Concorrem os seguintes expositores: snrs. Pinto; Cunha e Silva; Souza Lima; Guimarães & Norberto, de Aveiro; Viuva Lamego, de Lisboa; e a fabrica das Devezas. Esta ultima expõe uma mesa que é, verdadeiramente, antes um trabalho de mosaico com fragmentos de azulejo, do que azulejo no sentido vulgar. É de grandes dimensões: 3 metros e 32 c. de comprimento, por 1,46 de largura. É um trabalho de primeira ordem, com uma bellissima polychromia; o seu preço é de 135$000 réis, quantia relativamente pequena, se attendermos ao enorme trabalho e risco do fabrico, porque a mesa é toda de placas de faiença (incluindo as pernas) cobrindo um esqueleto de madeira. Apenas algumas tiras do taboleiro superior e as bordas são de marmore branco para dar mais segurança á construcção.

Antes de fallarmos dos azulejos modernos, como promettemos, é de toda a justiça dedicar alguma attenção a tres grupos de objectos, que ainda pertencem á secção que tratamos nas paginas anteriores. Referimo-nos á louça de Coimbra, á louça de Aveiro e á louça preta da snr.ª viuva Soares Rego.

Em Coimbra conservou-se tradicionalmente o fabrico de uma faiença barata, popular, cuja ornamentação é summamente caracteristica. O barro é de boa qualidade, o esmalte delgado, bastante claro, e funde-se bem com a massa; a cozedura é satisfactoria, porque a louça dá um toque metallico, as

(1) Apresentamos o tinteiro ao digno gerente da fabrica da Vista-Alegre, o snr. Duarte Ferreira Pinto Basto Junior, que não quiz decidir a questão, assegurando comtudo que, a ser de faiença, representava um fabrico de massa muito perfeito.

(2) Tinha ainda um galheteiro semelhante a Fabrica de Val de Piedade; em Beja encontramos n'uma loja antiga de louça varios galheteiros e tinteiros no mesmo gosto, que o dono nos disse terem vindo do Porto.

côres são vivas, resistentes e bastante variadas—n'uma palavra: o producto agrada; não fallamos nos preços porque esses são, como sempre, muito baixos; a usura dos revendedores é que os faz subir, prejudicando gravemente o pobre fabricante e o publico, e compromettendo o futuro da industria.

Para o archeologo essa louça de Coimbra tem ainda um valor especial, porque é a unica faiença nacional que representa hoje, claramente, a tradição oriental, e diremos, particularmente, a influencia do estylo arabe.

Se fossemos a escolher entre os estylos do Oriente, diriamos que é a arte persa popular, a que tem com a arte do oleiro de Coimbra maior semelhança. É sabida a intima ligação que existe entre o estylo persa e o estylo hispano-arabe da idade media; isto é corrente para aquelles que estudam historia da arte, mas n'este lugar convém accentuar a ligação, para que não haja duvidas. Não deve admirar esta remota affinidade atravez dos seculos e dos mares, quando na olaria das aldeias, tanto na louça preta como na vermelha, tosca (não vidrada), achamos fórmas de vasilhame e motivos de ornamentação puramente prehistoricos, e que poderiam ter sido achados tanto nas habitações lacustres da Suissa, como na Asia Menor, como na Bretagne, ou na Scandinavia.

Essa pintura da louça de Coimbra, simulando pennas e pennachos de aves raras, de plumagem avelludada, deslumbrante, de caudas de pavão, traçadas sobre um fundo formado por grandes fétos verdes, produz um effeito tão singular, dá á louça um aspecto tão archaico, tão caracteristico, que é impossivel confundil-a com a de outra qualquer região. No meio d'esses motivos de ornamentação apparece só raras vezes uma ave, mal desenhada, que denota logo impericia, ou alguma caricatura humana, com uma inscripção torta em todo o sentido, peccando contra o senso commum, e contra a orthographia. Deixem-se d'isso; ou se querem, por força, mostrar que aprenderam a lêr na cartilha, procurem entre os adagios populares—porque os ha em abundancia e muito bons—um que diga na sua linguagem franca e portugueza o que a sabedoria do povo inventou, e por tanto, aquillo que elle póde e sabe comprehender. Um: VIVA O PRUGRÉÇO, (sic) é uma banalidade; é um effeito rhetorico para outras occasiões, e não faltam ellas no paiz.

Com os adagios podiam alternar os typos de costumes, os trajes populares, as scenas da vida rustica, as festas do campo e da aldeia, os instrumentos do trabalho, os fructos

das terras, as arvores de fructo, etc. Tomem os oleiros a iniciativa n'esta reforma, e façam sentir ao povo a poesia da sua propria vida. É verdade que antes d'isso é preciso que os sabios lhes deem escholas e que os mesmos sabios não levantem no paiz monumentos que pervertem o gosto do povo, precisamente nos momentos em que a alma popular procura expansão e alegria.

Basta lembrar as romarias a alguns sanctuarios celebres do paiz, como o *Bom Jesus* em Braga ou *Nossa Senhora dos Remedios* em Lamego.

Que arte, a d'esses templos, d'essas capellas, atulhadas de figuras horrendas! As scenas da paixão e as dôres da Virgem, interpretadas da maneira mais grotesca, uma caricatura ignobil das scenas mais sublimes da escriptura! São essas as lições de esthetica pratica que damos ao povo rude, nós, os sabios, que inventámos as Academias de Bellas Artes para a *élite* ociosa das cidades. E pensar a gente que essa farça dos Passos do *Bom Jesus*, traçada na pedra n'um seculo de profunda decadencia moral, litteraria e artistica é admirada todos os annos por dezenas de milhares de romeiros populares; que são esses os unicos modelos da figura humana que elle contempla e fixa na memoria! Quem reflectir sobre isto, sobre a influencia dissolvente que a admiração de semelhantes exemplares da arte exerce sobre a imaginação popular, já não se espantará do aspecto sordido de tantas egrejas das nossas villas e aldeias, e das monstruosas imagens que alli offerecem á devoção dos fieis. Paizes catholicos como a Baviera, onde a arte é um culto inseparavel da religião, conservam ainda hoje as representações das scenas da Paixão de Christo, desempenhadas por populares com um prodigioso talento, em quadro artistico de primeira ordem.

Não são as recentes obras d'arte, devidas á munificencia do Rei Luiz de Baviera, que atrahem dezenas de milhares de estrangeiros aos *Passionsspiele* de Oberammergau; é a manifestação do genio popular na representação das scenas da Paixão, comparavel a que nos legou o genio de Albrecht Dürer, cujas admiraveis gravuras em madeira ornam o libreto original, n'uma edição baratissima, posta ao alcance de todas as bolsas. São estas as lições de arte applicada que dão alli ao povo rude (1). Não é indifferente para o nosso proposito a

(1) A litteratura sobre estas festas é abundantissima, e pode lêr-se em extracto, no volume de W. Dubbers: Das *Oberammergauer Pas-*

circumstancia de existir na localidade uma industria domestica, tradicional, a da esculptura em madeira, notavelmente desenvolvida; a relação intima d'esta arte popular, com a arte dramatica no povo da localidade, a influencia reciproca de uma sobre a outra, tem sido claramente demonstrada. (Frick, *op. cit.*, pag. 26, 28, etc. Dubbers, pag. 164.) As mesmas pessoas, que representam as scenas e figuras do Velho e Novo Testamento, esculpem-n'as em madeira, e o romeiro tem por onde escolher, desde o brinquedo mais modesto até á obra d'arte de elevado preço, p. ex. a *Ceia* de Lionardo da Vinci, que viu uma hora antes sobre o tablado, n'um quadro vivo.

Será muito difficil fazer uma cruzada semelhante com as nossas romarias e a arte do oleiro popular? Será muito difficil substituir as estupidas e caras lithographias coloridas de santos e santas vindas de França, Allemanha e Hespanha (1), que desfiguram a habitação do operario da aldeia, e do mediano lavrador, por figuras de barro, simples, mas caracteristicas, ou por vultos de madeira que os pastores da serra da Estrella e das serranias alemtejanas esculpiriam facilmente, em boas condições, dando-lhes previamente a escola d'arte popular, um curso de desenho e modelação, alem da cartilha? Não é isto um problema de educação? Não é isto uma grave questão economica, industrial, artistica, e principalmente moral, esthetica?

---

sionsspiel nach seiner geschichtlichen, künstlerischen, ethischen und culturhistorischen Bedeutung. Frankfurt a. M. 1872. 8.º pag. 2. Nos *Annales Archéologiques* de Didron, Paris, 1851, appareceu um estudo do Barão F. de Roisin sobre o mesmo assumpto. Veja-se tambem a interessante prelecção do Dr. Otto Frick. Das *Passions-Spiel* in *Ober-Ammergau,* Berlin, 1881. Temos presente ainda o libreto, o texto original da composição: Das *Oberammergauer Passions-Spiel* von Franz Schöberl. Eichstätt, 1870, 4.ª ed. ornada com 29 gravuras em madeira, fac-similes da Paixão de Dürer (pequena serie).

(1) Sejamos completamente justos, e digamos que a *arte nacional* tambem concorre para a galeria com umas estampas gravadas em cobre, que são, em geral, copias de infima especie, de folhas do sec. XVIII, de estylo rocóco. Devemos recordar, egualmente, a pessima influencia dos almanachs *populares illustrados,* feitos nas grandes cidades *civilisadoras* Lisboa e Porto. Os mercados das aldeias são inundados por um genero litterario e artistico, que nos abstemos de classificar; temos sobre a mesa n'este momento, as maiores d'essas monstruosidades, meio cento de folhetos, que teem tiragens de dezenas de milhares de exemplares! As folhas volantes, a litteratura de cordel do seculo XVI e mesmo XVII (primeira metade) era genuinamente popular, rude, mas sã e poetica em alto grau; escreviam-n'a os discipulos de Gil Vicente e Antonio Prestes. Hoje estamos, n'esse genero, muito mais em baixo, do que no seculo XVIII.

O homem do povo faz um museu de pessimo gosto em casa, uma galeria horrivel (1); vae á egreja e encontra exemplares da arte mais bastarda; segue para a romaria e dá de frente com sanctuarios, como os já citados de Braga e Lamego; volta para casa e acha o caminho coalhado de leprosos e aleijados, com chagas fingidas ou verdadeiras, com pernas e braços proprios do theatro anatomico. Que quereis que elle pense? Que quereis que elle faça? Se essa gente da aldeia não tivesse sempre os quadros de uma formosissima natureza diante dos olhos, e algumas artes domesticas, tradicionaes, ha muito que teria perdido toda a noção da belleza humana. Eu admiro-me muitas vezes como as lavradeiras portuguezas ainda podem parir um rapaz de geito, e são, quando só veem ascetas ou aleijados, martyrios e barbaridades. É verdade que o vinho verde e a viola, a cantiga ao desafio e o *conversado* estão no fundo do quadro, e compensam um pouco o mau effeito do resto. Podem objectar-nos que elles não o sentem; isso pouco importa; sentimol-o nós, na decadencia rapida e progressiva das industrias tradicionaes, no abandono dos trajes populares, na invasão de certas modas, na differença dos costumes, e n'uma miseria crúa nas provincias menos favorecidas do paiz.

Parece isto uma divagação, mas não o é. Se na arte mais popular que temos em todo o paiz, se na olaria se fizer uma propaganda racional e paciente, respeitando-se tudo quanto a tradição historica tem de valioso, teremos dentro de uma geração, isto é, dentro de cincoenta annos, transformado a educação artistica do paiz, sem consultar nenhuma commissão, nem nenhuma Academia. E, na verdade, nenhuma arte é mais popular no paiz, nenhuma se multiplica com mais facilidade, nenhuma se insinúa mais habilmente na habitação humana, nenhuma anda mais ligada á vida intima da familia; tambem nenhuma faz mais, com menos recursos. É por isso que o povo a ama tanto; ahi está a chave do segredo, o seu encanto.

Voltando, pois, á louça de Coimbra, diremos que ella

(1) É a necessidade que o impelle; é o instincto da ignorancia, que o obriga a comprar os singulares productos: «Illiterati quod per scripturam non possunt intueri, hoc per quaedam picturae lineamenta contemplantur,» (Sinodo de Arras, 1205) ou como nota Francisco de Hollanda: «& diz o Decreto, da pintura: in ipsa legunt qui literas nesciunt, e adiante diz: *pro lectione pictura est*». (Tratado *Da Pintvra antigva,* fol. 125.)

dispõe, sob o ponto de vista em que fallamos, de elementos valiosos, technicos e artisticos; falta regular a sua applicação e fazer sentir o que se póde fazer com elles, e o que se deve evitar. A palangana com o peixe, esmaltado de verde e azul, que náda na borda e corre atraz de um ramo de flores é uma phantasia original, mas arriscada; ao pé está uma palangana de plumagens de melhor effeito (snrs. Pessoa, irmãos).

O mesmo industrial apresenta-nos uma bacia e um jarro com flôres bem pintadas, em boas côres e variados tons; uma outra peça com figuras azues, e uma bilha de bonitas fórmas com a vista da ponte D. Maria Pia e o Palacio de Crystal, pintado a azul. Estas peças provam muita habilidade da parte do pintor; diremos até que é boa de mais para o material em que foi empregada. Os outros expositores de Coimbra seguem na pintura os motivos tradicionaes.

Em Aveiro encontramo-nos com uma fabrica, a dos snrs. Guimarães & Norberto, fundada ha poucos mezes, em junho. Os trabalhos expostos merecem elogio; as duas bilhas, principalmente a azul, com ornamentação vermiculada, são typos bellissimos, dignos da collecção mais aristocratica.

A faiença da fabrica é de boa massa e bem vidrada, de segunda classe as bilhas, e de terceira classe, louça popular barata. A mesma fabrica apresenta tentativas de imitação de louça das Caldas, que merecem especial menção.

Um outro expositor da mesma região, o snr. Francisco Patoilo, de Ilhavo, mandou uma serie de peças preparadas com kaolino, em biscouto, que denotam talento no modelador. São dous bustos do marquez de Pombal, dous supportes com figuras de anjos alados, balaustres, vasos de jardim, etc. Deveriamos reservar esta referencia para outra occasião, quando tivessemos de fallar da porcelana da Vista Alegre, feita com materia kaolinica, mas preferimos citar aqui este corajoso industrial, que lança mão de tão bom material, com tanto tino, porque as suas peças não são propriamente porcelana, mas sim composição com massa kaolinica em biscouto.

Fecharemos a serie com uma analyse das peças que vieram da ilha de S. Miguel. O snr. Manoel Leite Pereira é um oleiro muito habil. O seu barro rivalisa com o material mais perfeito da exposição. A preparação d'elle deve ser feita com cuidado excepcional para produzir o effeito seductor que todos os visitantes experimentam. Não temos reservas a fazer; o louvor é incondicional no que diz respeito á manipulação do barro.

O esmalte é digno do barro vermelho, que elle cobre, produzindo um castanho escuro muito brilhante, com largas manchas mais escuras e outras côr de leite, que descem em cortinas pelo bojo das garrafas, formando uma renda caprichosa. Se o snr. Pereira quizer traduzir no seu bellissimo material as fórmas puras da arte classica, e ornal-as sobriamente, com criterio, segundo os typos que estão patentes na exposição, poderá levar os seus productos a todos os mercados da Europa, porque os venderá em todos.

As fórmas que apresenta não téem merecimento especial, postoque não sejam feias. Um par de jarras pintadas de flores, com esmalte branco, provam que o snr. Pereira sabe produzir faiença, que poderá rivalisar brevemente com a melhor de Lisboa e Porto.

No seu genero é especialidade tambem, e muito distincta, a louça preta vidrada da snr.ª viuva Soares Rego, a que alludimos já e que iamos esquecendo. A côr é intensa, uniforme, sem mancha; o esmalte extremamente brilhante; as fórmas muito bonitas, o acabamento perfeito, apesar de preços infimos. O snr. Baudoin tem exemplares de louça preta, mas não podem comparar-se com aquelles. A snr.ª viuva Rego faz tudo o que quer com a sua louça preta, serviços de chá, de café, canecas, jarras e vasos de flores, tinteiros, etc., até nos offerece bacias e jarros pretos de lavatorio, o que não nos parece muito appetitoso. Uma bacia de lavar a cara, preta e brilhante como azeviche, com um jarro igualmente preto, só podia ser appetecida por um... preto.

Tudo tem seu limite; a louça preta ingleza (*biscuit* fosco), do tempo do imperio, que se admira na secção antiga, nunca foi tão longe, nunca passou, discretamente, de um pequeno serviço de chá ou de café, que não devia ficar mal sobre o damasco branco.

IV

OS AZULEJOS MODERNOS

Entre os azulejos antigos e os modernos a distancia é grande. Alli, a variedade do desenho nos padrões, as côres de esmalte, transparentes e intensas a um tempo, os reflexos metallicos, iriados, multiplicando a escala das côres com cada raio de luz que fere o azulejo—aqui, o contrario. Além do azul e do amarello não vêmos nos azulejos modernos uma côr

que console a vista. O snr. Pinto da fabrica de Val de Piedade, que conseguiu estabelecer dous tons dentro da mesma côr amarella, dá-nos ainda um bello castanho claro, que aproveitou muito bem para uns padrões de estylo arabe em alto relêvo. Temos, pois, duas côres seguras e acceitaveis, o resto são apenas tentativas mais ou menos infelizes (1).

O azulejo de relêvo, principalmente, é de um effeito triste, com unica excepção da fabrica já citada do snr. Ferreira Pinto, que nos apresenta no meio dos padrões antiquados e feios do fabrico portuense, uma serie de typos novos de estylo oriental, que merecem menção.

O azulejo liso, moderno, está felizmente, em melhores condições do que o de relêvo. Concorrem n'esta parte, além do snr. Pinto, os snrs. Souza Lima, Cunha e Silva, Costa das Devezas, Pereira de Lisboa, viuva Lamego (idem), Roseira (idem) e fabrica nova de Aveiro dos snrs. Guimarães & Norberto. A snr.ª viuva Lamego apresenta exemplares, que teriam o primeiro lugar se a fabrica das Devezas não lh'o disputasse. Este ultimo estabelecimento limitou-se a expôr quatro quadros com azulejo de figura, entre os quaes se destaca o de uma camponeza do Minho encostada á sua canastra; como tentativa em desenho de figura é a melhor da exposição, posto que a obra não seja isenta de defeitos.

Notamos ainda um retrato do snr. Costa, proprietario da fabrica, muito semilhante e bem pintado em duas chapas (2) e uma paizagem azul, que merece especial louvor. É a vista de um rio que serpenteia pelo terreno, formando ilhas; á direita sobre a margem levantam-se as ruinas de um castello alteroso, sepultado no meio de plantas parasiticas.

Não ha que dizer do quadro senão bem. Excellente perspectiva, uma côr azul intensa, variando em todas as graduações, um pincel rasgado, muito conhecedor dos effeitos decorativos, em summa, uma obra que faz conceber as melhores esperanças, e nos recorda as paizagens de azulejo dos mestres hollandezes, hoje já tão raras nos nossos edificios. O artista phantasiou-nos uma scena que se poderia dizer copiada nas

(1) É justo mencionar a côr turqueza, muito boa, no grande movel da Fabrica das Devezas. A viuva Lamego conseguiu tambem os dous tons, dentro da mesma côr, como o snr. Pinto (v. acima), mas em outra côr: no azul.

(2) No *Commercio do Porto* lia-se *chapa inteira,* por engano.

margens do Rheno, se as vélas latinas dos pequenos barcos que deslisam pelo rio não caracterisassem a paizagem meridional.

Em vista d'estes exemplares sentimos duplamente que a fabrica das Devezas não expozesse mais azulejos, especialmente dos que servem no revestimento das casas. A mesa de azulejo-mosaico, de que já fallamos, é um trabalho excepcional, que não dá ideia clara do trabalho quotidiano, do trabalho commum, do fabrico de meio termo, que é precisamente a especie que mais se gasta no mercado. E' com essas mil cousas de olaria, que todos os dias se vendem, que todos os dias servem, que todos os dias se quebram, e todos os dias resuscitam que temos de transformar o gosto do publico e purifical-o, mórmente n'um paiz em que não ha museus, ou em que os poucos que temos, apenas se abrem uma ou duas vezes por semana para revelar a nossa incuria, provada em pessimos catalogos ou na colleccionação de quadros, desenhos, etc., do genero mais duvidoso.

E' por isso que temos insistido n'este lugar sobre o *termo médio*, sobre o lavor commum, quotidiano, das fabricas.

A snr.ª viuva Lamego foi atraz citada com louvor, pelo seu azulejo liso. Vá o leitor vêr, e decida sobre o nosso juizo. Podem objectar-nos que o seu azulejo é caro, porque oscilla entre 15$ e 50$000 réis o milheiro, e porque o fazem no Porto por 13$000, 14$000, etc. A barateza de um producto nunca decidiu, em parte alguma do mundo, a respeito do seu merito, em sentido absoluto. E' uma mania nossa, a dos *barateiros*, especialmente na região em que vivemos. Ninguem faz milagres, convençamo-nos d'isso, no Porto. Lembrem-se do que disse uma authoridade eminente em assumptos economicos e industriaes, um homem de sciencia de primeira ordem, e um homem prático, o snr. professor Reuleaux (1), a proposito dos productos allemães em Philadelphia. A sua sentença: *billig und schlecht* «barato e mau» fulminou a Allemanha.

Não faltaram as insinuações, e até mesmo injurias, ao corajoso commissario do imperio. Fizeram-se *meetings* dos industriaes allemães, escreveram-se protestos e os jornaes desataram-se n'uma polemica vivissima: mas, a final, a verdade triumphou, como sempre. A nossa cegueira, a nossa myopia,

---

(1) Nas suas celebres cartas de viagem: *Briefe aus Philadelphia*. Braunschweig, 1877, 8.º

é que nos faz crêr ás vezes, que é a mentira quem triumpha. A lição de 1878 aproveitou á Allemanha; a sentença: *barato e mau* acordou-a. Aproveitemos ao menos com o exemplo e a experiencia dos que sabem mais, já que a coragem de dizer a verdade se vai tornando cada vez mais rara.

Não nos venham, pois, citar a barateza de tal ou tal azulejo; se não nos podem citar outras qualidades, a boa massa, as boas côres, o bom fabrico, a impermeabilidade, etc., —então diremos ao publico: esse azulejo barato é uma illusão, não vale mesmo esse pouco dinheiro que por elle pedem.

Além da snr.ª viuva Lamego, nenhum outro expositor marcou as peças dos seus azulejos. Porque?—tendo alguns marcado o seu vasilhame? Sabemos que os do Porto são mais baratos, e podemos dizer, felizmente, que alguns fabricantes do Porto apresentam exemplares lisos de bom effeito, apesar da barateza; por exemplo, os snrs. Souza Lima e Cunha e Silva, e o snr. Roseira, de Lisboa. O snr. Pinto não foi tão feliz nos seus azulejos lisos, como nos de relêvo, e os de relêvo do snr. Cunha e Silva são, em parte, de padrão tão miudo, que nenhum effeito podem produzir ao longe, postos n'uma parede. Que quer dizer um padrão de 67 milimetros quadrados, repetido quatro vezes n'uma chapa normal de azulejo, que nunca tem mais de 13 centimetros e meio em quadro? Ahi temos um erro de calculo e de estylo, como muitos outros, dos nossos modernos azulejos.

Dous expositores, os snrs. Pinto e Roseira, fizeram imitações de padrões antigos, em baixo relêvo. Os do primeiro estão nas extremidades das duas bancadas da frente; o do snr. Roseira na terceira bancada, á esquerda (contando da fonte), quadro n.º 27 que corresponde ao quadro n.º 18 da collecção do snr. Nepomuceno, variando apenas na applicação das côres. Qualquer das imitações é de mau effeito, porque as côres são ordinarias, sem força, sem transparencia e sem esmalte. Perdeu-se o verde antigo, intenso, perdeu-se a côr de vinho, perdeu-se a côr turqueza, (1) e as outras duas (azul castanho) perderam, pelo menos, a intensidade e a transparencia: o caracter do esmalte.

Sentimos tambem que certos industriaes como o snr.

(1) Isto não é bem exacto; já dissemos atraz que a fabrica das Devezas a produz muito boa; é mesmo a unica côr, de entre as cinco antigas, tradicionaes, que ainda se póde acceitar como equivalente, mas falta-lhe ainda a transparencia, como nas outras.

Roseira e a fabrica do Monte da Graça (Pereira) não mandassem melhores specimens. Nas respectivas fabricas encontrámos exemplares que se podiam pôr, sem receio, ao pé dos do Porto, salvo, talvez na questão de preço. O snr. Roseira tinha-os até de relêvo, de muito bom effeito. O snr. Pereira enviou-nos dous exemplares lisos, de medida grande 0,20 e 0,29 centimetros e meio; são peças excepcionaes, e que não ajudam a formar juizo. Mandou tambem dous quadros pequenos: um Santo Antonio com o menino Jesus (doze azulejos) e uma Nossa Senhora da Conceição (nove azulejos).

O Santo é uma pintura a que se poderia pôr uma data do fim do seculo passado. Ambas são uma amostra dos quadros devotos que era uso collocar por cima da porta da rua, nas casas do seculo XVIII. Ha muitos em Lisboa e datados.

Falta-nos ainda mencionar uns azulejos dourados do snr. Pinto, que são os unicos do genero, na exposição. Estão ao pé do vasilhame do mesmo industrial, perto do palco, conjunctamente com uma louça azul ferrete a que foi tambem applicado o ouro a fogo.

O effeito em qualquer dos casos não é grande. Se o ouro é seguro, só o tempo e a experiencia o poderá dizer. Tirar ao azulejo a sua polychromia para o reduzir a uma côr unica, realçada apenas com uns toques de ouro, é empobrecer o producto, sem contar que se lhe tira todo o seu caracter original e genuino, o caracter de *tapete*.

Resumindo o que fica dito, devemos concluir o seguinte, depois do confronto do azulejo moderno com o antigo:

Diminuiu a variedade dos padrões, diminuiu o numero das côres antigas, e as novas, modernas, não téem vigor, nem brilho, não são côres de esmalte. Perdeu-se principalmente a transparencia das tintas, o caracter *resinoso*, por assim dizer, do castanho, o esmalte incomparavel do verde e do azul; perdeu-se emfim o segredo dos reflexos metallicos.

A solidez dos modernos não será tambem superior; o azulejo antigo attinge muitas e muitas vezes uma grossura de 25 a 30 millimetros; o moderno não passa de 4; um resistiu tres, quatro e cinco seculos, o outro nasceu hontem. E o preço?—perguntarão. Não lhe podemos dizer o que custava o antigo azulejo; apenas sabemos que era caro. No D. Quixote de Cervantes diz Sancho Pança de um homem a quem não prognostica boa fortuna: «Não terá casa de azulejos», como quem diz que não terá uma cousa, que era no seculo XVII indicio de abundantes meios.

V

A PORCELANA: RESUMO HISTORICO. A FABRICA DA VISTA ALEGRE. OUTROS EXPOSITORES DE MATERIAS KAOLINICAS

É sabido que o fabrico da porcelana foi um segredo para os artifices da Europa até ao principio do seculo XVIII. Foi só em 1710 que o allemão Bœttger conseguiu apresentar os primeiros exemplares de porcelana, fabricada em Meissen, n'uma officina estabelecida no castello do eleitor da Saxonia. A descoberta foi quasi casual, segundo diz a tradição.

Bœttger era um alchimista, como muitos outros que procurava a formula de produzir ouro, tão desejada por todos os alchimistas da edade média. Comtudo é innegavel que elle havia já desde 1699 feito uma serie de tentativas com barros vermelhos, com o fim determinado de obter a porcelana da China. A esses productos faltavam, porém, condições essenciaes: a côr branca, leitosa, a transparencia, o caracter refractario e resistente ao fogo, etc.

Um dia, quando Bœttger se estava vestindo, o criado apresentou-lhe a classica cabelleira branca, empoada, d'aquelles tempos. O dono, collocando-a na cabeça, sentiu um peso pouco vulgar, contra o costume, e indagando a causa veiu a saber que o criado se tinha servido de um pó branco, novo, e não do antigo pó de gomma. Bœttger examinou o novo producto e submetteu-o a experiencias, como era natural, tendo em frente de si uma materia nova. O pó apresentava qualidades plasticas e cosido no forno deu uma massa branca, compacta e um pouco translucida. Estava achada a porcelana. O pó da cabelleira era nada mais, nem menos, do que o legitimo *kaolino*.

Diz ainda a tradição que esse pó fôra trazido aos mercados da Saxonia por um aldeão, que durante uma jornada o havia achado no caminho, quando ia cavalgando para casa; como o animal não andasse bem, prendendo-se as patas ao sólo, o aldeão apeou-se, e examinando o terreno, achou uma massa branca, argilosa, de que fez uma pequena provisão. Chegando a casa, seccou a massa, reduziu-a a pó, o qual entrou na moda, servindo para branquear as cabelleiras tão usadas no seculo passado. A região que o homem atravessou com o seu cavallo era provavelmente o grande jazigo *kaoli-*

niceo de Aue, perto de Schneeberg, na Saxonia, que forneceu depois a celebre fabrica de Meissen.

Até aqui a tradição. Como sempre succede com noticias tradicionaes, haverá ainda n'estes factos um fundo de verdade. As grandes descobertas sempre ficam devendo alguma cousa ao acaso, mas este acaso, este grão util que uma mão profana descobre ás vezes, não fructifica em qualquer terreno; para germinar é necessario que concorram certas circumstancias; no caso de Bœttger, por exemplo, as suas tendencias para o estudo no laboratorio, e os ensaios feitos anteriormente com materias argilosas, embora não kaolinicas.

E' certo que o descobridor foi auxiliado pelo conde de Tschirnhausen, naturalista e proprietario de uma fabrica de vidros e fundições de ferro, mas a experiencia d'este fidalgo podia dar, quando muito, para o fabrico de uma pasta de vidro, gêsso e cal, de uma *frita*, como dizem os nossos antigos authores, que não era de modo algum porcelana, e que estava em uso nas fabricas de Saint-Cloud, Vincennes e Sceaux, desde 1727. Esta frita, ou falsa porcelana, foi aperfeiçoada em 1745, em Chelsea, na Inglaterra, addicionando-se-lhe argillas refractarias do Staffordshire.

Citamos o nome do conde, porque alguns authores o déram como descobridor da porcelana da Europa.

De Meissen passou o segredo rapidamente, apesar de todas as cautellas e da vigilancia mais rigorosa, para outras provincias da Allemanha. Vienna teve a sua fabrica de porcelana em 1720, Höcht em 1740; poucos annos depois fundou-se a fabrica de Fürstenberg no Brunswich, a de Berlim em 1750 e em 1756 a officina de Nymphenburg, perto de Munich. Seguiram-se Frankenthal, no Palatinado em 1775, e varias cidades estrangeiras, Petersburgo, Copenhague, etc. A fabrica de Sèvres só produziu porcelana em 1770, tendo até alli fabricado apenas a *frita*, ou pasta de vidro, de que fallamos, e que pode vêr-se em alguns armarios da secção antiga da exposição.

As fabricas hespanholas são relativamente antigas, e como os authores estrangeiros dão mui poucas noticias d'ellas, informaremos o leitor de alguns factos essenciaes, extrahidos de uma historia desenvolvida que o escriptor hespanhol snr. Riaño publicou ha pouco sobre materiaes ineditos (1).

' *arts in Spain by Juan F. Riaño.* London, 1879.
Nº ›bra com outra do mesmo autor, sobre o mesmo

A primeira fabrica em data, é a de Alcora (provincia de Valencia), fundação do conde de Aranda, que alli possuia grandes propriedades. Um anno depois da fundação, em 1727, sahiram de Alcora os primeiros trabalhos, á moda da China, Hollanda e outras terras. A fabrica havia custado umas dez mil libras sterlinas, e dirigia as obras um francez Joseph Ollery, que tinha vindo de um grande centro de fabrico francez, de Moustiers, trazendo comsigo o pintor Eduardo Roux.

Pouco depois vieram da Catalunha dous modeladores e seis pintores oriundos de Valencia, diminuindo gradualmente o elemento estrangeiro. Era director geral o hespanhol D. Joaquim José de Sayas. Ollery trabalhou até 1737 sendo aposentado com uma pensão de 500 francos, além do seu ordenado, em recompensa dos seus excellentes serviços, do seu zelo e da sua probidade. De 1737 até 1764, data em que se fizeram as primeiras peças de porcelana, o pessoal da fabrica de Alcora foi exclusivamente hespanhol. Em 1736 já a fabrica trabalhava com 112 pessoas, incluindo 56 pintores, exportando os seus productos para Roma, Napoles, e outras cidades da Italia, para Portugal, para França e para as colonias hespanholas. A producção annual subia a 300:000 peças, cujo fabrico: pasta, modelação e pintura rivalisava com o das melhores fabricas da Europa.

Em 1749 resuscitava-se o fabrico de peças com reflexos metalicos, segundo uma receita trazida de Manises (1). De 1750-1766 a fabrica foi alugada pelo conde, que andava na carreira diplomatica, a uma empreza particular, mas o fabrico não perdeu com isso. Em 1764 apparecem os primeiros documentos sobre a producção da porcelana, isto é, seis annos antes de Sèvres. Os primeiros ensaios remontam, porém, a 1750. O allemão João Christiano Knipfer propunha ao conde o fabrico de porcelana segundo o typo de Saxonia, em março de 1764, e em 1774 encontramos já um hespanhol, Francisco Martin, seu collaborador, que fazia porcelana dura, faiença do Japão e pasta ingleza *(pipe clay)* com um ordenado de 1:200 francos, isto é generosamente pago. Este principio, o da gra-

---

assumpto: *Classified and descriptive Catalogue of the art objects of spanish production in the South-Kensington Museum. Withan introduction and notes.* London, 1872.

(1) Riaño, *op. cit.*, pag. 150. Este autor achou no British Museum uma receita extensa, que explica o fabrico da louça com reflexos (fundo Egerton n.º 507, Ms. fol. 102); publicou-se á parte, v. as *fontes*, pag. 188.

tidão do conde para com os seus operarios, foi sempre o mais seguro esteio da fabrica de Alcora.

Em 1780 estabeleceram-se mais duas fabricas de olaria em Alcora, e duas nas cercanias, em Rivasalbes e Onda, e o conde começou a marcar as suas peças com um A, porque até alli não tinham marca alguma; apenas um ou outro artista assignava a sua pintura com o nome por extenso, ou com uma marca particular.

A marca A indica, pois, uma data posterior a 1784, epocha em que Aranda obteve no tribunal do commercio essa distincção. As fabricas rivaes acabaram em 1790, por accordo com o conde e em virtude dos seus privilegios. A producção sustentou-se sempre a grande altura até á invasão franceza, fazendo-se exemplares que eram offerecidos ás côrtes estrangeiras, como singular favor.

O conde recommendava, no entanto, sempre, que a louça barata, popular, se fizesse com a ultima perfeição compativel com o seu baixo preço, para introduzir o bom gosto nas classes inferiores do povo. Outra questão importante para o conde era o emprego de materiaes hespanhoes; mandou correr a Hespanha, e colleccionar terras; depois sujeitou-as á analyse comparada com as terras estrangeiras.

Em 1790 escrevia elle ao director da fabrica:

«Não me importa que o kaolino da Catalunha seja bom ou mau; está provado que é kaolino, quero ensaios, aliás fecha-se a fabrica.»

A descoberta fôra devida a dous hespanhoes, pensionistas do conde, que voltavam de Paris, porque havia muito que elle mandava os seus melhores operarios em viagem pela Europa, para fazerem todos os estudos necessarios á industria, incluindo os de materiaes.

(Continúa.)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

3.º ANNO | 1 DE SETEMBRO DE 1883 | N.º 9

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, v. pag. 392)

Em 1789 ensaiou-se o fabrico de peças inglezas no genero Wedgwood, pasta azul e branca sobrepostas, em biscuit, que deram bom resultado. No fim do seculo, quando o conde falleceu (janeiro de 1798), a fabrica de Alcora imitava todas as especies de porcelana europêa com notavel perfeição. Seu filho, o duque de Hijar, continuou com a fabrica até á invasão franceza, que a arruinou quasi totalmente. De 1816 em diante o fabrico limitou-se a peças de uso vulgar, sendo o estabelecimento de Alcora vendido pelo duque em 1858 a Don Ramon Girona, que o reformou com operarios inglezes trazidos do Staffordshire. Os objectos do antigo fabrico de Alcora teem sido habilmente imitados pelo moderno proprietario. É preciso, pois, cuidado com as compras.

Uma grande quantidade de productos de Alcora foi até ha pouco confundida com fabrico de Moustiers (França), e outros productos de *pipe-clay* ou pasta ingleza (peças de Leeds), confusão que, por si só, prova o alto valor do trabalho que se fazia antigamente n'aquella fabrica. O snr. Riaño traz uma serie de nomes, datas e assignaturas que ajudam muito a distinguir os productos hespanhoes dos similares da França, Inglaterra, Saxonia, etc.

É mais conhecida a fabrica do Buen Retiro fundada em um palacio, ás portas de Madrid, no anno de 1759, por Carlos III. Trabalhou até 1814, produzindo uma grande quantidade de obras até que a invasão franceza a arruinou, como á sua irmã de Alcora. Não obstante, as peças de porcelana do Buen Retiro são hoje raras, mas essas poucas, e principalmente as que se guardam no palacio real de Madrid, causam admiração mesmo ao colleccionador mais exigente. (1)

(1) Estiveram expostas ultimamente na festa do Centenario de Calderon, *Exposição da Nobreza,* onde as vimos. Lemos ultimamente que o

A fabrica de Buen Retiro foi dirigida primeiramente por um italiano, Bonichelli, que o rei havia trazido de Napoles, das officinas de Capo di Monte. O modelador Grieci recebia 300 ducados, figurando como substituto. As despezas de fundação importaram em cerca de 115:000 libras e o custeio annual era de 20:000 em 1760. Nos primeiros trinta annos a fabrica trabalhou só e exclusivamente para a familia real.

Só em 1789 é que começou a vender-se a porcelana da fabrica real por ordem de Carlos IV, sujeitando-se todos os operarios a um regulamento muitissimo severo, que pretendia prevenir as indiscrições. O apuro das peças era extraordinario, dizendo os diplomatas estrangeiros nas suas cartas que as peças do Retiro rivalisavam absolutamente com as de Sèvres.

No palacio real de Madrid podem vêr-se dous aposentos forrados de alto a baixo de porcelana do Retiro; igual maravilha tem ainda o palacio real de Aranjuez. O museu de South-Kensington de Londres tambem possue algumas peças notaveis da mesma fabrica.

Todas estas grandezas acabaram, como dissemos, com a invasão franceza, que tanta cousa destruiu na peninsula, que tantas industrias arruinou. A fabrica do Retiro desappareceu como desappareceu tambem uma outra, que se sabe ter existido na Galliza, em Sargadelos (1804).

Em face d'estas cifras tão eloquentes, d'estes factos tão positivos e importantes, o que nós portuguezes, podemos apresentar no seculo passado resume-se em ensaios muito modestos.

Já alludimos aos trabalhos do tenente-general Bartholomeu da Costa em 1773, em Lisboa (1) e aos do professor João Manso Pereira, no Brazil, de 1790-1793, mas parece que foram só ensaios. Houve producção de peças de serviço em maior escala?

É possivel, uma vez que Acursio das Neves affirma que o general «chegou a fabricar mui bellas peças d'esta louça,

---

snr. Conde de Murphy, secretario d'El-Rei D. Affonso, e amador distincto, se collocára á frente de uma empreza que tem em vista resuscitar a fabrica de porcelana do Retiro. É uma bellissima ideia e de muito alcance.

(1) A descoberta do general fica um pouco reduzida, em face de algumas descobertas nossas, recentes. V. retro, pag. 277, e o capitulo *Ceramica e Vidros* no album da «Exposição districtal de Aveiro». Aveiro, 1883, pag. 37, nota 1. O francez Drouet tem a prioridade (1761-1762).

que foram apresentadas á senhora rainha D. Maria I, a qual não progrediu por falta de auxilios».

Adiante fallaremos de um serviço de chá, existente na exposição, que póde ser obra da officina do general.

Já vimos como o Dr. Vandelli refere o processo pelo qual conseguiu fabricar porcelana á imitação de Saxonia (v. retro, pag. 278). A citação transcripta é de 1789.

Um seu discipulo, o academico Manoel Dias Baptista, diz na mesma epocha: «No laboratorio chimico d'esta Universidade se téem feito varias experiencias, por direcção de meu sapientissimo mestre sobre a arte de fabricar louça, das quaes experiencias se tem deduzido tanta vantagem sobre a louça branca, a de pó de pedra, a porcelana e os cadilhos, que seria para desejar, que as outras fabricas procurassem para o seu augmento o imitar as ditas experiencias.» (1)

Foi procedendo do mesmo modo, com experiencias racionaes, que João Manso Pereira conseguiu fabricar no Rio de Janeiro as peças de Saxonia de que falla a provisão régia de 1793; e foi ainda do mesmo modo, isto é, estabelecendo um *laboratorio chimico* que José Ferreira Pinto Basto conseguiu fundar a fabrica da Vista-Alegre em 1824, em bases seguras.

Tudo isto quer dizer, em summa: ponha o governo á disposição do oleiro portuguez um laboratorio em Lisboa e outro no Porto, servido por bons chimicos, e veremos se a industria nacional se levanta ou não, mórmente agora, depois da recente descoberta dos grandes jazigos de kaolino nacional de primeira ordem perto de Soure.

A fabrica da Vista-Alegre não foi nada feliz com a gente estrangeira que o fundador mandou vir de fóra. Eram operarios allemães, de Saxonia, em numero de tres, um para o torno, outro modelador e outro pintor. Neves caracterisa-os do seguinte modo: «Este (o pintor) ficou no caminho depois de receber a ajuda de custo; aquelle sahiu um charlatão, foi preciso despedil-o; o torneiro José Scorder é o que actualmente serve de mestre dos aprendizes; tem talento e executa com perfeição as suas obras (ainda que o gosto é sempre á moda do seu paiz): é o unico estrangeiro que ha na fabrica de porcelana.»

Era então director da fabrica (porcelana e vidro) Augusto

(1) *Memorias economicas*. Vol. I, pag. 293.

Ferreira Pinto Basto, filho do proprietario, moço de 19 annos de idade «que debaixo das ordens de seu pae tem tomado com gosto esta administração, sendo elle mesmo o mestre das composições».

O mesmo author descreve do seguinte modo o edificio das fabricas no estado em que estava em 1827 (data da sua obra):

«Um edificio de 400 palmos de frente sobre 650 de comprido, formando um pateo correspondente, contém as casas de habitação com uma ermida ricamente edificada; as officinas proprias da fabrica de porcelana; os edificios da fabrica de vidro (além de um grande pateo para lenhas); um laboratorio chimico para os productos, e outro pharmaceutico; e casas de habitação para empregados, artistas e aprendizes; estes vivem em communidade, aprendem as primeiras lettras pelo methodo do ensino mutuo, e tambem musica, e a tocar alguns instrumentos. Tudo fórma um edificio contiguo; além d'este ha casas para hospedaria e curraes de gado, e um caes sobre o rio.»

Sobre a fabrica de vidros, annexa á de porcelana, fornece o mesmo author poucas noticias, que juntamos aqui como memoria de uma industria portugueza, tambem digna de melhor sorte:

«Na fabrica de vidros ha só um estrangeiro, que é Samuel Hungles, inglez, lapidario e mestre dos aprendizes; tem talento e gosto, e executa quanto se lhe encommenda. No laboratorio chimico ha um hespanhol, que dirige os processos.

Não ha mais nenhum estrangeiro; e o proprietario espera que em tres annos esses mesmos não serão precisos, porque portuguezes mais habeis os hão-de substituir.» (1)

Na exposição retrospectiva de Aveiro, celebrada este anno, vimos alguns exemplares de obra de vidro da antiga fabrica, que mereciam louvor; o trabalho acabou ha muito, ficando em campo só a porcelana, com o lustre e primor que a exposição patenteia.

São estas as noticias historicas que podémos colher sobre a fabrica da Vista-Alegre, na sua primeira phase, que se prolonga até á morte do fundador (1839).

---

(1) Sobre este pessoal estrangeiro v. a *Memoria* do snr. Marques Gomes, pag. 27 e seg. Esta não falla de Hungles, mas sim de Francisco Miller, allemão, que começou o trabalho do vidro, e estava antes na fabrica do Côvo. O hespanhol era um official emigrado Don Euzebio Roiz, chimico distincto.

A fabrica luctou com difficuldades sérias durante uns 15 annos, e se não fôra a perseverança do fundador e a boa educação dos filhos, que tinham ido estudar a França (com o illustre Brogniart), e que viam no exemplo do pae e nos sacrificios por elle feitos uma tradição gloriosa, que não se devia deixar cahir—a fabrica acabava com o homem que se atrevera a luctar com a sorte.

A porcelana sahiu muito cara, ao principio, e defeituosa, e como era portugueza custou-lhe a ganhar a confiança do publico. O privilegio, concedido por D. João VI por vinte annos (contra o costume, que era quatorze) apenas aproveitou até 1846. É verdade que elle se referia não só ao fabrico da porcelana, mas tambem á utilisação das materias primas: «ficando-lhe outrosim concedida a absoluta prohibição de se exportarem as materias primas para a porcelana, descobertas pelo supplicante, e confirmados os mesmos privilegios e prerogativas de que gosam as mais fabricas do reino.»

Apesar d'esta protecção e dos grandes recursos do fundador, a lucta foi difficil, como vimos. Tenha-se isto em conta. Note-se ainda que a localidade era excepcionalmente favoravel á exploração: abundancia de lenha de pinheiro, nas mattas circumvisinhas, e outras materias combustiveis, excellentes barros, areias finas, o seixo crystalisado, um rio navegavel, como meio de transporte, uma população laboriosa a dous passos, em Ilhavo, e uma cidade mais adiante, Aveiro.

A unica materia prima, que vinha de mais longe, era o feldspatho do Minho e o gesso para os moldes, de Soure; os restantes materiaes procediam de S. Vicente e Balrico, nas visinhanças de Ovar; da Horta, perto de Eixo, no concelho de Aveiro; e de Silvade, no concelho da Feira.

E' para sentir que os herdeiros da fabrica não publicassem ha muito noticia circunstanciada de uma fundação, que é uma gloria de familia. Parece que se vae remediar agora esta falta, e que o snr. Marques Gomes, de Aveiro, será encarregado de a escrever sobre documentos authenticos de familia. (1)

Em 1865 o pessoal da fabrica compunha-se de 155 pessoas, e em 1869 havia subido a 175, sendo 120 homens, 10 rapazes, 30 raparigas e 30 trabalhadores da quinta, que representam a differença entre as duas cifras. O trabalho era de sol a sol, havendo na estação calmosa uma sésta de duas

(1) Já sahiu. V. tit. retro.

horas. Os salarios regulavam pelas seguintes cifras: homens de 200 a 800 réis; mulheres de 80 a 160; e menores de 50 a 120 réis.

A producção em 1865 (informações para a estatistica industrial — districto de Aveiro — 1867) representava o seguinte: 81:399 peças de porcelana branca e pintada; eram objectos de serviço de mesa, na maior parte; um pequeno numero de objectos de esculptura decorativa; tijolos refractarios 100 milheiros, potes refractarios e cadinhos, e umas 12:000 caixas de tijolo refractario, as chamadas *gazetas* (do italiano *cassette*, caixinhas) em que se collocam as peças que hão-de ser cosidas no forno. Gastaram-se ainda umas 1:600 fôrmas de gesso no dito anno de 1865.

A importancia do fabrico representada n'esta producção era a seguinte, segundo o mesmo documento official:

Materias primas e tintas.....	4:937$777
Combustivel.....	6:000$000
Salarios e ordenados.....	11:440$000
Carretos.....	549$632
Despezas eventuaes.....	1:500$000
Imposto industrial e de viação.	38$400
	24:465$809
Producção.....	48:812$328
Producto liquido.....	24:346$519

Informações de 1869, provenientes da fabrica dão, como termo medio da producção durante o decennio de 1850 a 1860, a cifra de 13:000$000, em porcelana branca e dourada.

Resta notar que a producção de crystal em 1865 era de 23:667 peças (garrafas, calices, copos, etc.) e 5:710 kilogrammas de vidro branco e de côres, producção que vae incluida no orçamento supra-mencionado. O valor dos edificios da fabrica e materiaes n'ella existentes, subia a mais de 300 contos.

Eis uma ideia, muito resumida e incompleta do passado da fabrica; o ultimo inquerito fornece alguns factos que não incluimos aqui, por falta de espaço, e por serem mais conhe-

cidos. (1) O publico terá, em breve, na memoria do nosso amigo o snr. Marques Gomes um guia historico seguro.

Vejamos os productos da fabrica na exposição; já não é sem tempo.

Em primeiro lugar temos os productos antigos, o Museu da Fabrica. Foi uma boa ideia o trazel-o á exposição. É a primeira vez, crêmos, que elle apparece ao publico. Como bem disse Neves, a nacionalidade dos primeiros mestres, a influencia do paiz que os creou, está alli patente. São obras de porcelana de estylo allemão. O delicioso grupo em biscuit, *offrande à l'amour* podia ter sido feito na Saxonia. É uma peça de ensaio, porém, que soffreu bastante no forno. Dous amantes offertam flôres a Cupido, que está em pé, sobre um altar; uma terceira figura surge por detraz de um altar, impondo segredo á amante, como quem aconselha a não se fiar na traiçoeira divindade. Mais adiante encontramos terrinas e floreiras brancas, de estylo rococo, uma caixa grande para relogio de sala e dous grandes castiçaes, no mesmo estylo, e tambem de porcelana branca. Ha mais a notar uma caneca deliciosa, branca, ornada de folhas de videira e cachos de uvas em relêvo, cujo padrão merecia ser reproduzido. Estas peças não são perfeitas; são, pelo contrario, na maior parte, exemplares defeituosos, que não podiam ser vendidos, e por isso é quasi impossivel ajuizar, com segurança, ácerca de productos identicos, que foram offerecidos ao publico. Notámos em muitas peças as fracturas do fogo, uma coloração desigual nas peças brancas, fórmas entortadas, etc., em summa: o resultado infallivel, os sacrificios da aprendizagem.

Entre as peças pintadas e douradas sobresahe uma serie de pratos com flôres e aves de boa pintura; um prato delicioso com rosas de chá, dá logo na vista; uma chavena de chá com ramo de flôres e corpo azul-turqueza (anno 1842); um jarro de agua, com uma pintura um pouco garrida, mas de feliz desenho; emfim uma terrina de sôpa, estylo rococo, com ramos de flôres nas bordas sobre fundo côr de café, que merece louvor incondicional. Está assignada «Gabriel» na

(1) *Inquerito industrial de 1881*. Inquerito directo. Visita ás fabricas, livro III, pag. 268. O valor da producção foi:

Em 1860.....	21:949$000
» 1870.....	26:994$000
» 1880.....	49:750$000

tampa e no fundo. Caminhando para o fim da bancada vamos de encontro á obra moderna, de ha 15 a 20 annos: um serviço de chá com raios dourados e flôres simples; uma serie de pratos e chavenas menos carregadas de pintura, de porcelana menos delgada, mais igual na pasta e na côr, annuncia a epocha moderna. Repare-se n'uma chavena com fundo dourado e pintura de camapheus antigos, uma azul-turqueza e arabescos pretos, tocados de ouro; uma outra, emfim, ha alli, que figura uma rosa aberta, nas côres naturaes. Beber por uma rosa é uma lembrança poetica, conforme os labios que a tocarem.

Assim fomos andando até ao anno de 1860 e tantos; as ultimas peças da bancada são de 1865 e 1866. Antes de passarmos á secção moderna uma palavra de sincero louvor ás imitações da fabrica. No genero da India e China temos dous bellissimos pratos de mesa com a data 1878; duas tampas de talhas grandes, uma em azul vivo, outra em azul e côr de tijolo do anno de 1852; emfim, a maior de todas, na bancada fronteira, pintada de azul ferrete, com o cão phantastico, symbolico de Fó.

Os ultimos pratos de mesa da bancada do Museu, com data de 1879, com pintura de ouro (vermiculada) sobre fundo côr de magenta, são specimens muito notaveis. Chamamos a attenção para o exemplar que tem um *bouquet* de rosas, madresilva e myosotis *(forget me not)*. Estas peças servem de transição, digna em todo o sentido, á obra modernissima da fabrica.

Os preços da porcelana que a fabrica apresenta agora no mercado são muito convidativos. Eis um resumo muito incompleto, uma escolha feita no meio de um material de trabalho consideravel, que occupa tres das maiores bancadas da nave.

Um serviço de mesa, com pintura de flôres côr de rosa e folhas verde-amarellas, 90 peças por 39$709. As fórmas são no gosto mais moderno, listadas de ouro.

Um outro serviço, muito simples, de listas azues e filetes de ouro orlados de preto, de excellente effeito, uma obra discreta, nos mesmos elegantes padrões, com o mesmo numero de peças, 33$500.

Um outro serviço, ornado de folhas verdes e azul celeste, e fructos côr de carmim, um padrão diverso, mas tambem com filetes de ouro. O numero de peças é o mesmo e o preço intermedio, 37$500.

Temos emfim mais dous serviços, pelo gosto do segundo

supracitado, emquanto á pintura, mas em côres diversas: côr de laranja, preto e ouro; e côr de rosa, preto e ouro; os preços são 37$000 e 29$000 por cada grupo de 90 peças. O grupo decompõe-se, por via de regra, em:

36 pratos de mesa, 12 sopeiros, 12 de meio prato e 12 de sobremesa, 2 terrinas com pratos, 2 pratos cobertos, 1 saladeira, 1 molheira com prato, 1 mostardeira, 1 saleiro, 2 pratinhos para conservas e 6 travessas.

Representa tudo isto um *meio serviço*, de preço muito vantajoso, e com um apuro mais que sufficiente para figurar na mesa da casa mais exigente da nossa sociedade.

De permeio com os serviços de mesa, e alternando com elles, estão os serviços de chá e lavatorio. Citaremos:

Um serviço côr de cereja, esfumada, com arabescos dourados, 20$000; um outro com listas pretas, no meio de flôres côr de rosa e arabescos de ouro, 10$700; um serviço com flôres em pintura chineza, porcelana *craquelée*, 23$250; ha sómente a notar que o fundo verde das chavenas não é egual na côr e tem manchas; em tudo o mais a imitação é excellente; outro serviço côr de palha e ouro, 22$700; outro azul e ouro, com ramos de rosas, 19$500; este tem o nome *Brazil*, que lhe ficou por representar uma encommenda feita de lá, para serviço de mesa e chá. Como amostra do trabalho nacional, devia ter causado uma impressão muito agradavel no imperio de além-mar.

Estes serviços compoem-se, em geral, de 12 chavenas com pires; as 6 peças maiores, do costume: cafeteira, bule, leiteira, assucareiro, manteigueira e tigela de lavar as chavenas; e finalmente dous pratos grandes, azados, para doce ou torradas, total 19 peças. O serviço no gosto *craquelée* tem apenas seis chavenas. É, pois o mais caro, o que não admira em trabalhos d'essa ordem.

Assim temos, pois, meios serviços de mesa entre 29$000 e 40$000; e serviços de chá completos entre 10$000 e 22$000.

Notaremos que os serviços de chá francezes, não téem, em geral, a manteigueira, apresentando apenas cinco peças das maiores, em lugar de seis; além d'isso, quebrando-se uma peça, é difficilimo ou quasi impossivel, na maioria dos casos, obter de cá o fornecimento de uma peça avulsa. Por estes motivos, e principalmente porque a obra o merece, pelas suas qualidades technicas e artisticas, temos a obrigação de recommendar aos nossos compatriotas, em ambos os mundos, que experimentem os productos da fabrica da Vista Alegre antes

de se lançarem nas mãos dos agentes francezes ou de quem os representa aqui. Essa porcelana (e não só esta, mas tambem a faiença) que por ahi se vende, geralmente, representa apenas o refugo das fabricas estrangeiras.

Na mesma bancada em que estão os serviços de mesa e chá que citamos, foram collocados ainda muitos outros objectos, que occupam o segundo e terceiro degrau da bancada. Devemos citar, principalmente, os serviços de lavatorio.

Temos, em primeiro lugar, um serviço com fundo *chamois*, e pintura de flôres sobrepostas no gosto chinez. É um trabalho delicado, tão bom como o melhor serviço francez, que por ahi costuma apparecer. Custa apenas 6$250 e tem quatro peças. Ha-os tambem de sete peças, que custam de 7$200 a 13$750. Merecem menção o exemplar côr de crême com ramos de flores (8$200), o exemplar com rosas de musgo (7$200) e o exemplar com papoulas e acianos pelo mesmo preço do antecedente.

Os preços de serviços francezes, que não téem nem mais uma peça no melhor caso, e que muitas vezes téem menos do que as sete, regulam nas lojas do Porto por duas a trez libras.

Nada diremos da qualidade da porcelana, nem da pintura, porque os typos francezes são, a este respeito, peças de refugo, repetimol-o; sabemos isto por experiencia propria, e depois de um exame de annos por essas lojas de Lisboa e Porto.

Entre as peças de phantasia da fabrica da Vista Alegre ha muito que escolher de bom e bonito: jarras e vasos para flôres, lamparinas, paliteiros, morins, cinzeiros, chavenas de caldo, oveiros — e estes graciosissimos, no gosto de Saxonia, cobertos de botões de rosas — ramilheteiras no mesmo gosto, figuras de costumes da região de Ilhavo e Aveiro, emfim: uma variedade de cousas para todos os gostos e todas as bolsas. E quem achar pouco, volte as costas, e acha defronte da bancada do museu da fabrica, uma terceira bancada, não menos extensa com algumas centenas de chavenas de variadissimos preços e gostos, que pertencem a outros tantos serviços, pintadas e douradas ou só pintadas; por mais ou menos preço todos alli encontram que escolher. Ha alli, por exemplo, serviços de chá e lavatorio por menores quantias ainda, do que aquellas que atraz citámos (chá 5$400 e 6$500 réis, etc. — lavatorio, por sete peças, 4$400 e 7$300, etc.)

Convém não esquecer ainda dous grupos: primeiro as peças de porcelana branca, as grandes jarras, as canecas de respeitavel tamanho, descendo em escala, até ás mais pequenas:

as baterias de cadinhos, as enormes bacias de lavar, os syphões, emfim as peças de serviço de mesa e chá, brancas.

N'esta parte sentimos só que a fabrica não apresentasse serviços brancos completos, com os preços. O outro grupo, a que alludimos, é o das peças excepcionaes. Alli o mais barato, aqui o mais caro. Um serviço de almoço de duas pessoas *(tête-à-tête)* duas chavenas, bule, leiteira, assucareiro, tigela e pratos de torradas, além de uma bandeja de transporte, oito peças por 38$000 réis.

Parece caro; mas repare-se na primorosa pintura de estylo rococo; arabescos em *grisaille* sobre fundo côr de palha e ramos de rosas e amores perfeitos, dentro de rotulos dourados; as orlas tocadas de folhas de ouro.

Ao lado outro exemplar côr de rosa, com pintura menos bonita e mais facil, 16$700 réis. Ha a notar em ambos os serviços apenas algumas leves variantes na coloração das peças.

É digno de louvor incondicional o cantaro de Coimbra com testo e pucaro.

A ornamentação d'esta peça é no estylo grego puro: o meandro, as palmas, a corda ondeada, etc.; o motivo ora é branco sobre um fundo côr de pinhão, ora côr de pinhão, sobre esmalte branco. A côr de pinhão, quente, fôsca, mas avelludada, fórma um bellissimo contraste com os esmaltes brancos, brilhantes.

É uma excellente ideia: apresentação de effeitos de luz contrarios, na mesma peça.

O mesmo effeito decorativo e o mesmo brilhante resultado nota-se em duas jarras de flôres, sem azas, da bancada superior.

No bojo das jarras estão representados episodios da vida de familia dos antigos gregos, e figuras dansantes.

O gargalo, e o pé das jarras estão ornamentados com os motivos que já notamos no cantaro.

Ao pé d'estas duas jarras estão outras duas, esmaltadas de azul celeste, com assumptos néo-classicos, que parecem simplesmente photographias coloridas de algum quadro do *Salon*. A pintura denuncia-se a si proprio; de resto, como é que sobre o bojo de uma jarra, que é sempre ou espherico ou ovoide, e que é sempre formado com segmentos de circulo ou de elipse, em summa com linhas curvas—se vae estampar um assumpto com moldura quadrada? Não percebemos.

Isto são pequenos reparos, no meio de uma exposição que é, por certo, a mais opulenta que a fabrica da Vista Ale-

gre tem feito dos seus productos. Só lhe diremos mais uma palavra: ávante! como até aqui.

Os outros expositores de materias kaolinicas são os srs. Almeida Costa & C.ª, da fabrica das Devezas, e Francisco Patoilo, de Ilhavo. Os productos do snr. Costa dão na vista. São bilhas e canecas de biscuit, ornadas de ramos de vinhas e cachos, perfeitamente modelados. Apresenta tambem bustos muito notaveis, entre os quaes devemos mencionar especialmente o de Alexandre Herculano, caracterisado com superior talento. Não se faria melhor em qualquer paiz estrangeiro.

As peças do snr. Patoilo são muito interessantes. Sabemos que o author é um antigo operario da Vista Alegre, que se estabeleceu ha pouco em Ilhavo. Os seus bustos do Marquez de Pombal são trabalhos de merecimento; as duas misulas com cabeças de anjos alados, revelam muita aptidão para os trabalhos em esculptura decorativa, o que o jury reconheceu com uma menção honrosa.

Devemos mencionar, emfim, a snr.ª viuva Soares Rego, que na sua louça ordinaria (faiença, 2.ª e 3.ª classe) costuma empregar uma argilla kaolinica da região de Rio Tinto. Estas peças, brancas e pintadas, devem ser muito resistentes; téem um toque metallico e reunem a estas qualidades um bom esmalte e extrema barateza. É a unica fabrica do Porto, cremos, que emprega o kaolino na louça ordinaria.

Concluimos este capitulo sobre a porcelana com uma noticia ácerca de alguns poucos objectos da secção antiga, que representam a antiga porcelana portugueza do seculo passado.

Merece o primeiro lugar um serviço de chá do snr. Sousa Lima, a que já nos referimos no penultimo artigo. De duas uma: ou o serviço é obra da officina do tenente general Bartholomeu da Costa, em Lisboa; ou da officina de João Manso Pereira, no Rio de Janeiro; ambos trabalharam em porcelana, um na capital em 1773-74; o outro no Rio de 1791-1795. Votar por qualquer d'elles, aqui, é questão melindrosa, e assim o temos dito, por vezes, a varias pessoas que nos consultaram, depois de vêrem o serviço de chá, que nós tiramos do armario do snr. Sousa Lima, onde esteve os primeiros dias, sem que ninguem reparasse n'elle. Tendo nós communicado a alguem as noticias sobre os trabalhos de Pereira, no Brazil, noticias absolutamente desconhecidas, houve logo quem attribuisse o serviço a este industrial, sem prova alguma, porque iniciaes douradas e enlaçadas J. P. X. nada provam por si

só; esse monogramma é fraco argumento, como dissemos na occasião em que propozemos a sua leitura, aliás muito hypothetica. É esta a verdade.

Seja de quem fôr, o serviço foi feito em Portugal. É isto o que vamos provar, com argumentos intrinsecos, que devem convencer. Qualquer peça de porcelana pintada vae duás vezes ao fogo, a primeira vez para ser cosida a materia kaolinica em biscoito; a segunda para ser cosido o esmalte e a pintura sobreposta. Ora a pintura do serviço de chá apresenta não só todos os caracteres de uma obra feita na Europa, mas de uma obra feita por mãos inexperientes, no genero de pintura em porcelana. As physionomias das figuras nada têem de oriental, as aves estão mal caracterisadas (o que não succederia a um artista asiatico); as côres falharam quasi todas, transformaram-se na cosedura e algumas perderam quasi todo o vigor. Ha mais ainda: a pasta, mesmo, da porcelana não é uniforme; está bastante desigual na côr, manchada, e o vidro tambem varia.

O assumpto é em todas as peças o mesmo. A gloria coroada, senta-se em um carro triumphal, movido por dous pavões verdes (!); no braço direito tem um sceptro, e na mão esquerda uma moldura oval, que envolve dous retratos com a inscripção: MARIA E PETRUS III. Note-se a singular combinação da fórma latina PETRUS com a conjuncção portugueza E.

As nuvens azues que envolvem a composição apresentam-se com variantes de côr em todas as peças. A pintura é, em summa, uma tentativa modesta, mas muito interessante, por ser tentativa. No mesmo armario está uma tijela do snr. Marciano de Azuaga, que offerece uma pintura da estatua equestre. El-rei D. José está vestido como um verdadeiro mandarim, com largas roupas chinezas; nem sombra da couraça que reveste a figura em Lisboa. A physionomia é puramente chineza. Ahi temos um exemplar que dá a prova contraria do serviço de chá. É uma porcelana de *commande;* pasta e esmalte são iguaes, superiores.

As outras peças com materia kaolinica da secção antiga são: o tinteiro grande do snr. Luso e o perfumador do snr. M. de Azuaga; já fallamos d'ellas. Ha, finalmente, uma bilha de segredo do snr. Luso (armario A), pintada de azul, com paizagens e gargalo vasado, cuja composição denuncia materia kaolinica.

(Continúa.)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 344)

832. **C. vini Panz** (Reitter).
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 369.
Vizella!, Douro!, Espinho!, Serra d'Estrella (Ehlers!).

833. **C. Perrisi Brisout** (Reitter).
An. Soc. Ent. Fr. 1882. Bull., p. XXVIII.
Felgueira!, Coimbra!.

GENRE LEUCOHIMATIUM ROSENHAUER

834. **L. elongatum Er.**
Sturm. Ins. XVIII, p. 72, pl. 342, f. a A.
Je possède un seul individû du Portugal.

ATOMARIINI

GENRE ATOMARIA STEPHENS

835. **A. nigriventris Steph.**
Ill. Brit. III, p. 69.
Nana Er. Nat. Ins. Deut. III, p. 379.
Valle d'Azares.

836. **A. nigripennis Payk.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 390.
Vizella!, Coimbra!.

837. **A. pusilla Payk.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 397.
Espinho!, Estarreja!, Vizella!.

838. A. atricapilla Steph.

Steph. Ill. Brit. III, p. 66.
Nigriceps Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 336.

Coimbra!.

839. A. scutellaris Motsch.

Bull. Mosc. 1849, III, p. 88.

Faro!

840. A. gutta Steph.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 387.

Coimbra!, Espinho!, Estarreja!, Valle d'Azares!.

841. A. rufficornis Marsh.

Ill. Brit. III, p. 68.
Terminata Com. Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 399.

D'après une lettre de Mr. L. v. Heyden il a été trouvé dans la Serra d'Estrella par Mr. Ehlers.

GENRE EPHISTEMUS STEPHENS

842. E. globulus Payk.

Sturm. Ins. XVIII, p. 86, pl. 344 f. c. C.

Coimbra! (L. v. Heyden!), Valle d'Azares! Serra d'Estrella (Ehlers!).
Elle présente plusieurs variations de couleur.

843. E. exiguus Er.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 403.

Pris par Mr. Ehlers dans la Serra d'Estrella d'après une lettre de Mr. L. v. Heyden.

LATHRIDIIDAE

LATHRIDINI

GENRE LATHRIDINI HERBST

844. L. productus Ros.

Abeille XVIII, *Mon.* p. 50.

Guarda!, Coimbra!, Espinho!.

GENRE CONINOMUS THOMSON

845. C. nodifer West.

Abeille XVIII, *Mon.* p. 57.

Coimbra!, Estarreja!, Douro!.
J'ai trouvé aussi au Bussaco la variété ferrugineuse.

GENRE ENICMUS THOMSON

846. E. minutus L.

Abeille XVIII, *Mon.* p. 63.

Coimbra!, Bragança!, Serra d'Estrella!.
On trouve fréquemment la variété ferrugineuse.

847. E. rugosus Herbst.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 68.

Bussaco, Gerez (L. v. Heyden!).

848. E. transversus Oliv.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 66.

Vizella!.

GENRE CARTODERE THOMSON

849. C. elongata Curtis.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 75.

Bussaco!.

CORTICARINI

Genre CORTICARIA MARSHAM

850. C. crenulata Gyll.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 98.

Coimbra!, Estarreja!.

851. C. pilosula Rosen.

Rosenh. Thier. And. 1856, p. 349.

Je posséde quatre individus de cette espèce, que je crois différente de la *C. fulva Comol.*

852. C. longicollis Zett.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 114.

Bussaco!.

Genre MELANOPHTHALMA MOTSCHULSKY

853. M. gibbosa Herbst (Reitter).

Abeille XVIII, p. 125.

Bussaco!, Coimbra!.

854. M. fulvipes Comolli (Reitter).

Abeille XVIII. *Mon.* p. 135.

Espinho!, Estarreja!, Coimbra!.

855. M. transversalis Gyll.

V. crocata Mannh. (Reitter).

Abeille XVIII. *Mon.* p. 126.

Estarreja! Espinho!.
V. albipilis Reitter.

Abeille XVIII. *Mon.* p. 126.

Serra d'Estrella (Ehlers!). D'après Mr. L. v. Heyden.

856. **M. fuscipennis Man.** (Reitter).

Abeille XVIII. *Mon.* p. 131.

Estarreja!.

TRITOMIDAE

GENRE TRIPHYLLUS LATREILLE

858. **T. punctatus F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 404.

Gerez (L. v. Heyden!).

GENRE TYPHAEA CURTIS

859. **T. fumata L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 418.

Commum partout.
V. Lusitanica mihi.
Je posséde trois individus de Coimbra, différents du type par la couleur ferrugineuse noirâtre et je crois qu'ils ne constituent plus qu'une variété de la *fumata L.*

860. **T. maculata Perris.**

An. Soc. Ent. Fr. 1865, p. 507.

Coimbra!.

DERMESTIDAE

GENRE DERMESTES LINNÉ

861. **B. Vulpinus F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 426.

Guarda!, Arrifana!

862. **D. Frischi Kugel.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III., p. 428.

Porto!, Serra do Marão!

863. D. undulatus Brahm.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 430.

Je posséde quatre individus du Portugal.

864. D. sardous Kust.

Kust. Kaf. Eur. 6, 49.

Espinho!, Bragança!, Serra d'Estrella!, Serra do Gerez!, Guarda!.

865. D. lardarius L.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 436.

Coimbra! Guarda!.

866. D. pardalis Bilb.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 430.

Leiria (Dr. Vieira!).

GENRE ATTAGENUS LATREILLE

867. A. pellio L.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 440.

Valle d'Azares!, Bragança!.

868. A. piceus Oliv.

V. sordidus Heer.

Heer Faun. Helv. I, p. 438.

Bragança!.

869. A. trifasciatus F.

Oliv. Ent. II, 9 p. 13, pl. 1, f. 7 a-b.

Douro!, Alcafache!, Cannas de Senhorim!, Guarda (L. v. Heyden!).

GENRE ANTHRENUS GEOFFROY

870. A. Pimpinellæ F.

V. dedicatus Kiesw.

An. Soc. Ent. Fr. 1851, p. 579.

Porto!.

871. A. verbasci L.

Varius F. Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 455.

Coimbra!.

872. A. festivus Ros.

Rosenh. Thier Andal. p. 111.

Dans tout le Portugal.

BYRRHIDAE

GENRE BYRRHUS LINNÉ

873. B. depilis Graells.

Muls. Col. Fr. Pilul. 1869, p. 95.

Serra d'Estrella.

874. B. pilula L.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 492.

Je posséde un seul individu du Portugal.

GENRE CYTILUS ERICHSON

875. C. varius F.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 490.

Bragança!, Serra d'Estrella!

GENRE PEDILOPHORUS STEFFAHNY

876. **P. Piochardi Heyd.**
Heyd. Ent. Reise 1870, p. 109.
Serra do Gerez (L. v. Heyden!).

GENRE PELOCHARES MUHANT

877. **P. versicolor Waltl.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 498.
Espinho!

GENRE LIMNICHUS LATREILLE

878. **L. aurosericeus Duv.**
Jacq. Duv. Gen. Col. II, p. 268, pl. 64, f. 319.
Felgueira!.

879. **L. sericeus Duft.**
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 499.
Felgueira!. Vizella!.

GEORYSSIDÆ

GENRE GEORYSSUS LATREILLE

880. **G. pygmæus F.**
Steph. Ill. Brit. II, p. 105, pl. 13, f. 3.
Coimbra!.

881. **G. costatus Cast.**
Luc. Expl. Alg. Ent., p. 237, pl. 23, f. 2.
Coimbra!.

DRYOPIDÆ

GENRE DRYOPS

882. **D. luridus Er.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 514.

Commun tout. par.

GENRE POTAMINUS STURM

883. **P. substriatus Mull.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 503.

Coimbra!

GENRE LIMNIUS MULLER

884. **L. tuberculatus Mull.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 523.

Felgueira!

GENRE ELMIS LATREILLE

885. **E. Perezi Heyd.**

Heyden Ent. Reise, 1870, p. 110.

Gerez (L. v. Heyden!).

(Continúa.)

MANUEL PAULINO DE OLIVEIRA.

DISCURSO ANNUAL

Pronunciado pelo Ex.mo Snr. Presidente na sessão de assembleia geral de 3 de agosto de 1883

Senhores. — Fazer o resumo fiel do movimento intellectual da Sociedade de Instrucção do Porto, e delinear um programma justificado de trabalhos, é tarefa que se antolha facil; mas que tem serias difficuldades para ser realisada a preceito. Pela terceira vez a emprehendo, e estou de antemão conven-

cido que não lograrei ainda d'esta feita acertar no alvo; não obstante, procurarei cumprir o meu dever.

Da mesma maneira, descrever o cabedal de intelligencia, com que um individuo contribue para um certo resultado, é obra delicada; calcular o cabedal de muitos, e apreciar a sua reciproca influencia cooperando para um fim commum, é mais que delicada, é difficil e insuperavel, sobretudo quando a falta de tracto esconde os serviços de cada qual, e quando muitos se furtam, talvez por acanhamento, a uma parte mais ou menos importante das suas obrigações.

Que a nossa Sociedade vê augmentar todos os dias o numero dos seus associados, é certo; que vive e prospéra, é verdade; e que estes factos são significativos dos esforços de todos, tambem não tem duvida. Agora, medir o quinhão com que cada um contribue para essa vida e prosperidade, e patentear por que serie de ideias, ou quaes as relações de factos, que deram uma determinada consequencia, não posso fazel-o. Ha evidentemente trabalhadores poderosos como o nosso primeiro fundador, e outros, que com elle vão por diante em tudo quanto presumem de util para a nossa sociedade e para a cruzada que começámos; mas eu queria, e na verdade precisamos de mais: precisamos do auxilio de todas as pessoas que prezam o nosso adiantamento, carecemos principalmente da cooperação dos professores de todas as cathegorias. Sociedades, como a nossa, têm por missão principal o ensinar — para ensinar é necessario saber — e essa sciencia ha-de estar no professorado. A esses, pois, a obrigação moral de vir dar-nos com o exemplo da sua devoção á ideia, que os sustenta, o fructo do seu estudo em prol do bem de todos. E eu e todos devemos confiar em que o façam.

A escola e o mestre fizeram da Allemanha um potentado irresistivel. A escola e o mestre principiam a restaurar a França. Lastimando os impetos d'aquella, e os desastres d'esta, aproveitemos todavia as lições contemporaneas para prestarmos á instrucção todo o cuidado e dedicação com o convencimento de que só a sciencia e o trabalho podem renovar uma nação como a portugueza, abatida pelo fanatismo, pela indolencia e pela ignorancia.

Este emprehendimento não é para proveito proprio, é da nação. A França abre escolas aos milhares, estabelece laboratorios e officinas, e funda por toda a parte sociedades, que procuram robustecer o homem, elevar o seu nivel intellectual e moral, e acordar as virtudes civicas. Façamos o mesmo.

N'esta cruzada não ha partidos, não se afferem preeminencias, são todos obreiros bem vindos; e á frente dos mais aguerridos devem vêr-se aquelles a quem a patria incumbe o ensino, deve ver-se o professorado. Assim serão os nossos esforços mais fecundos, e mais uberrimos os seus resultados.

A Sociedade de Instrução do Porto fez quanto coube em seus modestos recursos. A exposição de Camelias em Lisboa, e as do Centenario de Froebel, das Industrias caseiras e da Ceramica portugueza foram as provas do seu zelo em favor da causa santa que emprehendeu. A instrucção, a educação e as artes tiveram n'estas festas a historia do seu estado, e a das suas aspirações. É n'ellas que se aprecia o que ha, e o que falta; e mais do que isso—d'ellas nasce algumas vezes um impulso precioso para uma mudança proveitosa, para um aperfeiçoamento utilissimo, para uma ideia grande e generosa. A escola de desenho da Fabrica de Ceramica das Devezas é uma das mais legitimas glorias que esta Sociedade tem conquistado; é um padrão de honra que nobilita os seus benemeritos fundadores, e ha-de ser exemplo perenne ao qual o Estado ha-de prestar um dia a justiça que a consciencia publica decidir. E digo—ha-de prestar um dia—porque não é possivel que dure por muito tempo esta desanimadora indifferença, este criminoso egoismo, que, desconhecendo os mais caros interesses da patria, nos leva ao abysmo da ignorancia e da miseria, ou, o que é irremediavel, ao seu entorpecimento e degradação moral.

A par das exposições promovemos conferencias, e celebramos os serviços que ao marquez do Pombal devem as lettras e as sciencias.

A uma das nossas maiores glorias, a segunda depois da do immortal cantor que a eternisou, ao Infante D. Henrique, a esse inclito e nunca assaz louvado varão, que, no seu placido recinto de Sagres, adivinhando os artificios da sciencia moderna soube inspirar aos seus dedicados companheiros a empreza gloriosa do dominio dos mares, a esse prestámos tambem a nossa homenagem, propondo a creação de um monumento e de instituições duradouras de utilidade nacional.

A lei de 26 de Julho consagrou o nosso pensamento, que antes d'isso tinha sido especial e mui distinctamente applaudido pelos nossos benemeritos consocios, os snrs. Tait e Murat, os quaes offereceram o marmore nacional para aquelle monumento. Louvado pensamento o que inspira

acções d'estas, e sobretudo praticadas por estrangeiros que assim nos ensinam quanto respeito nós devemos aos que levaram a fama d'esta pequena nação a todos os cantos do mundo.

Podia contar-vos, senhores, muitos outros factos passados no anno findo; mas dispensae-m'o, porque vos são conhecidos. Trabalhámos quanto pudemos.

Um assumpto ha que deve ser mencionado—a reforma dos nossos estatutos. Durante mais de dous annos de existencia, e na pratica de uma vida muito activa, menor certamente do que requer o nosso empenho, mas mais do que fazia presumir o ambiente em que a Sociedade nasceu; sentiram-se os inconvenientes de muitas das disposições dos primeiros estatutos, mudou um pouco e alargou-se bastante o rumo das ideias, e surgiram exigencias que o concurso de muitos e novos associados tornaram uma necessidade o realisar. Por isso foi auctorisada a reforma, laboriosamente feita por uma commissão e cuidadosamente estudada e discutida. Todos vós, senhores, a conheceis hoje, e com a vossa approvação e a das instancias legaes vae ser agora a lei vigente da nossa instituição. Oxalá que ella produza os mais proficuos resultados.

Foram estes trabalhos por um lado, e por outro alguns tristes acontecimentos, as causas da demora em reunir esta assembleia geral, no seio da qual nós todos os que fomos honrados com os vossos suffragios vimos depôr os nossos cargos para que vós os confieis aos mais competentes e mais dignos. Se não fomos todos activos como o foram alguns benemeritos, não procedeu isso, assevero-o, de falta de dedicação, mas de causas que não está infelizmente ao alcance de cada um poder remover. Faço votos para que os que vierem continuar e augmentar esta bella creação se inspirem no altissimo fim que a Sociedade de Instrucção do Porto quer realisar,—a educação nacional. Isto é o seu programma presente e futuro, para conseguir o qual todos os esforços são necessarios, e todas as tentativas aproveitaveis. Estão já annunciadas algumas d'estas, preparam-se elementos para outras, e conta o publico com os brios de todos os socios e com o seu amor á causa publica para vêr prosperar a obra de instrucção, e com ella a nação portugueza.

Agradeço, senhores, todas as distincções que hei recebido, e peço encarecidamente que me desonereis do cargo muito honroso, mas muito pesado para o meu espirito profundamente abatido. Disse.

OS

APONTAMENTOS DE CHIMICA

POR

ALVARO JOAQUIM DE OLIVEIRA

Professor de chimica mineral na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro

PARTE GERAL — PRIMEIRO VOLUME

Rio de Janeiro, 1883. 1 vol. in-8.° gr. de XV-409 pag.

I

Se para a elevação do nivel intellectual de uma nação desempenham papel importante os que ampliam a esphera dos conhecimentos, descobrindo novos factos e desenvolvendo novas relações; não deixa de ser de menos importancia, embora mais modesto, o d'aquelles que recolhem cuidadosamente os materiaes e fazem a synthese dos resultados conseguidos no vasto campo das sciencias. A obra d'estes é complementar da d'aquelles; semeam os primeiros, e colhem os segundos os fructos, que vão desseminar em proveito do maior numero.

São-nos suggeridas estas considerações ao annunciarmos a obra do distincto professor de chimica brazileiro, dr. Alvaro Joaquim de Oliveira, intitulada *Apontamentos de Chimica*. Digamos desde já aos que não conhecem a obra que o modesto titulo que acabamos de pronunciar é vestibulo demasiado acanhado para a grandeza do edificio. Não se trata de umas simples notas summarias sobre aquelle importante ramo dos conhecimentos humanos. Muito longe d'isso.

O livro a que nos referimos é um tratado didactico completo, onde se expõe tudo o que ha de geral e fundamental na chimica moderna. Não é nem uma encyclopedia na qual se mencionem todos os detalhes, nem um livro elementar, destinado a satisfazer as exigencias de um programma; é um livro intermedio entre estes, que compendia todos os assumptos culminantes da sciencia com o sufficiente desenvolvimento, e dá uma ideia completa do que n'ella ha de essencial.

Obras do tomo d'estas são difficeis de realisar. Exigem não só muito estudo, e uma erudição ampla nas sciencias sobre que versam, mas tambem criterio para o discernimento da importancia relativa dos assumptos e uma solida educação philosophica. Uma vez realisadas, que somma de locubrações poupam aos estudiosos! como facilitam o caminho no vasto arsenal de conhecimentos adquiridos! como são proprias para guiar os que trabalham e os que investigam!

O livro do dr. Alvaro de Oliveira é uma boa obra d'este genero, no fundo e na fórma; diremos mesmo a primeira em linguagem portugueza, e podendo soffrer o confronto com outras da mesma feição publicadas lá fóra. Revela muito amor pela sciencia, muito estudo, a meditação aturada dos grandes mestres da chimica, um robusto talento, e muita originalidade. O estylo é terso, elegante, claro e preciso. Em uma palavra, é uma obra profundamente sabia, no vestibulo da qual bem podia escrever o autor a seguinte divisa: «*multa pars mihi.*»

Em qualquer paiz são de apreciar obras d'estas, as quaes, alem das vantagens já mencionadas, têm a de servirem de guia para a confecção de livros elementares, de modo que estes traduzam o estado actual da sciencia. Entre nós e no Brazil muito mais, porque ha carencia quasi completa d'ellas. Um esforço n'este sentido é tanto mais para louvar quanto é certo que n'aquelle paiz ou no nosso não ha o incentivo de gloria ou do interesse para compensar as fadigas na elaboração de obras semelhantes, quando são conscienciosamente feitas. Sacrifica-se o tempo e o estudo; e do numero limitado dos leitores d'ellas quantos estão no caso de dar o verdadeiro valor a quem as delineou? Quantos tem estudado a fundo as questões agitadas pelo auctor, para comprehenderem o alcance das vistas d'elle? Quantas vezes e depois de um ligeiro exame, se despresa o que é nosso, só porque o é?

Só uma delicada comprehensão do dever póde determinar a publicação de obras semelhantes. Foi por um impulso d'essa ordem, com o fim de facilitar o estudo aos seus alumnos, que o sabio professor da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro deu á luz o seu livro.

Demos, pois, uma noticia exacta da obra, que bem o merece, para que se saiba todo o seu valor.

II

Este primeiro volume encerra a parte geral da chimica. Depois da *introducção*, em que expõe, de relance, o modo como, em philosophia positiva, se encaram as relações entre o abstracto e o concreto e as leis naturaes, e se dá uma ideia do caracter proprio, da classificação e hierarchia das diversas sciencias, enceta o autor o estudo dos phenomenos especiaes á chimica. N'um primeiro capitulo, que podemos denominar preliminar, dá a caracteristica do phenomeno chimico, e define o objecto, o logar hierarchico, os meios de investigação e a importancia da chimica, em si e nas suas applicações; depois apresenta a noção de corpos simples e a divisão ordinaria d'estes, dando-lhe o verdadeiro valor; desenvolve muito bem, d'accordo com o sentir commum dos chimicos modernos, os motivos porque se não pode conservar hoje a antiga divisão da chimica em *organica* e *inorganica;* e, emfim, depois de considerar o dualismo como base logica da chimica, passa ao estudo das *leis numericas,* que, na phrase de Comte, constituem o vestibulo da chimica; e desenvolve os systemas dos equivalentes e atomico.

Demoremo-nos um pouco sobre o modo como são desenvolvidos estes dous assumptos de grande importancia.

A primeira vista parece insustentavel que se considere o dualismo como base da chimica. O systema dualistico, segundo o qual todos os compostos são considerados como formados de dous elementos ou grupos de elementos antagonistas, teve na sciencia uma historia gloriosa; fundado pelo immortal Lavoisier, defendido pelo grande Berzelio, exerceu até 1853 uma influencia preponderante sobre todas as theorias da chimica mineral e organica. Mas as investigações de Gerhardt sobretudo, mostraram que tal systema não podia manter-se em presença da apreciação rigorosa dos factos de ordem chimica e que os compostos devem antes considerar-se como edificios moleculares unos, nos quaes os elementos podem ser substituidos por outros, por substituição ou dupla decomposição. Estava assim implantado na sciencia o *systema unitario,* hoje acceite pela maxima parte dos chimicos.

O auctor reconhece tudo isto, e tem dos progressos realisados na sciencia uma noção clara e exacta. Ao considerar, pois, o dualismo, vê n'elle um artificio logico d'espirito desti-

nado a facilitar as concepções; não considera o dualismo objectivo, hoje insustentavel.

Qual o movel ou a razão principal d'esta affirmativa? Se nos não enganamos, ha aqui, como em outros pontos do livro do dr. Alvaro de Oliveira, um documento da veneração que elle professa pelo grande philosopho A. Comte, de que se patenteia discipulo convicto e enthusiasta. Achamos natural esta veneração n'um espirito culto, que se dedica ao estudo da chimica, pretendendo fazer d'ella um corpo de doutrina, logicamente constituido; porque, se ha partes do livro do mesmo philosopho, que se leiam ainda hoje com praser e proveito, uma d'ellas é a que respeita á philosophia chimica, a ponto de affirmar, sem se affastar muito da verdade, um continuador contemporaneo da mesma escola philosophica, que nada encontra, entre as obras notaveis publicadas sobre esse assumpto ha um quarto de seculo, de comparavel á primeira metade do 3.º vol. do curso de *Philosophia positiva* (1) não se lhe pode negar, na verdade, nem a justiça das apreciações, nem o alcance e a elevação das vistas philosophicas, muitas das quaes vieram depois a ser confirmadas por descobertas posteriores. Mas A. Comte escrevia em 1835, e nem se entrevia sequer a revolução por que haviam de passar as doutrinas chimicas sob a acção do genio eminentemente reformador de Gerhardt. Não admira, pois, que Comte visse na applicação mais lata e racional do dualismo, systema então dominante, o principio de systematisação futura da sciencia. Em bastantes pontos se adiantou Comte á sua epoca, prevendo a feição que viriam a ter as doutrinas chimicas, para que não nos admire que n'este ponto não fosse tão feliz. Por isso não comprehendemos a necessidade de hoje applicarmos aquelle systema, que já fez o seu tempo, quando o systema antagonista, ou a doutrina unitaria prevalece de um modo tão predominante.

Deixemos, porém, este ponto, certamente secundario, e digamos como o autor desenvolve a theoria das proporções chimicas, na qual a sciencia tanto deve a Berzelio. Depois de expôr com muito rigor as leis *das proporções definidas, das proporções multiplas* e *dos numeros proporcionaes*, que regulam os phenomenos chimicos quando estes são considerados

(1) G. Wyrouboff, na *Philosophie positive*, 2.e serie, douzième année, n.º 2, Septembre-Octobre, 1879, p. 179.

quanto ao peso dos corpos; as *leis de Gay-Lussac*, relativas aos compostos gazosos; e as *leis dos calores especificos* e *do isomorphismo;*—patenteia a influencia da hypothese atomica de Dalton, e de uma outra imaginada por Berzelio para interpretar as leis de Gay-Lussac, hypothese segundo a qual a constituição atomica de todos os gazes simples é a mesma; e dando as razões pelas quaes esta não pode subsistir, apresenta a de Avogadro e Ampère, como explicando melhor os phenomenos que se passam nos gazes, hypothese que é hoje geralmente acceite. Esta parte do estudo do distincto professor brazileiro impressionou-nos sob mais de um ponto de vista. É com a maior lucidez que o autor das leis de Gay-Lussac deduz a relação simples que existe entre os volumes occupados no estado gazoso pelo numero proporcional dos diversos corpos, relação que é a base da theoria dos numeros proporcionaes em volume; é tambem com a maior clareza que expõe a evolução das ideias no tocante á escolha dos numeros que podem ser considerados como *coefficientes chimicos* correspondentes a cada corpo, como aprecia a hypothese de Berzelio e como mostra a legitimidade da adopção da hypothese de Avogadro e Ampère sobre a constituição dos gazes, já considerando-a como deducção das leis de Gay-Lussac, já como dando uma explicação clara das leis que regulam a dilatação e compressibilidade dos gazes (leis de *Gay-Lussac, Davy* e de *Mariotte).* Applaudimos fervorosamente o autor pela maneira discreta pela qual distingue o que é lei, o que é a expressão necessaria das relações experimentaes, do que é simplesmente hypothese representativa; é assim que elle insiste no caracter subjectivo da noção de molecula e de atomo, e considera a relação estabelecida por Avogadro e Ampère como uma simples hypothese, que na realidade é, nunca lhe dando os fóros de lei, como mui erradamente fazem alguns atomistas. Elle faz sobresahir a ideia profundamente verdadeira de que são as considerações de ordem chimica, ou melhor de analogia chimica (p. 38, 289, 294) que dominam na escolha d'aquelles coefficientes numericos, e não as hypotheses representativas mais ou menos legitimas que sobre elles se baseiam. Não tem outra interpretação as palavras do autor: «A marcha experimental para a determinação dos pesos atomicos é a mesma que para os equivalentes»; e mais adiante: «Os numeros proporcionaes escolhidos para representarem os equivalentes ou os pesos atomicos devem ser taes que estejam d'accordo com as leis do calor especifico e do isomor-

phismo e com as leis dos volumes de Gay-Lussac, e ao mesmo tempo não apresentem contradicção com os factos chimicos». Quando o autor (p. 53) revela a superioridade da notação atomica não é menos explicito, nem menos verdadeiro.

Se o restabelecer a verdade philosophica nas noções fundamentaes da chimica é de grande necessidade, sobre tudo por virtude dos abusos de linguagem de muitos, direi mesmo, da grande maioria dos modernos atomistas, muito mais o é n'um livro d'ensino, para que não seja falseada a educação philosophica dos alumnos. Aos que ensinam é muito frequente assistir ás lamentaveis consequencias d'aquelles abusos: assim, por exemplo, em quanto que se dá a uma formula em equivalentes uma significação positiva, considerando-a como a expressão concreta e resumida da composição dos corpos; n'uma formula atomica vê-se antes o numero e a natureza dos atomos que compõem esta entidade hypothetica chamada *molecula,* do que a expressão, muito comparavel á das formulas equivalentes, da composição do corpo referida a dous volumes. O autor prestou um verdadeiro serviço aos estudiosos quando esclareceu estes pontos delicados; quer-nos parecer que ainda mais claros tornaria os seus raciocinios se n'esta parte do seu livro desse a significação precisa da noção de *numero proporcional,* conforme Gerhardt a apresenta no seu bello livro—*Introduction à l'étude de la chimie par le système unitaire,*—o que lhe permittiria confrontar as noções de *equivalente e de peso atomico,* encaradas de um modo positivo, com mais nitidez, o que de resto o autor faz muito bem no capitulo complementar d'este, em que trata da determinação dos equivalentes. Tambem nos não pareceria prolixidade que se insistisse mais na noção d'equivalencia volumetrica, e que o autor, posto que atomista convicto, demonstrasse com mais insistencia a independencia que existe entre a hypothese dos atomos, e que se denomina em chimica *theoria atomica,* independencia attestada pelo illustre chefe d'esta doutrina, o snr. Wurtz (1), e mais frisantemente accentuada por um dos sabios da mesma escola, snr. Schutzenberger (2), professor no Collegio de França. Esta independencia, que já vemos ser exposta em alguns li-

(1) WURTZ. *Théorie atomique,* pag. 240; Paris, 1879.
(2) SCHUTZENBERGER. *Traité de chimie genérale,* tome 1.er

vros d'ensino (1), ha de crear adeptos para a theoria atomica, que, consoante o confessa o autor, é mais solida e philosophica que a dos equivalentes. Digamos já que fazer isto é trilhar o caminho seguido pelo grande Gerhardt ao discutir estas questões importantes (2).

O autor estuda em seguida a linguagem chimica quer por signaes escriptos *(notação chimica)*, á qual junta uma rapida discussão da *hypothese de Prout*; quer por signaes oraes *(nomenclatura)*; passa em revista os diversos systemas de reacções chimicas; expõe successivamente a doutrina dos radicaes, da atomicidade e dos typos e a isomeria, percorrendo depois os principaes compostos chimicos, classificados segundo a sua funcção chimica, em acidos, bases e saes, no que respeita a sua constituição, formação e propriedades geraes.

Todos estes assumptos estão perfeitamente tratados, mas merece menção especial o que diz respeito á *atomicidade*, onde o autor apresenta muitas ideias suas, que revelam a sua incontestavel competencia, e a feição mais racional e logica que tenta imprimir ás modernas doutrinas chimicas. Esta parte do livro do distincto professor merece ser lida e meditada, e aconselhamos vivamente a todos que se dedicam ao estudo da chimica, e sobretudo aos que seguem com enthusiasmo as novas doutrinas, a leitura do livro que estamos analysando.

Esta apreciação é tanto mais sincera, quanto é certo que quem escreve estas linhas não milita, no tocante á theoria da atomicidade, que hoje constitue, a bem dizer, a barreira mais distincta entre os chimicos da actualidade, na mesma escola do autor do livro que está analysando. Permitta-se-nos sobre este ponto uma ligeira digressão. Muitas vezes se repete, para justificar a mesma theoria, que ella tem dado origem a descobertas importantes, fazendo prever relações e transformações novas, que os factos vieram sanccionar (3); e em verdade não nos parece que haja melhor amparo para uma theoria sem bases solidas, e que em breve, crêmol-o, desapparecerá do campo da sciencia, para dar lugar a outra mais

---

(1) ENGEL. *Nouveaux éléments de chimie médicale*, 2.me edition, p. VI, 19 e seg.—GRIMAUX, *Théories et notations chimiques*, p. 94, Paris; 1884.

(2) GERHARDT. *Traité de chimie organique*, tome IV, p. 488, 581, 582, etc.

(3) Vide E. GRIMAUX, artigo publicado na *Revue scientifique*, tome 22, p. 542; e tome 26 (1880) p. 79; e a obra já citada do mesmo autor, *Theories et notations chimiques*, p. 145.

racional. Mas não basta que uma theoria tenha servido de guia aos investigadores para poder ser introduzida no ensino: poder-se-hiam citar exemplos de brilhantes descobertas obtidas por theorias absolutamente condemnadas. As necessidades do ensino são mais exigentes: a precisão das hypotheses e dos principios é ahi de rigor, e as consequencias devem ser d'elles deduzidas sem reservas constantes (1). Não é aqui o logar de demonstrar que a theoria da atomicidade não está n'este caso. A critica que um eminente professor de physica (2), alheio ás luctas entre as eschôlas da chimica, lhe fez em 1873, subsiste ainda hoje quasi inteiramente. Para que fallar tambem no mysticismo scientifico que essa theoria tem introduzido nas concepções da chimica, sobre o qual tem insistido o eminente Berthelot, e a que se refere G. Wyrouboff, n'um artigo publicado em 1879 (3)? Não caberiam á theoria da atomicidade as justas criticas que A. Comte no seu tempo fazia á doutrina das affinidades (4)?

Deixemos, porém, este assumpto, que exigiria largos desenvolvimentos, e na apreciação do qual certamente que divergimos muito do auctor do livro que estamos analysando, e apreciemos o modo como elle trata a questão, trasladando para um livro d'ensino a noção da atomicidade, como a admittem os atomistas. Muito bem, é o nosso juizo ao lê-lo n'esta parte de sua obra. O auctor, depois de indicar as differentes interpretações que tem sido dadas a respeito da atomicidade dos elementos, para apreciar o valor de cada uma d'ellas começa por estabelecer que nas theorias ha a considerar o methodo e a doutrina. Sob o ponto de vista de *doutrina*, a atomicidade é evidentemente variavel, diz o auctor; mas é preciso encarar tambem a questão de *methodo*, isto é, qual das hypotheses sobre a atomicidade é a mais propria a ligar os factos. Sob este ponto de vista não é licito admittir, como fazem Frankland, Delavaud e Erlenmeyer, a hypothese da saturação propria das atomicidades de cada elemento, de modo

(1) Veja-se o trabalho de Mascart, intitulado: *Les théories chimiques dans l'enseignement*, publicado na *Revue scientifique*, tom. XII (1873), p. 958-970.

(2) Mascart, professor de Physica no collegio de França, no trabalho citado.

(3) G. Wyrouboff, artigo citado.

(4) Comte, *Philosophie positive*, tome 3me. 3me édition, p. 35 a 37; Paris, 1869.

que a atomicidade manifestada, podendo variar, é sempre par ou impar; não só porque ella varia em alguns casos segundo a serie dos numeros naturaes, como porque esta hypothese faz depender a explicação dos factos de propriedades arbitrarias, mais difficeis de explicar do que elles proprios, porque resta dar a razão pela qual as atomicidades ora se saturam, ora não.

Tambem não se póde admittir, diz muito bem o auctor, sob o ponto de vista do methodo, a atomicidade variavel, como quer Wurtz: a atomicidade variavel vem difficultar, senão impossibilitar, toda a previsão fundada n'essa propriedade dos atomos, a qual se torna perfeitamente illusoria; acrescentemos que reduzida a estes termos a doutrina da atomicidade, em vez de explicar a lei das proporções multiplas, não passava de uma traducção grosseira d'ella. Portanto, o auctor encosta-se, como todos os sectarios mais logicos da atomicidade, á noção da atomicidade invariavel, e, como Kekulé, explica as excepções apparentes, quer pela consideração das *combinações moleculares*, quer *dobrando as formulas* de alguns corpos que se não prestam, com as formulas usuaes, ás ligações atomicas, como são o bioxydo de azoto AzO, o oxydo de carbono CO, etc. O snr. dr. Alvaro de Oliveira, rejeitando a hypothese caduca da distensão ou dissociação, com que se tem pretendido explicar a adopção de certas formulas correspondentes a 4 volumes, acceita-as sem embaraço, entendendo que do mesmo modo que o atomo não occupa necessariamente o mesmo volume para todos os corpos simples, tambem a hypothese de Avogadro e Ampère não obriga necessariamente a adoptar formulas correspondentes a 2 volumes, podendo acontecer que a menor porção de corpo que possa existir em liberdade seja formada de 2 moleculas ou mais. A questão vem, pois, a reduzir-se a considerar certos compostos, que não podem explicar-se pela atomicidade invariavel, como compostos moleculares. Mas, além de que não é sufficiente que a formula de um corpo seja atomicamente organisada, digamos assim, para ser racional o adoptal-a, porque o modo como os atomos estão ligados não deve estar em contradicção com a estabilidade relativa e o caracter thermico das transformações dos compostos; como tambem eu desejava que o auctor partisse de um outro caracter, que não fosse a atomicidade, para estabelecer a caracteristica dos compostos atomicos e dos compostos moleculares. O auctor certamente desenvolverá nos dous restantes volumes de sua bella obra as considerações relativas a este assumpto, palpitante

de interesse; achamos difficil a tarefa, mas ha muito que esperar da subida illustração e aptidão do auctor. Em todo o caso elle bem merece dos estudiosos em ter reduzido a questão aos termos precisos a que a reduziu, porque só assim é possivel estabelecer um corpo de doutrina homogeneo, baseado na atomicidade, na chimica mineral e na chimica organica; sendo certo que n'esta ultima, em que desde Kekulé, se admitte ou se tem admittido a invariabilidade da atomicidade dos elementos fundamentaes, ha na realidade feito um trabalho notavel de systematisação baseado n'aquella noção, impossivel com a hypothese desorganisadora da atomicidade variavel.

No estudo da *constituição dos corpos,* que é apresentado depois da theoria dos typos, que o auctor julga com criterio muito seguro, nota-se ainda o rigor logico com que elle procede na exposição das doutrinas.

O auctor teve o cuidado de fazer sentir bem o valor do que se chama *constituição dos corpos;* por estas palavras, diz elle, não entendemos o modo de existencia real dos radicaes compostos na molecula, nem o agrupamento real dos atomos nos radicaes; e sim o modo como podemos imaginar a ligação dos radicaes e a dos atomos, afim de conservar os factos e facilitar o descobrimento das relações geraes entre elles. Admitte dous systemas de formulas racionaes de constituição: as primeiras, que denomina de *constituição immediata,* traduzem o modo de existencia dos radicaes na molecula; as segundas, chamadas desenvolvidas, ou, pelo auctor, de *constituição elementar,* exprimem o modo de existencia dos atomos nos radicaes. No pensamento do auctor as formulas typicas são proprias para representar a primeira d'estas composições, e para traduzir, por meio dos radicaes que n'ellas figuram, o dualismo chimico subjectivo; as segundas são construidas tomando para base as ligações atomicas, deduzidas da atomicidade absoluta dos elementos.

Já demos a nossa opinião, quer sobre o dualismo, considerado como base logica da chimica, quer sobre a atomicidade como fornecendo elementos para determinar a constituição dos corpos. Diremos agora sómente que não se considerando o dualismo senão subjectivamente, as formulas de constituição immediata não correspondem em rigor, ao que se chama objectivamente composição immediata—pois que esta expressão está hoje consagrada á designação das partes constituintes de um corpo complexo, quer dizer, que não é uma especie chimica.

No capitulo immediato, em que o auctor percorre as principaes combinações chimicas—acidos, bases e saes—, é notavel a clareza e precisão com que expõe as leis de composição dos saes, das quaes resultou a noção de *equivalente chimico.*

Passa depois á exposição das causas que modificam a affinidade e das theorias sobre esta força, considerada como causa das acções chimicas. Apresenta primeiro os ensaios de explicação dados por Newton, Barchusen, Boerhave, Geoffroy, Stahl, Bergman e sobretudo pelo grande Berthollet, cuja obra —*Éssai de statique chimique*—mostra ter estudado com cuidado; depois passa em revista as theorias electro-chimicas de Davy, Ampère e Berzelio, que hoje cedem o passo á theoria thermo-chimica, que com tamanho trilho tem sido desenvolvida por um dos sabios mais illustres que conta a França e o mundo scientifico, o snr. Berthelot, passando, por isso, a apresentar um esplendido resumo da monumental obra d'este sabio—*Éssai de mécanique chimique fondée sur la thermochimie,* publicada em 1879, resumo que occupa no livro as paginas 188 a 238.

O capitulo seguinte que trata dos phenomenos de crystallisação e da crystallographia e termina pela resenha de um grande numero de corpos isomorphos, o que é de grande importancia na chimica, é seguido d'outro em que são expostas as theorias da combustão de Stahl e de Lavoisier, e revelada toda a importancia da systematisação dos phenomenos chimicos feita por este ultimo, systematisação que o investiu no gráo de creador da chimica moderna. Segue depois um esboço da *theoria dualistica,* que, devida ao mesmo chimico, foi desenvolvida, ampliada e energicamente defendida por Berzelio; sendo substituida mais tarde pela concepção mais geral da *theoria unitaria,* devida principalmente a Gerhardt e Dumas. Todos estes assumptos são tratados n'uma linguagem fluente, perfeitamente scientifica e com a clareza e precisão peculiares do auctor. Desejariamos ver aqui desenvolvido o pensamento do auctor—de como harmonisa o dualismo subjectivo, que para elle constitue a base da chimica, com a theoria unitaria, que parece aceitar.

Não devia o auctor deixar de tratar com desenvolvimento as bases da notação chimica, visto que sobre esse assumpto ainda se debatem actualmente duas escolas de chimica—uma das quaes segue o systema dos equivalentes, outra o systema atomico. A primeira tem como chefe em França o illustre Berthelot, que por diversas vezes, e ainda ultimamente no

seu livro, intitulado *La Synthèse chimique* e em diversas sessões da Academia das Sciencias em 1877 (1), atacou vigorosamente a theoria atomica, defendida com calor por Wurtz. Digamos desde já, para não sermos taxados de contradictorios, que é preciso distinguir este assumpto do da atomicidade. Nas criticas que se tem feito á theoria atomica muitas vezes se tem considerado conjunctamente o moderno systema de pesos atomicos e a theoria da atomicidade; mas, ainda que esta ultima se basêa no emprego dos numeros proporcionaes denominados pesos atomicos, ella não é uma consequencia necessaria da adopção d'elles, e ainda que fosse erronea, não affectaria por isso em cousa alguma os raciocinios e leis que servem para estabelecer os pesos atomicos. (2)

E na realidade o dr. Alvaro de Oliveira não deixou de tratar o assumpto á altura devida. Affirma que a marcha experimental para a determinação dos equivalentes é a mesma que para a dos pesos atomicos: por analyse e synthese de certos compostos chega-se a determinar os numeros proporcionaes de cada elemento, e o que resta é escolher aquelles que, sem mascarar as analogias entre os corpos, estejam alem d'isso d'accordo com as leis dos volumes de Gay-Lussac, as dos calores especificos e do isomorphismo. Assim enunciado o problema e estabelecido o criterio para julgar da valia dos dous systemas em litigio, o auctor, depois de expor os processos usados para determinar os equivalentes e os pesos atomicos e mostrar a influencia que sobre a sua escolha tem as leis referidas, conclúe, a nosso ver, muito bem, dizendo: «o systema de equivalentes e a notação que d'elle deriva não se subordinam a regras uniformes e simples; os fundamentos do systema dos pesos atomicos e da respectiva notação são mais solidos, e permittem descobrir e exprimir novas relações entre os corpos.» Conclusão analoga á de Marignac, que classifica o systema dos equivalentes de puramente convencional, muito arbitrario, e que não pode ter pretensão a valor scientifico.

O capitulo seguinte é consagrado á classificação dos elementos. «Desde muito tempo, diz o auctor, os chimicos reco-

(1) *Comptes rendus de l'Académie des sciences,* tome LXXXIV, pag. 977-983, 1108-1112, 1183-1189, 1189-1195, 1264-1268, 1269-1274, 1274-1276, 1347-1349, 1349-1352, 1407-1408, etc.

(2) GRIMAUX, *Théories et notations chimiques,* pag. 144; Paris, 1884.

nheceram que a unica classificação conveniente á chimica é aquella que distribua os elementos em familias naturaes, segundo as analogias que apresentam entre si, e ao mesmo tempo estabeleça entre essas familias e entre os corpos que as compoem uma ordem hierarchica, segundo o gráo crescente ou decrescente de analogia. Mas esta classificação, acrescenta, só é possivel quando se comparam todas as propriedades physicas e chimicas não só dos elementos como dos seus compostos, o que exige um estudo aprofundado d'estes e a sua classificação.

É o que explica que todas as classificações, quer dos elementos, quer dos compostos, deveriam ter e realmente tiveram um caracter provisorio; só pela reacção entre essas classificações é que ellas poderiam approximar-se de attingir o estado final.» Resumem-se os principios das classificações tentadas por Ampère e Berzelio, e depois são apresentadas as classificações dos metaes, de Thenard, e a vulgar em *metaes alcalinos, alcalino-terrosos, terrosos e pesados*. A notavel classificação dos metalloides, devida a Dumas, que ainda hoje é seguida, levemente refundida pela noção d'atomicidade, é em seguida exposta. Dá tambem o auctor uma ideia clara da classificação de Mendelejeef, fundada na *lei periodica* do mesmo chimico, segundo a qual as propriedades physicas e chimicas dos corpos simples e dos seus compostos constituem uma funcção periodica dos seus pesos atomicos; e, sem desconhecer as graves imperfeições d'essa classificação, reconhece que ella teve a importancia de limitar espontaneamente a quatro os gráos da atomicidade dos elementos.

O auctor expõe depois a classificação baseada sobre a invariabilidade dos gráos de atomicidade, reduzidos a quatro, e insiste sobre certas relações numericas deduzidas dos quadros a que chega. É um artigo este de bastante interesse. Sem dar, porém, aos referidos quadros uma importancia maior do que a que elles podem ter, e reconhecendo os inconvenientes que resultariam de uma classificação que rompesse muito com o ensino actual, o auctor, mantendo o principio da distribuição dos elementos em quatro grupos segundo a atomicidade dos elementos n'elles comprehendidos, adopta a divisão em metaes e metalloides, seguindo para estes a classificação natural, e para os metaes adoptando a distribuição de cada grupo em familias, comprehendendo os metaes que mais se approximam pelas suas analogias. Isto mostra que está ainda por achar o principio da classificação natural dos

metaes, e a atomicidade só forneceu um contingente de pouco valor para tal fim.

Como appendice o auctor estuda as relações que existem entre os pesos atomicos ou moleculares e as densidades, isto é, os *volumes atomicos e moleculares,* e dá perfeita ideia dos trabalhos a tal respeito e particularmente dos de Lothar Meyer, que fizeram sentir a lei que liga os volumes atomicos e os pesos atomicos.

Passa em seguida o auctor a expôr as generalidades sobre as propriedades physicas e chimicas dos metalloides e dos metaes. Entre as primeiras figura: o estado physico, a densidade, a dureza, a elasticidade, a malleabilidade, a ductilidade, a tenacidade, a forma crystallina, a textura ou structura, o brilho, a opacidade, a côr, a fusibilidade, a volatilidade, a dilatabilidade, a conductibilidade calorifica e electrica, as propriedades magneticas, a permeabilidade em relação aos gases, as propriedades spectroscopicas, demorando-se o auctor, e com razão, sobre o modo de realisar as observações spectroscopicas, que servem de base a um methodo preciso de analyse, a analyse spectral.

No estudo da classificação dos compostos, que segue immediatamente, é indicado o modo como Gerhardt encarou o problema da classificação dos compostos. Uma das vistas d'este chimico eminente persistiu na sciencia e ainda hoje presta os mais valiosos serviços. É a noção de *serie homologa,* applicada á classificação dos compostos organicos. A noção de *funcção chimica,* á qual se tentou sempre recorrer, não é menos valiosa; e é assim que ella serve ainda actualmente de base para a classificação dos compostos mineraes e organicos, ficando comprehendidos na mesma funcção aquelles que tem as mesmas propriedades chimicas geraes. O auctor expõe a classificação dos compostos de carbono segundo as suas funcções, classificação que não é senão a apresentada pelo eminente chimico Berthelot, com leves modificações; e, atomista como é, dá uma ideia da constituição elementar dos compostos que pertencem a cada uma d'essas funcções. Quer-nos parecer, porém, que as relações geneticas ou de geração synthetica fariam melhor do que os symbolos atomicos comprehender as relações entre as diversas funcções.

Postos estes preliminares, expõe os principios em que, em seu entender, deve repousar a classificação dos compostos. Julgamos util definil-os, a fim de que se faça ideia do rigor logico com que elle procede na exposição das doutrinas.

Os compostos distinguem-se em *atomicos* e *moleculares;* os primeiros referem-se a quatro typos, sendo definido cada typo pelo elemento de atomicidade mais elevada que entra no composto. Quanto aos compostos moleculares, a atomicidade não fornece meios de os classificar: provisoriamente, para facilitar o estudo, elles são collocados ao lado dos compostos atomicos mais semelhantes pelas suas propriedades. Uma vez distribuidos todos os compostos atomicos em 4 grupos, faz-se no interior de cada um d'estes a distribuição segundo as funcções chimicas: d'este modo em todos os grupos existem series parallelas, comprehendendo umas os fluoretos, chloretos, brometos e iodetos de todos os metaes mono, di, tri e tetratomicos (classificados estes segundo os pesos atomicos), outras os oxydos (anhydridos acidos, basicos, salinos, neutros ou indifferentes), sulfuretos, selenietos, telluretos; outras, os acidos, as bases, e os saes, etc. Se se tiver ordenado as series de cada typo segundo os pesos atomicos dos elementos que não são communs, teremos estabelecido para os compostos uma hierarchia analoga á dos elementos; isto é, elles se succederão segundo a ordem dada pelo valor crescente dos pesos moleculares, subordinando-se esta á que é estabelecida nos outros typos. Esta classificação, não pode ser ainda realisada em todos os detalhes, porque, como se vê, depende da determinação rigorosa da atomicidade de todos os elementos e do conhecimento das funcções de todos os compostos; mas mostra toda a elevação philosophica com que o auctor trata estes assumptos, e que se não descuidou de estabelecer os principios culminantes do seu systema, de modo a poder deduzir-lhe logicamente as consequencias.

Depois de um estudo geral das ligas, passa ao do ar e da agua, porque, diz elle, estes corpos constituem o duplo meio fluido que envolve o nosso planeta, e por isso influem necessariamente em todos os phenomenos chimicos naturaes e nos que são devidos á intervenção do homem, salvo quando, para impedir essa influencia, se empregam meios preventivos especiaes; além d'isso foi do verdadeiro conhecimento do ar e da agua que resultaram as principaes noções sobre os corpos simples da chimica. E assim, depois de feito o estudo d'este duplo meio fluido em que se passam quasi todos os phenomenos chimicos, termina este primeiro volume.

III

Para que nada faltasse n'esta obra é ella impressa nitidamente, e as estampas e gravuras que adornam o texto bem executadas. Sob este ponto de vista sobreleva a obra a outras publicadas no Brazil, que deixam muito a desejar.

A obra, que acabamos de avaliar, deve ser completa com a publicação de mais dous volumes, destinados ao estudo da parte especial e descriptiva da chimica. No segundo volume, que tratará dos elementos, são estudados os caracteres (genericos e especificos) que elles imprimem aos compostos; e bem assim apresentadas as formulas de todos os compostos, separando-se, por meio da noção da atomicidade invariavel, as combinações atomicas das moleculares. No terceiro serão estudados os principaes compostos, não comprehendidos os do carbono. Anceamos a publicação d'estes dous volumes, que, estamos certos, não serão menos accuradamente escriptos que o primeiro. E terminamos, dando um sincero parabem ao sabio e illustrado professor, que honra sobremaneira a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro e a sciencia brasileira. Esta felicitação é independente de qualquer manifestação de cortesia e de reconhecimento, que protesta ao auctor quem escreve estas linhas, pelo acolhimento bizarro que lhe foi feito, por occasião da sua ultima visita ao Rio de Janeiro, quando teve o prazer de com elle travar relações; certamente que nada mais agradavel a um professor obscuro e envolvido em sua modestia do que a hospedagem generosa dada em terra estrangeira pelos seus collegas no elevado apostolado do ensino. A nossa felicitação, porém, repetimol-o, é a franca manifestação do muito apreço em que temos o trabalho do auctor, util a discipulos e a mestres.

Porto, Março de 1884.

A. J. Ferreira da Silva,

Lente da Academia Polytechnica do Porto.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. pag. 356)

XII

DESCARNAÇÃO E MONTAGEM DE REPTIS E BATRACIOS

Os reptis podem conservar-se em alcool ou descarnarem-se e encherem-se como os mammiferos e as aves. O primeiro processo é util não só porque lhes conserva melhor as côres, mas tambem porque os conserva sempre em estado de serem descarnados. O alcool, que vulgarmente se emprega, costuma ser espirito de vinho misturado com uma pequena quantidade de agua, para lhe diminuir a força. Morto o reptil lava-se e enchuga-se bem a um panno; em seguida faz-se uma laçada n'um fio, passando-a pelo pescoço do animal e prendendo a outra extremidade do fio á rolha do frasco, para ser facil a extracção do exemplar. As rolhas devem ser de vidro; o ar não deve ser interceptado com lacre vulgar, que não impede a evaporação do alcool, mas com gomma arabica ou com o seguinte preparado geralmente empregado por todos os naturalistas, e que preenche complêtamente o fim a que é destinado:

Cera amarella
Resina ordinaria (breu dos marinheiros)
Oca vermelha em pó (oxydo de ferro)
Terebinthina.

A quantidade de cada substancia gradua-se segundo se quer o preparado mais ou menos espesso; a cera derrete-se juntamente com a resina, e quando o todo está liquifeito junta-se-lhe a oca, meche-se bem e deixa-se levantar fervura.

Depois de ferver durante cinco a dez minutos, deita-se-lhe a terebinthina, e, continuando a deixar a mistura ao lume, gradua-se a qualidade da argamassa por repetidas provas.

Logo que a julgarmos boa para o fim desejado, tira-se do lume e deixa-se solidificar. Durante esta operação é necessario ter toda a cautella para que o preparado não se inflamme, o que equivaleria á sua perda total. Quando quizermos

fazer uso d'elle, colloca-se ao lume, e logo que entrar em ebullição, dão-se com um pincel repetidas camadas nos intersticios do frasco, para que não fique orificio algum por onde o alcool se possa evaporar.

Quando se quer preparar um reptil que está em alcool, tira-se d'este liquido e mergulha-se em agua doce, onde se deixa permanecer durante cinco ou seis horas. Se se não fizesse isto, a pelle e os musculos contrahidos e endurecidos pelo alcool de modo algum se prestariam á operação, despedaçando-se ao minimo esforço. Posto isto, indicaremos as difficuldades que offerecem os reptis, seguindo pela ordem das suas divisões, isto é, *chelonios, saurianos* e *ophidios*.

Os chelonios, subdividem-se em *tartarugas terrestres, tartarugas de agua doce* ou *aquaticas* e *tartarugas de agua salgada* ou *maritimas*. O corpo da tartaruga compõe-se de uma casca, cuja parte superior se chama concha *(carapace)*, tendo a inferior o nome de couraça *(plastron)*. As tartarugas devem ser preparadas em quanto quentes, visto haver grande difficuldade na extracção da carne quando mortas ha muito tempo. Se a concha está unida á couraça só por uma delgada cartilagem, separa-se com o escalpello, mas se ambas constituem um todo continuo, é necessario fazer uso da serra de ourives. Separam-se a cabeça e os membros, sem cortar a pelle, descarnando-se pelos processos conhecidos. Na descarnação do pescoço, ao chegar á cabeça, não se volta sobre si a pelle d'esta, por isso que sendo coberta de escamas, estas deteriorar-se-iam no decurso da operação, mas extrae-se a massa cerebral pelo orificio occipital, sem o alargar muito, o que tornaria defeituoso o exemplar, visto estar n'este sitio a pelle muito unida ao craneo. Dá-se preservativo, collocam-se os arames e enchem-se os exemplares, seguindo os mesmos processos já descriptos para com as aves. Ao terminar a operação une-se a concha á couraça por meio de colla forte, collocam-se os olhos e envernisa-se.

Nos saurianos (crocodilos, caimões, camaleões e lagartos) deve haver cautella na descarnação, para não cahir a especie de escama que os reveste, ou para não se despedaçar a cauda, que em algumas especies é tão sensivel que mal se lhe pode tocar, procedendo-se o mais rapidamente possivel á dissecação, para os exemplares não perderem as côres.

Se fôr de verão, collocam-se n'um sitio secco, onde não lhes chegue o sol, e de inverno n'uma estufa. Para coser a abertura deve-se empregar um fio delgado, e dar os pontos

muito unidos para que a costura fique disfarçada o mais possivel. Os ophidios compõem-se de duas subdivisões: *serpentes venenosas*, e *serpentes não venenosas*, que se descarnam do mesmo modo, tendo cautella, como já indicamos, de tirar ás especies perigosas, os dentes e a vesicula, que, depois de prompto o exemplar, se tornam a collocar; uns e outra collam-se com gomma arabica ou seguram-se com cêra. Costumam alguns preparadores, visto ser muito grande nos ophidios a abertura da bocca, operar por ella a descarnação. Este processo não é util, por isso que a cabeça não póde ser bem descarnada, e mesmo soffre deteriorações no decurso da operação; alem d'isso é depois difficil de montar, ficando sempre defeituosa. É preferivel abrir uma fenda no abdomen a distancia do pescoço (se o animal tem de ficar com elle erguido), e descarnar-se pelos processos já conhecidos, tendo com a cauda as cautellas já indicadas para com os outros reptis. Chegados ao craneo (como algumas especies são n'esse sitio ornadas de grandes escamas que se soltariam se voltassemos a pelle sobre elle, como fazemos com os mammiferos e aves), levanta-se a pelle sómente com o cabo do escalpello, dando-lhe sabão arsenical e introduzindo-lhe um pouco de algodão. Corta-se um arame do comprimento da serpente e introduz-se na direcção do eixo da pelle, que se enche em seguida com algodão, depois de lhe ter dado o necessario preservativo. Cosida a abertura resta dar-lhe a posição que póde variar muito, podendo o animal ficar enrolado sobre si, em volta d'um tronco, caminhando, etc.

Estas posições não são tão faceis de dar como se imagina, por isso que é necessario, ao encher a serpente, não lhe tornar todo o corpo cylindrico, o que só tem lugar muito proximo da cauda; o restante até á cabeça é achatado no ventre e elevado nas costas. Se queremos a serpente enrolada n'um tronco deve ter-se em vista que as voltas sejam dadas com naturalidade e nunca bruscas. As serpentes, ao caminhar não seguem em linha recta, mas sim dando voltas em fórma de S, para se firmarem e poderem seguir; para as enrolar sobre si, deve sempre ter-se em vista que a cabeça fique no centro, pois que ellas tomam esta posição com a cauda firme e volteando o corpo sobre ella. Os batracios subdividem-se em *batracios sem cauda*, taes como os sapos, rãs, etc., e *batracios com cauda* como as salamandras, proteus, sereias, que se preparam do mesmo modo e havendo as mesmas cautellas indicadas para com os saurianos.

XIV

DESCARNAÇÃO E MONTAGEM DOS PEIXES

O processo mais seguido para a collecção de peixes é introduzil-os, como os reptis, em frascos com alcool, visto que d'este modo os specimens conservam melhor as côres do que os descarnados; antes de serem introduzidos em alcool é necessario laval-os, enchugando-os em seguida a um panno de linho. Os processos para a descarnação de peixes são varios, mas sem nenhum attingir os desejados resultados.

Linneu aconselha collocar os peixes ao ar livre até que a putrefacção desenvolvendo-se desligue a pelle da carne; extrahir-lhe então esta, e limpar-lhe bem a pelle, que se estende entre papel botanico, tal qual como fazemos para seccar uma planta. D'ahi a dias, logo que o papel, que se muda amiudadas vezes, tem absorvido toda a humidade, tira-se a pelle e enche-se de gesso. George Graves, naturalista inglez, diz ser util deixar corromper os peixes que se querem preparar, visto ser a descarnação mais facil d'este modo. Descarnam-se e enchem-se como os reptis, com a unica differença do preservativo (que se compõe d'um pó formado por duas partes de pedra-hume e uma de arsenico) ir de envolta com a estopa. O naturalista francez Boitard, depois de dividir os peixes, quanto ao modo de embalsamar, em *cylindricos* e *chatos*, diz:

«Os peixes, a que chamamos *cylindricos*, são os que tem quasi a fórma d'um *lucio* ou d'uma *carpa;* os *chatos* são os sargos, linguados, solha, azevia, etc.»

A maior parte dos peixes são ornados d'uma pelle escamosa reflectindo as mais bellas côres e os mais brilhantes reflexos metallicos, mas, infelizmente, ainda não se descobriu o modo de lhe conservar todo esse brilho, e por maiores que sejam os cuidados do preparador nunca este conseguirá conservar-lhe toda a belleza.

Logo que se achou um peixe cylindrico, lava-se em muitas aguas a fim de o limpar completamente da materia viscosa que o cobre, e faz-se em seguida sob o ventre uma abertura longitudinal que se prolonga até ao nascimento da cauda. Descarnam-se e cortam-se as barbatanas na sua articulação com o corpo; descobrem-se depois as costas e emfim a parte visinha da cauda, que se córta e desliga da sua extremidade, quer dizer da barbatana caudal que o termina. Volta-se a

parte do lado da cabeça, e descarna-se do mesmo modo, isto é sem dobrar a pelle, mas simplesmente fazendo-a tombar sobre os lados, porque se se operasse d'outro modo, sem duvida alguma, se iam desligar as escamas. Chegados á cabeça, corta-se esta entre a primeira vertebra e o craneo, que se não descarna, porque isso seria extremamente difficil, senão impossivel, mas esvasia-se pelo orificio occipital e pelos opercullos das guelras. Arrancam-se os olhos e dá-se-lhes do mesmo modo que á pelle uma boa camada de preservativo. Preparam-se dois arames de comprimento egual ao do peixe; o primeiro, curvo no terço inferior, é destinado em parte a atravessar a cabeça e a região inferior do corpo; a outra, o terço curvo, deve sahir pelo ventre, servindo de supporte ao peixe. O segundo arame, curvo no terço superior para se ligar ao primeiro, atravessa a parte posterior do corpo e firma-se na barbatana caudal, á qual, para a conservar perfeitamente desviada, se junta um outro pedaço de arame, que fará com o primeiro uma especie de forquilha, fixando-o na parte inferior e vergando-o á volta d'elle. Preparada esta carcassa introduz-se a forquilha na cauda e o restante arame na parte opposta do corpo, sahindo pelas guelras. As duas extremidades curvas devem-se encontrar externamente na parte media do corpo; juntam-se e vergam-se uma sobre as outras para as fixar solidamente. É necessario encher, em seguida, o peixe com estopa muito fina, e, depois de se lhe dar as formas, recose-se a incisão com muito cuidado para se não despedaçar, vista a extrema finura da pelle.

Terminada esta operação lavam-se e enxugam-se as escamas sujas durante a descarnação, colloca-se o animal no sócco e dão-se-lhe varias camadas de essencia de terebinthina até que fique completamente embebido. Este verniz offerece a dupla vantagem de apressar muito a dissecação e de conservar parte das côres. Dá-se posição ao animal, collocam-se os olhos artificiaes, estendem-se as barbatanas que se mantem na posição conveniente, comprimindo-as entre duas laminas de cortiça ou de cartão, e põe-se em seguida a seccar n'um lugar arejado, mas com pouca luz, para não perderem muito a côr.

Durante a dissecação dá-se-lhe todos os dias uma camada de essencia de terebinthina, e logo que estiverem promptos tiram-se as placas de cortiça ou de cartão e dá-se-lhes uma leve camada de verniz copal branco. Se tiverem perdido uma grande parte das côres, podem-se-lhes restituir, pintando-os com côres transparentes dissolvidas em agua gommada, ou

essencia de terebinthina, não se envernizando senão depois de finda esta operação.

Quando o peixe que tivermos de preparar pertencer á familia das enguias ou aos generos visinhos, descarna-se e monta-se como as serpentes, e se fôr chato faz-se a incisão sob o ventre, no meio da columna vertebral. A preparação das grandes especies de peixes exige cuidados particulares.

Fende-se o animal desde a cauda até á maxilla inferior, fazendo passar a incisão perto das barbatanas, quando ellas se acham-se nas mesmas linhas, e descarna-se, separando a pelle da carne e a gordura que lhe póde estar adherente, por meio do escalpello, servindo-nos para segurar a pelle, primeiro d'uma pinça, depois dos dedos.

Extrae-se-lhe a lingua, massa cerebral e olhos, pela abertura da bocca; tiram-se os ouvidos e em seguida todas as partes carnudas da cabeça, que se lava o melhor possivel. Se o peixe é muito grande e se quer economisar o sabão arsenical, bastará polvilhar o interior da pelle e da cabeça com uma mistura de cinza e cal em pó. Depois de se terem passado os arames, como já dissemos, enche-se o corpo segundo os mesmos principios, mas empregando para isso musgo ou palha, segundo o tamanho do animal. Assim preparado, colloca-se n'um supporte e estendem-se as barbatanas. Se o peixe tem barbatanas abdominaes, é preciso então fazer uma abertura na tabua atravez a qual se fazem passar para as estender, e n'esse caso a tabua é sustentada por duas travessas, uma em cada extremidade. Estendem-se estas barbatanas entre dous pequenos paus que se reteem na posição que se lhes quer dar, fixando-os na tabua, e operando-se em seguida de egual modo para com a cauda.

Se os ouvidos devem ficar fechados, colla-se por cima uma tira de papel; se pelo contrario se querem abertos, fazem-se uns artificiaes, que se collam e fixam por meio de tiras de papel, para os manter n'uma posição natural.

A bocca, se a quizermos aberta, mantem-se n'esta posição por meio de estopa ou alfinetes. É necessario para conservar o mais possivel as côres a estes animaes, operar a sua dissecação o mais rapidamente possivel, o que se póde obter, collocando-os n'uma estufa ou n'um fôrno de padeiro uma hora depois de ter sido tirado o pão. Logo que o animal está secco, tiram-se as tiras de papel e os pequenos paus ou alfinetes que serviam para manter em posição as differentes partes do corpo, e passa-se sobre o todo uma leve camada de verniz.

Não é possivel, sem enormes despezas, dispor os peixes demasiadamente grandes em vitrines, e por isso os colleccionadores usam suspendel-os do tecto ou collocal-os no cimo dos armarios que conteem as outras collecções, limitando-se os cuidados a limpal-os do pó algumas vezes por anno.

Notaremos que não é necessario empalhar um peixe em seguida á morte, porque a experiencia tem patenteado que as escamas estão mais fortemente seguras á pelle um ou dous dias depois do animal morto, do que quando está fresco.

Comtudo não é preciso esperar que a putrefacção seja grande; basta que principie a ser trahida por um pequeno cheiro.

Quando se limpa o interior da pelle d'um peixe é preciso ter cuidado em não lhe tirar a pellicula adherente de côr prateada, porque sem ella o animal perderia uma grande parte da sua belleza. Esta pelle prateada e algumas vezes dourada, é de tal modo tenue, que a maior parte das vezes sae aos pedaços, sendo preciso, para dar um ar de vida ao animal, substituil-a por folha de prata ou de ouro, segundo o methodo empregado no museu de Berlim. O brilho do metal pouco atravessa a pelle do peixe, mas esse pouco basta para lhe restituir uma parte do brilho natural; estas laminas metallicas applicam-se o melhor possivel e mantem-se em posição, calçando-as por detraz com algodão.

Naumann diz ter conservado um grande numero d'annos, exposto ao ar entre insectos destruidores, um *acipenser sturis* que não tinha recebido preservativo algum interno além de cinza e cal, e exteriormente só fôra garantido com uma camada de verniz composto de colophania derretida e misturada com essencia de terebinthina.

(Continúa)

EDUARDO SEQUEIRA.

3.º ANNO | 1 DE OUTUBRO DE 1883 | N.º 10

NOTICIA

SOBRE UM TRATAMENTO NOVO, EM PORTUGAL, NAS DOENÇAS DA PELLE POR CAUSAS CONSTITUCIONAES—LEPRA, VULGARMENTE DENOMINADA ENTRE NÓS E NO BRAZIL—MORPHEA—E SYPHILIS

Hebra, no seu tratado de doenças da pelle, indicando varios meios empiricos, até hoje empregados no tratamento da lepra, inclue, entre outros, o chaulmoogra e a hydrocotylo asiatica, considerando-os, depois das experiencias de Danielssen e Boeck, definitivamente inefficazes.

Em o numero 7 de 1 de abril de 1883 da *Coimbra Medica* insere-se um artigo, em que Mr. Richard Mortiner noticía um tratamento pela hydrocotylo asiatica, bem succedido em quasi todos os casos de uma doença psoriaca, que considera como a fórma da dermatose que denominamos morphea.

Confesso que, depois da sentença proferida por Hebra e não reconhecendo, na fórma psoriaca de uma dermatose, a lepra, que na sciencia toma o nome de morphea, segundo alguns auctores, sob a sua fórma maculosa, continuei considerando a lepra uma doença incuravel; e portanto, os doentes que entre nós e no Brazil denominamos vulgarmente morpheticos, poderem apenas obter os bons resultados de uma muito provavel contemporisação, rara attenuação e rarissima cura; pelos cuidados hygienicos e por uma therapeutica exclusivamente symptomatica.

N'este estado de espirito, surprehendeu-me uma noticia de um cliente meu, dignissimo membro da colonia ingleza entre nós, Mr. F. Mieurre Turner, sobre os prodigiosos resultados obtidos na India, no tratamento da lepra, por uma substancia de origem nativa—o chaulmoogra.

Descri; porém, devo á benevolencia e ao devotado interesse de Mr. Turner, para um fim humanitario, a adquisição de documentos, que primeiramente me levaram a reconsiderar,

sobre as affirmações de Hebra; e posteriormente á applicação de um tratamento que, a confirmarem-se os resultados tão numerosos e completos, obtidos já por alguns medicos no estrangeiro; e a accentuarem-se os já obtidos, n'uma pratica incipiente entre nós, constitue um poderoso auxilio a contrapôr aos terriveis e pertinazes effeitos da lepra e da syphilis.

Para justificar, pois, o meu raciocinio, deverei principiar expondo as premissas sobre que elle assenta.

As propriedades medicinaes do oleo de chaulmoogra são conhecidas dos fakires, na India, como curativo especial das doenças da pelle e especialmente da lepra — vulgarmente denominada entre nós, morphea. Na India e China remonta esta applicação a épocas tão affastadas, que podemos suppol-a já em uso entre as tribus aborígenes. Todavia, só ha trinta e quatro annos foi, pela primeira vez, introduzida esta applicação nos hospitaes de Calcutta, pelo Dr. Frederick S. Mouat, e em Cantão pelo Dr. Hobson.

A pratica vulgar e antiquissima deu a observação scientifica uma confirmação plena, seguindo-se e multiplicando-se os estudos de investigação, que por fim levaram a formularem-se os preparados de chaulmoogra, na pharmacopea indiana; e a empregarem-se, em todos os hospitaes e asylos de leprosos, na India.

Sanccionada a applicação, importava salvaguardal-a da extensa e abusiva especulação que a adulterava ou mystificava. O Dr. W. Dymock, de Bombaim, determinou com a maxima precisão, todas as condições de adulteração e mystificação as mais vulgares, indicando a respectiva technica para uma prompta e efficaz investigação. Transcreverei estes resultados ao terminar esta noticia.

Noticiada e garantida a applicação, indiquemos a sua origem natural, caracteres physicos, physiologicos e therapeuticos.

O oleo de chaulmoogra, nome vulgar porque é conhecido na India, obtem-se pela expressão ou pela cocção da amendoa da semente da planta — Gynocardia odorata — Chilmoria dodecandra — nativa do Pegu, Tenasserim e d'outras regiões da

peninsula Malaya; d'onde se estende para a India, não habitando nas regiões centraes nem occidentaes. A temperatura ordinaria conserva a consistencia de pasta molle, tornando-se liquido pela acção do calor.

Quando em natureza e condensado, offerece uma côr de cera amarellada. Liquido, toma a do xerez puro.

Offerece cheiro desagradavel e caracteristico.

Quando ingerido provoca gosto desagradavel; e, consoante a dose ou os individuos, nauseas e vomitos. Applicado sobre a pelle, em natureza ou encorporado á vaselina ou sabão, é possivel encobrir-se-lhe o mau cheiro e amacia a pelle. Ingerido n'um involucro capsular garante-se a tolerancia para o gosto, no primeiro momento da ingestão; passado este, a nausea, a regorgitação até ao vomito prejudicam-lhe a acção momentanea ou definitivamente, consoante a tolerancia dos doentes.

Militou por muito tempo esta sua acção contra o seu uso interno; todavia, o maior numero de observações, conhecidas até hoje, foram feitas no uso do oleo puro, em emulsão, em capsulas ou misturado ao leite. Diz-se perfeitamente tolerado pelas crianças.

Hoje substitue-se-lhe com superior vantagem, nas applicações internas como nas externas, um principio activo d'elle extrahido — acido gynocardico — que a observação therapeutica mostrou representar fielmente a acção curativa do oleo, n'um corpo de composição mais simples, mais determinavel e produzindo maiores effeitos, em menor massa; d'onde resulta: que administrado o acido gynocardico, sob a fórma pillular, o seu gosto não se accusa ao paladar; e que, no emprego de menor massa, prevenimos melhor a tolerancia, para uma substancia que, ainda em menor porção, será mais activa; d'onde, e ainda, um tratamento mais rapido e energico; quando a opportunidade é condição essencial e a mais attendivel em therapeutica.

Não ha, que me conste, observação alguma a determinar os effeitos physiologicos dos preparados de chaulmoogra; todavia, concluirei desde já, antecipando uma inducção que os resultados therapeuticos, aqui expostos, creio justificarem. Os preparados do chaulmoogra realisam uma acção local e geral, modificadora da nutrição, nas suas perturbações locaes e geraes, no sentido a reconstituir o organismo, quando influenciado por doenças graves, como — a lepra, sob as suas fórmas tuberosa, maculosa, anesthesica; a syphilis, a escrofula; e em estadios mais adeantados — ulcerativo e de necrose; e, local-

mente nas de caracter phlegmasico, actuando como antiphlogistico.

Exporei alguns dos resultados therapeuticos, d'entre os que me são conhecidos, e que considero sufficientes a justificarem a asserção que acabo de fazer. Todos são anteriores a 1881.

A estatistica do Dr. David Young, de Florença, é a mais completa, sob o ponto de vista do tratamento da lepra, nas suas tres formas: tuberosa, anesthesica, maculosa e formas mixtas; o que se explica naturalmente, attendendo á distribuição geographica da lepra, em regiões da Europa, Africa e Asia; representando assim Florença um ponto mais accessivel, e favoravel ainda pelo clima, á concentração d'esta clientela especial. — Vinte e tres casos de lepra anesthesica, quinze da tuberosa, quatro da maculosa, onze de formas mixtas. Total, cincoenta e tres casos, obtendo, em todos, os mais beneficos resultados, em proporções differentes, consoante a gravidade da forma da doença; concluindo — que é um tratamento efficaz, por completo, na forma maculosa precoce e ainda na anesthesica. Os doentes eram todos adultos e na proporção de tres homens para uma mulher. (Transcripto do *British Medical Journal*, March, 26, 1881).

A estatistica indiana offerece-nos, como era de esperar, um maior numero de observadores.

Um doente pela lepra anesthesica inteiramente inhibido de fazer uso de seus braços — não podendo levar aos labios um copo com agua — , no uso do oleo sob a forma capsular, readquiriu completamente o uso dos seus membros.

Em muitos outros doentes pela forma psoriaca obteve a completa cura. (Dr. James Startin — St. John's Hospital for Diseases of the Skin — Transcripto do ibd. June, 25, 1881).

Do *Edinbourgh Medical Journal* — vol 1, July, 1855 to June 1886, transcrevemos a noticia seguinte:

Relatando a maneira barbara como, sob a administração do governo chim, são tratados os indigentes leprosos nos asylos, onde uma qualquer forma da doença é, para todos os effeitos, considerada incuravel; e onde, ainda os esforços de alguns missionarios medicos inglezes e americanos tinham sido infructiferos; expõe, por fim, a estatistica dos resultados obtidos no tratamento, pelo oleo de chaulmoogra, no Missionary Hospital, em Cantão, sob a observação immediata do Dr. Hobson.

Este resume as suas observações nas palavras, que textualmente transcrevo: «Observei dous casos de cura confirmada; muitos outros beneficiados, exigindo o tratamento a ma-

xima perseverança, por alguns mezes. O começo da cura manifestava-se pela gradual e progressiva depressão, nas partes proeminentes — tuberosidades —; pela diminuição da côr avermelhada, mais ou menos carregada ou arroxada; e, com o apparecimento de uma pequena descamação nos seus bordos, coincidia readquirir a parte central a côr e aspecto normaes».

Note-se que os dous casos, apenas de cura confirmada, se dão n'um conjuncto que, pelo quadro que se nos expõe das progressivas melhoras, deveremos qualificar de formas tuberosas; medicadas em local, onde a doença é endemica, em individuos de condição miseravel, soffrendo a funda depressão moral, por um desprezo que a propria auctoridade sancciona.

Lembre-se ainda que houve dous casos de cura confirmada, e um que houvera só?! quanto a esperar de um tratamento realisado n'outras condições de meio e de doente, e pelo uso do acido gynocardico, mais toleravel e energico, do que pelo oleo, alli empregado?!

Reconheça-se, agora e sempre, que na justa apreciação de um tratamento qualquer deverá attender-se ás condições individuaes ou communs a um conjuncto de doentes, sob as mesmas influencias de meio, por um prazo mais ou menos prolongado. N'este, como em todos os momentos da preoccupação medica, deverá lembrar que o organismo — se acceita e portanto apropria a si a acção do meio; tambem, por isto mesmo, imprime-se um maior ou menor grau, quantitativo e qualitativo, da apropriação d'essa mesma acção; e o medicamento, elemento mesologico que a medicina apropria, está fatalmente e por inteiro, n'este caso.

Até aqui o novo tratamento da lepra e de variadas formas graves das dermatoses.

Vejamos o tratamento, egualmente novo para nós, de uma outra doença não menos grave e pertinaz — a syphilis —. Um soldado vagueando, no uso de sua baixa, pelas ruas de Calcutta em permanente estado de embriaguez; de aspecto asqueroso; sem nariz, pela destruição de todos os seus tecidos; a abobada palatina amollecida em sua parte ossea; á superficie extensamente excavada por fundas e graves ulceras, que se estendiam ainda á pharynge e larynge, a ponto de não poder emittir som algum. Por repetidas vezes fôra considerado incuravel e abandonado pela medicina.

O Dr. F. J. Mouat, professor de Materia medica no Bengal Medical College, referindo este caso, entre algumas notas sobre medicamentos nativos, publicadas nos *Indian Annals of Medical Science,* April 1883; diz — «Limpas as partes ulceradas e tratadas convenientemente, empregaram-se, como medicação interna exclusiva, os preparados de chaulmoogra; e a cura foi completa».

Não readquiriu, por certo, as partes destruidas; porem, evitou a morte fatal, e embora definitivamente disforme, o doente deixou de o ser; porque o Dr. Mouat accrescenta — ter-se a cura confirmado, por um consideravel melhoramento da constituição do doente.

Torna-se assim, em presença d'este caso, evidentissima a acção especifica d'este agente contra a syphilis; mas, sobre tudo é attendivel a apropriação definitiva de um meio que, por sua unica e exclusiva acção, offerece, nos casos mais graves, resultados que o mercurio só poderá realisar, actuando sobre uma constituição robusta; ou quando, necessitando associar-se-lhe um tratamento tonico, o organismo possa resistir á triplice acção da syphilis, do mercurio e do iodeto de potassio.

Acção therapeutica tam determinadamente especifica, para vicios de nutrição como a lepra e a syphilis, não poderia ser indifferente a outras doenças, que tam estreitamente se relacionam com aquellas, e as mais das vezes se lhes filiam, nas multiplices e variadissimas formas da hereditariedade morbida, taes como: a gotta para a primeira e o rheumatismo para a segunda.

No mesmo jornal, d'onde transcrevi a noticia da notavel estatistica do Dr. Young, de Florença, referem-se os bons effeitos d'este tratamento nas doenças rheumaticas e rheumatico-gottosas; e reforça-se a affirmação, citando as impressões de um individuo que, ao recordar a experiencia em si proprio dizia — «Havia um mez que eu fôra presa de um subito e severo ataque de rheumatismo; e, tam agudas eram as dores que por dous dias e duas noites, não podera conciliar o somno; e sem poder mover ou usar das mãos. Seguindo-se-lhe uma aguda febre, durante vinte dias, considerava-me perdido ou para sempre impossibilitado de trabalhar; quando, eu receio que vós o não accrediteis, apoz á applicação do oleo em fricções, durante tres horas, readquiri o uso de minhas mãos e nenhuma dôr senti mais.»

Affirma-se ser este testemunho digno de toda a confiança e confirmado por beneficos resultados d'esta applicação em ar-

ticulações mais ou menos ankylosadas, deslocadas ou esmagadas, no homem e em cavallos.

Para combater a nevralgia empregara-se egualmente, associando-se-lhe a camphora, o chloroformio e o menthol.

Termino a exposição dos factos observados fóra do paiz, transcrevendo uma opinião auctorisada e que exprime, summaria, o conceito de todos os que teem praticado este tratamento.

O professor Richard Jones, ao voltar, da India para a Inglaterra, de uma commissão scientifica, diz:

«Ao voltar, para Inglaterra, de novo inquiri e encontrei serem os preparados de chaulmoogra um especifico, nos casos de consumpção; quando applicados contra doenças, que determinem graves perturbações da constituição; representando egualmente uma pedra de toque, pelos seus beneficos resultados, nos casos de lupus e syphilis secundaria; devendo considerar-se um poderoso modificador, pois exerce uma acção certa e rapida. A sua acção curativa é ainda frisante nas doenças escrofulosas das creanças».

Justifiquei uma comprehensão synthetica sobre os dados da observação extranha; passarei a publicar os resultados da observação propria.

Data apenas de mez e meio a applicação que tenho feito do oleo de chaulmoogra misturado ao leite, no uso interno; e em natureza ou encorporado a sabão ou pomada, no uso externo; taes quaes, e ainda devido á benevolencia de Mr. Turner, vieram por sua intervenção de Londres.

Não era possivel verificar, em tam curto prazo, a sua acção especifica; tanto mais, que deverá esta manifestar-se, nos casos mais graves e apoz um tratamento da maxima perseverança por alguns mezes, pelo menos. Todavia, posso offerecer uma pequena estatistica, que creio dever considerar-se comprovativa:

Dez casos de eczema, tres diffusos e dous da face e mãos, em creanças; os restantes, em adultos; tres do sexo femenino e dous do masculino; n'estes ultimos, localisado nos orgãos sexuaes.

Uso topico de lavagens com o sabão de chaulmoogra e agua á temperatura do corpo, como applicação exclusiva nos

adultos; o mesmo uso topico nas creanças, associando-lhe o uso interno do oleo misturado com o leite. Nos tres casos de eczema generalisado, em creanças, apoz á applicação interna e externa, durante vinte dias, existia apenas o rubor, e já sem tumefacção, na maior extensão das primitivas lesões; e apenas havia rubor, tumefacção e algumas papulo-vesiculas no pavilhão das orelhas e nas inserções d'este. Accentuadamente escrofulosas estas tres creanças, tinham soffrido repetidas erupções, conservando permanente um corrimento muco-purulento atravez os canaes auditivos externos. Verifiquei manifesta tolerancia, nas creanças, para o uso interno do oleo misturado ao leite; e, em dous casos, ao leite das proprias amas, préviamente extrahido para uma pequena colher. Dada a circumstancia da integridade relativamente grande nas funcções digestivas, durante a evolução do eczema, ainda de caracter agudo, contribuiu aquella, por certo ainda, para que o uso interno, associado á applicação externa de lavagens com o sabão, dessem a cura completa e confirmada, pelo desapparecimento do habitual corrimento muco-purulento; continuando as mesmas creanças ainda sob a medicação interna, em dose menor, a fim de uma confirmação definitiva.

Devemos pois concluir que este novo agente representa um topico de acção benefica e prompta, nas dermatoses de caracter phlegmasico; e modificador da escrofula, administrado internamente.

Confirmam-no ainda outras observações, que passo a relatar.

Tenho actualmente em tratamento tres doentes, soffrendo syphilides psoriacas e dous de syphilides tuberosas, um dos quaes offerece, em toda a face, um conjuncto de lesões, que fielmente representam a lepra ou morphea tuberosa, e que só poderiam distinguir-se de natureza syphilitica, attendendo aos precedentes do doente, á presença de lesões gommosas e de cicatrizes verdadeiramente caracteristicas de lesões syphiliticas.

Continuando todos no tratamento interno anteriormente prescripto, a applicação topica do oleo de chaulmoogra deu os seguintes resultados: Insufficiente estimulante na forma psoriaca, foi efficacissimo como moderador da momentanea irritação, que para um fim therapeutico, uma applicação topica de acido crysophanico provocara em dous d'aquelles casos, acompanhando actualmente na evolução curativa ao tratamento interno; e no terceiro caso, em começo de evolução morbida, of-

ferecendo tumeção inflammatoria a ponto de determinar fundas e numerosas fendas, pôde, encorporado á vaselina, inteiramente debellar todo o estado de aggravação, continuando a favorecer a tumefação restante.

Applicado ainda topicamente e em natureza, pela fricção, sobre as tuberosidades no morphetico-syphilitico, reconheço n'estas progressivo decrescimento; e, embora não offereçam, por emquanto, modificações regressivas; vê-se ter determinado a reabsorpção. Espero em breve obter os mesmos resultados que o Dr. Hobson descreve na cura dos leprosos.

Offereciam-se muito naturalmente estes casos á observação confirmativa da referida anteriormente a pag. 446; mas, se realmente o chaulmoogra possue uma acção anti-syphilitica e com as vantagens, que anteriormente apontei, reservo-me, para, no uso do acido gynocardico, quando elle se offereça ao mercado — e está-se em via de o obter — verificar esta acção. Comprehende-se todavia, que na ausencia do agente, que representa o principio activo do chaulmoogra, e pelas rasões anteriormente expostas, deveria, por emquanto, aproveitar apenas a sua acção topica, quando um tratamento interno anterior estava e continúa revelando effectividade crescente.

Já o mesmo não succede n'um caso de verdadeira lepra ou morphea que, sendo n'uma creança de 12 annos, offerece extrema toerlancia para o uso interno do oleo.

Estava ha quinze dias recolhido ao hospital dos lazaros e devo á condescendencia e boa vontade do meu collega Tito de Carvalho Malta o entregar-me o doente e consentir em sua remoção para o hospital da Misericordia; onde, conjunctamente com outros casos, n'este campo mais vasto e apropriado, está no uso do tratamento interno pelo oleo misturado em leite, fricções do oleo sobre todo o peito e ventre, uma vez por semana, e pomada de chaulmoogra sobre numerosos pontos ulcerados.

É infelizmente um caso desesperado, attento ao estado de profunda consumpção, em que esta infeliz creança se encontra. Filho de mãe morphetica e que succumbiu no mesmo hospital dos lazaros. Desde os nove annos soffrendo a doença, que descreve, nos seus caracteres da evolução, com uma certa vivacidade de espirito, que parece manifestar mais uma vez a lei das compensações physiologicas; por isso que, pode dizer-se que só tem ossos, pelle e cabeça. Difficilmente muda de decubito, não pode erguer-se do seu leito e menos suster-se; pois quasi que não existem já massas musculares.

Todavia, e apezar da diarrhea, tem apetite, e ingere, alem de outro alimento, quartilho e meio a meia canada de leite por dia, como bebida ordinaria.

Seria uma confirmação plenissima aos bons effeitos do chaulmoogra, por isso que é — lepra, hereditaria e consumpção extrema!! Mas, seria um resuscitado!!!

Aguardarei os crescentes resultados da minha observação, pondo-os immediatamente ao serviço da sciencia e portanto da humanidade. Contribuirá, seguramente por muito, o auxilio do meu collega Antunes Lemos, que, por ter visto citada a applicação do chaulmoogra, estava egualmente disposto a inicial-a, prestando-se da melhor vontade a cooperar, aproveitando, na enfermaria a seu cargo, os medicamentos de que eu já dispunha.

Pretendendo apurar todas estas observações no cadinho da comprehensão therapeutica dermatologica moderna, que assenta o seu criterio na determinação complexa da natureza, genero, forma, estadio e sede da doença; não descurando ainda das indicações physiologicas do sexo, edade, estado profissão, etc. etc., torna-se difficil, senão impossivel, determinar uma orientação completa e definitiva, para a applicação therapeutica de um agente, de que apenas se noticiam os resultados summarios, ainda pouco conhecidos no estrangeiro, e que o eram inteiramente entre nós ainda ha mez e meio.

Creio porem justificada a inducção, que anteriormente antecipei á exposição dos factos, sobre que assenta. Creio mais, pelos resultados da propria observação, se bem que incipiente — que, posto de parte o exaggero de uma efficacia therapeutica confirmativa de curas, em absoluto; o que, á priori e para todo e qualquer outro tratamento, exprime um contrasenso; os preparados de chaulmoogra representam medicamentos que, integrados em uma medicação devidamente racionalisada, poderão ser meios de cura, para um grande numero de doentes, de accentuado allivio para muitos outros; podendo ainda attribuirem-se-lhes propriedades hygienicas, de prevenção ás disposições escrofulosas, e por fim tuberculosas — extremo ultimo da miseria organica — nas creanças.

Publicadas as preparações de chaulmoogra e dadas todas as indicações ao meu alcance, terão todos os collegas o ensejo de cooperarem, como farão, para um resultado que n'este, como

em casos analogos, não pode ser completo pelo esforço de um só; podendo e devendo-o ser pelos esforços de muitos e coordenados no proposito de attingir á verdade. Para este fim, que o seu proprio assumpto qualifica e justifica, applicar-se-hão, assim e desde já, valiosas aptidões.

Preparados do chaulmoogra:

Para uso interno:

Oleo em natureza; o mesmo em emulsão, misturado ao leite, em envolucro capsular.

Acido gynocardico sob a forma pilular, mediante um extracto de lupulo, de genciana ou conserva de rosas.

Para uso externo:

Oleo ou acido encorporados a vaselina; sob a forma de pomada ou de sabonete.

POSOLOGIA

Ao contrario das preparações arsenicaes, que actualmente se recommenda applicarem-se em doses sensiveis, no tratamento das dermatoses; ao contrario ainda do que actualmente se recommenda, e pela mesma forma, para a applicação do iodeto de potassio, no tratamento da syphilis; os preparados de chaulmoogra deverão empregar-se graduada e progressivamente em doses crescentes, dentro dos limites seguintes:

De tres, seis a vinte centigrammas do acido; ou de tres, dez a trinta decigrammas do oleo por dose, tres a quatro vezes por dia, pouco depois das refeições.

Nas applicações externas de seis a quinze decigrammas do acido; ou, de tres a seis grammas do oleo; para trinta grammas de vaselina.

O sabonete, a pomada e as perolas offerecem-se no mercado officinaes, obedecendo aquelles limites posologicos.

Processo do Dr. Dymock para reconhecer a adulteração e mystificação do genuino oleo de chaulmoogra:

Medidas n'uma pruveta 1 a 1 $^1/_2$ grammas do oleo, deposita-se n'um pequeno vidro de relogio e projecta-se-lhe ao cen-

tro da sua massa duas gottas de acido sulfurico concentrado. Determinem-se os valores das amostras do oleo á face das tabellas que indicam os seus caracteres, antes e depois das reacções, seguindo-se parallelamente as conclusões sobre os valores das mesmas. Eis as tabellas:

Tabella para reconhecer adulterações do oleo de chaulmoogra

Caracteres da amostra antes da analyse	Caracteres da amostra apoz a analyse pelo acido sulfurico	Conclusões
N.º 1—Bella côr do xerez; consistencia fluida; nenhum deposito; cheiro forte a chaulmoogra.	Apresenta a principio a côr de sene, queimada; em seguida uma excellente côr de verde-azeitona, deposita massa similhante á resina pouco tenaz.	Genuino oleo extrahido a quente.
N.º 2—Côr do xerez, pallida; consistencia fluida; nenhum deposito; cheiro não muito forte ao chaulmoogra.	Apresenta a principio a côr de sene, queimada, e uma pequena massa resinosa envolve a gotta do acido. Pela agitação, o oleo offerece uma côr verde pallida e turva.	Uma terça parte de genuino oleo, obtido a frio, misturado ás duas restantes terças partes d'um outro oleo de baixo preço, provavelmente de gergelim.
N.º 3—Côr e consistencia do sabão molle do commercio. Forte cheiro a chaulmoogra.	Apresenta uma côr verde escura e turva. Pequenas particulas resinosas, separaveis posteriormente.	Provavelmente mistura do genuino oleo com algum solido gorduroso.
N.º 4—Côr do xerez, pallida; consistencia fluida; nenhum deposito; cheiro agradavel.	Apresenta a côr verde cinzenta turva. Nenhuma massa resinosa.	Mistura do oleo fervido com algum outro de baixo preço, provavelmente de mandubi, amendoim.
N.º 5—Eguaes caracteres.	Dito.	Dito.

Tabella para reconhecer mystificações do oleo de chaulmoogra

Antes da analyse pelo acido sulfurico	Depois da analyse pelo acido sulfurico
Oleo de mandubi, amendoim.	Toma a côr cinzenta.
» de cocoa	» » branca opaca.
» de ricinos	» » branca suja.
» de gergelim	» » verde pallida e suja.
» de linhaça	» » esverdeada cinzenta e suja, formando ainda um volumoso deposito resinoso tenaz e cinzento.
Varias gorduras animaes	» diversas cambiantes da côr cinzenta.

Prevenidos assim contra as misturas ou substituições, que o genuino oleo possa soffrer, o Dr. Dymock indica ainda os caracteres do oleo, extrahido da planta Hydnocarpus Wghtiana, da sua semente e amendoa, que se teem por muitas vezes tentado substituir ao chaulmoogra, considerando-os verdadeiro succedaneo. O oleo da Hydnocapus, quando obtido a frio, tem um cheiro similhante ao do chaulmoogra; porém é mais acre; a sua côr é esverdeada e similhante a algumas amostras do oleo de cajeput. Sob a acção do acido sulfurico, uma parte deposita massa resinoza tenaz, e o restante conserva a primitiva côr. O mesmo oleo, quando obtido a quente, offerece a mesma côr verde, mais carregada, e pela acção do acido sulfurico toma a côr do sene, queimada. As suas sementes não podem confundir-se com as da Gynocardia, sendo mais pequenas e achatadas. A amendoa, porem, é cinzenta escura, similhante á da Gynocardia. *Pharmaceutical Journal,* March. 1876 — Bombay, Feb. 25, 1876.

A reconsideração sobre a affirmação de Hebra justifica-se á face dos resultados apontados; e as tentativas da applicação de meios de origem nativa, e portanto empirica, são justificadissimas por numerosos factos, que a historia da medicina nos

relata; e ainda pela intenção e pratica do proprio Hebra, que nos diz a pag. 39 do seu «Traité des maladies de la peau»: (1)— «Nous employons les procédés les plus variés, qu'ils nous soient recommandés par des médecins, ou par des personnes en dehors de notre profession; nous en avons trouvé, parmi les premiers, de moins efficaces qu'ils n'aurient dû l'être, tandis que des remèdes populaires nous ont parfois rendu de grands et réels services.» (2)

Ora os preparados de chaulmoogra, de origem empirica, têem hoje a confirmação scientifica.

Depois, Danielssen e Boech precaver-se-hiam contra as mystificações e adulterações do genuino oleo de chaulmoogra?!

E dada esta duvida, muito plausivel á face dos resultados apontados, não se justificará seguirmos assim as pisadas do mestre, o proprio a confessar ter colhido mais e melhores fructos da arvore, de que o empirismo os colhe, pela natural e espontanea impulsão, no homem de qualquer condição, a investigar, a pedir á natureza os immensos thesouros que esta encerra; e que a sciencia poderá, como tantas vezes tem feito, cunhar em boa moeda, fazendo-a circular a bem da humanidade?!

Que este infimo real da minha lavra se encorpore a uma capitalisação crescente de uma tal riqueza é a intenção e o desejo de quem subscreve este trabalho.

Porto, abril de 1884.

URBINO DE FREITAS.

---

(1) «Traité des maladies de la peau», par Ferdinand Hebra—traduit et annoté par le Dr. Doyon — Paris, 1872.

(2) A que o traductor Dr. A. Dayon addita, em nota: «Aveu louable qui doit nous inspirer à la fois découragement et confiance, et qui pourrait conduire à une pratique plus heureuse, plus rationnelle même, si chacun de nous au lieu de repousser les secours de l'empirisme, en faisait l'objet d'une étude approfondie».

O *VERGOBRETO* GAULEZ E UMA PASSAGEM DE CESAR

(Transcripto com a devida venia do nosso collega «O Panorama Contemporaneo»)

Cedendo ás instancias de um amigo que me pediu um artigo para *O Panorama Contemporaneo,* aproveito a primeira occasião que se me proporciona para rectificar uma passagem da minha edição dos *Commentarios das campanhas nas Gallias* por Julio Cesar, edição ainda incompleta por circumstancias independentes da minha vontade, e para tornar conhecido entre nós o que se sabe a respeito do *vergobreto* gaulez.

Depois que o snr. Mowat publicou na *Revue celtique* (vol. v, pag. 121), dirigida pelo snr. Gaidoz, a sua interpretação de um monumento epigraphico descoberto em Saintes, podem considerar-se em numero de quatro os textos em que apparece a palavra *vergobreto.* Em primeiro lugar avulta a bem conhecida passagem de Cesar (I, 16): *Divitiaco et Lisco, qui summo magistratui præerant, quem vergobretum appellant Aedui, qui creatur annuus et vitæ necisque in suos habet potestatem.* Se bem que todos os editores hajam escripto *præerat,* na persuasão de que não havia mais do que um vergobreto ao mesmo tempo, cremos todavia com o snr. Mowat que deve adoptar-se a lição dos manuscriptos que são todos concordes em dar este verbo no plural, porquanto depois da discussão do illustre celtista parece não restar duvida de que havia ao mesmo tempo dois vergobretos e de que portanto Diviciaco era collega de Lisco na magistratura suprema. Na sua grammatica celtica (pag. 825 da 1.ª ed. ou 857 da ed. Ebel) Zeuss explica esta palavra pelo celtico *guerg* = *efficax* e *breth* = *iudicium,* equivalendo portanto a *iudicium exsequens.*

Segue-se depois uma glosa de Isidoro de Sevilha, extremamente concisa, é verdade, mas que tem o valor de nos mostrar que no seculo VII ainda se usava esta palavra.

O terceiro documento é uma legenda monetaria do teor seguinte:

CISIAMBOS · CATTOS · VERGOBRETO ·

Sabendo-se que o uso gaulez empregava para cada individuo apenas um nome proprio seguido ás vezes de um adjectivo patronimico para designar a filiação, não póde deixar de considerar-se

Cisiambos Cattos como referidos a dois individuos, tanto mais que, se representassem só um, a palavra *vergobreto* deveria terminar em *s*, desinencia do nominativo singular. A forma *vergobreto* é pois um plural ou um dual, que podemos comparar com o nominativo dual masculino em *o* do grego e do latim, como: ἵππω, *ambo, duo*. Esta inscripção em que se póde notar grande analogia com algumas legendas duumviraes das moedas municipaes da Hespanha, como:

COMPOSITO ET MARULLO IIVIR *(is)*,

vem confirmar o principio exposto da dualidade da magistratura dos vergobretos.

O ultimo documento é a inscripção de que fallei acima, reconstruida e interpretada com todo o rigor epigraphico pelo snr. Mowat. Esta, comtudo, não offerece prova alguma da eleição de dois vergobretos de cada vez. Mas as provas parecem já sufficientes. Ao sabio escriptor que tenho acompanhado n'este artigo, a dualidade d'esta magistratura affigura-se de grande importancia historica pòr explicar a facilidade com que se operou a transição do regimen municipal indigena para o regimen municipal romano, cujos principaes magistrados administrativos eram os duumviros annuaes. D'este modo os gaulezes estavam, com effeito, preparados para aceitar sem repugnancia a substituição dos dois vergobretos annuaes pelos duumviros, pois que a fórma da administração local permanecia apparentemente a mesma.

JULIO MOREIRA.

AS RESOLUÇÕES DO CONGRESSO GEODESICO INTERNACIONAL EM ROMA

Os representantes da Hollanda não tomaram parte na votação do congresso, em virtude de uma ordem do seu governo, que quer reservar a resolução definitiva da questão para a conferencia internacional convocada para Washington, no anno de 1884.

Os representantes de todos os outros estados, 28 ao todo, approvaram as seguintes resoluções tomadas pela commissão

especial, e que são recommendadas aos governos, para serem adoptadas.

1.ª Convém estabelecer a unificação das longitudes e das horas, tanto em interesse das sciencias, como no da navegação, do commercio e das relações internacionaes; o proveito scientifico e prático d'esta reforma compensa amplamente os sacrificios a fazer em trabalho e organisação. Deve, por isso, recommendar-se aos governos de todos os estados interessados, que organisem essa unificação por meio de um tratado internacional, para que se adopte, d'ora em diante, em todos os institutos e direcções geodesicas, ao menos para as cartas geraes geographicas e hydrographicas, e para todos os diarios astronomicos e nauticos o mesmo systema de longitudes, excepto nas datas, como, por exemplo, nas dos diarios de passagem e n'aquellas que teem de ser indicadas segundo o tempo do lugar, taes como nos estabelecimentos de portos, etc., as quaes, será conveniente, que fiquem referidas ao meridiano do lugar.

2.ª Apesar das grandes vantagens que resultariam para a sciencia e para a prática da adopção geral da divisão decimal do quadrante na marcação das coordenadas geographicas e geodesicas e das horas correspondentes, parece justificado por considerações eminentemente práticas renunciar á introducção da grande norma unitaria que propõe a primeira resolução.

Todavia, para satisfazer simultaneamente a estas considerações práticas e ás não menos importantes considerações scientificas, recommenda a conferencia n'esta occasião que, multiplicando-se e aperfeiçoando-se as tabellas necessarias, se adopte a divisão decimal do quadrante, ao menos para as grandes operações de calculo numerico, para as quaes esta ultima divisão possue incontestaveis vantagens, ainda que se continue a adoptar a antiga divisão sexagesimal para as observações, mappas, navegação, etc.

3.ª A conferencia propõe aos governos para primeiro meridiano o de Greenwich que é determinado pelo reticulo do instrumento de longitudes do observatorio respectivo. Este primeiro meridiano satisfaz a todas as condições exigidas pela sciencia e sendo elle já actualmente o mais usado, offerece maior garantia de vir a ser geralmente adoptado.

4.ª Recommenda-se que se contem as longitudes do meridiano de Greenwich só na direcção do occidente para o oriente.

5.ª Relativamente a certos *mistéres* da sciencia e ao serviço interno das grandes administrações de communicação como por exemplo nas dos caminhos de ferro, das carreiras de va-

pores, dos correios e telegraphos, a conferencia reconhece como util adoptar uma hora universal da qual fiquem naturalmente dependentes d'ora avante as horas locaes e nacionaes.

6.ª A conferencia recommenda para ponto de partida da hora universal e das datas cosmopoliticas o meio dia de Greenwich que coincide com a meia noite ou o começo do dia no meridiano situado 12 horas ou 180° a leste de Greenwich.

Prefere-se contar as horas universaes desde o até 24 horas.

7.ª É para desejar que os estados que teem de mudar de meridiano para marcar unitariamente as longitudes e horas, introduzam o mais cedo possivel o novo systema já indicado.

Emfim importa muito introduzir este systema desde já *no ensino publico*.

8.ª A conferencia confia em que, se todos os estados concordarem na unificação das longitudes e horas e aceitarem como ponto de partida o meridiano de Greenwich, a Inglaterra achará n'este procedimento um motivo para dar da sua parte um passo mais em favor da unidade de medida e de pêso, adherindo á convenção metrica de 20 de maio de 1875.

9.ª As resoluções acima citadas serão communicadas aos governos e recommendadas á sua bem intencionada ponderação, exprimindo-se ao mesmo tempo o desejo que, segundo a proposta do governo dos Estados-Unidos, se realize uma conferencia especial em Washington em 1884, para estabelecer o mais cedo possivel a unidade das longitudes e horas por uma convenção internacional.

FRANCISCO XAVIER MÜFFLER.

AS AVES EM PORTUGAL

(Ensaio d'uma lista)

PREFACIO

O estudo da ornithologia é um dos passatempos mais uteis e mais agradaveis para aquelles que se dedicam ao estudo da Historia natural e não desadoram a vida campesina.

O canto mavioso, a ligeireza dos movimentos, a rapidez do vôo e a elegancia das fórmas d'estes seres predispõem o homem em favor d'estas suas companheiras na viagem sobre a Terra.

O estudo da ornithologia tem tambem o seu lado prático, não só porque muitas aves são um alimento appetecivel, saboroso e sadio, mas tambem porque algumas são prejudiciaes e outras beneficas para a agricultura e horticultura. A ornithologia ainda nos conduz á interpretação de leis necessarias ao conhecimento de nós mesmo; como é sabido, foi em grande parte do estudo das aves que Darwin deduziu muitos dos elementos com que fundou a sua theoria da origem das especies, theoria da qual os criadores de animaes domesticos e os cultivadores de plantas podem tirar, e de facto tiram, notavel proveito no aperfeiçoamento dos seres vivos que servem de alimento ao homem.

A ornithologia é um vasto campo onde ha ainda muito que desbravar, e n'esta «Occidental praia lusitana» existem muitos elementos com que podemos contribuir para augmentarmos a somma dos conhecimentos humanos.

Com as sciencias dá-se o mesmo que com os exercitos em marcha. Se uma parte d'esse todo harmonico não póde acompanhar o corpo de exercito, este, ou ha-de demorar a sua marcha com risco de não conseguir o fim a que se propõe, ou ha-de abandonar aos seus proprios recursos os retardatarios que ficam expostos a ser envolvidos por uma força superior e aprisionados ou destruidos, compromettendo, talvez, a segurança do corpo de que faziam parte.

Do mesmo modo os varios ramos dos conhecimentos humanos, solidarios entre si, teem de caminh[illegible]mente.

Se um deixa de progredir, os outros resentem-se mais ou menos directamente do estacionamento d'aquelle.

A ornithologia em Portugal tem, por emquanto, raros adeptos. Esperamos porém que o numero d'estes augmente e que a fortuna bafeje este ramo da Historia natural como tem bafejado a Botanica, que, relativamente, tem angariado em Portugal um bem maior numero de amadores.

A minha predilecção pelo estudo das aves levou-me a esboçar durante os ultimos seis annos uns apontamentos sobre as aves de Portugal, apontamentos em que determino as epochas de chegada e de partida das especies emigrantes, os mezes em que soltam o seu canto, o apparecimento de especies raras, os nomes populares com que são conhecidas em varias localidades, etc.

O resumo d'estas indicações poderá, talvez, interessar algum amador, facilitando-lhe os seus primeiros trabalhos. A falta de melhor, poderão estes elementos ajudal-o nos seus primeiros passos. As difficuldades que se me depararam e os embaraços com que luctei quando principiei a dedicar-me a estudos ornithologicos por falta de guia que me indicasse quando e onde devia procurar os varios individuos, explicam e desculpam a tentativa que ora faço. N'esta lista ha necessariamente lacunas e imperfeições, não filhas da vontade, mas resultantes de muitos factores, entre os quaes se deve contar a impossibilidade de dispôr a meu talante do tempo que tenho escravo de deveres, da falta de exemplares de aves e de ovos que possam servir de termo de comparação aos que tenho collecionado, e finalmente de livros que se occupem d'esta especialidade.

D'estes conheço:

Nas «Instrucções práticas para a preparação de exemplares de Zoologia», do Ex.mo Snr. Dr. Barboza du Bocage uma lista das aves portuguezas existentes no museu de Lisboa.

Uma «Lista das aves portuguezas existentes no museu de Coimbra,» publicado pelo Ex.mo Snr. Dr. Albino Giraldes.

Uma lista do Snr. Smith no seu livro «A spring tour in Portugal». As informações dadas pelo senhor Smith foram quasi todas fornecidas pelo Ex.mo Snr. Dr. Barboza du Bocage, director do museu da Escóla Polytechnica.

Posteriormente ao apparecimento d'estas publicações os conhecimentos sobre ornithologia portugueza teem augmentado não só com a indicação de mais algumas especies, mas principalmente com observações sobre as emigrações.

Algumas especies reputadas raras são actualmente consi-

deradas como vulgares. E' porém necessario procural-as em sitios determinados e na occasião da passagem.

Outras especies tem sido separadas d'aquellas a que antigamente se suppunha que pertenciam, facto que se dá, por exemplo, com a Sitta Cœsia,—*Acredula irbii*—.

Com o decorrer do tempo é de esperar que se accumulem novos dados sobre as aves de Portugal cujo estudo deve interessar os dedicados á ornithologia, pois que, sendo este paiz o limite occidental da Europa, a sua avifauna contrasta com a do leste da Europa e muitas das especies de aves portuguezas são consideradas pelos ornithologistas como distinctas das do leste e do centro da Europa, sendo provavelmente muitas d'ella apenas simples variedades geographicas d'uma mesma especie.

Esta designação — especie —, como se tem visto desde que as obras de Darwin foram publicadas, é absolutamente arbitraria, sem significação determinada, mas para todos os effeitos práticos poder-se-hão porém considerar como especies differentes aquellas cuja prole não se reproduz por crusamento. Note-se comtudo que esta regra ainda não é geral, havendo excepções. Se se procedesse a experiencias n'um Jardim Zoologico afigura-se-me provavel que muitas das especies hoje consideradas como differentes crusar-se-iam com facilidade.

Convém decerto que se notem todas as variações geographicas de fauna dos diversos paizes, mas não se deve dar um valor exaggerado á classificação por especies.

Afigura-se-nos que o systema trinominal dos naturalistas americanos leva vantagem sobre o systema binominal de Linneo, quando se tome para base da classificação a medida da differença entre as aves.

Por exemplo o *Lanius excubitor,* poderia denominar-se *Lanius excubitor borealis;* e o *Lanius meridionalis, Lanius excubitor meridionalis.*

Os nomes de *Lanius excubitor* e *Lanius meridionalis,* fazem suppor que entre estas especies ha tanta differença como ha entre as denominadas *Lanius rufus* e *Lanius excubitor,* quando a differença entre os primeiros é muito pequena e entre os segundos é, pelo contrario, muito grande. No decurso d'este trabalho terei provavelmente occasião de accentuar d'esta maneira algumas differenças.

A ornithologia portugueza é tambem muito interessante em consequencia das grandes correntes de emigração das aves

seguirem no outomno do norte para o sul e na primavera do sul para o norte, dirigindo-se no inverno do interior para a costa.

Ao observador mais superficial não póde passar desapercebida a passagem de bandos de rolas, sombrias, poupas, tralhões, que se effectua nos mezes de setembro e de outubro e á qual se segue a dos pombos trocazes, lavercas, dourados, gallispos, alcorovães, etc.

No inverno apparecem á beira-mar aves que não se veem ali no verão, como, por exemplo, a cotovia pequena (a arborea), e o picanço real (L. meridionalis), que no verão se encontram nos montes do interior. Creio que o abaixamento da temperatura e a escacez ou falta de alimentação obriga estas aves a descer á planicie e procurar a beira-mar, onde o clima é mais temperado.

Um facto muito notavel é que as aves emigrantes que passam no outomno do norte para o sul não regressam por esta costa, a não serem as aves maritimas e ribeirinhas, além de outras excepções pouco numerosas, quando na primavera voltam para o norte.

Sabe-se que ellas á volta da Africa apparecem no sul da Hespanha, mas não costumam passar por aqui; á beira-mar, pelo menos.

Provavelmente seguem mais pela costa do leste de Hespanha.

Algumas das aves granivoras como o milheiro, serzino, pintasilgo, tentilhão, verdilhão, etc., voltam para o norte por aqui, mas é provavel que sejam estas as aves que passam o inverno no sul de Hespanha; e têm-se observado que do sul para o norte não viajam tão perto da costa como na passagem do norte para o sul.

As aves maritimas e ribeirinhas voltam muitas para o norte pela mesma costa.

Não é aqui logar para tratarmos mais detidamente este assumpto de emigração das aves, reservando-nos para n'outra occasião tratar mais detidamente d'algumas observações que tenho feito sobre a emigração das aves em Portugal.

Cabe-me o grato dever de dar publico testemunho de gratidão a todas as pessoas a quem sou devedor de exemplares de aves ou de esclarecimentos com que me coadjuvaram n'este trabalho, especialisando porém o meu serviçal amigo o Ex.mo Snr. José Maria Rosa de Carvalho, de Cellas, perto de Coimbra, conhecido pelo pseudonymo de «*amigo das andorinhas*»,

devotado naturalista, excellente observador, possuidor de muitos conhecimentos ornithologicos de campo e de gabinete.

A este amigo com quem me tenho correspondido por alguns annos devo muitos apontamentos, principalmente sobre as aves dos arredores de Coimbra e sobre as acquisições feitas pelo Museu Zoologico da Universidade.

Egualmente agradeço tambem e muito, ao meu amigo o Ex.mo Snr. Dr. Manoel Paulino d'Oliveira, lamentando que elle não continuasse no seu trabalho de collecção de aves. Em compensação, dedicando-se á entomologia, com a publicação da lista dos insectos encontrados por elle em Portugal, tem um notabilissimo serviço ao estudo da entomologia da Peninsula.

Tenho luctado com grandes difficuldades em certificar-me dos nomes vulgares das aves, porque em differentes localidades dão o mesmo nome a aves differentes, e outras vezes confundem os nomes, porque nem todos os camponezes possuem perfeito conhecimento das aves locaes.

Alguns porém ha que conhecem a terminologia ornithologica popular melhor do que era de esperar.

Esses nomes vão acompanhados com a designação da localidade onde a ave foi encontrada, o que não significa que ella deixe de ser conhecida pelo mesmo nome n'outras localidades.

Os nomes populares dos arrabaldes de Coimbra foram-me fornecidos alguns pelo Snr. Dr. José Maria Rosa de Carvalho e outros pelo catálogo no Museu de Coimbra.

Os outros nomes foram na maior parte colhidos por mim nas proprias localidades, com todas as precauções que poude tomar.

Terminarei esta lista com um certo numero de observações tendentes a esclarecer alguns pontos com referencia ás aves n'ella mencionada.

W. Tait.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. pag. 434)

O auctor francez *Nicolas* descreve assim um seu methodo de preparar peixes:

« Primeiro faz-se com uma tesoura uma incisão longitudinal no ventre do peixe desde o anus até á mandibula infe-

rior, e para começar a despojal-o agarra-se a pelle com pequenas pinças, e desliga-se das carnes, primeiro com a lamina do escalpello e em seguida com o cabo achatado, o que se continúa a fazer sobre todo o comprimento da abertura longitudinal, até que se tenha posto a descoberto um dos lados do animal.

«Em seguida, volta-se este do outro lado e procede-se do mesmo modo na descarnação d'esta parte da pelle; depois corta-se com a tesoura a espinha dorsal junto da cabeça, assim como todas as partes carnudas que lhe estão adherentes. Solta-se a cabeça, deixa-se cahir ao longo do pescoço, e acaba-se de desligar a pelle das costas até ao anus; logo que lá chegarmos pousa-se o peixe sobre uma meza, e para acabar de desligar a pelle, faz-se penetrar o cabo do escalpello entre a carne e a pelle que cobre a cauda. Feito isto com ajuda do escalpello volta-se a cauda, vagarosamente e com pouco esforço, até proximo das ultimas espinhas que apresentam a fórma d'um leque.

«Separa-se o corpo da pelle, cortando as espinhas e a carne junto da extremidade da cauda; arrancam-se os olhos, os ouvidos, e lava-se perfeitamente a cabeça. Depois de extrahida a carne é necessario macerar a pelle durante alguns dias n'um liquido proprio, retirando-a em seguida para lhe dar a fórma natural, o que se alcança do seguinte modo. Estende-se a pelle sobre uma mesa, e depois de bem collocada a cabeça na posição conveniente, enche-se um dos lados da pelle de terra argilosa molle misturada com muita areia fina, e calcando-a com os dêdos, faz-se-lhe tomar a fórma do corpo do animal: cobre-se, em seguida, esta especie de manequim com a outra parte da pelle, e deixa-se seccar, depois de ter unido o mais possivel as duas extremidades da incizão, por meio de pequenas tiras de panno. A pelle toma consistencia pela dissecação e conserva perfeitamente as fórmas, mas o animal, n'este estado, não está ao abrigo dos insectos destruidores, para o que é necessario tomar algumas precauções.

«Retira-se pela incizão longitudinal, com ajuda de pequenas pinças e levantando um pouco a pelle, toda a terra argilosa encerrada no corpo, o que é facil separando-a, com a lamina d'uma faca, em pequenos fragmentos; feito isto, cobre-se todo o interior de pomada de sabão camphorado, enche-se o corpo com estopa e coze-se a incizão longitudinal com pontos muito juntos para que a costura seja o menos visivel possivel. Depois d'isto collocam-se nas orbitas os olhos artificiaes, fixan-

do-os com uma pouca de cêra molle e passa-se em seguida sobre toda a superficie da pelle uma camada de verniz branco feito com tres onças de terebinthina, tres onças de sandaraca, uma onça de betume em gottas, 8 onças de essencia de terebinthina, e quatro onças de alcool, ou espirito de vinho de 30 a 32 graus, tudo em fermentação n'uma garrafa em banho-maria, isto é, n'um banho de agua a ferver. Tambem se póde empregar em lugar d'este verniz uma dissolução de gomma arabica.

XIV

CAÇA E PREPARAÇÃO DE INSECTOS

Todo o individuo que tiver de passar alguns mezes na aldeia, deve dedicar-se a colleccionar os productos da nossa fauna ou flora, para afugentar o tedio que o socego e a paz do campo provocará necessariamente em todas as pessoas habituadas ao bulicio e convivencia dos grandes centros. Aconselho áquelles que se não quizerem dar a collecções trabalhosas, durante a permanencia no campo, a reunirem os insectos mais vulgares na localidade.

A facilidade da caça e conservação, a abundancia e principalmente a belleza de algumas especies devem attrahir o principiante.

Direi, pois, o mais essencial, para as pesquizas entomologicas.

Os instrumentos de que o amador necessita são poucos e de pequeno custo.

Uma rêde fina, de malhas muito estreitas, presa a um arco de ferro e com uma pequena haste do mesmo metal, que se fixa n'uma vara de metro e meio de comprido.

Este instrumento serve para a caça de todos os insectos, com excepção dos lepidopteros. Para estes é preciso substituir a rêde por um pequeno saco de gase, visto alguns terem azas tão delicadas, que facilmente se deterioram com o embate da rêde.

Uma caixa de lata, ou folha de Flandres, tendo um duplo fundo de cortiça ou piteira, para espetar os specimens, e onde devemos, quando se parte para a caça, lançar alguma pimenta, camphora e uma esponja embebida em benzina, substancias proprias para matar promptamente os insectos.

Uma segunda caixa mais pequena, cheia de folhas de plan-

tas, para transporte de larvas, e um frasco de bocal largo, com alcool ou benzina, para mergulhar todos os insectos cujas côres não soffram com esse processo. A maior parte dos coleoptéros, orthoptéros e hemiptéros, podem ser transportados assim. Finalmente, uma pinça para tirar da rêde os que, como as abelhas, besouros, vespas, etc., se defendem cravando um ferrão, que, além de terriveis dôres, póde causar graves accidentes, e uma collecção de alfinetes de differentes grossuras para espetar os insectos.

Os insectos, que constituem a mais numerosa classe do reino animal, affectam muitas e extravagantes fórmas.

O corpo compõe-se de tres partes: cabeça, thorax e abdomen. Na cabeça ha a considerar os olhos, duas antennas e os orgãos da mastigação: o *thorax* compõe-se do *protothorax* onde se insere o primeiro par de patas, o *metathorax* com o segundo par de patas e o primeiro d'azas, nos insectos tétrapteros; e o *metathorax* com o segundo par d'azas e o terceiro par de patas.

O abdomen, composto de muitos anneis, possue os orgãos da digestão e reproducção. Dividem-se em *tétrapteros*, isto é, os que teem quatro azas, *dipteros* os que tem duas, e *ápteros* ou os desprovidos d'azas. Todos os insectos soffrem metamorphoses, isto é, passam por tres estados differentes antes de chegarem ao maximo desenvolvimento. Sahidos do ovo no estado de *larva,* vivem assim algum tempo, e depois passam ao de *nympha* ou *chrysalida,* isto é, a uma phase da vida em que jazem n'uma especie de torpor, quer envolvidos n'um casulo de sêda, quer na propria pelle, e, finalmente, chega a terceira épocha em que o insecto se apresenta já perfeito e proprio para a reproducção.

A melhor quadra para a caça dos insectos é a primavera, mas é conveniente procural-os todo o anno, para se alcançarem algumas especies que não apparecem n'aquella estação. Pouco depois de nascer o sol e quando o orvalho já tem desapparecido, é que se obteem mais facilmente; ao meio dia e resto da tarde, o calor dando-lhe mais agilidade faz com que nem sequer seja possivel aproximar-nos d'elles o necessario para serem colhidos na rêde. É preciso, para encontrar todas as especies de insectos, bater arbustos, explorar as hervas, as folhas caídas, os troncos carcomidos das arvores, levantar as pedras, cavar a terra, revistar os mammiferos, aves e reptis, onde muitas especies vivem como parasitas, e finalmente, não esquecer as aguas, quer correntes quer encharcadas. Com a

rêde, agarram-se não só as especies terrestres, mas tambem as aquaticas.

É superfluo noticiar o modo como se maneja este instrumento.

Depois do insecto estar dentro, aperta-se a rêde junto da bocca, com a mão esquerda, e com a direita impelle-se o insecto até ao fundo, onde se agarra exteriormente entre o pollegar e o indicador. Assim seguro, abre-se a rêde e introduz-se na caixa. Chegando a casa, ou melhor logo que se acabam de caçar, espetam-se dentro da caixa propria.

Os alfinetes de que nos servirmos para esse fim devem ser de grossura proporcional ao exemplar; tambem se podem, como aconselha o snr. A. Luso, substituir os alfinetes por picos do ouriço-cacheiro (*Erinaceus europœus*).

O lugar onde o alfinete ou pico do ouriço deve ser espetado varia segundo a especie.

Assim, aos coléopteros pica-se no elytro direito (isto é, no primeiro par de azas, coriaceo, que cobre e proteje as segundas azas membranosas); aos orthopteros e nevropteros entre a inserção das azas, e aos hemipteros, hymenopteros e lepidopteros, no meio do tronco.

Dispõe-se as antennas e pernas do modo mais natural, e colloca-se, na caixa, se já a não tem, uma pequena esponja embebida em benzina, para afugentar os insectos destruidores. De tempos a tempos, mesmo depois de collocados na collecção é bom renovar a benzina.

Muitos insectos podem ser conservados em alcool, e outros necessitam-no por isso que sêccos perdem as fórmas. E' bom, mesmo aos que se teem de espetar, dar-lhe um banho de alcool de 24° a 25° de Beaumé, durante um ou dous dias.

Para as borboletas, é claro que este processo é impossivel, visto que o alcool, além de lhe estragar as azas, lhes faria desapparecer o colorido.

Os insectos, que por muito pequenos, não podem ser espetados, collam-se com gomma arabica n'uma pequena lamina de talco ou cartão, espetando-se esta na collecção.

A todos os insectos que tiverem um abdomen muito volumoso, especialmente os coleopteros, mesmo depois de mergulhados durante tempo, no alcool, ou se lhe dá exteriormente no abdomen sabão arsenical, ou levantando os elytros e as azas membranosas que estão por baixo, fende-se-lhe o corpo, desde a inserção das azas até ao anus. Por esta abertura extrahem-se com muito cuidado os intestinos, dá-se uma camada

de sabão arsenical, enche-se com algodão, e termina-se a operação collocando os elytros e as azas no primitivo logar.

Os intestinos podem-se extrahir tambem pelo lado inferior do ventre, ou separando o abdomen do thorax e saccando o conteúdo pelo pequeno orificio que lhe fica patente; enche-se de algodão embebido em preservativo e une-se ao thorax, quer collando-o com gomma arabica, quer por meio de um arame que lhe passe atravez do corpo.

Havendo mais de um exemplar é bom collocar na caixa um de frente e outro de costas.

Uma collecção de insectos tem um valor incalculavel quando a maioria dos seus exemplares estão representados nos tres estados; isto é, no estado de larvas, no de nympha e no estado adulto.

As larvas conservam-se em alcool, e as nymphas, se estão envolvidas n'um casulo de sêda, matam-se ao calor de um forno e collocam-se na collecção, se pelo contrario o involucro externo é a propria pelle da larva, é mais conveniente conserval-as em alcool do que seccal-as.

Os insectos já antigos, a que se deseje mudar a posição, ou corrigil-a se está defeituosa, amollecem-se por um processo similhante ao que mencionamos para as aves. Passa-se um arame comprido atravez do thorax, e prende-se a extremidade inferior ao fundo de uma caixa, coberto com um ou dois dedos de areia humida, mas de modo que o insecto não esteja em contacto com ella.

Fecha-se a caixa hermeticamente, e d'ahi a um ou dois dias o exemplar tem adquirido a flexibilidade que possuia em fresco. Tambem se póde empregar, especialmente para os lepidopteros a vaporisação, isto é, podem submetter-se em um apparelho proprio a uma grande corrente de vapor que os amollece instantaneamente.

Posto isto, fallaremos de cada divisão em particular, e do modo de caçar e preparar os individuos que a compõem, principiando pela de mais variados e curiosos exemplares, os coleopteros.

Os coleopteros (escaravelhos, pyrilampos, cantharidas, gorgulhos, coccinillas, etc.,) são faceis de distinguir pelos elytros coriaceos.

Devem procurar-se na maior força do calor, ao meio dia, mas ha tambem especies que só apparecem de noite, e outras pela manhã, ou ao resto da tarde.

Quasi todas as especies podem mergulhar-se em alcool,

durante o espaço de algumas horas, não só para morrerem mais facilmente, mas tambem para ajuda da sua boa conservação.

Aquelles cujas côres vivas possam soffrer pela permanencia no liquido, mergulham-se e tiram-se passados momentos.

Como já acima dissemos, é preciso esvasiar o abdomen áquellas especies que o possuirem volumoso, para se não deteriorarem chegado o inverno. Devem, logo que se caçam, mergulhal-os no alcool, para os matar, por isso que alguns coleopteros possuem uma força tal, que mesmo depois de espetados chegam a arrancar o alfinete da cortiça, triturando então todos os outros insectos que estiverem na mesma caixa que elles. Para obstar a este inconveniente, tambem se podem espetar de costas, mudando-lhe o alfinete depois de mortos. E' necessario haver cuidado na sua caça, por isso que algumas especies mordem com tal força que chegam a fazer sangue.

A maior parte, mal sentem perigo, comprimem as pernas e deixam-se cahir no sólo, como mortos, de modo que não é possivel dar com elles.

Precisa o amador de logo que vir os insectos pousados n'um vegetal, estender sob elle um panno, ou um guarda-sol voltado, e agitar em seguida a haste para elles cahirem no receptaculo.

Os coleopteros encontram-se por toda a parte, tanto nos lugares sêccos e descobertos, como nos humidos e cobertos de vegetação. Ora estão escondidos sob pedras, nos montes de vegetaes sêccos, entre as plantas aquaticas, enterrados em materias excrementicias, nos animaes mortos, nos celleiros entre os cereaes, nas cavidades das arvores e nas aguas; ora passeando a descoberto nos jardins, estradas, muros, flôres, e até vivendo no interior das habitações onde alguns fazem guerra de morte ás materias animaes, como lã, cabello, etc.

Algumas especies cavam na terra uma habitação á entrada da qual estão á espreita de preza, escondendo-se no interior ao minimo signal de perigo.

Achada uma d'estas cavidades, bate-se com os pés o sólo em redor e lança-se agua pelo orificio; mas se o insecto não sae por estes processos, é necessario então introduzir um arame delgado pela cavidade, para se não perder o sitio, e em seguida cavar até dar com o animal.

As especies aquaticas caçam-se á rêde.

Habitam tanto as aguas correntes, como as estagnadas, e é facil de dar com ellas pela agitação que fazem á superficie

da agua, quer para virem respirar, quer por sobre ella deslizarem descrevendo linhas circulares.

Quasi todos mordem muito.

Os orthopteros (louva a Deus, baratas, gafanhotos, grillos, ralos, etc.), tem as azas superiores em fórmas de elytros, que em lugar de corneos, são molles, e as inferiores estão como as dos coleopteros dobradas em fórma de leque.

Como o insecto logo que sáe do ovo apresenta os mesmos caracteres dos adultos, com excepção das azas, que ainda são rudimentares, deve sempre procurar-se exemplares que tenham azas completas.

Acham-se nos montes aridos, entre a herva dos campos, nos jardins, habitações, lugares humidos e sombrios e até no interior do sólo.

Alguns, mal se veem captivos mordem furiosamente, pelo que é bom agarral-os com a pinça. As baratas, são nocturnas e encontram-se facilmente nos lugares humidos, nas cosinhas, celleiros, etc., e os ralos, cavando um pouco n'um jardim, são ás duzias.

Esta, e a especie anterior, devem conservar-se em alcool, por isso que seccando perdem as fórmas. Os gafanhotos caçam-se á rêde e conservam-se uns com as azas fechadas e os outros com ellas abertas, como as borboletas, para patentearem o brilhante e variado colorido. São vulgares nos prados, jardins, bosques, etc. Os grillos nos montes aridos e pouco elevados é que construem a sua habitação, que consiste n'um orificio de cinco a seis pollegadas de profundidade. Trahidos pelo ruido monotono, causado pelo rapido attrito de certas partes do corpo umas com as outras, caçam-se, quer introduzindo pelo orificio uma haste de graminea, quer lançando-lhe agua. Ha uma especie que habita os fornos dos padeiros e os fogões das cosinhas.

(Continúa).

EDUARDO SEQUEIRA.

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, v. pag. 405)

VI

A LOUÇA DAS ALDEIAS. FIGURINHAS E COSTUMES POPULARES; IMAGENS DE DEVOÇÃO. OS MATERIAES DE CONSTRUCÇÃO; OS BARROS PORTUGUEZES. AS PHOTOGRAPHIAS DA EXPOSIÇÃO.

Nunca se viu tanta louça popular de uma nacionalidade, junta n'uma exposição publica. Isto foi attestado por varios membros distinctos da colonia estrangeira do Porto, que estão habituados a viajar todos os annos pela Europa, e que conhecem as exposições especiaes que se fazem em South-Kensington e no museu austriaco de Vienna.

Este ultimo realisou em maio do anno passado uma exposição especial de fórmas de vasos para liquidos *(Krugen und krugartigem Gefässen)*, em que predominavam os vasos da ceramica, mas como se tratava de uma exposição de *fórmas*, e especialmente do estudo da anatomia dos vasos, foram admittidas as fórmas em metaes, em marfim, em crystal, em madeira, as fórmas entretecidas com elementos vegetaes, (vime junco, etc.) A exposição de Vienna não era, portanto, de ceramica, exclusivamente. (1)

É impossivel analysar em um artigo o trabalho de mais de cem localidades que concorreram com louça popular, representando outros tantos productores, isto é, metade do numero total dos expositores. Teremos de ser muito laconicos, como o fomos com relação á louça das cidades. E avisamos isto, para que se não diga depois que esquecemos este ou aquelle expositor. Escolheremos apenas os nomes mais salientes, ou os

(1) *Katalog der Special-Austellung von Krügen und krugartigen Gefässen.* Wien, 1881. 8.º peq. Exposição promovida pelo «Museu austriaco de artes industriaes» no seu proprio palacio, e aberta a 4 de Maio de 1881. Não deve o leitor estranhar a presença de fórmas *entretecidas* com material vegetal; antes do homem inventar o torno do oleiro, moldava os vasos de barro em fôrmas tecidas com juncos mais ou menos finos, como se prova ainda pela impressão que esta materia deixou no barro (ceramica prehistorica); este processo ainda é usado por alguns povos barbaros.

grupos, sendo aquelles desconhecidos. É sabido que a Sociedade encarregou a pessoas dedicadas o estudo da industria de olaria nas proprias localidades, e que essas pessoas correram o paiz desde Valença até Sagres, desde Elvas até Lisboa, colhendo informações, noticias, e productos de muito interesse.

Tudo quanto está na exposição é, pois, authentico: nome do fabricante e da localidade, nome do objecto, preço, etc. O trabalho de exploração tem de ser continuado nos proximos annos, não só por causa da olaria, já convidada a segundo certamen em 1884, mas por causa da industria dos tecidos da esculptura em madeira, dos metaes, etc.

As regiões do paiz mais bem representadas na exposição são: ao norte, a região de Valença, Vianna e Barcellos. Os concelhos de Villa Verde e de Barcellos, especialmente, teem um grande numero de expositores, distribuidos por numerosas freguezias. Deve-se esta riqueza ao trabalho e especial dedicação do snr. Joaquim de Azuaga, digno chefe da estação de Barcellos.

Tambem teve o gosto de vêr quatro expositores populares do seu concelho premiados com menções honrosas.

Não menos notavel é a região de Braga e Guimarães. A louça popular do Prado é celebre em Portugal. Vieram de lá fórmas admiraveis. Um cantaro de Guimarães, com rosetas applicadas em relêvo e polvilhadas de mica branca, brilhante, attrahe a attenção de todos os visitantes. Foi exposto pelo snr. Antonio Alves da Costa Guimarães, e mereceu um dos tres diplomas de merito da secção de louça popular.

A região á volta do Porto (Gaya,) enviou bonitos exemplares, especialmente Coimbrões, e os lugares da Costa e do Outeiro. E' especialmente louça preta, de bello aspecto e variadissimas fórmas. Antes de passarmos o Douro devemos mencionar a região de Villa Real, muito abundante e distincta, e a de Mirandella. Tambem expozeram Alijó, Chaves, Moncorvo, e um grupo de localidades que bordam o rio Douro, ficando assim soffrivelmente representada a provincia de Traz-os-Montes.

Estamos convencidos que a colheita será muito mais abundante na proxima exposição. São dignos de nota os vasos para agua de Mirandella com padrões imprensados em baixo relêvo. E' o trabalho usado com formas de pau da região de S. Sebastião de Sobredo, Ericeira, Mafra, etc., mas em sentido inverso; as fórmas dos vasos parecem ser menos numerosas do que as das localidades da Extremadura, mas são dignos de nota.

Passando o Douro entramos n'uma provincia, que deveria estar mais bem representada. Os grupos Ovar, Aveiro Coimbra, Figueira, Lamego e Vizeu são muito interessantes e contém numerosos objectos, mas não dão uma ideia exacta da grande producção das aldeias da Beira. A Beira Baixa é pobre, relativamente, mas a Alta tem tanto ou mais do que algumas provincias do paiz juntas. Falta principalmente a região do valle do Mondego, subindo de Cêa até Celorico, com Guarda, Pinhel, etc.

Os delegados da Sociedade eram poucos, com obrigações publicas e particulares de familia, luctando com a desconfiança dos pobres oleiros, que viam por toda a parte agentes do fisco e correndo as aldeias mais remotas do paiz no meio dos calores de julho, agosto e setembro.

Não fallamos nas difficuldades de transportes, mas é impossivel deixar de alludir a este ponto, porque nem o pobre oleiro póde luctar com ellas, nem uma Sociedade que vive apenas da mensalidade dos seus membros (300 réis) póde fazer grandes despezas. O oleiro vegeta na miseria, em geral, n'uma miseria de que não fazem a mais leve ideia aquelles que só vêem as cousas por oculos côr de rosa e se regalam nas fôfas cadeiras das secretarias, argumentando só com a alta cotação das inscripções, e esquecendo que o alto juro do papel official é uma das causas da pobreza de capital nas provincias, e da usura colossal que o pobre industrial popular tem de saldar com a vida, porque o suor do rosto já não chega para isso.

Fazemos esta observação porque alguns collegas da provincia accusaram esta ou aquella região de não haver concorrido. Nós, que sabemos perfeitamente que o triste oleiro tem muitas vezes de pedir dinheiro emprestado para fazer uma pequenissima fornada, cujo exito é incerto, que conhecemos a profunda miseria que lavra na maior parte das provincias do paiz, apesar de todos os *melhoramentos materiaes*, devemos recommendar toda a benevolencia para com a triste gente. Vejam essa miseria com olhos enxutos, e depois accusem, se tiverem animo.

Fazemos só uma excepção, como já foi dito, com relação ás Caldas da Rainha, cujos oleiros faltaram aos deveres mais elementares da cortezia, tendo sido sempre muito favorecidos pela imprensa e pelo publico nacional e estrangeiro, em troca de trabalhos que não merecem mais favor do que muitos outros do paiz, que nada lhe ficam a dever.

O que se faz em Coimbra e principalmente em Aveiro,

n'uma fabrica fundada ha cinco mezes apenas, é digno de toda a attenção. A industria das Caldas que se tenha em guarda! A louça popular de Coimbra tem reputação, como a do Prado, e merece-a; é bem cosida e offerece fórmas proprias, originaes. Em torno de Aveiro a producção é abundante; citaremos Vagos, Ossella, (louça preta), Ilhavo.

E' de toda a justiça mencionar o auxilio, que a Sociedade deve ao snr. dr. Julio Henriques, professor da Universidade, que escolheu os objectos de Coimbra com muito tino e bom gosto. De Coimbra devia esperar-se uma participação mais activa. Era um bom exemplo para a região do campo, que os oleiros da cidade deviam dar, e estes teem alguns meios e caminho de ferro.

Da Extremadura concorreram as regiões de Leiria, Porto de Mós, Ericeira com S. Sebastião de Sobredo, d'onde vieram typos formosos, com lavores em alto relêvo, feitos com moldes de pau. Sobresahe particularmente uma talha, cuja similhança de familia com certos typos hispano-arabes antigos, é evidente. Da Extremadura podia e devia vir muito mais, se os recursos da Sociedade de Instrucção fossem abundantes. Ainda assim a somma dispendida com louça popular, foi importante e mais importante o custo do transporte, que faz caras essas peças baratissimas!

Um não pequeno numero de objectos chegaram em mau estado, com difficil cura, outros totalmente perdidos. Ainda assim, que extraordinaria riqueza de fórmas, que abundancia, que variedade, e quantas aptidões preciosas, tradicionalmente conservadas! Não sabemos o que será de tudo isto, se a Sociedade não acudir a tempo, colleccionando os typos populares de cada industria tradicional.

Vejam, por exemplo, a que estado de decadencia chegou a antiquissima industria de olaria no Alemtejo. Em Extremoz, no centro mais celebre, vegetam uns *oito* oleiros; apenas um se póde dizer mais remediado, e esse mesmo paga um juro exorbitante pelo dinheiro de que carece no inverno, epocha em que o negocio está parado.

Que importa que o snr. Falk, (1) o eminente especialista do *Museu austriaco* de Vienna, atteste que o barro de Extremoz é, pela sua natureza, semelhante á *terra sigilata* da antiga olaria greco-romana, se as peças feitas d'esse barro se

(1) *Zur Kultur und Kunst Studien.* Wien, 1878, pag. 301.

vendem com 600 por cento de usura nos mercados de Lisboa e Porto, pagando-se com seis e sete tostões um morim que lá não vale mais de 80 reis? Temos aqui um crime de lesa-nação, um attentado contra a vida do operario, contra os interesses do paiz, que não póde nem deve consentir que uma industria das mais antigas seja totalmente arruinada por meia duzia de verdugos, que servem de intermediarios entre o oleiro e o publico.

Não poderia a camara municipal de Extremoz encarregar a venda de objectos de barro a casas respeitaveis de Lisboa e Porto? E' um dever, é obrigação sua pôr termo a uma exploração inaudita. O mesmo diremos da louça das Caldas, que se vende em Lisboa e Porto com uma usura de 200 por cento, e tudo isto, porque o pobre oleiro não tem o mais pequeno capital que o ajude a estabelecer relações directas com os grandes centros de consumo do paiz. Se as camaras municipaes julgam tudo isto muito abaixo da sua dignidade, então façam o favor de nos explicar quaes são os interesses locaes que merecem a sua preferencia, o seu desvelo, o seu paternal carinho?

O commercio que vive á custa de similhantes expedientes arruina-se a si, arruina a industria, e arruina o paiz.

E bem dignas eram de larga protecção essas terras que se chamam Crato, Elvas, Campo Maior, Extremoz, Villa Viçosa, Redondo, Reguengos, Evora, Beja, Serpa, Castro Verde, etc. Em uma pequena área em torno de Extremoz uma grande abundancia e variedade de barros e uma disposição particular rara, para a industria da olaria, a condição do material e a condição da mão de obra, igualmente favoraveis. Na tapada real de Villa Viçosa ha grandes jazigos de barro, de excellente qualidade, á flôr da terra, que podendo produzir incalculaveis beneficios, apenas servem para fazer uns tijolos e adobos informes, ou uma telha ordinarissima. Em toda a villa, maior do que algumas cidades do paiz, e antiga residencia dos duques de Bragança, não ha uma industria local; ruas desertas, grandes palacios arruinados, e nem sequer a mais modesta hospedaria onde se possa dormir...

Descendo para o Sul do Alemtejo, a producção diminue. O centro mais activo para além de Beja é Castro Verde; para o lado do Atlantico ha ainda Beringel, e para o lado opposto Baleizão, ao pé de Serpa, que teem productos expostos.

(Continúa).

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 414)

886. E. Volkmari Panz.

Sturm. Ins. XXIII, p. 11, pl. 409.

Vizella!.

887. E. opacus Mul.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 529.

Bussaco!.

GENRE ESOLUS MULS

888. E. parallelopipedus Mull.

Steph. Ill. Brit. II, p. 108, pl. 13, f. 5.

Serra do Gerez (L. v. Heyden!).

889. E. carpetanus Clemens.

D'après une lettre de Mr. L. V. Heyden il a trouvé cette nouvelle espèce, que je ne connais pas, dans la Serra du Gerez. Elle doit être décrite prochainement dans une monographie du genre.

GENRE MACRONYCHUS MULLER

890. M. 4 tuberculatus Mull.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, pag. 536.

Je posséde un seul individu du Portugal.

HETEROCERIDAE

GENRE HETEROCERUS FABRICIUS

891. H. holosericeus Rosh.

Ros. Thier And., p. 114.

Felgueira!, Vizella!, Doúro!, Coimbra!.

892. **H. fusculus Kiesw.**

Sturm. XXIII, p. 70, pl. 419, f. k.

Estarreja!.

893. **H. curtulus Fairm.**

An. Soc. Ent. Fr. 1868, p. 477.

Azambuja (J. Antunes!).

894. **H. punctatus Bris.**

An. Soc. Ent. Fr. 1866, p. 373.
Senescens Kiesw.

Espinho! Azambuja (J. Antunes!).

LUCANIDAE

GENRE LUCANUS LINNÉ

895. **L. cervus L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 936.

Coimbra!, Bussaco!, Bragança!.

V. *Lusitanicus Hope.*

Hope Cat. Luc. 1845, p. 9.

Serra do Gerez!.

V. *Capra Oliv.*

Oliv. Ent. I, 1 p. 11, pl. 1, f. e.

Coimbra!.

896. **L. Barbarrossa F.**

Berb. Ent. Zeit. 1860, p. 68 et 265, pl. 7, f. 30.

Extrêmement rare dans les environs de Coimbra, mais on le trouve fréquemment près de Leiria.

GENRE DORCUS MAC LEAY

897. **D. parallelopipedus L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 640.

Je l'ai trouvé presque partout dans le nord du Portugal.

GENRE PLATYCERUS GEOFFROY

898. **P. caraboides L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 942.

Serra d'Estrella!, Chaves (M. Macedo!).

V. *Virescens Muls.*

Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 595.

Serra de Rebordaos!, Serra do Gerez!.

SCARABREIDÆ

COPRINI

GENRE ATEUCHUS WEBER

899. **A. sacer L.**

Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 45, pl. 1, f. 1.

Azambuja!, Beja!, Monchique!.

900. **A. puncticollis Latr.**

Mem. Mus. Hist. Nat. V, p. 7, pl. 18, f. 14, *parumpunctatus Klug*, Symh. Phys. pl. 42, f. 2.

Arrifana! (près Guarda), Freineda!.

901. **A. variolosus F.?**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 753.

D'aprés Illiger trouvé par le Comte Hoffmansegg, dans le sud du Tage.

J'ai trouvé seulement dans les environs de Lisbonne l'es-

pèce suivante très rapprochée de celle-ci, et pas encore décrite dans l'époque de Illiger.

902. **A. cicatricosus Luc.**

Lucas. Exp. Scient. Alg. Ent. 1849, p. 249, pl. 2, f. 5.

Lisboa!, Pedrouços!, Faro (Bar. de Mattzan!).

903. **A. laticollis L.**

Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 51.

Commun partout.

GENRE SISYPHUS LATREILLE

904. **S. Schaefferi L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 61.

Serra do Gerez!, Caldellas (S. da Silva!), Lisboa!, Serra de Monchique (P. Aguas!).

GENRE GYMNOPLEURUS ILLIGER

905. **G. Mopsus Pall.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 755.

Azambuja (J. Antunes!), Leiria (Dr. Vieira!).

906. **G. Sturmii Mac Leay.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 756.

Azambuja (J. Antunes!), Lisboa.

907. **G. cantharus Er.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 757.

Mentionné du Portugal par Illiger.

908. **G. flagellatus F.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 57.

Commun dans le nord.

GENRE CACCOBIUS THOMSON

909. **C. Schreberi L.**

Harold. Col. Heft. II, 1867, mon. p. 3.

Commun partout.

GENRE COPRIS GEOFFROY

910. **C. paniscus F.**

Mul. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 67.

On le trouve particulièrement dans le sud avec les variétés suivantes:

V. *Hispanus L.* l. c. p. 68.

V. *retusus Muls.* l. c. p. 68. Je possède un individu brun-rougêatre de cette variété.

911. **C. lunaris L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 72.

On le trouve partout.

V. *corniculatus Muls* l. c. p. 73.
Serra do Gerez!.

GENRE BUBAS MULSANT

912. **B. Bison L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 77.

Commun dans le sud du Portugal.
Les variétés suivantes ne sont pas rares:

V. brevicornis Muls. l. c. p. 78.

V. dentifrons Muls. l. c. p. 78.

V. lineifrons Muls. l. c. p. 78.

913. **B. Bubalus L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 80.

Caldellas (S. da Silva!), Villa Nova de Famalicão (J. Castro!), Bragança!.

GENRE ONITIS FABRICIUS

914. **O. Olivieri Ill.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 85.

Azambuja (J. Antunes!), Guarda!.
Dans les deux individus que je possède du Portugal le 5.e et particulièrement le 3.e intervalle des élytres sont légérement relevés (v. subcostatus Muls. l. c. p. 85).

915. **O. Jon Oliv.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 92.

Beja (J. Lucio!), Azambuja (J. Antunes!).

GENRE CHEIRONITIS LANSBERGE

916. **C. irroratus Rossi.**

V. *Lophus F.*

Fab. Syst. El. I, p. 27.

D'aprés Illiger (Mag. II, p. 198) il se trouve dans le Portugal.

GENRE ONTHOPHAGUS LATREILLE

917. **O. Amyntas Oliv.**

Oliv. Ent. I, 3, p. 127, pl. 9, f. 81.
Hubneri Panz Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 764.

Dans tout le Portugal.

918. **O. taurus L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 138.

Commun partout avec les variétés suivantes:

V. *recticornis Leske* Muls. l. c. p. 139.
V. *fuscipennis Muls.* l. c. p. 140.
V. *rufipes Muls.* l. c. p. 140.

Je posséde en outre un individu chatain plus foncé sur la tête.

919. **O. verticicornis Lehh.**

nutans F.
Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 767.

Caldellas (S. da Silva!), Monchique (Mattzan!).

920. **O. stylocerus Graells.**

Graells Mem. Acad. Mad. II, 1851, p. 128, pl. 8, f. 6.

Serra da Estrella!, Serra do Gerez!.

921. **O. vacca L.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 132.

Dans tout le Portugal avec les variétes suivantes:

V. *affinis Sturm* Muls. l. c. p. 133.
V. *difficilis Muls.* l. c. p. 133.
V. *medius Kug.* Muls. l. c. p. 134.
V. *propinquus Muls.* l. c. p. 134.
V. *similis Muls.* l. c. p. 134.

922. **O. caenobita Herbst.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 127.

Porto!.

923. **O. fracticornis Preys.**

Muls. Col. Fr. Lamel. 1842, p. 118.

Dans tout le Portugal.

924. **O. Lemur F.**

Muls. Col. Fr. Lam. p. 108.

Moins commun que l'espéce précédente avec les variétés suivantes:

V. *mutabilis Muls.* l. c. p. 109.
V. *glandicolor Muls.* l. c. p. 109.
V. *egenus Muls.* l. c. p. 109.

925. **O. hirtus Ill.**

Ahrens Faun. Ins. Eur. 1, 3.

Azambuja (J. Antunes!), Celorico (Heyden!).

926. **O. maki Ill.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 111.

Dans le sud du Portugal, de même que la variété *amabilis Muls.*

927. **O. marginalis Gebl.**

Germ. Ins. Sp. nov. p. 104.
Maurus Luc. Exp. Alg. Ent. p. 255, p. 123, f. 9.

Azambuja (J. Antunes!), Cabo de S. Vicente et Faro (Mattzan!).

928. **O. furcatus F.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 149.

Je le posséde seulement du nord. Au Gerez j'ai pris la variété *rubellus Muls.*

929. **O. ovatus L.**

Muls. Col. Fr. Lam. p. 152.

Faro!, Caldellas (S. da Silva!).

(Continúa).

MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

EXTRACTO DO NOSSO ARCHIVO

(Continuação, v. vol. II, pag. 148)

Continuamos com esta importantissima secção em atraso desde março (Vide n.º 3 de 1 de março do corrente anno.)

18 de fevereiro — 2.ª Reunião da assemblêa geral. Ordem do dia: Discussão dos Estatutos.

1 de março — Reunião do Conselho scientifico sob a presidencia do snr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, que expoz as difficuldades que haviam obstado a que tivesse logar a projectada exposição de industrias caseiras. Com respeito á exposição de ourivesaria repetiu o que já expozera á respectiva commissão, approvando o Conselho, por proposta do snr. Joaquim de Azevedo e Albuquerque, que se consignasse na acta um voto de louvor ao snr. Conde da Silva Monteiro, pelos bons serviços que tem prestado á Sociedade, especialmente quando se tratou da concessão de local para se effectuar a exposição de ourivesaria.

O snr. Teixeira Machado propoz que se exarasse na acta um voto de sentimento pela morte do benemerito pedagogo, Francisco Antonio do Amaral Cirne, e que, como homenagem aos serviços prestados pelo fallecido á instrucção nacional, se collocasse o seu retrato na sala das sessões do Conselho.

Esta proposta foi approvada por unanimidade, depois do snr. presidente usar da palavra fazendo o elogio do fallecido.

Entrando-se na ordem da noite — *Discussão do questionario ácerca da instrucção secundaria* — usaram da palavra sobre o quesito 3.º os snrs. Azevedo e Albuquerque, Teixeira Machado e Eduardo Falcão. A continuação da discussão ficou adiada para a sessão immediata.

4 de março — Reunião da Commissão executiva da exposição de ourivesaria, na qual se discutiu o programma e o relatorio que o precede, sendo ambos approvados.

Com respeito á epocha fixada por esse programma para se effectuar a exposição — de 15 de setembro a 15 de outubro — resolveu-se consultar a commissão auxiliar de Lisboa.

RELATORIO E PROGRAMMA DA EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA E JOIALHERIA NACIONAL

Entre as industrias tradicionaes do paiz a ouriveria occupa, decerto, um dos primeiros logares. Já nos *costumes e fóros* de Castello-Bom (1188) se encontra um titulo que se refere ao exercicio da profissão do ourives. E' sabido que os nossos artistas elevaram a arte de ourivesaria na segunda metade do seculo XV e primeiro terço do seculo XVI a grande altura. As condições de vida de uma sociedade brilhante e culta, amantissima do fausto na vida publica e domestica, generosa até á prodigalidade nas fundações pias, favoreceram um desenvolvimento que parecia não ter fim, como pareciam não ter fim os thesouros das conquistas, que lhe forneciam a materia prima.

Illudem-se porém aquelles que pensam hoje que não é preciso mais do que a abundancia do material, o explendor da vida, o amor do luxo dos afortunados e a existencia de alguns artistas de talento para criar uma industria d'arte em sólidas condições. A verdadeira, a unica base segura é a escóla bem organisada; o segredo está em um bom ensino, continuado durante successivas gerações, está n'uma tradição segura e honrada. Tudo isto existiu na antiga officina portugueza, e tudo isto parece ter desapparecido.

As fontes da inspiração esgotam-se ainda no povo mais bem fadado, se a sciencia não está no seu posto para as alimentar, para observar e dirigir as correntes, se o estado e as corporações estão surdas ao conselho. Basta lembrar a Grecia, decahida, e a Inglaterra hoje florescente na arte e na industria. Alli o lethargo, a penuria, que mais se destaca ainda sobre um passado glorioso; aqui uma vida nova, uma evolução prodigiosa, onde ninguem esperava um signal de existencia, porque se negava ao operario inglez, rude e taciturno, até a disposição mais elementar para o exercicio das artes industriaes; — não tem gosto — dizia-se em phrase banal.

A historia da arte prova-nos que nenhuma nação tem o segredo da linguagem das fórmas e a sciencia innata da sua applicação. A historia prova-nos simplesmente que houve uma evolução e que todas as principaes nações cultas se revesaram, subindo e descendo a escala. Hoje, apenas trinta annos depois da moderna reorganisação dos estudos em South-Kensington, vêmos duas nações: a Inglaterra e a Austria rivalizando com a França no dominio da arte industrial. A Allemanha estará

amanhã ao lado d'ellas, tambem na primeira linha. Onde está pois a receita do *bom gosto*, onde o segredo?

A officina portugueza tem de renascer, não pelos privilegios das antigas corporações, mas sim á força de sciencia, de methodo, e de disciplina. Tudo isto falta hoje.

A melindrosa situação da industria nacional é confessada ainda pelos mais optimistas. Reclama-se a protecção do governo, a reforma de certas leis, a promulgação de outras; accusa-se a educação deficiente do publico, o mau gosto do comprador, e a sua falta de patriotismo, porque dispensa ao trabalho estrangeiro um favor immerecido, julgando só pelas apparencias. Alguns poucos perguntam pela educação do operario, examinam as condições actuaes do ensino profissional, e acham que tudo corre á revelia.

Quem terá razão? Não nos atrevemos a decidil-o em tão grande contenda. Verifique-se o fundamento de todas essas reclamações, e a sua relação. Estudemos todos e ajudemo-nos lealmente no exame para que elle seja profundo e efficaz. Acode então logo á ideia a organisação de um certamen, que será uma prova prática, a verificação de um estado. Não se fez ainda entre nós uma exposição especial de ourivesaria moderna portugueza. Receiam talvez que elle seja modesta ou mesmo pobre? Embora! Os ricos não precisam dos favores d'esta Sociedade; ou havemos de ir pedir aos thesouros dos antepassados as reliquias da antiga arte portugueza só para nos esquecermos das exigencias do estado presente? Póde isso satisfazer a consciencia de alguem?

A exposição que nos propômos organisar é toda actual; ha-de ser toda nossa, um espelho fiel da situação. Veremos o trabalho moderno nas suas variadas manifestações, e mais do que isso: veremos o operario em movimento, em obra, o ourives da aldeia ao lado do ourives da cidade, como já vimos a rendeira e o oleiro. A cada um a sua vez; a cada um a sua honra e o seu direito.

E só então, só depois de demonstrada claramente a situação actual d'esta industria n'uma conferencia dos interessados, é que poderão ser estudadas conscienciosamente as causas da sua decadencia, e determinados os methodos de ensino e de trabalho mais proprios para produzirem uma fecunda reforma na ourivesaria nacional.

Tem este fim duplo, prático e theorico o certamen que a Sociedade de instrucção pretende organisar.

A secção retrospectiva poderá offerecer alguns objectos

antigos, notaveis, que estão perto e que apparecerão alli como pia memoria e homenagem posthuma. Que sejam elles testemunhas da acção que se prepara, isso, sim, mas não cruzemos os braços, extaticamente diante do passado.

A. — PARTE THEORICA

a. Methodos de ensino; a aprendizagem em Portugal.

b. Methodos de ensino nas escólas especiaes estrangeiras, abrangendo compendios de desenho e de sciencia applicada á ourivesaria, descripção de machinas e utensilios; tratados theoricos, estampas, modêlos, etc.

c. Litteratura antiga e moderna sobre ourivesaria. Historia da industria e do officio. Regimentos, Estatutos e processos do officio; desenhos de marcas e ponções antigos e modernos.

B. — PARTE PRACTICA

I. MATERIAES DA OFFICINA

a.) Metaes preciosos:

Prata fina.
» de lei.
Ouro fino.
» ligado para verde.
» » para vermelho.
» » para amarello.

II. OBRA DE PRATA

Prata em chapa.
» caldeada.
» repuchada.
» fundida.
» lisa (brunida e pulida).
» lavrada.
» gravada a buril.
» gravada a *guilhoché*.
» estampada.
» em filigrana (fina e de pião).
» cravada.

Diversos processos de dourar a prata (pela pilha, a azougue, a rôlha, etc.)

III. OBRA DE OURO

Ouro fundido.
» liso (pulido e corádo).
» lavrado.
» gravado a buril.
Ouro gravado a *guilhoché*.
» estampado.
» em filigrana (fina e de pião).
» em trancelim.
» em cordões.
» cravado.
Obras de ouro montado.

IV. JOIALHERIA

Obra cravada em ouro... } a ourella
» » em prata.. } ou garra
» » em prata e ouro..... }

b.) Gemmas:
Pedras em bruto.
» lapidadas.
Gravura em pedras.

c.) Perolas e aljofar.

d.) Instrumentos do officio; machinas e utensilios.

V. ESMALTES

Esmaltes sobre metaes.

VI.

Prova práctica de differentes processos de trabalho sobre prata, ouro e cravação por differentes operarios das aldeias e da cidade.

C. — PARTE HISTORICA [1]

Arte nacional antiga; objectos originaes. Desenhos, photographias e outras reproducções de objectos peninsulares.

Presidente,

José Augusto Corrêa de Barros.

Vice-presidente,

Augusto Pinto Moreira da Costa.

Secretario,

Albino Coutinho Junior.

Vice-secretario,

Joaquim de Vasconcellos.

Vogaes,

José Antonio Guimarães Junior.
Augusto Luso da Silva.
Isaac Newton.
Antonio Luiz de Teixeira Machado.
Emilio Augusto Dias.
Zeferino José da Cruz.
Augusto Cesar Trindade Machado.
João José da Silva.

---

[1] A commissão reserva-se o direito de classificação e collocação dos objectos.

3.º ANNO | 1 DE NOVEMBRO DE 1883 | N.º 11

EXAMES MEDICO-LEGAES

Lições na Escóla-Medico Cirurgica do Porto

Lição primeira

A medicina politica divide-se naturalmente em duas partes, as quaes são a *hygiene,* e a *medicina legal,* que tem sido chamada tambem *forense,* e *judiciaria,* e de que vou occupar-me.

A razão d'estas denominações differentes depende do sentido, que cada auctor liga a essas palavras, ou do modo como comprehende a applicação d'estes conhecimentos na prática. Chamam-lhe *legal* por servir para a execução das leis, *forense* por ter a sua applicação no foro, e *judiciaria* por uma razão semelhante.

Ha auctores que a chamaram *jurisprudencia medica;* mas esta denominação é evidentemente viciosa, e inexacta em tal accepção, não só porque substitue no fundo o essencial pelo accessorio, mas ainda porque induz o medico a sahir fóra do campo da sua sciencia, o que elle nunca deve fazer como perito. Um tal nome sómente poderia caber ao conjuncto de leis, que regem o exercicio da medicina, se não fosse mais consoante, e mais usado o de *policia medica.*

A maior parte dos medicos chamam-lhe *medicina legal,* e assim a nomeam tambem as nossas leis do ensino; por isso adoptárei este nome, como o mais expressivo, e o mais geralmente recebido.

Teem-se feito divisões d'este grupo de conhecimentos, seguindo os varios ramos de medicina—*medicina legal, cirurgia legal, toxicologia legal,* etc., especialidades que, com os progressos da sciencia, se confundem cada vez mais, e se identificam n'uma só disciplina.

A *medicina legal,* é a applicação dos conhecimentos da medicina, e das sciencias accessorias ao serviço das leis.

Defino-a tambem a parte da medicina politica, que estuda e aprecia os factos medicos, respectivos aos direitos e deveres dos individuos constituidos em sociedade (1).

Como quasi sempre, pretendem os medicos, que estudam este ramo especial, nobilital-o pela sua antiguidade, e pela sua importancia.

Para fazer remontar a sua origem a tempos muito antigos, foram-se buscar passagêns aos livros sagrados, e entre ellas ao capitulo XXII, vers. 14, 15 e 17 do «Deuteronomio» que fallam das nodoas de sangue resultantes do rompimento do hymen. Estas passagens, e outras, que são factos isolados e de pouco valor para tal intento, nada provam a respeito da antiguidade da medicina legal, como corpo de doutrina.

E' nas leis romanas que se encontra maior numero de vestigios dispersos de certos conhecimentos medico-legaes importantes.

A lei *aquilia*, por exemplo, falla da lethalidade das feridas, o que tem muita importancia na apreciação da gravidade dos crimes; mas tal apreciação não tinha valor scientifico, porque sendo os cadaveres dos individuos, que se presumiam mortos por violencia ou veneno, expostos ao publico, como os de Scipião Africano, Bruto e Germanico, todos podiam dar a sua opinião, que era mais uma medida policial para descobrir os criminosos, do que um meio de verificar o facto.

E' todavia certo que algumas vezes a intervenção d'homens competentes o esclarecia, e as leis animavam, e até suscitavam estes esclarecimentos, sem todavia permittirem, como não permittiam, as autopsias. Nas leis Justinianas encontram-se disposições que comprovam isto; e na historia de Roma, Suetonio conta—que o medico Antistius, examinando as 23 feridas de punhal, com que Bruto e seus companheiros feriram Cesar, reconhecera que só uma lhe dera a morte.

Mais tarde, estas taes ou quaes providencias dos romanos foram-se propagando pelas outras nações, e ahi, ganhando fóros de naturalidade, se aperfeiçoaram de modo que no tempo de Carlos Magno, e depois nas varias expedições das Cruza-

(1) Um medico, que era ao mesmo tempo doutor em direito, Clausade, n'uma these intitulada—*Essai sur la médécine légale considerée comme science*—escreveu: a sciencia medico-legal é a collecção systematica das connexões da medicina e do direito. V. pag. 57 da citada obra impressa em 1838. Esta definição, se póde considerar-se tal, é no sentido da phrase *jurisprudencia medica*, e por isso, em meu entender, pouco appropriada.

das, se especificavam certos actos em que os peritos deviam intervir, principalmente na apreciação das offensas corporaes, —o que prova que esta prática entrava no uso das nações. Deixaram mais tarde esses povos testemunho d'isto, quando codificaram as suas leis.

Dizia-se que a constituição da medicina legal, como sciencia, tivera lugar na Allemanha; hoje é este ponto contestado não só pelas noticias a que acabo de alludir, mas porque muito antes de se escrever na Allemanha sobre tal assumpto, appareceram em Roma varios opusculos, sendo até um d'elles tocante aos deveres do medico em varias circumstancias. Com estes appareceram outros em Bolonha e Veneza.

Foi só no seculo XVI (1532) que a constituição carolina tornou, na Allemanha, obrigatoria a medicina legal para a formação do corpo de delicto.

Comparando isto, com a legislação da Normandia, com os usos das nações e as leis dos seculos XI e XII, que foram os das cruzadas, vê-se que, com quanto não houvesse um codigo regularmente organisado, já, antes da Allemanha, se praticava a medicina legal em outras nações. Em Napoles, onde tambem reinava Carlos V, era já ha muito obrigatoria a intervenção dos peritos para a formação do corpo de delicto (1).

Pouco tempo depois, em 1538, as côrtes portuguezas do tempo de D. João III ordenaram que nos ferimentos se fizessem os necessarios exames. Esta disposição foi mais tarde transcripta nas Ordenações, e augmentada, estatuindo-se que os exames medico-legaes deviam ser feitos por dous cirurgiões.

Como as Ordenações, foram a compilação de todas as leis anteriores, accrescentadas e melhoradas com o que a experiencia havia ensinado, não póde duvidar-se de que os exames medico-legaes ou d'inspecção ocular, como diz Pereira e Souza nas *Primeiras linhas sobre Processo Criminal*, cap. 5.º § 50, pag. 56, estivessem na praxe antiga, porque não se acredita que fossem ignorados os usos dos Cruzados, que se demoraram no nosso paiz, e os de varios povos do sul da França, que eram conhecidos, e os praticavam. E de mais, quando se promulga uma lei d'estas, é porque a opinião a exige, e a disposição das côrtes não faz mais do que tornar legitimo e legal o que já era reconhecido justo.

---

(1) Vid. *Ann. de Hyg. Publique et de Méd. Légale*, 1872, t. XXVIII pag. 248.

Em tempos antigos requisitava-se apenas um perito para proceder a estes exames, e ainda n'uma epocha relativamente moderna, em 1760, n'um assento da Casa da Supplicação de 20 de Novembro, manda-se que os exames de ferimentos sejam feitos pelo cirurgião da casa, ou pelo do partido, que eram ajuramentados para este effeito na occasião da sua nomeação.

Hoje as disposições da lei ordenam que sejam feitos ao menos por dous facultativos, salvo em circumstancias extraordinarias, quando não se encontre mais do que um; e esses prestam sempre juramento ao começar o exame. Antes do regimen constitucional havia junto das Relações facultativos, como os de que reza o citado assento da Supplicação, que eram os encarregados d'esses exames. Era isto um principio da boa organisação da medicina legal, o qual, como na Prussia, devia ser aproveitado, e aperfeiçoado. Infelizmente até ao presente não melhoraram as cousas; mas no Projecto de Codigo do Processo Criminal pelo snr. conselheiro Navarro de Paiva ha mais acertadas providencias. Pena foi que não deixassem a este distincto jurisconsulto toda a larguesa n'esta parte (1). N'aquelle paiz, e hoje tambem na Austria, a medicina legal está organisada na prática official de um modo conveniente para garantir a verdade e rigor scientifico dos exames.

Cada facto medico-legal, é na Prussia, sujeito ao exame d'um medico legista nomeado, e ajuramentado para exercer estas funcções junto de cada tribunal. O exame é feito, pelo menos nas cidades onde ha uma faculdade de medicina, em presença dos medicos ou alumnos que querem exercitar-se na prática d'estes casos, havendo assim um verdadeiro curso de clinica medico-legal. O juiz competente assiste ao exame, e faz

---

(1) O art. 98 do Projecto, adoptando uma boa prática de Hespanha, Austria e Allemanha, é muito importante. Diz assim— « se as declarações e conclusões dos peritos forem obscuras ou contradictorias entre si, ou com os factos averiguados, ou se as conclusões não parecerem logicamente deduzidas dos principios expostos, as partes poderão requerer, e o juiz ordenar que sejam convocados a uma conferencia para as esclarecerem, harmonisarem ou ratificarem.

§ unico. Não podendo obter-se este resultado, ou havendo razões fundadas para duvidar da verdade e exactidão das mesmas declarações e conclusões, poderá ser requerido pelas partes, e ordenado pelo juiz um exame com peritos differentes, os quaes serão requisitados das comarcas mais proximas, se os não houver n'aquella em que tiver de verificar-se, sendo-lhes abonada pelo cofre do juiso a importancia dos honorarios e a despeza do transporte.

lavrar auto de todos os phenomenos e factos observados pelo medico; no fim d'elle o perito expõe a conclusão summaria do que deduz de mais verosimil dos resultados da autopsia, e responde ás perguntas que lhe quizer fazer o juiz. Continuando o processo, pede-se ao medico um relatorio circumstanciado sobre tudo o que observou, e é-lhe communicado todo o processo, quando assim o exige; o auto deve servir de base ao relatorio, sendo todavia este redigido em linguagem que possa ser comprehendida por individuos estranhos á medicina.

O Codigo d'Instrucção ou do Processo Criminal de 1877, que é presentemente a lei em todo o imperio allemão, dá ao juiz ou ao presidente do tribunal toda a liberdade e authoridade para escolher os peritos, e marcar o seu numero conforme os casos; e determina que as autopsias sejam feitas por um medico legista, e mais outro na presença do juiz, o qual determina se o relatorio ha-de ser verbal ou por escripto.

Se o ministerio publico ou a defeza contestam este relatorio, manda-se com o auto e todo o processo a uma segunda instancia medico-legal, chamada Collegio Medico, instituido em cada provincia e composto de 4 a 6 membros, um dos quaes estuda e relata o negocio, que é discutido, e resolvido em conferencia, lavrando-se um accordão.

Se ainda se suscitam duvidas ou reclamações das partes, é tudo remettido a uma terceira jurisdicção ou instancia, chamada Deputação Scientifica, que tem a sua séde na capital, e que é composta dos homens mais eminentes. O negocio é outra vez estudado e discutido em conferencia, e um terceiro relatorio julga sem appellação as duvidas suscitadas, e tudo quanto se refere ao facto sob o ponto de vista medico-legal. (V. Prefacio do traductor do *Traité de Médécine Légale* de Casper).

Nas outras partes do imperio, dando-se taes contestações, o juiz póde submetter o caso a um ou mais peritos differentes, ou a uma authoridade competente, a uma faculdade de medicina.

Na Austria os exames são feitos por dous peritos, e não sendo o caso muito importante, por um, nomeados pelo juiz do processo, preferindo-se os addidos ao tribunal e já ajuramentados. (§§.os 118 e 119, do Cod. do Processo Criminal Austriaco — Hofmann — Médécine-Légale — 1881 — pag. 613). Os factos observados são expostos no auto, ou *protocolo,* e n'este mesmo podem apresentar as suas conclusões; ou então se o julgam necessario, redigem depois um relatorio que é junto ao processo, e ácerca do qual serão interrogados no tri-

bunal. Os peritos podem pedir esclarecimentos ácerca de certos pontos, ou factos determinados; e deve patentear-se-lhes todo o processo, se não houver motivo grave que a isso se opponha.

Quando se suscitam duvidas a respeito da apreciação dos factos da accusação, authorisam-se novos exames pelos mesmos, ou outros peritos; e, nos casos muito difficeis, recorre o juiz ao parecer de uma faculdade de medicina, cujo decano nomeia uma commissão de 12 professores dos mais competentes para estudar o assumpto.

Nos casos de morte, a inspecção do cadaver, e a autopsia devem ser feitas por dous medicos. Se houver proximamente algum que tenha tratado do morto, será chamado para assistir ao exame, não resultando d'ahi demora prejudicial.

Havendo suspeitas de envenenamento, chamam-se dous chimicos além dos medicos. A investigação do veneno póde todavia ser feita sómente pelos chimicos (1).

Em Hespanha, em 1862 e 1863, tambem se creou a instituição de medicos forenses, não só na capital, mas em outras localidades. Mais tarde, em 1865, a pouca importancia ligada a esta medida, fez com que a supprimissem, o que certamente foi um grande mal, que o distinctissimo professor Pedro Mata mui justamente censura.

Em Inglaterra a justiça nunca pede ao medico relatorios no sentido em que se tomam estes trabalhos. Quando um facto criminal, ou attentado contra as pessoas, é levado ao jury, o advogado do auctor ou do réo, segundo o depoimento é a favor ou contra, cita como testemunha o medico que teve algum conhecimento do facto. Não é a authoridade judiciaria, que inquire as testemunhas, e procura as provas; cada um, auctor ou réo, faz o seu inquerito e apresenta as suas testemunhas. Se o medico, que tractou a victima ou verificou a morte, é de opinião que houve crime, a accusação cita-o; no caso contrario é citado pelo accusado. Os advogados de ambas as partes o interrogam então successivamente. O medico diz sómente o que viu, e póde apenas acrescentar as inducções que tirou; e, se cita, para apoiar a sua opinião, alguma consideração ou facto que não seja o resultado da observação directa e immediata do caso em questão, o juiz interrompe-o, e o

(1) Hofmann—Nouveaux Élémens de Médécine Légale—1881, pag. 613 e seguintes, e 643 e 644.

advogado, cujo papel elle contraría, requer que se lhe retire a palavra. Sómente os casos de flagrante delicto ou de morte violenta exigem a intervenção do medico, mas simplesmente para a verificação puramente material do facto, d'onde o magistrado da policia deduzirá a direcção que deve dar ao negocio. (V. Tardieu.—Des devoirs publics du médécin.—*Ann. de Hyg. et de Méd. Lég.* 1864, t. XXI, pag. 181.) Parece que ha presentemente outras correntes d'opinião, para dar a esta parte do processo criminal bases mais concordes com o que se faz no continente.

Em França ha peritos, mas na mesma qualidade que entre nós; no entanto ha muito mais cuidado na sua escolha, porque se vão buscar, para os casos graves, d'entre os homens mais competentes os mais afamados. Em varias occasiões são convidados a expôr e discutir os factos do foro medico perante os tribunaes, o que ás vezes esclarece muito os julgadores.

A historia da medicina legal conta em França nomes distinctos, como são Mahon, Royer-Collard, Orfila, Foderé, Adelon, e modernamente Tardieu, Legrand du Saulle, Brouardel, etc.

Nos Estados-Unidos a medicina legal começou a ser estudada em 1804 pelo dr. Stringham no Collegio Medico da Columbia. *(American Journal of Insanity 1868.)*

Entre nós foi pela primeira vez assumpto de uma cadeira na Universidade de Coimbra em 1836, ensinando-se nas Escolas do Porto e Lisboa em algumas poucas lições, que era obrigado a professar o lente de clinica medica. Foi sómente em 1863, que n'estes estabelecimentos se instituiu uma cadeira, a undecima, para o ensino da Hygiene e da Medicina Legal, da qual eu tive desde o principio a honra de ser o titular, ou proprietario. Deveria, porém, haver uma cadeira destinada só para este ramo de conhecimentos medicos, conforme está estabelecido em alguns paizes, e um gabinete proprio, onde se fizessem todos os exames, e se estabelecesse um curso de prática.

Como subsidio nacional para o seu estudo, encontram-se em Amato Lusitano o modo de apreciar a gravidade das feridas, e varias noções geraes muito aproveitaveis; em Antonio Luiz os caracteres dos pulmões das creanças que não respiraram; e em Gaspar dos Reis Franco, Rodrigo de Castro, Zacuto Lusitano, Antonio Ferreira, Antonio de Almeida, e outros, diversos factos e observações valiosas, as quaes com as Ordenações do Reino pelo menos servem para constituir a historia da medicina legal.

Ha tambem os tratados especiaes de José Ferreira Borges, Mazarem, Jacintho da Costa, Candido Albino Pereira e Cunha, Peres Galvão, e do snr. professor Macedo Pinto. Entre os livros estranhos que devem ser consultados recommendarei as obras de Orfila, Devergie, Tardieu, Legrand du Saulle, Lacassagne, Briand e Chaudé, Casper, professor de Berlin, do professor hespanhol Mata, do illustre medico inglez Taylor, de Liman, de Hofmann, professor em Vienna d'Austria e de Brouardel, professor em Paris.

Os assumptos que comprehende, dividem-se em tres grupos: 1.º considerações geraes relativas a exames, e resultado d'estes—peritos—sigillo, e responsabilidade do medico—e seus honorarios; 2.º assumptos especiaes; 3.º toxicologia, que alguns separam da medicina legal formando um grupo distincto. E' a ordem de Mata, e de outros.

E' esta a divisão mais natural, e geralmente seguida, havendo todavia muita diversidade no modo de ordenar as varias especialidades. Casper dispõe-nas em dous grupos—parte biologica, e parte thanatologica, segundo é relativa ao individuo ou ao cadaver. Legrand du Saulle, depois de tratar dos medicos em relação com o direito civil, administrativo e criminal, expõe as especialidades de medicina legal sem ordem particular. Lacassagne no seu *Précis de Médécine Judiciaire,* dividiu tudo em duas partes, subdividindo a primeira em tres outras: 1.ª direitos e obrigações do medico na sociedade, e perante a auctoridade judiciaria; 2.ª questões geraes que podem suscitar-se em qualquer processo a respeito do individuo; e 3.ª ditas relativas á morte, ao cadaver, ás nodoas, e aos vestigios; e a segunda, tratando dos attentados contra o individuo, e das questões relativas ao instinctó sexual, e ás funcções de reproducção. Eis ahi quatro exemplos de divisões.

Não ha base segura para estas classificações, que são inspiradas mais pelas vistas e arbitrio dos auctores, do que por um criterio rigorosamente scientifico, como na Hygiene.

(Continúa.)

José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.

FETOS LUSITANICOS EM GERAL E DOS SUBURBIOS DO PORTO EM ESPECIAL

(Continuação, v. vol. 3.º, pag. 245)

2.ª Asplenium trichomanes, Linneu.

(A. Cabello intacto.)

Synonimos. — *Asplenium anceps*, Lowe.
» *melanocaulon*, Willdenow.
» *saxatile*, Gray.
» *trichomanoides*, Brot.
Trichomanes crenata, Gilibert.

Nome vulgar. — *Avencão, Polytricho* das boticas.

Descripção. — Distinguem esta especie de fetos, a fronde estreita, linear, pennada, pinnulas numerosas, ovoídes irregulares, bordos crenados, base truncado-cuneada, extremo obtuso terminal, adherente a um rhizoma tufado, dispondo-se as frondes ordinariamente em fórma circular. A estipe mede um terço, pouco mais ou menos, do comprimento total da fronde; é macia e brilhante, de côr purpura-escura, quasi negra, e verde nas plantas novas.

E' para notar-se que n'esta especie as pinnulas, depois de amadurecida a fronde, caem deixando a haste despida. Isto observa-se principalmente na variedade *incisa*.

Os veios são forcados desde o veio medio; os sóros obliquamente dispostos em uma só linha de cada um dos lados do veio medio das pinnulas, tornando-se algumas vezes por excepção confluentes, sendo involvidos por um indusio branco membranoso. A fronde attinge de o,^{m}o5 a o,^{m}3o de comprimento.

Esta especie de *Asplenium* comprehende um grande numero de variedades, entre as quaes se distinguem o *A. trichomanes incisum; cristatum; depauperatum; ramosum; dichotomum; bifurcatum; multifidum; lobatum; subœquale*, e outras.

Habita. — Em quasi todo o paiz, sendo abundante no Porto e seus suburbios, nos logares humidos e pouco expostos ao sol, e com especialidade nas nascentes ou junto a passagens d'aguas, muros humidos de cisternas e quintaes, etc.

Cultura. — Terra barrenta ou terra ordinaria com caliça; humidade constante, mas boa drenagem.

3.ª Asplenium Marinum, Linneu.

(A. da beira-mar.)

Sem duvida a denominação d'esta especie provém de ser nas proximidades da costa maritima onde mais ordinariamente ella se encontra.

Synonimos — *Adiantum trapeziforme,* Hudson e outros.

Nome vulgar — ?

Descripção — As frondes d'esta especie são lineares-lanceoladas, pennadas. As pinnulas oblongo-ovoidaes, obliquas, com os bordos serrilhados e a base anterior troncada e subauriculada, sendo a posterior em fórma de cunha.

As pinnulas são decorrentes e no extremo superior pinnatifidas. Os veios destacam-se do veio medio em fórma de ramo. Os peciolos são de côr pardo-escura, cobertos de escamas amontoadas, crescem verticalmente ou quasi verticalmente em tufo abundante quando a planta é perfeita. Varía o comprimento da fronde entre o,^{m}o5 e o,^{m}35, e algumas vezes, ainda que raras, chega a attingir maior grandeza. A sua côr é de um verde-escuro. Tem os soros raras vezes confluentes, e commummente espacejados, obliquo-lineares. O indusio, que é branco, escurece successivamente, chegando a adquirir uma côr pardacenta.

Comprehende esta especie dos *Asplenium* um crescido numero de variedades, cujas principaes são as seguintes: *A. marinum var. acutum; assimile; crenatum; cuneatum; dichotomum; microdon; ramosum; sub-bipinnatum; trapeziforme; etc.*

O Snr. Augusto Luso possue um curioso féto no seu herbario, colhido em Avintes, proximo ás margens do rio Douro, o qual sua Ex.ª julga uma especie nova e por isso denomina-o *Asplenium Delphinium.* Tal féto, porém, no sentir de varias pessoas competentes n'estes assumptos, não passa de uma variedade ou aborto do *A. marinum,* ou do *Scolependrium vulgare,* do qual havemos de fallar no logar competente.

Habita. — Serra de Cintra, Boa-Nova em Leça da Palmeira, proximidades da ponte de Mathosinhos, muralhas do Castello do Queijo na Foz do Douro, e em geral as rochas maritimas das provincias septentrionaes.

Cultura. — Terra abundante em detritos de rocha de mistura com musgos. E' difficil conservar viva esta especie de féto por muito tempo fóra do local de seu nascimento espontaneo.

Algum sal de cosinha lançado sobre a terra e esta logo regada parece conveniente.

4.ª ASPLENIUM ADIANTUM NIGRUM, Linneu.

(A. negro não molhado)

Synonimos. — *Asplenium acutum,* Willdenow.
» *argutum,* Presl.
» *capense,* Linn.
» *cuneifolium,* Viviani.
» *incizum,* Opiz.
» *lucidum,* Salisbury.
» *multicaule,* Schultz.
» *nigrum,* Bernhardi.
» *onopteris,* Linn.
» *obtusum,* Fee.
» *productum,* Lowe.
» *tabulare,* Schrader.
» *trichomanoides,* Lumnitzer.
» Virgilii, Bory.
Tarachia acuta, Presl.
» *adiantum nigrum,* Presl.
» *obtusa,* »

Nome vulgar — *Avenca negra.*

Descripção — Frondes de fórma triangular alongada, pinnulas obliquas á haste e triangulares, imitando o todo da fronde; e as pinnulas em que se ramificam aquellas são de fórma oval e serrilhada, bitripinnadas. A estipe, de côr negra de ebano, tem ordinariamente comprimento igual ao da fronde, e por vezes é mais comprida ainda, regulando a fronde por o,^{m}10 a o,^{m}40 de comprimento, sendo a sua côr verde-escuro e em tufo o seu crescimento. Os soros são lineares alongados e algumas vezes confluentes, mas por excepção.

Conhecem-se muitas variedades d'esta especie de féto, taes como a *var acutum, decompositum, fissum, intermedium, multifidum, oblongum, obtusum, oxyphyllum, variegatum,* etc.

Esta ultima variedade citada, encontrei-a na freguezia da Labruja, no concelho de Ponte do Lima, e d'ella possuo exemplares na minha collecção de fétos sêccos. Na especie typo encontram-se mui curiosos abortos ou monstruosidades.

Habita. — Todos os arredores do Porto e nos proprios

muros humidos dos quintaes da cidade ou nas paredes e margens dos poços e cisternas. Além d'isso encontra-se em quasi todo o paiz, nos muros e rochas sombrias dos terrenos baixos ou pouco elevados de differentes provincias, mas particularmente nas do centro e norte, sendo abundante no Porto e seus arredores, bem como em geral nos logares humidos e sombrios.

Cultura. — Terra lodosa ou lamacenta, propria dos sitios de nascentes d'agua, e exposição abrigada e sombria. Quando cultivado em vaso, deverá este ser collocado em um prato com agua, de modo que a planta absorva aquella pelas raizes, sem que seja superiormente regada.

5.ª Asplenium lanceolatum, Hudson.

(*Planta melancolica lanceolada*)

Synonymos. — *Asplenium Billotii,* Schultz.
» *cuneatum,* Schultz.
» *rotundatum,* Presl.
Polypodium adiantoides, Poiret.
Tarachia lanceolata, Presl.

Nome vulgar — ?

Descripção. — O *Asplenium lanceolatum* é tomado por muitos pelo *A. adiantum nigrum* de que já se fez menção. Com effeito, as duas especies parecem-se á primeira vista, mas tal não succede quando cuidadosamente observadas e comparadas. E' assim que vêmos as frondes do *A. lanceolatum* simplesmente bipinnadas, tendo as pinnas inferiores mais largas, diminuindo gradualmente para a parte superior, até terminarem quasi em ponta. O comprimento da fronde e bem assim o da estipe são muito menos desenvolvidos que os do *A. adiantum nigrum,* por quanto regula entre $0,^{m}10$ e $0^{m},20$ e não mais a sua grandeza. A sua côr, é verde-escura, e tanto mais quanto mais amadurecida. A sua fórma, que é o que dá o nome á especie, é lanceolada e lisa. As pinnas são verticalmente ovadas e profunda e aguçadamente dentadas. As estipes são terminaes, adherentes a um rhizoma tufado, escamosas na base, e a sua grandeza regula por um terço do comprimento da fronde. O caudex curto e grosso; as fibras fortes, ramosas e tomentosas. Os soros são oblongos, irregularmente amontoados e confluentes, cobrindo quasi todo o reverso da fronde.

As variedades mais communs da especie são: *A. lanceolatum crispatum, laciniatum, multifidum e proliferum.*

Habita. — Quasi todas as fendas dos rochedos e muros velhos do Porto e seus arredores nos sitios sombrios, e em geral todos os territorios baixos ou pouco elevados das nossas provincias septentrionaes e ainda de algumas das meridionaes.

Cultura. — A mesma que a da especie anterior.

(Continúa.)

MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. vol. 2.º, pag. 470)

Os *hemipteros,* (persevejos, cigarras, pulgões, cochonillas, phyloxeras etc.,) teem os elytros metade membranosos, as azas inferiores transparentes e molles, e, como os orthopteros no estado de larva, as azas rudimentares. Os terrestres vivem, ou nos animaes de que sugam o sangue, ou nos vegetaes com cuja seiva se alimentam; uns são inodoros, outros possuem um cheiro desagradavel.

Não se mergulham em alcool, por isso que as suas variadas côres soffrem com esse processo.

Os aquaticos vivem nos tanques, charcos, ribeiros, etc., e agarram-se á rêde, d'onde se extrahem com a pinça, por isso que dão uma picada que produz uma inflammação semelhante á causada pelas ortigas.

Os *nevropteros* (libellinhas, formigas, leões, etc.,) teem quatro azas transparentes, quasi do mesmo tamanho.

As libellinhas são aquaticas nas primeiras epochas, e vivem nos tanques, rios e aguas correntes. No estado perfeito habitam o ar e agarram-se com o auxilio da rêde.

Quando se lida com ellas, deve haver cautella com o abdomen, porque se despedaça com a minima pressão. Os ephemeros acham-se nos troncos d'arvores, pedras e plantas junto de agua. Outras especies da tribu dos planipennes construem curiosas habitações subterraneas nos terrenos arenosos, junto dos muros e rochedos. Algumas, no estado perfeito, voam, e só se podem agarrar á rêde.

Ha uma especie cujos individuos se assemelham a peque-

nas phalenas, e as larvas vivem na agua, dentro d'um tubo que arrastam após si.

No estado perfeito encontram-se nas plantas, arvores e muros proximos d'agua. Não se deve mergulhar em alcool nenhum nevroptero.

Os *hymenopteros* (abelhas, vespas, besouros, etc.,) teem quatro azas transparentes, sendo as inferiores muito menores que as superiores. As femeas possuem na extremidade do abdomen um dardo agudo, cavado em fórma de canal, por meio do qual derramam na ferida um liquido venenoso segregado por umas pequenas glandulas situadas na base do aguilhão. Caçam-se á rêde d'onde se tiram com a pinça, e não se mergulham em alcool. Encontram-se nas plantas, nos prados, jardins, bosques, e especialmente nas arvores fructiferas. Algumas especies vivem em sociedade e construem um ninho com arte. Estes ninhos, que são situados nas cavidades das arvores, sob os ramos, nas fendas das paredes, sob pedras e até no interior do sólo, conservam-se na collecção depois de se terem mergulhado em benzina. Das formigas deve ter-se na collecção um macho, uma femea mãe e uma obreira.

Os *lepidopteras* ou borboletas teem a maxilla transformada em trompa enrolada em espiral, e possuem quatro azas cobertas de escamas coloridas. Saem do ovo no estado de larva, para passarem ao de nympha e mais tarde ao de insecto perfeito. Dividem-se em tres tribus a saber: *diurnas, crepusculares* e *nocturnas*. As *diurnas* são perfeitamente distinctas pelo variado e brilhante colorido, tanto na parte superior como na inferior das azas, que no estado de repouso estão collocadas verticalmente. As larvas teem 16 patas e não fiam casulo.

As *crepusculares,* como o nome está indicando, voam durante o crepusculo, quer matutino quer vespertino. No estado de repouso nunca conservam as azas verticaes, e o seu vôo não é silencioso como o das diurnas. As larvas teem 16 patas, e antes de passarem a crysalidas, umas fiam casulo de sêda, outras mergulham no interior da terra, e a maior parte envolve-se na propria pelle.

As *nocturnas* teem as antennas plumosas, as azas horisontaes durante o repouso, faltando comtudo a algumas a trompa e a varias femeas as azas. As larvas teem de 10 a 16 patas e para passarem a crysalidas fiam um casulo de sêda. Pertence a esta tribu o *sericaria mori* (bicho da sêda).

As borboletas caçam-se desde a primavera até ao outomno. A sua vida é assaz curta, e as especies succedem-se umas ás

outras em tempos determinados, sendo preciso procural-as durante toda a epocha para se alcançar o maior numero de variedades. As diurnas encontram-se por toda a parte, especialmente onde houver flôres. Pousam nos troncos d'arvores, nas plantas, nas flôres, e até no proprio sólo, e, se o caçador caminhar subtilmente, ellas deixam-no aproximar, podendo assim ser agarradas com menos custo do que quando voam.

As crepusculares e nocturnas vivem nos logares sombrios, nas cavidades das arvores, nas adegas escuras, sob as folhas das plantas, nos muros dos jardins, etc.

Quando pousadas, estão n'uma completa immobilidade, sendo necessario tocar-lhes para levantarem o vôo. Então até se podem espetar logo com um alfinete, mas se a operação não fôr feita com destreza perde-se o exemplar; o melhor é cobril-o primeiro com a rêde e espetál-o depois. Quando se procurarem as crepusculares e nocturnas, devem-se bater os silvados, arbustos, etc., porque algumas estão de tal modo escondidas entre as folhas, que escapam a todas as investigações, e caçal-as á rêde logo que levantarem vôo; procuram-se tambem nas noutes de luar, durante as quaes volteam em torno das flôres á busca de sustento.

Mas o melhor meio de, com pouco custo, obter quasi todas as crepusculares e nocturnas d'uma localidade, é collocar de noite uma luz n'um quarto, e deixar as janellas entreabertas; no dia seguinte apparecem os moveis, paredes e tecto cobertos de variados exemplares.

Aprisionada a borboleta na rêde, aperta-se esta junto da bocca, com a mão esquerda, emquanto com a direita se impelle o insecto para a extremidade, e se agarra o corpo entre o pollegar e o indicador, mas por baixo das azas e de modo que estas fiquem verticaes. Aperta-se fortemente, e logo que a borboleta está morta, tira-se da rêde. Esta operação deve sêr feita rapidamente, e com uma certa pericia, para não deixar o exemplar debater-se, o que occasionaria a perda de escamas e por consequencia de colorido. Algumas, especialmente as nocturnas, teem muita vida, sendo necessario, logo que se agarram, atravessar-lhes um alfinete no peito, junto das azas para não poderem bater com ellas. Deve haver grande cuidado com as borboletas, porque a minima pressão estraga-lhe as azas ou tira-lhes o colorido; as antennas estão tambem sujeitas a cahirem facilmente, tornando o exemplar defeituoso. A prática e a intelligencia do amador, mais que todos os conselhos lhe ensinarão os melhores processos de que ha-de lançar mão.

Morta a borboleta, espeta-se-lhe o alfinete no meio do tronco, e faz-se n'uma cortiça uma cavidade sufficiente para conter a parte do corpo do insecto inferior ás azas; introduz-se aquelle na cavidade, e as azas conservam-se abertas horisontalmente por meio de tiras de papel, que passando-lhes por cima se fixam dos lados com alfinetes.

Algumas femeas das crepusculares e nocturnas possuem um abdomen d'um volume extraordinario, que se despeja abrindo-o pela parte inferior e enchendo-o com algodão, depois de se lhe ter applicado uma camada de sabão arsenical.

Na collecção devem haver dous exemplares de cada individuo, um espetado de frente e outro de costas. Quando seja possivel, tambem é de grande merecimento o possuirem-se nas tres phases, conservando-se as larvas e nymphas em alcool ou solução de creosote (duas grammas de creosote para um litro de agua).

O melhor meio de obter especies raras e perfeitas de lepidopteros, é caçar as larvas e alimental-as.

As larvas encontram-se a cada passo, em diversos vegetaes de cujas folhas se nutrem.

Lançam-se n'uma caixa que deve ter no fundo um ou dous dedos de areia e alguns vegetaes seccos, e sustentam-se com as folhas das plantas em que foram achadas, até passarem ao estado de nympha e mais tarde ao de borboleta.

Antes de terminar lembrarei que cada larva deve estar na sua caixa, porque juntas matam-se umas ás outras.

Os *rhipipteros* são pequenos parasitas semelhantes a cigarras pequenas, possuindo azas membranosas dobradas em fórma de leque, e antennas curtas e filiformes.

As larvas vivem entre as escamas do abdomen de varias especies de vespas e moscardos.

Colam-se em pequenas laminas de talco.

Os *dipteros* (moscas, moscardos, mosquitos, etc.) que teem duas azas membranosas e a bocca mudada em trompa ou sugador passam por metamorphoses. As larvas vivem nos escrementos, cadaveres e até na agua.

No estado perfeito encontram-se nos logares humidos, nos bosques, prados, flôres, substancias alimenticias, no interior das habitações, e como parasitas em muitos animaes. Agarram-se á rêde, d'onde se extrahem com o auxilio da pinça. Picam-se no peito.

Os *thisanuros* teem a bocca com maxillas e mandibulas,

o corpo disposto para o salto e as pernas curtas. Não passam por metamorphoses.

Esta classe comprehende dois generos: os *poduros* e os *lépismas*.

Os poduros encontram-se na casca das arvores, sob pedras, á superficie das aguas, e especialmente junto a plantas aquaticas. Os lépismas teem o corpo coberto de escamas, semelhante á das borboletas, mas de um branco prateado. Acham-se nas casas, caixilhos das janellas, entre papeis velhos, sob madeira, nas gavetas, etc.

Devem agarrar-se de modo que não percam o brilho metallico. Espetam-se no meio do corpo, junto da cabeça.

Os *parasitas* (piolho) teem o corpo chato, os olhos simples, a bocca em fórma sugador e as patas terminadas em pinça. Não passam por metamorphoses. Encontram-se no homem, onde apparecem tres especies, nos mammiferos, e nas aves. Conservam-se nas collecções collados em pequenas laminas de talco.

Os *cystapteros* (carrapato) teem a bocca armada de duas mandibulas em fórma de colchete. Não passam por metamorphoses. Vivem como parasitas nos mammiferos, especialmente no cão, e em algumas aves.

Collam-se em laminas de talco como as especies antecedentes.

XV

CAÇA E PREPARAÇÃO DE MYRIAPODES

Os *myriapodes* (centopeias, etc.,) são os individuos que esbelecem a transição dos insectos para os arachnides. O corpo é alongado e composto de anneis possuindo cada um um ou dois pares de patas, e tendo a cabeça ornada de duas antennas. Sahem do ovo com seis pés, e os restantes desenvolvem-se com a idade. São carnivoros vorazes.

Encontram-se nos logares sombrios e humidos, sob pedras, folhas, cascas d'arvores, nas paredes, etc., e alguns, mas raros, habitam o mar. Devem agarrar-se com a pinça, porque a mordedura de algumas especies é venenosa. Geralmente conservam-se em alcool, mas ha-os que se podem espetar a secco, visto não serem muito sujeitos a perderem as fórmas.

N'este ultimo caso, picam-se no segundo ou terceiro annel, proximo da cabeça.

Os *arachnides* (aranhas, escorpiões, etc.,) são animaes desprovidos de antennas e possuindo oito patas, quatro de cada lado. O corpo molle, compõe-se de duas partes, o *cephalothorax* que comprehende a cabeça e o thorax, e o abdomen. São carnivoros. O maior numero é terrestre, mas ha-os que habitam a agua; alguns vivem como parasitas em differentes animaes.

Encontram-se nas casas arruinadas, bosques, jardins, sob pedras, nos mammiferos, aves, reptis, insectos, emfim por toda a parte. A sua caça é facillima, mas deve sempre diligenciar-se não lhes tocar, porque além da repugnancia instinctiva que por ellas sentimos, algumas especies ha, que são venenozas.

Muitas teem uma armadilha para prender insectos, e essa armadilha deve tambem figurar na collecção, para mostrar onde chega a intelligencia de alguns animaes.

Para isso, dá-se n'um cartão uma leve camada de gomma arabica, e estende-se por cima a teia, comprimindo-a um pouco para ficar bem collada.

Os arachnides são muito raros em collecções, porque ainda não se descobriu o meio de os conservar. No alcool perdem as côres, mas espetados nas caixas, não só perdem as côres, mas até as fórmas. Aquelles que são muito corpulentos abre-se-lhes o abdomen pela parte inferior, dando-se-lhe preservativo e enchendo-o em seguida de algodão. Mas, por mais bem feita que seja esta operação o exemplar resente-se sempre d'ella; as pequenas especies, a que se não pratica esta operação, devem mergulhar-se algumas horas em alcool antes de serem espetadas.

O alfinete introduz-se no peito, mas o mais perto possivel do abdomen, porque os olhos dos arachnides, estendem-se por todo o peito, sendo o numero e disposições d'elles um dos caracteres mais preciosos para a classificação.

Segundo a estructura dos orgãos da respiração e da circulação dividem-se em *arachnides pulmonares* e *arachnides tracheannos*.

Os arachnides pulmonares são os mais communs. Encontram-se nos prados, sob pedras, nos lugares sombrios e pouco visitados, nos bosques, celleiros, jardins, habitações, etc.

Uns tecem uma armadilha, outros vivem sob pedras, e alguns saltam e correm pelas estradas, paredes, etc.

Caçam-se á rêde e com o auxilio da pinça.

Os arachnides tracheannos vivem sob a terra, na agua, e, como parasitas, em alguns animaes. Alguns são tão peque-

nos que se não podem vêr a olho nú. Encontram-se nos rochedos á beira mar, entre algas e plantas maritimas, nas ruinas, bosques, entre papeis e objectos velhos, nos rios e charcos onde nadam com rapidez, e nos mammiferos, aves, insectos, etc., nos quaes estas especies produzem graves doenças, como, por exemplo, a *sarna*. Os exemplares, que por muito pequenos se não podem espetar, collam-se com gomma arabica a uma lamina de talco, que se espeta na collecção.

XVI

CAÇA E PREPARAÇÃO DE CRUSTACEOS

Os crustaceos, sendo quasi todos aquaticos, respiram por guelras interiores ou exteriores.

O corpo annellado compõe-se de tres partes, cabeça, thorax e abdomen. Algumas vezes a cabeça e o thorax estão unidos formando uma só peça, o céphalothorax. Possuem cinco a sete pares de patas, e a pelle é dura, encrustada de carbonato de cal. São oviparos. Annualmente cáe-lhes o involucro calcareo e durante os primeiros quinze dias a pelle é molle e flexivel.

Carnivoros d'uma voracidade incrivel, nutrem-se quer de carne morta, quer de animaes vivos, a que dão energica caça.

O maior numero habita o mar, mas tambem os ha de agua dôce e até terrestres. Nos rochedos das praias cobertos pela maré viva, e entre as algas, é que apparecem em grande numero.

Alguns só se encontram no alto mar.

Para os caçar mais facilmente, lança-se na agua um arco de ferro, tendo suspensa uma rêde de malha meúda em fórma de carapuça, ou uma ceira, levando prêso no fundo um pedaço de carne e algumas pedras, para a fazer mergulhar. Deixa-se estar algumas horas na agua e quando se tira vem sempre abundantissima de crustaceos.

Para se transportarem vivos, colloca-se n'uma caixa uma camada de algas, mettem-se dentro os crustaceos e cobrem-se com uma nova porção d'aquellas cryptogamicas. Mortos podem-se transportar em frascos com alcool. Os crustaceos, especialmente os de agua doce, encontram-se mais abundantemente junto aos tufos de plantas aquaticas ou montes de pe-

dras onde a corrente fôr rapida. Algumas especies (eremita bernardo) apoderam-se de conchas univalvas vasias e d'ellas fazem habitação, abandonando-as por outras logo que o desenvolvimento corporeo as não deixam estar á vontade na primitiva habitação. Outras, vivem dentro da casca e em sociedade com o mexilhão e a ostra, soffrendo uma especie de captiveiro, visto que só podem sahir quando o legitimo proprietario se digna abrir a concha para tomar ar. Umas e outras é preciso conserval-as com as differentes conchas em que forem achadas. As especies terrestres a que serve de typo o *oniscus*, conhecido vulgarmente por bicho de conta, apparecem nos lugares humidos e não longe d'agua, por isso que todas d'ella necessitam para depôr os ovos. Como vivem em colonias, o apparecimento de um exemplar é signal evidente de que n'esse lugar existem mais. As arvores carcomidas, montes de pedras, macissos de plantas, especialmente de juncos, são os seus retiros predilectos. Nem todos os crustaceos se preparam segundo o mesmo processo. Alguns ha que perdem as fórmas ao seccar, sendo necessario por essa razão conserval-os em alcool.

As lagostas, caranguejos e todas as grandes especies sujeitam-se ao seguinte processo. Se o exemplar estiver vivo é bom não o matar pela immersão no alcool como fazem alguns preparadores, mas sim introduzil-o n'um grande caixão tapetado de vegetaes sêccos, e deixal-o ahi morrer, o que ás vezes leva dias. Morto o animal, cortam-se as membranas que unem a parte superior (testo) á inferior, e, separado assim em duas partes, extrahem-se-lhe as visceras e toda a carne que contém interiormente, sem desarticular nenhuma outra parte do corpo, especialmente a cauda. Depois de bem despojado de carnes, dá-se-lhe uma boa camada de sabão arsenical, enche-se de algodão, e colloca-se o testo no seu lugar, collando-o com gomma arabica espessa.

Prompta uma taboa para lhe servir de sustento, dispõem-se-lhe convenientemente as pernas e segura-se o todo por meio de arames que passando exteriormente pelo corpo, vão prender-se á madeira. Depois de sêccos dá-se-lhe uma camada de verniz.

Ha crustaceos compostos d'uma substancia gelatinosa impossivel de extrahir sem deteriorar o todo; podem conservar-se em alcool ou seccal-os por meio da evaporação.

Para isto, collocam-se n'um forno ou sujeitam-se durante alguns dias á acção do calor solar até ficarem duros. Como os antecedentes, é bom dar-lhes uma pintura de verniz. Uma tribu

numerosa pertencente á familia dos crustaceos, os entomostraceos, pequenos animaes que polulam nas aguas doces, no mar, e até como parasitas em outras especies, são dignos de figurarem no museu pelas suas fórmas fóra do commum.

O unico meio de os conservar é mergulhal-os em alcool, logo que forem agarrados.

O seu corpo é de tal delicadeza, que, meia hora, o maximo, depois de mortos, perdem as fórmas e decompõem-se.

Agarram-se por meio d'uma rêde muito fina suspensa d'um arco de ferro.

(Continúa).

EDUARDO SEQUEIRA.

ONOMATOLOGIA PORTUGUEZA

(NOTAS AVULSAS)

Até á data presente a nossa onomatologia tem andado quasi exclusivamente nas mãos dos fazedores de chorographias, de modo que a cada passo fervilham os absurdos e ainda as faltas de senso. O livro que mais se presta á critica, n'este sentido, é o *Portugal antigo e moderno,* que, porém, offerece erros de outra ordem (1). Importa no emtanto applicar ao estudo dos nomes proprios o methodo scientifico, e deixarmonos de nos basear apenas em auctoridades, porque as auctoridades não são os eruditos pulverulentos do passado, são as leis que regulam os factos. No presente ensaio não tenho pretensões a apurar sempre indiscutivelmente a verdade; miro apenas a seguir o methodo proprio d'estas investigações. Rigor scientifico absoluto só na Mathematica se encontra (2).

Como por um lado eu tenciono tratar mais completa e

---

(1) Quando a obra estiver concluida, espero, se tiver tempo, consagrar-lhe uma analyse detida. Infelizmente esta critica já não póde aproveitar ao A.; mas talvez aproveite aos continuadores d'elle.

(2) «....at present I only wish to remind the reader that a rigorously mathematical method is quite impracticable in such an investigation, which can only be carried out by a process of cumulative reasoning, based on a number of independent probabilities.» (H. Sweet,—Hist. of Engl. sounds, pag. 26.)

desenvolvidamente do assumpto, e por outro lado este é um artigo de momento, não sigo ordem nenhuma a respeito dos nomes considerados em conjuncto. Se acaso o trabalho se prolongar em numeros subsequentes da «Revista», darei no fim um indice ordenado.

1. O lat. *avelana* deu os seguintes derivados: AVELLANOSO, AVELLOSO, VELLOSA, VELLOSO; AVELLANEDA, AVELLEDA, VELLEDO (campo em Traz-os-Montes), VELLEDA; AVELLAR.

2. O lat. *betula* deu: BIDUEDO (=* *betuletum*); BIDUEIRA (=* *betularia* —); VIDUAL; BEDUIDO (cfr. CEBOLIDO de *cebola*, CARVALHIDO de *carvalho*, LOURIDO [quinta no Cadaval] de *louro*, PORRIDO de alho *porro* (1), TOJIDO (Tujido) de *tojo*, etc.)

3. IZÊDA vem de * *iliceta* (cfr. *ilicetum*), de *ilex*. Para designar um terreno plantado de arvores os suffixos *-eda* e *-edo* alternam-se (cfr. CARRAZEDO e CARRAZEDA, como verêmos, etc.), talvez com a unica differença de um indicar maior grandeza do que o outro; assim na nossa lingua *janello* é menor que *janella*, *saxôlo* menor que *saxóla*, *cancêllo* menor que *cancella*, etc. (Cfr. o magnifico trabalho *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*, pag. 58, do meu amigo A. R. Gonçalves Vianna, que faz a mesma observação).

4. O lat. *matiana* deu: MAÇAINHAS (= *maçaninhas*, de *maçana*; cfr. FONTAINHAS = *fontaninhas*, de *fontana*); MAÇAL (=* *matianale*), MACEIRA, MACEDO e MAZEDO. A formação de *Macedo* póde offerecer difficuldade aos leitores, á primeira vista; mas não tem nenhuma: **matianetum*, **macianedo*, **maciaedo*, **maciedo* (cfr. AVELLEDA no § 1). O *ie* de **maciedo* reduziu-se a *e* em MACEDO, cfr. *maceira* = *macieira*, fórmas que concorrem na nossa lingua; *ae* reduziu-se a *e* como em pop. dialect. *quenda* = ant. *caenda*.

5. O lat. *quercus* deu: CERCOSA, CERCAL, CERQUEIRA, (cfr. CARVALHOSA, CARVALHAL, CARVALHEIRA) e talvez SERZEDO (= *quercetum*) com o dimin. SERZEDELLO, ainda que estas palavras podiam talvez vir de * *salicetum*, que deu SALZEDAS, SARZEDAS e SARZEDO (2). — O *qu* lat. pronuncia-se como o *c*

(1) Cfr. *Porral* e *Purral* que vi escriptos nas matrizes do concelho de Guimarães, como campos da freguezia de S. João Baptista.

(2) No foral que D. Manoel deu ao mosteiro de Salzedas, na Beira-Alta, acho a fórma *Cerzedas* (como anterior a *Salzedas*, que é moderna); como porém *Salzedas* difficilmente se póde derivar de *Cerzedas*, deve ter-se este nome como errado. O que escreveu o foral podia equivocar-se com outros nomes similhantes.

romanico antes da mesma vogal (cf. Diez, *Gr. des l. rom.*, I. p. 244). — Creio que o fr. CERQUEUX, que E. Littré (in *Études et Glanures*, p. 217) tira de *sarcophagus*, é tambem um derivado de *quercus* (o suff. lat. *-osus* em fr. deu *-eux*).

6. O lat. *carex* deu: CARREGUEIROS (= * *caricariu-*); CARREGADO, CARREGAL e CARREGÃES (campo no conc. de Guimarães, onde tambem ha campos com o nome de *Carregal*); CARRAZEDA e CARRAZEDO. — Com os suff. *-eiro, -eira,* temos, em nomes tirados da flora, GÉSTEIRA, JUNQUEIRA, FÈLGUEIRAS; com o suffixo *-ado* temos SOBRADO (vid. infr.); com os suff. *-al, -ães, -edo, -eda,* passim. — O *r* muda-se em *rr* tambem em algumas palavras populares.

7. O lat. *suber* deu: SOBREIRA, SOBREIRO, SOBRADO, SOBROSA, SOBRAL.

8. O lat. *sorbum* (port. *sorva,* do pl. *sorba* tornado singular, como *dívida,* de **debita,* de *debitum; pimenta* de **pigmenta,* de *pigmentum,* etc.) deu: SORBEIRA, SORVAL (v=b).

9. O nome de terra BEZELGA vem de *basilica* (que teve a significação generica de *templo*) em virtude dos seguintes intermedios: *basélica* (ELUCIDAR. de Viterbo, s. v.; PORTUGAL. MONUM., *dipl. et chart.* p. 468), *baséliga* (*Port. mon.*, ib., 465, 466), * *beséliga.* O *i* atono post-tonico, em palavras esdruxulas, cae normalmente.

10. O lat. *clausum* (que, na fórma * *clausa,* cfr. § 8, produziu o port. arch. *chousa*) deu: CHOUSA, CHOUSAS, CHOUSELLAS, CHOUSELINHA, CHOUSAL, CHOUSALINHO, CHOUSO e CHOSO. — Em vez de *chousa* diz-se hoje, n'umas provincias, *tapada* e *tapado,* n'outras *cerrado.*

11. FRÁGOAS, nome de terra, vem de *fabricas.* Os doc. ant. offerecem FRAVEGAS (sec. XI e sec. XII, apud. *Elucidario* de Viterbo, s. v. FRAVEGAS) como nome de uma terra que hoje se chama FRÁGOAS. Temos a seguinte serie: FABRICAS, FÁBREGAS (conheço um gallego assim chamado), **Frábegas,* **Frághebas,* **Frágobas, Frágoas.* — Tanto em hisp., como em mir., o nome da *forja* (lat. *fabrica*) é *frágua.*

12. O nome de terra FONTOURA póde vir de *fonte aurea* (**fontáuria,* **fontaura*); cfr. FONTE DE OURO (apud. *Chorographia* de Baptista), AGUA D'OURO (ib.), RIO DO OURO (ib.; não é a mesma palavra que DOURO = DURIUS), FONTE DOURADA (campo na freg. de Azurem, c. Guimarães).

13. O nome *Santa Eulalia* ou SANTA OLALIA transformou-se curiosamente:

SANTA-OLALIA
|
SANTA-OLALHA
|
SANTA-OLHALHA

* SANT'UALHA * SANTA-UALHA
| |
SANTALHA SANTA-VALHA

A demonstração é facil: OLALHA e OLHALHA são fórmas archaicas, que Viterbo traz (*Elucidario*, s. v.); * UALHA vem de OLHALHA por dissimilação (isto é, quando ha dois sons eguaes ou da mesma natureza n'uma palavra, um d'elles tende a desapparecer completamente ou a ser substituido); n'um caso * SANT'UALHA dá SANTALHA, como por ex. SANTO ANTONIO dá no povo SANT'ANTÔNHO; n'outro caso, em SANTA UALHA, o *u* consonantisa-se em *v* para se evitar o hiato. Diez, na *gram.* I, 174 fornece alguns casos de consonantisação do *u:* it *belva* (=bellua); fr. arch. *eve* (=aqva=aqua), *ive* (=equa). — Esta minha proposição é ainda confirmada pelo seguinte: Santa Eulalia é o orago tanto de SANTAVALHA (Traz-os-Montes), como de SANTALHA (ib.)

E' provavel que o nome de terra SANTA OVAIA derive tambem de OLALIA (* OALIA, * OAIA); o *v* será uma consonantisação do *u*. Eis a série das fórmas explicativas: * SANT-OUÁIA = * SANT-AU-ÁIA = * SANTA-UÁIA = * SANTA-OÁIA.

14. MONTOUTO (Alemtejo e Bragança), vem de MONTE ALTO (cfr. MONT'ALTO, MONTE-GORDO, etc.) Eis a serie: MONTALTO, * MONTAULTO, * MONTAUTO, MONTOUTO. Cfr. o port. *souto* = lat. *saltu* —. Eu penso que *al* dá *au* - pelo intermedio - *aul;* com effeito no povo (Norte) diz-se *áulto!* (= alto!), e no Minho é constante *aurdeia, aurma, caurdo,* etc. Afasto-me n'este ponto levemente do que diz o snr. Gonçalves Vianna no seu cit. trabalho, pag. 6; isto é, o *l* dissolve-se em *u* em contacto com este som.

15. MOSSUL e MONSUL vem de MONTE DO SUL. N'estes compostos *de* ou *do* desapparecem frequentemente; cf. CIMA-CÔA, BEIRA-MAR. Creio que MOMBÉJA é tambem MONTE DE BEJA; MONT'ARGIL é MONTE DE ARGILLA (cfr. MONTE DE TRIGO, MONTE DE PEDRA). Cfr. mais VIA-COVA (campo c. Guimarães), FONTE-CAL (campo c. Cadaval), VAL-FREIXO, (ib.).

16. GULPILHARES está em relação com o port. archaico *golpelha* (= lat. *vulpecula*), que apparece, por exemplo no adagio

O lobo e a golpelha
Fizeram uma conselha.

No *Foral* dado por D. Manoel a Gaia lê-se já GOLPILHARES.— Tambem ha GOLPILHAL, nome proprio (apud Baptista).

17. PENAS-ROIAS (em Traz-os-Montes) deriva de *penas-rubeas* (rubias); cfr., quanto ao sentido, PENALVA (= Pena alva,) PENA-VERDE, PEDRAS RUBRAS, etc.; quanto ao som *marroio*, = lat. *marrubium*.

18. Temos visto que os nomes são tirados da *flora*, da *fauna*, das *côres*, dos *accidentes do solo*, da *posição geographica*, etc. A respeito da posição geographica ha muitos com a preposição *sub*, que hoje é desconhecida do povo. Eis alguns exemplos: SUB-PORTELLA, SUB-FEIRA, SUB-ARRIFANA. As matrizes da repartição de fazenda do concelho de Guimarães offereceram-me bastantes casos, o que prova que o processo de formação teve alli bastante generalidade: SUB-ESTRADA (bouça, freguezia de Abbação), SUB-RIBAS (leira, ib.) SURRIBAS (campo, ib. etc.), SUBCARREGAL (leira, f. Atais), SURREGO (assimil. em * *sub-rego*, campo, ib.), SUMATTO (por * *sub-matto*, sitio, f. S. Torquato), SUPAÇO (por * *sub-paço*, sitio, ib.), SUB-DEVEZA (ib.) Tambem nas mesmas matrizes encontrei SOBRE-TRIGAES (campo). Cfr. SOBRE-TAMEGA (povo).

19. SANTULHÃO de SANT'IULIANUS (* SANTULIANO; *li* dá *lh*, exemplo *alheio* = *alienus*; *anu* – dá *ão* passim). Esta etymologia é confirmada pelo orago *S. Julião*.

20. SEMELIÃO (ou antes SEM'LIÃO, soando o *m*), quinta e casa em Rèzende. Esta palavra vem de SÃ MELIÃO, (= Sã Emilião; MELIÃO, ou antes MLIÃO, existe no dialecto açoriano). Em SÃ MELIÃO, houve uma absorpção da nasal ao *m* seguinte (cfr. ant. *ena* = *em na*), e appareceu a fórma * SAMELIÃO que deu a actual por assimilação do *a* ao *e* seguinte.

21. SANFINS, de SÃ FELIZ, (em gallego *Fiz*, apud Dicc. Piñol), etymologia confirmada pelo orago de uma terra assim chamada, e que é *S. Felix*. A fórma gallega FIZ assenta em FELICE (cfr. *feliz*). Em port. arch. ha tambem *Fijs*, isto é, *Fiiz* (Vid. *Il Canzon. Port.* de E. Molteni, pag. 148).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

O ENSINO NATURAL DA LINGUAGEM

« Le peuple que a les meilleurs ecoles est le premier peuple. S'il ne l'est pas aujourd'hui, il le sera demain. »

JULES SIMON.

No ensino está garantida a prioridade social e esta offerece um alvo obrigado a todo o esforço humano, vide America do Norte. Sentir e realisar o bem são o motivo e o fim da existencia individual e collectiva do homem.

O bem-estar, para saber bem e sentir melhor. Assim, para que o homem seja bom, importa ser util e portanto intelligente e instruido, o que ainda presuppõe o ser válido, capaz physicâmente.

Em sua maioridade, o homem satisfará á lei moral, motivo e fim da sua existencia, na medida de um caracter disposto a realisar o bem, assegurado este por uma energia nativa e adquirida—virtual, nas aptidões phisicas, psychicas e conhecimentos adquiridos; realisada, na apropriação prática d'estes e d'aquellas ao bem social.

Motivo e fim, os mais complexos da existencia—o homem soffre uma evolução educadora a mais longa e heterogenea; d'aqui muito naturalmente uma determinação a mais tardía e incompleta ainda das condições do seu natural desenvolvimento. Todavia, a orientação pedagogica está definida na formula, que enunciamos ao começar este trabalho.

D'esta mesma formula se deduz, que a orientação pedagogica deverá comprehender o vasto dominio da anthropologia, considerando o homem, animal e factor social, na especie, na raça, na familia, no individuo, na edade e no sexo. Resultará assim um conjuncto de leis pedagogicas, que serão outras tantas inducções sobre a observação de factos, que o pedagogista deverá conhecer, por uma investigação propria, consciente. Esta verdade, que devemos reconhecer na resultante a mais effectiva e promettedora de todo o esforço anterior, não está ainda integralmente constituida no seio da consciencia publica, por maneira a impor-se á maioria, á opinião. Resta-lhe, todavia, vencer apenas o habito pela imposição dogmatica. Im-

põe-se ainda dogmaticamente um processo, uma formula, um preceito, como se lhes assistira um merito intrinseco; sem prescrutar e reconhecer-lhes conformidade alguma, com a natureza do phenomeno, que o processo investiga, que a lei interpreta e que o preceito applica; d'aqui, um ensino, sem principios, sem regras, sem prática, na genuina e unica accepção d'estes termos.

A imposição dogmatica, porém, está fundamentalmente votada á proscripção. Prescinde da noção sentida, percebida, consciente; e a sciencia, mostrando a verdade, diz—que a sensação é a materia prima que a intelligencia elabora; que d'esta elaboração resultam todos os phenomenos psychicos; que a noção mais remota em sua determinação objectiva, a mais generica e a mais abstracta, resultam todas de uma elaboração psychica, mais ou menos longa, sobre noções immediatas, sentidas sobre o objecto que impressiona. A intuição indica-nos assim o primeiro momento da evolução psychologica; seguindo-se-lhe, como resultantes de numerosos e variadissimos modos de investigação e de elaboração mental, a inducção e abstracção; esta definitiva, nas relações as mais simples da noção algebrica de numero, quantidade, movimento, fórma geometrica, etc., aquella progressiva, na vasta comprehensão das leis physicas, chimicas, biologicas e sociaes; e, hoje, tendo o seu maximo de generalisação, no criterio de uma dynamica universal. Segue-se-lhes naturalmente a deducção prática, pela aptidão educada e pelo conhecimento adquirido.

E' assim a evolução psychica que, com a biologica, o homem realisa atravez os tempos; e cada individuo reproduz, rapida e a largos traços, graças a aptidões nativas, que a herança fixa e que a educação, adaptação promovida adequada, promove em desenvolvimento crescente, progressivo.

E que melhor fôra dizer-se,—que a educação, adaptação *universalmente fomentada, universalmente fomenta...!*

A intuição é pois o primeiro momento da evolução psychologica e a creança representa este momento, na evolução individual. Inicie-se assim a instrucção, e, se á deducção estabelecida faltasse uma plena confirmação, encontral-a-iamos no vulgarissimo, mas nem por isso menos commovente, espectaculo do espontaneo desenvolvimento no homem; vel-a-iamos alli; n'aquella creança—attentae em seu pequenino rosto, cujo olhar brilhante e interrogador vae rapidamente de um para outro lado; agita-se, por toda a sua flexibilidade extrema, no anceio de tomar para si a todos os objectos; retem-nos, afincada,

com esforço desproporcionado a seus debeis braços. E' o prenuncio, é o primeiro momento d'essa enorme força, que o homem empenha na investigação do real, da verdade! Eil-o que observa os objectos retidos em suas pequeninas mãos; encara-os, por todos os seus lados; comprime-os, parte-os, rasga-os; junta e dispersa-lhes os fragmentos; e sempre, e em tudo, procura o maior numero de impressões variadas. Depois, encara-nos radiante, exclamando e agitando-se, n'um movimento geral da mais sincera alegria. E' o prenuncio do sublimado grito de Archimedes; é a consciencia que se reconhece, e util, transmittindo-se n'aquelle pequenino rosto expansivo e sorridente!

Falta-lhe a linguagem; mas nem por isso é menos expressivo.

E haverá pois outras modos da expressão, além da linguagem? E' incontrastavel a poderosa acção da linguagem, como factor do desenvolvimento mental; mas, é egualmente certo, que o significavel precede a significação; e que a creança tendo idéas e formando juizos antes de possuir a linguagem, realisa outros modos da expressão, antes d'aquella.

Temos assim determinado o momento psychologico, que a creança representa, em condições de gradual e integro desenvolvimento; vejamos a escóla, o ensino satisfazendo a estas condições e necessidades fundamentaes.

Permitta-se-me um parenthesis. Não por desculpa, que a consciencia das proprias forças excusaria; mas, por satisfazer ás necessidades da deducção logica, quando se toma por ponto de partida principios da maxima generalisação, direi: que não é proposito meu expôr um plano geral e completo da educação. Creio mesmo ter-me feito comprehender, quando anteriormente apontei e justifiquei a deficiencia, ainda actual, na determinação das condições do natural, por gradual e integro, desenvolvimento do homem; mas, embora me preoccupe uma parte, apenas, do plano geral da educação, correspondente ao ensino da linguagem; como determinal-a devidamente, sem fundamentar o juizo nos principios de orientação pedagogica?!

Considero-me assim, justificado e isempto da attribuição de menos consciencioso das proprias forças.

Fechado o parenthesis e determinadas as condições da iniciação instructiva, vejamos como devidamente realizal-as. Offerecendo a creança uma constituição phisica regular e estabelecida a regulamentação do estudo: quanto ao tempo, proprio para cada lição; ao local, e n'este, ás condições de ade-

quada luz, audição, ventilação, aquecimento; regulada ainda a forma e duração do exercicio, tanto escolar como de recreio; por maneira a no primeiro caso, evitar, por uma posição apropriada, a myopia e a scolióse; e no segundo, promover o gradual e integral desenvolvimento phisico e esthetico; vejamos a iniciação instructiva na creança.

Repito, apenas me preoccupará o ensino da linguagem.

Como promovêl-a intuitiva?

O orgão da falla, como os restantes orgãos na creança, soffre a evolução, um desenvolvimento progressivo, na heterogeniedade crescente. Apenas possivel a principio a emissão de puras e simples vozes, segue-se-lhe a emissão das articulações; e n'esta, a ordem de complexidade funccional crescente, até ser possivel a emissão da palavra a mais complexa.

Ao exercicio phisico espontaneo; ou melhor, accidental—provocado pelos accidentes do local e da occasião—procura hoje a educação phisica substituir o exercicio realisado intencional e consciente, quando promovido á face de uma regulamentação methodica e adequada, ao geral das creanças e a cada uma em particular. Exercita-se o musculo, que move os membros e com elle os restantes orgãos; que todos, pela solidariedade extrema entre as partes de um organismo, participam da benefica apropriação de uma funcção propria, a constituir-se um orgão proprio. Mais ainda, a mão; e a mão direita, este distinctivo humano, esta expressão da dualidade cerebral, educa-se intencional e conscientemente a realisar movimentos que, pelo habito, ou talvez pela autonomia relativa de uma parte dos centros nervosos, se torna posteriormente inconsciente, capaz de uma execução extremamente precisa; por maneira que a mão, que exprime autonomica, obedeça automatica á emoção do artista, que exprime na téla, no marmore, no aço ou ainda no instrumento musical o sentimento que o absorve, n'um goso intimo, e que assim se transmitte fiel a quem vê ou ouve.

E porque não educar egualmente a expressão verbal, por um exercicio promovido intencional e inicialmente consciente; e que, da mesma fórma, se prestará á expressão fiel, precisa, rigorosa da idéa ou juizo, em que a intelligencia toda e exclusivamente se absorverá?! Não será o homem uma intelligencia servida por orgãos?! E o maximo de automatismo organico, subordinado, a principio, consciente, intencional e methodicamente ao maximo de autonomia mental, quando esta devidamente orientada no individuo e no meio social, não deverá considerar-se o alvo da perfectibilidade humana, social?!

Mas, bastaria lembrar que a palavra, phenomeno realisado em condições inteiramente accessiveis ao sensorio, á consciencia da impressão sentida, tem naturalmente, na determinação d'aquellas condições, a sua rasão de ser, o seu fim para que. E por que não interessar a propria actividade da creança n'esta determinação?! Se lhe é accessivel?! e se realisa a genuina intuição?! Realisemos pois o ensino intuitivo da linguagem.

Tomando uma base convencional para um processo de ensino que, como todo e qualquer outro, deverá ser natural, conforme á realidade do phenomeno, que investiga para provocar, a solettração ou a somma dos nomes das lettras, e ainda os signaes mimicos ou outros meios mais ou menos extravagantes, são peior que a nullidade, são a perversão. Tudo falso por assente em base falsa.

N'um interesse exclusivamente linguistico, encontramos, por exemplo, no excellente livro de Whitney—A vida da linguagem — a determinação das condições phoneticas que distinguem e pelas quaes se dispõem methodicamente em quadro os elementos alphabeticos de uma lingua —ingleza. Porque não ir mais além, n'um interesse pedagogico, determinando as condições organo-physiologicas d'aquelles resultados phoneticos; insinuando-as na creança, por termos ou imagens adequadas e pelos movimentos que o orgão executa; e que a creança agora, e só agora, perceberá por as sentir intencional e conscientemente?!

Depois, que mnemonica e que facilitação por um ensino mais rapido, constituindo uma auto-intuição: em que o agente impressivo é o mesmo impressionado, e assim permanente a impressão que determina o signal graphico, fixando-se este permanente!

E não se estabeleceria assim um fundamento á investigação por um methodo verdadeiramente natural, integrando-se ainda e com toda a justiça n'um plano geral da educação?!

Creio ter demonstrado que satisfaz ao momento psychologico representado pela creança, porque é o unico dos methodos que investiga e ensina a investigar, satisfazendo ao fundamento intuitivo.

(Continúa.)

URBINO DE FREITAS.

AS AVES EM PORTUGAL

(Continuação, v. pag 463 do n.º 10)

LISTA

Aves Carinatæ.

Ægithognathæ.

ORDEM I. — PASSARES.
SUB-ORDEM — OSEINES.
SECÇÃO I — OSEINES DENTIROSTRES.
FAMILIA — TURDIDÆ.
SUB-FAMILIA — TURDINÆ.

I. Turdus Viscivorus, (Linn.).

TORDEIA (Porto).
IDEM E TORDOVEIA (Coimbra).

E' vulgar pelo menos no norte de Portugal onde cria. Encontra-se tambem na serra de Monchique.

Esta ave tem a particularidade de cantar no inverno durante o tempo borrascoso e até debaixo d'um forte aguaceiro.

No anno de 1878 notei em S. João da Foz do Douro que começou a cantar a 3 de dezembro.

Turdus musicus (Linn.).

TORDO (Porto).
TORDO BRANCO (Coimbra).

Esta ave chega a Portugal no principio de outubro e passa aqui o inverno, encontrando-se alguns exemplares até ao fim de março ou mesmo até ao principio de abril. E' mais abundante porém em novembro na passagem para o sul.

Na occasião da sua chegada a Portugal já estão colhidas as uvas e por isso não produz nas vinhas os mesmos estragos que faz em França. E' muito amadora de azeitona, sendo provavel que ajude a dispersar as sementes das arvores de caroço.

Estas aves quando emigram viajam geralmente sós, aos pares, ou em bandos pequenos.

Não consta que criem em Portugal. E' possivel que o façam nas serras mais altas do norte do paiz; no entretanto não as encontrei no verão na Serra do Gerez.

Turdus iliacus (Linn.).

TORDO.
TORDO RUIVO (Coimbra).

Chega um pouco depois do Turdus musicus e é quasi tão vulgar como este, partindo em janeiro e fevereiro.

No campo distingue-se do tordo pela risca clara sobre os olhos.

Turdus pilaris (Linn.).

TORDEIA.
TORDO TORNAL (Coimbra).

E' a maior especie de tordo que se encontra em Portugal, sendo mais vulgar n'alguns invernos do que em outros e chegando mais tarde do que o Turdus musicus e o Turdus iliacus.

Encontram-se mais frequentemente durante os invernos mais rigorosos.

Turdus merula (Linn.).

MELRO.
MERULA (Algarve).

Encontra-se por todo o paiz onde é abundantissimo.

Em principios de fevereiro faz um ruido identico ao que produz um seixo percutindo outro. Começa pouco depois a cantar, continuando até ao fim de julho.

Algumas vezes apparecem exemplares com pennas brancas, chegando a encontrar-se alguns com pennas só d'esta côr.

Turdus Torquatus.

MELRO DE PAPO BRANCO.

Tenho visto exemplares encontrados em Portugal mas sem indicação da data em que foram achados. E' provavel que venham do norte em outubro.

Tem apparecido nas proximidades de Penafiel.

Monticola saxatilis (Linn.).

Macuco (Melres).
Melro das rochas (Serra do Zorro e Coimbra).

Vulgar nas fragas da Abitureira (proximo a Melres), Pinhão e outras localidades fragosas das margéns do Rio Douro onde cria.

Dos dous exemplares do museu de Coimbra, um foi morto na serra do Zorro. Um d'esses exemplares foi morto em maio, outro em julho.

Emigra. Canta pousado sobre um penedo, ou emquanto vôa d'uma pedra para a outra; n'este ultimo caso agita as azas emquanto canta. Tem o canto melodioso e agradavel, como é geral n'esta sub-familia.

Monticola cyanus (Linn.).

Merifela (Pinhão).
Melro fragoeiro (Douro).
Melro lapeiro (Caldas de Aregos).
Melro azul (Coimbra).
Solitario (Alemtejo e Algarve).

É vulgar nas margens escarpadas do rio Douro, acima de Melres. Vi um exemplar encontrado em Villa Real. Encontra-se em Coimbra, onde porém é pouco vulgar no dizer do snr. Dr. José Maria Rosa de Carvalho. Em abril de 1884 vi dous no rio Guadiana.

É sedentario.

SUB-FAMILIA Cuielidæ.

Cinclus aquaticus (Bechœt).

Melro peixeiro (Nome vulgar).
Tordo pisco (Penafiel).
Melro do rio (Rio Minho).

É vulgar nos rios e ribeiros, nas localidades montanhosas, principalmente no norte de Portugal, apparecendo tambem em algumas ribeiras confluentes do Mondego e nas margens d'este rio ao nascente de Coimbra.

Asseveram pessoas authorisadas que esta ave não come os peixes, mas sim insectos aquaticos.

É sedentario.

SUB-FAMILIA SAXICOLINÆ.

Saxicola œnanthe.

CHASCO DO MONTE.
TANJARRO (Peniche).
CAIADA (Coimbra e Extremadura).
RABO BRANCO (Idem).

Tenho observado esta ave desde maio até 17 de outubro.

Cria muitas vezes em buracos nas pedras á beira-mar como, por exemplo, em Peniche, Lavadoz, etc., e tambem nos visos dos montes e serras em sitios pedregosos e despovoados. É raro nas proximidades de Coimbra.

E' d'arribação.

Saxicola albicollis.

TANJASNO (Algarve).

Não apparece nem no Porto nem em Coimbra. Tenho apenas visto os exemplares do museu de Lisboa, que vieram de Penamacor e Barranhos, e alguns outros no Algarve, onde observei que habita de preferencia as planicies, não sendo raro encontrál-o pousado nas figueiras.

Saxicola rufa (C. L. Brehm).

CAIADA, QUEIJEIRA, TANJARRA, (L. A. do Museu de Coimbra). (1)
TANJARRO (Gm. Traz-os-Montes e Peniche).
TANGEASNO (Alemtejo).
CHASCO BRANCO (Melres).

O snr. dr. José Maria Rosa de Carvalho informa-me que é vulgar no Ribatejo. No norte de Portugál é mais raro do que no sul. Tenho-o visto no verão.

(1) Quer dizer: Lista das Aves do Museu de Coimbra.

Saxicola leucura (Gm).

RABO BRANCO (Pinhão no Alto-Douro).
CHASCO DE LEQUE E AVE DE LEQUE (Melres).

É vulgar nas margens do Douro, como por exemplo, nas Fragas da Abitureira, Bateiras, etc.

Foi morto um na serra do Zorro. Não se suppunha que existisse nas visinhanças de Coimbra.

O seu canto é alegre e agradavel.

O nome local de *ave de leque* provém do costume de estender as pennas da cauda em fórma de leque. E' a unica especie sedentaria do genero saxicola, que se encontra em Portugal.

Pratincola rubetra (Linn).

CHASCO.
TANGE ASNO (Coimbra).

Apparece em Portugal de passagem do norte para o sul desde a segunda semana de setembro até quasi ao fim de outubro, sendo vulgar n'esta epocha.

Esta ave póde á primeira vista confundir-se com a femea do chasco sedentario (P. rubicola); distingue-se porém pela côr um pouco mais clara e por uma risca clara superciliar.

Os seus habitos assemelham-se muito aos da P. rubicola, e encontra-se pousado muitas vezes nas cannas seccas do milho.

Foi a 10 de setembro de 1882 a occasião em que vi mais cedo esta ave, e em 19 de outubro de 1879 aquella em que a vi mais tarde.

O seu nome vulgar em Coimbra — Tange-asno — que quer dizer anda-burro, vem-lhe do canto, e é tambem dado a outras aves como as Saxicolas e as Lanius rufus.

Pratineola rubicola.

CHAS-CHAS (Redondela).
(C DURO) (Galliza, Hespanha).
CHASCO (algumas vezes *c duro*, outras brando), (Porto, Esmoriz, Ovar e Estarreja).
CARTAXO (Angeja, Aveiro, Coimbra, Agueda e d'ahi para o sul).

E' interessante notar a demarcação dos dous nomes vulgares d'esta ave.

O primeiro é evidentemente onomatopeico.

Não sei a origem do segundo nome—Cartaxo—, mas o limite septentrional do nome coincide pouco mais ou menos com a da Motacilla Alva Lavandisca, que em Angeja toma o nome de Arvella. Estes factos podem ter relação com alguma diversidade na origem dos antigos povos. Nas Caldas de Aregos foi o ponto mais septentrional onde encontrei esta ave, designada pelo nome de Cartaxo.

Esta ave é abundantissima em todo o paiz, pousando habitualmente nos fios telegraphicos, nas pontas mais altas do matto ou no cimo dos muros, etc. O macho e a femea são inseparaveis.

E' das aves que cria mais cedo, fazendo geralmente o ninho no chão, ao pé d'um tojo, ou ao pé d'uma valla.

O povo diz que esta ave é peçonhenta, sendo por isso perseguida. Tendo perguntado qual é a rasão d'esse facto, teem-me dito que o chasco guiou Nosso Senhor até aonde estava Judas.

Na Galliza o povo diz que o chasco cantava, guiando Judas: «Chas, chas por aqui bem bas», emquanto o Tentilhão cantava: «Pim, pim por aqui bem vim», guiando-o pelo caminho opposto.

Este prejuizo é para lamentar, porque o chasco é uma ave esperta, pouco desconfiada e essencialmente insectivora, pelo que é digna da protecção dos lavradores.

Ruticila phœnicurus (Linn).

RABETA (Coimbra).

Vi alguns exemplares no Museu de Coimbra, e o snr. dr. José Maria Rosa de Carvalho informa-me que esta ave costuma apparecer nas visinhanças d'aquella cidade de passagem em setembro, e indo-se embora em outubro; e sendo mais raro n'uns annos do que n'outros.

(Continúa.)

W. TAIT.

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag. 483)

930. **O. nigellus Ill.**

Illiger. Mag. Ins. II, p. 207.

Je n'ai jamais pris qu'un seul exemplaire.

931. **O. melitæus F.**

Ill. Mag. Ins. II, p. 206.

Beja (J. Lucio!). D'aprés Illiger il a été trouvé en Portugal par le Comte Hoffmansegg.

932. **O. punctactus Ill.**

Ill. Mag. Ins. II, p. 208.
Emarginatus Muls. Col. Fr. Lam., p. 154.

Je l'ai trouvé seulement à Coimbra et dans le nord.

GENRE ONITICELLUS SERVILLE

933. **O. flavipes F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 782.

Commun dans le nord.

APHODINI

GENRE APHODIUS ILLIGER

934. **A. erraticus L.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 794.

Azambuja (J. Antunes!).

V. *fumigatus Muls.*

Azambuja (J. Antunes!), Caldellas (S. da Silva!).

935. **A. scrutator Herbst.**

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 796.

Serra do Gerez! (L. V. Heyden!).

V. *submaculatus Muls.*

Muls. Col. Fr. Lamell., p. 169.

Trouvé par Mr. Heyden dans la Serra do Gerez.

936. **A. fossor L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 799.

Serra do Marão!, Serra do Gerez!.

937. **A. hæmorrhoidalis L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 800.

Serra do Gerez! (L. V. Heyden!)

Les deux exemplaires que je posséde appartiennent à la variété *sanguinolentus Herbst* avec une petite tache rouge humérale.

938. **A. seybalarius F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 803.

Coimbra!, Porto!, Villa Nova de Famalicão (J. de Castro!), Mertola!.

V. *conflagratus F.*

Erich. l. c. p. 803.

Leiria (Dr. A. Vieira!), Serra do Gerez!, Azambuja (J. Antunes!).

939. **A. fimetarius L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 805.

Dans le nord d'Azambuja il se trouve fréquemment avec les variétés suivantes:

V. *bicolor Muls.* Muls. Col. Fr. Lam. p. 187.

V. *maculipennis Muls.* l. c. p. 187.

V. *egenus Muls.* l. c. p. 187.

940. **A. granarius L.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, 813.
Dans tout le nord d'Azambuja.

941. **A. Perezi Har.**
Heyden. Ent. Reis. etc. 1870, p. 113.
Serra do Gerez (Heyden!), Serra de Monchique!.

942. **A. putridus Sturm.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 818.
Coimbra!, Serra do Gerez (L. V. Heyden!).

943. **A. hydrochæris F.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 820.
Beja (J. Lucio!), Faro!, Azambuja (J. Antunes!).

944. **A. sordidus F.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 822.
D'après Illiger, Mr. le Comte Hoffmansegg a pris en Portugal plusieurs variétés de cette espéce et je posséde aussi dans ma collection deux individus.

945. **A. rufescens F.**
Berl. Ent. Zeit. 1866, p. 101.
Serra do Gerez (Heyden!).

946. **A. nitidulus F.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 826.
Espinho!, Serra do Gerez (Heyden!).

947. **A. varians Duft.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 832.

Coimbra!, Celorico (Heyden!).

V. *bimaculatus F.*

Coimbra!, Miranda do Douro (A. Oliveira!).

948. **A. inquinatus F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 839.

Guarda!, Bragança!, Coimbra!.

949. **A. lineolatus Ill.**

Ill. Mag. Ins. II, p. 191.

Coimbra!, Guarda!, Azambuja (J. Antunes!), Pinhel!, Faro et Monchique (Mattzan!).

950. **A. tristis Panz.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 859.

Serra do Gerez!, Guarda!, Pinhel!.

951. **A. 4 guttatus Herbst.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 863.

Portimão (Mattzan!).

952. **A. tersus Ros.**

Ros. Thier. And. p. 130.

Azambuja (J. Antunes!), Felgueira!, Monchique et Portimão (Mattzan!).

953. **A. 4 maculatus L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 865.

Coimbra!, Caldellas (S. da Silva!).
Près du Tage et dans l'Algarve (Hoffmansegg!).

954. **A. merdarius F.**

Er. Nat. Ins. Deut. III, p. 859.

Bragança!, Coimbra!.

955. **A. unicolor Oliv.**

Oliv. Ent. I, p. 183, pl. 28, f. 244 a-b.
Castaneus Ill. Mag. Ins. II, p. 194.

Beja!, Bragança!.

956. **A. prodomus Brahm.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 871.

Bragança!, Serra de Rebordãos!, Guarda!, Chaves (M. Macedo!).

957. **A. punctatostriatus Sturm.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 872.

Guarda!, Pinhel!.

958. **A. consputus F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 877.

Coimbra!,

959. **A. rufipes L.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 892.

Serra do Gerez (Heyden!).

960. **A. luridus F.**

V. *interpunctactus Herbst.*

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 894.

Azambuja (J. Antunes!), Bragança!, Coimbra!.

V. *nigripes F.*

Erich. l. c. p. 895.

Azambuja (J. Antunes!), Bragança!, Serra do Gerez!, Mangualde!.

V. *variegatus Herbst.*
Erich. l. c. p. 895.

Bragança!.

961. **A. depressus Kug.**

V. *nigripes Steph.*
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 896.

Serra do Gerez!

962. **A. pecari F.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 898.

Azambuja (J. Antunes!).

V. *planus Muls.*
Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 281.

Guarda!.

GENRE AMMOECIUS MULSANT

963. **A. Lusitanicus Er.**
Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 908.
elevatus Ill. Mag. Ins. II, p. 197.

Serra do Gerez (L. V. Heyden!), Coimbra!, Serra de Montesinho!.

964. **A. frigidus Bris.**
An. Soc. Ent. Fr. 1866, p. 374.

Serra do Gerez (Heyden!).

965. **A. elevatus Oliv.**
Muls. Col. Fr. Lam. p. 302.

Coimbra!, Serra de Rebordãos!, Bragança!, Serra de Montesinho!.

GENRE RHYSSEMUS HEER

966. **R. asper F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 111.

Coimbra!, Bragança!.

967. **R. Godarti Muls.**

Mulsant. Col. Fr. (Sup. aux Lamel, à la fin des securipalpes).

Je posséde un seul individu.

GENRE PSAMMOBIUS HEER

968. **P. caesus Panz.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 913.

Coimbra!, Azambuja (J. Antunes!), Estarreja!, Bragança!.

Souvent les élytres sont plus ou moins rougeâtres.

969. **P. sulcicollis Ill.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 915.

Felgueira!, Vizella!, Coimbra!.

970. **P. porcicollis Ill.**

Muls. Col. Fr. Lamel. p. 322.

Tavira (Hoffmansegg!), Espinho!, Porto!.

V. *rugosulus Muls.*

Muls. l. c. p. 323.

Espinho!.

GENRE ÆGALIA LATREILLE

971. **A. arenaria F.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 919.

Espinho!.

HYBOSORINI

GENRE HYBOSORUS MAC LEAY

972. H. arator Ill.

Illiger. Mag. Ins. II, p. 210.

Azambuja (J. Antunes!), Tavira (Hoffmansegg!).

GEOTRUPINI

GENRE BOLBOCERAS KIRBY

973. B. Gallicum Muls.

Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 350.

Rare dans tout le Portugal.

974. B. Bocchus Er.

Guer. &Mag. Zool. 1841, pl. 71, f. 1.

Il a été indiqué de Portugal et décrit sons le nom de *fissicornis* par Mulsant dans les An. Soc. Agr. Lyon VI, 1843, p. 280.

GENRE GEOTRYPES

975. G. Hoffmanseggii Fairm.

An. Soc. Ent. Fr. 1860, p. 174.

Coimbra! (très rare), Leiria (Dr. Vieira!), Faro! (commum).

976. G. Typhocus L.

Erichs. Nat. Ins. Deut. III, p. 727.

Commun partout.

(Continúa).

MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

EXTRACTO DO NOSSO ARCHIVO

(Continuação, v. vol. 2.º, pag. 488)

Reunião da assembléa geral — Ordem do dia: *Discussão dos Estatutos.*

8 de março — Reunião (em Lisboa) *da associação dos ourives da prata lisbonenses, e associação dos ourives e artes annexas.* N'esta reunião, em que tomou parte o vice-presidente da commissão de ourivesaria, o snr. Augusto Pinto Moreira da Costa, tratou-se de resolver sobre o modo de promover a representação das classes de ourives na exposição, e nomear uma commissão auxiliar da eleita pela Sociedade. A assembléa enviou á Sociedade o seguinte telegramma: «As associações dos ourives de Lisboa reunidas em assembléa geral da corporação, felicitam a benemerita Sociedade de Instrucção do Porto, pelo seu patriotico emprehendimento da exposição de ourivesaria nacional e participam que nomearam a respectiva commissão. Pela associação dos ourives de prata lisbonense, *Francisco Celestino Dias;* pela associação dos ourives e artes annexas, *João Joaquim Antunes*».

A commissão enviou n'esse dia o seguinte officio ao presidente da commissão portuense:

Ex.mo Snr. — Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª que em sessão da assembléa geral da corporação dos ourives de Lisboa, promovida pelas associações dos ourives e artes annexas e dos ourives de prata lisbonenses, foi nomeada a commissão auxiliar da exposição de ourivesaria no Porto e ficou composta dos snrs. João Joaquim Antunes Rebello, presidente; secretarios, o snr. Joaquim Augusto da Costa e o signatario; vogaes, Francisco Celestino Dias, Justino José do Nascimento, José Quadrillero e Filippe Carlos Torresão.

Foram conferidos plenos poderes por parte da commissão central pelo snr. Augusto Pinto Moreira da Costa. Significando a V. Ex.ª em nome da commissão os protestos da nossa consideração e respeito, peço-lhe que queira transmittil-os a todos os collegas da commissão, assim como as nossas fraternaes saudações. Ill.mo ex.mo snr. dr. José Augusto Corrêa de Barros, meretissimo presidente da commissão promotora da exposição de ourivesaria do Porto. O secretario da commissão auxiliar, *Antonio Joaquim Simões de Almeida.*»

Eis o auto de constituição da commissão auxiliar:

«Aos oito dias do mez de março de 1883, na sala das sessões da associação dos ourives da prata lisbonense, eu Augusto Pinto Moreira da Costa, vice-presidente da commissão promotora da exposição de ourivesaria no Porto, e seu delegado n'esta cidade com o fim de conferir poderes á commissão nomeada na reunião que hoje se effectuou por parte das associações dos ourives e artes annexas e dos ourives da prata lisbonenses, constituo a referida commissão auxiliar e dou-lhe poderes para que tracte dos assumptos inherentes á exposição não só na capital como nas provincias da Extremadura, Alemtejo e Algarve. Em firmeza do que se lavrou este termo, que vai assignado por mim e pelos cavalheiros nomeados com a designação dos respectivos cargos. *José Joaquim Antunes Rebello,* presidente; *Joaquim Augusto da Costa* e *Antonio Joaquim Simões de Almeida,* secretarios; vogaes, *José Quadrillero, Francisco Celestino Dias, Filippe Carlos Torresão, Justino José do Nascimento* e *Augusto Pinto Moreira da Costa.*

11 de março — Reunião da assembléa geral. Ordem do dia: *Discussão dos Estatutos.* Discutiu-se até ao art. 3o.

12 de março — Reunião da commissão promotora do monumento ao infante D. Henrique.

13 de março — Reunião da commissão promotora do bazar de prendas, cujo producto é destinado á fundação da escóla de artes o officios. Foram assignados os officios dirigidos a S. M. a rainha, e ás snr.as condessa de Edla, duqueza de Palmella e condessa da Praia.

15 de março — Reunião da assembléa geral — Ordem da noite: *Discussão dos Estatutos.*

16 de março — Idem.

19 de março — Idem.

20 de março — Idem.

2 de abril — Reunião da commissão promotora do monumento ao infante D. Henrique. Foi apresentado o programma, tendo o snr. José Augusto Corrêa de Barros, presidente da ex.ma Camara Municipal do Porto, affirmado que a referida corporação prestaria todo o auxilio á realisação da ideia da Sociedade.

O snr. Ricardo Pinto da Costa, vice-presidente da associação commercial, fez egual affirmação por parte da associação commercial do Porto.

D'esta commissão faziam parte além dos cavalheiros acima mencionados, os snrs. conde de Samodães, presidente da Real

Sociedade Humanitaria, Joaquim de Azevedo Albuquerque, Joaquim de Vasconcellos, Julio Moreira, Isaac Newton e Eduardo Von Hafe.

6 de abril — Reunião do Conselho scientifico, sob a presidencia do snr. dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio. Foram eleitos socios os snrs. José de Castro, José Maria da Costa e Silva e Roberto Flower. O Conselho occupou-se do modo de engrandecer a bibliotheca e as collecções do museu.

9 de abril — Reunião da commissão promotora do bazar de prendas. Presidiu o snr. dr. Brandt, tratando-se entre outros assumptos de pedir á direcção do Palacio de Crystal a necessaria licença para se effectuar esse bazar na nave central do Palacio.

13 de abril — Reunião da mesma commissão, sob a presidencia do snr. dr. Brandt.

15 de abril — Reunião da assembléa geral. Ordem do dia: *Ultima leitura dos Estatutos.*

16 de abril — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque, servindo de secretarios os snrs. Julio Moreira e José Maria de Almeida Outeiro. Foi unanimemente approvado que se lançasse na acta um voto de louvor aos snrs. deputados que assignaram o projecto de lei que concede á Sociedade o terreno necessario para a edificação de casa.

Entrando-se na ordem da noite — *Discussão do questionario ácerca da Instrucção secundaria* — usaram da palavra os snrs. Julio Moreira, Azevedo e Albuquerque, Von Hafe e Teixeira Machado.

Foram eleitos membros da commissão executiva da exposição de marceneria e artes correlativas os snrs. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, Antonio Luiz de Teixeira Machado, Miguel Corrêa de Abreu, Venancio do Nascimento, José Augusto Wendel, Joaquim Teixeira da Silva, Thomaz Soares de Magalhães, José dos Santos, Zeferino José Pinto, Cypriano d'Oliveira e Silva, Viuva Florido & Filho, Antonio Teixeira dos Santos e Isaac Newton.

23 de abril — Reunião da commissão promotora do bazar de prendas, sob a presidencia do snr. Augusto Luso, resolvendo-se agradecer o brinde offerecido por S. M. a rainha. O snr. Augusto Luso offereceu á commissão a sua collecção de apologos originaes.

25 de abril — Reunião da mesma commissão, sob a presidencia do snr. José de Macedo Araujo Junior. O snr. Joa-

quim Baptista da Silva Guerra communicou á commissão que, logo que a Escóla de artes e de officios esteja construida, montará n'ella, á sua custa, um tear para tecelagem de sêdas, prestando-se mais a ensinar aos alumnos os processos mais modernos seguidos na fabricação das sêdas e damascos.

1 de maio — Reunião do Conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque. Foi participado ao Conselho pelo snr. dr. Brandt, que tendo s. ex.ª de se retirar para o estrangeiro, se despede da sociedade, sendo consignado na acta o sentimento do Conselho pela retirada de tão prestavel socio. Foram eleitos para constituirem a commissão executiva da exposição de tecidos, os snrs. José Carneiro de Mello, Bahia e genro, Joaquim Baptista da Silva Guerra, Constantino Rodrigues Batalha, Antonio Luiz Pinto, Eduardo Ribeiro de Freitas, Augusto Antonio da Motta, Francisco dos Santos Carneiro, Viuva Rodrigues & Filho, Custodio Lopes da Silva Guimarães, José Alves Velludo, David José da Silva & Filho, João Gonçalves de Oliveira Torres, Joaquim Gonçalves, Justino Ferreira Nunes, Joaquim Vasconcellos e Isaac Newton.

O Conselho resolveu que os membros da mesa sejam membros natos das commissões executivas de todas as exposições.

Foram eleitos socios os seguintes snrs.: Alfredo Soares, José Luciano Baptista, Antonio de Fontes Soares, Agostinho de Sousa Souto, José Antonio Ferreira de Azevedo, Antonio de Sousa Magalhães Lemos, Evaristo Gomes Saraiva, Antonio Augusto Chaves de Oliveira, Antonio de Azevedo Maia, Domingos José Affonso Cordeiro, Duarte Leite Pereira da Silva, Manoel Ferreira da Silva Couto, Antonio Cardoso da Rocha e Albino Coelho.

Entrando-se na ordem da noute: *Discussão do Questionario ácerca da Instrucção secundaria,* usaram da palavra os snrs. Moreira de Sousa, Tait e Julio Moreira, resolvendo-se que as linguas vivas que devem entrar na cultura litteraria sejam: a materna, o francez, o allemão e o inglez.

5 de maio — Installação da commissão executiva da exposição de marceneria. Presidiu o snr. Joaquim de Azevedo e Albuquerque, e serviram de secretarios os snrs. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro e Antonio Luiz de Teixeira Machado. A commissão elegeu para presidente o snr. Vieira de Castro e para secretario o snr. Teixeira Machado. N'essa sessão foram discutidas as bases do programma, cuja elaboração foi encarregue ao snr. Antonio Luiz de Teixeira Machado.

3.º ANNO | 1 DE DEZEMBRO DE 1883 | N.º 12

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

(Continuação, v. pag. 475)

Iamos esquecendo na Extremadura os typos muito curiosos de Setubal.

Passamos em claro outras muitas localidades representadas — como dar conta de um cento de nomes? — para terminar com o Algarve.

Sobresahem no Algarve duas terras: Loulé, que tem 35 a 40 fornos, ao pé de Faro, e Lagôa ao pé de Villa Nova de Portimão. No cabo de S. Vicente houve alguma producção, em tempos, que acabou totalmente. Um dos delegados que foi até lá, a cavallo, achou apenas as barreiras, desertas. A louça popular de Loulé é branca e vermelha, de fórmas muito archaicas e muito resistente, sobretudo a branca; a de Lagôa é menos forte, mas dispõe de variados esmaltes, e curiosos motivos de ornamentação. Na exposição ha umas terrinas vidradas de ambos os lados, na fórma de pequenas aboboras, que podiam passar por objectos das Caldas, se não fosse o barro vermelho, que luz atravez do esmalte.

O que ha, em summa, a concluir de toda a exposição da olaria rustica? Que as disposições naturaes do oleiro portuguez são notabilissimas; que elle tem o sentimento da fórma em alto gráo, aquillo que em theoria de arte se chama a *eurithmia das linhas*. Isto não se aprende, nem se póde ensinar. E' uma aptidão tradicional que se desenvolve insensivelmente n'uma industria, quando ella encontra um meio favoravel; é trabalho millenario, e por isso de um valor incalculavel, havendo uma sociedade culta que o saiba aproveitar.

Com o sentimento da fórma anda alliado, geralmente, o bom criterio na ornamentação dos objectos formados. A parte um ou outro desvio, os productos populares da exposição satisfazem, ainda sob este ponto de vista, os criticos mais exigentes. São verdadeiros modêlos. Os ourives, por exemplo, teem alli uma grande variedade de fórmas a explorar — uma mina!

A manipulação do material é muito deficiente, em geral, a lavagem do barro, principalmente; já não faremos reparo na escolha e doseamento, porque isso depende de analyses, que o oleiro tem o direito de pedir á sciencia. A preparação dos vidros tambem está atrasada, mas a culpa de não haver chimicos no paiz tambem não é dos oleiros; a composição dos vidros ou esmaltes, e a mistura racional dos barros é questão de ensino technico, profissional, e já sabemos que tal cousa não existe no paiz.

A manipulação da materia prima, tal como a apresenta o snr. Manoel Leite Pereira, da ilha de S. Miguel, foi uma verdadeira surpreza, que lhe valeu a mais alta classificação, um dos oito premios do governo.

D'este modo nos aproximamos dos barros nacionaes e das suas qualidades — uma incalculavel riqueza, inexplorada quasi.

Na exposição figuram umas duzentas especies, em frascos de vidro, uma fileira respeitavel, que aguarda a analyse dos sabios. Entre as amostras figuram duas qualidades de *kaolino* da mina de Alemcarce, nas proximidades de Soure, descoberta pelo snr. dr. Francisco Lourenço Tavares de Ornellas, de Condeixa; qualquer d'elles é precioso, de primeira qualidade, como se prova pelas amostras fabricadas no estabelecimento de Sacavem, que estão patentes. Vêem-se ainda, ao pé, os *kaolinos* de que se servem as fabricas da Vista Alegre e Viuva Soares Rego; este ultimo é de Rio Tinto; o jazigo é pequeno e de inferior qualidade.

Tambem ha na exposição amostras preciosas de areias nacionaes; as do Alfeite, quinta real defronte de Lisboa, expostas em doze frascos pelo museu do Carmo; outras duas collecções de muito interesse são as dos snrs. Marciano de Azuaga, que representam os Açores, e Augusto Luso, procedentes das colonias de Africa. Acerca do seu valor para as industrias sabe-se tanto como ácerca dos barros; não temos uma unica analyse official d'ellas.

Não devemos concluir sem lembrar ao leitor a exposição de materiaes do oleiro, exposta pela fabrica dos snrs. Cunha & Silva, que é summamente interessante. Observamos alli todas as transformações pelas quaes passa um objecto qualquer da olaria de faiença nas mãos do artifice; o torrão de barro natural, o barro lavado e depois a mistura; a primeira modelação de uma chicara, a passagem d'ella pelo tôrno, e a primeira cozedura (o biscouto); a chicara passada pelo banho de

vidro, a pintura e finalmente a segunda cozedura, isto é, a chicara em todo o brilho do esmalte.

Esta demonstração prática é illustrada ainda com os competentes materiaes, que servem ao oleiro para os processos indicados.

Temos alli as côres, em pó, os differentes pães ou pastas de vidro, os metaes que entram na composição d'ellas, como o chumbo, o estanho, o aluminio, etc.; temos ainda os secantes para as côres, os pinceis com que ellas se applicam, as estampilhas ou padrões dos desenhos, e finalmente as gavetas ou caixas em que se deposita a louça que está para entrar no forno. Está alli tudo, sem exceptuar o sal marinho, que serve tambem para a composição do vidro, uma lição instructiva, prática, que representa um verdadeiro serviço ao publico e á Sociedade que recebeu tão valioso presente.

O louvor aos snrs. Thomaz Nunes da Cunha & Silva era unanime, merecido, e aqui o repetimos mais uma vez.

Algumas authoridades superiores dos districtos do reino e alguns administradores de concelho ajudaram efficazmente a Sociedade na colleccionação dos barros; entre os particulares devêmos especialisar um, o snr. professor Pereira Caldas, de Braga, que fez uma notavel remessa bem ordenada.

Reservamos para outro lugar uma noticia mais desenvolvida sobre os barros nacionaes; basta apontar aqui a riqueza do paiz. Não sabemos o que temos em casa, porque a grande collecção da Sociedade é, ainda assim, apenas uma amostra com relação ao paiz inteiro.

Da louça popular ás figurinhas de costumes a distancia não é grande. São expositores os snrs. Costa, das Devezas, Manoel José dos Santos e Joaquim da Rocha Gonçalves. O primeiro offerece verdadeiros primores, como o typo da mulher de Vianna do Castello, e o grupo do carro de bois nacional; o segundo apresenta uma collecção abundantissima de typos das aldeias, menos perfeitos do que os do snr. Costa, mas tambem mais baratos. Contamos um cento de figuras nos dous grupos. Toda a vida popular está alli; a mulher que vende fructa, a gallinheira, a varina, o vareiro, a padeira, a leiteira, a mulher que fia, a que namora o conversado, a que lava a roupa, uma série interessantissima, geralmente um par, marido e mulher, em trage de trabalho, com a roupa boa do domingo e o grande estado da romaria, não esquecendo a estampa de devoção no chapéu — e tudo isto com vida, graça e

naturalidade, e tambem com um grão de sal e satyra, ás vezes um pouco rabelaisiana.

A região representada abrange a provincia de Entre Minho e Douro e uma parte da Beira, desde Valença até Ilhavo, com umas vinte localidades.

Na collecção do snr. Luso ha alguns exemplares antigos d'esta industria, que remontam talvez á epocha de 1820. São raros e notaveis uma velha, e seu companheiro não menos velho, que parecem modelados sobre as figuras de Teniers, com *humour*. Já Raczynski louva muito estas figurinhas populares em 1843; hoje a producção é abundante, e não satisfaz o consumo. Tudo o que estava na exposição foi vendido, muitos grupos tres e quatro vezes. Ainda bem. É prova de que ha ainda quem sinta a poesia da vida nacional. Convinha correr o paiz e fazer a collecção completa.

O snr. Gonçalves lembrou-se de representar os typos masculinos das Ordens religiosas que houve em Portugal antigamente, em 27 figuras. Antigamente é um modo de dizer. Ainda não ha bem cincoenta annos que essas figuras, ora rotundas e joviaes, ora sêccas e asceticas passeavam pelo Porto e pelo paiz; e tudo era pouco para elles. Hoje! que mudança; já são objectos de mera curiosidade para o archeologo e põem-se em exposição. As creanças que passam ouvem, com grande espanto, que aquelles gordos personagens foram... frades, *in illo tempore*.

Se bem nos lembramos, foi o inglez Kinsey que na sua notavel obra *Portugal Illustrated* (1827), publicou os typos das Ordens, coloridos, e d'alli passaram a uma collecção de estampas portuguezas, que é a origem dos trabalhos expostos. (1)

Imagens de devoção appareceram poucas, e nenhuma moderna, fazendo-se aliás bastantes no Porto. Notamos uma Nossa Senhora com o Menino, do snr. J. Osorio, uma joia da arte, do fim do seculo passado, ou principio do presente, a calcular pelo vulto da figura principal. Uma Santa Anna, en-ensinando a lêr á Virgem, traz a inscripção «Hieronimo Furtado fes de Jvnho 8 era de 1721 A» (annos); pertence ao snr. dr. Ayres de Gouveia e é uma obra soffrivel. Ha ainda a notar um fragmento de uma estatua de S. Francisco do fim do

(1) *Galeria das ordens religiosas e militares*, desde a mais remota antiguidade até nossos dias. Porto, 1843, fol. com estampas coloridas.

seculo XVI, colorido, e uma cabeça colossal (0,34) de barro tambem.

Pertenceu talvez a algum santo martyr; a expressão dolorosa recorda a cabeça do Laocoonte. Parece-nos ser, pelo estylo e pela execução, obra do seculo XVII; ambas as reliquias pertencem ao Museu da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em Lisboa.

Em Portugal foram celebres os presepios de figuras de barro.

Cada convento de freiras tinha o seu; era assumpto indispensavel para as senhoras devotas. Hoje é raro encontrar algumas poucas figuras dispersas, e essas mutiladas, geralmenmente. As mesmas mãos habeis do operario popular, que fazem hoje as figurinhas de costumes, executaram as dos presepios, ingenuas na sua expressão, mas mal modeladas, em geral. (1)

Antes de concluir esta revista da exposição recordaremos que o jury concedeu á louça das aldeias vinte e sete premios, isto é, mais de metade do numero total, havendo entre elles oito diplomas de merito, tres para o vasilhame e os restantes para os materiaes de construcção, telhas, tijolos, manilhas, alcatruzes, etc.

É claro que os materiaes de construcção das aldeias não podem concorrer com os das cidades; as magnificas telhas da Empreza Ceramica de Lisboa, typo marselhez, e os ladrilhos-mosaico dos snrs. Pínto Magalhães & C.ª, constituem especialidades mui distinctas; mas o que não soffre duvida é que os oleiros das aldeias sabem fornecer muito satisfactoriamente os mercados do interior do paiz. O merito principal d'essa louça das aldeias está, porém, mais uma vez o repetimos, na belleza incomparavel das suas fórmas tradicionaes e na variedade inexgotavel d'ellas.

A Sociedade de Instrucção encontrou, felizmente, n'uma casa do Porto, já celebre pelos seus trabalhos artisticos, no *atelier* dos snrs. Emilio Biel & C.ª, um valiosissimo auxilio para a sua propaganda em beneficio da industria nacional. A citada firma tirou nada menos de oitenta clichés dos thesouros da exposição, comprehendendo cerca de um milhar de objectos. Uma grande parte do que alli esteve, poderá, pois, ser es-

(1) Vide as figurinhas da est. XLIV do album da *Exposição de Aveiro;* e no texto o capitulo *Ceramica e Vidros. Crystaes. Esmaltes.*

tudada por todos os operarios do paiz, porque todos teem alli que aprender, principalmente sob o ponto de vista da anatomia das formas. D'este modo se facilita o estudo aos que não chegaram ver a exposição, e não poderem estudar mais tarde os exemplares no museu da Sociedade, quando elle, installado em edificio adequado, pódér ser aberto a toda a classe operaria do Porto.

Os snrs. Bie & C.ª fizeram este grande serviço generosamente, sem o menor sacrificio da Sociedade de Instrucção, que não podia, na verdade, offerecel-o.

Entre os objectos photographados figuram a maior parte dos grandes quadros de azulejos da esplendida collecção do snr. Nepomuceno, quasi toda a série de faiença antiga portugueza, as figurinhas de costumes populares, uma grande parte da louça das aldeias, vistas geraes da exposição, etc. Póde dizer-se affoutamente que está alli, n'essa opulenta collecção photographica, a historia da ceramica portugueza do seculo XIV em diante. A occasião não podia perder-se, especialmente na secção dos azulejos e faiença antiga.

Basta recordar que na exposição de arte ornamental de Lisboa appareceram apenas umas vinte peças de louça portugueza, e uma marca de fabrica, nova. Com a extrema pobreza dos azulejos concordava, plenamente, a pobreza da louça nacional. Era o Rato só, e estava decidido que não houvera mais fabricas em Portugal. (1)

Na da Sociedade tivemos cerca de trezentas peças, das quaes eram authenticas, nacionaes, pelo menos duzentas e cincoenta, que foram photographadas, quasi na totalidade. Preciosa, em todo o sentido, é a lista das marcas novas, nacionaes, em numero de dez ou doze; estavam publicadas tres, mas estas mesmo não estavam decifradas. Já dissemos que serão reproduzidas na *Revista* da Sociedade, com as devidas explicações.

(Continúa).

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

---

(1) Vid. o que disse o membro da Commissão official, encarregado especialmente da secção ceramica, snr. F. Palha, citação textual, retro pag. 271, nota. Os poucos exemplares da louça do Rato estavam espalhados pelas salas E, F, G, H, J e K. A marca de Lisboa, que nós presumiamos ser nova é o n.º 45 da nossa lista; ainda assim é duvidosa a nacionalidade do objecto. V. Catalogo de Lisboa, pag. 268 n.º 105.

O ENSINO NATURAL DA LINGUAGEM

(Continuação, v. pag. 518 do n.º 11)

Previne ou oppõe-se á perniciosa antecipação que assente, em base extranha á aptidão do orgão, força a creança a exprimir o que não póde nem deve expressar. Realisa na creança a mais prompta e efficaz adequisição d'esse importantissimo factor em toda a evolução psychica — a expressão verbal — acompanhando, graduada, ao restante desenvolvimento das aptidões phisicas e psychicas, no plano da educação; justa assim, por naturalmente iniciada. Integrando-se na vasta synthese de um plano educador, não se lhe deverá attribuir um alcance fundamentalmente anthropologico, sob o ponto de vista biologico e sociologico?! Mais ainda, no seio de uma educação incompleta, convencional ou descurada, offerece-nos o mais efficaz dos meios a preencher a nullidade do analphabeto, ou a corrigir a perversão na linguagem por um ensino convencional ou pela acção de um meio illetrado.

Será original esta deducção dos principios de orientação pedagogica para um novo ensino da linguagem; bem como a integração synthetica d'este ultimo, n'um plano geral da educação?

Não me consta que outrem as fizesse; porém, devo confessar que as observei determinadas na prática, antes de as reconhecer justificadas pelo raciocinio proprio.

Preoccupado com os interesses do ensino superior, a meu cargo, foram os interesses do chefe de familia — estimulo sempre valioso — que me deram ensejo á observação a que venho de alludir. Necessitando, por carencia de tempo, de auxilio a iniciar um complemento da instrucção de meus filhos, pelo ensino da leitura e escripta, procurei no preconisado methodo do meretissimo snr. João de Deus a satisfação, que considerara preferivel. Possuia então um exemplar da Cartilha maternal, que possuo e conservarei respeitosamente; e n'elle gratamente reconheci manifesto melhoramento.

Foi em abril do anno p. p. que, constando-me ter o rev.mo abbade d'Arcozello uma installação escolar aqui no Porto, o procurei á hora indicada disponivel.

Tendo encontrado n'aquelle methodo a justa condemnação do syllabario, de negras e tristes recordações para mim, por sentidas pelas primeiras impressões da vida, jámais esquecidas, pedi a s. rev.ma a exposição do mesmo methodo, que me constara ser dada indistincta e desenvolvidamente. Da melhor vontade e com manifesto interesse pela propaganda, deu s. rev.ma a exposição pedida.

Não foi apenas satisfação plena ao intuito, que alli me levara; foi inteira surpreza; direi até — verdadeira revelação; porque, á medida que o processo de investigação, novo para mim na sua applicação ao ensino da linguagem, se desenvolvia, na ordem crescente das aptidões da creança e da apropriação consciente, que ella assim realisava: sentindo e percebendo o movimento phonetico, que a imitação e adequados artificios — todos inteiramente assimilaveis — da linguagem, do gesto e da expressão physionomica lhe insinuavam; o meu raciocinio, conhecedor obrigado das condições anatomo-physiologicas da falla e das leis que presidem ao seu adequado desenvolvimento, ía formulando a noção scientifica, e apoz esta outras, que s. rev.ma confessava ter encontrado e comprovado em sua prática, sem ter jámais aberto livros de anatomia e physiologia. Notavel intuição genial!

Foi-lhe gratissima a confirmação pela noção scientifica; e, para mim, foi superiormente grata a extensa por mais comprehensiva applicação de principios conhecidos valiosos a uma prática, que assim consideraria da maxima utilidade publica e de que participaria a educação de meus filhos.

Acalmada a impressão de justificada surpreza para mim, indaguei de s. rev.ma como, esperando eu encontrar um notavel melhoramento na suppressão do syllabario, encontrara a mais — uma disposição methodica pela complexidade crescente dos elementos alphabeticos; graduada assim pela natural evolução das aptidões organo-funccionaes na creança; e muito mais — no ensino da linguagem, devidamente proscripta a imposição dogmatica, interessando-se a actividade propria e consciente da creança, na adequisição d'este, entre todos, primeiro factor do desenvolvimento mental — a palavra —; insinuando-lhe o reconhecer-se organismo apto a realisar uma funcção, por meios de facil e adequada apropriação imitativa e consciente de movimentos, realisados em si mesma e reconhecidos, por ella, em sua rasão de ser, no seu fim para que?!

A minha surpreza justificou-se indo eu encontrar os resultados de uma iniciativa, que tendo anteriormente prestado todo

o seu valioso esforço á propaganda da Cartilha maternal, agora o empenhava, e quasi só; porém válido e fomentador de assegurado bem publico, n'uma orientação justificadissima e definitiva.

Soube mais que a unica sancção official, que o methodo natural tivera até então, estava realisada n'aquelle mesmo recinto—a escóla Vasco da Gama—instituição que a actual vereação do municipio portuense junctara ao seu programma de reformas racionaes.

Soube mais que numerosas familias, e das mais gradas e sempre em numero crescente, procuravam a s. rev.ma a confiarem-lhe a iniciação instructiva dos filhos; e d'entre aquellas, algumas tinham vindo a publico manifestar, pela imprensa, o seu reconhecimento.

Finalmente — que um numero já consideravel de professores de ambos os sexos, aqui e nas provincias, reconheciam e praticavam as vantagens do methodo natural.

Passados alguns mezes, tendo-se por opportuno iniciar o ensino da leitura e escripta em filhos meus, tenho até hoje reconhecido dia a dia, pela mais sentida por extremamente grata observação dos resultados obtidos, a confirmação plena do que anteriormente affirmei. E' dever meu reconhecêl-o, como pae agradecido; e publicamente, por compenetrado de que — no ensino está garantida a prioridade social e esta offerece um alvo obrigado a todo o esforço humano.

Exporei, summarios, os resultados da observação propria.

A creança mnemonisa com extrema facilidade, alliando a noção e o signal, e portanto o valor phonetico do elemento verbal e as lettras, a um acto proprio e que executa prompta, com a inteira espontaneidade e adhesão, que sempre em nós se associam á grata impressão de um acto, para que nos reconhecemos aptos. A avidez com que sempre nos interroga, de porque em porque, é plenamente satisfeita e reconhecemol-o, na expressão sempre fiel, sempre sincera do seu rosto. Nenhuma fadiga; pelo contrario, apoz uma hora de grata por interessada applicação, vae satisfeita, bem disposta para seus brinquedos; e uma e outra vez procura transmittir a irmãos, a todos, a noção phonetica, que exprime na falla e determina pela imagem, pelo gesto; jubilosa, por se reconhecer util — e assim se lhe desperta e bem cedo o sentimento do bem-fazer.

Ainda não é menor, em intensidade e valor pedagogico, o incitamento que experimenta a creança, ao estabelecer-se entre o professor e ella um dialogo de perguntas e respostas, em que aquelle, quando interrogado, responde ás vezes por um erro intencional e que a creança promptamente corrige, exultando por uma expansão geral e gratissima da consciencia do saber proprio. Dirá talvez algum falso pedagogo, mas verdadeiro pedante, ainda aferrado ao pedantismo dogmatico, que assim se desauctorisa o mestre?! Não, ao contrario, dá ensejo a que o discipulo reconheça o muito que lhe deva; o que, reconhecido, retribue pelo mais seguro dos respeitos, o affectuoso! Não, ao contrario, ao professor, eleva-se-lhe o conceito e o acato, com que a familia reconhecida o acarinha em seu proprio seio, sentindo n'elle o melhor dos amigos de seus filhos!

Mais ainda, o methodo natural, de comprehensão facil e muito accessivel ás mães; do que se contam já numerosos exemplos a citar-se, realisa o capitulo o mais importante, por mais valioso, de uma verdadeira Cartilha maternal. O ensino natural da linguagem offerece pois um complemento indispensavel a satisfazer-se á grandiosa intuição de Frœbel, pelo *principio da actividade livre e espontanea* da creança, realisado por uma disciplina dos seus instinctos, *empenhados* n'um esforço para um fim util. É unica e realmente, pelo ensino natural da linguagem, que a creança sente, n'esta, um facto; pelo esforço que executa livre e espontaneamente; encaminhado este para um fim útil, satisfazendo ao *primario* instincto para a noção objectiva, para o real da impressão sentida.

Mas, justifique-se ainda o ensino natural da linguagem, por inteiro, em face dos resultados que a synthese Frœbel, ha pouco referida, dá; e que na introducção ao «Manual prático dos jardins da infancia», de Jacobs, a Baroneza de Marenholtz formula assim: 1.º *Satisfaz á necessidade na creança, do movimento phisico.* E o exercicio, provocado intencional e realisado consciente, do orgão da falla entra, como anteriormente mostrei, n'um verdadeiro plano da educação phisica. 2.º *Satisfaz á necessidade na creança, da preoccupação plastica.* E o exercicio apropriado de um orgão é para a creança uma preoccupação na plastica propria. 3.º *Satisfaz á necessidade na creança, de crear, inventar.* Na posse intencional e consciente de variados movimentos organicos, a creança procura combinal-os de variados modos; e não direi que crie ou invente palavras novas, mas não raras vezes tenho presenceado

os seus instinctos logicos revoltarem-se contra a discordancia, entre a expressão phonetica e a orthographia, preludiando assim o que a linguistica tem realisado em beneficio da linguagem. 4.º *Satisfaz á necessidade na creança, de attingir ao conhecimento pela observação, analyse, exame, comparação; produzindo-se assim o desenvolvimento intellectual.* E que ha de real e por maneira a satisfazer mais e melhor á observação, á analyse, ao exame, á comparação, no phenomeno palavra, que o movimento organico que fundamentalmente o constitue?! E que prova mais frisante d'este resultado, que os factos já referidos da comparação pela creança, entre expressão verbal e representação graphica?! Finalmente — 5.º, 6.º, 7.º e 8.º, *satisfaz á tendencia na creança, para a cultura, esthetica, sociabilidade e sentimento religioso.* E o ensino natural da linguagem insinúa na creança a cultura que lhe é mais grata, por sentida n'um desenvolvimento proprio; que lhe disperta e prepara a insinuação para o canto; e que, facilitando-lhe mais rapido o convivio social, dará valioso impulso ao desenvolvimento da ideia e do sentimento pelo divino—em que Deus se lhe manifesta em si propria, como expressão a mais complexa da existencia e adequada ainda ao fim da linguagem.

Assim, o methodo natural representa ainda uma integração util, por justificadissima, no seio de um jardim da infancia; d'esta instituição, que inicia o fundamento intuitivo á instrucção e o grudúa, desde a mais tenra edade; e que assim, mais valiosa, por completa, se offerecerá no complemento indispensavel a uma creche; como ainda ha pouco e tam opportunamente foi lembrado, por uma penna das mais intencional e poderosamente movidas pelo bem — do snr. Rodrigues de Freitas (1).

Accessivel ás mães, será ainda utilissimo pelo estimulo natural a *re-integrar-se* o jardim da infancia no seio da familia, quando haja possibilidade e vontade.

Accentuei o *re-integrar-se.*

E porque não o dizer?! E' uma restituição devida — mãe porque gera, cria e fundamenta a educação — no corpo, na idéa, no juizo e no sentimento! Condições estas essenciaes a uma resultante unica e summaria — a familia, e assim a sociedade. Quam grata não seria á indole e natural impulso da

(1) *Commercio do Porto,* 22 de maio de 1884.

mãe esta preoccupação quando completa! E de que benefica acção social não seria ella!

Depois, o hygienista egualmente offerece á mãe um programma de impressões as mais gratas e de resultados os mais válidos. A mãe sentindo, quando possivel, o doce enlevo de acalentar e nutrir a seus seios o fructo do seu amor, tem assim garantida, na justa apropriação organica que realisa, a felicidade domestica — a saude da mãe e a do filho. Depois, esclarecida sobre a justa e integral interpretação das necessidades da creança e dos modos unicos como satisfazêl-as, tem no que, para muitas mães tem sido pesado encargo, o superior prazer que sobreleva, embora possa e deva associar-se, ao da cultura de uma rosa, em agradavel jardim ou no elegante conforto domestico — a cultura de um filho. Sim, de um filho; de quem mais tarde será um factor social, consoante ás disposições nativas que lhe transmittirem e ás que a adaptação educadora promover. E d'esta apropriação completa, tanto organica como psychica, resultará para a mãe como para o filho a satisfação perenne, que o é — no corpo, como na idéa, como no juizo, como ainda no sentimento, quando realisado — o bem estar, para saber bem e sentir melhor!

E todo este programma, que uma formula assim condensa, expandir-se-ia em sua acção benefica, como resultante valiosissima de mais um dos factores, que a historia aponta sempre como fomentadores unicos dos grandes emprehendimentos — a intuição genial, a previsão de um fim por um presentimento do seu valor e da sua realisação completa.

E' este o titulo com que se nos offerece o rev.mo abbade d'Arcozello, associando-se aos esforços de todos os seus illustres antecessores!

Tem o rev.mo abbade d'Arcozello confessado, por mais de uma vez, que a creança tem sido o seu principal e quasi que unico mestre. Sim, é o livro, é ainda o mestre, quando n'elle se lê e aprende, impulsionado por uma intuição nativa, geradora de uma orientação, que o raciocinio, assente na verdade, reconhece válida e affirma justa.

A confirmal-o, vemos ainda a auctoridade, por um longo tirocinio no ensino e ainda presidindo-lhe, representada no ex-reitor do Lyceu Central do Porto e illustre Decano da sua actual corporação docente—o snr. Domingos d'Almeida Ribeiro (1). No momento em que mais uma vez, entre muitas, offere-

(1) Instrucções para as Escólas primarias elementares — 1882.

cia ao ensino o valioso cabedal da intelligencia, do saber e de um bondoso e integro caracter, disse: «Entre nós o snr. abbade d'Arcozello, depois de ter versado práticamente a doutrina do snr. João de Deus, depois de ter estudado profundamente a doutrina de Chavée, Baudry, Benlœw, dos snrs. Castilho e Adolpho Coelho, e depois de muito estudar a mocidade infantil, assentou uma doutrina sua, que tem tido o prazer de vêr coroada de glorioso successo. Elle reduz os factos organicos da voz a quatro classes; enumera as consoantes que pertencem a cada classe; assigna qual o emprego dos instrumentos da voz na pronunciação de cada consoante, e d'est'arte o alumno, observando o movimento que se opéra na bocca de quem falla imita a pronunciação, acostuma-se a vêr o symbolo que representa o som que ouve, aprendendo assim a lêr e escrever ao mesmo passo.»

Relata ainda, noticiando e accentuando assim, alguns dos resultados devidos á justa, por natural orientação que espontaneamente se impôz, na sua mais elevada e extensa comprehensão, áquelle a quem o illustrado e consciencioso professor qualifica — de illustre pedagogo. Addita ainda em nota — «Toda esta doutrina se aprende no aureo livro intitulado Alphabeto natural, composto pelo snr. abbade d'Arcozello, no qual este benemerito pedagogo se propôz dar conhecimento dos factos organicos da voz, e ensinar qual o movimento dos instrumentos da falla na pronunciação das letras do alphabeto e conseguiu ensinar a lêr em 20 ou 30 lições. Ao mesmo passo gravando na memoria dos alumnos as figuras alphabeticas que representam o som da voz, habilita por esse modo os alumnos a escrever imitando aquellas figuras. As suas escólas estão cheias de meninos e são frequentadas por muitos adultos de ambos os sexos, e todos aprendem com a mesma facilidade. Se os nossos professores ruraes se habilitassem indispensavelmente com esta aprendizagem, a nossa população toda saberia lêr dentro de um anno. O methodo do snr. abbade é já conhecido em varias terras, onde o author tem ido fazer conferencias publicas. Em Braga no outomno passado, deu elle uma conferencia solemne no salão da Sociedade Democratica, onde se achava o corpo docente d'aquella cidade, pessoas illustres, muitas professoras e o Inspector de instrucção primaria da respectiva circumscripção, etc. etc., e alli apresentando um alumno, que não tinha 6 annos de idade, e não tinha 3 mezes de escóla a uma só lição por dia, deu a demonstração mais convincente da proficiencia do methodo. A creança

foi admirada por todos, e no fim andou de collo em collo e todos a queriam beijar, homens e senhoras. Chamava-se aquelle menino Domingos Augusto de Souza Ribeiro: os nossos parabens a seus paes!»

E' commovente e foi solemne!

(Continúa.)

URBINO DE FREITAS.

PREPARAÇÕES ZOOLOGICAS

(Continuação, v. pag 509 do n.º 11)

XVII

CAÇA E PREPARAÇÃO DE VERMES, MOLLUSCOS E ZOOPHITOS

Os vermes (minhocas, sanguesugas, ténias etc.) teem o corpo cilindrico e dividido em grande numero de anneis ou segmentos. As minhocas são communs nos campos e jardins e caçam-se facilmente de noite, quando sahem das habitações. Os restantes vermes vivem na agua doce e salgada ou como parasitas em todos os animaes.

A maior parte são nús, mas muitos habitam um tubo calcareo formado quer por materias segregadas pelo animal, quer por areia e pedaços de conchas aglutinados por uma materia gelatinosa fornecida pela pelle. Encontram-se nas plantas aquaticas, cavidades das rochas, entre o lodo, areia, etc. Conservam-se em alcool. Os entozoarios ou vermes parasitas habitam o organismo animal. Encontram-se nos intestinos (*ténia, ascaride lombricoide*, *oxyure vermicular*), nos rins (*estrongylo renal*) no figado, pulmões, cerebro, musculos (*trichina*) no tecido cellular, etc. Conservam-se em alcool. Os molluscos são terrestres, fluviaes e maritimos.

Uns teem o corpo nú, outros coberto por uma concha. A concha quando se compõe de duas peças chama-se *bivalva* (mexilhão), quando se compõe de uma só peça *univalva* (caracol), e quando o numero de peças é variavel *multivalvas* (chitons).

A divisão dos molluscos em nús e testaceos não é natu-

ral, pela razão de que muitos generos os conteem a ambos indifferentemente. Os molluscos terrestres encontram-se nos terrenos calcareos e lugares abrigados mas não escuros. São pouco abundantes no interior das mattas e apparecem raras vezes nos montes pedregosos e escalvados.

A sua caça faz-se na primavera, depois de uma chuva miuda e quente.

Devem procurar-se de manhã cedo ou no fim da tarde. A caça dos molluscos terrestres é difficil, porque é preciso levantar pedras, revistar plantas, detritos vegetaes, fendas e cascas d'arvores, muros de jardins, musgo, terra, emfim todos os locaes onde se possam abrigar. Os exemplares grandes transportam-se n'uma saca de lona, mas para os de casca sujeita a despedaçar-se com o minimo attrito, deve levar-se um frasco de bocal largo onde se introduzem. As conchas vasias não teem valor, não só por estarem quasi sempre deterioradas, mas tambem por falta de colorido. Devem apanhar-se sómente aquelles molluscos cuja concha apresente uma sinuosidade dura na bocca. Aquellas cuja bocca fôr molle, não prestam, por não estarem ainda no seu maximo desenvolvimento. Os molluscos fluviaes encontram-se em todos os rios, regatos, aguas estagnadas, tanques, etc.

Ora vogam á superficie das aguas, ora se arrastam sobre a areia do leito da corrente ou se introduzem na agua, ora se escondem entre as plantas aquaticas, algas, etc. Caçam-se á rêde como os insectos aquaticos. A proposito da caça dos molluscos maritimos e da preparação de todas as especies diz-nos o seguinte o snr. dr. José Vicente Barbosa du Bucage nas suas — *Instrucções práticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o museu de Lisboa*: — « Os molluscos marinhos encontram-se: uns nas praias, quando a maré tem vazado; outros constantemente debaixo de agua e mesmo a profundidades consideraveis; outros emfim, fluctuando errantes nos mares, quasi sempre a grande distancia da costa. Devem procurar-se os primeiros: nas rochas e recifes que ficam descobertos na baixa-mar; nas raizes e troncos d'arvores que as marés alcançam em certos paizes; escondidos na areia ou no lodo, e denunciados por bolhas de ar que rebentam á superficie, por pequenas elevações conicas e por aberturas. Molluscos ha tambem (*bivalvos*) que penetram profundamente nas rochas calcareas: convém por isso examinar bem a superficie d'estas rochas em toda a extensão que o mar póde cobrir; sempre que se vejam buracos mais ou menos

regulares deve presumir-se a existencia de um mollusco, e para o obter deverá partir-se a pedra com cuidado. Para obter conchas que vivem constantemente debaixo de agua, é preciso usar da *draga*, instrumento quadrangular de ferro, cuja bocca é armada de dous *cutellos* e guarnecida de um saco comprido de rêde. Póde-se collocar dentro da rêde uma outra rêde mais curta e de malhas mais largas destinada a reter as pedras e as conchas de maior volume. O que se pretende com a draga é arrancar do fundo do mar as conchas que lhe estão adherentes, e fazel-as cahir dentro da rêde.

As regras principaes a seguir no acto de dragar são as seguintes: dar á corda uma extensão que seja igual pelo menos a tres vezes a profundidade da agua no ponto onde se draga; imprimir ao barco um movimento regular e brando, e para isso empregar antes os remos do que a véla; levar a mão sobre a corda da draga, que vai presa á pôpa do barco para sentir os movimentos, choques e resistencias que o instrumento fôr experimentando, e poder demorar ou suspender a tempo o andamento da embarcação; visitar a miudo a draga, sobre tudo nas paragens que abundam em plantas marinhas.

Convém levar presa aos lados da bocca da draga uma segunda corda cuja extremidade se ate a uma boia; esta corda ajudará a desembaraçar a draga das pedras ou coraes em que possa prender-se, e evitará que se perca a draga no caso da outra corda quebrar. Podem-se tambem obter molluscos, dos que vivem no fundo do mar, immergindo, suspenso por uma corda e uma boia ou por meio d'uma embarcação ancorada, um arco de ferro sufficientemente pesado e guarnecido em volta de um saco de rêde fina contendo um pedaço de carne ou despojos de animaes: este instrumento deve ser lançado ao mar de noute; e, quando se retirar pela manhã, não será raro achar na rêde, implantados nos despojos dos animaes, varios molluscos carnivoros difficeis de alcançar por outra fórma.

Poder-se-ha recorrer a este instrumento onde se não poder dragar, por exemplo, nos fundos de coral. Uma das indicações que mais deve auxiliar o bom resultado da pesca das conchas é a escolha de auxiliares intelligentes e de boa vontade entre os pescadores da localidade. É preciso não fiar demasiado nas apparencias: a despeito das maneiras rudes e da phrase incorrecta possuem alguns d'elles uma intelligencia de bom quilate, que se compraz na contemplação e no estudo dos

sêres que povoam os mares; e o proprio isolamento a que se veem condemnados convida-os a observar e a interpretar os factos que passam diante de seus olhos, paginas isoladas e desconnexas do mais brilhante capitulo da historia da creação. É sobretudo indispensavel recorrer aos pescadores para haver os molluscos nús (como polvos, chócos, lulas, lebres do mar, etc.); só por intervenção d'elles se podem conseguir com facilidade. Os molluscos que habitam o mar alto só se podem conseguir nas viagens que se emprehendem para longe das costas, salvo em occasiões de grandes temporaes que os arrojam accidentalmente ás praias. Estes molluscos são geralmente crepusculares, e não começam a mostrar-se á superficie dos mares senão quando o sol se occulta no horisonte: é esta a occasião asada para a pesca, a qual se faz com rêdes ou sacos de malha que se deixam cahir no mar da pôpa do navio.

É condição essencial para este genero de pesca que o mar esteja tranquillo e o navió leve pouco andamento: o tempo sereno e encoberto é o mais favoravel.

Deve-se içar a miudo as rêdes e despejal-as. As primeiras horas da noite são as mais convenientes: alta noite estes molluscos teem desapparecido.

Os amadores de conchyologia colleccionam sómente as conchas, desprezando os animaes d'estas e os molluscos nús; nos museus porém devem reunir-se e dispôr-se ordenadamente as conchas e os molluscos que as habitam, e bem assim os molluscos nús e sem concha apparente.

As conchas conservam-se com a maior facilidade, como os mineraes; os animaes porém precisam ser immergidos em liquidos conservadores: é mister portanto dizer como se limpam as conchas, e como se conservam os molluscos. Quando se trata sómente de obter as conchas devem-se-lhes extrahir os animaes: para isso lançam-se em uma vasilha com agua fria, leva-se ao lume e aquece-se a agua até á temperatura de 60,° centigrados. Morto o animal, deixa-se arrefecer a agua, procede-se á sua extracção, empregando uma faca, se a concha é *bivalva,* ou um gancho em fórma de anzol, de dimensões apropriadas á grandeza do animal, se a concha é *univalva.*

Esta operação deve ser feita com todo o cuidado, evitando deteriorar as margens e a bocca das conchas, e os espinhos, recortes e prolongamentos de varias fórmas que guarnecem muitas d'ellas. As conchas *bivalvas* deve-se poupar o ligamento que une as valvas, e immediatamente limpas ap-

proximar as valvas e fixal-as n'esta posição, enrolando em volta d'ellas um fio de algodão ou de linha. Ás conchas *univalvas* deve-se conservar o *operculo*, especie de porta adherente ao animal, com que, em muitas d'ellas, se fecha a abertura quando o mollusco se recolhe todo. O *operculo* envolvido n'um pouco de algodão será collocado dentro da concha a que pertence. O *bom estado* das conchas é o ponto capital a que tem de attender-se.

Não se devem remetter, quanto possivel, senão exemplares adultos, completos, com a bocca bem formada, com as margens intactas; devem-se abandonar as conchas mortas, já roladas pelas ondas, descóradas pelo sol, salvo se se tratar de alguma especie que se veja pela primeira vez e pareça rara.

Valvas desemparelhadas, metades de conchas, exemplares defeituosos e communs não teem prestimo algum. Recommendamos tambem com a mais viva insistencia que se não trate de limpar as conchas, que se não raspem nem esfreguem com o intuito de as tornar *bonitas:* tirado o animal, lavem-se simplesmente com agua doce e mais nada.

Os animaes das conchas e os molluscos nús precisam ser mettidos em liquidos conservadores.

Convém matal-os préviamente e de modo que não fiquem contrahidos: para o conseguir mettem-se em um frasco de dimensões convenientes e enche-se de agua salgada até quasi tocar na rolha; rolha-se muito bem o frasco, e espera-se que o animal morra por asphyxia.

Ha quem aconselhe para o mesmo fim mergulhal-os em agua com algum vinagre, mas este meio parece menos efficaz. Ás conchas univalvas é preciso quebrar a extremidade da concha ou da spira para que o animal fique bem em contacto com o liquido conservador; as conchas bivalvas e os molluscos nús não necessitam de mais nenhuma operação prévia á sua immersão no liquido conservador. O liquido mais geralmente usado para conservar os molluscos é a aguardente de 18° a 20° de Baumé. A aguardente conserva bem, mas tem o grande inconveniente, além de ser muito dispendiosa, de contrahir e descórar os animaes: muitos outros liquidos se teem ensaiado, muitos teem sido propostos; comtudo os que nos parece poderem substituir a aguardente são: Para os molluscos nús que não teem concha interior, a composição aluminosa cuja formula é a seguinte:

Sal gemma (chlorureto de sodium).	125 grammas
Alumen.....	65 »
Deuto-chlorureto de mercurio.....	1 decigramma
Agua.....	1 litro

Para os molluscos com concha externa ou interna, a composição sem alumen, cujos elementos são:

Sal gemma (chlorureto de sodium).	250 grammas
Deuto-chlorureto de mercurio.....	1 decigramma
Agua.....	1 litro

Se experiencias ulteriores provarem a efficacia da dissolução de creosote em agua (2 grammas por litro d'agua) é esta a preparação que, a nosso vêr, deverá preferir-se. Qualquer que seja o liquido empregado é mister removel-o no fim de oito dias».

Os zoophytos (estrellas e ouriços do mar, alforrecas, polypos, coraes, gorgonias, etc.) são animaes de fórmas variaveis. Uns assemelham-se a uma estrella, aos ouriços dos castanheiros, etc.; outros a um cogumello, a um arbusto, a uma flôr, etc.

Umas especies vivem adherentes aos rochedos e leitos dos mares e rios, outras movem-se livremente na superficie ou fundo das aguas.

Os mais abundantes são os maritimos.

Pescam-se á draga e com rêdes fluctuantes, mas o melhor meio de os alcançar é revistar as rêdes dos pescadores, na volta da pesca, porque ellas sempre trazem grande cópia de zoophitos.

Alguns como as alforrecas, produzem á semelhança das ortigas uma inflammação na parte do corpo que esteve em contacto com ellas. As especies duras, como os polypos e coraes, depois de bem lavados em agua doce e enxutos, e de se lhe ter dado uma fricção com oleo de amendoa doce para os tornar mais brilhantes, podem-se collocar na collecção.

Outras como as estrellas e ouriços, ou se conservam em alcool, ou depois de n'elle se mergulharem durante algumas horas seccam-se ao sol ou n'um forno. O primeiro methodo, comtudo, é preferivel ao segundo por não lhes fazer perder as fórmas.

Algumas especies de zoophitos que mais parecem plantas do que animaes, seccam-se entre papel botanico e prendem-se n'um cartão como se fossem phanerogamicas.

(Continúa.)

EDUARDO SEQUEIRA.

*

CATALOGUE DES INSECTES DU PORTUGAL

(Continuação, v. pag 532 do n.º 11)

977. **G. Momus F.**

Oliv. Ent. 1, 3, p. 60. pl. 17, f. 154.

D'après mr. Jekel il se trouve dans l'Algarve.

978. **G. laevipennis Muls.**

Muls. Opusc. Ent. VI, p. 1.

Azambuja (J. Antunes!), Serra de Monchique!, Beja!, Faro!.

979. **G. stercorarius L.**

Muls. Col. Fr. Lam. p. 345.

Serra do Gerez!.

980. **G. spiniger Marsh.**

Ent. Brit. 21, 23.
Stercorarius Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 727.

D'après une lettre de Mr. L. V. Heyden il a été trouvé dans la Serra d'Estrella. Serra do Gerez!.

981. **G. mutator Marsh.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 731.

Bragança!, Guarda!, Coimbra!, Serra de Rebordãos!.

982. **G. hypocrita Serv.**

Heer. Faun. Helv. I, p. 499.

Dans tout le Portugal.

983. **G. sylvaticus Panz.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, pag. 734.

Serra do Gerez!.

984. **G. vernalis F.?**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 735.

D'après Illiger (*Mag. Ins.* II, p. 210) il se trouve en Portugal, quoique par les indications qu'il presente je crois que l'exemplaire pris par mr. le Comte Hoffmansegg appartient à la varieté *corruscans Chev* de l'espéce suivante.

985. **G. Pyrineus Chev.**

V. corruscans Chev.

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 737.

Serra d'Estrella! Serra do Gerez! (Heyden!), Serra do Marão!, Serra de Rebordãos!

TROGINI

GENRE TROX FABRICIUS

986. **T. perlatus Scriba.**

Harold. Col. Hefte. IX, p. 161.

Commun partout avec la variété *hispanicus Waltl* (l. c. p. 161).

987. **T. scaber L.**

Harold. Col. Heft. IX, p. 183.

Serra de Rebordãos!

MELOLONTHINI

GENRE HOPLIA ILLIGER

988. **H. philanthus Fussl.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 707.

Je possède quelques individus de cette espèce sans indication de provenance.

989. **H. misella Sch.**

Schauf. Nunq. Otios. III, p. 553.

Guarda (Heyden!)

990. **H. aulica L.**

Burm. Hand. IV, 1, p. 178 et IV, 2, p. 483.

Alemtejo (Dr. Langsdorf!).

V. bilineata F.

Fab. Syst. Eleuth. II, p. 178.

Du Portugal d'après le Catalogue Stein.

V. clorophana Er.

Nat. Ins. Deut. III, p. 710 (nota).

Coimbra!

991. **H. parvula Kryn.**

Bull. Mosc. 1832, V, p. 127.
Minuta Ill. Mag. Ins. II, p. 228.

D'après le Catalogue Stein elle appartient á notre faune.

GENRE HYMENOPLIA ESCHSCHOLTZ

992. **H. strigosa Ill.**

Berl. Ent. Zeit. 1870, Ent. Reis, p. 180

Le type de cette espèce découvert par Hoffmansegg prés de Lisbonne appartient aujourd'hui á la collection de Mr. L. V. Heyden.

993. **H. Illigeri Perez.**

An. Hist. Nat. 1874 III, p. 120.

D'aprés Mr. Perez Arcas elle a été prise près de Setubal.

994. **H. lata Heyd.**

Berl. Ent. Zeit. 1870 *Reise etc.* p. 180.

Serra d'Estrella (Heyden!) Coimbra!, Valle de Azares!, Guarda!.

995. **H. estrellana Heyd.**

Berl. Ent. Zeit. 1870 *Reise et.* p. 182.

GENRE TRIODONTA MULSANT

996. **T. aquila Lap.**

Muls. Col. Fr. Lam. p. 468.

Coimbra!, Serra do Marão!, Sendim (A. Oliveira!).

GENRE SERICA MAC LEAY

997. **S. mutata Gyll.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 178.

Azambuja (J. Antunes!), Coimbra!, Serra do Gerez (Heyden!), Villa Nova de Famalicão (J. Castro!) Cea!, Mangualde (Heyden!).

GENRE CHASMOPTERUS SERVILLE

998. **C. hirtulus Ill.**

Burm. Hand. IV, p. 31.

Coimbra!, Azambuja (J. Antunes!) Porto!, Serra d'Estrella!

999. **C. pilosulus Ill.**

Burm. Hand. IV, p. 31.

Lisboa (Hoffmansegg!).

1000. **C. hirtulus Ill.**

Burm. Hand. IV, p. 31.

Hispidulus Graells. An. Soc. Ent. Fr. 1847, p. 307, pl. 4, f. 3.

1001 **C. villosulos Ill.**

Burm. Hand. IV, p. 30.

Lisboa (Hoffmansegg!), Guarda (Heyden!), Serra d'Estrella (Heyden!).

1002. **C. hirtus Blanch.**

Blanch. Cat. Mus. Paris. 1850, p. 57.

Mentionnée du Portugal par Blanchard.

GENRE MONOTROPUS ERICHSON

1003. **M. Staudingeri Schauf.**

Schaufuss Nunq. Otios, 1870, p. 42.

Du Portugal d'aprés le Catalogue de Stein.

GENRE RHIZOTROGUS LATREILLE

1004. **R. fuscus F.**

Oliv. Ent. I, 5, p. 19, pl. 2, f. 10.
Ater Herbst. Burm. Hand. IV, 2, p. 230.

Pris une seule fois par Hoffmansegg dans l'Algarve. Bussaco!

1005. **R. limbatipennis Villa.**

Villa Col. Eur. dup. 1883, p. 34.

Mangualde, Cea (Heyden!) Faro!, Felgueira!

1006. **R. lusitanicus Gyll.**

An. Hist. Nat. Esp. 1874, III, p. 123.

Aveiro!, Coimbra!, Serra do Gerez (Heyden!) Azambuja (J. Antunes!)

1007. **R. aestivus Oliv.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 379.

Du Portugal d'après Illiger.

1008. **R. marginipes Muls.**

Muls. Col. Fr. Lam. 1842, p. 435.
Granulifer Ros. Thier And. 1856, p. 119.

Dans la route de Guarda pour Celorico (Heyden!), Bussaco!, Bragança!.

1009. **R. Reichei Muls.**

Abeille IX, p. 302.

D'après une lettre de mon ami Mr. L. V. Heyden je lui ai envoyé cette espèce, que je ne possède pas dans ma collection.

1010. **R. flavicans Blanch.**

Blanch. Cat. Col. Ent. 1850, p. 145.
Chevrolati Graells. Mem. map. geol. zool. 1858, p. 61, pl. 3, f. 2.

Azambuja (J. Antunes!), Serra de Rebordãos (1).

GENRE ANOXIA LAPORTE

1011. **A. australis Schön.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 399.

Lisboa!, Porto!, Aveiro (Heyden!).

1012. **A. villosa F.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 400.

Coimbra!, Aveiro (Heyden!).

1013. **A. pilosa F.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 401.

Aveiro (J. M. Roiz!).

(1) Je posséde encore du Portugal d'autres espéces à determiner, mais il faut attendre une revision du genre Rhizotrogus encore trés mal etudié.

GENRE MELOLONTHA FABRICIUS

1014. **M. papposa Ill.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 416.

D'après Illiger trouvée par Hoffmansegg en Portugal.

1015. **M. hybrida Charp.**

Burm. Hand. IV, 2, p. 416.

Coimbra!.

GENRE ELAPHOCERA GÉNÉ

1016. **E. longitarsis Ill.**

Berl. Ent. Zeit. 1882, *Kraatz*, p. 20.

Faro!, Lisboa!.

1017. **E. carteiensis Ramb.**

Berl. Ent. Zeit. 1882, *Kraatz*, p. 22.

Du Portugal d'après le Catalogue Stein.

RUTELINI

GENRE ANISOPLIA LAPORTE

1018. **A. depressa Er.**

Erichs. Nat. Ins. Deut, III, p. 635 (nota).

Coimbra!, Felgueira!, Faro!.

On trouve aussi avec le type différentes variétés parmi lesquelles on doit distinguer particulièrement les suivantes:

V. agricola Ill.

Erich. l. c. p. 636 (nota).

V. fruticula Ill.

Erich. l. c. p. 636 (nota).

V. *nigra mihi*. Avec les élytres complètement noirs.

1019. **A. floricola F.**

Burm. Hand. IV, I, p. 225.

Lisboa (Hoffmansegg!), Evora (V. da Esperança!).

V. nigripennis mihi.

Cette nouvelle variété á elytres noirs, souvent legèrement verdâtres a été trouvée á Evora avec le type par mr. le Vicomte d'Esperança.

GENRE ANOMALA SAMOUELLE

1020. **A. rugatipennis Grael.**

An. Soc. Ent. Fr. 1851, p. 13, pl. I, f. 3.

Serra d'Estrella (Heyden!)

Les élytres sont plus cuivreuses que dans les exemplaires trouvés par Seidlitz dans d'Escorial.

1021. **A. praticola F.**

Burm. Hand. IV, I, p. 246.

D'aprés Illiger elle se trouve en Portugal.

1022. **A. vagans Er.**

Erich. Nat. Ins. Deut. III, p. 620 (nota).
Profuga Er. Nat. Ins. Deut. III, p. 617 (nota).

Aveiro et Celorico (Heyden!), Coimbra!, Azambuja (J. Antunes!).

DYNASTINI

GENRE PENTODON HOPPE

1023. **P. monodon F.**

Burm. Hand. V, p. 104.

Faro!

(Continúa).

MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA.

EXTRACTO DO NOSSO ARCHIVO

(Continuação, v. vol. 2.º, pag. 536)

3 de maio — Abertura do bazar, cujo producto é destinado á fundação d'uma escóla de artes e officios e que rendeu 120$350 reis.

4 de maio — Conferencia do snr. Domingos Agostinho de Souza. Objecto da conferencia: *O Sahara; o que foi, o que é e o que será.*

7 de maio — Reunião da commissão promotora do bazar de prendas, sob a presidencia do snr. Augusto Luso.

8 de maio — Installação da commissão executiva da exposição de tecidos pelo snr. Azevedo Albuquerque. Foram eleitos: presidente, o snr. José Carneiro de Mello; vice-presidente, o snr. José da Silva Ferreira; 1.º secretario, o snr. Constantino Rodrigues Batalha, e 2.º secretario o snr. Joaquim Baptista da Silva Guerra. Entrando-se na discussão dos trabalhos preliminares usaram da palavra os snrs. Silva Ferreira, Ferreira Bahia, Guimarães Batalha, Silva Guerra, Isaac Newton, e Joaquim de Vasconcellos, sendo resolvido que no dia 15 seja apresentado o programma definitivo.

Foram eleitos membros da commissão os snrs. Costa Basto e Barbot e Meirelles.

13 de maio — Bazar.

20 de maio — Bazar.

22 de maio — Reunião da commissão executiva da exposição de tecidos para discutir o projecto do programma.

2 de junho — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque, e servindo de secretarios os snrs. Tito de Noronha e Almeida Outeiro.

O snr. Vieira de Castro propoz que fosse enviada ao governo de S. M. a representação publicada a paginas 293, 294, 295 e 296 da *Revista* d'este anno.

O conselho, por proposta do socio e professôr do Lyceu, Teixeira Machado, approvou um voto de louvor ao snr. José de Macedo Araujo Junior pelos serviços prestados á instrucção, facultando aos alumnos do Lyceu do Porto occasião para procederem a trabalhos práticos de topographia, e dirigindo-os n'esses trabalhos.

O snr. Macedo declarou que os alumnos do Lyceu ha-

viam manifestado as melhores disposições e boa vontade n'esse trabalho, que fôra feito em dias feriados.

O snr. presidente apresentou duas propostas para serem eleitos socios de merito os snrs. Conselheiro José Silvestre Ribeiro e José Joaquim Rodrigues de Freitas, resolvendo-se por proposta do snr. von Hafe que estas propostas fossem adiadas para quando os novos Estatutos estivessem approvados pela auctoridade competente.

Entrando-se na *Ordem da noite: Discussão do «Questionario ácerca da Instrucção secundaria»*, usaram da palavra sobre o quesito 5.º os snrs. Teixeira Machado e Azevedo Albuquerque.

15 de junho — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, servindo de secretarios os snrs. Tito de Noronha e José Maria de Almeida Outeiro.

Foi approvado um voto de louvor ao snr. dr. Leonardo Torres, um dos delegados da Sociedade no Congresso das associações portuguezas, pelos serviços que tem prestado n'esse Congresso.

Foi eleito socio o snr. Francisco Xavier Müffler, que se inscreveu como membro do conselho.

Na *Ordem da noite* continuou a *discussão do quesito 5.º* do *«Questionario ácerca da instrucção secundaria»*, tomando parte na discussão os snrs. Eduardo Falcão, Antonio Luiz de Teixeira Machado e Joaquim de Azevedo Albuquerque, ficando estabelecido que as sciencias, que devem constituir a cultura scientifica na instrucção secundaria, formam tres grupos:

1.º grupo — Sciencias racionaes: Arithmetica, algebra, geometria elementar e analytica, trigonometria e mechanica elementar.

2.º grupo — Sciencias de observação: Physica, chimica, botanica, zoologia, geologia e noções de paleontologia, cosmographia e geographia.

3.º grupo — Sciencias noologicas: Logica, historia, economia politica, noções elementares de direito publico, administrativo e das gentes, e noções positivas de linguistica.

22 de junho — Visita á escóla de desenho e de modelação nas Devezas, pelos socios Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, Joaquim de Azevedo Albuquerque, Wilson Rawes, João Camillo de Castro Junior, Tito de Noronha, Joaquim de Vasconcellos, Isaac Newton, José Maria de Almeida Outeiro, José de Macedo Araujo Junior, Antonio Luiz de Teixeira Ma-

chado, dr. Arthur Ferreira de Macedo, Eduardo Falcão, Agostinho Souto, José Correia Pinto da Fonseca, Marcianno Azuaga, e Bento de Souza Carqueja.

Dos nossos collegas «Commercio do Porto», «Commercio Portuguez», «Jornal do Porto» e «Primeiro de Janeiro» extractamos a seguinte noticia:

«Os visitantes eram esperados pelos proprietarios da fabrica, o esculptor, snr. Teixeira Lopes, representantes das fabricas de louça de Massarellos e da da Viuva de Soares Rego.

«Os visitantes examinaram demoradamente os trabalhos dos alumnos, operarios da fabrica, alguns dos quaes revelam grande aptidão.

«Findo o exame usou da palavra o snr. Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, o qual disse que em nome da Sociedade de Instrucção vinha saudar os fundadores da escóla, applaudir o professor, louvar os discipulos e annunciar com louvor que o Club de Villa Nova de Gaya deliberára crear um premio de 15$000 reis para a Sociedade de Instrucção conferir ao alumno mais distincto da escóla, levantando por fim um viva aos fundadores, ao professor e aos alumnos d'aquella escóla, e ao Club de Villa Nova de Gaya, viva que foi geralmente correspondido.

«Convidado pelo snr. presidente tomou em seguida a palavra o snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque, vice-presidente da Sociedade e distinctissimo professor da Academia Polytechnica. N'um brilhante improviso começou s. ex.ª por confirmar os louvores que o snr. presidente dirigira aos fundadores da escóla, affirmando em seguida que os grandes melhoramentos nos ramos que mais interessam a vida social só da iniciativa particular se podem esperar e não da acção dos governos. A proposito citou o exemplo dos Estados Unidos, onde existem instituições como a Smithosian Institution que sustenta innumeras escólas devidas unicamente á iniciativa particular, que é a alavanca das sociedades modernas, devendo a acção governamental limitar-se a sustentar o equilibrio social; e cumprindo á acção da iniciativa particular a producção do esforço necessario ao desenvolvimento dos diversos elementos do progresso. Os governos fazem pouco e não podem fazer muito, quando qualquer paiz confia tudo n'elles, não tem sufficiente vitalidade para se sustentar entre os povos civilisados.

«Definindo a missão do desenho, fez s. ex.ª notar que os conhecimentos comprehendem dous elementos: a materia e a fórma; a consideração da fórma conduziu á geometria, que é

a base do desenho, cuja origem grega explica, e bem frisantemente, as suas relações com o sentimento humano. A grega, que contornava na parede a sombra projectada pelo corpo do seu bem amado que ia partir, queria fixar a imagem do ser adorado; não a saciava a ideia, queria uma representação d'ella.

«Quando o desenho não tivesse sido provocado pelo sentimento, bastaria a simples natureza das cousas para o iniciar como linguagem universal representativa das ideias por uma fórma comprehensivel. Tem a continuidade que falta na linguagem ordinaria; é por isso proprio a representar fórmas contínuas. Na pedagogia, a sua funcção é importantissima, devendo occupar um papel gymnastico na educação das creanças, porque disciplina a vista.

«Em seguida fez s. ex.ª uma brilhante apologia d'este sentido; a elle se deve a existencia das sciencias de observação e em particular da astronomia, que por meio do calculo vae desvendar os mais reconditos segredos dos mais complexos movimentos astronomicos dos mundos que se acham a distancias tão grandes do nosso insignificante globo, que as vibrações luminosas que gastam 8 minutos e 13 segundos para percorrer a distancia entre o sol e a terra, põem 3 annos e 8 mezes para vencer a que vae da estrella mais proxima—alpha do centauro—, cincoenta annos para percorrer a que nos separa da estrella polar e cem mil annos para vir de outras estrellas; o que quer dizer que, se um homem de cincoenta annos de idade se visse transportado á estrella polar, por exemplo, e d'ella podesse observar o que se passa na terra, ver-se-ia nascer e passar por todas as phases que decorreram entre o seu nascimento e o momento em que partiu da terra.

«Mais observou o orador, que é por meio do orgão visual que o homem com a analyse espectral póde determinar a composição chimica d'esses corpos que se acham a tão enormes distancias de nós.

«Para demonstrar o valor do serviço prestado pelos fundadores da escóla bastava lembrar que a iniciativa particular fundou no Porto, ha um seculo, uma escóla de desenho, sem a qual talvez não tivessemos o Vieira Portuense e outros; essa escóla foi fecunda, e d'ella saiu a Academia de Marinha e do Commercio, mais tarde transformada em Academia Polytechnica.

«Terminando, propôz, em nome da Sociedade de Instrucção, um viva aos fundadores da escóla, e ao Club de Villa Nova de Gaya, o qual foi repetido por todas as pessoas pre-

sentes, que tambem victoriaram o snr. Azevedo Albuquerque.

«Em seguida tomou a palavra o snr. Dr. Arthur de Macedo, que n'um breve e eloquente discurso, agradecendo, como presidente do Club de Villa Nova de Gaia, as palavras com que os dois oradores precedentes se haviam referido a esta associação, e terminando por erguer um viva á Sociedade de Instrucção, viva a que todos corresponderam enthusiasticamente.

«Eram cerca de dez horas, quando terminou esta festa».

18 de julho — Reunião da commissão executiva da exposição de tecidos, sob a presidencia do snr. José da Silva Ferreira e servindo de secretarios os snrs. Constantino Rodrigues Batalha e Joaquim Baptista da Silva Guerra. Foi discutido o programma, no qual foram introduzidos muitos melhoramentos.

19 de julho — Sessão do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque e na qual foi discutida a proposta do snr. Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro apresentada na sessão de 2 de julho.

Passando-se á *Ordem da noite* entrou-se na *Discussão do «Questionario ácerca da Instrucção secundaria».*

Foram eleitos socios os snrs. Bernardino Leite de Faria, Geminiano José Gomes, Raphael Leite Pereira da Silva, Dr. Antonio Cardoso e Silva Junior, Leopoldo Cirne, Paulo Judice, Adriano Sampaio Baptista e Manoel Joaquim Soares.

Foi lido um officio do Club de Gaia participando que instituira um premio de 15$000 reis com destino ao alumno mais distincto do curso de desenho e modelação fundado n'aquella villa para os operarios de olaria, e que a esse premio déra o nome de Soares dos Reis. O conselho resolveu acceitar e agradecer a generosa offerta.

O snr. Fernando Maya propôz que o conselho assignalasse na acta a expressão do prazer com que recebera a noticia do restabelecimento do snr. Oliveira Martins.

1 de agosto — Reunião da commissão executiva da exposição de tecidos, sob a presidencia do snr. José da Silva Ferreira, servindo de secretarios os snrs. Joaquim Baptista da Silva Guerra e Joaquim de Vasconcellos, a fim de ser discutido o programma que foi approvado.

Resolveu-se pedir ao snr. presidente da Sociedade que officiasse á direcção do Palacio de Crystal, solicitando que seja concedida a nave central d'aquelle edificio desde 20 de março até 20 de junho do anno proximo, para alli ser installada a ex-

posição. Resolveu-se tambem que, obtida essa concessão, seja expedido o programma a S. A. o principe real D. Carlos, como presidente d'ella, á commissão auxiliar de Lisboa e a toda a imprensa e industrias do paiz. O programma approvado é o seguinte:

PROGRAMMA PARA A EXPOSIÇÃO DE FIAÇÃO E TECIDOS NACIONAES

A Sociedade de Instrucção do Porto convida os industriaes portuguezes a uma nova empreza patriotica. A ultima e recente *Exposição de Ceramica Nacional,* o exito notavel d'ella, e o effeito consolador que sempre sentimos, quando uma tentativa, embora modesta, consegue attrahir as sympathias do publico para o trabalho nacional, promovendo insensivelmente a instrucção dos visitantes e robustecendo a confiança do operario, anima-nos a uma nova empreza de superior alcance.

O desenvolvimento da industria portugueza de *fiação e tecidos* é recente, mas já consideravel. Basta consultar os documentos officiaes que nos ultimos annos sahiram á luz.

Em face das cifras eloquentissimas accumuladas n'essas publicações, julgamo-nos dispensados de insistir n'este ponto, de as repetir aqui, n'este programma, que é simplesmente um convite e uma consulta.

Querem os industriaes portuguezes, grandes e pequenos, — porque os convidamos a todos, sem distincção, — concorrer a esta nova exposição, que será a primeira que se faz entre nós n'este genero?

Querem vir em nosso auxilio para uma obra boa, prática e fecunda, ajudando-nos a corrigir erros e preconceitos de que somos todos mais ou menos victimas, porque não conhecemos a nossa propria vida, as nossas forças e o nosso trabalho?

Querem dar um dia de festa ao operario, um momento de alegria e consolação, honrando o seu trabalho geralmente anonymo, escondido dentro dos muros de uma fabrica, ou de um armazem, e alimentar nos filhos, ao menos uma esperança de melhor futuro que os paes nem poderam conceber?

Finalmente, merece a Sociedade, que vos convida, uma prova de confiança grande e generosa, depois do que ella tem feito em exposições anteriores, com sacrificio publico e evidente dos seus modestos recursos, não fallando na dedicação constante dos socios em anteriores ensaios?

A commissão, abaixo assignada, não hesitou um momento

em dar uma resposta affirmativa e assigna este programma como um documento digno de fé.

S. A. R. o Principe D. Carlos segurou-nos ainda mais n'esta confiança, dignando-se acceitar o proctetorado sobre esta exposição nos termos mais lisongeiros para o operario portuguez, e com o assentimento e applauso de **S. M. El-Rei o snr. D. Luiz.**

A Sociedade tem cumprido até hoje, lealmente, as suas promessas, e espera com estas e outras tentativas ir familiarisando os portuguezes com a idéa dos concursos especiaes dos productos do paiz.

Ella tem ainda em vista restabelecer a confiança de muitos fabricantes, cujas reclamações tem sido desattendidas, cujos sacrificios não foram compensados nas grandes exposições, ás quaes tem sido convidados fóra de Portugal.

A commissão tem plena consciencia das difficuldades da empreza que tomou sobre si; julga-a, como fica dito, de superior alcance para a industria nacional. O novo certamen póde vir a ser uma revelação, o ponto de partida de um grande movimento sympathico da opinião em favor do trabalho portuguez, e portanto da sorte de dezenas de milhares de operarios.

Desde a exposição industrial do Porto de 1861, isto é, ha vinte e tantos annos, nunca mais se convidou n'esta cidade a industria portugueza a um concurso especial (1), tendo os governos dispendido desde essa data sommas muito avultadas em quatro exposições internacionaes. Não pretendemos negar a utilidade d'esses concursos gigantescos, mas parece-me que n'um paiz pequeno, em que uma industria consideravel lucta em todos os ramos para se fazer conhecida dos proprios filhos da terra, conviria repetir amiudadas vezes as exposições especiaes que esta Sociedade teve a honra de iniciar, e reservar para ellas uma parte dos recursos que se têm gasto nas capitaes estrangeiras.

A *Sociedade promotora da industria nacional,* fundada em 1822, trinta annos antes da primeira grande exposição de Londres (1851), parecia caminhar para esse fim: concentrar a attenção na officina portugueza.

---

(1) Houve exposições industriaes em Lisboa em 1838, 1844, 1849 e 1863. E no Porto em 1857 e 1861. Não contamos a de 1865, porque foi universal.

Infelizmente, foi abandonada depois de um periodo de laboriosa actividade, durante o qual prestou grandes serviços, organisando as exposições industriaes de Lisboa de 1838, 1840, 1844 e 1849. Deixamol-a morrer, fechamos as nossas exposições e fomos concorrer ás estrangeiras! (2) Parece-nos chegado o tempo de acordarmos.

Se organisamos outras exposições nacionaes antes d'esta não foi porque ignorassemos o valor dos tecidos nacionaes; pelo contrario demoramos o convite por conhecermos as grandes difficuldades da empreza, e por nutrirmos o desejo de preparar aos industriaes portuguezes uma recepção condigna.

PROGRAMMA

A. Parte theorica.

I — Methodos de ensino; a aprendizagem em Portugal.

II — Methodos de tecedura e fiação, dentro e fóra do paiz. Obras nacionaes e estrangeiras sobre a respectiva industria nos seus variados ramos. Legislação. Marcas de fabrica. Desenhos de machinas e utensilios. Plantas de fabricas.

B. Parte prática:

I — **Materiaes** de fabríco empregados na industria do paiz, em rama, fio e outros estados: algodão, lã, linho e sêda.

II — **Tinturaria**. Amostras com as escalas das côres em fio e nos differentes tecidos, inclusivè zuartes.

III — **Estamparia**. (Applicação do desenho). Chitas, cretones, lenços, etc.

IV — **Prova prática dos differentes processos de cardar, dobar, fiar e tecer por operarios da cidade, villas e aldeias.**

C. Tecidos manufacturados:

I — **Algodão**. Cobertas, baetas, burlinas, casimiras, lenços, toalhas, riscados, alpacas, cotins, (tafetás, sarjas, sarjões, caninhas, canilés, setins, lonas, rapados, etc.), baetas, flanellas, fustões, morins, pannos crús lisos e sarjados, chailes, etc.

II — **Lã**. Cobertores, baetas, burlinas, brixes, casimiras, castores, cheviottes, flanellas, pannos, picotilhos, retinas, saragoças, chailes, sédan, etc.

III — **Linho**. Cobertas, toalhas, guardanapos, cotins, lonas, sarjas, tafetás, etc.

(2) Paris (1867), Vienna (1873), Philadelphia (1876), Paris (1878). A primeira custou 75 contos, a segunda 60 contos, etc.

IV — **Sêda.** Brocateis, lustrinas de ouro, ou de sêda, damascos de ouro ou de requife, estofos, damascos rasos, gorgorões, gros de Naples, nobrezas, glacés, failles, sarjas (para guarda-chuvas e forros), lenços, velludos, setins lisos e lavrados, tafetás, etc.

V. — **Tecidos mixtos.** Serguilhas nacionaes. Popelines, reps, tapetes, tapeçarias de lã e algodão, inclusivè elasticos.

VI. — **Tecidos de varias materias nacionaes e estrangeiras.** Productos manufacturados com palha, junco (esteiras) palma, crina, esparto, pita, jute, ticon, ortiga branca, etc.

D. Obra e tecido de malha.

Algodão, lã, sêda, fio de Escossia, etc. Saias, camisolas, ceroulas, meias, coturnos, barretes, inclusivè rêdes de pesca, de descanço, etc.

E. Obra de liga.

Sapatos de liga e de tapete.

F. Obra de sirgueiro e cordoeiro.

Cordões, franjas, borlas, etc.

G. Rendas.

Rendas de bilro e de malheiro (em algodão, linho, sêda, fio de prata e ouro).

H. Passamaneria.

I — Fitas para chapeus (tafetá, glacé, faille, gorgorão, setim, velludo) e outras applicações; inclusivè torcidas para illuminação, puxadeiras para calçado em algodão, lã, linho e sêda, franjas de sêda, lã e algodão.

II — Galões de ouro, de sêda e de palheta. Grades, espiguilhas, trenas, rendas, volantes, vidrilhos, etc. etc.

Presidente e protector,

S. A. R. o Principe D. Carlos.

A Commissão Promotora

José Carneiro de Mello, presidente.
José da Silva Ferreira, vice-presidente.
C. Rodrigues Batalha, secretario.
Joaquim Baptista Silva Guerra, vice-secretario.
Antonio Luiz Pinto,
Augusto Antonio da Motta,
Barbot & Meirelles,
Custodio Lopes da Silva Guimarães,
David José da Silva & Filho,
Eduardo Ribeiro de Freitas,

Francisco dos Santos Carneiro,
Isaac Newton,
João Nepomuceno Silva,
Joaquim Alves Velludo,
Joaquim de Vasconcellos,
Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio,
José da Silva Ferreira Bahia,
Justino Ferreira Nunes,
Tito de Noronha,

Vogaes.

3 de agosto — Recepção por S. M. El-Rei e pelo principe D. Carlos da commissão delegada da Sociedade, e que ia pedir a authorisação de S. Magestade para Sua Alteza Real o principe D. Carlos acceitar a presidencia da commissão promotora da exposição de tecidos e obter a annuencia de Sua Alteza aos desejos da commissão.

Acompanhavam esta alguns representantes de varios estabelecimentos industriaes.

3 de agosto — Reunião da assemblêa geral ordinaria para a apresentação dos estatutos e eleição dos cargos sociaes e leitura do discurso do presidente da Sociedade relativo ao movimento intellectual e economico da Sociedade.

O snr. Azevedo e Albuquerque propôz um voto de louvor aos deputados pelo Porto que no parlamento tomaram tanto a peito os interesses da Sociedade, e bem assim a todos os seus collegas, membros da Sociedade, que os coadjuvaram nos seus esforços. Esta proposta foi unanimemente approvada.

O snr. Francisco José Patricio agradeceu em nome dos seus collegas.

A assemblêa elegeu: presidente, snr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio; vice-presidente, Joaquim de Azevedo Albuquerque; secretario geral, Joaquim de Vasconcellos e vice-secretario geral, Antonio Luiz de Teixeira Machado.

Membros do conselho administrativo: presidente, o snr. visconde de Barreiros; vogaes, os snrs. José de Macedo Araujo Junior, Wilson Rawes, Eduardo Sequeira e Isaac Newton.

Commissão de exame de contas: os snrs. Conde da Silva Monteiro, Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro e dr. João Nepomuceno Rebello Valente.

4 de agosto — Reunião da assemblêa geral para a continuação do apuramento da votação feita no dia anterior, servindo d'escrutinador Isaac Newton, Joaquim Duarte Moreira de Sousa e José Maria de Almeida Outeiro.

Foram eleitos membros do conselho scientifico os snrs.: Dr. Adolpho da Cunha Pimentel, dr. Adriano de Paiva Faria Leite Brandão, dr. Agostinho da Rocha e Castro, dr. Alexandre Braga, A. de Castro Neves, dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, Antonio Luiz de Teixeira Machado, A. M. Lopes Vieira de Castro, dr. Antonio Placido da Costa, dr. Antonio de Sousa Magalhães Lemos, dr. Antonio Victorino da Motta, Augusto Luso da Silva, Bento de Sousa Carqueja, Bernardo V. Moreira de Sá, Domingos Agostinho de Sousa, Eduardo Augusto Falcão, Eduardo Sequeira, Edwin Johnston, Fernando Maia, Francisco de Castro Monteiro, Francisco José Patricio, Francisco Xavier Müffler, dr. Illydio Ayres Pereira do Valle, Isaac Newton, Jacob Eduardo von Hafe, Joaquim Antonio Gonçalves, Joaquim de Azevedo de Souza Vieira da Silva Albuquerque, Joaquim Duarte Moreira de Sousa, Joaquim Vasconcellos, dr. José Augusto Correia de Barros, José Chrispiniano Junior, dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, José Guilherme de Parada e Silva Leitão, José Leite de Vasconcellos, José de Macedo Araujo Junior, José Maria de Almeida Outeiro, José Maria Alves Tórgo Junior, José Maria de Mello e Mattos, José Nicolau Raposo Botelho, dr. Julio de Mattos, Julio Gonçalves Moreira, Leopoldo Mourão, Luiz de Sousa Gomes e Silva, Manoel José Felgueiras, Manoel Rodrigues Miranda Junior, dr. Ricardo de Almeida Jorge, dr. Tito Jorge de Carvalho Malta, Tito de Noronha, William Tait, Wilson William Rawes.

5 de agosto — Reunião da commissão executiva da exposição de ourivesaria. Foi resolvido abrir a exposição no dia 16 de setembro e encerral-a no dia 18 de novembro.

12 de agosto — Reunião da commissão executiva da exposição de ourivesaria, sob a presidencia do snr. Corrêa de Barros. Sua ex.ª participou á commissão que o snr. ministro do Reino lhe communicou que S. Magestade, accedendo ao pedido da commissão, feito por intermedio do snr. ministro do Reino e do snr. Corrêa de Barros, consentiu em que a custodia de Belem concorresse á exposição.

Resolveu-se pedir ao governo de S. M. uma verba destinada á compra de machinas mais necessarias na arte moderna, e que deviam servir de premios aos expositores fabricantes.

4 de setembro — Reunião da commissão executiva da exposição de ourivesaria. N'esta sessão foram nomeados os individuos que haviam de receber os objectos de Guimarães, Braga e Coimbra que concorriam á exposição, resolvendo-se enviar

um officio de agradecimento ao dignissimo commandante da guarda municipal o snr. tenente coronel Antonio Xavier Teixeira Homem de Brederode, pelos serviços prestados por s. ex.ª á commissão.

6 de setembro — Reunião da commissão promotora da exposição de ourivesaria, sob a presidencia do snr. Albino Coutinho, resolvendo-se agradecer ao snr. Corrêa de Barros o serviço prestado por s. ex.ª, que sollicitára e obtivera da direcção do Palacio de Crystal a entrada gratuita no recinto do Palacio para a imprensa, expositores, operarios e estabelecimentos de caridade. Resolveu-se tambem agradecer ao snr. bispo conde de Arganil o emprestimo dos objectos da mitra.

Foi participada a installação d'uma commissão da Sociedade Martins Sarmento, com o fim de auxiliar a commissão promotora.

Resolveu-se tambem que a commissão funccionasse permanentemente até á abertura da exposição.

12 de setembro—Eleição do jury, que ficou composto pelos seguintes snrs.:

Do Porto: José Antonio Mourão, Antonio Dias Ribeiro Gasparinho, Luiz José Ferreira, José Pinto das Neves, José Augusto da Costa Guimarães, Joaquim Ribeiro de Freitas e Joaquim de Vasconcellos.

De Lisboa: João Joaquim Antunes Rebello, Antonio Maria Tavares, Justino do Nascimento, Julio de Senna Castro Ribeiro, Raphael Zacharias da Costa.

16 de setembro—Abertura da exposição.

A lista dos individuos premiados é a seguinte:

Diplomas de honra:

Viuva Moreira & Filho, Porto—Leitão & Irmão, Porto—Albino Coutinho & Filhos, Porto—Lobão & Ferreira, Porto—Antonio Pinto da Cruz, Porto — Cardoso & Bragança, Lisboa — Luiz Pinto Moutinho, Lisboa—Viuva Soares & Filhos, Lisboa — Augusto Cesar Trindade Machado, Porto — Guilherme Soares, Porto — José Pereira Leite, Porto — Augusto Luiz Santa Barbara, Porto — José Quadrillero, Lisboa — Julio Rodrigues Pinto, Porto — Chrysostomo Rodrigues Pinto, Porto — João Rodrigues de Souza, Porto — João José da Silva, Porto — Manoel da Silva Brandão, Porto — José da Costa Lobão, Porto — Domingos Otero de Magalhães, Porto — Manoel Joaquim de Carvalho, Porto — Antonio de Castro Nogueira, Porto — Alberto da Rocha, Porto — Torrezão, Lisboa

— Manoel Malvar. Guedes, Porto — Francisco Celestino Dias, Lisboa — Domingos Ferreira de Seabra, Lisboa — Achilles Fauchet, Porto — Juliano Augusto Pereira, Porto — Francisco Henriques da Fonseca Junior, Porto.

Diplomas de merito:

José Rosas, Porto — Zeferino José da Cruz, Porto — Azuil & Queiroz, Porto — Antonio Alves dos Reis, Porto — J. V. Canongia, Lisboa — Sebastião Augusto Marques, Lisboa — Manoel Joaquim Pereira Bitetes, Porto — Manoel Ignacio Ferreira Pinto, Porto — Manoel Augusto do Amaral, Porto — Miguel de Gouvêa Peixoto, Porto — João Thadeu da Fonseca, Porto — Avelino Augusto Martins, Porto — José Pinto das Neves França, Porto — Francisco José Aranha, Porto — Antonio Ribeiro Teixeira, Porto — Manoel Antonio Carreira, Porto — Joaquim Gonçalves Taveira de Azevedo, Porto — João Pinto da Costa Lobão, Porto — Antonio José Martins, Porto — Manoel Florido de Souza, Porto — Pedro da Costa Lobão, Porto — Ernesto Sizenando de Sousa Taborda, Porto.

Diplomas do progresso:

Manoel Joaquim Corrêa da Gama, Porto — Bello & Companhia, Lisboa — Antonio Alberto da Rocha Guimarães, Guimarães — Manoel Rodrigues Teixeira, Porto — João José Gomes, Porto — João Moreira de Magalhães, Porto — José Ferreira do Casal, Porto — David Ferreira da Silva, Porto — Antonio Guilherme do Couto, Porto — J. Moreira do Valle, Porto — José Antonio Corrêa, Porto — Francisco Pinto de Almeida, Porto — Antonio A. de Sousa, Porto — Manoel Martins, Porto.

Menção honrosa:

Pedro José de Magalhães, Porto — Antonio José de Salles, Evora — Francisco Antonio de Carvalho, Travassos — Luciano Marques Villar, Porto — José Marques Villar, Porto — Manoel Emilio de Sousa Pinto, Porto — Antonio Alves de Sousa Lopes, Porto — Caetano de Sousa Pinto & Barbedo, Porto — José Pinto das Neves, Porto — José Pinto do Amaral, Porto.

29 de outubro — Reunião de assemblêa geral extraordinaria, convocada em virtude do seguinte pedido de 20 do mesmo mez: «Illmo e ex.^mo^ snr. — Os abaixo assignados, socios da Sociedade de Instrucção de que s. ex.^a^ é digno presidente, em numero sufficiente para usarem do direito que lhes confere o §

unico do artigo 40.º dos estatutos, vêm perante v. ex.ª pedir a convocação da assemblêa geral, para protestarem por offensa do disposto no capitulo 4.º dos mesmos estatutos, contra a não installação do conselho administrativo e outras irregularidades. — Deus guarde a v. ex.ª Porto, 20 de outubro de 1883. —Ill.mo e ex.mo snr. presidente da Sociedade de Instrucção—(assignados) — João Nepomuceno Rebello Valente, Tito Jorge de Carvalho Malta, Antonio Domingues Canedo, José de Macedo Araujo Junior, Joaquim de Azevedo Albuquerque, Marcos Archer, Isaac Newton, Francisco Xavier Müffler, Wilson W. Rawes, Alberto Rebello Valente Allen, Eduardo Sequeira.»

Presidiu o snr. Joaquim de Azevedo Albuquerque, o qual disse que tendo-se procedido ás eleições para os diversos cargos sociaes em 3 de agosto e, devendo ter sido dada a posse aos eleitos dentro do praso de 8 dias, a posse não havia sido dada, o que motivou o seguinte officio de 11 de outubro assignado pelos membros eleitos do novo conselho administrativo: «Ill.mo e Ex.mo Snr. Os abaixo assignados, estranhando não ter sido ainda installado o novo conselho administrativo, para o qual foram nomeados membros na ultima assemblêa geral, vêm protestar junto de v. ex.ª não só contra a inexplicavel demora da dita installação, mas tambem contra qualquer acto da meza da Sociedade de Instrucção, que vá de encontro aos artigos 27.º, 28.º e 30.º dos estatutos por que se rege a nossa Sociedade. — Deus guarde a v. ex.ª Porto, 11 de outubro de 1883. Ill.mo e ex.mo snr. presidente da Sociedade de Instrucção do Porto — (assignados) — Visconde de Barreiros, Wilson W. Rawes, Eduardo Sequeira, José de Macedo Araujo Junior.»

Como haviam passado nove dias sem ter sido deferido este ultimo pedido e tivessem decorrido dois mezes e dezasete dias sem ter sido cumprida a prescripção do regulamento, o qual determina que a posse seja dada no praso de oito dias, os reclamantes recorriam para a assemblêa geral.

Tomaram parte na discussão os snrs. Joaquim Duarte Moreira de Sousa, Carvalho, Eduardo Falcão, Joaquim de Vasconcellos, Wilson Rawes, Francisco José Patricio e Cabral.

Como o snr. Joaquim de Vasconcellos tivesse accusado o empregado Lagoá de abuso de confiança, e, tanto este como o empregado Reis, de serem negligentes no desempenho das suas obrigações, o snr. presidente sujeitou á apreciação da assemblêa os seguintes quesitos: 1.º Se os factos apontados pelo digno secretario geral de accusação ao empregado Lagoá são de ordem a comprometter a probidade do mesmo empregado? A

assemblêa resolveu que não, por maioria, havendo uma abstenção. 2.º No caso negativo, se ha motivo para ser censurado e até demittido por factos de negligencia ou de pouca attenção no exercicio das suas funcções? A assemblêa entendeu por maioria que esse empregado não devia ser demittido, havendo duas abstenções, e por unanimidade que devia apenas ser censurado, havendo doze abstenções. 3.º Se o empregado Reis deve ser censurado ou demittido? A assemblêa resolveu por maioria que não devia ser demittido, havendo uma abstenção, e por maioria que devia ser censurado, havendo dez abstenções.

Finalmente a assemblêa approvou por unanimidade a seguinte proposta do snr. presidente: «Visto não se ter dado posse ao novo conselho administrativo, no praso de oito dias como dispõe o artigo 7.º do regulamento social, a assemblêa geral julga que bem procedeu o thesoureiro da antiga administração em continuar em exercicio.

Considerando que a muita dedicação pela Sociedade e a necessidade de dar prompto expediente n'um momento em que estava aberta uma exposição importantissima foram decerto as causas que levaram o snr. secretario geral a assumir funcções que na estricta observancia dos estatutos e regulamentos sociaes, não podiam competir-lhe, e attendendo aos muitos e relevantes serviços por elle prestados á Sociedade, a assemblêa considera todos os factos praticados nas melhores intenções e resolve que dentro de 48 horas seja investido na posse o novo conselho administrativo ao qual, n'esse acto, se prestarão as contas da receita e despeza relativas á gerencia que decorreu desde o tempo em que o novo conselho administrativo devia ter entrado de posse até ao momento da investidura do mesmo conselho.»

14 de novembro — Reunião extraordinaria do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Azevedo Albuquerque, que informou o conselho de que havia recebido um officio do snr. Joaquim de Vasconcellos e no qual este snr. pediu authorisação para fazer uma conferencia no dia 17, sendo o thema d'essa conferencia: «A historia da Custodia de Belem. Projecto para a sua reconstrucção segundo a ideia original.» Como no dia 18 se encerrava a exposição de ourivesaria e a commissão promotora d'esta exposição desejava que a conferencia tivesse logar antes do encerramento da exposição, convocara o conselho a fim d'este authorisar a conferencia. E como no mesmo officio se rogava á presidencia que convocasse os ourives do Porto

para uma reunião em que tinha de se fazer uma communicação importante comprehendida nos fins da Sociedade, fazendo-se essa convocação em nome da Sociedade, vinha pedir ao conselho authorisação para fazer essa convocação, apesar de ser confidencial a communicação. O conselho resolveu favoravelmente depois de discussão em que tomaram parte os snrs. Moreira de Sousa, W. Rawes, Vasconcellos, F. Maia, Newton e Teixeira Machado.

Resolveu mais o conselho, sob proposta do snr. presidente, que fossem nomeados relatores para os quesitos do «Questionario ácerca da Instrucção secundaria», sendo eleitos relatores do 9.º, Teixeira Machado; do 10.º, Moreira de Sousa e do 11.º Azevedo Albuquerque.

O snr. Fernando Maia, apresentou uma proposta para regularisar o serviço do conselho emquanto o novo regulamento não estivesse concluido. Essa proposta foi approvada depois de breve discussão em que tomaram parte os snrs. Rawes, Outeiro, Maia, Vasconcellos, Teixeira Machado e Albuquerque.

16 de novembro — Reunião dos ourives do Porto, sendo apresentado o seguinte projecto da commissão promotora da exposição de ourivesaria: «I—É creado no Porto, por iniciativa da commissão promotora da exposição de ourivesaria e joialheria nacional, e debaixo da especial protecção da Sociedade de Instrucção do Porto, um grupo de instituições tendentes a estabelecer a officina portugueza em solidos alicerces, protegendo e honrando o trabalho nacional como elle o merece.

O grupo divide-se nos seguintes elementos:

1.º Uma escóla central (1) de desenho e modelação, applicada á industria.

2.º Um museu de modelos (em reproducções) das artes industriaes.

3.º Uma bibliotheca de arte industrial.

Destinada aos operarios das varias industrias do Porto, e seu districto, esta escóla é considerada como o nucleo da futura escóla de artes e officios, annunciada pela Sociedade de Instrucção do Porto, que a commissão desejaria vêr completada no mais breve praso possivel.

II. A commissão promotora, de accordo com a direcção

(1) A Commissão reserva-se a faculdade de apresentar o plano para as filiaes no Porto e seu districto, e de fazer circular o seu museu de modelos por todo o districto.

da Sociedade, ponderará a conveniencia de solicitar a cooperação da Ex.ma Camara Municipal, Junta Geral do Districto e Associação Commercial para a creação da referida escóla de desenho e modelação.

III. A Commissão promotora, de accordo com a direcção da Sociedade, empregará todos os esforços para que a escóla de desenho e fundações correlativas possa ser solemnemente aberta com o material necessario para poder funccionar, no dia 15 de abril, por S. A. real o principe D. Carlos, dia immediato ao da abertura da exposição de fiação e tecidos nacionaes.

IV. Para esse fim a commissão e a Sociedade appellam para o concurso moral e material de todas as associações e gremios do Porto e seu districto, que representam o trabalho manual nos varios officios; e para dar o exemplo:

A commissão subscreve com a quantia de... (fundo de receita da exposição).

A Sociedade concorrerá com os seguintes recursos:

1.º — Fornecerá o material de modelos para a aula de desenho (estampas e gessos).

2.º — Fornecerá o material de modelos para as differentes secções das artes industriaes que constituem o museu de modelos propriamente dito.

3.º — Creará a bibliotheca de arte industrial.

4.º — Apresentará pessoa idonea que possa reger o curso de historia de arte ornamental, sem encargos para a escóla nos tres primeiros annos.

Para cada uma d'estas fundações apresentará um plano, approvado pelo conselho scientifico, e não empregará n'ellas quantia inferior a 1:500$000 reis nos dois primeiros annos, podendo descontar n'esta somma o valor das collecções que qualquer socio ponha á sua disposição, por emprestimo ou cessão definitiva, caso o conselho as approve. O plano e orçamento serão préviamente publicados.

Estas tres fundações devem estar completas no dia 15 de abril para satisfazerem ás necessidades immediatas da escóla.

5.º — A Sociedade dotará a escóla com dez premios pecuniarios no valor de 200$000 reis.

6.º — A Sociedade encarregar-se-ha de completar successivamente, á sua custa, o material de ensino, o museu e a bibliotheca, dotando-os com a quantia de 200$000 reis por anno logo que a verba de 1:500$000 reis (vide § IV) esteja applicada.

7.º — A Sociedade apresentará o regulamento da escóla,

formulado pelo conselho, o qual assume a direcção pedagogica d'ella.

8.º — A Sociedade administrará a escóla com a cooperação e fiscalisação das partes interessadas na fundação, sendo publicados todos os documentos na «Revista da Sociedade», semestralmente.

A commissão, representando a classe dos ourives do Porto de accordo com as outras associações, encarrega-se:

1.º — De dotar o ordenado de um professor de desenho que vencerá 200$000 reis, no primeiro anno, 300$000 no segundo e 400$000 no terceiro, e de um professor de modelação que terá os mesmos vencimentos no mesmo espaço de tempo, os quaes serão propostos pelo conselho scientifico da Sociedade de Instrucção e deverão apresentar substitutos habilitados dentro de cinco annos, organisando um curso normal na escóla.

2.º — De dotar a escóla com um mobiliario economico, mas decente, sujeito á approvação do mesmo conselho.

3.º — De custear o aluguer da casa, a illuminação das salas e o expediente.

4.º — De dotar o pessoal subalterno proposto por ella e approvado pela Sociedade.»

Na discussão d'este projecto tomaram parte os snrs. presidente, Joaquim de Vasconcellos, Teixeira Machado, e os membros da classe dos ourives, os snrs.: José Rodrigues Barbosa, e José da Costa Pinto Lima, sendo approvado por unanimidade que se fizesse nova convocação aos ourives do Porto, para se estudar melhor o assumpto.

Estando presente o snr. Joaquim Gonçalves, presidente da escóla livre das artes do desenho, de Coimbra, a assemblêa resolveu que na acta da sessão se exarasse a expressão da sua sympathia por aquella associação.

17 de novembro — Conferencia do secretario geral — Thema: A historia da Custodia de Belem. Projecto para a sua reconstrucção segundo a ideia original.

18 de novembro — Encerramento da exposição de ourivesaria e distribuição dos diplomas aos premiados.

26 de novembro — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Azevedo Albuquerque. *Ordem da noite: Discussão dos quesitos 8.º, 9.º e 10.º do «Questionario ácerca da Instrucção secundaria». Relatores: Do 8.º: Teixeira Machado. Do 9.º: Moreira de Sousa. Do 10.º: Azevedo Albuquerque.*

Em expediente foi lido um officio da direcção do Palacio e no qual a Sociedade era prevenida de que não podia ser re-

novado o contracto, em virtude do qual occupava a sala em que se achava installada. Tratando-se da necessidade de procurar uma casa para a Sociedade n'ella funccionar, usaram da palavra os snrs. presidente, secretario geral, vice-secretario geral, José Maria de Almeida Outeiro e Moreira de Sousa, sendo approvada uma proposta do snr. Outeiro para que o conselho administrativo fosse encarregado de procurar uma casa em que podesse funccionar a Sociedade.

Entrando-se na *ordem da noite*, o vice-secretario geral, relator do quesito 9.º, pronunciou-se contra o estabelecimento d'um maximo de idade e a favor do estabelecimento do minimo, o qual devia ser determinado depois de feito o quadro das disciplinas que devem constituir o ensino secundario, a distribuição d'essas disciplinas pelos annos do curso e os respectivos programmas, minimo que ficaria em harmonia com o desenvolvimento intellectual necessario para que o estudo d'essas disciplinas seja proficuo.

O snr. Moreira de Sousa e o snr. Eduardo Falcão, manifestaram-se em favor do estabelecimento do maximo, propondo o primeiro d'estes senhores, que esse maximo fosse de 13 annos e o minimo fosse de 10.

A maioria dos membros do Conselho pronunciou-se contra o estabelecimento do maximo e em favor do minimo de 10 annos.

Entrando-se na *discussão do quesito n.º 10*, o snr. Moreira de Sousa disse, que o Estado deve manter os institutos de instrucção secundaria sufficientes para as necessidades da população e como se a iniciativa particular e a das corporações não o coadjuvassem, devendo deixar a mais ampla liberdade a esta iniciativa para poder fundar os seus institutos de ensino pelo modelo dos institutos officiaes ou com organisação propria. Com respeito ás relações entre o Estado e estes estabelecimentos, entende que o Estado deve limitar a sua acção apenas ao determinado pelas attribuições e limites do poder judicial.

21 de novembro — Reunião dos ourives do Porto para se discutir o projecto apresentado na reunião de 14. Tomaram parte na discussão os snrs. José da Costa Pinto Lima, Albino Coutinho, José Rodrigues Barbosa, José Augusto de Almeida Carneiro, José Pinheiro de Almeida, Azevedo Albuquerque, Joaquim de Vasconcellos e Teixeira Machado, sendo approvado o projecto e a seguinte proposta do snr. Albino Coutinho:

«A assemblêa nomeará uma commissão que por parte da classe dos ourives estudará minuciosamente o projecto sob o ponto de vista economico. Esse trabalho será apresentado á Sociedade de Instrucção para que ella possa estudar o meio de realisar completamente o pensamento do projecto». A Commissão ficou constituida pelos snrs. José Augusto de Almeida Carneiro, Manoel Joaquim Correia da Gama, Manoel José Barbosa, José Pinheiro de Almeida e Adrião Acacio Monteiro.

1 de dezembro — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Azevedo Albuquerque. Foi apresentado ao conselho o projecto da fundação da escóla de artes e officios, e em seguida o snr. presidente relatou o que se passára nas duas reuniões de ourives, propondo que fosse nomeada uma commissão para estudar o projecto sob o ponto de vista das suas relações com a Sociedade. Entraram na discussão d'esta proposta, os snrs. Moreira de Sousa, Teixeira Machado, von Hafe e Rawes, sendo approvada a proposta do snr. presidente e sendo eleitos para constituirem esta commissão os snrs. Azevedo Albuquerque, Joaquim de Vasconcellos e Isaac Newton.

O snr. von Hafe requereu que o snr. presidente o substituisse em tres commissões de que faz parte: A que deve elaborar um livro de leitura, a que tem por fim estudar um methodo de ensino de musica e que tem por objecto tratar de erigir um monumento ao infante D. Henrique. O snr. presidente dissolveu estas tres commissões por não terem sido assiduas no desempenho do serviço social para que haviam sido nomeadas, devendo na proxima sessão proceder-se a nova eleição se o conselho assim o julgar conveniente.

Entrando-se na ordem da noite usou da palavra o snr. von Hafe, o qual disse que o ensino particular é preferivel ao ministrado nos institutos do Estado, e por isto este deve apenas fundar escólas quando a iniciativa particular não crie as bastantes para as necessidades da população. As escólas fundadas pelo Estado devem ser escólas modelos, devendo o Estado inspeccionar as escólas fundadas pela iniciativa particular.

O snr. Moreira de Sousa, respondendo ao snr. von Hafe disse que notára contradicção nas palavras d'aquelle senhor, que principiára por fazer a apologia do ensino ministrado nos institutos devidos á iniciativa particular e terminára por uma critica acerba feita aos mesmos institutos, que principiára por sustentar que o Estado era incapaz de fundar bom institutos de ensino e terminára por lhe impôr o dever de fundar institutos modelos, que sustentára que só da iniciativa particular

podia vir o progresso, e queria que o Estado inspeccionasse o ensino ministrado nos institutos devidos á iniciativa particular.

Que tendo o Estado por funcção ministrar a instrucção, manter a ordem e administrar justiça, cumpre-lhe o dever de fundar escólas e exercer sobre estas apenas a acção que deriva d'estas duas ultimas funcções.

Usaram ainda da palavra os snrs. Tait e Mello e Mattos.

Como a hora fosse adiantada, ficou addiada a continuação da discussão para a sessão mais proxima.

15 de dezembro — Reunião do conselho scientifico, sob a presidencia do snr. Azevedo Albuquerque. Foi lido um officio da direcção do Palacio de Crystal relativo á exposição de tecidos e á necessidade que a mesma direcção diz ter da sala em que funcciona a Sociedade, e apresentadas varias offertas. O conselho resolveu que os avisos para reuniões do conselho passariam a ser feitos por meio de annuncios nos jornaes.

O snr. Joaquim de Vasconcellos, disse que o snr. von Hafe informára mal o conselho relativamente aos trabalhos da commissão, que tem por fim tratar de se erigir um monumento ao infante D. Henrique; que esta commissão tem trabalhado no desempenho da sua missão, e por isso não merecêra ser dissolvida. O snr. presidente, vistas as informações do snr. Vasconcellos, revogou a dissolução da referida commissão.

A proposito da exposição de tecidos, houve discussão em que tomaram parte os snrs. Julio Moreira, Rawes, Joaquim de Vasconcellos, Moreira de Sousa, Azevedo Albuquerque, Almeida Outeiro, Francisco José Patricio, Teixeira Machado e Isaac Newton, sendo approvada por maioria a seguinte proposta do secretario geral:

«Proponho que seja nomeada uma commissão do conseselho scientifico, á qual sejam adjuntos alguns membros do conselho administrativo, com o fim de estudar os meios de crear um fundo especial para custear a despeza de futuras exposições».

17 de dezembro — Reunião da commissão promotora da exposição de marcenaria e artes correlativas. Entre outros assumptos o secretario da commissão, Teixeira Machado, apresentou o projecto do relatorio e do programma, que foi approvado na generalidade, resolvendo-se, por proposta do relator, mandal-o imprimir e distribuir aos membros da commissão a fim d'estes o poderem estudar antes de ser discutido na especialidade.

INDICE DAS MATERIAS

I.— PARTE GERAL

Pag.

Discurso do snr. Presidente, dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio, no encerramento da exposição de Ceramica e distribuição de premios 1-3

Cartas sobre a educação da mocidade (C. do 2.º vol.), por Antonio Nunes Ribeiro Sanches 3-12, 49-65, 105-110

Catalogue des insectes du Portugal (C. do 2.º vol.) pelo Conselheiro, Dr. Manoel Paulino de Oliveira 12-20, 65-72, 129-136, 164-173, 233-241, 281-288, 336-344, 406-414, 476-483, 525-532 555-563

Estudos historicos sobre a historia das sciencias em Portugal, pelo dr. Maximiano Lemos Junior 21-30, 173-179

Preparações zoologicas (C. do 2.º vol.), por Eduardo Sequeira 30-36, 179-183, 349-356, 434-440, 463-470, 501-509, 550-555

Programma da exposição de industrias caseiras. 36-40

Lista dos socios 41-48

Ceramica portugueza. Subsidios historicos, por Joaquim de Vasconcellos 73-83, 217-225

Fetos lusitanicos (C. do 2.º vol.), por Manoel José Felgueiras . 83-86, 110-117, 241-245, 497-501

Consulta sobre a adopção de um meridiano universal, por Joaquim de Azevedo Albuquerque 86-88

Portugal no estrangeiro (C. do 2.º vol.) 88-92

Extracto do nosso archivo (C. do 2.º vol.) 92-101, 148-152, 484-488, 533-536, 564-584

Circular á imprensa portugueza 104

O Lyceu de artes e officios do Rio de Janeiro, por Joaquim de Vasconcellos 117-128, 153-164

Documentos enviados ao Parlamento e á imprensa do paiz . . 137-146

Jornaes e Revistas do gabinete de leitura 146-147

L'enseignement secondaire des jeunes filles, por D. Bertha von der Lage 183-186

A exposição de ceramica, por Joaquim de Vasconcellos. . . 186-200, 265-281, 312-326, 376-392, 393-405, 471-475, 537-542

Sobre a introducção das artes n'este reino, por Duarte Ribeiro de Macedo, com uma introducção por Joaquim de Vasconcellos 201-217, 249-265, 297-312

Pag.
Azulejos nacionaes, por Joaquim de Vasconcellos 225-233
Projecto de lei apresentado á Camara dos snrs. deputados . . 245-248
Conferencia sobre o Sahara. — O que é; o que foi; o que será, por D. Agostinho de Sousa 289-293
Os pensionistas da industria portugueza. Representação a S. M. El-Rei, por Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro . . . 293-296
A noção de especie em zoologia, por D. Agostinho de Sousa . 326-336
Discurso sobre a cidade Cinania, por Pedro Henrique de Abreu 356-376
Discurso annual, pronunciado pelo snr. Presidente na sessão de assemblêa geral de 3 de agosto de 1883 414-417
Noticia sobre um tratamento da lepra, pelo Dr. V. Urbino de Freitas. 441-454
O vergobreto gaulez e uma passagem de Cesar, por Julio Moreira 455-456
As resoluções do congresso geodesico de Roma, por F. X. Müffler 456-458
As aves em Portugal, por W. Tait 459-463, 519-524
Exames medico-legaes, pelo dr. J. F. A. de Gouvêa Osorio . . 489-496
Onomatologia portugueza, por J. Leite de Vasconcellos . . . 509-513
O ensino natural da linguagem, pelo dr. V. Urbino de Freitas 514-518, 543-550

II. — PARTE ESPECIAL

BIBLIOGRAPHIA CRITICA

Cornelius Nepos, annotado por Julio Moreira. Parecer apresentado ao Conselho scientifico, por J. E. von Hafe 147-148
Os trabalhos do naturalista brazileiro J. Barbosa Rodrigues, pelo dr. A. J. Ferreira da Silva 345-349
Os apontamentos de chimica, por Albano Joaquim de Oliveira. Critica pelo dr. A. J. Ferreira da Silva 418-433

PARTE ECONOMICA

Receita e despeza da Sociedade no anno de 1883 102-103

INDICE

DAS

OBRAS APRESENTADAS NA SECÇÃO «PORTUGAL NO ESTRANGEIRO»

Le Portugal. Notes d'art et d'Archéologie, por Ad. de Celeuner 88
Athenaeum belge—L'Art en Portugal, por Ad. de Celeuner . . 88-89
Nederlandsche Kunstbode. Een brief uit Lissabon, por A. Bredius 89
Nederland. Spectactor. De catalogus der tentoonstelling te Lissabon, por A. Bredius 89

Pag.

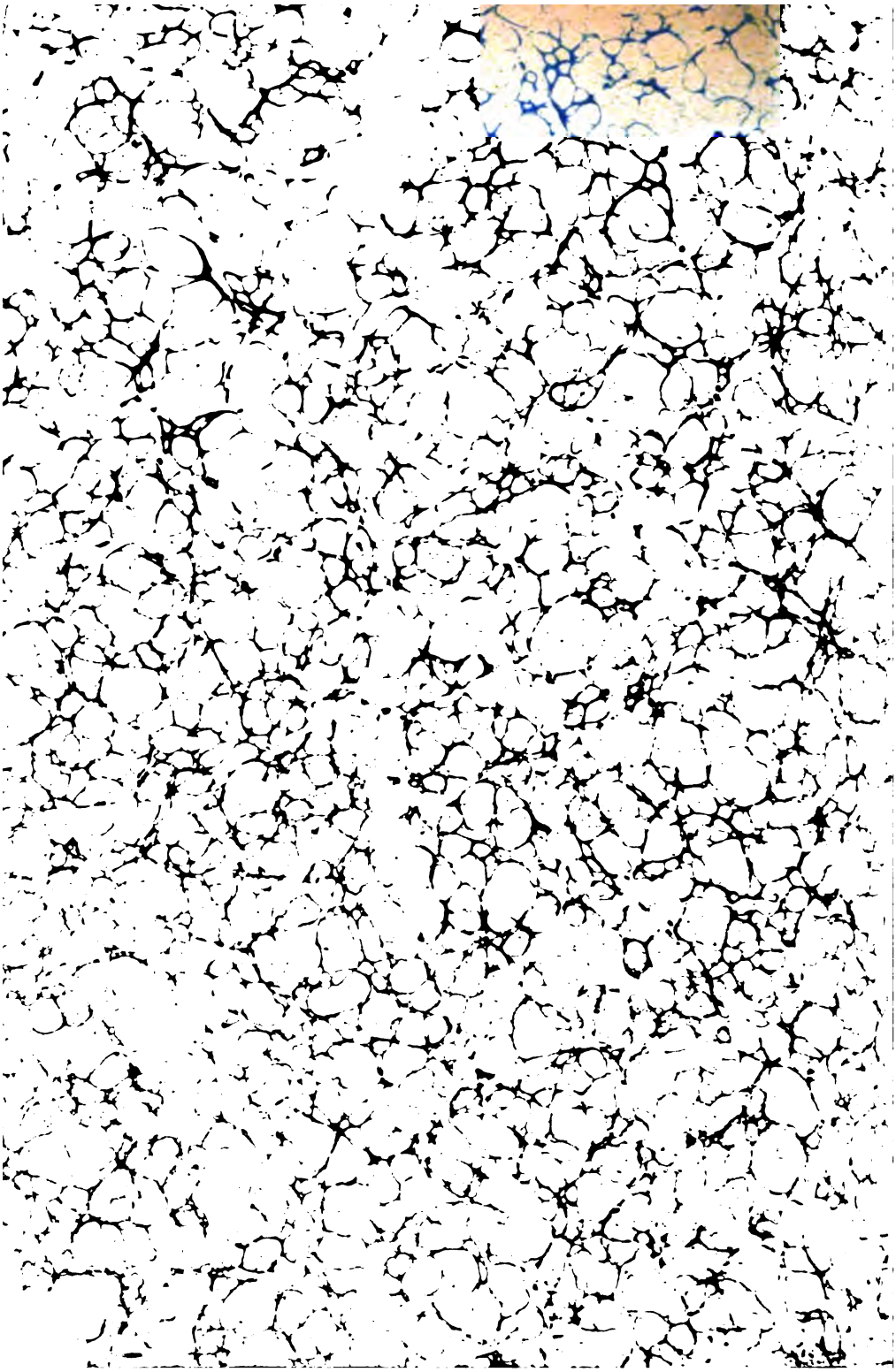
Le Temps. L'exposition rétrospective de Lisbonne. L'Art en Portugal, por Ch. Yriarte 89
Gazette des Beaux-Arts. L'exposition rétrospective de Lisbonne. L'Art en Portugal, por Ch. Yriarte 89
Revue des deux mondes, livraison du 1er juin 1882 — *L'exposition rétrospective de Lisbonne*, por Ch. Yriarte 89
Der Einfluss Portugals bei der Wahl Pius VII, por E. Harder. 89
Revue historique — Le Père Malagrida, por M. Livret 89
Litteraturblatt — Critica da Grammatica portugueza de Julio Ribeiro, por C. von Reinhardstoettner 90
The Academy — Popular poetry of Spain and Gascogny, por Webster 90
Contributions to the study of Indo-portuguese numismatics, por Gerson da Cunha. 90
Jacob Rodrigues Pereira, por Ernest de la Rochette. 90
Catalogues des mss. espagnols de la Bibliothèque nationale, por Alfred Morel-Fatio 90
Revista de Grœber—Palmeirim de Inglaterra, por C. M. de Vasconcellos 90
Kreolisch Studien, por Hugo Schuchardt. 90-91
Portuguese Folktales, por C. Pedroso, traducção de Miss. H. Monteiro 91
Romania—Études de grammaire portugaise, por J. Cornu . . 91
Romania—Anciens textes portugais, por E. Cornu. 91
D. Pedro, el condestable de Portugal, por A. Balaguer y Merino 91
Revista de Grœber—Etymologisches, por G. Baist. 91
Revista de Grœber—Revista de Ethnologia e de glottologia, por F. Liebrecht 91
Vasco da Gama, pelo Dr. Karll Müller 91
Vasco da Gama, por Wattemare 91
Les voyages du Dr. Lacerda dans l'Afrique oriental, por Ferdinand Diniz. 91
Les portugais en France, les Français en Portugal, por R. Francisque Michel 91
The Academy.—Ceramic exhibition at Oporto, por O. Crawfurd. 91

INDICE DOS COLLABORADORES

*(A * designa os consocios)*

* Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva.
* Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.
Antonio Nunes Ribeiro Sanches.
Bertha von der Lage (D.).
* D. Agostinho de Sousa.
Duarte Ribeiro de Macedo.
* Eduardo Sequeira.
* Francisco Xavier Muffler.

* Jacob Eduardo von Hafe.
* Joaquim d'Azevedo Albuquerque.
* Joaquim de Vasconcellos.
* Julio Moreira.
* Manoel José Felgueiras.
* Dr. Maximiano Lemos Junior.
Conselheiro Dr. Manoel Paulino de Oliveira.
Pedro Henriques de Abreu.
* Dr. Vicente Urbino de Freitas.
* William Tait.



This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

Widener Library
3 2044 092 679 331